MOLEIROS E CARVOEIROS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

1 de Janeiro
Dia Mundial da Paz

No tempo em que as velas dos moinhos rodavam ao vento, um moleiro, todo enfarinhado de carregar com sacas de farinha, cruzou-se, na estrada, com um carvoeiro todo enfarruscado de carregar com sacas de carvão.

Esquecemo-nos de dizer que ao lado do moleiro ia o filho do moleiro e ao lado do carvoeiro, o filho do carvoeiro. Nesse tempo também, os filhos dos moleiros não tinham outro destino senão ser moleiros e os filhos dos carvoeiros não podiam ambicionar outra vida senão ser carvoeiros.

– Ó pai, já viste aqueles dois tão sujos que ali vão? – disse o filho do moleiro para o moleiro.

O filho do carvoeiro ouviu o comentário e não gostou. Aliás, o pai também não gostou.

– Sujos vão eles – lançou o garoto do carvoeiro.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros
www.hugoteacher.blogspot.com

Carvoeiros e moleiros pararam na estrada, enfrentando-se com ar de poucos amigos. Quem está sujo, quem não está sujo, o certo é que, depois de algumas más palavras trocadas em despique, os dois miúdos engalfinharam-se à zaragata. E os pais atrás deles.

Mãos que ameaçam, murros que se cruzam, joelhadas que fervem, e os que estavam brancos ficaram manchados de preto e os que estavam pretos ficaram manchados de branco. De mistura com o pó da estrada, uma nuvem cinzenta – cinzenta de carvão e farinha – rodeou os contendores.

Correu gente dos campos próximos a apartá-los. Não foi sem custo que os separaram, magoando-se tanto os que pediam paz como os que faziam guerra. Então um velho de respeitáveis barbas, que com os outros camponeses acudira à contenda, falou assim:

– Tão tolos são os filhos como os pais. Vejam-se agora, reparem nos nossos fatos e digam se não estão mais sujos do que estavam?

Realmente já se não distinguia qual o moleiro e qual o carvoeiro.

– Se tivessem dado um abraço, em vez de bulharem, o resultado teria sido o mesmo – continuou o velho. – E, realmente, porque se não hão-de abraçar estes trabalhadores honrados, orgulhosos da profissão que escolheram e dos fatos de trabalho que envergam? Vá, dêem um abraço, rapazes!

Os garotos, um pouco reticentes, abraçaram-se. Os homens, um pouco contravontade, abraçaram-se.

– Ena, que sujo que eu estou! – riu-se o filho do carvoeiro.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

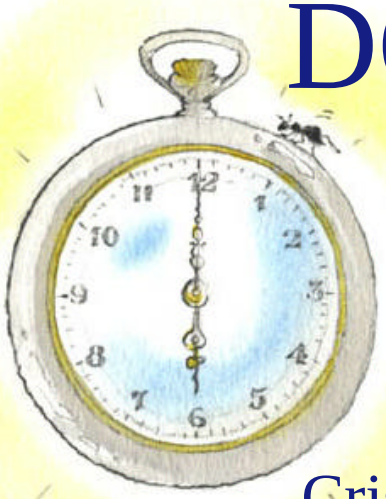
– Não estás menos do que eu – riu-se o filho do moleiro.

Riram-se os filhos. Riram-se os pais. Toda a gente riu com gosto e a história acaba aqui. E bem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O RELÓGIO DO SENHOR TÚLIO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Ao senhor Túlio sempre lhe fizera espécie como é que os relógios trabalhavam incansavelmente e nunca paravam.

– Dá-se-lhes corda e eles andam – explicavam ao senhor Túlio, que tinha um relógio dos antigos, muito anterior aos relógios de pilhas.

Mas o senhor Túlio não acreditava. Devia haver outro mistério.

Um dia, o relógio dele parou, por mais corda que lhe desse. Quando o senhor Túlio foi levá-lo a arranjar à oficina de relojoaria, ficou maravilhado a olhar para o maquinismo do seu querido relógio, que o relojoeiro destapara.

– Tantas rodinhas. Nunca pensei – admirou-se ele.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Mas mais espantado ficou quando o relojoeiro, com um pinça, tirou uma formiga já morta, que tinha encrencado o mecanismo.

– Pronto. O desarranjo estava aqui – explicou o relojoeiro, voltando a fechar a tampa do relógio.

O senhor Túlio estranhou:

– E não põe lá uma formiga nova?

– Para quê?

– Para fazer as vezes da que morreu. Como é que o relógio pode trabalhar sem maquinista?

E se o senhor Túlio tivesse razão e fosse mesmo à conta das formigas que os relógios conseguem trabalhar? É uma ideia como outra qualquer e bastante divertida. Até dava outra história.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

A OVELHA GENEROSA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma ovelha muito generosa. Sabem o que é ser generoso? É gostar de dar, dar por prazer.

Pois esta ovelha era mesmo muito generosa. Dava lã.

Dava lã, quando lhe pediam.

Vinha uma velhinha e pedia-lhe um xailinho de lã para o Inverno. A ovelha dava.

Vinha uma menina e pedia-lhe um carapuço de lã para ir para à escola. A ovelha dava.

Vinha um rapaz e pedia-lhe um cachecol de lã para ir à bola. A ovelha dava.

Vinha uma senhora e pedia-lhe umas meias de lã para trazer por casa. A ovelha dava.

– Ó ovelha, não achas de mais? Xailes, carapuços, cachecóis, meias... É só dar, dar...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Não se ralem – respondia a ovelha. – Vocês não aprenderam na escola que a vaca dá leite e a ovelha dá lã? É o que eu estou a fazer.

Apareceu a Dona Carlota, afadigada:

– Eu só queria um novelozinho para fazer um saco para a botija. Ainda chega?

Pois claro que chegava. A ovelha a dar nunca se cansava.

Veio a Dona Firmina, muito preocupada:

– Eu só queria um novelozinho para uma pega para a cozinha. Ainda chega?

Pois claro que chegava. A ovelha a dar nunca se cansava.

Veio a Dona Alda, muito atarantada:

– Eu só queria um novelozinho para acabar uma manta. Ainda chega?

Pois claro que chegava. A ovelha a dar nunca se cansa.

E eram coletes, camisolas, golas, golinhas, luvas... que a gente até estranhava que a lã se lhe não acabasse. A ovelha sorria e tranquilizava:

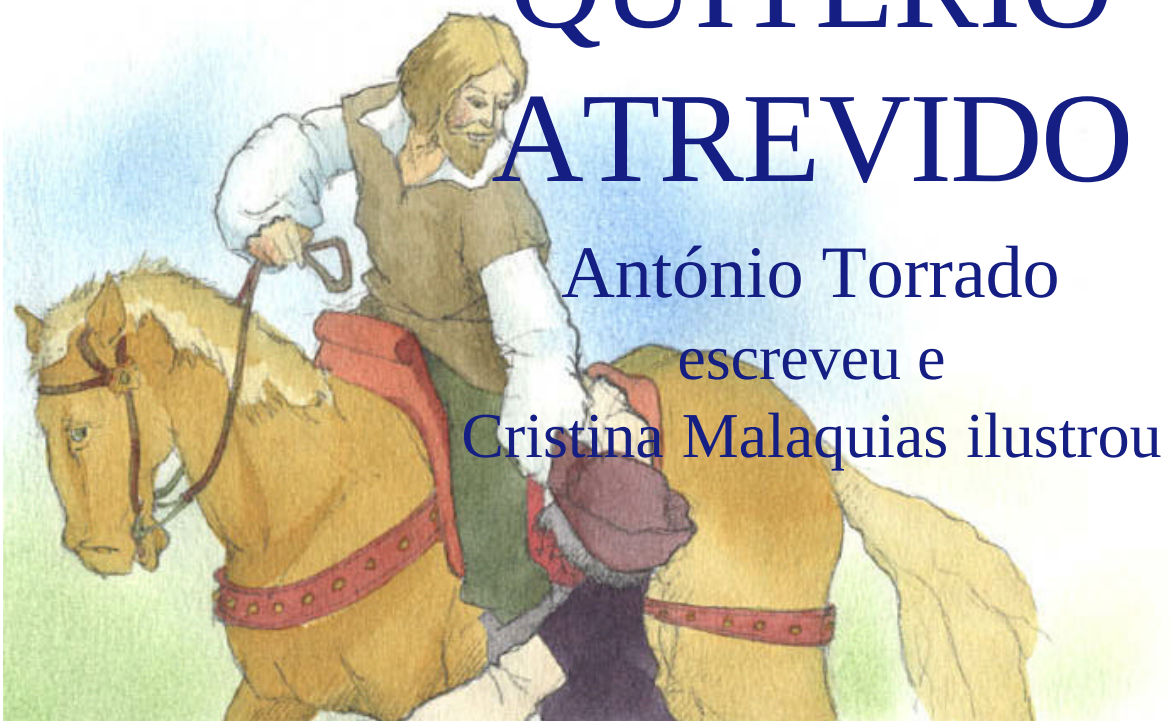
– Não acaba. Nunca acaba. Conhecem aquele ditado: "Quem dá por bem, muito lhe cresce também"? Pois é o que eu faço.

E a ovelha generosa lá foi atender uma avó, que precisava de um novelo para um casaquinho de bebé, o seu primeiro neto que estava para nascer...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

QUITÉRIO ATREVIDO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O rapaz era esperto e atrevido. Quando, lá na aldeia, souberam que o rei vinha caçar àquela região, o rapaz decidiu:

– Eu hei-de falar ao rei ou não me chame Quitério.

E pôs-se a esperar pelo cortejo real, à beira da estrada.

Mas o rei, que não era de pompas, apareceu a cavalo, sem escolta, vestido como qualquer um. Vendo o rapaz, que não o reconheceu, perguntou-lhe:

– Vou bem encaminhado para o solar do Conde de Ameal?

– Eu ensinava-lhe o caminho, senhor, se não tivesse à espera do séquito do rei.

– Não esperes mais, rapaz, porque o séquito já lá deve estar. Sobe tu para cima do meu cavalo e orienta-me, até chegarmos ao solar do conde.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Pelo caminho foram conversando. O Quitério quis saber como é que o rei viria vestido.

– Como os outros homens. Nada o distingue – respondeu o rei.

– Então como é que eu sei que é o rei?

– Porque todos, quando o virem, lhe tiram o chapéu.

Assim que os dois, montados no mesmo cavalo, chegaram aos paços do conde, logo criados e fidalgos se desbarretaram à sua passagem. O Quitério estava pasmado.

– Então já sabes, agora, quem é o rei? – perguntou o rei ao rapaz.

– Hei-de ser eu – respondeu o atrevido Quitério. – Vossemecê não tem cara de ser rei e eu conservo o chapéu na cabeça, porque o sol está bravo.

O rei achou graça e a história acaba bem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A GAIVOTA QUE NÃO QUERIA SER

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma gaivota que gostava de ser pomba.

Dizia ela que as gaivotas não servem para nada, ao passo que as pombas sempre servem para alguma coisa.

– Levam cartas, mensagens, avisos de um lado para o outro – explicava ela às outras gaivotas. – São as pombas ou os pombos-correios.

– Também há quem as cozinhe com ervilhas – interrompeu-a uma gaivota trocista.

– Essa serventia a nós não nos interessa – arrepiaram-se as outras gaivotas, que voaram, alarmadas

Ficou sozinha a gaivota que queria ser pomba. Servir de cozinhado também não estava nas suas ambições, mas à falta de outro préstimo… E pensou: "Gaivota estufada", "Gaivota de cabidela", "Gaivota guisada com batatas"…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Realmente, não lhe soava bem. E menos bem devia saber, porque nunca lhe constara que os humanos, de boca aberta para todos os gostos, tivessem incluído tais receitas nos seus livros de cozinha.

A gaivota que queria ser pomba ficou a olhar o mar. Ia abrir as suas asas para as lançar sobre as ondas, à cata de peixinho para o almoço, quando um estranho torpor lhe tomou o corpo. Deteve-se. Encolheu-se. Tapou a cabeça com uma asa. Aquilo havia de passar.

As outras gaivotas, que há pouco tinham debandado, regressavam à praia, apanhadas pelo mesmo entorpecimento que atingira a gaivota desta história.

Formaram um bando tiritante, rente ao mar. Umas, levantadas numa só pata, outras escondidas numa cova da areia, olhavam as águas esverdinhadas, espumosas, como turistas descontentes com a paisagem.

– Estão as gaivotas em terra – disse uma voz humana, abrindo uma janela, junto à praia. – Vai haver tempestade. Sendo assim, já não me arrisco a ir para o mar.

De facto, quando as gaivotas ficam em terra, os pescadores sabem que o tempo vai mudar. Elas é que dão o sinal. Elas é que sabem. Elas é que pressentem quando a tempestade se aproxima.

– "Afinal sempre tenho alguma utilidade", pensou a gaivota que queria ser pomba, toda enrolada numa bola de penas, e, daí em diante, preferiu continuar a ser gaivota.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NO RASTO DA ESTRELA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Três reis, vindo cada qual do seu extremo do mundo, encontraram-se num cruzamento de três caminhos. Uma grande estrela, nova no céu, tinha-os atraído para o mesmo destino.

Juntaram-se as respectivas caravanas de camelos e cavalos e prosseguiram a viagem juntos. Sempre no rasto da estrela, foram dar a uma cidade e a um palácio, onde vivia um rei, chamado Herodes.

– Vimos uma estrela que anuncia o nascimento do rei dos Judeus – disseram os três reis.

Herodes, ao ouvir tal notícia, assustou-se. Rei dos Judeus era ele e temia que lhe roubassem o trono. Mas fingiu-se interessado e pediu aos três reis viajantes que fossem e procurassem saber mais acerca desse

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

acontecimento espantoso, porque também ele queria adorar o Menino, fadado pelo Céu. Era mentira. Percebia-se pelos olhos furibundos de Herodes que era tudo mentira.

Os três reis sábios deixaram a cidade e continuaram por caminhos humildes atrás da estrela anunciadora, até que foram encontrar, em Belém da Judeia, o Menino. Sobre o telhado da casa onde vivia o Menino a estrela parou.

Os três reis, que se chamavam Gaspar, Melchior e Baltasar, ajoelharam-se em adoração e abriram os cofres das oferendas. Ouro, incenso e mirra era o que tinham para dar.

Já não voltaram a Jerusalém, porque tinham sido avisados em sonhos para regressarem às suas terras por outros caminhos.

Herodes esperou-os, em vão. Furioso e cheio de medo que, mais tarde, pudesse ser destronado, mandou matar todos os meninos de Belém da Judeia. O seu futuro rival – julgava ele – também estaria entre esses inocentes.

E Herodes ria da sua malvadez.

Mas o Menino, que a estrela iluminara, salvou-se. E Herodes perdeu.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

BONS AMIGOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O coelho e o macaco eram amigos, mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro. Sei de outros casos parecidos...

O macaco via o coelho ao longe e começava logo, de pirraça:

– Coelho dentudo, peludo e orelhudo, focinho focinhudo, corpo barrigudo, pernas de canudo, rabo de veludo!

O coelho respondia-lhe, no mesmo tom:

– Olha o macaco macacão, olhos de sabão, miolos de algodão, cara de espantalho paspalhão.

Continuavam assim, que tempos, até chegarem ao pé um do outro. Depois, riam e davam grandes abraços.

A pregar partidas, o macaco era o mais atrevido.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De uma vez que o coelho estava a dormir, muito descansado, o macaco, pendurado de uma árvore, puxou-lhe as orelhas com toda a força.

O coelho acordou dorido e num grande sobressalto.

– Ai desculpa – disse o macaco, a fugir. – Andava a caçar borboletas e julguei que as tuas orelhas eram uma borboleta gigante.

De outra vez, estava o coelho a roer um cogumelo e o macaco gritou-lhe, fingindo um grande susto:

– Cuidado, não comas mais que estás a ficar com as orelhas azuis! Esse cogumelo há-de ser venenoso.

O coelho ficou apavorado. Foi a correr ao rio. Mirou-se e remirou-se. Quando percebeu que era tudo mentira, desatou a perseguir o macaco, mas onde é que já ia!

– Não esperas pela pancada! – ameaçou-o, de longe.

Não esperou mesmo. Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho, com a comprida cauda dependurada, o coelho muniu-se de um cacete e zás! Deu-lhe uma pancada, com toda a força, na cauda desenrolada. A força do coelho não seria muita, mas o macaco, que gostava de exibir-se em grandes cenas teatrais, deu urros e saltos, como se lhe tivessem arrancado o rabo.

– Porque me fizeste isto, traidor? – gritava o macaco.

– Ai, desculpa – disse o coelho, muito inocente. – Julguei que era uma cobra.

Apesar das peripécias e facécias, o macaco e o coelho continuam a ser bons amigos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SÃO FLORES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Estava uma flor bordada num saco de guardanapo a olhar para uma flor pintada numa jarra de porcelana. E vice-versa.

A flor bordada queria meter conversa com a flor pintada. E vice-versa.

Entretanto, a flor bordada pensava: "Sou mais bonita do que ela." E vice-versa.

Até que a flor bordada resolveu dizer precisamente o contrário do que pensava:

– Nunca vi flor mais bonita do que tu.

A flor da jarra retorquiu, no mesmo tom:

– Tu, sim, és a mais bonita. Uma perfeita imitação.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Neste ponto, a conversa estragou-se.

– Imitação? – estranhou a flor do saco de guardanapo. – Imitação de quê?

– Imitação de uma flor verdadeira – respondeu a flor pintada na jarra.

– Ora essa! Eu sou uma flor incomparável, uma flor bordada, verdadeiramente bordada com toda a verdade da arte.

Agora, enfim, estava a dizer o que pensava. Não lhe ficou atrás a outra flor:

– Verdadeira obra de arte sou eu. Não há flor pintada mais autêntica, pode crer.

Argumentaram, discutiram, zangaram-se. Perderam a elegância do trato. Passaram a dizer mais do que pensavam:

– Você é uma reles imitação – dizia a flor pintada.

– E você é uma falsificação barata – dizia a flor bordada.

Nisto, mãos femininas vieram colocar uma flor na jarra, até então vazia.

– Qual é o tema da discussão? – quis saber a recém-vinda, debruçada da jarra.

Puseram-na a par da disputa e logo a nova flor, que era dotada de um caule esguio, folhagem vaporosa e pétalas gentis, rodopiou na jarra de porcelana, para dizer, num risinho de superioridade:

– Não sejam ridículas e olhem para mim. Haverá flor mais encantadora e mais verdadeira do que eu?

As duas outras calaram-se. Afinal, a flor de folhas frágeis, que qualquer corrente de ar agitava, a flor de longa haste, mergulhada na jarra, é que tinha razão.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Aqui para nós e em segredo, diremos que também não tinha razão nenhuma. Pois se ela era apenas uma simples flor de papel...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BURRO E O LEÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O burro andava muito feliz. Sentia-se o rei da criação, isto é, o rei das galinhas, dos patos e dos perus do quintal onde vivia. E também das cabras, dos porcos e das ovelhas, porque aquele quintal era muito povoado.

Quando ele zurrava, todos fugiam.

As zurradelas do burro, realmente, eram de tal força, que assustavam qualquer bichinho. Até o cão se afastava, em sinal de respeito.

– Nunca imaginei que possuísse tanto poder… – dizia de si para si o burro, todo inchado de bazófia.

E fartava-se de zurrar, a torto e a direito, clamando que era ele o rei… iam-iam!.. o rei… dos… iam-iam!... dos animais… iam-iam!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Vozes de burro não chegam ao céu, diz-se, mas chegaram aos ouvidos do leão.

– Não sabia que tinha concorrentes de tamanha qualidade – disse ele, num breve rugido de ironia.

Estava bem-disposto o leão. Tinha-se refastelado com um suculento almoço de carne de javali, entremeado com o resto de um cabrito, que sobrara do jantar anterior. Tão cedo não ia ter vontade de comer e muito menos de comer carne de burro, que enjoava. O leão era de gostos mais apurados.

Sua Majestade espreguiçou-se, arrotou (com licença!) e disse:

– Vamos lá visitar esse fenómeno que se proclamou o rei dos animais.

Encontrou o burro a pastar num outeiro, não longe do quintal, onde tinha estábulo.

O burro, quando o viu, estremeceu, mas não quis dar parte fraca. Nem parecia bem que um rei, coroado de tão altas orelhas, sinal de majestade, fugisse diante de um animal de quem se não viam as orelhas, escondidas pela farta juba. O burro tinha a coragem dos simples. E dos ignorantes.

– Constou-me – começou o leão -, constou-me que te intitulas o rei dos animais. É verdade?

– É – respondeu, singelamente, o burro.

– Em que te baseias para ostentar o título? Donde te vem tal pretensão? Os teus pais ou os teus avós já eram reis da natureza animal? – questionou o leão, não sustendo a cólera. – Quantos reis burros houve antes de ti?

– Iniciei a dinastia – explicou o burro. – Iniciei a dinastia, com a força da minha voz. Queres ver?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Estou cheio de curiosidade – disse o leão, sentando-se nas patas traseiras. – Demonstra-me, então, os teus predicados reais.

O burro repuxou o ar para os pulmões e, do alto do outeiro, trombeteou uma zurradela tão poderosa que gafanhotos, perdizes, estorninhos, lebres e coelhos do mato saltaram de todos os lados, num grande alarme. Lá longe, no quintal, os galináceos mandaram as galinhas para a capoeira e eles correram atrás. O mesmo fizeram os patos e os perus. Zurrar do burro equivalia a sirene dos bombeiros ou toque de recolher.

– A minha voz não tem igual. Assusto a bicharada em meu redor, como acabo de demonstrar – disse o burro, tossicando de importância.

– Efectivamente, possuis uma voz, que faz tremer as folhas – reconheceu o leão. – E como vamos de sombra?

– De sombra? – intrigou-se o burro.

– Sim, de sombra – insistiu o leão. – Queres reparar? Ora toma atenção.

Aqui o leão interpôs o corpo entre o sol e o quintal. A sua sombra majestosa projectou-se sobre a capoeira, a coelheira, o estábulo e o cortelho. Um vozear de pânico despegou-se da natureza, fosse brava ou mansa:

– O leão! – como o rolar de trovoada ao longe.

Depois, fez-se silêncio e frio, nem que tivesse descido, repentinamente, a noite. Até as cigarras pararam de serrar o sol.

O burro sentiu esse raio paralisante, que atravessava tudo, e borrou-se de medo.

Já o leão se afastava, pausada e majestosamente. Não

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

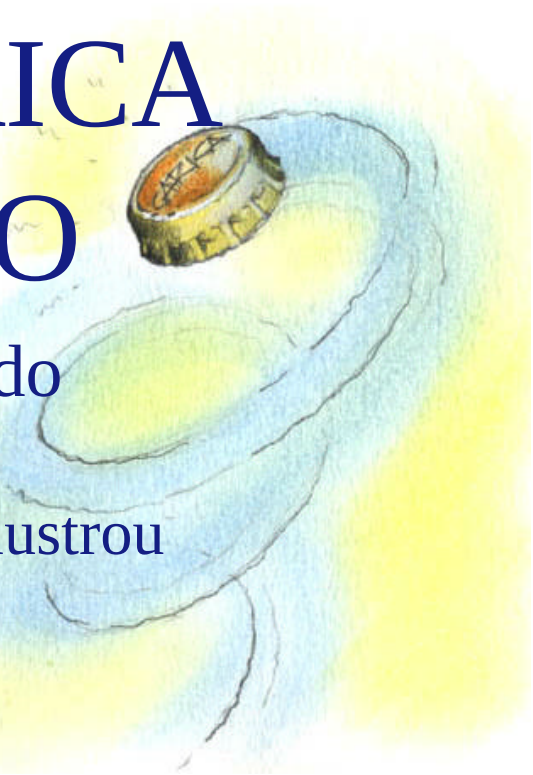
precisava de dizer mais nada. A verdadeira grandeza dispensa zurradelas.

Em sentido contrário ao do leão, o burro, de orelhas caídas, desceu o outeiro, em direcção ao quintal. Recolhia à estrebaria e levava muito em que pensar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UMA CARICA E TANTO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Vou contar-te, hoje, a história desta carica. Não é uma carica qualquer. Desde que nascera que sabia que estava reservada para altos destinos. Descendia da lata, pois descendia, mas à lata não voltaria.

Amoldada, como milhares das suas irmãs, à boca de uma garrafa, foi à vida com a garrafa que a juntaram.

Um dia, uma pressão – tche! E rua, chão... Chão com a carica que já não serve para nada.

Quem disse que já não serve para nada? Agora é que ela vai começar a viver. Que aventura!

Primeiro, foi moeda de troca. "Dou-te uma carica destas. Dá-me duas das outras."

Andou por várias colecções, conheceu muitos bolsos, muitas mãos... Sentiu-se moeda de peso, das fortes, das que não se desvalorizam, libra, dobrão de ouro ou ainda mais.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Depois, conheceu o entusiasmo das corridas, na beira dos passeios. Ganhou provas, fez-se notar. Bastava um piparote e lá ia ela, a carica motorizada, a caminho da vitória.

Mas o melhor da festa, o seu dia de glória, foi quando medalhou o peito de um "general" de brincar por casa. Nesse dia, sentiu-se a estrela mais brilhante da constelação das caricas.

Se lhe perguntassem, então:

– Carica, quanto vales?

Ela responderia:

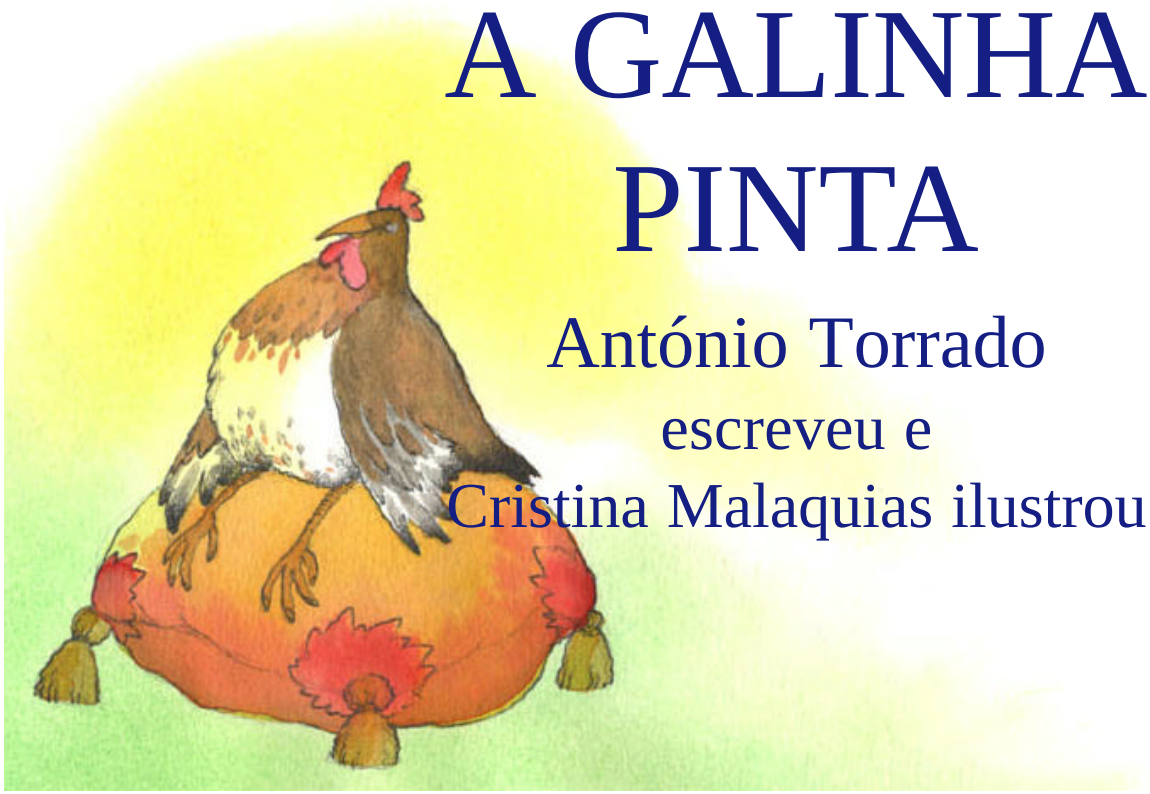
– Tanto ou mais do que peso. A minha fortuna está no que sirvo. Entrei em muitas corridas, participei em muitas colecções, viajei muito, conheci imensa gente. Não tenho preço. Fui moeda, peso, monóculo, prato, chávena, pires, taça, medalha, automóvel...

Para ser isto e mais ainda, hás-de concordar que é preciso ter muita lata.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A GALINHA PINTA



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A minha galinha pinta
põe três ovos ao dia,
se ela pusesse quatro
que dinheiro não faria!

Já me deram pela cabeça
uma vaquinha moiresca.
Já me deram pela crista
uma vaquinha moirisca.
Já me deram pela moela
uma vaquinha moirela.
Já me deram pelas penas
duas vaquinhas morenas.
Já me deram pelo rabo
um cavalo enfreiado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Já me deram pelas tripas
duas feixadas de fitas.
Já me deram pelas asas
uma aldeia com dez casas.
Já me deram pela língua
a cidade de Coimbra.
Já me deram pelas pernas
umas meias amarelas.
Já me deram pelo corpo
toda a cidade do Porto.

Galinha que vale tanto
das penas até ao osso
não vai parar ao convento.
Vou eu comê-la ao almoço.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

AS HASTES DO VEADO VAIDOSO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um veado que tinha em grande apreço as suas hastes recortadas, que lhe davam à cabeça um ar de majestade.

Quando ia dessedentar-se no lago, tanto bebia como se mirava.

– Que gloriosos chifres os meus! Nenhum animal de cornos os tem tão formosos.

Em contrapartida, as patas delgadinhas desgostavam-no. Debruçado para a água, comparava-as com a volumosa e artística cornadura, e dizia:

– As minhas pernas estão desproporcionadas com os extremos do meu corpo. Não fossem elas assim tão estreitas e eu seria o mais elegante dos animais.

Nisto, o veado ouviu, não longe, o uivo de trompas de caça. Ele sabia o que aquela música significava. Fugiu.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Caçadores a cavalo perseguiram-no. Corriam os cavalos a galope e corria o veado, com quantas pernas tinha.

Ágeis, as pernas, no arremesso do medo, saltavam barrancos, venciam precipícios, quase voavam. O veado só pedia que o vigor das pernas não o abandonasse.

Mas, num túnel de ramos, os galhos do veado embaraçaram-se nos troncos e suspenderam-lhe a corrida. Já se aproximavam os cavaleiros. Os belos chifres estavam a deitá-lo a perder.

Sentindo-se perdido, o veado deu um sacão ao corpo e metade de um chifre, que estava preso, partiu-se. Deixá-lo. O veado livrou-se.

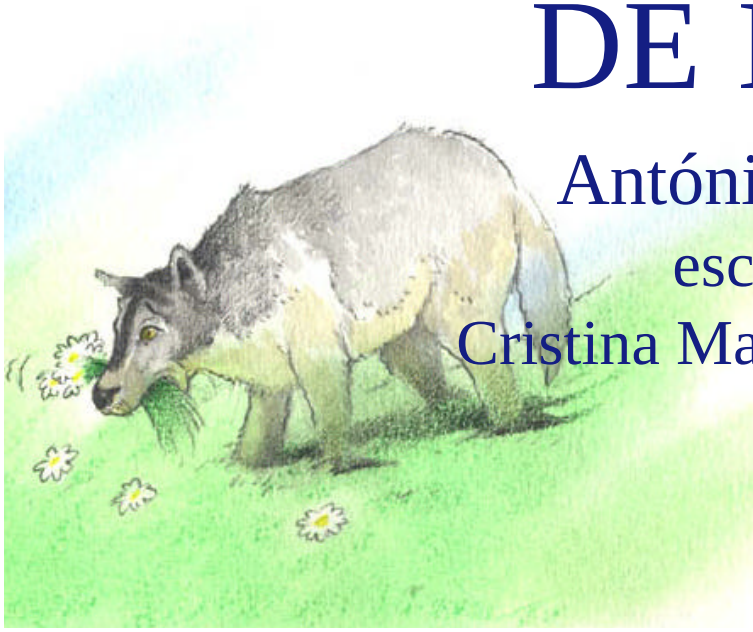
As pernas retomaram a fogosa carreira da salvação e o veado conseguiu escapar dos caçadores.

Já livre de perigo, o veado pôs-se a pensar no que lhe sucedera. As pernas, que ele há pouco desprezava, tinham-no salvo. As hastes da sua vaidade por pouco que não o atraiçoavam.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

PROMESSAS DE LOBO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Um lobo, que tinha sido apanhado numa armadilha, prometeu que mudaria de hábitos alimentares, se o poupassem.

– De agora em diante, vou deixar de comer carne – garantiu ele aos homens que o tinham caçado. – Passo a comer ervas e, uma vez por outra, um peixinho de rio. Palavra de lobo!

Os homens deixaram-no ir, enquanto riam e faziam apostas.

– Ele não vai ser capaz – diziam uns.

– Talvez seja – contradiziam outros.

O lobo cumpriu o prometido. Tasquinhava ervinhas como um cordeiro. Comia frutos silvestres como um macaco. Roía raízes como uma toupeira.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas, um dia, deu com um enorme porco de mato, que tomava banho no rio.

– Que grande peixe! – exclamou o lobo, de olhos a luzir. – Há que tempos que não como nada de jeito.

E atirou-se ao porco de mato, mas como andava fraco e perdera o jeito, deixou escapar o porco e caiu de focinho na água.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LÁGRIMAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma lágrima, uma lágrima de constipação. Sabem como é: o pingo no nariz, os olhos a arder, um espirro, outro espirro, e uma lágrima que se solta pelo cantinho do olho e escorrega, bochecha abaixo…

Era uma vez uma lágrima, uma lágrima de riso. Sabem do que falo: de tanto rir, tudo estala em nós e as lágrimas saltam dos olhos como fogo-de-artifício, foguetes de lágrimas…

Eram, pois, duas lágrimas.

Encontraram-se, no mesmo lenço.

– Ouvi dizer que também há lágrimas de tristeza – contou uma.

– Custa-me a acreditar – disse a outra.

Era a do riso quem assim falava.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas uma terceira lágrima chegou ao lenço. Tão de água, tão salgada como as outras. E da fonte dos mesmos olhos. Mas esta era diferente.

– Sou uma lágrima de dor – apresentou-se ela.

Seria verdade? Às outras duas parecia impossível. Quem a soltara, constipado que estava, ainda há pouco rira até às lágrimas. Como é que se pode passar, assim tão de repente, da alegria à mágoa?

– O que aconteceu, entretanto? – quiseram saber as duas lágrimas mais antigas.

– Foi um entalão – explicou a recém-chegada. – Quem me soltou tinha ido buscar um lenço dobrado à gaveta e, entretido a rir, ao fechar, entalou um dedo.

– Há desgraças piores – comentou a lágrima da constipação.

– Prefiro nem saber – suspirou a lágrima do riso.

O resto da conversa já não acompanhei, porque eu, o dono das três lágrimas, desfiz-me do lenço molhado para dentro da roupa suja. Lenços não me faltam, brancos ou às cores e para todas as ocasiões da vida.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

TUM-TUM, TUM-TUM, TUM-TUM…

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A galinha tinha ido fazer um piquenique ao pinhal, na companhia dos filhos.

Estavam eles já à volta do bolo, quando lhes apareceu um raposo raposão.

– Ora viva a bela merenda – cumprimentou o raposo.

– Quer do nosso bolo? – perguntou a galinha, a medo.

– Quero o bolo e o acompanhamento – respondeu o raposo.

O que ele queria dizer a galinha percebeu, mas fez-se de tola:

– É só o que tenho. O resto já comemos, senhor raposo.

Ele não quis saber. Em duas dentadas deu conta do bolo todo.

– Agora, venham os pintos – disse, ainda de boca cheia.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Os pintos, senhor raposo, não prestam para o seu apetite. São só penas e ossos. Se quer coisa de mais substância, talvez eu lhe sirva…

Pela salvação dos filhos as mães dão tudo.

O raposo estava pelos ajustes. Deixou os pintos em paz, que fugiram atarantados, e ficou com a galinha.

Meteu-a num saco, que trazia às costas, dizendo:

– Hoje tenho visitas, lá em casa, e uma galinha dá sempre jeito, ao jantar.

A pobre da galinha, aos tombos, dentro do saco, matutava na sua infelicidade.

Os filhos, tão miudinhos, que iam ficar órfãos… Ela, tão nova ainda, a servir de petisco a raposas e raposões…

– Mas há-de haver uma saída – pensou a galinha, que não era de esmorecer.

Com o bico foi descosendo uma costura do saco. O coração batia-lhe, tum-tum, tum-tum, tum-tum, num sobressalto de tambor.

Para sorte dela, o raposo resolveu descansar, a meio do caminho. Estava calor e ele refastelou-se, à sombra de um sobreiro.

Quando o sentiu a dormir, a galinha escapou-se. Mas, à cautela, meteu uma grande pedra no saco e, com artes de costureira, voltou a coser a costura.

Depois, fugiu, ao encontro dos filhos.

Quase logo a seguir, o raposo acordou, cheio de fome, como sempre:

– Se não fosse ter visitas, começava o jantar mais cedo…

Para tirar daí a ideia, pôs-se a caminho. O saco pesava-lhe e ele contente:

– Está gorda esta galinha. Vai dar uma rica jantarada!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Raposos, raposas e raposecos esperavam-no.

– Trago a galinha mais gorda da capoeira. Ponham água a ferver ao lume, que quero cozê-la com arroz. Come-se primeiro a canja e, depois, a galinha.

Quando a água do panelão estava a ferver, o raposo foi buscar o saco. Raposos, raposas e raposecos puseram-se à roda do lume, para apreciar a qualidade do pitéu.

Abriu-se o saco e o pedregulho, ao cair na panela, esparramou água à volta, salpicando os convidados. Uivos de dor, em coro desafinado, soltaram-se das bocas gulosas.

Depois foi uma algazarra, todos contra o raposo que, segundo eles, lhes tinha pregado uma feia partida. Acabou tudo à bulha.

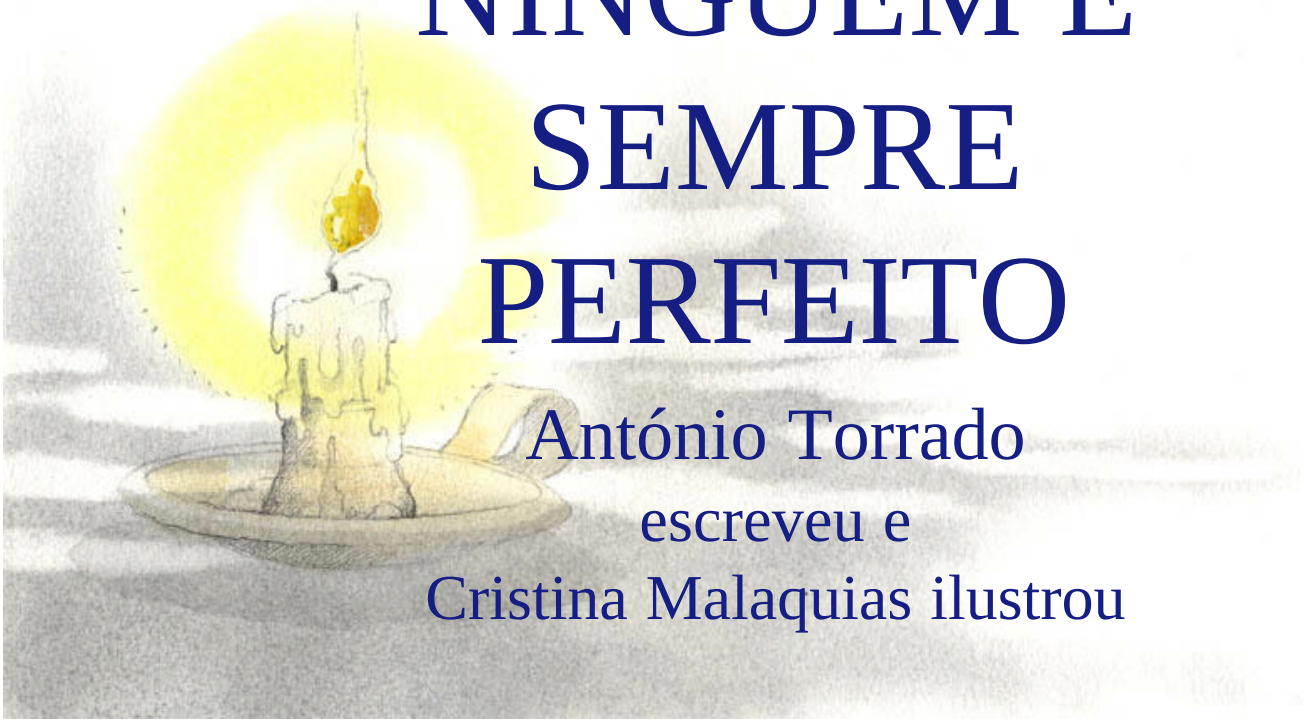
Em casa da galinha, de novo com os filhos, tanta alegria nem se descreve.

Na hora da deita, os pintainhos, aconchegados à mãe, adormeceram felizes. Até ela sentiu, no centro daquele calor bom, o coraçãozinho deles a bater ao mesmo compasso sereno do coração dela, tum-tum, tum-tum, tum--tum…

E assim adormeceu.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



NINGUÉM É SEMPRE PERFEITO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No tempo em que ainda não havia luz eléctrica, mas pouco faltava, quem quisesse trabalhar ou ler depois do Sol posto alumiava-se com candeeiros de petróleo. Os mais pobres, sem dinheiro para o petróleo, usavam velas de sebo.

Era o caso do poeta da nossa história. Estava ele, à noite, a escrever uns versos, iluminado apenas pela luz do luar e pela chama incerta de uma velinha a finar-se, quando uma nuvem interceptou a luz da Lua.

– Ai! – lamentou-se o poeta. – Não tarda que a vela acabe. Como vou eu conseguir terminar o poema?

Abriu a janela e gritou:

– Vento, se és meu amigo, afasta a nuvem, para que o luar volte a iluminar-me.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O vento terá ouvido o pedido e rodopiou numa súbita ventania. Tanta foi que soprou a vela do poeta. Ficou o pobre às escuras.

– Vento, tu não percebeste o que te pedi – irritou-se o poeta. – És um desastrado.

Do céu carregado de nuvens começou a cair uma valente chuvada.

– Pronto. Não precisas de chorar. Ninguém é sempre perfeito – disse o poeta ao vento.

Fechou a janela e, resignado, foi para a cama às apalpadelas. Ficou o poema em meio. Não se perdia grande coisa, que o poema valia pouco. Ninguém é sempre perfeito...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS ANJOS-DA-GUARDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Um vagabundo resolveu arranjar casa.

– Chega de dormir ao relento e de andar por aí, a vadiar, sem eira nem beira – disse o vagabundo. – Vou fazer uma casa só para mim.

Escolheu um sítio recatado, numa terra de ninguém, e lançou-se ao trabalho. No primeiro dia, desbastou o terreno e alisou-o. Depois, foi à vida.

Este vagabundo chamava-se Joanete.

Por coincidência, outro vagabundo também pensou que já estava em tempo de ter uma casa. Para poder levar a sua avante, tinha de procurar onde construí-la. Deu com o terreno, alisado pelo vagabundo Joanete, e disse:

– Aqui é que me calha. Está limpo e pronto para a construção. Agora é só cavar as fundações e arranjar uns troncos grossos, que segurem as paredes.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Foi o que fez. Depois, foi à vida.

– Este vagabundo chamava-se Pé-leve.

Quando o primeiro vagabundo, o Joanete, regressou ao trabalho e viu os buracos feitos e os troncos alinhados, ficou, como é de imaginar, muito contente.

– Anda um anjo a ajudar-me – pensou.

Aplicou os troncos e foi cortar madeira para as paredes. Depois, como não tinha pregos para pregá-las, foi comprá-los.

O Pé-leve, quando chegou e viu os troncos enterrados nos buracos e a madeira empilhada, pensou:

– Tenho um anjo ao meu serviço.

E foi comprar pregos.

Entretanto, regressou o Joanete. Pregou a madeira e levantou as paredes.

O telhado deixou para depois. Foi dar um passeio.

Quando o Pé-leve voltou e viu as paredes prontas, disse:

– Tenho de ajudar o meu anjo da guarda.

E levantou o telhado. Depois foi procurar de comer.

O Joanete, acabado o passeio, vendo o telhado pronto, disse:

– O meu anjo é um portento. Só falta o soalho e uns móveis.

Foi no que se aplicou. Assoalhada a casa e mobilada, no seu essencial, só faltava habitá-la. Estava uma lindeza. Uma porta, duas janelas, uma chaminé. Que mais queria?

E o vagabundo Joanete, encantado com a sua obra, ajoelhou-se e, de mãos postas, agradeceu a mãozinha ajudadeira do seu anjo da guarda.

Mas uma voz indignada interrompeu-lhe a oração:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Que pouca vergonha é esta? Quem o mandou entrar na minha casa?

Era o Pé-leve.

Levantou-se o Joanete e fez-lhe frente:

– A sua casa? Com que direito? Ainda agora a assoalhei e mobilei.

– Então e eu que levantei o telhado? – repontou o Pé-leve.

– Então e eu que levantei as paredes? – retorquiu o Joanete.

– E eu que cavei as fundações?

– E eu que alisei o terreno?

Pararam de altercar. Olharam um para o outro, ambos de boca aberta.

– Tu é que eras o meu anjo da guarda? – apontou o Joanete para o Pé-leve.

– O meu anjo da guarda eras tu? – apontou o Pé-leve para o Joanete.

Caíram nos braços um do outro.

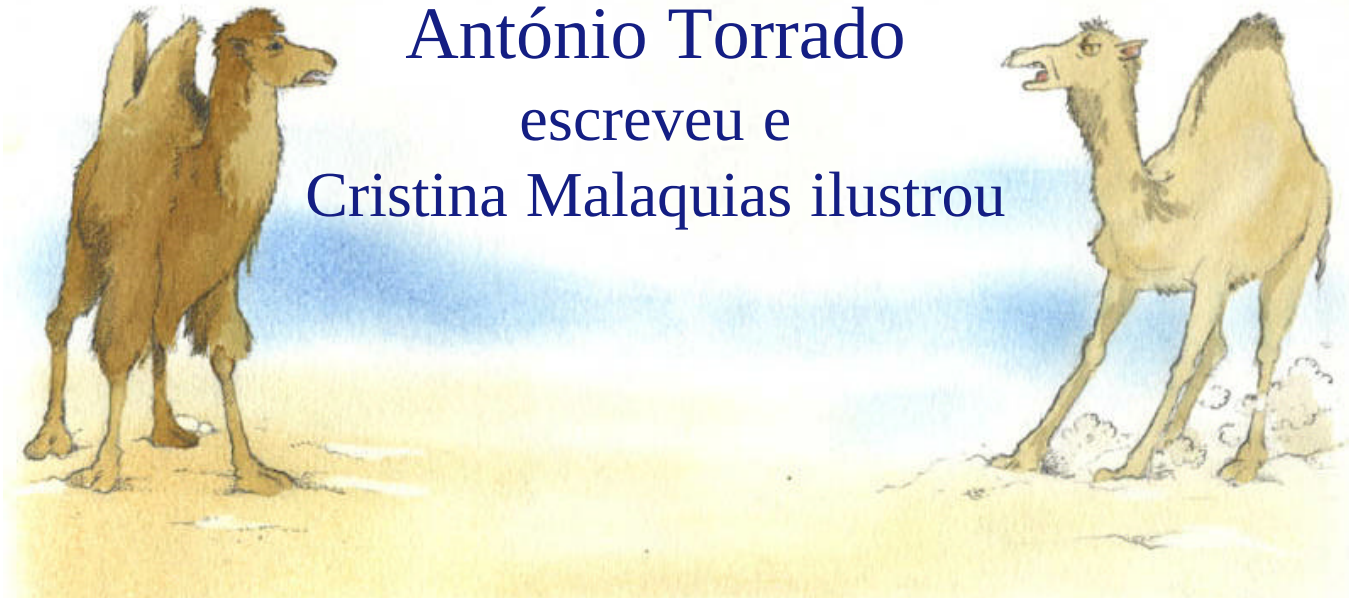
E ficaram a viver juntos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NÃO É CAMELO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Ninguém gosta que o tratem por camelo.

– Seu camelo, não sabe parar nas zebras?

Não é conversa de savana nem de jardim zoológico, mas fala de peão furioso para automobilista desastroso, perigoso, criminoso, que não sabe abrandar nas passagens zebradas.

– Camelo é você, sua besta – dirá em resposta o vergonhoso automobilista, mas sem razão nenhuma.

De facto, ninguém gosta que o tratem por camelo. Principalmente o dromedário.

– Não sou camelo – enerva-se o dromedário. – Eu só tenho uma bossa. O camelo tem duas.

Mas há sempre quem faça confusão.

Para que não sobrassem dúvidas, o dromedário mandou espalhar um anúncio com os seguintes dizeres: camelo – 2, dromedário – 1. Ia resultar, ele tinha a certeza.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando os turistas, armados de máquinas fotográficas, desembarcassem e vissem um dromedário, não gritariam, todos excitados:

– Olha um camelo!

– Vai chamar camelo ao filho do teu paizinho, meu grande burro – diria o dromedário, entre dentes.

Com aqueles cartazes acabavam-se as confusões.

Não acabaram.

– Olha: os camelos ganharam aos dromedários por dois a um – diziam os turistas.

– Camelos! Camelos! Camelos! – gritava, para dentro, o dromedário.

Até que resolveu mandar colar pelas paredes outro anúncio, com os seguintes dizeres: 1 dromedário + 1 dromedário = 1 camelo.

Percebia-se a intenção. Uma corcova mais uma corcova, igual a duas corcovas. Só os camelos é que não gostaram da comparação. Um camelo igual a dois dromedários? Que era lá isso?

Vieram, muito zangados, pedir explicações ao dromedário. Ou ele desistia do afrontoso cartaz ou havia guerra.

O dromedário, que era pacífico, mandou arrancar os cartazes. Vendo bem, os camelos tinham alguma razão.

– Olha um camelo – gritava um turista, apontando-lhe a máquina fotográfica.

– Pacífico seria, mas naquela altura, não aguentando mais, o dromedário deu um coice, que estatelou o turista. Depois, assustado com o que fizera, fugiu.

– O malandro do camelo ia-me matando – queixava-se o turista.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Onde é que ele está? Para onde é que ele foi? – perguntou um polícia árabe, acorrendo.

– Naquele sentido – apontou o turista.

– Eu já o apanho, descanse – prometeu o polícia.

Pôs-se a correr e, pouco adiante, passou pelo dromedário, sem lhe ligar. O polícia árabe sabia distinguir um dromedário de um camelo.

– Viste um camelo a fugir, nesta direcção? – perguntou o polícia ao dromedário.

– Não reparei – disfarçou o dromedário. – Porquê?

– Porque parece que esse camelo deu um coice a um turista. Se eu o apanho... – ameaçou o polícia com o chanfalho, apressando o passo.

O dromedário viu-lhe os calcanhares e suspirou fundo. Pela primeira vez sentia que a confusão entre camelos e dromedários lhe tinha sido favorável.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

TRÊS CAVALOS…

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Três cavalos encontraram-se numa cavalariça. Um era castanho, outro era branco e o terceiro era quase amarelo.

– Que cor tão ridícula a tua – riram-se o cavalo branco e o castanho.

– Não sei porquê. Tenho quatro patas como vocês têm. Pescoço e peito musculosos como vocês têm. Crinas como vocês têm. E relincho como vocês.

Isto relinchou o cavalo quase amarelo. Os outros dois cavalos continuaram a rir-se dele. Passaram a noite numa grande troça. O cavalo quase amarelo, para não ouvir-lhes a risota de zombaria, fez-se mula. Isto é: não lhes ligou. Fechou os olhos e adormeceu.

No dia seguinte, vieram buscá-los. Os três cavalos iam participar numa corrida.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Partida! – gritou um senhor, levantando uma bandeirinha.

Os três cavalos desataram a correr. Ia o castanho à frente. Depois, o branco ultrapassou-o. Por fim, o cavalo quase amarelo avançou para a meta, deixando para trás o branco e o castanho. Ganhou ele a corrida.

Os outros dois cavalos é que não acharam graça nenhuma. Paciência. Já tinham rido tanto...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

PODIAM SER AMIGAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma águia. Era uma vez uma gata. Era uma vez uma porca.

A águia teve aguiazinhas. A gata teve gatinhos. A porca teve porquinhos.

Como boas mães, procuraram abrigo onde resguardar os filhos.

A águia escolheu o alto da ramaria de um frondoso castanheiro. A gata achou um buraco a meio do tronco do mesmo castanheiro. A porca cavou uma toca, nas raízes do tal castanheiro.

Eram vizinhas e talvez pudessem ser amigas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Todas as manhãs, a águia voava do seu ninho, à cata de comida para as aguiazinhas. A gata também saltava do buraco e ia caçar para os seus gatinhos. A porca saía da sua toca e procurava castanhas e bolotas para os seus porquinhos.

Os respectivos filhos cresciam e engordavam, a olhos vistos. As vizinhas viviam felizes e talvez pudessem ser amigas.

Talvez pudessem ser amigas, não fosse a gata uma intriguista.

Esta gata selvagem era uma falinhas mansas, mas todas falsas.

Um dia, foi ter com a vizinha de cima e disse-lhe:

– Ai, vizinha, estou toda arrepiada. Calcule que ouvi a porca lá de baixo dizer aos filhos que ia começar a roer as raízes do castanheiro, para deitar a árvore abaixo. E sabe para quê?

A águia não fazia ideia.

– Para fazer cair o seu ninho e comer os seus filhinhos – contou a mentirosa da gata. – Se fosse a si tinha muito cuidado e nunca mais abandonava os seus.

A águia ficou muito aflita. Agradeceu imenso o aviso da gata e pôs-se de plantão ao ninho, apesar de os filhos reclamarem por comer.

A gata, cumprida a primeira parte do seu plano, foi ter com a vizinha do rés-do-chão:

– Senhora porca, tome cautela com a águia. Ainda agora a ouvi dizer para os filhos que, da próxima vez que virem a senhora sair da toca, lhe assaltam a casa, para lhe comerem os filhinhos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A porca ficou muito alarmada. Também agradeceu imenso o aviso da gata e nunca mais deixou os porquinhos ao desamparo, apesar de eles grunhirem, desesperados com fome.

Como a águia e a porca, sempre de guarda, não saíam pelo comer, iam definhando os filhos e elas perdendo as forças.

A princípio não se podia descansar em redor do castanheiro, tal a barulheira misturada de pios e grunhidos, clamando por comida.

Mas as lamentações foram decrescendo, porque as forças foram faltando…

Quando tudo voltou ao silêncio, a gata selvagem e os selvagens dos filhos assaltaram o ninho e banquetearam-se. Em seguida, assaltaram a toca e repetiram o banquete.

Parece que, depois, morreram de indigestão. Bem feito.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

PANCRÁCIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma dama, que tinha uma criada meia-zaranza e papa-moscas, que não fazia nada com jeito. Chamava-se a criada Pancrácia.

Um dia, a dama teve de ausentar-se de casa por uns tempos e de deixar tudo aos cuidados da Pancrácia. Antes de sair, recomendou-lhe:

– Enquanto eu estiver fora, vê bem como cuidas dos meus haveres. A qualquer um, que te apareça, diz sempre "Não". Está bem?

– Não – respondeu a criada, muito obediente.

A dama percebeu que o recado estava aprendido e saiu mais descansada.

Dias depois, bateram à porta de casa. Era ou fazia de conta que era um mendigo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Senhora, dê-me resguardo, que está muito frio cá fora…

– Não – disse a criada.

– E uma sopinha quente, para comer aqui, mesmo à soleira?

– Não – disse a criada.

– Nem uma esmolinha de uns tostões poucos?

– Não – disse a criada.

Aqui o mendigo começou a perceber que aquele "não" era de encomenda. Por isso, resolveu virar as perguntas do avesso:

– Então a senhora consente que eu enregele de frio, cá fora?

– Não.

– Então a senhora recusa-se a dar-me de jantar?

– Não.

– Então a senhora importa-se que eu dê uma volta pela casa?

– Não.

E assim o falso mendigo foi conseguindo os seus intentos.

– Não faz mal que eu meta para o saco algumas lembranças desta minha visita, pois não?

– Não.

O larápio levou o que quis e a Pancrácia ajudou.

Quando a dama regressou de viagem e viu a casa roubada, desesperou-se:

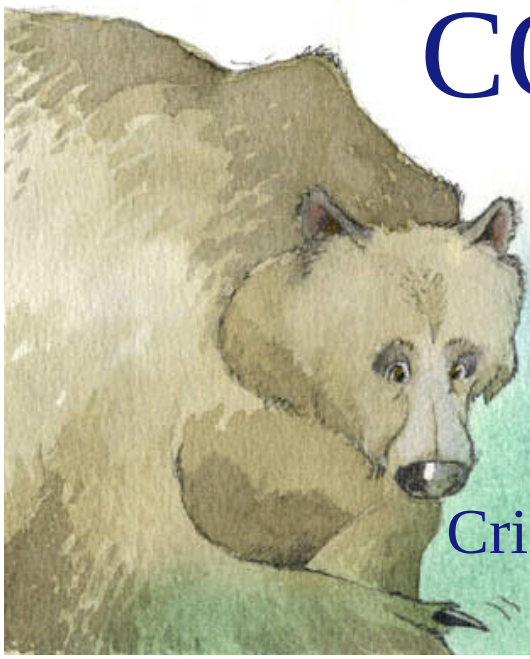
– Ó mulher, tu não te importaste que me levassem tudo o que levaram?

– Não – respondeu, muito bem ensinada, a Pancrácia.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O URSO DÁ CONSELHOS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No tempo em que havia ursos a rondar os povoados, também havia homens que lhes davam caça com a ajuda de lanças e flechas, porque as espingardas ainda não tinham sido inventadas.

Dois amigos acertaram em ir à caça a um grande urso, que andava a assustar os rebanhos.

Foram para o mato e ambos prometeram um ao outro que mal vissem o urso o cercariam, um pela frente, outro por trás, porque nisto de ursos brutamontes duas lanças valem mais do que uma.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Nisto, apareceu o urso. Um dos amigos, esquecido do prometido, logo marinhou por uma árvore acima, deixando o companheiro sem ajuda.

O que ficara em terra quase desmaiou de susto.

Desmaio, não desmaio...

Pelo sim pelo não, lançou-se ao comprido para o meio do chão, onde se deixou ficar, muito quietinho. Ouvira uma vez dizer que os ursos se agoniavam com a carne morta. Fazer de conta que tinha morrido talvez resultasse.

O urso mirou-o, virou-o com as patonas, cheirou-o dos pés à cabeça, com especial predilecção pelos ouvidos, e, depois, sem lhe fazer um arranhão sequer, deixou-o em paz. Abalou.

O caçador de ursos, por pouco caçado, ainda se deixou ficar quieto mais um tempo, até o amigo saltar da árvore e vir ter com ele.

– Não ganhámos para o susto – disse-lhe o amigo, limpando da testa o suor do medo.

– Eu ganhei – retorquiu o caçador, levantando-se do chão.

O outro estranhou:

– O que é que ganhaste?

– Um conselho do urso – disse.

– O quê? O urso falou-te.

– Pois falou. Não o viste segredar-me ao ouvido?

– De facto, ele esteve que tempos com o focinho encostado à tua orelha. E o que é que ele te disse?

– Disse-me que, daqui para diante, em ocasiões de perigo, não me ficasse mais nas promessas de ajuda dos companheiros de caçada.

– Ele disse isso? Garantes?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Garanto. Até acrescentou que mais valia caçar sozinho do que na companhia de poltrões.

E, dizendo isto, o caçador pegou na lança e avançou pelo caminho do mato. O companheiro, que saltara da árvore, seguiu-lhe os passos, muito enfiado e arrependido.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

BONECO DE NEVE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Estava um boneco de neve, na Serra da Estrela, à espera nem ele sabia do quê.

Sair donde estava não podia, porque não lhe tinham feito as pernas. E tanto que gostava de conhecer outras paisagens, conquistar mais espaço, alongar a sombra…

Só se rebolasse. Deu um jeito ao corpo e descolou de um lado. Deu mais um jeito e descolou do outro. Balançou.

Com um novo impulso, rebolou encosta abaixo.

– Deixem passar! Deixem passar! – gritava o boneco para os esquiadores que, penosamente, vinham a subir.

Se calhasse ir de encontro a um, derrubava-o. Até podia aleijá-lo.

– Quero lá saber! – gritava o boneco, cada vez mais forte, cada vez maior, cada vez mais cheio de si. Um brutamontes.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Já não era um boneco, mas uma bola de neve. Dantes, tão simpático. Agora tão arrogante.

– Uma avalanche! – gritaram, no vale. – Vem aí uma avalanche de neve!

De roldão por ali abaixo, destruindo tudo por onde passava, a bola de neve era uma ameaça. Vá lá que acabou desfeita de encontro a um paredão.

– Passou o perigo – suspiraram de alívio as pessoas, que andavam a brincar na neve.

Algumas entretinham-se a fazer bonecos de neve.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BONÉ

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Alípio foi comprar um boné. O que usava já tinha perdido a cor de tanto sol e tanta chuva que apanhara. O senhor Alípio trabalhava ao ar livre, nas obras, é preciso que se saiba.

– Quero um boné com pala – pediu o senhor Alípio, quando chegou à loja.

O caixeiro da loja terá pensado que todos os bonés têm pala. Sem pala, só boinas. Ou barretes. Mas não comentou.

– Que tal um destes azuis, acabados de chegar da fábrica? – perguntou o caixeiro.

O senhor Alípio provou, viu-se ao espelho e não gostou.

– E este, com quadradinhos castanhos?

O senhor Alípio provou, viu-se ao espelho e não gostou.

– E este verde escuro?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O senhor Alípio provou, viu-se ao espelho e não gostou

– E este às risquinhas encarnadas?

O senhor Alípio provou, viu-se ao espelho e não gostou.

O caixeiro começava a achar que aquele freguês não era fácil de contentar. Sobre o balcão, um monte de bonés abandonados... O senhor Alípio já se dispunha a sair em cabelo, muito desconsolado, se não tivesse visto, no meio dos bonés rejeitados, um que lhe chamou a atenção.

Provou-o, viu-se ao espelho e gostou:

– Levo este.

– Mas é o que o senhor trazia na cabeça, quando entrou na loja – disse-lhe o desolado caixeiro.

– Ai, é? Levo na mesma – e saiu da loja, muito satisfeito, com um boné ou cinzento deslavado ou castanho ruço ou antes assim-assim.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A FLOR E O SINO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Como é que uma flor e um sino podem caber na mesma história?

Há-de ser difícil. A flor tão rasteira e o sino tão alto nada têm a ver um com o outro. Hão-de pertencer a histórias diferentes.

Talvez sim e talvez não…

A flor tinha acordado, na ponta de um caule, quando o sino se pôs a badalar. Abriu-se de espanto, porque nunca tinha ouvido música assim: tlim-dlão-dlim…

Mas tudo tem uma lógica, um começo, um antes do que está para vir. Nós contamos.

A erva donde a flor nascera tinha rompido a terra como um dedo espetado, que quer chamar a atenção:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Perguntem-me porque nasci – gritava a erva, numa vozinha de erva-fina.

Ninguém lhe perguntava.

E ela, impaciente, sempre na sua:

– Perguntem-me porque nasci. Perguntem-me.

Estávamos bem servidos, se tivéssemos de dar conversa a todas as ervas do caminho…

– Então, não querem saber? Perguntem-me – teimava a erva.

Fartos de ouvi-la, debruçámo-nos, enfim, para a ervinha. Logo ela, muito direita, na sua importância de erva fresca, nos disse:

– Nasci, sabem porquê? Nasci para dar uma flor.

Olha a admiração! Nisto o sino, tlim-dlão-dlim, tlim-dlão-dlim, e apareceu a flor.

– Quem me chama? Quem me chama? – perguntou a flor, que nasceu a falar.

O sino anunciava um casamento. Era o José mais a Maria que iam casar.

O noivo, antes de entrar na igreja, colheu, à beira da estrada, uma flor com que enfeitou a lapela. Logo, por coincidência, a flor que tinha acabado de nascer.

Aí têm como um sino e uma flor podem caber na mesma história. Mas não acaba aqui.

Passado tempo, a flor desprendeu-se da lapela. Já tinha dado um ar da sua graça.

Secou, desfez-se, juntou-se à terra. É sempre assim.

Na Primavera seguinte, mais coisa menos coisa, o sino outra vez a badalar: tlim-dlão-dlim, tlim-dlão-dlim. Desta vez, era um baptizado, o do menino José Maria, filho de Maria e do José.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Depois, houve boda. No centro da mesa, um grande ramo de flores campestres, iguais à que viveu nesta história.

Tudo se multiplica. Pelos tempos fora, o sino vai voltar a bater e as flores a crescer. É uma história que não acaba.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PAPAGAIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Do Brasil regressara à sua terra um pobre emigrante. Como única riqueza, trazia um papagaio.

Pacientemente, o homem tinha ensinado o papagaio a dizer: "Não há dúvida".

Um dia, o homem resolveu vender o papagaio. Realizava-se, nesse dia, uma grande feira, e o nosso homem para lá foi, lançando o seu pregão:

– Quem quer comprar um papagaio? Um papagaio muito esperto por cinco mil euros...

Mas ninguém estava interessado.

Então o homem mudou de pregão. E pôs-se a apregoar assim:

– Quem quer comprar este ser inteligente, que além do mais também é papagaio. É um sábio com penas! Ele sabe

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

tudo e custa pouco. Por quinze mil euros, leva um sábio para casa, que até distrai e faz vista, porque é tal e qual um papagaio. Quinze mil euros, quem compra?

Aproximou-se um lavrador, que tinha menos de inteligência que de riqueza. Como queria dar-se ares de espertalhão, perguntou ao papagaio:

– Ó loiro, tu vales quinze mil euros?

– Não há dúvida – gritou o papagaio.

– E és realmente um sábio disfarçado de papagaio? Um grande sábio? – perguntou o lavrador.

– Não há dúvida – respondeu o papagaio.

O lavrador ficou espantado e comprou logo o papagaio, que levou para casa.

Mas o papagaio nunca mais voltou a falar.

Um dia, o lavrador, que já se arrependera de ter caído na esparrela, lamentou-se, junto da gaiola do passaroco:

– Que burro que eu fui em ter dado tanto dinheiro por um papagaio!

– Não há dúvida – gritou o papagaio. – Não há dúvida!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A GALINHA RUIVA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A galinha ruiva achou umas espigas de trigo.

Ela chamou o gato. Ela chamou o ganso. Ela chamou o porco.

A galinha ruiva disse:

– Quem me ajuda a semear o trigo?

– Eu não – disse o gato.

– Eu não – disse o ganso.

– Eu não – disse o porco.

– Então semeio eu o trigo – disse a galinha ruiva.

E a galinha ruiva semeou o trigo.

O trigo cresceu.

A galinha ruiva disse:

– Quem me ajuda a ceifar o trigo?

– Eu não – disse o gato.

– Eu não – disse o ganso.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Eu não – disse o porco.

– Então ceifo eu o trigo – disse a galinha ruiva.

E a galinha ruiva ceifou o trigo e levou-o para o moinho.

Depois de ter já o trigo moído e feito em boa farinha, a galinha ruiva disse:

– Quem me ajuda a fazer o pão?

– Eu não – disse o gato.

– Eu não – disse o ganso.

– Eu não – disse o porco.

– Então faço eu o pão – disse a galinha ruiva.

E a galinha ruiva amassou o pão, que ficou muito bem amassado, e cozeu-o no forno, muito bem cozido.

– Quem me ajuda a comer o pão?

O gato disse:

– Miau! Miau! Miau! Quero eu, quero eu, quero eu.

O ganso disse:

– Quá! Quá! Quá! Quero eu, quero eu, quero eu!

O porco disse.

– Gurnin! Gurnin! Gurnin! Quero eu, quero eu, quero eu!

A galinha ruiva disse:

– Vocês não me ajudaram a semear o trigo. Vocês não me ajudaram a ceifar o trigo. Vocês não me ajudaram a fazer o pão. Pois então vocês não me ajudarão a comer o pão. Os meus pintainhos comerão o pão.

E a galinha ruiva e os pintainhos comeram o pão.

Quem não trabuca não manduca.

Está contada a história. Está dada a lição.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

QUATRO AMIGOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram quatro búfalos muito amigos. Que nenhum bicho se metesse com eles! Verdade se diga que não havia quem se atravesse a desafiar os quatro possantes animais, aprestados com um equipamento de chifres de alto lá, com todo o respeito. Somados, valiam por oito lanças.

Sempre perto uns dos outros, os quatros búfalos pastavam na savana como se cada um fosse o vértice de um quadrado. Se fossem três formariam um triângulo. Se fossem dois uma linha com duas pontas. Se fosse um não formaria nenhuma figura geométrica. Seria apenas um corpo vagaroso, de costados largos, à mercê das garras e da dentuça de algum animal carniceiro.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

"Uma tentação", pensava, meneando a juba, o senhor leão, observando de um outeiro os quatro inseparáveis amigos.

Mas atacar um, à vista dos outros, era arriscar a vida. Cada chifre um golpe fundo, dos que, uma vez abertos, nunca mais fecham. E lá se dissiparia para nada o sangue precioso do senhor leão.

"Ná. Nessa não caio eu", pensava ele. "Tenho primeiro de apartá-los".

E o senhor leão urdiu um plano de caça, que começava por uma intrigalhice que nem condizia com a sua apregoada dignidade. Mas era tudo para afinar a pontaria, quando chegasse a altura…

– Sabe que os quatro búfalos se desentenderam? Por terem troçado dos chifres tortos de um deles… – contou o leão ao chacal. – Mas guarde segredo, por enquanto. Não espalhe.

Tratando-se do chacal, um desbocado, o aviso transformava-se em notícia, lançada aos quatro ventos.

Pouco depois, toda a selva estava ao corrente. Até os próprios búfalos.

– Então vocês estão de mal comigo? – perguntou um deles, já muito amuado, aos restantes colegas.

– O que me contaram foi que tu andas a rir-te dos meus chifres – ripostou um dos outros.

Entraram em discussão. E, estupidamente, acabaram mesmo por desentender-se. Foi cada qual para seu lado, muito ofendido com os parceiros.

Era o que o leão calculava. Estava o terreno aberto para Sua Majestade praticar o seu desporto favorito.

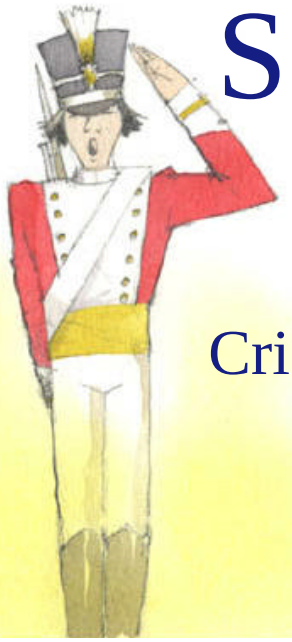
© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O leão foi-se a um e aniquilou-o
Foi-se ao seguinte e tal e qual.
Não merece a pena prosseguir. Contem até quatro.
O resto dos despojos, que o leão já não quis, foram para o chacal.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O REI DOS SOLDADOS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rei que gostava muito de desfiles e paradas. Até lhe chamavam o rei dos soldados ou rei-soldado, embora ele fosse o general de todos os generais.

Quando passava revista à guarda de honra, cerimónia a que se dedicava várias vezes ao dia, tinha por hábito estacar de tantos em tantos homens, para dirigir, cara na cara, ao soldado perfilado à sua frente as seguintes perguntas:

– Que idade tens?

O magala respondia.

– Há quanto tempo estás ao meu serviço?

O magala respondia.

– O soldo e o rancho satisfazem-te?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O magala, já se vê, respondia que ambos o satisfaziam.

Bem impressionado com as respostas, o rei prosseguia, de peito inchado e queixo alto, muito orgulhoso do seu exército de luzidos soldados.

Ora entrou para o serviço militar um rapaz vindo de longe, de uma região onde não se falava a mesma língua da cidade. Tinha por isso muita dificuldade em perceber as ordens e em fazer-se entender. Os colegas troçavam dele, mas o rapaz não se importava.

Pelo sim pelo não, o sargento ensinou-o a pronunciar as respostas convenientes às perguntas que o rei costumava fazer. Como a fiada de perguntas era sempre igual e pela mesma ordem, caso lhe calhasse em sorte ser interrogado pelo rei, o novo soldado não daria parte fraca.

E calhou.

Logo por azar, dessa vez o rei alterou a ordem das perguntas. Começou assim:

– Há quanto tempo estás ao meu serviço?

– Vinte anos – respondeu o rapaz, imperturbável.

O rei encarou o jovem tarata com estranheza e fez-lhe a segunda pergunta:

– E que idade tens?

– Dois meses, Majestade.

Mais se admirou o rei, que comentou:

– Isso não faz sentido. Um de nós está maluco.

O rapaz, julgando que estava a responder à terceira pergunta, sorriu com cortesia e disse:

– Ambos, Majestade.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS SONHOS DOS GATOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O gato do telhado, que passava o dia no telhado, e o gato de janela, que passava o dia à janela, quiseram mudar de vida.

– Vamos fazer uma casa só para nós – propôs um deles.

– Boa ideia! Boa ideia! – aplaudiu o outro.

Não interessa quem falou primeiro. Basta que se saiba, aqui em segredo, que qualquer dos dois gatos era um bocado lunático, de tanto olhar para a lua em noites de Lua Cheia…

– Para construir uma casa, temos de começar pelo princípio – decidiu um deles.

– Pois claro! Pois claro! – concordou o outro.

Até este ponto não houve problemas. Mas as dificuldades já vinham a caminho…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Começa-se pelo telhado – sugeriu um deles.

– Começa-se pelas janelas – contrapôs o outro.

Aqui não se entenderam. Discutiram, miaram, remiaram, bufaram e até se agatanharam.

– Vou construir a minha casa sozinho – disse um deles.

– E eu também vou construir a minha casa sem mais ajuda – disse o outro.

Estava desfeita a sociedade. Cada qual foi para seu lado.

Que pena! Ficaram, então, sem casa?

Pois claro que sim. Pois claro que não.

O gato do telhado juntou umas telhas, ajeitou-as umas sobre as outras, e miou, todo contente:

– Como construtor sou um primor!

Depois adormeceu em cima da sua obra.

O gato da janela juntou umas madeiras, pregou-as umas às outras, e miou, feliz da vida:

– Na construção sou campeão!

Depois adormeceu atrás da sua obra.

Querem acordá-los do seu sonho de gatos sem eira nem beira?

Querem desiludi-los e dizer-lhes que estão ambos enganados?

Não querem? Nós também não.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DONA FLORINDA DAS SETE CHAVES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Em casa da Dona Florinda não havia nada aberto.

Claro que a porta da rua estava sempre fechada. E a sete chaves. Até aqui tudo certo.

Mas fechadas também estavam a porta da despensa, a porta do quarto de arrumações, a porta do quarto da Dona Florinda, a porta da casa de banho, a porta da cozinha, a porta da salinha, a porta do salão.

A Dona Florinda andava sempre com um molho de chaves à cinta. Por cada porta que fechava, por cada volta que dava a uma fechadura, a Dona Florinda dizia "Trru, está fechada!" Muito contente.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A gente nem percebia qual o motivo de tanto cuidado. Seria que a Dona Florinda não queria deixar entrar o ar lá em casa? Seria que a Dona Florinda não queria deixar sair o ar lá de casa? Ou seria que a Dona Florinda tinha medo que o ar lá de casa apanhasse correntes de ar?

Vivia sozinha a Dona Florinda. Com aquele feitio de tudo fechar, de tudo guardar bem fechado, a Dona Florinda claro que não podia viver acompanhada.

Para as gavetas tinha outro molho com todas as chavinhas. E por cada gaveta fechada a Dona Florinda também dizia: "Trru, está fechada!"

Mas onde é que a Dona Florinda guardava as chaves, quando à noite se deitava? Guardava numa caixinha, que fechava e metia dentro de uma caixa, que fechava e metia dentro de uma gaveta, que fechava e... "Trru, está fechada!", mais nada. As três chaves, a da gaveta, a da caixa e a da caixinha, pendurava-as num fio que usava sempre ao pescoço, quer de dia quer de noite. Coitada!

Um dia, como se está mesmo a ver, o fio partiu-se e a Dona Florinda perdeu as chaves. Sumiram-se as três chaves que abriam a gaveta, a caixa e a caixinha, a tal caixinha onde estavam guardadas todas as outras chaves. Que fazer? E tudo fechado...

Sim, que fazer? Arrombar a gaveta, rebentar a caixa, partir a caixinha e recuperar as outras chaves. Depois abrir as portas, as gavetas, os armários, de par em par. Isto faria qualquer pessoa, que não fosse a Dona Florinda.

Desesperada de procurar as três chaves, mães das outras todas, a Dona Florinda abriu a única porta que tinha à mão. A da varanda. E pôs-se a gritar:

– Estou fechada. Socorro. Estou fechada.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Vieram os bombeiros, lançaram a escada e trouxeram a Dona Florinda da varanda à rua.

E agora? Agora a Dona Florinda anda à procura de um nova casa onde morar – uma casa com novas fechaduras, novas chaves.

E a casa antiga da Dona Florinda? Essa, definitivamente, trru, está fechada.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A PANELA AO LUME

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Uns saltimbancos tinham acampado num bosque.

Era um pobre casal com filhos ainda pequenos.

Fizeram uma fogueira, puseram uma panela de água em cima, com batatas e feijões, mas como a água não levantasse fervura para cozer a sopa, o homem foi procurar, ao redor, uns cavacos e umas pinhas, com que atiçasse mais o lume.

Ficou a mulher só com os pequenos, que dormiam.

Atraído pelo cheiro do cozinhado, apareceu um lobo.

Era inevitável. Nestas histórias, está-se sempre à espera que ele apareça…

A mulher, ao princípio, não deu pelo lobo, que, devagarinho, se aproximava dos meninos.

Quando ela o viu, susteve o grito e agarrou no panelão cheio de água e despejou-o em cima do lobo. A água não estava a ferver, mas pouco faltava.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

O lobo fugiu, aos uivos. Serviu-lhe de emenda.

Por sinal que não serviu, porque, noutra ocasião, andava o saltimbanco sozinho, a colher amoras, para levar aos filhos, e apareceu o lobo, a cheirar-lhe os calcanhares.

O homem trepou a uma árvore, mas o lobo ainda lhe ficou com os fundilhos das calças nos dentes. De mal a menos.

O pior foi quando o lobo se pôs a chamar pelos outros da alcateia.

Vieram uns tantos. Como a árvore era das altas, os lobos colocaram-se em castelo, uns em cima dos outros. Quem os aguentava, em baixo, era o mais forte, o lobo que os chamara.

Ora o homem tinha reparado que a este lobo faltava pêlo nos lombos, como se estivessem a sarar de alguma queimadura. Isto lembrou-lhe o que a mulher lhe contara. Então gritou, num último alento de coragem:

– Ó Maria, traz a panela com a água ao lume.

Não havia Maria, não havia panela, não havia água, mas o lobo sentiu o grito como uma ameaça a arder e fugiu a sete pés. Os outros perderam o equilíbrio e estatelaram-se no chão. Fugiram também.

O homem, quando regressasse ao acampamento, já tinha que contar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

COLARES DE PÉROLAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Joanina e Lionídia eram duas jovens que se preparavam para o primeiro baile.

Vestiam vestidos de seda branca com muita goma e roda, todos enfeitados de lacinhos azuis e cor-de-rosa.

Não haverá hoje raparigas que consintam em usar vestidos destes, mas isto passou-se há muito tempo.

Diante do toucador, ajeitaram ao espelho os caracóis e canudos de cabelo, que as faziam parecer bonecas de porcelana. Sentiam-se lindas. E, efectivamente, sinceramente, estavam.

Chegou a altura dos últimos adornos. Brincos, anéis, pulseiras e um diadema no toucado. Até o espelho pestanejou com tanto brilho.

– Falta o colar – lembrou a Lionídia, enquanto procurava, na sua caixinha de guarda-jóias, o ornamento essencial à perfeição do quadro.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Já Joanina tinha tirado do respectivo guarda-jóias e posto com todo o cuidado ao espelho o seu colar de pérolas, sorrindo, feliz, porque era a primeira vez que o punha. Sentia-se uma senhora, uma dama, um modelo para um retrato a óleo.

Lionídia tinha um colar igual. Ou quase.

– O teu colar é de pérolas falsas – disse Lionídia, olhando de esguelha para o colar de Joanina.

– Como é que tu sabes? – indignou-se ela. – Este colar está na nossa família há várias gerações e sempre foi tomado como verdadeiro.

– É falso. Digo e torno a dizer, porque as tuas pérolas não têm a perfeição nem a transparência leitosa, nacarada, aveludada das minhas.

Isto dito por Lionídia era uma afronta para Joanina.

– E se for ao contrário? – ripostou ela. – Está-me a parecer que as tuas pérolas é que são uma perfeita imitação das minhas.

Enervaram-se. Zangaram-se. Descompuseram-se. Brigaram. Não fosse estarem tão alinhadas para a festa e, quase de certeza, ainda acabariam por se agarrar aos caracóis uma da outra e espatifar os vestidos brancos, engomados e rodados, com lacinhos azuis e cor-de-rosa…

Uma réstia de boa educação e de bom senso conteve-as. Para decidirem de uma vez para sempre qual tinha razão lembrou-se uma delas.

– Só há uma prova a fazer. O vinagre!

Quem não souber que aprenda que o vinagre desfaz as pérolas naturais, as legítimas, as fabricadas com sossego e demora, dentro da concha paciente das ostras.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Muito exaltadas e avinagradas, foram buscar à cozinha uma tigela de vinagre.

– Queres ver que o teu colar pelintra não se desfaz – disse a Joanina à Lionídia.

– A porcaria do teu colar é que não vai desfazer-se – disse Lionídia à Joanina.

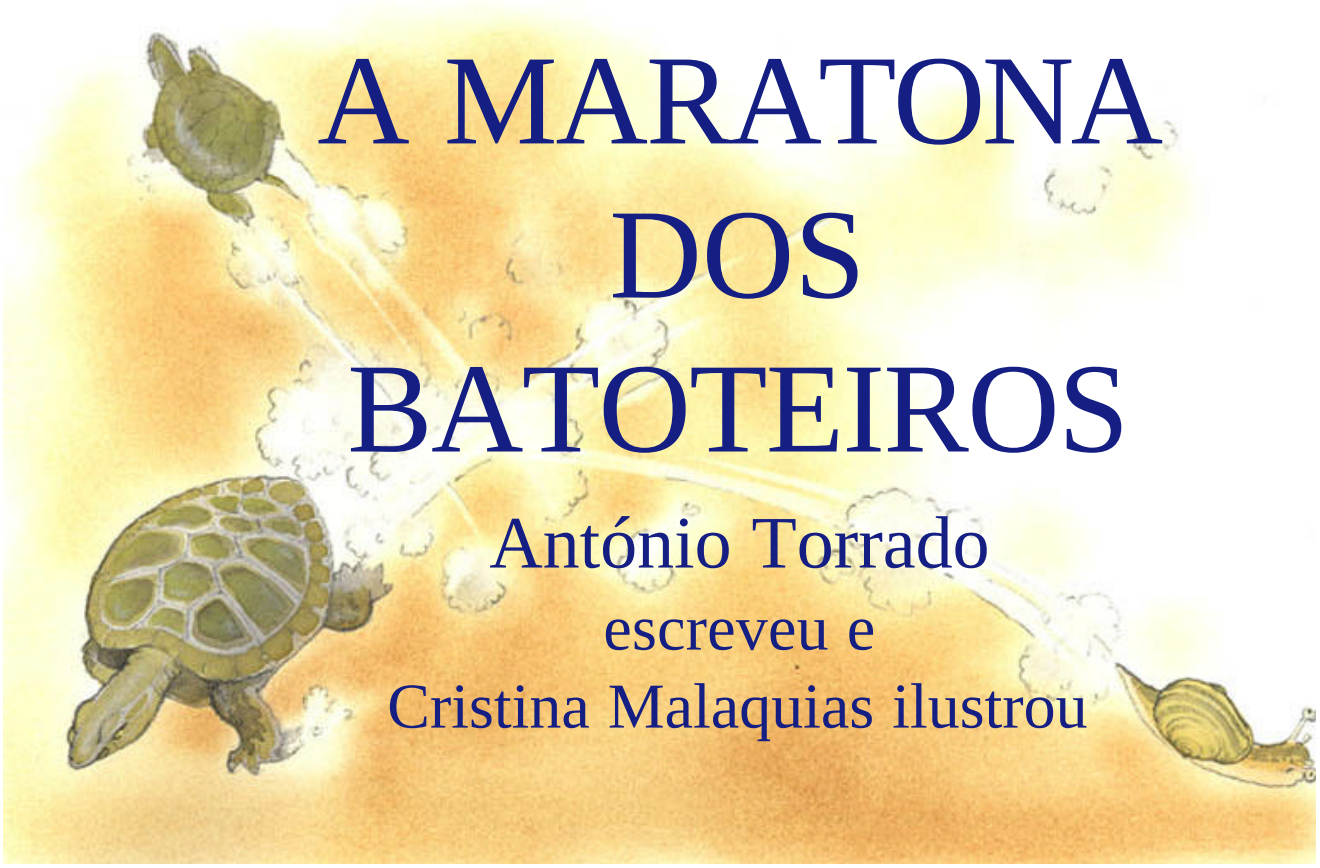
O resto está-se mesmo a ver. Dissolveram-se no banho de vinagre as pérolas de ambos os colares. Dissolveram-se no banho de vinagre as pérolas de ambos os colares. Só sobraram para amostra fios e fechos, tão valiosos como duas espinhas de peixe.

E as duas jovens, depois de chorarem muitas lágrimas, abraçadas uma à outra, lá tiveram de ir para o baile sem os seus preciosos colares.

Pobres das ostras que tanto trabalharam a acrescentar, a arredondar e a aprimorar as suas maravilhosas pérolas, para que assim se perdesse o labor de tantos anos num bochecho de vinagre. Dá que pensar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



A MARATONA DOS BATOTEIROS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O cágado, a tartaruga e o caracol foram fazer uma corrida.

– Qual de nós é o mais veloz? – tinha desafiado o caracol.

Cada qual se sentia mais rápido do que os outros dois, mas, à cautela, cada um tinha preparado o seu plano secreto para ser o vencedor.

Quem deu o sinal de partida foi a lebre:

– Um, dois, três… Partida! Despachem-se.

Mais parecia que os três corredores nem tinham ouvido… Na dúvida, a lebre repetiu:

– Um, dois, três. Partida!

O cágado protestou.

– Basta! Não me atrapalhes, que vou na esgalha.

A tartaruga resmungou:

– Chega! Não me enerves, que vou na mecha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O caracol irritou-se:

– Cala-te! Não me distraias, que vou de foguete.

Devagarinho, cada um tomou o seu caminho.

O cágado dirigiu-se para um quartel de bombeiros e entrou para uma ambulância.

A tartaruga orientou-se para um stand de automóveis e subiu para um carro de corridas.

O caracol procurou uma estação de caminhos-de-ferro e trepou para uma locomotiva.

Só que…

Só que a ambulância, onde o cágado se escondera, foi participar numa procissão e depois voltou ao quartel.

Só que o carro de corridas, onde a tartaruga se enfiou, foi mostrar-se a uma exposição de automóveis e depois voltou para o stand.

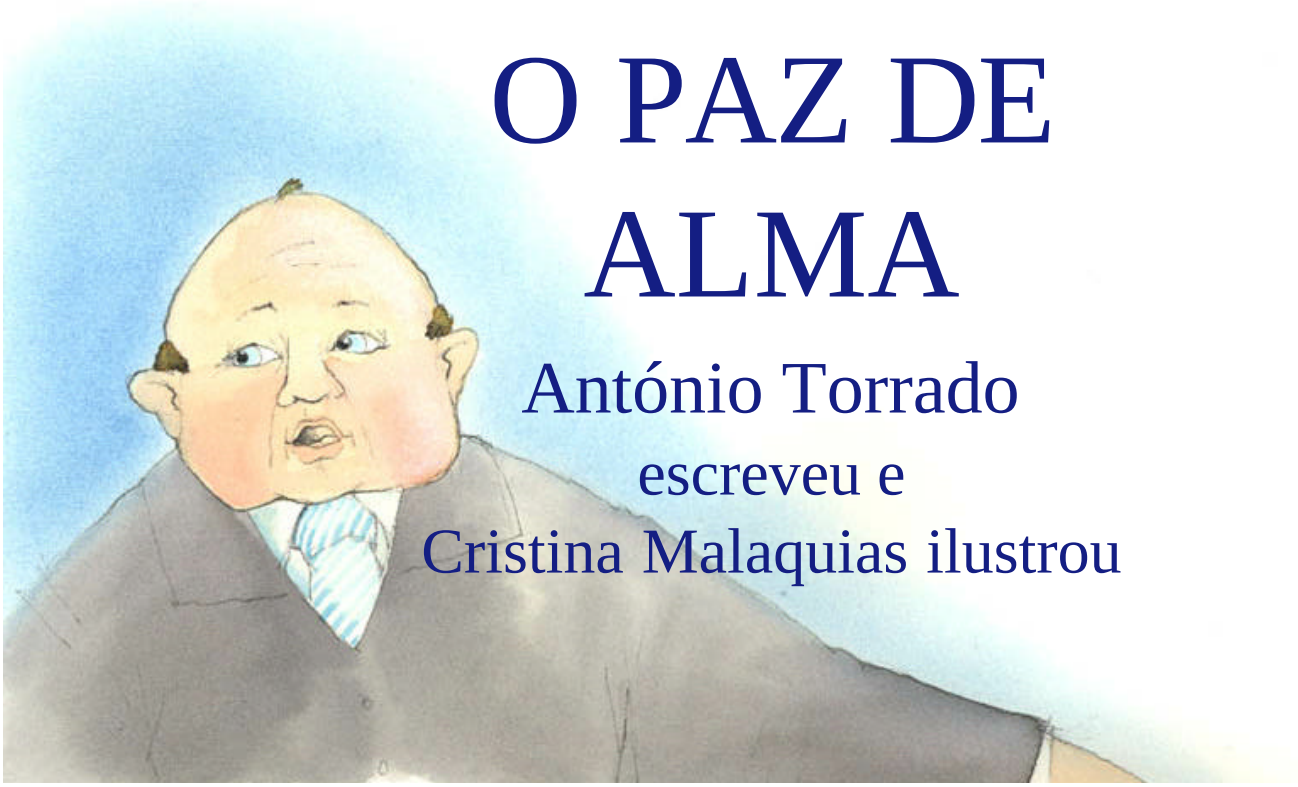
Só que a locomotiva, onde o caracol se meteu, foi fazer umas manobras e depois voltou para a oficina.

– Nunca mais chegam? – impacientou-se a lebre, na meta da corrida, há que tempos.

Não chegam, nem chegarão. E, por este andar, os três batoteiros, que se perderam da corrida, ainda vão ter de palmilhar muita estrada até descobrirem de novo a linha de partida.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



O PAZ DE ALMA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Aquele senhor ali, de calva rosada e redonda, olhos pestanejantes de menino velho, bochechinhas caídas, da cor da calva, tem mesmo ar de boa pessoa. Uma jóia. Uma raridade. Um paz de alma.

Todas as manhãs se senta à mesma mesa do nosso café do bairro e pede numa voz mansa, de palavras pronunciadas sílaba a sílaba:

– Se faz favor trazia-me uma meia de leite, mas não muito quente, acompanhada por um queque, de preferência ainda quentinho…

E ri-se, suavemente, do seu capricho guloso.

Pois no outro dia, entrou um desconhecido de rompante, lá no café, que se dirigiu sem hesitação ao senhor, a meio da sua chávena meia de leite.

– O senhor é que é o Abílio Gomes, não é? – perguntou ele, de dedo apontado, com muito maus modos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E sem esperar pela resposta, nem sequer dar tempo ao senhor para poisar a chávena, pregou-lhe uma bofetada de todo o tamanho e saiu disparado, tal como entrara.

Esparramou-se o conteúdo da chávena, que se partiu mais o pires, no lajedo do café.

Eu, que estava perto, ainda apanhei uns salpicos.

Entretanto, o senhor, de bochechas muito mais rosadas do que o costume, mamava, imperturbável, o resto do queque, ensopado de café.

Indignei-me:

– Então o senhor apanha uma bofetada destas e fica-se?

Acabando de engolir o queque, o senhor só respondeu:

– O caso não era comigo. Deve ter sido engano. Eu nem me chamo Abílio…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A FORÇA DA PULGA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O homem das forças achou uma pulga. Prendeu-a entre os dedos e disse-lhe:

– És um ser insignificante e reles. Como te atreves a aparecer ao pé de mim, que sou o homem mais forte do mundo?

Respondeu a pulga:

– Fraca serei, mas, se eu quiser, levanto-te em peso. Aposto contigo.

O homem riu-se da prosápia da pulga. Ia a castigá-la pelo atrevimento, mas ela escorregou-lhe pela polpa dos dedos e desapareceu.

Estava já o homem das forças a dormir, quando a pulga se chegou, de novo, a ele. Passeou pelos lençóis e procurou-lhe o quente do corpo. Num sítio azado, por altura dos rins, ferrou-lhe uma grande dentada.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

O homem, que estava no mais fundo do sono, mesmo assim, sentiu-se. Ergueu o corpo, apoiando-se na nuca e nos calcanhares e coçou, instintivamente, o lugar picado.

A pulga escapuliu-se-lhe às unhas e pregou-lhe outra ferroada, no mesmo sítio. Mais se arqueou o corpo do homem das forças, levantando ainda mais alto os lençóis que o cobriram.

Quem não soubesse a razão destes movimentos, acharia que o homem estava a ser soerguido e levado ao colo por uma escondida força, superior à dele.

E estava.

O homem das forças acordou, atormentado pela comichão, mas a pulga nem se deu ao trabalho de cobrar-lhe a aposta. Com certos casmurros, quanto menos conversas, melhor.

E, aqui para nós, com aquelas duas chupadelas de sangue já se sentia bem paga…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

PODIA SER PIOR

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um viajante que se perdeu no deserto. Não sei se já andaram no deserto, mas se não andaram, imaginem.

É fácil uma pessoa perder-se no deserto. Não há sinais de trânsito nem setas a apontar. Não há ninguém a quem perguntar o caminho. Nem sequer há caminho.

Só areia, areia, areia, a perder a vista. Uma maçada.

Pois este viajante, que se tinha perdido no deserto, desesperado, pôs-se a gritar:

– Acudam-me, acudam-me, senão eu morro de sede, de fome, de calor…

Um escorpião do deserto condoeu-se da aflição do viajante e disse-lhe:

– Foge senão eu pico-te.

Os escorpiões são venenosos, não sei se sabem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O homem, ainda mais assustado, correu, à frente do escorpião.

– Segue adiante ou eu mordo-te – gritava-lhe o escorpião de tenazes ameaçadoras, sempre atrás dele. – Agora, inflecte para a esquerda… Agora corta à direita…

O desesperado viajante, a puxar pelas últimas forças, corria a bom correr guiado pelas ordens do escorpião, que não lhe largava a sombra.

Assim chegou a um oásis, com tamareiras e um poço de água fresca. Estava salvo.

Olhou para trás e viu que o escorpião estacara. Devia agradecer-lhe. Em vez disso pegou numa grande pedra e atirou-lha, gritando:

– Maldito escorpião.

Felizmente que o escorpião se desviou a tempo, caso contrário esta história teria um fim bastante desanimador.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

QUEM É O REI?

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O velho leão acordou mal disposto. Para desanuviar o corpo e o espírito saiu da gruta e, majestosamente, foi dar o seu passeio matinal.

Encontrou um leopardo e perguntou-lhe:

– Ouve lá, ó tu, quem é o rei da selva?

O leopardo, a tremer, respondeu:

– És tu, poderoso leão.

Depois, encontrou uma hiena e perguntou-lhe:

– Ouve lá, ó tu, quem é o rei da selva?

– És tu, poderoso leão – respondeu a hiena, atarantada.

Mais adiante, encontrou um gato do mato e perguntou-lhe:

– Ouve lá, ó tu, quem é o rei da selva?

– És tu, poderoso leão – respondeu o gato do mato, num grande pânico.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A seguir, encontrou um enorme elefante e fez-lhe a mesma pergunta. O elefante nem lhe respondeu. Enrolou-o com a tromba e atirou-o de encontro a uma árvore. Meio desfeito com o embate, todo amachucado, o leão levantou-se com dificuldade e queixou-se:

– Há bichos que são mesmos brutos. Lá porque não sabia responder, pedia-me para eu lhe fazer outra pergunta. Perguntar não ofende e não saber não é vergonha.

Mas o elefante já ia longe e não o ouviu.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UMA HISTÓRIA DE ENCANTAR COM BATATAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Um camponês, que vivia no meio das serras, só tinha a filha por companhia. Por sinal que era uma linda menina.

Estava ele a semear batatas e apareceu-lhe um morcego.

– Vou casar com a tua filha – disse-lhe o morcego.

– Tu? – indignou-se o pai da menina. – Quem te dá autorização para tal?

– Hás-de tu dar-me – respondeu-lhe o morcego. – Eu sou muito rico. Descobri um tesouro, numa gruta. Anda ver.

Foram ver. Era verdade.

O camponês ficou muito embaraçado. Ele só queria o bem da filha e aquele tesouro podia proporcionar-lhe tudo o que ela desejasse. Mas casá-la com um morcego era demais. O camponês, então, levantou a sacholа e deu uma sacholada no morcego.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O pobre bicho, que não esperava esta recompensa, cambaleou, esvoaçou, desamparado e fugiu pela entrada da gruta.

"Não há-de ir longe", pensou o camponês, fechando à chave o cofre do tesouro e metendo a chave no bolso.

Não foi longe, não. Com uma asa fendida, o morcego foi embater de encontro à vidraça da janela do quarto da filha do camponês.

– Pobre bichinho – condoeu-se a rapariga. – Quem te teria feito tanto mal?

Em socorro do morcego, a boa moça ligou-lhe a asa ferida com muita meiguice e aninhou-o num cesto da cozinha.

– Vou tratar de ti até tu ficares bom – prometeu-lhe a menina, fazendo-lhe uma festa na feia cabeça de rato.

– E espero que de mim trates para sempre, gentil menina – disse o morcego, transformando-se, num repente, em príncipe, daqueles dos contos de fadas.

Era, como se vê, um príncipe encantado, que a filha do camponês desencantara. Ainda bem.

Quando o camponês regressou a casa, com uma das mãos no bolso, agarrada à chave do cofre, e a outra a segurar o cabo da sachola, quando o camponês regressou a casa e viu o príncipe e a filha de mãos enlaçadas, não gostou da surpresa.

Mas a menina explicou tudo e o príncipe apressou-se a pedir-lhe a mão da filha em casamento.

– Pretendentes não te faltam – comentou o camponês para a filha. – Ainda há pouco um morcego nojento se atreveu a pedir-me o mesmo. Mas eu atirei-lhe uma cacetada com o sacho.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Que ainda me dói o ombro – acrescentou o príncipe, sorrindo.

O camponês ficou muito atrapalhado. Para mais, havia aquela história do tesouro, onde ele não se portara muito bem.

Mas o príncipe, como se lhe lesse os pensamentos, tranquilizou-o.

– Guarda para ti a chave do tesouro. Tudo o que o cofre contém passa a pertencer-te. E espero que, nas tuas mãos, se multiplique.

Sendo assim, o camponês condescendeu em que o príncipe desencantado lhe levasse a filha para o seu palácio, que ainda era longe.

Depois de tantas emoções, merecia descanso. Quando a filha e o noivo abalaram, o camponês voltou à gruta, onde estava o cofre. Queria contemplar e sopesar toda a sua riqueza.

Mas não querem lá ver?! Então o ouro não se transformara em batatas, batatas de semente?! Mágicas… Malícias mágicas de um príncipe, que fora morcego…

Podia ser pior – comentou, conformado, o camponês, que sabia o valor das batatas de semente e já imaginava o extenso batatal que aquelas batatas iriam proporcionar-lhe.

Mas, para consegui-lo, muito teria ele de dar à sachola…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O SENHOR APARÍCIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Há pessoas que são convidadas para banquetes de muita cerimónia, mas que se portam com grande falta de cerimónia.

O senhor Aparício é um deles.

Há tempos, o senhor Aparício foi a uma festa. Era à tarde. Pois o senhor Aparício nem almoçou, para estar com o estômago mais vazio, quando chegasse a ocasião de enchê-lo de graça.

Comeu que se fartou e, para ir prevenido com o jantar, quando voltasse a casa, encheu, disfarçadamente, os bolsos de provisões. Croquetes, bolos e bolinhos, tudo ia para as algibeiras.

De repente, sentiu a perna direita escaldada. Voltou-se e viu o criado entornar-lhe o bule de chá pela algibeira abaixo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Mas o que é isto? – perguntou ele, furioso.

Respondeu-lhe o criado, imperturbável:

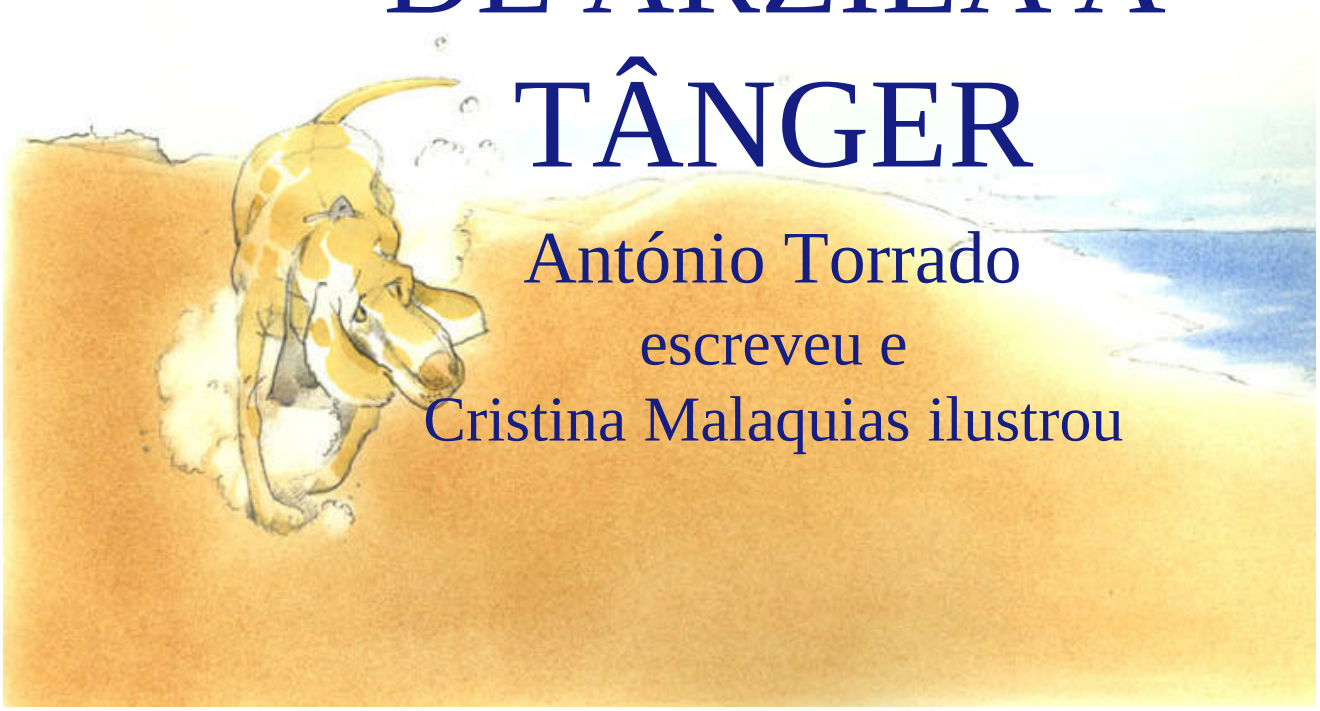
– Peço perdão, mas como o senhor leva os bolos, pensei que também quisesse levar o chá.

Enquanto se lembrar desta vergonha, o senhor Aparício não vai voltar a fazer o mesmo. O pior é que ele é muito esquecido.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DE ARZILA A TÂNGER



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Houve um tempo em que os reis de Portugal detinham, entre outros territórios ao seu mando, umas tantas cidades fortificadas do Norte de África. Uma delas Tânger. Outra, Arzila.

Ora aí pelos começos de 1503, o governador português de Arzila soube que os mouros de Fez preparavam, às escondidas, uma expedição para cercar Tânger. Pretendiam uns tantos infiltrar-se na cidade, sob o disfarce de mercadores, para ajudarem à conquista, quando o exército mouro, a coberto da noite, tentasse escalar as muralhas da cidade. Era um bom plano, mas…

Mas se fosse possível avisar a tempo o governador militar de Tânger, ia o plano por água abaixo. Avisar como? Nessa época não havia correios nem telégrafos nem faxes nem telefones.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Podiam enviar um emissário, pois podiam. O pior era se o cavaleiro era interceptado pelas hostes inimigas, que iam já a caminho.

Estava o governador de Arzila a congeminar, sem se decidir, quando ouviu uns latidos, vindos da cerca do quartel.

– É a cadela do Pedro de Castro, com saudades do dono, que pertence à guarnição de Tânger – esclareceu um oficial.

– E porque não foi a cadela com ele? – quis saber o governador.

– A cadela estava à espera de cachorrinhos. Eles já nasceram, já os amamentou e agora, se a gente a desprendesse, era capaz de saltar tudo para ir ter com o dono.

– E há-de ir – disse o governador, tomado de uma súbita ideia.

Trouxeram a cadela, muito esperta e meiga, ataram-lhe aos pescoço um saco pequeno, que continha uma carta enrolada, e levaram-na para as portas da cidade de Arzila.

– Vai avisar o teu dono – disseram à cadela, dando-lhe uma palmada no lombo.

Foi o que ela quis ouvir. Fareja aqui, fareja ali, a cadela correu pelo deserto, ultrapassou caravanas, ladeou oásis, venceu dunas e passou, sem se dar a conhecer pelo exército mouro, acampado num desfiladeiro, à espera da noite do ataque.

Muito cansada e dorida, entrou em Tânger, orientou-se por ruas e ruelas e foi descobrir Pedro de Castro, a almoçar com o governador. Que grande alegria para o bicho e para o dono!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Ela traz um saquitel pendurado ao pescoço – chamaram à atenção alguns dos presentes.

Foram ver. Era a carta com o aviso.

Logo o governador de Tânger mandou tomar providências.

Fecharam as portas da cidade. Dobraram as atalaias, redobraram as defesas e, assim, a cilada que os mouros queriam armar não surtiu efeito.

A cadelinha salvara muitas vidas e uma fortaleza do reino. Era uma heroína, com direito a título de registo, na História de Portugal. Mas se nem sequer lhe sabemos o nome…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

JANTAR DE ASSOBIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Fulano apostou com Beltrano que havia de conseguir jantar naquele restaurante, ali da esquina, sem pagar cheta.

O caso passou-se assim. Fulano sentou-se a uma mesa e veio o empregado informar:

– Temos sopa de agriões. Deseja sopa?

O nosso amigo Fulano limitou-se a soltar duas assobiadelas, que o criado interpretou à sua maneira, trazendo-lhe um prato de sopa.

A seguir, o criado perguntou ao silencioso cliente se queria provar uma dobrada à moda do Porto, acabadinha de fazer. Mais duas assobiadelas de resposta.

Veio a dobrada.

E assim sucessivamente, o vinho, a fruta, o doce. Por fim, a conta.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Aqui chegado, Fulano rejeitou o papelinho com a despesa do jantar. E pela primeira vez falou:

– Não pago.

Chamado pelo criado aflito, veio o dono do restaurante, que ouviu esta explicação de Fulano, muito seguro das suas razões:

– Eu nunca pedi nada. O empregado vinha e perguntava se eu queria isto e aquilo. Eu assobiava e ele trazia a comida. O que é dado, nunca se recusa. Mas como nunca pedi, não devo nada.

E Fulano saiu do restaurante, todo emproado, de palito na boca, perante o pasmo do patrão e do criado.

Beltrano, que o esperava cá fora e a tudo assistira, através da montra do restaurante, teve de dar-se por vencido. Fulano ganhara a aposta e um jantar de graça.

Mas Beltrano não se conformou e, à sua conta, resolveu, no dia seguinte, fazer o mesmo que Fulano fizera.

Encontrou Cicrano e perguntou-lhe:

– Queres apostar em como eu vou ali àquele restaurante jantar sem gastar um tostão?

Cicrano encolheu os ombros, mas apostou.

Quando Beltrano se sentou a uma mesa e o criado veio com a terrina da sopa, as duas assobiadelas do freguês puseram o empregado de sobreaviso.

Foi a correr, lá dentro, avisar o patrão:

– Está cá outro com a mesma história dos assobios. O que é que eu faço?

– Pergunta-lhe se ele quer mais sopa – disse o patrão, arregaçando as mangas da camisa.

Aos dois assobios, criado e patrão agarraram em Beltrano e correram-no do restaurante, a pontapés.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Há receitas que resultam uma vez, mas à segunda mais vale não experimentar. O Beltrano aprova o que aqui fica dito, soltando dois tristes assobios.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CÃO QUE NÃO PARECIA CÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Acreditem ou não acreditem, a verdade é que, uma vez, há muitos anos, eu tive um cão tão felpudo, tão peludo, tão cabeludo que, ao vê-lo, a gente mal se convencia que fosse cão. Ao certo, ao certo, não parecia nada, não parecia coisa nenhuma.

Só com muita boa vontade é que se acreditava que, dentro daquele rolo de pêlos, devia haver bicho, provavelmente um cão. Mas de que lado teria ela a cabeça? Nessas alturas, era necessário agitar um osso, um bocadinho de carne ou uma bolacha, perto daquela coisa confusa, que parecia um cão. O lado que ficasse mais perto do osso, do bocadinho de carne ou da bolacha era, sem sombra para dúvidas, a cabeça. Esta experiência só dava resultado quando o cão tinha apetite.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Nas outras ocasiões, que fazer? Esperar que o cão tivesse vontade de passar por uma árvore… E se o cão não tinha apetite nem vontade de fazer chichi?

Em tais casos, a coisa complicava-se. Ou se arranjava um gato para o cão lhe ladrar ou nada feito.

– Bichinho gato! Bichinho gato! Anda cá fazer um jeitinho à gente.

Mas os gatos são pouco amigos de prestar favores. Já imaginaram um gato a caçar por conta de um caçador? Não faz sentido. Os gatos trabalham, pois trabalham, mas só por conta própria.

Portanto e por este lado, o dos gatos, nada feito, isto é, se continuássemos na dúvida sobre qual o lado da cabeça e qual o outro lado do cão felpudo, só havia uma solução.

– Qual era?

Ia-se buscar uma grande tesoura e dizia-se assim ao cão felpudo:

– Não há remédio. Temos de tosquiar-te.

Então, o cão felpudo, ao ver a tesoura e ao ouvir o que ela prometia, apanhava um susto tão grande, tão grande, que ficava com os pêlos todos em pé.

Conseguia-se assim e finalmente descobrir de que lado ele tinha a cabeça.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS RATOS DAS BOTAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram dois ratos e cada um vivia na sua bota. Mas viviam um tanto afastados, porque, embora as botas fossem irmãs e em tempos tivessem caminhado juntas, os ratos que as habitavam, por razões que não vêm para o caso, andavam de mal um com o outro.

Por isso estavam as botas de costas voltadas, isto é, de calcanhares voltados, como as botas de Charlot.

Mas, num dia de grande temporal, o vento soprou a valer por aqueles sítios e empurrou uma das botas em direcção à irmã, que também se deslocou com a ventania.

– Quem está aos pontapés à minha casa? – irritou-se um dos ratinhos, muito assustado com a tempestade.

O vento puxou a chuva que, cada vez mais forte, alagou aquele cantinho do mundo onde estavam as botas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Ora botas! Já nem se vive em sossego na nossa própria casa – lastimou-se um dos ratinhos.

Graças à proximidade, o outro rato ouviu o vizinho queixar-se e também se lamentou:

– Casas velhas e mal calafetadas não dão segurança nenhuma. Ora botas! Ora botas!

Que o pior ainda estava para vir. Quando a água da chuva inundou aquelas paragens, e a corrente deu em rio, as duas botas foram arrastadas na chuva e rolaram, muito trangalhadanças, sobre pedras e seixos.

– Ora botas! Em vez de casa, um barco – desesperava-se um ratinho.

– Ora botas! Em vez de bota, um bote – desesperava-se o outro ratinho.

Amainou a tempestade, estancou a chuva e as duas botas acabaram poisadas, lado a lado, num montinho de areia.

Os dois ratos, quando sentiram que o perigo tinha passado, saíram ao mesmo tempo das respectivas botas, isto é, das respectivas casas.

– Que viagem mais tormentosa – queixou-se um.

– Nunca mais acabava – queixou-se o outro.

Sem darem por isso estavam a falar um com o outro.

– Mas o sítio é bonito.

– E tem bom ar.

– E boa vista.

– E bom piso.

Um dos ratinhos apontou para a bota, isto é, para a casa do outro, e reparou:

– Tem as persianas todas escangalhadas.

Eram os atacadores fora das ilhós e deslaçados.

O outro ratinho retorquiu:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– As suas persianas também precisam de arranjo. Eu ajudo-o.

Passaram a tarde a consertar as casas e, com a boa ajuda um do outro, o trabalho rendeu muito. Vão agora, segundo combinaram, fazer uma vedação para proteger uma horta, que querem cultivar a meias.

Ficaram outra vez dois ratinhos amigos, e as botas, aliás as casas geminadas, são bem prova disso.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LUA CHEIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

14 de Fevereiro
Dia dos Namorados

O jovem hipopótamo olha-se no espelho do lago e diz, tristemente:

– Sou tão feio! Tenho a boca enorme, dentes separados, uns olhos de choro, orelhas ridículas e um corpo… oh, um corpo tão deselegante, tão desajeitado que nunca vou poder dançar com ninguém.

O jovem elefante também se olha no espelho do lago e diz, tristemente:

– Sou tão feio! Tenho uma tromba imensa, orelhas de abano, olhinhos piscos e um corpo… oh, um corpo tão trangalhadanças e descomunal que nunca vou poder jogar às escondidas com ninguém.

Mas, quando o jovem hipopótamo, depois de, tristemente, se ter mirado no espelho do lago, levantou a cabeça, viu, na outra margem, uma jovem hipopótama.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Que linda! – exclamou. – Tem uma boca grande e expressiva, dentes bem implantados, uns olhos enternecidos, orelhas mimosas e um corpo tão elegante que apetece logo convidá-la para dançar.

Também o jovem elefante, depois de, tristemente, se ter visto reflectido no espelho do lago, ao levantar a cabeça, deparou com uma jovem elefanta, na outra margem.

– Que encantadora! – exclamou. – Tem uma tromba ondulante, orelhas cheias e contentes, uns olhinhos maliciosos e um corpo tão resplandecente de vida que apetece logo pedir para jogar às escondidas com ela.

É de ficar por aqui.

A estas horas, o jovem elefante e o seu par jogam às escondidas, correm, perseguem-se, riem, à beira do lago. Que felizes que eles estão!

Estão eles e estamos nós. Até a Lua, bem redonda e festiva, que sobe pela noite, se debruça lá do alto, para não perder nem um pouco de perfume da Primavera, a despontar na terra, nos animais, nas plantas, em tudo o que é vida e anuncia a felicidade.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NEGÓCIOS COM LOBOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Esta história custa a contar, mas há histórias assim, tristes, que servem de lição e aviso, para que não voltem a repetir-se os aconteceres que elas relatam. Nem pouco mais ou menos.

Quem me confiou a fábula que vão ouvir foi um pastor. Soubera-a do avô, que também tinha sido pastor, que a ouvira do avô e ele, por sua vez, do avô dele, numa correnteza de netos e avós que mergulhava no princípio dos tempos. Tão antes de tudo a história se passara, que vinha do tempo em que os animais falavam ou, dito de outro modo, em que os homens e os bichos na mesma língua se entendiam.

Nesse tempo, os animais também contavam histórias aos homens. Esta, no princípio, foi contada por uma ovelha ao primeiro de todos os pastores.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E chega de prólogos. Vamos ao que interessa.

As ovelhas e os lobos, que andavam em guerra, resolveram fazer uma trégua na luta. Foram os lobos que a propuseram.

Reuniram-se as duas partes em negociações e, ainda por sugestão dos lobos, decidiram trocar reféns. Para que a trégua durasse até culminar numa paz duradoira, os lobos entregavam à guarda das ovelhas os seus lobinhos e exigiam, em troca, os filhos das ovelhas . Explicavam eles:

– Não lhes faremos mal nenhum, porque se o fizéssemos e regressássemos à guerra, vocês vingavam-se nos nossos lobinhos. Só assim se poderá garantir, para sempre, a paz entre nós.

As ovelhas concordaram. Custava-lhes a separação dos seus cordeirinhos, mas admitiram que não custaria menos aos lobos o apartarem-se dos filhos. Igual por igual.

Foram os lobos pequenos viver para o meio do rebanho das ovelhas. Eram tratados com toda as atenções. Identicamente, os cordeiros, no covil dos lobos, recebiam alimento em abundância, com que encorpavam e cresciam.

Quando, gordos que estavam, os cordeiros se transformaram em belos carneiros e formosas ovelhas, os lobos saltaram sobre eles e comeram-nos.

Pela mesma altura, os lobinhos, que já estavam lobos crescidos, fizeram igual razia, no rebanho das ovelhas.

História terrível, como eu tinha avisado. Mas a partir dela nunca mais nenhuma ovelha nem nenhum bicho pacífico quis ter negócios com lobos. Para que se saiba.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

JOCA E OS LOBOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Naquelas manhãs frias, frias, frias, em que as ruas que vão dar à escola estão como gelo e as frieiras dos pés ardem, por dentro das botas, e o nariz pinga, por fora do cachecol, o Joca, ainda no quente fofo da cama, põe-se a tiritar de falso medo.

Joca: Mãe, mãe, hoje é o Dia Mundial do Lobo.

Mãe: Não sabia dessa. Mas levanta-te. Despacha-te.

Joca: Hoje é o dia de protecção ao lobo, que é um animal que está a acabar.

Mãe: Uma espécie em vias de extinção, queres tu dizer. Mas levanta-te.

Joca: Hoje não se pode fazer mal aos lobos. Eles vão andar por todo o lado, aos montes…

Mãe: Em alcateia, queres tu dizer. Despacha-te.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Joca: E não se lhes pode fazer mal. Vão andar nas ruas, nos autocarros, à porta das escolas…

Mãe: O que tu queres dizer sei eu, Joca. Deixa-te de invenções e despacha-te.

Joca: A nossa professora vai convidar lobos para comerem connosco, na cantina.

Mãe: Boa ideia. Partilhas com eles do teu almoço. Levanta-te, Joca, que já estás atrasado.

Joca: Mas os lobos comem imenso e não gostam de sopa nem de alface nem de pastéis de bacalhau. Eu tenho medo de, logo à noite, não chegar a casa inteiro.

Mãe: Chegas. Tenho a certeza. Levanta-te, Joca, ou puxo-te por um braço e sais da cama magoado.

Joca: Os lobos vão fazer ginástica connosco. E vão jogar à bola, no recreio. Sabias que os lobos não gostam de perder?

Mãe: Não sabia nem isso, agora, interessa. Levanta-te, Joca.

Joca: Quando os lobos perdem, dão dentadas nos outros.

Mãe: Nos adversários, queres tu dizer. Mas, se assim acontecer, o árbitro expulsa-os do jogo.

Joca: Mas os árbitros, hoje, são todos lobos. Estão feitos com eles.

Mãe: Já chega, Joca. Levanta-te ou eu zango-me. E, quando eu me zango, uivo.

Joca: Tu uivas, mãe?

Mãe: Claro que uivo. Queres ouvir: Uh! Uh! Uh! Se não sais da cama como-te cru.

O Joca riu-se. Fartou-se de rir. E a rir-se, desmanchou a cama e saltou para o chão.

Joca: Tenho uma mãe-loba! Tenho uma mãe-loba!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mãe: E tu és o meu lobinho.

Joca: Somos lobos. Uh! Uh! Uh! Hoje é o nosso dia.

Mãe e filho juntaram num abraço riso e uivos, como numa gruta de lobos felizes. Daqueles dois seria sempre cada dia, fizesse o frio que fizesse lá fora. O calor do abraço deles estava ali pronto para vencer e derreter o gelo todo do mundo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A MAIOR DE TODAS AS RÃS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Dizia-se a maior rã de todas as rãs que havia no mundo. Realmente, era grande. Grande e luzidia, no charco onde habitava, mais nenhuma bicheza se lhe comparava em tamanho. Também, para além da rãs, só havia mosquitos.

– Sou o maior bicho do reino animal – dizia a rã gorda, que nunca tinha saltado para fora daquele charquinho de nada, nem uma única vez.

As outras rãs não quiseram contrariá-la. Também eram pouco viajadas.

– Além de ser o maior bicho do reino animal, sou o mais forte, o mais corajoso, o mais bonito, o mais inteligente, o mais…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando ela se punha com esta discursata, adeus. As outras rãs mergulhavam, para não terem de ouvi-la.

Até que, um dia, foi beber ao charco um boi. A sombra dele toldou o Sol.

– Venha ver, colega, um bicho tamanhão, mil vezes maior do que a sua gabarolice – disseram à rã matulona as colegas rãzinhas, a estremecerem de riso.

Ela já o tinha visto, mas fez de conta que não ligava.

– Se eu quiser, fico do tamanho dele ou até maior – disse. – O meu volume está muito concentrado, querem ver?

As outras queriam. Puseram-se à roda dela, a gritarem:

– Cresça e apareça. Cresça e apareça.

A rã gorda fez-lhes a vontade. Engoliu ar e a pele do ventre distendeu-se.

– Mais, mais – gritaram as outras rãs, como se estivessem num circo.

Ela inspirou mais e mais, que até parecia uma câmara de ar ou um colchão de praia.

– Ainda mais – incitavam-na as colegas.

A rã já tinha a forma de um balão. Nada que se parecesse com um boi, mas nunca se vira rã tão batoque como ela. Tinha a pele de tal forma esticada que se lhe via tudo por dentro.

– Mais, mais – gritavam as outras.

E ela, naquela vontade de ser maior do que um boi, engoliu mais ar, tanto, tanto que rebentou. Pum!

O boi assustou-se e fugiu. As rãs enfiaram-se para dentro de água, nem que tivesse acabado o mundo.

Quando a calma regressou ao charco, voltaram à superfície, numa grande excitação. Não falavam de outra

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

coisa senão daquela rã presumida que quisera igualar-se a um boi.

Ainda hoje é a conversa preferida das rãs, quando coaxam umas com as outras, em noites de Lua Cheia.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A BOLA DE PINGUE-PONGUE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma bola de pingue-pongue.

Um dia, a bola de pingue-pongue disse assim:

– Já chega de andar aos trambolhões de um lado para o outro: encontrão daqui, safanão ali, toma lá, dá cá e volta ao princípio, numa roda viva entres duas senhoras raquetes. Afinal nunca passo da mesma mesa.

Realmente, aquela vida de tão, badalão, e torna e deixa o pingue e pongue e pongue e pingue cansava qualquer um, quanto mais uma bola de pingue-pongue com aspirações a outros voos…

– Ainda se fosse uma bola de futebol – suspirava ela. – Corria o campo de lés a lés e, quando fugisse para dentro das redes, punha tudo a gritar: goooolo! Era mais emocionante. Mas, mesmo assim, deve haver melhor destino.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

É que havia mesmo. E a pequenina bola de pingue-pongue queria conhecê-lo. Ser bola de futebol, de basquetebol não lhe bastava. O que ela queria era correr mundo!

E foi. Saltaricou da mesa para o chão, desceu escadas, escorregou por colinas, e foi ter – vejam bem a sorte que ela teve! – e foi ter a um sítio muito especial, que era assim a modos que um centro espacial. Deste centro especial espacial atiravam para os céus bolas e bolinhas, que uma vez lá de cima, a dançar no meio dos astros, lançavam para a terra uns sinais esquisitos – bip! bip! bip! – como se fossem grilos… Mas não eram grilos essas bolas espaciais. Eram satélites dos artificiais.

– Se as outras conseguem, também eu hei-de conseguir – pensou a bola de pingue-pongue.

Ela que sabia dizer "pingue" e "pongue", e "pongue" e "pingue", depressa aprendeu a dizer "bip!" "bip!" "bip!". Não custava nada.

E lá foi pelos ares, viajante do espaço, à roda do mundo, tão redondo como ela.

– Ena tantas bolas! – exclamou a bola de pingue-pongue, quando se viu lá no alto, a rodar entre planetas. – Afinal somos todas da mesma família. Umas maiores, outras mais pequenas, mas redondas todas. Que seria do mundo, se não fossem as bolas…

E, de contente que estava, soltou um "bip! bip!" mais forte, que atravessou o espaço e atarantou as estrelas lá do fundo.

– Tirem-me de ao pé de mim este satélite maluco. Não consigo dormir em paz – gritou a Lua, que é assim uma espécie de bola de pingue-pongue, mas em grande.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Os sábios fizeram a vontade à Lua e mandaram descer a nossa bolinha de pingue-pongue.

– Estou satisfeita – contou a bola, ao regressar à Terra. – Vi o que queria e fiquei consolada de ver tantas bolas irmãs a navegar pelo céu. Agora quero repousar.

Mas onde? Numa gaveta não parecia bem. Era um fim pouco digno para uma bola que correra tantas aventuras. Então um dos sábios, olhando para o calmo jardim do centro espacial, teve uma ideia – ou não fosse ele um sábio…

Equilibrou-a no alto de um repuxo no meio do tanque do jardim.

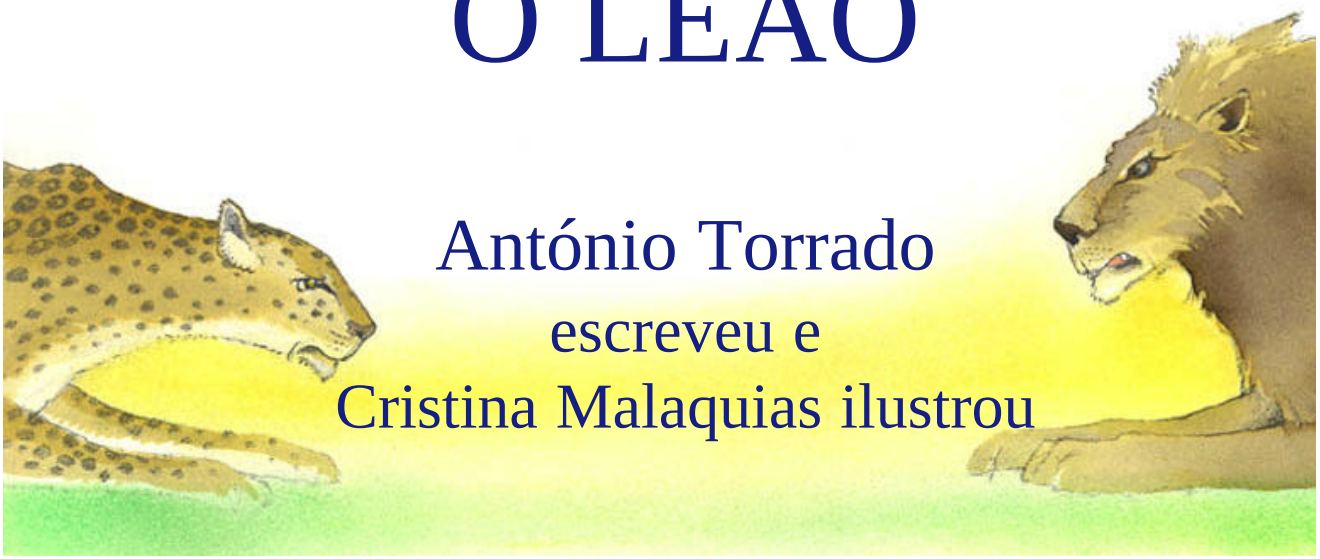
Depois de ter visto tudo, de ter rolado e saltitado pelo espaço além, a bola descansa, a recordar o que vira. E suspira, satisfeita:

– Está-se bem aqui.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A PANTERA E O LEÃO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Esta história contou-ma um amigo meu que esteve em África. Fala de panteras e de leões.

A pantera tinha caçado um cabrito. Preparava-se para comê-lo, quando apareceu o leão.

– Pantera, não toques nesse cabrito – rugiu o leão.

– Mas fui eu que o cacei – protestou a pantera.

– Não toques, já disse. Eu é que mando. Eu é que decido.

Como se vê, o leão abusava do seu título de rei da selva.

A pantera não quis teimar mais. Mas o caso não ficava assim…

Matutando no que havia de fazer para recuperar o seu cabrito, a pantera foi ter a uma praia cheia de conchas. Aí estava uma ideia!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A pantera recolheu uma quantidade de conchas, enfiou-as num cordão e voltou para junto do leão, que estava a dormir. Já tinha comido metade do cabrito.

Sem ruído, a pantera aproximou-se do leão e pôs-lhe ao pescoço o colar de conchas. Vendo que o dorminhoco estava com o sono ferrado, quebrou perto um arbusto. Tréquele!

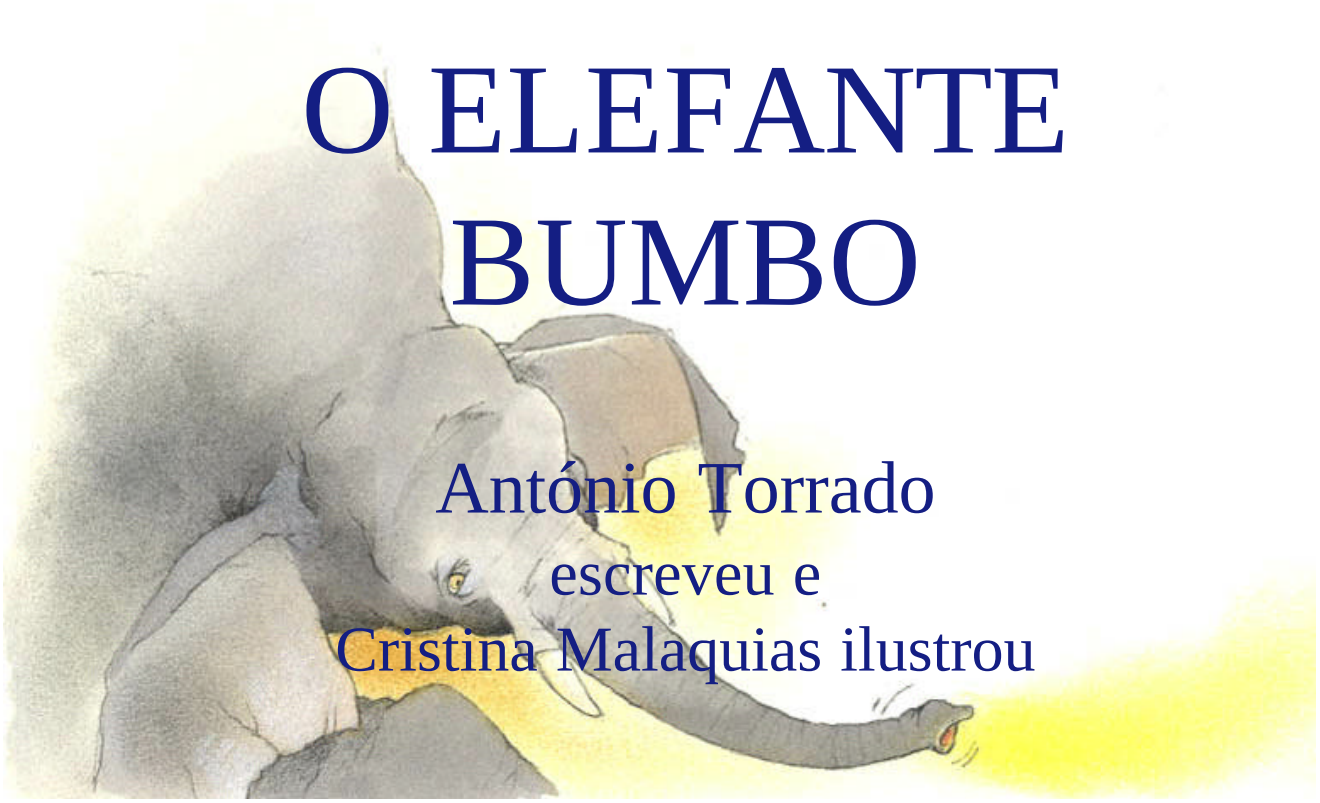
O leão acordou em sobressalto e sacudiu-se. O barulho das conchas a chocarem-se umas de encontro às outras acompanhou-lhe os movimentos. O leão, sem perceber do que se tratava, desatou a correr. Quanto mais corria, mais o barulho das conchas o perseguia…

Então a pantera acabou de comer, muito descansadamente, o resto do cabrito.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O ELEFANTE BUMBO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No Circo Maravilhas ou mesmo fora do Circo Maravilhas, o elefante era o mais abelhudo. Em tudo metia o nariz. Não havia cantinho escondido, panela tapada, caixa voltada, que o elefante Bumbo não investigasse, metendo delicadamente a ponta da tromba no objecto da sua curiosidade.

O domador Cola-tudo muito se afligia com a teima do seu elefante preferido e bastas vezes o ameaçara:

– Se tu não te emendas, ponho-te um açaime.

Ele dizia isto muito a sério, mas no fundo não acreditava que fosse possível arranjar um açaime onde coubesse a tromba, mesmo enrolada, do elefante Bumbo. E, o que é mais grave, o elefante também não acreditava.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Pois sucedeu, de uma vez em que o Circo Maravilhas ia de viagem, o caso que vamos contar. O Bumbo fechava a caravana. Se fosse à frente, empatava o caminho com as suas tardanças e coscuvilhices, por coisas que não valiam meio real.

Assim, ia atrás de todos e livremente se demorava a meter a tromba pela ramagem folhuda de uma árvore ou a estendê-la até alguma toca abandonada de coelho. Se a caravana se distanciava muito, o Bumbo dava uma corrida que estremecia o caminho e voltava para junto dos seus companheiros de jornada.

Num campo murado, viu umas caixas cilíndricas de cortiça com um buraquinho na base, por onde entravam e saíam uns insectos de asas rápidas, que zumbiam numa grande ânsia de trabalho. Intrigante…

Ver não bastava ao elefante Bumbo. Cheirar o que se passava no interior dos cortiços, isso sim, valia a pena. Alongou a tromba, apontou-a à entrada e enfiou-a afoitamente num desse esquisitos objectos de cortiça.

Nem teve tempo de cheirar o mel lá guardado, porque uma legião de abelhas-guerreiras cravou as lanças dos seus ferrões aguçados na tromba do intrometido.

– Ui, que comichão! – protestou o elefante, encolhendo a tromba.

– Depois da comichão, veio a dor.

– Ai! Ui! – bramia ele.

O domador Cola-tudo, que, lá da frente do caminho, acudiu aos seus lamentos, comentou:

– As abelhas não gostam de elefantes abelhudos, fica sabendo!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Nem os elefantes abelhudos gostam de abelhas aguçadas – dizia o elefante Bumbo, muito dorido.

E, enquanto andou com a tromba inchada, não a meteu onde não devia.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

FIM FELIZ OU INFELIZ?

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O abutre, no ar, e o chacal, na terra, têm uma grande parecença. Ambos se alimentam de detritos, restos putrefactos que os outros animais, mais destemidos na caça, abandonam, depois de saciados. Este gosto comum por tudo o que mete nojo é que os une.

Mas não lhe queiramos mal. Estes e outros bichos que tais, como o condor, que é da família do abutre, ou a hiena, parente próxima do chacal, são essenciais à vida. Não fossem eles e a carne em putrefacção ou os animais doentes contaminariam a natureza e provocariam epidemias.

Tudo certo, mas não deixam de ser repugnantes.

Na nossa história, o abutre e o chacal associados acompanhavam o rasto de uma velha zebra combalida. Faziam apostas:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– É para hoje – dizia o chacal.

– É para amanhã – dizia o abutre.

– Em qualquer dos casos, temos banquete para de aqui a um mês – concluia o chacal.

A zebra velha atardava-se e as restantes da manada encurtavam o passo, para se não despegarem dela.

Uma zebrinha, neta da zebra doente, animava-a.

– Coragem, avó. Já pouco falta até chegarmos ao rio.

– Não chego lá – queixava-se a velha zebra. – Sinto aproximar-se de mim o cheiro nojento do chacal.

Longe, espiando, o chacal avisou o abutre:

– A velha está a falar de mim.

– E o que diz? Diz bem? – quis saber o passaroco.

– O melhor possível – respondeu o chacal, com um riso maldoso.

A zebra encostou a cabeça à terra, pronta para tudo. Relançou um olhar resignado à volta, como que a despedir-se. Nisto reparou num pequeno cacto, encimado por uma flor roxa de pétalas carnudas. Chamou a neta:

– Vai colher-me aquela flor, mas, cuidado, não te piques.

A zebrinha trouxe-lhe a flor na boca.

– Abençoada flor – disse a velha zebra, mastigando-a, demoradamente, e deglutindo-a, depois, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo focinho.

– Está a chorar porquê, avó? – afligiu-se a neta.

– De felicidade – respondeu a zebra.

E explicou, então, que aquela flor era muito rara e tinha propriedades maravilhosas. Dava nova vida aos moribundos, força aos fracos, saúde aos doentes. Providencialmente, encontrara-a, quando já estava disposta a morrer.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A velha zebra saltou como nova. Cabriolou, trotou, galopou e tanto correu que a zebrinha teve dificuldade em acompanhá-la.

– Estás a ver o que eu estou a ver? – abismou-se o chacal que, de longe, a tudo assistira.

– Estou e não acredito – disse o abutre. – Fomos enganados. Esta história não devia acabar assim.

Talvez não, mas quem a escreveu teve de tomar partido. Um fim feliz para zebras e zebrinhas não pode ser um fim feliz para chacais e abutres.

É sempre assim, na vida.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

FECHEM ESSA JANELA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

22 de Fevereiro
Domingo de Carnaval

Dantes os homens usavam cabeleiras. Eram as perucas. Já se vê que nem todos os homens usavam cabeleiras. Apenas os grandes fidalgos, os reis, os nobres da corte. E só em determinadas épocas da História. Noutras, usavam o cabelo ou comprido ou curto, mas deles, sem disfarce.

Luís XIV, um grande rei francês, mas também muito vaidoso, tinha ao seu serviço quarenta cabeleireiros de perucas, que só trabalhavam para ele. Os nobres da corte ultrapassavam-se em presunção, para ostentarem as mais belas cabeleiras, umas frisadas, outras escorridas, quase todas empoadas e algumas com lacinhos e laçadas coloridas. Cavaleiros, generais, espadachins, mosqueteiros usavam perucas e, no intervalo das guerras, penteavam-nas sobre os joelhos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Uma vez, perguntaram-nos se o Marquês de Pombal usava o cabelo caído para os ombros, como vemos nas gravuras que o representam. Não há a certeza, mas, segundo consta, o Marquês de Pombal até era careca…

Ora o rei da nossa história, o rei Olindo – rei de um reino qualquer, lá para algures ou mais longe ainda -, também tinha em muita estima os seus caracóis.

Vivia ele num palácio admirável, num palácio de sonho, mas não de todos os sonhos, num palácio de alto lá com ele, não fossem as correntes de ar.

Como o palácio tinha muitas janelas – 365 janelas, mais precisamente – e muitas portas e muitos criados, que iam e vinham e abriam portas e fechavam portas, as salas do palácio eram mais desconfortáveis do que uma praça pública, em dia de vendaval…

Pois era. As correntes de ar é que estragavam tudo, até as audiências em que o rei Olindo tinha de receber, por dever de oficio, os seus súbditos mais humildes.

– Estejam descansados. Vou tentar resolver o vosso caso – assim respondia a todos os pedidos, para despachar.

Estava o rei a dizer isto mesmo, quando uma janela se abriu por si e … o resto está à vista ou imagina-se.

– Onde se teria metido a minha cabeleira? Onde se teria metido? – balbuciava, de gatas, o rei Olindo, um pouco menos lindo do que era costume.

Quando a encontraram, o rei deu por finda a audiência.

Que desastre!

Daí em diante, só passou a aparecer em público com uma pesada coroa por cima da cabeleira, espécie de pisa-papéis, isto é de pisa-cabeleiras. A coroa de muito

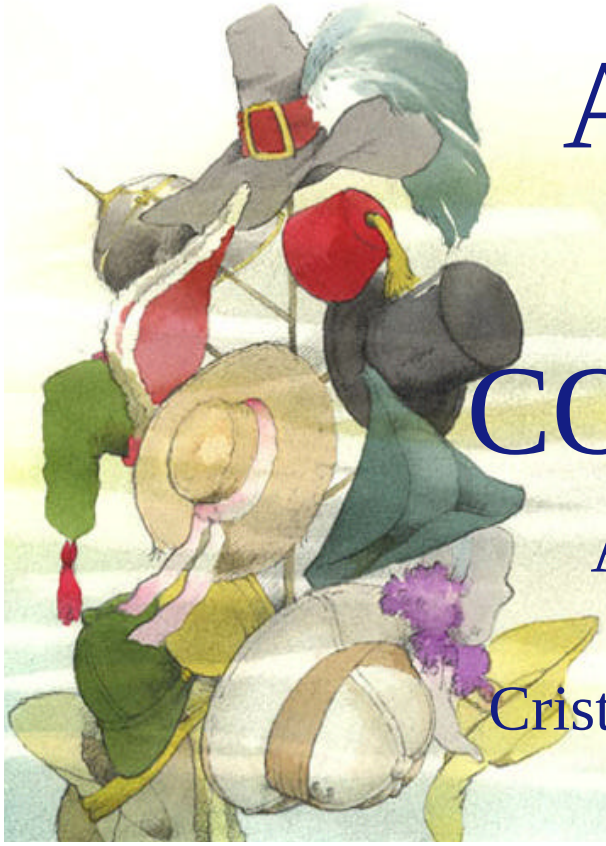
© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

peso fazia-lhe dores de cabeça. Que remédio! Sujeitar-se a outra desfeita do vento é que não.

Os sacrifícios que um rei tem de fazer para conservar a cabeleira… E o reino.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



A MANIA DAS COLECÇÕES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Tenho um vizinho que é coleccionador. De quê? De selos? De moedas? De caixas de fósforos? De garrafinhas de licor? De bilhetes-postais? De revistas antigas?

Nada disso. O meu vizinho do lado é coleccionador, mas de chapéus.

Lá em casa, logo à entrada, tem um bengaleiro, que é um museu de chapelaria. Quem lhe não conhecer a mania e se ficar pela entrada, julgará que o senhor tem lá em casa, à conversa, no salão, uma quantidade de cavalheiros de todas as épocas… E se tivesse? Se tivesse, pelo que se calcula dos chapéus pendurados, a casa do meu vizinho seria um baile de máscaras permanente.

Se não reparem:

Um chapéu de plumas à mosqueteiro,

um fez à turca, que parece um vaso sem flores,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

um chapéu de abat-jour, de um chinês de antigamente,

um chapéu alto, como usavam os nossos bisavós, quando não usavam chapéu de coco,

um chapéu de almirante, que parece um barco virado ao contrário,

um capacete com um bico no alto, a servir de pára-raios,

um chapéu de palha, a que qualquer burro competente chamaria um figo,

um barrete de campino, mais garrido que uma bandeira,

um tricórnio, de que nunca se sabe qual é o lado da frente,

um chapéu de explorador africano que, depois de pintado, já serviu a um polícia sinaleiro de antigamente

e muitos, muitos mais chapéus…

É uma pena que o meu vizinho do lado vá acabar com a colecção. E porquê?

Explicou-me ele:

– Estão aqui muitas viagens, muita despesa, muita aventura. São o meu orgulho, pode crer. Mas a verdade é que, agora, já me cansam. Vê-los assim, pendurados, sem préstimo, na sombra do bengaleiro, fazem-me impressão. Parece que os tirei a quem pertenciam. Enervam-me, tiram-me o sono. Quero ver-me livre deles.

– E como? – perguntei.

– Ponho um anúncio – explicou-me o coleccionador. – Cada pessoa que vier leva um chapéu de graça. Mas tem de prometer que não o tira da cabeça, até ao fim da rua.

– Quero estar cá, à janela, para ver isso ! – exclamei, entusiasmado.

Não calculam o espectáculo. Parecia um dia de Carnaval, como aqueles que já não há. Só visto.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– E agora? – perguntei eu ao meu vizinho do lado, quando passei lá por casa. – Está mais aliviado?

– Nem por isso – suspirou ele. – Sinto-me, de repente, mais pobre, mais desacompanhado. Parece-me que vou começar outra colecção.

– Outra vez de chapéus? – quis eu saber.

– Não, essa já deu o que tinha a dar. Vou pôr-me em campo para uma nova colecção, mas de sapatos.

– Novos? – intriguei-me.

– De forma alguma. Antigos, isto é, velhos, cambados, gastos. Quero coleccionar sapatos com muita andadura, muita experiência de estrada na sola dos pés.

E o meu vizinho olhava para os meus sapatos, com particular interesse…

O que havia eu de fazer? Ofereci-lhos para início de colecção e, descalço, atravessei o patamar até à minha casa.

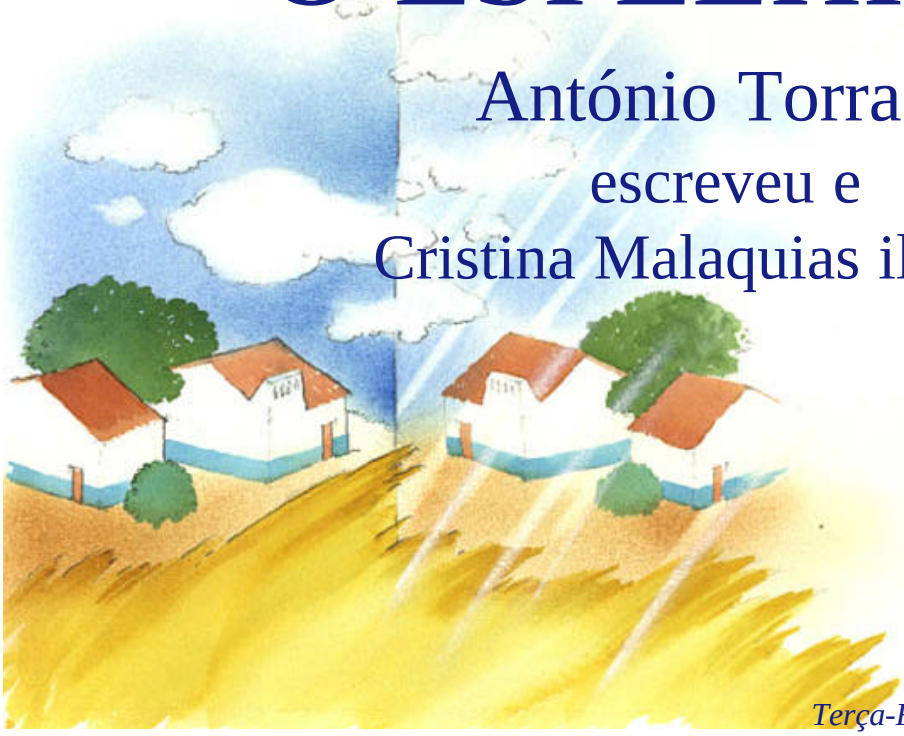
Entre vizinhos, temos de ser uns para os outros.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O ESPELHINHO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



24 de Fevereiro
Terça-Feira de Carnaval

Naquela terra não havia espelhos. Nem nunca tinha havido.

Era uma aldeia longe de tudo, onde nada chegava. Nem espelhos.

Uma vez, o senhor Chamisso, lá da aldeia, foi à cidade. Ih, que assombro! Ruas, carros, gente com pressa, casas altas de pasmar…

Atarantado, o senhor Chamisso o que queria era voltar para a sua aldeia. Ia a passar por uma loja e viu, na montra, um espelho.

– Olha o retrato do meu pai – exclamou.

O pai do senhor Chamisso tinha morrido há anos e não era de estranhar que o filho estivesse parecido com ele.

Entrou na loja e comprou o espelho. Depois, com o espelho embrulhado debaixo do braço, voltou para a aldeia.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Chegou já era noite.

Na manhã seguinte, quando acordou, virou-se para a mulher, ainda meio estremunhada, e disse-lhe:

– Calcula o que eu encontrei, na cidade. Nem mais nem menos do que o retrato do meu pai. Vai tu ver, que o deixei embrulhado, na cozinha.

A mulher calçou os chinelos e, ainda desgrenhada e mal pronta, foi ver. Quando desembrulhou o espelho, indignou-se:

– Ai que mentiroso que é o meu marido. A dizer que tinha trazido o retrato do pai, quando o que trouxe para casa foi o retrato de uma marafona, com cara de porca.

E foi fazer queixa à mãe.

– Só queria que a mãe visse a feiosa que ela é, toda mal pronta e esguedelhada. Uma pouca-vergonha de uma mulher!

– Deixa estar, filha, que eu vou ver e, se for como tu dizes, a gente dá uma desanda no teu marido.

A mãe foi espreitar o espelho.

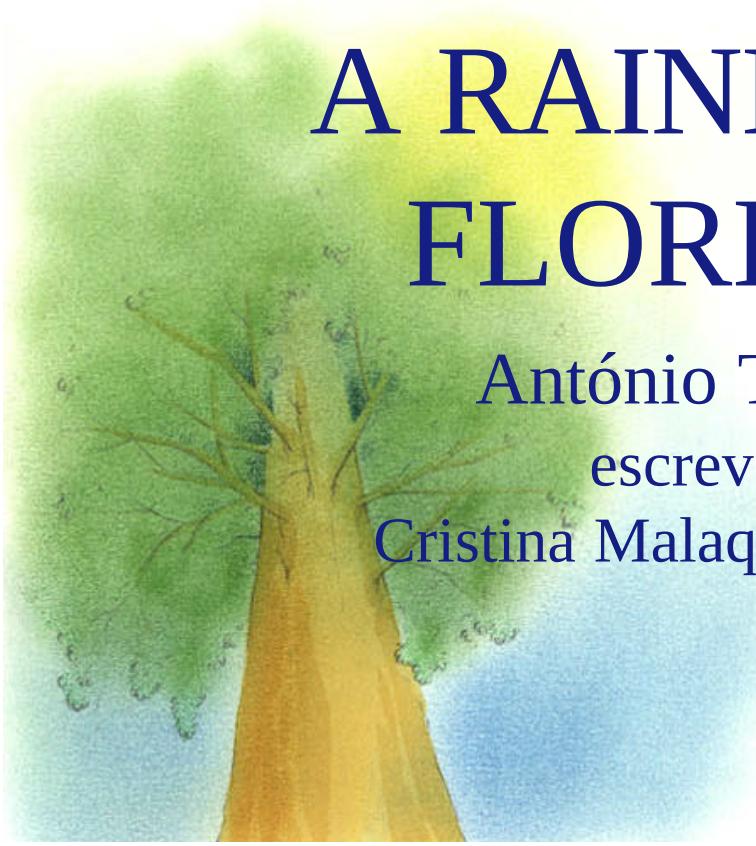
– Ai que velha avantesma! – gritou.

Com o susto, largou o espelhinho, que caiu no chão e se partiu em mil bocados.

Pois foi assim tal e qual. Naquela família continuaram a não saber o que era um espelho… Melhor para eles…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



A RAINHA DA FLORESTA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um lenhador. Passava o dia na floresta, a cortar árvores. Os filhos traziam-lhe o almoço que ele comia à pressa, para voltar, depois de uma breve sesta, ao seu trabalho. Era muito cansativa a vida dos lenhadores.

Uma tarde, ia ele desferir a primeira machada numa grande árvore, quando ouviu conversar dentro do tronco. Estranhou. Espreitou. O tronco era oco e, lá dentro, dois velhos de longas barbas, um diante do outro, muito solenes jogavam às damas.

– Não nos interrompas – disseram os velhos.

O lenhador aguardou que tempos, entretido, ele também, a assistir ao desenrolar da partida, que nunca mais se decidia.

A certa altura reparou que as barbas dos dois velhos tinham crescido imenso, enquanto eles jogavam. O lenhador, a medo, chamou-lhes a atenção para este estranho facto. Os velhos riram-se:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Passou-se mais tempo do que tu imaginas.

De facto, a árvore estava maior e a floresta mais cerrada. Que teria acontecido?

Sobressaltado, o lenhador voltou à aldeia, mas já não encontrou ninguém conhecido. A casa, a mulher e os filhos tinham desaparecido e ninguém se lembrava deles.

O lenhador correu outra vez para a floresta e pediu aos dois velhos jogadores de damas que o acordassem daquele sonho mau. Aquilo não podia estar a acontecer-lhe. Era, certamente, um pesadelo.

Os velhos concederam-lhe o que ele pedira, não sem antes o fazerem prometer que nunca abateria aquela grande árvore, no interior da qual eles jogavam um interminável jogo de damas.

Quando o lenhador acordou, estava tudo como dantes. Afinal, sempre tinha sido um sonho. Mas, à cautela, o lenhador poupou a árvore, rainha da floresta.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A GALINHA AVARENTA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma galinha avarenta. Punha ovos de ouro, mas não os dava a ninguém. Guardava-os para ela. Escondia-os.

Os donos da galinha queixavam-se:

– Esta galinha não paga o que come. Se assim continua, sem pôr ovos, ainda acaba em canja…

Mal eles sabiam do tesouro que a galinha já tinha arrecadado no mato, num sítio que só ela conhecia.

"As outras galinhas que ponham ovos vulgares, de gema e clara. Eu não sou dessas", sentenciava a galinha, muito de si para si.

Os donos ameaçavam-na, de faca na mão:

– Se até amanhã não pões um ovo que se veja, estás condenada.

Ela percebeu a ameaça e pôs um ovo que se visse. Um ovo de prata. Os de ouro eram só para ela.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Que magnífica galinha! – exclamaram os donos, quando viram a prenda.

Foi uma vez sem exemplo.

"Dar os meus ovos de ouro a estes matutos não dou", pensava a galinha.

E continuou, secretamente, a pôr ovos de ouro só para ela. Os donos aborreceram-se:

– Afinal o raio da galinha não presta para nada. Pôs um ovinho de prata, faz que tempos, e nunca mais… Temos de dar cabo dela.

A galinha ouviu-os e pôs um ovo. De cobre. Achava que aquela gente nem os de prata merecia. Não gostava nada de repartir esta galinha. Era só mais a mim, mais a mim… Uma somítica.

Os donos viram o ovo de cobre e zangaram-se.

– Esta galinha anda a troçar de nós…

E, no dia seguinte, comeram-na assada com batatas.

O tesouro dos ovos de ouro continua escondido no mato, sem que ninguém o aproveite.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS DOIS FEITICEIROS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram dois feiticeiros. Detestavam-se.

Uma chamava-se Xarabim e o outro chamava-se Zipalam. Ambos fabricavam feitiços e usavam palavras mágicas, daquelas de pôr a arder uma árvore, sem quê nem porquê, só por efeito de um gesto e um bichanar de lábios que acordam labaredas.

Eram os dois muito competentes nas suas magias.

Um dia, tinha de acontecer, um dia, defrontaram-se. Duelo terrível.

Fugiram , à sua volta, pessoas e bichos. Só ficaram os mágicos, um diante do outro.

Xarabim ameaçou:

– Vou transformar-te em sapo. Belg… Zelg… Velg…

À última palavra dita e o Zipalam passou a ser um sapo que metia medo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas o sapo Zipalam falava. Deitou uma enorme língua na direcção do adversário e silvou:

– Vou transformar-te em ratazana. Vong… Bong… Tong…

À última palavra e o Xarabim passou a ser uma ratazana de muito mau aspecto.

Mas a ratazana Xarabim também falava. Ergueu o focinho, na direcção do inimigo, e bufou:

– Pois eu a ti vou transformar-te num insignificante rato cinzento. Trag… Trig… Trug…

Assim foi. Ficou um ratito, diante de uma ratazana. E o combate podia continuar, sabe-se lá até quando?

Podia continuar, não fosse, nesse momento ter, aparecido a cadela Nina, caçadora de tudo o que corre, rasteja e mexe.

Com total desrespeito pelas artes mágicas, a cadela Nina deu, logo ali, cabo do rato e da ratazana. Para sempre.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NÃO SOU CAPAZ

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A águia de penugem branca ainda não tinha saído do ninho. Via o pai e a mãe, num voo alto, rente às nuvens, e pensava: "Nunca vou ser capaz".

O pai e a mãe traziam-lhe comida no bico. A aguiazinha devorava os petiscos, gulosa.

– Não engulas tudo de uma vez, que ainda te engasgas – recomendava-lhe a mãe.

Mas a aguiazinha não queria saber. Tinha fome, muita fome, uma fome insaciável, que ela não sabia controlar. Algumas penas de brancas passavam a cinzentas. O corpo ganhava elegância. As asas cresciam.

Os pais iam e vinham, num voo planado, que era a admiração da filha. "Nunca vou ser capaz de fazer o mesmo", pensava.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Amanhã começas a aprender a voar – disse-lhe o pai.

Mas, nesse dia, choveu e a lição foi adiada. Os pais é que não desistiram de caçar. Deixaram-na só, no quente do ninho.

Estava ela aconchegada e contente pelo adiamento da lição, quando sentiu um roçar de perigo, nos ramos perto. Era uma serpente, que se desenroscava por um tronco, em direcção a ela.

A aguiazinha piou, aterrorizada. Eriçaram-se-lhe as penas. Bateu as asas, para afugentar a intrusa de língua silvante. A serpente continuava a deslizar para ela, segura da presa. Ia armar o último salto. Ia destroçá-la. Ia comê-la.

Bateu a águia as asas com mais força e suspendeu-se no ar. Num impulso de pânico, largou o ninho. Ia cair. Não caiu.

Soltou-se no ar, a curta distância da árvore que abrigara o ninho. Sentiu uma tontura. Agarrou as patas a um ramo, mas o ramo cedeu. Agitou as asas com mais força e elevou-se nos ares. Tudo aquilo lhe parecia impossível. Ela voava.

Quando os pais regressaram, a aguiazinha, de asas distendidas, como se quisesse abarcar o céu num grande abraço, voou, feliz, ao seu encontro.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS FAVORES DO BORDA D'ÁGUA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Fazer anos é bom. Há festa, há presentes e há a família e os amigos todos à volta de nós e do bolo, a cantar, afinados ou desafinados, os "Parabéns a Você". Sopram-se as velas, ouvem-se as palmas e tocam-se os copos, "tchim-tchim!", à saúde do aniversariante.

Mas por que estou eu aqui a contar o que toda a gente sabe? Sim, porquê? Porque o Mário só tem direito a esta festa de quatro em quatro anos, precisamente no dia 29 de Fevereiro de cada ano bissexto. Nasceu num dia desses de um ano desses, que se há-de fazer?

O Joca, amigo e vizinho do Mário, já que ambos moram no mesmo prédio, o Joca é que não se conforma:

– Tu devias receber as prendas vezes quatro. Um montão delas, a contar com os anos em que não tiveste festa.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– E recebo – explicou o Mário. – Na Páscoa, os meus pais e os meus avós dão-me sempre mais prendinhas e dizem-me que são as dos meus anos.

Assim sendo, o Joca já não sentia tanta pena do seu amigo Mário. À noite, à hora da deita, pôs-se a matutar que as pessoas deviam fazer anos sempre que quisessem. Já em vale de lençóis, apurou a ideia.

Imagine-se um senhor que, por ter tido uma infância sem carinhos nem festas, decidia, chegado a adulto, feliz e bem instalado na vida, comemorar todos os aniversários que a miséria dos primeiros anos lhe tinham roubado? Festas e mais festas, prendas e mais prendas... Devia ser giro.

Ele próprio, Joca, sentia ganas de pedir ao Senhor Borda d'Água, cavalheiro de cartola a labita que gere os negócios do tempo e o calendário do mesmo nome, se lhe concedia um favor. Via-se, diante do Borda d'Água, a formular o seguinte pedido:

– O senhor podia dar-me mais do que uma festa de anos por ano?

– Quantas?

O Joca hesitava:

– Se não lhe custasse muito, duas. Ou três... Ou quatro... Ou cinco...

– As que quiseres – decidiu o Borda d'Água, um mãos-largas nisto de dar à manivela do tempo.

E assim passou a acontecer. Corriam os dias, corriam as festas de anos. Os convidados já nem saíam de casa do Joca, sempre a atafulharem-se em novos bolos de aniversário, a que iam crescendo as velas. Nem tempo havia para desembrulhar todas as prendas. Sensacional!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O Joca andava delirante. Aquilo é que era vida. Podia achar os pais mais velhos e mais cansados, com aquela continuada responsabilidade de atender a tantos aniversários seguidos. Podia sentir que algumas prendas já eram descabidas para a sua idade. Podia já estar enjoado do bolo de anos e da cerimónia dos "Parabéns a Você". Mas ainda rejubilava com aquele ambiente de festa interminável, como se o tempo nunca passasse.

O pior foi quando, uma vez, ao chegar-se a um espelho, não ter reconhecido o seu próprio rosto. Ele, de barba e já com algumas brancas? E com o cabelo a fugir-lhe? E as olheiras, a cavarem-lhe os olhos?

Percebeu, então. Cada festa era um ano que mudava. Naquele corrupio de aniversários, esquecera-se desse pormenor.

Tinha de voltar atrás. Tinha de pedir ao Borda d'Água que suspendesse a roda do tempo, se não, se não as últimas velas da vida apagavam-se num sopro.

Respondeu-lhe o Borda d'Água:

– Como estás no meio de um sonho, posso satisfazer o que me pedes. Mal acordares, voltas a ter a idade com que adormeceste, ainda que com umas horitas a mais. Nada de importância.

E assim aconteceu. Quando o Joca se viu ao espelho, na manhã seguinte, e encontrou de novo o seu rosto de menino, não podem calcular o alívio que o Joca sentiu.

Festas de aniversário uma vez por ano e chega. Ou de quatro em quatro...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

COMICHÃO DE CÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O meu cão está com comichão. Coça-se desenfreadamente, todo o santo dia.

– Queres tomar uma banhoca? – pergunto-lhe eu.

Mas ele foge-me. Diz que não é cão de água e que as pulgas são dele, só dele, muito dele.

O meu cão tem um azar ao banho que nunca vi.

– Preferes continuar com essa comichão, preferes?

Ele diz que sim e coça-se.

Mas isto não me parece bem. Quem o vir naquele desespero o que dirá? Que o dono é um porco, porque nunca dá banho ao desgraçado do cão.

Tive de tomar providências. Fui passear com ele à praia e, de repente, sem me despir, atirei-me para o meio das ondas. Ele que me segue para todo o lado, seguiu-me.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Coisas do instinto, de que rapidamente se arrependeu, mas já era tarde. Estávamos os dois a nadar, cada qual no seu estilo. Eu tiritava, porque o mar de Março é gelo derretido. Nunca experimentem.

Quando, ambos a pingar, regressámos a casa, fui logo acender a lareira e mudar de roupa. Ele ficou com o pêlo de sempre, mas já não se coçava.

As pulgas teriam morrido afogadas ou de frio ou de susto. O meu cão de pêlo salgado regalava-se ao calor da lareira. Lá para Julho volto a experimentar o truque. Pode não resultar, mas, ao menos, já não me constipo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PAPAGAIO BEM ENSINADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um papagaio muito bem ensinado. Tinha poiso à porta de uma mercearia. De uma vez que o merceeiro estava lá para dentro, um freguês, por pirraça, ensinou o papagaio a dizer:

– Está tudo podre.

E o papagaio, de aí em diante, não disse outra coisa. O anúncio, lançado aos quatro ventos, afastava a clientela. Mal chegava alguém ao balcão da mercearia, o papagaio avisava:

– Está tudo podre.

Ficava furioso o merceeiro:

– Este papagaio leva-me à ruína – dizia o merceeiro. – Tenho de dá-lo.

E assim fez. Deu-o a um barbeiro.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Por sinal que o tal malandrote, que convencera o papagaio a dizer "Está tudo podre", também frequentava a barbearia. À sucapa, ensinou-o a dizer:

– Corta-lhe a orelha.

O papagaio passou a repetir. Por tudo e por nada, assim que o cliente se sentava na cadeira, o papagaio pedia:

– Corta-lhe a orelha.

Isto enervava o barbeiro e enervada o barbeado.

– Tenho de ver-me livre deste animal – disse o barbeiro.

E atirou-o pela janela. Mas o papagaio, que não estava habituado à liberdade, voltou a poisar no parapeito. Isto uma, duas, três vezes, até que o barbeiro, já exasperado com a teima do passaroco, foi buscar uma caçadeira e deu uns tiros para o ar, só para afugentá-lo, enquanto gritava:

– Rua! Rua!

O papagaio esvoaçou, a princípio atarantado, mas depressa ganhou altura e voou feliz. Passado muito tempo, foi ter a um armazém em ruínas. Cansado da viagem, acolheu-se a um recanto protegido e adormeceu.

Ora o armazém era frequentado, à noite, por duas quadrilhas de contrabandistas e ladrões, que aí faziam as suas trocas e baldrocas.

Estavam os membros das duas quadrilhas a descarregar e a carregar fardos, quando o papagaio, acordado com o barulho, soltou o aviso, ainda trazido do sonho e das suas recordações:

– Está tudo podre.

– Quem é que disse que está tudo podre? – perguntou o chefe de um dos bandos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Nisto, ouviu-se uma voz a gritar:

– Corta-lhe a orelha.

Pior ainda. Armou-se uma zaragata entre os dois grupos, em que ninguém ficou de fora.

Então, o papagaio assustado lembrou-se dos tiros da caçadeira com que o último dono o afugentara. Deu-lhe para reproduzi-los, enquanto imitava também a voz do barbeiro:

– Rua! Rua!

Os bandidos, assim que ouviram os disparos, saltaram de medo, supondo que era a polícia. Fugiram todos, rua fora, largando tudo.

O papagaio bem ensinado acertara, ao menos uma vez, no que dizia.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CAVALO MECÂNICO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Há quem diga que o meu amigo Alípio é um grande mentiroso. Eu não acredito.

Grande mentiroso não é. Quanto muito, será um pequeno mentiroso, o que faz a sua diferença.

A última história que ele me contou, diz ele que lhe aconteceu na estrada.

Ia a guiar o calhambeque, quando o motor deu um estrondo e parou.

– Estou bem aviado – disse o Alípio, que não percebia nada de mecânica. – Uma avaria destas, no meio do campo, numa estrada sem trânsito…

Pelo sim, pelo não, levantou o capot e pôs-se a espreitar para dentro do motor enfumarado. Que intriga! Olhou em volta. Ninguém que lhe valesse.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Só um cavalo branco, ali perto, a pastar, em sossego. O cavalo relinchou, amigavelmente, e aproximou-se do Alípio e do motor do automóvel. Ao lado do desanimado Alípio, o cavalo debruçou-se para a caixa das geringonças e disse:

– É do carburador.

O Alípio esbugalhou os olhos. Um cavalo a falar? Podia lá ser! Devia ter sido impressão, assobio do vento, sussurro de ramagens… Tudo menos voz de cavalo.

– Já lhe disse que é do carburador – insistiu o cavalo.

Alto, que o caso era grave! O pobre Alípio sentiu-se doido. Ou estaria num sonho?

– O carburador está entupido – sentenciou o cavalo. – Não é coisa grave.

O Alípio desesperou-se e enxotou o cavalo, que meneou a cabeça, resignado. Antes de voltar ao seu pastar pachorrento, o cavalo branco ainda disse:

– Eu bem o avisei que a avaria era do carburador. Se não quer ouvir, é consigo…

Alucinado, o Alípio desarmou o carburador, espreitou lá para dentro e confirmou. Efectivamente, o carburador estava entupido. Limpou-o o melhor que soube e, assim que voltou a pôr o motor em marcha, a carripana pegou, como se fosse nova. Seguiu viagem e nem sequer agradeceu ao cavalo.

– Que disparate! – dizia o Alípio de si para si, enquanto gritava. – Isto não faz sentido. Foi tudo uma coincidência. Os cavalos não falam. Os cavalos não falam. Os cavalos não falam.

Quando parou, pouco depois, junto a uma bomba de gasolina, ainda repetia o mesmo, vezes sem conta…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

– O que é que o senhor está a dizer? – perguntou-lhe o empregado da bomba de gasolina.

Meio atordoado e com imensa vontade de desabafar, Alípio contou ao homem o que acabara de suceder-lhe.

– Era um cavalo branco? – perguntou o empregado.

– Era. Era – respondeu Alípio.

– Então, teve sorte – disse-lhe o homem. – Porque também anda por aí um cavalo castanho que não percebe nada de mecânica.

Alípio arrancou logo com o carro, sem sequer meter gasolina. Veio a toda a pressa e, assim que chegou a casa, contou-me esta história tal e qual eu aqui a conto. Se é mentira, peçam-lhe responsabilidade a ele.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O ROMEIRO, O VENTO E O SOL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Consegue-se às boas, mansamente, o que se não consegue a mal, à força, de repelão. A melodia de uma flauta abre mais janelas do que uma trovoada.

Vou exemplificar.

O Senhor Vento e o Senhor Sol, lá do seu miradoiro, observam o que se passa cá em baixo. Os dois dispensam binóculos.

Estavam eles entretidos, na sua quadrilhice de varanda, quando viram um romeiro, daqueles que percorrem a pé os caminhos que vão dar à Galega Compostela.

Ia de chapeirão e larga capa, que o cobria até aos pés. Nodoso cajado de ajudar às subidas, um saquitel ao ombro e a cabeça à cintura, para o vinho que aquece, eis o quadro completo do devoto de São Tiago, o Apóstolo, com catedral famosa na cidade de Compostela.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Aquele, ali, todo embiocado, que nem se percebe quem será, se é velho, se é novo, se é loiro, se moreno, está a irritar-me – disse o Senhor Vento, muito dado a caprichos.

– Aposto que é novo e moreno – disse o Senhor Sol, por desfastio.

– Pois eu acho o contrário. O homem é velho e branco de cabelo, que já foi loiro – apostou o Senhor Vento. Mas já vamos ver isso. Eu sopro com toda a força e descubro-o.

– Aposto que não resulta – contrapôs o Senhor Sol, divertido com o passatempo.

Levantou-se uma ventania de dobrar as árvores. O romeiro fincou-se ao cajado, puxou o chapéu para a cara e apertou a capa. Por mais que o Senhor Vento soprasse não houve meio de derrotar o viandante.

– Primeira aposta perdida – riu-se o Senhor Sol.

Ele a rir e seus raios a brilharem com mais alegria e calor. O Senhor Sol arredou umas nuvenzitas e concentrou toda a sua atenção sobre o romeiro, que seguia estrada fora, no passo firme de quem não pode faltar ao encontro. Santiago esperava-o.

O Senhor Sol não o largava.

À beira de uma fonte, o caminheiro parou. Desfez-se do chapeirão, que poisou com a capa e o cajado no rebordo do fontanário, despiu a camisa e, de tronco nu, refrescou rosto e corpo, na água que corria. Delicado.

Era loiro e jovem.

– Desta vez não ganhou ninguém – concluiu o Senhor Vento.

– Ganhou ele – disse o Senhor Sol, apontando o moço, que passava um lenço a escorrer água pela cara e pelos ombros. – E, embora tenha apostado que ele era moreno,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

eu acho que também já ganhei o dia.

E, com todos os seus costumados vagares, o Sol começou a preparar as cores do entardecer.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O QUEIXO QUEIXOSO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Queixou-se o queixo de que era pouco para o tamanho do nariz.

– Ele lá à frente, o presunçoso, e eu cá atrás, quase a ser engolido pelo pescoço.

– Corta-se o nariz – riu-se a boca, uma desbocada.

Os olhos reprovaram. O nariz, a bem dizer, pertencia-lhes. Direcionava-lhes o olhar, era um prolongamento muito conveniente da testa e, no vértice das sobrancelhas espessas, ficava bem a quilha de um nariz como proa de navio. Indispensável e quanto maior melhor. Até porque, faltando o nariz, onde é que se apoiavam os óculos?

– O queixo, se acha que é pouco que puxe por ele. Puxe e repuxe, pode ser que cresça – dizia a boca, sempre a rir-se.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Ele bem tentava, mas a natureza não correspondia. Era um queixo curto que se havia de fazer! E mais curto se sentia, dado o tamanho do nariz.

– Se fosse ao contrário era pior. Um narizinho minúsculo e uma queixada redonda e grossa que nem um joelho isso é que era horrível – dizia a boca, que não parava de falar.

A mão deu-lhe uma palmada, para que se calasse. Não se aturava. Nem podia uma pessoa pensar à vontade.

Cofiando o pequeno queixo, a pensativa mão teve uma ideia. Fez uma festa à volta do rosto, a medir a extensão do seu projecto. O rosto respondeu-lhe com o áspero ruído de uma barba por escanhoar. Como lixa.

– Entendo – disse a boca. – Vais deixar crescer a barba.

Assim aconteceu. A barba densamente cresceu como um tufo de cedro, a tapar um muro baixo. Já ninguém podia dizer que o queixo era pequeno, em comparação com o nariz. Disfarçado pela barba, era um queixo de todo o respeito.

E o queixo deixou de queixar-se.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O SONHO DO REI

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Há mais de dois milhares de anos que aconteceu esta história ou outra parecida com a que eu vou contar. Milhares de anos depois, vai-se lá saber.

O rei Nabucodonosor, imperador dos caldeus, senhor da Babilónia, conquistador do Líbano, dominador da Fenícia, protector da Judeia, cobria com o seu manto a mando meio mundo. Ou quase…

Os muitos escravos, que trouxera das suas expedições guerreiras, eram a sua ostentação, quando o cortejo real percorria as ruas e alamedas da Babilónia, ladeadas de lanças, ramos de palmeiras e aclamações. Escolhera-os um por um, de entre os mais jovens, nobres e bem parecidos. Vestidos com túnicas debruadas a ouro, pareciam príncipes. Mas eram escravos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Um deles, proveniente da Judeia, chamava-se Daniel. Os companheiros devotavam-lhe uma grande amizade e respeitavam-no como o melhor de todos, porque ele era o mais inteligente e o mais generoso.

Aconteceu que numa manhã tempestuosa, o rei acordou em cólera. Tinha tido um sonho esquisito e apavorante, que se desvanecera, à luz do dia. Do que tratava? Donde viera? Como findara? O rei tentava a todo o custo recordar-se, mas sem êxito.

Estava convencido que o sonho lhe trazia um aviso urgente. Mas qual? Por mais esforços que fizesse, o rei não conseguia lembrar-se.

Mandou chamar os sábios do reino e exigiu-lhes:

– Digam-me que sonho sonhei, na noite passada, e o que significa.

Por mais sábio que se seja ninguém pode adivinhar os sonhos alheios. Foi isto, tal e qual, o que disseram os sábios.

Enfureceu-se o rei:

– Mando cortar-vos a cabeça, se até amanhã, ao raiar do sol, não descobrirem a charada do meu sonho.

Os sábios saíram dos aposentos do rei, de cabeça baixa, como se já a oferecessem ao machado do carrasco.

Durante o dia, não se falou de outra coisa no palácio.

Daniel, condoído com os velhos sábios, pediu ao Deus da sua crença que lhe iluminasse o sono com um sonho igual ao do rei.

Na madrugada seguinte, Daniel, mal acordou, pediu para ser recebido por Nabucodonosor. Trazia-lhe o sonho para contar.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Vós vistes no vosso sonho uma estátua colossal – começou Daniel.

– Sim, agora me recordo que era uma estátua de um tamanho nunca visto – reconheceu o rei, cheio de atenção.

Daniel prosseguiu:

– O colosso tinha a cabeça moldada em ouro maciço, os braços e o peito eram de prata, o ventre e as coxas de bronze, as pernas de ferro e os pés…

– … de barro! – exclamou o rei, dando uma pancada na testa. – Agora me lembro que atiraram uma pedra à estátua. A pedra caiu nos pés de barro, que se partiram em cacos. A estátua vacilou e desmoronou-se no chão. E depois?

Daniel concluiu o sonho:

– Depois o ouro, a prata, o ferro e o bronze despedaçaram-se e desfizeram-se em pó, que o vento varreu. Nada valeu à gigantesca estátua, porque tinha pés de barro…

– O que é que me quis anunciar o sonho? – indagou, com voz trémula, Nabucodonosor.

– Grande e nobre rei, senhor de um império colossal, o sonho anunciou-te o que tu já pressentiste. Todo o poder tem pés de barro. Toda a grandeza é perecível. Toda a majestade há-de transformar-se em pó.

Nabucodonosor despediu com um gesto o escravo Daniel e escondeu a cabeça debaixo do manto, apavorado. Pela primeira vez na vida teve medo de ser rei.

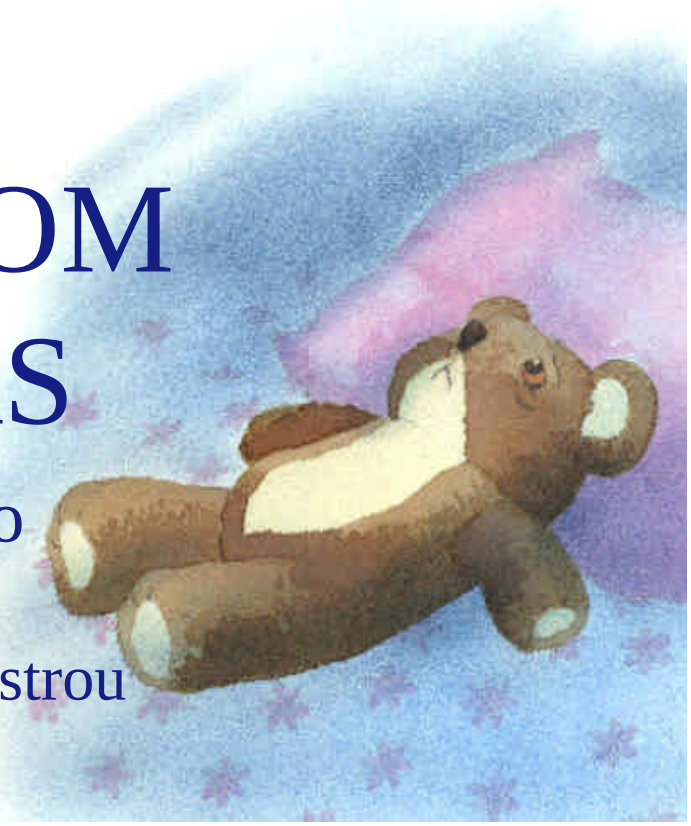
Não conta a história se a lição lhe serviu para o resto do seu reinado, mas é de crer que sim.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O URSO COM INSÓNIAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez um urso de peluche que não conseguia dormir sem uma menina chamada Teresa, abraçada a ele.

Um dia, a menina chamada Teresa foi de férias e esqueceu-se do urso de peluche em casa.

O pobre do ursinho passou a noite em branco.

À segunda noite, ainda tentou pedir a uma boneca, das muitas que a menina não tinha levado na bagagem, se não se importava, isto é, se não via inconveniente, ou melhor, se não lhe fazia diferença que ele se aconchegasse a ela. Claro que não era a mesma coisa, mas talvez resultasse.

Tentou pedir, esboçou uma conversa sem propósito, mas não passou disso. Teve vergonha de formular o pedido, embaraçou-se nas palavras requeridas e passou outra noite de insónia. A boneca nem chegou a perceber o que ele realmente queria.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Na terceira noite, de olhos a arder, o urso de peluche cabeceou de sono, mas não conseguiu dormir como deve ser. Faltava-lhe a menina, a respiração da menina, o perfume da menina, os cabelos da menina, a comicharem-lhe o nariz. Ah, se ele soubesse para onde é que ela tinha ido!

À quarta noite...

Não, não vamos fazê-lo sofrer mais.

Antes da nova noite de espertina que se anunciava, o pai de Teresa entrou no quarto, agarrou no urso de peluche e meteu-o na pasta. Para onde era a viagem? Já se calcula.

Quando o pai chegou à casa de férias e tirou o ursinho da pasta, foi uma alegria.

– Vamos lá ver se, daqui para a frente, adormeces sem rabujar – disse ele para a menina, que se abraçava ao urso de peluche como se fosse uma prenda nova.

– Não faz sentido que continues sempre presa ao teu urso de peluche – continuou o pai. – Tu vais crescer e, qualquer dia, tens de aprender a dormir sem o ursinho.

- Nunca – exclamou a menina.

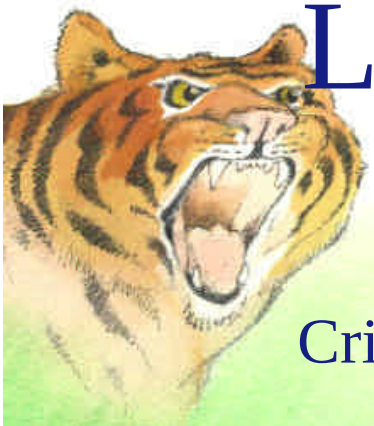
"Nunca", teria dito o ursinho, se não fosse tão envergonhado.

Claro que a menina cresceu e provou-se que o pai tinha razão, mas isso já faz parte de outra história e esta tem de acabar aqui e bem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O TIGRE E A MULHER DO LAVRADOR



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

8 de Março
Dia Internacional da Mulher

Havia na China de antigamente um lavrador muito medroso. E talvez não lhe faltasse alguma razão, porque, entre outros perigos de respeito, um tigre de grande porte rondava o povoado e saltava aos caminhos, exigindo o seu quinhão.

– Dá-me metade das galinhas que levas para o mercado – pedia o tigre, numa voz que não era de pedir.

E o pobre camponês, apanhado no caminho, não tinha outro remédio senão dividir a sua carga a meias com o tigre.

Um dia, calhou a vez ao lavrador, que sulcava as suas terras com um arado, puxado por um boi. Apareceu-lhe o tigre, que disse:

– Dá-me metade desse boi.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O camponês, depois de recuperar a fala, que lhe fugira com o susto, pediu misericórdia. Atabalhoadamente, tentou explicar à fera que passar a lavrar a terra só com metade de um boi não ia ser fácil.

– Quero lá saber! Arranja-te como puderes – disse o tigre, num tom que não admitia mais discussões.

– Então eu vou buscar o machado a casa, para dividirmos o boi ao meio – disse o lavrador, a ganhar tempo.

Quando, esbaforido, chegou a casa e contou à mulher o que se passara, ela, que era mais destemida do que o marido (o que não era difícil...), barafustou com o negócio e propôs-se tratar do caso à sua maneira.

Pendurou uma cabaça ao pescoço, que lhe tapava a boca, calçou umas andas, vestiu uma longa túnica e escondeu a cara dentro de uma máscara demoníaca. Parecia um gigante.

Assim vestida, pôs-se ao caminho, de machado na mão. Entretanto, ia gritando:

– Apetece-me comer um tigre às fatias, cortadas uma a uma pelas riscas dos lombos.

– A voz dela ressoava no vazio da cabaça e ribombava, cava e tremenda.

O tigre ouviu-a e espreitou por entre os canaviais. Seria o diabo ou a mãe do diabo?

Mais valia não identificar de perto.

E o tigre, de rabo entre as pernas, fugiu daquelas paragens, para nunca mais ser visto.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O FATO AZUL ESCURO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um fato que gostava muito de ir à rua, mas o dono não lhe fazia a vontade.

Tratava-se de um fato azul escuro, mais ou menos de cerimónia e com muito pouco uso. O dono comprara-o para um casamento e, agora uma ou outra ocasião mais solene, nunca o tirava do guarda-vestidos ou do guarda-fato, ainda estou para saber ao certo como é que se diz.

Um dia, um amigo pediu-lho para uma solenidade qualquer, banquete em embaixada ou coisa assim. Estava um bocadinho fora de moda, mas no meio de outros fatos, igualmente azuis escuros ninguém ia reparar.

Lá foi o fatinho todo contente apanhar ar. Pena que não houvesse mais oportunidades semelhantes, mas para o fato, que gostava do laréu, aquele sarau mundano já era uma distracção.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Logo por azar pespegou-se uma grande nódoa no fato, das renitentes, das pertinazes, que nem com benzina saem. O pesaroso amigo do dono do fato bem o levou à lavandaria (ao fato e não ao amigo, já se vê), mas a nódoa estava para durar e era de uma tão alastrada evidência que inutilizava o fato para todo o frente.

Que fazer? Comprar um fato igual, era o mais recomendável. Mas onde arranjá-lo da mesma fazenda e com o mesmo corte?

O amigo do dono do fato, muito comprometido, foi retardando a devolução, a ponto de o deixar esquecido noutro guarda-vestidos (ou guarda-fato?), até ver.

Passado muito tempo, o dono do fato precisou dele, lembrou-se de que o tinha emprestado e pediu-o de volta. Embaraçado, o amigo teve de confessar tudo.

Uma tão longa amizade não podia ficar manchada por uma nódoa.

Os dois amigos combinaram comprar um fato a meias, que servisse para as ocasiões solenes a que um ou outro tivesse de ir por obrigação social, e decidiram desfazer-se do velho fato azul escuro.

Deixado intacto à beira de um contentor do lixo, o primeiro vagabundo que o viu levou-o. Serviu-lhe às mil maravilhas. Os fatos, quando dados, costumam quase sempre cair muito bem.

O fato, agora, anda nas suas setes quintas, maneira de dizer que está feliz da vida. Passeia habitualmente à noite, mas vai conhecendo a cidade de lés a lés.

A nódoa, a mais antiga, já que outras, entretanto, se lhe juntaram, diz para o fato:

– Vês. Se não fosse eu, não tinhas esta sorte…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Dando-lhe razão, o fato agradece. E agradece o vagabundo que tem roupa para durar. E agradecem os dois amigos, que ganharam um fato novo. E agradeço eu, que assim acabei a história.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O ANEL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A madrinha tinha-lhe dado um anel. Não seria grande coisa, um enfeite apenas, mas a Lídia gostava muito do seu anelinho.

De uma vez que ela estava a fazer bolas de sabão, à beira de um lavadoiro público, o anel escorregou-lhe do dedo e caiu à água. Há que dizer que o tanque era fundo.

Por perto, nenhuma pessoa crescida. Que fazer?

A Lídia experimentou com uma cana, mas como a água estava turva, não deu com o anel.

Então, e só então, a Lídia chorou.

Um senhor que ia a passar, viu-a nesta desolação e perguntou-lhe o que sucedera. Ela contou.

– Vamos lá ver se eu resolvo a situação – disse o senhor, tirando o casaco.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Arregaçou a manga da camisa e enfiou o braço na água. Tacteia aqui, tacteia ali, encontrou o anel.

– Cá está ele – exclamou, mostrando um rico anel de diamantes.

Mas a Lídia disse que não era aquele o anel que ela perdera. Quem lhe dera! O anel dela era pobre, com uma pedrinha verde, a fingir uma esmeralda.

– Será este? – perguntou o senhor, trazendo ao de cima um magnífico anel, com uma esmeralda autêntica.

Realmente, o que se perde a lavar a roupa... Aquele lavadoiro público era uma joalharia.

Que não senhor, que aquele anel também não lhe pertencia, respondeu a Lídia, com olhos de inocente.

À terceira o senhor achou o anel da Lídia, que ficou muito feliz. Agradeceu e dali partiu, aos saltinhos.

Depois, foi contar à sua amiga Elisa o que se passara.

– E o senhor ainda ficou onde o deixaste? E os outros anéis? – perguntou a Elisa, com olhos de cobiça.

Nem esperou pela resposta. Foi a correr para o pé do lavadoiro e pôs-se a chorar, numa grande gritaria.

O senhor, que devia ser mágico ou algo parecido, não tardou em aparecer.

Quando perguntou a razão da choradeira, a menina Elisa contou que tinha acabado de perder dois anéis, um de diamantes e outro de esmeraldas, dois anéis valorosíssimos que a madrinha, uma senhora riquíssima, lhe tinha dado pelos anos... Enquanto ouvia, o senhor fingia-se muito condoído.

Fez-lhe mais perguntas. Pediu mais pormenores e, no fim, disse:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Estou tão interessado no que a menina me conta, porque soube, ainda agora, que esses anéis foram roubados. O melhor é irmos à esquadra da polícia, para que se esclareça bem tudo o que aconteceu. E, de caminho, passamos por casa da sua madrinha.

Qual caminho nem meio caminho! Ouvindo isto, a Elisa desatou a fugir, nem que viesse um esquadrão de polícias, a correr atrás dela.

O tal senhor, esse ria, ria a bom rir.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

AS DUAS PANELAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram duas panelas. Uma de ferro e a outra de barro. Estavam as duas à venda, entre outras panelas e tachos, num mercado, à beira da estrada.

– Quanto custa aquela? – perguntou um homem, apontando a panela de ferro.

O vendedor disse o preço. Era carote.

– E aquela? – perguntou o homem, apontando a de barro.

O vendedor disse o preço. Era baratucho.

– Mas se levar as duas, faço-lhe um bom desconto – acrescentou o vendedor.

O homem aceitou. Valia a pena.

Afinal, não valeu. Metidas no mesmo saco, aconteceu que, com os solavancos da viagem, a panela de ferro rachou a panela de barro. Rachou-a e partiu-a.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Quando o homem chegou a casa e tirou as compras que tinha feito, viu, desolado, a panela de barro reduzida a cacos.

– Não devia ter posto as duas juntas – reconsiderou o homem.

Perdeu uma panela, mas ganhou uma lição. Do mal a menos…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

A CARTEIRA PERDIDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O Mário encontrou uma carteira no chão. Olhou para um lado e para o outro ninguém no passeio.

Mas podia ter caído de uma janela. O Mário olhou para cima. Um alto muro, sem nenhuma abertura, foi o que viu.

A carteira era de pele de boa qualidade. Nesse caso, pensou o Mário, não foi deitada fora, como coisa sem préstimo. A alguém devia pertencer. Alguém que a perdera e que, aflito, a procurava. Quem seria?

Abriu a carteira, à procura de algum documento que o pusesse na pista do dono. Encontrou notas, uma quantidade delas, e alguns cartões e papeis. Põe-se a lê-los, um por um, na esperança de assim chegar ao dono da carteira.

Havia um cartão de identidade, em nome de José Marques Silva, de 55 anos. Havia um cartão de sócio do Clube Nacional de Natação, um cartão novinho, em nome de Manuel Maria Pereira dos Santos, com o retrato do dito, o de um rapaz pouco mais ou menos pela idade do Mário.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Havia um passe de transportes, em nome do tal José Marques Silva de 55 anos.

Portanto, tudo fazia crer que a carteira pertencesse ao senhor José. O cartão do clube, com o retrato do Manuel Maria, estava ali só para baralhar as investigações.

Porque, de facto, para o Mário, aquilo era uma investigação. O caso estava a entusiasmá-lo. Podia, pura e simplesmente, entregar a carteira, na esquadra da polícia mais próxima, onde iria parar à secção dos objectos perdidos. Poder, podia, mas ser ele a chegar, sozinho, ao dono da carteira tinha mais graça. Mais classe. Mais pinta.

Entre papeis com apontamentos, numa letra ilegível, havia uma factura de uma camisaria, com a seguinte indicação: "Levantar calças no dia 12/3".

Como a carteira tinha um pequeno calendário, Mário conferiu a data. Dia 12 de Março…

– É hoje – exclamou o Mário.

Inteirou-se da morada pela factura e foi à camisaria, que não era longe.

– Efectivamente este senhor esteve cá a levantar as calças, que não eram para ele. Vinha muito aborrecido, porque lhe tinham roubado a carteira – disse o caixeiro da loja.

– Roubar, não roubaram. Perdeu… – emendou o Mário. – Sabe onde é que ele mora?

– Tanto não sei, porque não é cliente habitual cá da casa – respondeu o empregado da camisaria. – Mas podemos ver na lista dos telefones.

Foram ver. Silva, José Marques havia cima de uma vintena.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Telefonamos a todos e perguntamos se perderam uma carteira e se têm 55 anos – lembrou o empregado.

– É uma ideia, que fica de reserva – disse o Mário. – Cá para mim, há outra mais fácil. Vou ao Clube Nacional de Natação e pergunto pela morada deste Manuel Maria, que tem cara de ser da minha idade.

Na secretária do clube, o cartão de sócio chamou a folha de inscrição, onde figurava a morada do tal Manuel Maria. Da posse dessa informação essencial, o Mário correu para a rua do Manuel Maria. Bateu à porta e um rapaz veio atender.

– Tu és o Manuel Maria – disse o Mário, de dedo apontado.

O visado estranhou, mas rapidamente tudo se esclareceu.

– Padrinho, venha cá – chamou o Manuel Maria – está aqui um miúdo com a tua carteira.

O Mário só não gostou dessa do miúdo. Se eles eram da mesma idade…

Não eram bem. O Manuel Maria estava a festejar o aniversário, que o colocava um ano acima da idade do Mário. Uma das prendas que o padrinho para ele tinha reservado era o cartão de sócio do clube Nacional de Natação. A outra eram as calças.

Mas quem se sentiu muito prendado, com a inesperada restituição da carteira intacta, foi o senhor José Marques Silva.

Escusado será dizer que o Mário também entrou para a festa. E, na altura das saúdes, mereceu um brinde especial e muitas palmas e vivas aos seus dotes de detective.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O Mário e o Manuel Maria ficaram bons amigos. Ambos são, agora, sócios do Clube Nacional de Natação. Quem paga as quotas é o senhor José Marques Silva. O Mário até já o trata também por padrinho.

Resta dizer, para terminar, que esta história não é inventada. Aconteceu. Não se pode estar todos os dias a inventar histórias.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM RATO A MAIS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Conta-se que um ratinho salvou, uma vez, um leão, que tinha caído numa armadilha. Roeu, roeu e o leão safou-se da rede em que se deixara caçar.

Muito grato ao minúsculo roedor, que mais uma vez provara que os grandes nunca devem desprezar a ajuda dos mais pequenos, o rei leão deu uma festa em honra do seu salvador.

Por altura dos discursos, o leão, diante da bicharada reunida, elogiou o ratinho e a força dos seus dentes. Sua Majestade estava comovida.

– Para provar a minha gratidão, dou-te o direito de escolher o que tu quiseres, em paga dos teus serviços.

Cabia ao rato a vez de responder. Pôs-se em bicos de pés e disse:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Quero casar com a tua filha, para vir a ser, mais tarde, ao lado dela, o rei dos animais.

Com isto é que o leão não contava, mas não podia voltar com a palavra atrás.

A princesa leoa ficou furiosa. Ela casar com um rato? Que ridículo!

Já a orquestra dos elefantes começava a soprar, no fim do banquete, dando início ao baile real.

– Os noivos, os noivos! Eles que dancem! – gritavam de vários lados.

Muito compenetrado do seu papel, o ratinho foi buscar a princesa. A vénia com que ele a convidou era de uma elegância sem igual.

O pior foi durante a bailação, propriamente dita. O rato podia valsar maravilhosamente, mas o par ajudava pouco...

Primeiro levou uma pisadela que quase o esborrachava. Depois apanhou com uma patada que o atirou para o colo de um dos elefantes da orquestra.

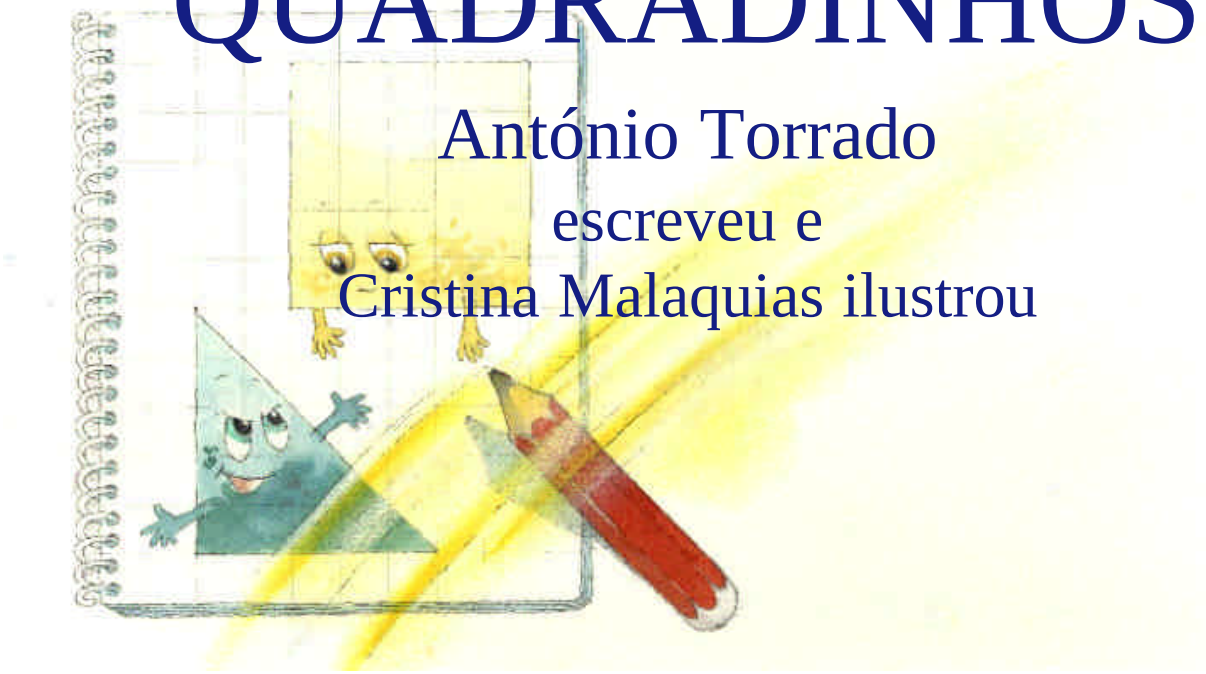
Muito contundido, o rato teve de desistir da dança e da noiva.

Ela não se importou mesmo nada e ele, embora humilhado, suspirou de alívio, quando se viu longe daquela festa em que, pela primeira vez na vida, se sentira a mais.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

HISTÓRIAS EM QUADRADINHOS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Numa folha de papel quadriculado passa-se cada coisa...

Às vezes, passam-se contas. É o mais normal. Nem sempre as contas batem certo, apesar dos quadrados quadradinhos, muito certinhos, terem sido feitos para contas muito bem contadas, certeiras, certinhas, acertadas.

Quando a conta não está certa, risca-se ou apaga-se. A folha quadriculada tudo consente, mas no fundo, é muito exigente.

Mas há mais: Onde estão contas, podem estar contos...

Às vezes, numa folha de papel quadriculado, acontecem histórias. São estas as autênticas, as primeiras histórias em quadradinhos. Como a que vamos contar.

Numa folha de papel quadriculado dum caderno escolar, encontraram-se um quadrado, completamente quadrado, e um triângulo muito triângulo. E muito impertinente.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Dizia o triângulo para o quadrado:

– Estás sempre na mesma. És quadrado, só quadrado e, dês as voltas que deres, ficas sempre quadrado. Pff! Que figura geométrica mais sem jeito. Que monotonia.

O quadrado calado, muito calado, só ouvia.

Continuava o triângulo:

– Eu sim, sou variável. Umas vezes faço-se triângulo equilátero. Outras, isósceles. Outras, escaleno. Sou um triângulo de muitas formas e feitios. Gosto de variar.

O quadrado calado, calado ficou. Então o triângulo arrebitado, espevitou-o:

– Não dizes nada? Vê-se que estás amachucado com a minha sapiência, com a minha variedade. Não é assim, ó quadrado?

Então o quadrado não se conteve mais e ripostou:

– Vai falando, vai, triângulo presunçoso, mas olha que iguais a ti já eu tenho dois, cá dentro!

Então o triângulo ficou tão enfiado que pediu a uma borracha que o apagasse.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CÃO PEQUENINO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Ele há cães de muitas raças. Cães de muito pêlo. Cães de pêlo raso. Cães de grandes orelhas caídas. Cães de pequenas orelhas espetadas. Cães enormes. Cães minúsculos.

Pois, há tempos, eu conheci uma senhora que tinha um cão muito pequeno. Tão pequeno, tão pequeno que a dona do cão só com a lupa conseguia vê-lo.

– Não me dá despesa nenhuma – dizia a senhora. – Com duas migalhas fica com a barriga cheia.

E as outras senhoras, que tinham cães, todos eles muito maiores, e enormes contas no talho para pagar, deitavam contas à vida e ao preço da carne e dos ossos.

Mas, um dia, a dona do cão perdeu o cão.

– Ó cãozinho!

E o cãozinho, nada.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Ó cãozinho!

E o cãozinho, nada. Não aparecia.

Então a dona do cão ficou só. Sem cão.

Chorou.

– Não tenho cão. Não tenho cãozinho. Sou uma infeliz, sem cão nem carinho.

Chorou mais e foi buscar um lenço para se assoar e limpar as lágrimas. Mas o lenço tinha um buraco.

A dona do cão foi coser o buraco. Foi buscar o dedal.

Meteu o dedo no dedal e – vejam só! – estava lá o cão a dormir.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SEI CONTAR

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Hoje, sem mais nem menos, o Joca, ao chegar da escola, chamou com muita solenidade os pais e contou-lhes isto que vais ouvir:

– Mãe e pai, oiçam o que eu tenho para dizer. Fiquem avisados que já sei contar. Agora não há nada que me escape. Eu conto tudo.

"A começar por mim. Querem ver? Tenho cinco dedos em cada mão, outros tantos em cada pé. Portanto, como tenho duas mãos e dois pés, o total dos dedos é… deixem-me contar… o total escreve-se assim.

"Tenho dois olhos, um nariz, dois buracos no nariz, uma boca… E dentes? Quantos? Vinte e três, não contando com os que já caíram nem com os que estão para nascer. Tenho duas orelhas, duas sobrancelhas, pestanas… Quantas pestanas? Vou ao espelho e conto. É difícil mas consegue-se. Quarenta e sete pestanas no olho esquerdo, quarenta e uma no olho direito. Estou desequilibrado em pestanas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Para onde teriam ido as outras? E cabelo, quantos cabelos? Que maçada! Nunca vou conseguir contar todos os meus cabelos. Se fossem os do meu tio Almiro, não custava nada. Ele, como vocês sabem, é praticamente careca e cola os cabelos que tem, muito acamadinhos, como se fosse uma rede de pesca.

"Desço os degraus da minha escada e conto: trinta e seis. A subir são só trinta e cinco. Porque será? Chego à rua e conto as janelas do prédio em frente: dezoito, se não contarmos com a montra da loja do senhor Narciso. Olho para o chão e vejo muitas pedras da calçada. Ponho-me a contá-las. Já vou em cento e oitenta e seis e ainda só dei dois passos. Onde é que acaba a calçada? Até onde chegam os números? Não vou conseguir contar todas as pedras. Não vou conseguir.

"Também não consigo contar todos os quadradinhos do teu casaco, pai, todas as pintinhas da tua saia, mãe, todas as linhas da palma da mão da avó, todas as rugas da testa do avô, todos os tic-tac do relógio inglês, todos os grãos de areia da praia, todas as gotas de chuva, todas as estrelas do céu…Não consigo contar. E por mais números que saiba, dizem-me, nunca conseguirei contar.

"Afinal de que servem os triliões, os quadrilhões, se, mesmo esses, são poucos para contar tudo o que há para contar?"

– Pois. Já sei contar. Mas ainda me falta saber tanta coisa…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O RELÓGIO DO JOCA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Deram um relógio ao Joca. O primeiro. Ele queria um de mostrador irrequieto, sempre com os segundos aos saltinhos, mas o padrinho deu-lhe um de ponteiros, à antiga.

– É um relógio do meu tempo – disse o padrinho.

– Então não me serve – disse o Joca. – Estás sempre a dizer que, no teu tempo, não havia tanta pressa. Ora eu não quero chegar atrasado à escola.

O padrinho achou muita graça ao afilhado e explicou que o tempo, embora não pareça, é igual para todos. Todos os relógios estão acertados uns pelos outros.

– E quem os acerta? – quis saber o Joca.

– É o Sol e somos nós, que estabelecemos esta regra – respondeu o padrinho com pouca paciência para mais explicações.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando se viu sozinho, o Joca pôs-se a regular o tempo, à sua conta. Decidiu que era hora de almoço e impôs aos ponteiros o meio– dia e trinta minutos. Mas ninguém o chamou para almoçar.

Passou, então, os ponteiros para as cinco. Hora do lanche. Esperou que o chamassem. Nada.

Assim entretido, esqueceu-se das horas.

– Anda-te deitar, Joca – chamou a mãe.

Como podia ser?

– O teu relógio deve estar escangalhado – disse o Joca para a mãe. – No meu ainda falta muito.

A mãe espreitou para o relógio do filho. Marcava duas horas em ponto.

– Mas é tardíssimo. Duas horas da manhã? – fingiu que se assustava a mãe. – Tão tarde e tu ainda a pé? Não pode ser.

– Duas horas da tarde – protestou o Joca.

Mas não levou a dele avante. Aqueles relógios de ponteiros, afinal, ainda eram muito imperfeitos...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A ESPADA DO REI UTHER

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Há muito e muito tempo, num país de nuvens e lendas, vivia um rei chamado Uther.

Quando o trono deste país ficou vazio, ficou o reino sem rei nem roque, porque príncipes e condes todos queriam, à uma, experimentar a coroa do rei Uther, a ver se lhes assentava bem...

Mas, embora ninguém soubesse, o rei Uther tinha deixado um filho, chamado Artur, a quem, por direito, a coroa real devia pertencer. O sábio Merlim, receando que algum mal sucedesse ao principezinho, levara-o da corte, para entregá-lo aos cuidados de Sir Heitor, um bom e leal cavaleiro. No castelo deste fidalgo, crescera. Tão carinhosamente tratado sempre fora que se julgava filho de Sir Heitor e irmão de Kay, um jovem da sua idade, filho único do cavaleiro.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Como, à falta de um rei, ninguém se entendia, o arcebispo, encarregado de velar pelo reino, decidiu convocar todos os pretendentes. À medida que os muitos condes e príncipes chegavam à clareira da floresta, onde fora marcada a reunião, uma grande pedra branca ia rompendo da terra, como se fosse empurrada de baixo por qualquer força estranha. Perturbados, os cavaleiros viam-na crescer, até que um deles exclamou:

– Olhai, que uma espada está enterrada no coração da pedra...

A pedra parou. A meio, uma bela espada de punho de oiro reluzia cravada na rocha.

– Esta espada pertenceu ao generoso e amado rei Uther, que sempre a levantou em defesa dos fracos e dos bons – proclamou o arcebispo. – Glória a quem a arrancar da pedra, porque esse será o rei.

Precipitaram-se os pretendentes para a espada. Príncipes e condes tentaram a sua sorte. Em vão. A espada não se deixava mover.

– Vemos que nenhum de nós é o eleito – concluiu o arcebispo.

Ordenou que uma guarda permanente se mantivesse de sentinela à espada de Uther e marcou um dia do ano, em que todos os cavaleiros do país pudessem de novo experimentar os seus poderes, desafiando a espada. Entretanto, grandiosos torneios eram organizados, para distraírem e exercitarem os nobres pretendentes.

Sir Heitor foi convidado. Acompanhavam-no Kay e Artur. Os dois rapazes, quando chegaram ao campo da liça e viram os belos cavalos, as plumas dos elmos, as fitas das

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

lanças, as bandeiras e os guiões esvoaçando ao vento, ficaram entusiasmados e também quiseram participar nos jogos. Desafortunadamente, o jovem Kay esquecera a espada na estalagem onde tinham passado a noite.

– Eu vou buscar-ta – ofereceu-se Artur, montando a cavalo.

Mas, quando chegou à estalagem, as portas estavam cerradas e a estalagem vazia. Os donos e a criadagem tinham ido ver os torneios.

Desolado, Artur regressou ao acampamento de Sir Heitor. Entretanto, lembrou-se de que vira, numa clareira por onde passara, uma enorme pedra branca, encimada por uma espada. Procurou o local e encontrou-o. Também os guardas tinham trocado a missão de sentinela pelo torneio...

No meio da floresta, enterrada na pedra, uma espada aguardava o jovem cavaleiro. O moço Artur merecia-a. Num único impulso, arrancou-a da bainha mágica e trouxe--a a Kay.

Este reconheceu a espada e foi mostrá-la ao pai:

– Senhor, esta é a espada de Uther. Serei eu o rei.

Sir Heitor carregou o rosto e repreendeu-o:

– Quando te armei cavaleiro, juraste defender sempre a verdade, meu filho. Quem te deu essa espada?

Baixando a cabeça, Kay confessou:

– Foi o meu irmão Artur quem ma deu.

– Perdi um filho, mas o reino ganhou um rei – disse Sir Heitor, ajoelhando-se diante de Artur, que se aproximara deles.

Artur, de olhos espantados, não entendia o que estava a passar-se. Foi preciso que Sir Heitor lhe contasse toda a

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

sua história, desde que, nos braços do sábio Merlim, abandonara o palácio real.

– Mas eu não quero ser rei – lastimava-se Artur. – Vós sois o meu pai muito amado e Kay o meu querido irmão.

Sir Heitor assegurou-lhe que continuariam sempre seus amigos. Com esta promessa, Artur concordou em que o levassem à presença do arcebispo.

Diante de todo o povo, Artur enterrou a espada na pedra e arrancou-a, como se a pedra fosse terra mole. Os condes e os príncipes não queriam acreditar no que viam e exigiram nova demonstração. Artur acedeu.

Apesar de todas as evidências, os pretendentes puseram-se a murmurar contra o jovem desconhecido e recusaram-se a aclamá-lo rei. Não fosse o povo ter-se revoltado contra os nobres despeitados e talvez a História e a lenda nunca nos falassem de um rei bondoso e leal, chamado Artur...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PREÇO CERTO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

19 de Março
Dia do Pai

Era uma vez um homem simples e bom que tinha muito orgulho na filha, em todos os seus dons, dotes, prendas, primores ou como queiram chamar às qualidades que enfeitam uma filha aos olhos de um pai embevecido.

– A minha Inês tudo em que toca transforma em ouro.

Maneira de dizer.

Mas um espião do rei entendeu aquela fala de ternura tal e qual. A seco. E foi dizer ao rei:

– Há uma menina que transforma tudo em ouro.

– Quero-a aqui – exigiu o rei, um ganancioso.

Foram buscá-la. Imagine-se a aflição daquele pai.

Trazida à presença coroada, de nada valeu à rapariga protestar que não era nada assim, que nunca soubera de bruxedos nem de magias que doiram as pedras do chão. Tomara ela dar conta da lida da casa e mantê-la asseada, para que o pai velho e viúvo sempre se sentisse bem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O rei não acreditou.

– Ou tu, fechada neste quarto, transformas a cama em que te deitares em ouro ou amanhã mando matar-te.

A menina chorou a noite toda.

De madrugada, por um primeiro raio de luz, que atravessou o quarto, escorregou um gnomo, vindo não se sabe de onde.

Põe-se muito empertigado diante de Inês e disse-lhe:

– O que é que tu me dás se eu te salvar?

Inês não tinha nada de seu. Nem colares nem pulseiras nem anéis. O que é que ela podia dar?

– Os teus cabelos – exigiu o gnomo.

– Queres que eu os corte? – perguntou a menina.

– Por enquanto, não. Mais tarde arrecado. E também quero a tua pele.

Inês arrepiou-se.

– E os teus dentes. E os teus olhos. Mas não quero agora. Depois mos dás.

Se não era para já, que havia de fazer? Inês consentiu.

Então o gnomo cortou o raio de sol por onde tinha vindo e, como se o raio fosse uma varinha de condão, com ele tocou a cama, que ficou feita de ouro. Depois, desapareceu.

O rei, quando entrou no quarto, deu pulos de contente. Claro que quis mais. Por vontade dele transformaria o reino todo, casas, montanhas, rios, pontes e até pessoas em ouro puro.

Ele nesta loucura, aos gritos, e um raio de sol a fazer-lhe a vontade. Se queria tudo em ouro, nada melhor do que começar o serviço por ele próprio. O raio de sol transformou o rei numa estátua de ouro, talvez não muito puro. Para aquele sôfrego a ambição chegara ao fim.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Sucedeu-lhe um rei mais sensato, que deixou Inês em paz. Ela voltou para casa, onde o pai a recebeu em lágrimas.

A história podia acabar aqui, mas havia ainda a promessa por cumprir. Quando é que o gnomo voltaria, para intimá-la à paga combinada? Os cabelos. A pele. Os dentes. Os olhos.

Passou tempo. A airosa menina transformou-se numa mulher. Casou. Teve filhos. Os filhos, chegando a altura, deram-lhe netos. Ela sempre feliz.

Só uma gota de amargura, pela vida fora.

Se o gnomo aparecia, de repente? Não podia faltar ao preço que dera pela sua salvação.

Envelheceu, sempre acompanhada por este sobressalto. A pele esmoreceu-lhe. Muito rugosa, empergaminhada. Caíram-lhe os dentes. Rareavam os cabelos. Via cada vez pior.

Já não podia dar nada que prestasse, quando o gnomo viesse. Tão velhinha que estava.

Até que, um dia, percebeu.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SAPE GATO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

20 de Março
Dia Mundial contra o Racismo

A gata Milocas é uma gata branca...

A gata Milocas teve três gatinhos. Os gatinhos chamavam-se Bibim, Bombom e Zé Lucas.

O Bibim e o Bombom são todos brancos.

O Zé Lucas não é todo branco. Tem uma orelha preta.

O Zé Lucas está sempre a lavar a orelha preta, a ver se a orelha muda de cor. Mas a orelha não muda de cor. Continua preta.

Então o Zé Lucas resolve ir ao médico dos gatos.

– Senhor Doutor, tenho a orelha toda preta.

– Já vi – disse o doutor .– E que mais?

– Mais nada.

– A orelha dói-lhe?

– Não dói.

– Ouve mal?

– Oiço bem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Tem comichão?

– Não tenho comichão.

– Então?

– É preta. A minha orelha é preta.

– Quer que lhe corte a orelha?

– Isso não.

– Então?

– Senhor Doutor, queria ter a orelha branca.

O médico dos gatos encolheu os ombros, mas foi lá dentro preparar uma injecção.

Veio com a injecção e deu a injecção ao Zé Lucas.

O Zé Lucas disse:

– Ai.

Vai daí, a orelha que era preta ficou branca, muito branca.

Ficou a orelha branca, mas o corpo, que era branco, ficou preto – patas pretas, focinho preto, rabo preto. Todo preto, muito preto.

– Está contente? – perguntou-lhe o médico dos gatos.

– Estou – respondeu o Zé Lucas.

E estava mesmo!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DA ERVA À ÁRVORE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

21 de Março
Dia Mundial da Árvore

Eram dunas e dunas, a perder de vista. Montes de areia para o vento brincar...

Hoje, fazia uma duna maior aqui, amanhã apagava-a, para fazê-la mais além e, sempre segundo os seus caprichos, onde estavam montes, cavava vales, onde estavam vales, amoldava montes. O vento era uma vassoura enorme.

Cabeleiras dóceis de ervinhas rasteiras deixavam-se pentear, despentear, ao sabor do vento gigante. Ele é que mandava.

Uma delas, à beira de um tojo só picos, cresceu. Delgadinha que era arriscou-se à vida. Rompera a areia e apontava para cima. Ela lá sabia.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De dentes a ranger, o vento passou. Partiu-se o tronquinho? Não se partiu. Fincava as raízes, segurava-se com toda a força e, quando o vento descia, inclinava-se à vontade dele. Tinha de ser assim.

Lá se foi aguentando. O vento, a princípio, nem dava por ela. Era uma erva como as outras. Senhor daquelas dunas, o que ele queria era disciplina, ordem, submissão. A erva, que erva afinal não era, submetia-se. Óptimo.

Foi crescendo e o vento sem dar por ela. Era um tronco já, uma árvorezinha de Natal para casa de bonecas. Outras ervinhas como, dantes, ela tinha sido, despontavam também, na mesma duna.

Ali havia uma pequena nação de pinheiros novos. A ordem era: persistir. Por enquanto, persistir. Resistir, seria para depois. E foram vingando.

Quando o vento deu por eles, teve uma grande cólera e soprou, dias a fio, sobre a duna, donde nascia, miudamente, frágil ainda, um sinal de rebeldia ao seu poder. Nada conseguiu. Os pinheiros sabiam que eram pinheiros.

Tinham raça e coragem para fazer frente ao vento.

Uns e outros, os maiores e os mais pequenos, começaram a olhar para a sombra. Alastravam para outras dunas. Guerreiros chamavam por outros guerreiros e desafiavam o vento. "Nada podes contra nós", gritavam-lhe.

O maior, o chefe, o mais velho, que da erva se fez tronco, do tronco se fez árvore, comandava a defesa e dizia aos mais novos, nas alturas em que o vento lhes fazia ranger os ramos: "Aguentem, que já passámos por pior". Eles aguentavam.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E foi assim que o vento, o gigante caprichoso que dantes arrasava dunas, teve de deixar de fazer castelos na areia.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

POBRE DA ÉGUA BRANCA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um rapaz que gostava muito de uma rapariga. Ela não tanto.

Chamava-se ele Joaquim. Chamava-se ela Joaquina. Com estes nomes via-se que estavam mesmo feitos um para o outro. Mas nem sempre as coisas são como a gente julga.

– Queres casar comigo, Joaquina?

– Ainda sou muito nova, Joaquim. Lá mais para depois, se verá...

O rapaz impacientou-se. Impacientou-se e foi consultar uma bruxa, que lhe fez um bolo de pão e ervas, muito bem amassado. Enquanto preparava o bolo a bruxa dizia:

– Chapa daqui, chapa dali, quem te comer morrerá por mim.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Era para ele dar a comer à namorada.

O rapaz deixou o bolo a arrefecer no parapeito da janela da Joaquina, a contar que ela lhe pegasse. Logo por azar, quem abocanhou o bolo mágico foi uma égua branca de muita estimação da rapariga. Montada nela, é que Joaquina ia sempre à missa.

No domingo, pespegou-se o Joaquim, no meio do adro da igreja, à espera do efeito do feitiço. Assim que o viu, a égua, que trazia a Joaquina em cima, pôs-se aos pulos e aos coices, numa grande alegria. Que paixão mais disparatada!

– A égua tomou o freio nos dentes – gritaram.

O Joaquim acudiu à Joaquina, mesmo no instante em que ela ia a cair da montada. Ficou o rapaz com a rapariga nos braços.

A égua, que continuava desaustinada, teve que ser abatida, com grande pena da dona que tremia e chorava no colo do seu salvador.

– Queres casar comigo, Joaquina? – perguntou ele.

– Quero, sim, Joaquim – respondeu ela, num primeiro sorriso, depois das lágrimas.

Casaram e foram muito felizes.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS TRÊS GATOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma gata que teve três gatinhos.

Os donos da gata disseram:

– Há que dar-lhes nomes. Gatos sem nomes são gatos vadios. E os nossos gatos não são desses, ora essa!

Chamaram a um Badameco, ao outro Pimpão e ao terceiro Arranhão.

Os gatos não se importaram. Eram pequeninos. Estavam por tudo.

Mas a mãe não gostou:

– Que disparate de nomes. Eu não tenho nenhum filho Badameco, muito menos Pimpão e nem por sombras Arranhão. Eles que dêem esses nomes aos filhos deles, que para os meus não os quero.

E, em segredo e com muito carinho, chamou-os respectivamente de Pimpim, Pompom e Totó.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Não foi fácil aos gatos habituarem-se aos vários nomes que tinham. Às vezes, dava confusão.

Quando chegaram à idade de andar pelo telhado, o Pimpim Badameco, o Pompom Pimpão e o Totó Arranhão sentiram-se mal dentro destes nomes, mais de palhaços do que de felinos. Não dava jeito chegarem à fala com uma gatinha e, na altura das apresentações, dizerem que se chamavam Pimpim ou Badameco ou Totó ou Pimpão. Era ridículo.

Para que os tomassem a sério, crismaram-se com os seguintes nomes de guerra e conquista: Gatafunho, Alpergato e Zé do Telhado.

Foi tempo. Agora que estão velhos e fartos de aventuras, só querem festas e sopas quentes.

O Gatafunho é o Senhor Borralho. O Alpergato é o Doutor Pantufa. E o Zé do Telhado, que consentiu recentemente na condecoração de um sininho ao pescoço, é o Dom Guizo, com todo o respeito.

O Pimpim Badameco de Gatafunho e Borralho, o Pompom Pimpão de Alpergato Pantufa e o Totó Arranhão Zé do Telhado e Guizo passam o dia enrolados, a dormir. Mas apesar de estarem duros de ouvido, se alguém os chama, com voz meiga: "Bichinho gato! Bichinho gato!", eles acordam logo. Já não são de cerimónias.

No meio dos sonhos, ouvem a voz da mãe: "Pimpim, larga o reposteiro!", "Pompom, não te debruces da cadeira!", "Totó, não arranhes a almofada!". Quem lhes dera!

Pois é. Os gatos velhos têm destes quebrantos, destas fraquezas. E não só os gatos...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

APENAS UM RAPAZ

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rapaz bravio que gostava de pregar partidas e fazer matulices, só por embirração. Era muito antipático este rapaz.

Mas emendou-se. Eu conto como foi.

Um dia, por maldade, deu-lhe na veneta atormentar uma pobre velhota, que vivia numa casinha pobre, à beira do povoado. Foi para uma pedreira que havia perto e pôs-se a atirar pedras e a rebolar pedregulhos, que iam cair no quintal da velhota. Para o que lhe havia de dar!?

No fim do seu feito, já cansado, aproximou-se da casa da velhinha, para ver de perto os resultados da sua proeza. Andava a velhinha a recolher as pedras, espalhadas pelo quintal.

– Foi uma bênção que me caiu do céu – dizia a velhinha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Precisava, há que tempos, de consertar o muro do quintal, mas não tinha forças para trazer tantas pedras. Se não fosse esta avalanche...

O rapaz ficou de boca aberta. E mais sem fala ficou quando a velhinha lhe propôs:

– Bom rapazinho, importas-te de me ajudar a consertar o muro?

Ele, que tinha de fazer de conta que era um bom rapazinho, não teve outro remédio. Passou o resto do dia a acartar pedras, as pedras que ele lançara do alto do monte.

No fim da tarefa, a velhota agradeceu-lhe o trabalho e deu-lhe um grande boião de mel. O rapaz lá se foi, cansado e a lamber os beiços, um tanto confundido. À noite, quando se deitou, estava cá com uma dor nas costas, que não lhes digo nada! Mas regalado com o mel, que a velhinha lhe dera.

Ora pois! Serviu-lhe de emenda. Mudou de intenções. Não posso garantir se, dessa vez em diante, nunca mais pregou partidas. Um diabinho não se transforma de repente num santinho. É exigir demais. Mas, na verdade, deixou-se de brincadeiras tolas.

Sem que possa ser considerado um virtuoso rapazinho, também já não é um venenoso rapazote. Nem rapazinho, nem rapazote. Apenas um rapaz. Nem muito mau, nem muito bom. Como quase toda a gente, aliás.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

EXPOSIÇÃO DE FLORES

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou

Aqui perto, houve uma exposição de flores. De flores naturais, fiquem sabendo Nem fazia sentido que a exposição fosse de flores de plástico. Ou de pano. Ou de papel. Ou de flores pintadas em quadros.

As flores, em qualquer jardim, estão sempre em exposição.

– Admirem as nossas cores – dizem as rosas.

– Apreciem o vigor do nosso caule e a elegância da nossa corola – dizem os jarros, a que os brasileiros chamam "copos de leite". Porque será?

– Extasiem-se com a delicada pintura das nossas pétalas – dizem os amores-perfeitos.

As flores de jardim são umas vaidosas. Na exposição, dispostas em jarros ou em vasos, encantavam quem por elas passava.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

À entrada, mas do lado de fora do festival das flores, uma papoila chama-me a atenção.

– Não me deixaram entrar – queixou-se ela. – Dizem que a exposição é só para flores cultivadas. Acho uma injustiça.

Também achei o mesmo. Por isso, para repor a justiça e homenagear as flores do campo, que têm tanto de humildade como de beleza, peguei na papoila e prendi-a na lapela. Depois, entrei na exposição como se trouxesse ao peito uma condecoração de fazer inveja a generais.

Houve escândalo entre as flores a concurso.

– O que é que esta paspalhona provinciana tem de estar aqui a exibir-se? – perguntavam umas às outras.

Mas os visitantes da exposição olhavam para nós – para a papoila e para mim – e sorriam.

A minha papoila, muito ruborizada, sentia-se a rainha da festa. Nunca concentrara sobre ela tantos olhares, tanta atenção, tanta simpatia. Era emoção demais para uma papoila tão frágil. Antes que eu chegasse ao fim da exposição as pétalas da minha papoila voaram. Para onde? Não importa. Aquele tinha sido o momento mais glorioso da sua curta vida.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O FERRADOR APRENDIZ

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Há um ditado que diz assim:

"Por um cravo se perde um cavalo, por um cavalo um cavaleiro, por um cavaleiro uma batalha."

A história está praticamente contada, mas vale a pena entrar em pormenores.

Tudo começou quando um rapaz, chamado Vatel, entrou ao serviço das cavalariças reais. A ambição dele era chegar a ferrador-mor, mas, como em tudo, tinha de começar pelo princípio.

Passeava os cavalos, antes de serem selados, dava-lhes de comer, lavava-os e limpava-os, revolvia-lhes e mudava--lhes a palha das camas, enfim, tudo trabalhos ligeiros.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De caminho, ia aprendendo a ferrar. Estava sempre de olho nos ferradores, que pegavam com tenazes as ferraduras saídas da forja e as martelavam na bigorna, para, depois de arrefecidas numa selha, muito habilmente aplicá-las nos cascos dos cavalos.

As nuvens de vapor que se soltavam da selha por cada ferradura nela mergulhada toldavam os olhos de Vatel. A atmosfera afogueada dos metais fundentes, de mistura com o cheiro acre dos couros e dos cascos aquecidos, mais o suor nervoso dos cavalos, ardiam na respiração do jovem Vatel, picavam-lhe as narinas, faziam-no lacrimejar. Mas ele gostava.

Um dia, houve rebuliço nas cavalarias reais. Tinham de ser aprontados até de madrugada todos os cavalos, porque o reino sofria ameaça de invasão e o rei, fiado no seu exército de lanceiros, contava sustê-la.

O caminho até à fronteira era longo, por más estradas. Como se sabe, sem ferraduras, os cavalos nunca conseguiriam enfrentar longas caminhadas. Gastavam as solas dos cascos e expunham à marcha os tecidos vivos, a ponto de se magoarem.

A invenção do aro de ferro, pregado aos cascos do cavalo, só tem equivalência com a invenção do pneu, para o andamento da roda. Mas, vendo bem, a ferradura talvez tenha sido ainda mais importante.

Na cavalariça, todos os braços disponíveis foram postos ao serviço da cavalaria do rei.

– Tu sabes ferrar bem, rapaz? – perguntou uma ordenança a Vatel.

– Sei sim, senhor – respondeu Vatel, num atrevimento de boa vontade.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Então trate-me de ferrar de novo este cavalo, que tem as ferraduras das mãos gastas, nos bordos de fora. Depressa.

O rapaz obedeceu. Descravar não custou. Eram ferraduras abertas e simples. Encontrar outras novas e iguais também foi fácil, apesar da confusão da oficina.

– Quem te deu a carta de ferrador? – perguntou-lhe a voz grossa do mestre Lavalard. – Dá cá o animal e vai buscar-me os cravos.

O aprendiz tinha sido reposto no seu lugar, antes de fazer alguma asneira. Estava o mestre Lavalard a fiscalizar a operação – e com que ligeireza ele ferrava! – quando o chamaram de urgência para atender ao cavalo de um coronel.

– Falta só martelar este cravo – disse o mestre ao aprendiz. – Encraveira bem, para que fique à face. Tens força que chegue?

Vatel disse que sim. Que outra coisa podia ele dizer?

Aqui para nós, temos de reconhecer que a vontade não se igualava à força. O cravo ficou ligeiramente solto, um nada de nada, mas o suficiente para ditar a sorte de uma batalha.

Quando, tempos depois, a meio da refrega, o rei do alto de uma colina, observando com os seus generais o andamento da batalha, mandou que o cabo-estafeta, a ordenança, fosse por reforços e o cabo partiu à desfilada, já o cravo novo da ferradura estava meio desenclavinhado, por culpa da marcha que suportara. Tinia a ferradura, a soltar-se da pata do cavalo.

O cavalo da ordenança tropeçou, o cavaleiro não se segurou, caiu pela frente da montada e foi bater com a

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

cabeça numa maldita pedra, que devia ter pacto com o inimigo. Desmaiou o cabo e os reforços não foram avisados e a batalha perdeu-se.

Contam os manuais de História que a culpa da derrota foi atribuída à má estratégia do rei, dos generais e de não sei mais quem, mas nenhum livro refere o nome do aprendiz Vatel. Aqui se repõe a verdade, para que se saiba.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BAILE DE MÁSCARAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

27 de Março
Dia Mundial do Teatro

Era uma vez um senhor muito, muito curioso.

Uma vez perguntou ao menino elefante o que é que ele gostava de ser, quando fosse crescido. O elefante respondeu que gostava de ser pulga.

– E porquê?

– Porque ninguém me descobria e eu fazia cócegas em quem me apetecia...

Depois, o senhor muito curioso perguntou à girafa se ela tinha algum desejo que quisesse revelar. A girafa respondeu, em segredo, que gostava de ser, ao menos uma vez, caranguejo.

– E porquê?

– Para poder andar rasteirinha, a ver o que não vejo...

A seguir, o senhor muito curioso perguntou ao coelho se sonhava e com quê. O coelho respondeu que, às vezes, lhe dava para sonhar que era lobo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– E porquê?

– Porque se fosse lobo não tinha medo dos lobos.

Então o senhor muito curioso perguntou ao leão em que é que ele magicava, antes de adormecer. O leão respondeu que, em noites de insónia, pensava que era ovelha.

– E porquê?

– Para não me dar ao trabalho de caçar. Regalava-me com ervas e pronto... de papo para o ar!

Para satisfazer os bichos, o senhor muito curioso, que também inventava histórias como esta, resolveu organizar um baile de máscaras. Veio o elefante mascarado de pulga, a girafa vestida de caranguejo, o coelho disfarçado de lobo e o leão de ovelha.

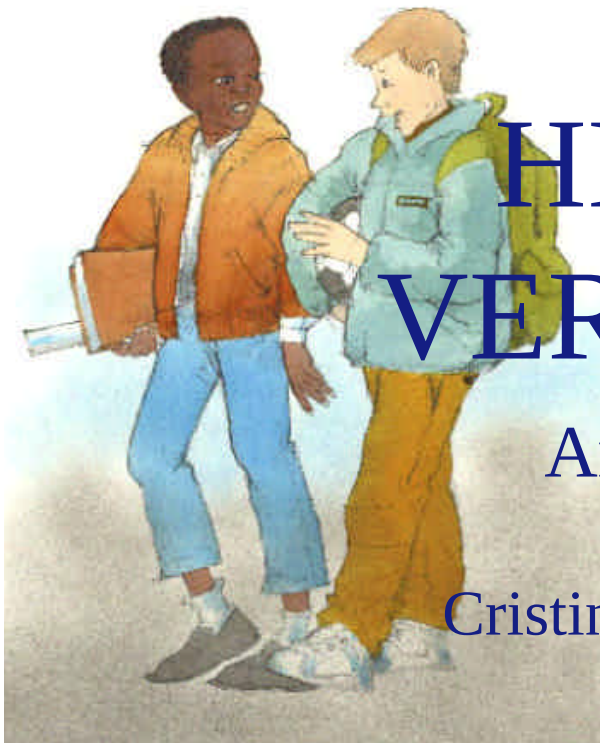
Nem calculam como acabou a festa!

O elefante aos saltos
deu cabo da orquestra...
A girafa, coitada,
numa frincha da porta
ficou entalada.
Mas o que mais importa
na baralhada
desta agitação
foi quando o coelho
quis comer o leão.
E o baile terminou
e a história findou
em completa confusão.

Até eu, que a inventei,
levei um encontrão!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

28 de Março
Dia Mundial de Juventude

Quem conta esta história é o nosso amigo Flávio.

"Eu e o Marcelino somos muito amigos. Temos quase a mesma idade, gostamos das mesmas coisas, jogamos sempre pela mesma equipa, conversamos muito. Na aula, desde o primeiro ano que somos companheiros.

Embora, como disse, o Marcelino tenha quase a mesma idade que eu, às vezes, parece muito mais velho. Explicaram-me, em minha casa, que isto tem a sua razão de ser. É que ele é o mais velho de sete irmãos e, como se imagina, numa família tão numerosa, as responsabilidades têm de ser repartidas pelos filhos mais crescidos. Por isso, o Marcelino, uma vez por outra, precisa de pedir dispensa ou porque ficou a tomar conta dos irmãos pequenos ou porque está um doente ou por outros motivos assim. Confessa estas coisas ao professor, com simplicidade, e o professor dá-lhe sempre razão. Bem se importa o

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Marcelino que riam, zombeteiros e idiotas, os da fila de trás, comandados pelo Janeca.

Como calculam, o Marcelino não é um menino rico. Os pais vivem com dificuldades e por isso o Marcelino anda, no dizer pedante do Janeca, 'imensamente mal vestido'. O blusão está-lhe curto, a camisa tem um ou outro ponto, a disfarçar princípio de rasgão, e as calças já cresceram tudo o que tinham a crescer... Os sapatos não destoam. Grandes e cambados, não impedem, no entanto, o Marcelino de correr. E que bem que corre com eles o Marcelino!

Pois, no outro dia, o meu amigo apareceu com sapatos novos. Dava-se logo por isso, tanto mais que as calças e o blusão eram os mesmos de sempre. Eu não fiz comentários, mas alguns colegas repararam e, entre eles, o Janeca que, depois de muito o mirar, lhe disse assim, brutalmente:

– Esses sapatos são meus.

Houve rebuliço. O Marcelino, corando, explicou que aqueles sapatos tinham sido dados à mãe dele por uma senhora, que morava numa determinada rua. E indicou o nome da rua e o nome da senhora.

– É a minha mãe! – exclamou o Janeca, que se chama, de facto, Gilberto. – Bem razão tinha eu em dizer que os sapatos me pertenciam. Estavam-me muito apertados e nunca mais os quis. Ora vejam só quem ficou a ganhar...

E ria-se, ria-se muito da sua descoberta.

– Com que então com os meus sapatos, seu felizardo! – continuava o Gilberto. – Estás cheio de sorte...

Talvez nunca mais se calasse, se o Marcelino, de dentes cerrados, não tivesse feito o que fez. Perante o espanto de toda a turma reunida à volta, o meu amigo desapertou os

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

sapatos e atirou-os ao Janeca, que ficou com cara de parvo. Entretanto, a campainha começou a tocar para a aula.

– Porque é que estás descalço? – perguntou-lhe o professor.

Ninguém se riu. Ninguém tinha vontade de rir. Então eu, discretamente, passei-lhe os meus sapatos de ginástica.

No dia seguinte, o Marcelino voltou à escola com os velhos sapatos bambos."

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ERAM TRÊS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

São três bonecos de barro,
três jaquetas, três bonés,
três calças brancas, lavadas,
com risquinha até aos pés.

São três bonecos de barro,
três bigodes de entremez,
três pencas de pêra parda,
pintadas de camoês.

São três bonecos de barro,
três laços de azul francês,
colarinhos cartonados,
mudados de mês a mês.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

São três bonecos de barro
muito graves todos três.
Usam polainas de estado
e calçam quarenta e três.

São três bonecos de barro
em bizarra rigidez.
Com garbo, diz-se um morgado,
outro conde, outro marquês.

São três bonecos de barro,
de barro, digo outra vez,
Na prateleira aprumados,
mas ocos de altivez.

São três bonecos de barro,
três jaquetas, três bonés,
Pintados e repintados
cada um vale por dez...

Pois são três bonecos de barro,
mas veio o gato Iniguês
e num salto desastrado
em cacos de telha os fez.

Eram três bonecos de barro,
com apito rés aos pés.
Dantes, ainda apitavam.
Agora: é o que vês...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O JOCA BRINCA COM AS CORES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Perguntava o Joca:
– Mãe, de que cor são os pintainhos?
– Os pintainhos são amarelos.
O Joca ficou silencioso, mas só por um instante.
– E de que cor é aquilo que o ovo cozido tem dentro?
– Aquilo chama-se gema e a cor é amarela.
– Ó mãe, o que é isso que está a beber?
– É limonada.
– A limonada é feita com o quê, mãe?
– É feita com sumo de limão.
– E de que cor é o limão?
– Amarelo – respondeu a mãe, cheia de paciência.
O Joca engoliu o último bocado do bolo e comentou:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Há muito amarelo por aí, não há? – e fez um gesto que abrangia a esplanada, o toldo, as pessoas que passavam na rua, os automóveis, os prédios em frente, as outras ruas, as casas das outras ruas, a cidade, o país, a terra e o céu. Enfim, gesto largo, muito largo...

A mãe esclareceu:

– Claro que há coisas amarelas, outras azuis, outras vermelhas, outras verdes. E há cores intermédias: cor de laranja, azul marinho, violeta, cor-de-rosa... As cores estão espalhadas pelo mundo, para alegria dos olhos dos meninos e dos homens. Tu ainda não conheces todas as cores, mas hás-de conhecê-las.

– Todas? – pergunta o Joca, ansioso.

Um ventinho ligeiro enfunava o toldo verde escuro da esplanada, arrepiava as folhas verdes, de um verde clarinho, das acácias, agitava uma blusa verde-garrafa, a secar numa janela. Mas há mais verdes, tantos mais que nós não contamos por preguiça...

A mãe do Joca via o que nós víamos. Por isso respondeu assim:

– Nunca conseguimos conhecer as cores todas, porque não há duas cores iguais. É fácil dizer: aquilo é azul, mas há tantos azuis... Baptizar uma cor é, afinal, muito difícil. Percebeste, Joca?

De olhos muito abertos, virados para a mãe, o Joca só os pestanejou quando, à pergunta, respondeu que não percebera.

– Vou comprar-te uma caixa de tintas – disse-lhe a mãe. – Hás-de aprender por ti.

É o que está a acontecer. O Joca mais a sua caixa de aguarelas andam a aprender. O Joca aprende a trabalhar

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

com os pincéis e a estender as cores sobre a folha branca. Por sua vez, as cores, que acordaram dos quadradinhos apertados, onde dormiam, aprendem a viajar sobre desenhos e paisagens.

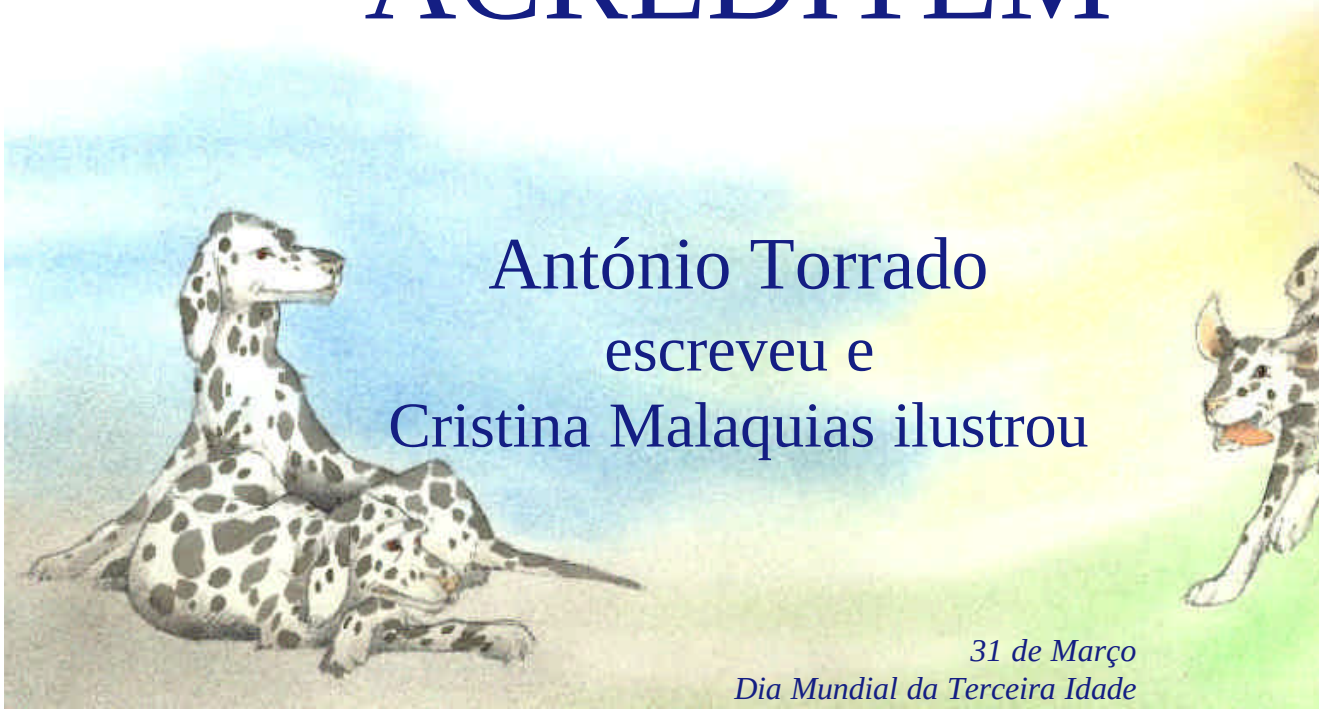
E aprendem também – o que não é menos importante – a viver umas com as outras, a conviver, a relacionarem-se... Põe-se o amarelo à conversa com o encarnado e aparece o cor de laranja... Está o encarnado à conversa com o verde e descobrem o castanho...

É uma festa para o Joca. É uma festa para as cores.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ACREDITEM



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

31 de Março
Dia Mundial da Terceira Idade

Era uma vez uma senhora que tinha três cães. Um era já velhote. Outro, assim assim. O terceiro era um cachorro ladino, que nunca estava quieto.

Os três da mesma raça. Não me perguntem qual, porque nisso de marcas de cães e raças de automóveis – perdão! – de raças de cães e marcas de automóveis sou muito ignorante.

O cão velho, deitado no capacho da entrada, vendo o mais novo a correr atrás de uma aranha, de uma borboleta, até da própria sombra, comentava para o cão do meio:

– Também já fui assim.

– Não acredito – latia o cachorrinho, sem deixar de correr. – Tu nunca brincaste.

– Brinquei, podes estar certo. E, às vezes, ainda me apetece. Se não me sentisse tão pesado, ainda te apanhava.

– Não acredito – insistia o cachorrinho, de riso nos dentes muito brancos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Mas deves acreditar – aconselhou o cão do meio. – Nós que somos mais velhos, já fomos tão ligeiros como tu.

– Não acredito – teimava o cachorrinho, sempre a correr.

– Como é que havemos de convencê-lo que já passámos pela idade dele e que ele há-de chegar à nossa? – perguntou o cão do meio ao cão mais velho.

– Vai ser difícil – concluiu o cão velhote, sem se despegar do capacho.

A senhora, dona dos três cães, que toda esta conversa ouvira ou adivinhara, trouxe um álbum de fotografias, poisou o cachorrinho no colo e mostrou-lhe:

– Este é o retrato do velho Piloto, quando ainda só comia sopinhas de leite. A fotografia está tremida, porque ele era um vivo demónio. Nunca se cansava de correr.

– Não acredito – protestava o cachorrinho, no colo da dona.

Páginas adiante, a senhora apontou outro cãozinho de grandes olhos brilhantes e orelhas espetadas:

– Este é o Xana, quando veio cá para casa, dentro de um cestinho. Era um brincalhão.

– Não acredito – esbraveja o cachorro, no colo da dona.

E sem querer saber de mais histórias antigas, o cãozinho soltou-se das mãos da dona e desatou a correr.

Não acreditava, não acreditava, não acreditava que aqueles dois cãozarrões sisudos, muito dignamente sentados nas patas traseiras, já tivessem sido como ele. Era mentira. Era impossível. Era um disparate. Não acreditava, pronto.

Mas, com o tempo, acabou por acreditar...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O RISCO DAS MENTIRAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

1 de Abril
Dia das Mentiras

Um senhor disse:

– Macacos me mordam, se o que eu digo não se passou assim mesmo...

Como não se tinha passado assim, nem tão-pouco mais ou menos, veio um macaco e mordeu-o.

Um outro senhor disse:

– Raios me partam, se não é assim tal como eu conto...

Como não era assim tal como ele contava, nem sequer parecido, veio um raio e partiu-o.

Um terceiro senhor disse:

– Ponho as mãos no fogo como falei toda a verdade...

Como não tinha falado toda a verdade, nem sequer um bocadinho, veio o fogo e queimo-o.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O senhor mordido, o senhor partido e o senhor queimado encontraram-se os três, no mesmo hospital. O médico que os atendeu quis primeiro saber o que se tinha passado. Os senhores contaram e, desta vez, sem tirar nem pôr, contaram a verdade por inteiro.

Logo ali, o que tinha sido mordido sarou da mordidela, o que se tinha partido voltou a ficar inteiro, o que se tinha queimado curou-se da queimadura.

Saíram do hospital muito contentes e nunca mais juraram falso.

Acreditam? Não acreditam?

Pois foi assim tal e qual como eu conto. Que me caia o tecto em cima, se não é verdade!

Sobre a folha de papel da minha história, começa a cair caliça... E cada vez em maior quantidade... Por que será?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LIVRO FECHADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

2 de Abril
Dia Internacional do Livro Infantil

Era uma vez um livro. Um livro fechado. Tristemente fechado. Irremediavelmente fechado.

Nunca ninguém o abrira, nem sequer para ler as primeiras linhas da primeira página das muitas que o livro tinha para oferecer.

Quem o comprara trouxera-o para casa e, provavelmente insensível ao que o livro valia, ao que o livro continha, enfiara-o numa prateleira, ao lado de muitos outros.

Ali estava. Ali ficou.

Um dia, mais não podendo, queixou-se:

– Ninguém me leu. Ninguém me liga.

Ao lado, um colega disse:

– Desconfio que, nesta estante, haverá muitos outros como tu.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

– É o teu caso? – perguntou, ansiosamente, o livro que nunca tinha sido aberto.

– Por sinal, não – esclareceu o colega, um respeitável calhamaço. – Estou todo sublinhado. Fui lido e relido. Sou um livro de estudo.

– Quem me dera essa sorte – disse outro livro ao lado, a entrar na conversa. – Por mim só me passaram os olhos, página sim, página não... Mas, enfim, já prestei para alguma coisa.

– Eu também – falou, perto deles, um livrinho estreito. – Durante muito tempo, servi de calço a uma mesa que tinha um pé mais curto.

– Isso não é trabalho para livro – estranhou o calhamaço.

– À falta de outro... – conformou-se o livro estreitinho.

Escutando os seus companheiros de estante, o livro que nunca fora aberto sentiu uma secreta inveja. Ao menos, tinham para contar, ao passo que ele... Suspirou.

Não chegou ao fim do suspiro, porque duas mãos o foram buscar ao aperto da prateleira. As mãos pegaram nele e poisaram-no sobre os joelhos.

– Tem bonecos esse livro? – perguntou a voz de uma menina, debruçada sobre o livro, ainda por abrir.

– Se tem! Muitos bonecos, muitas histórias que eu vou ler-te – disse uma voz mais grave, a quem pertenciam as mãos que escolheram o livro da estante.

Começou a folheá-lo e, enquanto lhe alisava as primeiras páginas, foi dizendo:

– Este livro tem uma história. Comprei-o no dia em que tu nasceste.

Guardei-o para ti, até hoje. É um livro muito especial.

– Lê – exigiu a voz da menina.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E o pai da menina leu. E o livro aberto deixou que o lessem, de ponta a ponta.

Às vezes, vale a pena esperar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O LOBO E O MOCHO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um lobo que andava à caça. Ele andar, andava, mas a caça, fosse coelho, javardo, texugo ou perdiz, é que não andava por ali, à mão de ser caçada.

Já o lobo se impacientava, quando ouviu o piar de um mocho. Estava no ninho, empoleirado num pinheiro novo.

O lobo pôs-se a sacudir, furiosamente, o tronco do pinheirito, mas só lhe caíram duas pinhas na cabeça.

Lá do alto, o mocho gritou-lhe:

– Ó compadre, não abane tanto o pinheiro, senão os meus filhos, que estão no ninho, acordam.

– Quero lá saber! – respondeu o lobo.

E continuou a sacudir o pinheiro.

Voltou o mocho:

– Ó compadre, por favor, vá abanar outro pinheiro e deixe este em paz. É que os meus filhos, com tanto abanão, ainda caem do ninho.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Quero lá saber!

Por acaso até queria... Não queria ele outra coisa... E vá de sacudir mais o tronco do pinheiro.

O mocho, de asas a tremer, repontou:

– Se o compadre continua a abanar o pinheiro, eu afino.

– Então afina – disse o lobo, a rir-se.

– E vou aí abaixo e dou-lhe uma desanda – ameaçou o mocho, a ganhar coragem.

– Então vem, que eu também quero dizer-te umas coisas.

O mocho saltou para um ramo, ainda a alguma distância do lobo.

– Chega-te mais perto, que o que eu tenho para dizer-te os teus filhos não podem ouvir.

O mocho deu um saltinho para um ramo mais abaixo.

– Ainda mais perto – disse-lhe o lobo.

– Mais perto não, que os meus filhos podem acordar e, não me vendo no ninho, assustam-se.

– Então volto a abanar o pinheiro.

– Isso é que não – e o mocho desceu mais.

Quando o lobo o viu perto, abocanhou-o logo.

– Ai compadre, que me magoa – queixou-se o mocho. – Se vai comer-me, deixe-me, ao menos, despedir-me dos meus filhos, que ficam sem ninguém que tome conta deles.

O lobo, com o mocho preso na dentuça, meneou a cabeça, negativamente.

– Ao menos diga, para que eles oiçam: "mocho comi" – pediu o mocho.

O lobo, para não abrir a boca, disse, muito baixinho:

– Mocho comi.

– Ó compadre, fale mais alto, senão eles, coitadinhos, não ouvem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Mocho comi – disse o lobo, de dentes filados na presa.

– Nem se percebe – insistiu o mocho .– Fale mais alto.

O lobo desabotoou a boca, num grande berro:

– Mocho comi.

Liberto dos dentes, safou-se o mocho, a voar para o cimo do pinheiro, enquanto dizia:

– Mocho comi? Outro que não a mim.

Pegou nos filhos um por um e foi pô-los a salvo, no alto de um pinheiro de maior porte.

O lobo, de raiva, rilhou o tronco do pinheirinho e ficou com a boca a saber a resina.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

CHORÃO E TREPADEIRA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram duas plantas muito diferentes. Uma, a trepadeira. Outra, o chorão.

Chorão, neste caso, não é o que chora muito, mas uma espécie de salgueiro, de ramos pendentes, com longos cabelos penteados, a roçar a terra.

Em contrapartida, trepadeira é a que trepa muito, muros, árvores, casas, vedações, o que calha.

– Tivesse eu a que me agarrar, que ia até ao céu – dizia a trepadeira.

– Exageras – comentava o chorão. – A meio caminho faltava-te o ar, tremiam-te as pernas e caías. Sei de um feijoeiro com ambições, que também se perdeu pelo caminho. Uma desgraça!

Esta conversa desesperava a trepadeira. E, num rompante, exclamou:

– Pois vamos apostar que sou capaz.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Apostaram.

A trepadeira apoiou-se a uma parede, depois passou para outra mais alta, subiu a um mastro, fincou-se a uma torre, saltou para um arranha-céus e, subindo sempre, cheia de genica, chegou onde nunca tinha chegado. Mas o céu sempre longe.

Estava no terraço do edifício mais alto do mundo.

– Dê-me uma ajudinha – pediu ela a um avião que passava, lá muito em cima.

Mas o avião não ligou e seguiu caminho.

– Leve-me consigo – pediu ela a um foguetão, que ia por ali fora, como se levasse fogo no rabo. E levava...

Mas o foguetão também não ligou.

A trepadeira, então, desistiu. Os ramos começaram a pender no sentido donde tinham vindo. Parecia – mal acomparado! – parecia um chorão. E chorava e chorava mesmo.

– Estiveste quase a conseguir – disse-lhe o chorão, que não gostava de vê-la triste.

Mais consolada com estas palavras, a trepadeira confidenciou:

– Quando estava lá em cima, tive uma tontura e... saudades tuas.

Trepadeira e chorão entrelaçaram os ramos. Há plantas, às vezes, que são como gente.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A TINA AFLITA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A Tina não tem tino. Coisas que se dizem e se espalham, sem quê nem porquê. Serão verdade? Serão mentira? Eu cá não respondo.

Sucedeu, uma vez, que a Tina, acabada de chegar da escola, ainda afogueada da corrida, recebeu da mãe esta incumbência:

– Vai, se fazes favor, buscar a tua irmã a casa da avó.

– Levo o carrinho? – perguntou a Tina, que gostava de guiar cadeirinhas de bebé.

A mãe disse que sim e a Tina desarvorou, empurrando o carrinho, que ia leve, muito leve, como se imagina.

Não era grande a distância. A Tina pôs-se num instante em casa da avó. Pegou na irmãzinha, que palrava e ria, contente com a viagem que a esperava e voltou pelo mesmo caminho.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Ao passar por um jardim, umas amigas da Tina desafiaram-na para o jogo do apanha. Convite irresistível.

A Tina colocou a cadeirinha com a bebé à sombra de uma grande piteira e foi brincar. Até que se fartou.

Suada e cansada, voltou ao sítio onde deixara a bebé. Sentiu um baque no coração. A irmã? Onde estava a irmã?

Nem bebé nem cadeira de bebé. Muito aflita, pôs-se a chamar:

– Filipa! Filipa! – como se a bebé soubesse responder-lhe.

Olhou em volta e viu, lá adiante, uma senhora apressada, a empurrar uma cadeirinha. Levava-lhe a irmã, a grande ladra. Patifa.

Correu, correu e quando chegou perto da senhora, agarrou-lhe a aba do casaco e gritou:

– A minha irmã. Dê-me a minha irmã.

A senhora também gritou, a desembaraçar-se daquela miúda desgrenhada, que não se despegava dela.

Na cadeira de bebé, um garotinho de olhos espantados a tudo assistia. Quando percebeu o engano, a Tina fugiu, sem saber como pedir desculpa.

Percorreu o jardim de ponta a ponta. Chorava. Por situações destas ninguém queira passar.

Um guarda apercebeu-se do desespero da mocinha e quis inteirar-se da causa.

– Roubaram-me a irmã – contou a Tina, desfeita em lágrimas.

– Donde? – perguntou o guarda.

A Tina indicou. Voltaram para junto da piteira e, efectivamente, do carrinho e da bebé nem rastos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Mas há outra piteira igual, mais adiante – apontou o guarda.

Foram ver. Lá estava a Filipa, tranquilamente a dormir, na cadeirinha. Afinal, a Tina tinha confundido as piteiras, ambas grandes, ambas da mesma cor, ambas com asas de dragão. A cadeirinha nunca tinha saído do mesmo sítio. Ninguém raptara a bebé.

A Tina abraçou-se à irmã, a chorar. A bebé sentiu-se apertada e também chorou. Até o senhor guarda se comoveu.

Por mais anos que viva, por mais tino que ganhe, a Tina nunca mais vai esquecer-se do que naquela tarde lhe aconteceu.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A COR DOS GATOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Fui há dias dar um passeio pelo campo e até me perdi. Eu gosto muito de perder-me, principalmente porque sei que, mais tarde os mais cedo, acabo sempre por encontrar-me.

Quem se perde, sempre alcança. Ou não é assim o provérbio? Quem se perde por gosto, não se cansa. Será este? Também não me soa bem...

Mas já estou a desviar-me. Fui ao campo e, no meio do mato, o que é que eu encontrei? Um gato, que rima com mato. Um gato todo verde – verde-claro, verde-alface. Um gatinho.

Não acreditam? A mim, a princípio, também me custou a acreditar. Fui atrás dele e assim cheguei a uma clareira, com uma espécie de casinha de bonecas no meio. À janela estava uma velhota com um gato branco ao colo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Minha senhora, desculpe incomodá-la – disse eu –, mas há pouco vi um gato verde, verde-clarinho... Será possível?

– Pois claro que é – respondeu-me a velha ou, para sermos mais delicados, respondeu-me a senhora de idade. – A mãe é esta gata branca, que aqui vê ao meu colo.

– E o pai?

– O pai é um gato verde-escuro, que por aí anda. Está-se mesmo a ver: branco com verde-escuro não pode ser encarnado...

– Pois não – concordei eu. – Mas um gato verde-escuro não lhe parece esquisito?

– O senhor deve ter a mania das complicações – disse-me a velha, isto é, a senhora de idade, já um bocado arreliada. – A cor dele é verde-escura, porque a mãe era uma gata amarela e o pai um gato azul. Onde está a admiração?

– A admiração?! Não sei onde está – balbuciei eu. – Naturalmente também se perdeu.

Sem mais achar que dizer, despedi-me da senhora de idade e, pé ante pé, virei as costas àquela casa no meio do mato. Demorei que tempos até encontrar-me. Estava um bocado azamboado. E ainda estou. Nota-se?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NO TEMPO DOS MOSQUETEIROS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

7 de Abril
Dia Mundial da Saúde

Confidenciava o Joca ao avô:

– Gostava de ter vivido no tempo dos homens das espadas...

Isto dito depois de ambos terem visto um filme daqueles de espadachins de bigodes eriçados, capa ao vento e chapéus emplumados. Fervia a espadeirada por pátios, corredores, salões, escadarias de palácios intermináveis. A meio dos duelos, gritavam: "À fé de quem sou que vos hei-de trespassar, tratante!" E, enquanto não davam conta dos vilões bandidos, os mosqueteiros decepavam velas, fendiam cadeirões, estilhaçavam jarras, rasgavam cortinados. O Joca saltava da cadeira, entusiasmado. Quem lhe dera ser um deles!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Já o avô não partilhava da mesma opinião:

– Se vivesses nesse tempo, havia coisas com que não podias contar. Olha, por exemplo, automóveis...

– Bá. Não me importava. Andava a cavalo.

– Pois. Talvez sim – reconheceu o avô. – Mas havia outros inconvenientes...

– Quais?

O avô estendeu os dedos da mão esquerda e pôs-se a enumerar:

– Naquele tempo, não havia playstations nem cinema nem televisão nem telemóveis e, sobretudo, os cuidados de saúde deixavam muito a desejar. Se alguém tinha febre, recomendavam-lhe que se metesse dentro de uma tina de água gelada, para fazer baixar a temperatura.

O Joca arrepiou-se.

– Por tudo e por nada, a ordem do médico era: "Sangrem-no!"

O Joca ainda mais se arrepiou.

– É que tu tens de perceber que, naquela época, ainda não tinham sido descobertos os remédios, hoje correntes.

– E já havia doenças? – perguntou o Joca.

O avô sorriu:

– As mesmas que há agora e mais ainda, mas estava-se, completamente, às escuras sobre as causas que provocavam essas doenças. Não havia antibióticos. Não havia vacinas. A propósito: tu sabes quem foi Pasteur?

O Joca não sabia. Se vocês também não sabem, deixem-me que seja eu a fazer as vezes do avô do Joca. Ora tomem atenção.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Luís Pasteur foi um notável cientista francês, que revolucionou a Medicina, a partir dos meados do século dezanove, isto é, desde há cerca de cento e cinquenta anos.

Neste passo, o Joca terá dito:

– Já sei, avô. Foi ele que "inventou" os micróbios.

Talvez fosse melhor que o Joca tivesse ficado calado... De facto, microrganismos invisíveis a olho nu sempre existiram. O que o Pasteur provou foi que estes minúsculos seres em suspensão no ar eram responsáveis pelo aparecimento e transmissão das mais diversas doenças.

Hoje, qualquer pessoa fala de micróbios, bacilos, bactérias. Dantes, à falta de microscópios potentes que os comprovassem, só deles se tinha conhecimento pelos seus efeitos.

No Sul de França grassara uma doença que punha em risco as culturas dos bichos-da-seda. Os fabricantes de seda de Lyon punham as mãos à cabeça, já se vendo na ruína. Chamado a investigar a causa, Pasteur isolou as bactérias portadoras da enfermidade, impediu o contágio e salvou a indústria.

Outras epidemias animais foram por ele estudadas e combatidas, graças a um método experimental que consistia em tornar inofensivo o bacilo que provocava a doença. Era como se conseguisse, quimicamente, tirar-lhe a violência e a perigosidade e torná-lo pacífico, a ponto de combater e eliminar os bacilos violentos que atacavam o organismo.

– O bandido tornava-se mosqueteiro do rei – comparava o Joca, desta feita com muito acerto.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Uma vez, Pasteur foi chamado de urgência, em socorro de uma criança que tinha sido mordida por um cão raivoso. O seu destino seria uma morte atroz.

Pasteur nunca tinha experimentado a vacina contra a raiva em seres humanos, mas não hesitou. E o menino salvou-se.

Tempos perigosos esses...

– Afinal, já não queria viver no tempo dos mosqueteiros – suspirou o Joca, depois de ouvir os esclarecimentos do avô.

Não nos custa a ter a mesma opinião.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SAPATOS DE PASSEIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Enquanto dormimos, os sapatos dão grandes passeios. Sobretudo os de andar por casa – chinelos, pantufas, sapatilhas e por aí fora.

Os sapatos dos velhinhos que, durante o dia, já só andam a arrastar, mal apanham os donos a dormir, saltam, dançam, saltaricam que é uma maravilha. Nem se acredita.

As botas dos que trabalham no campo escapam-se para a cidade. Os sapatos dos citadinos vão dar uma voltinha até ao campo mais próximo. E também há sandálias que gostam de passear-se sozinhas à beira mar, nas noites de Lua Cheia.

Mas isto está tudo muito bem combinado. Assim que sentem que são horas de voltar, os sapatos, botas, botins, botifarras, chinelos e sapatões correm para junto das camas dos seus respectivos donos e aí ficam, muito quietinhos, à espera de serem calçados.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Agora eu vou contar a história de uns sapatos que se perderam. Eram uns sapatos de menino, ainda pouco habituado a andar.

Estava o menino mergulhado em pleno sono, quando os sapatos, pé ante pé, se decidiram a ir correr mundo. Para eles o mundo seria tudo o que ultrapassasse a sua pouca experiência de sapatos de quarto, de sala, de corredor e, quando muito, de jardim.

Assim que se viram sozinhos na rua desataram a correr. Com o que não contavam era com um cão vadio que, ao vê-los tão soltos, tão ligeiros, abocanhou um deles e fugiu. O outro correu atrás do bicho pulguento, a exigir o seu par. O cão assustou-se e largou-o, sem se virar para trás.

Ficaram outra vez os dois sapatos lado a lado. Mas onde é que estavam? Eles, que tinham pouca prática da vida, desorientaram-se. Era a primeira vez que vinham à rua e sentiram-se perdidos.

Andaram para um lado e para o outro, à procura da casa com jardim. A zona da cidade, aonde tinham vindo parar, só tinha prédios muito altos, com andares de escritórios. Ora, como se sabe, nos escritórios, à noite, não dorme ninguém. Pode dormitar, de dia, um ou outro empregado, mas à secretária, sentado e calçado.

Os sapatinhos ainda pediram ajuda numa montra de sapataria. Sem resultado. Eram sapatos novos, recem--saídos da caixa, e não conheciam aquelas paragens.

O par de sapatos do menino fartaram-se de andar, a noite toda. Já começava a nascer o sol, quando uma senhora que ia para o trabalho os viu. Pegou neles, mirou-os e remirou--os, apreciando a qualidade e pouco uso, e meteu-os no saco.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A senhora era empregada da limpeza de uma casa com jardim, logo por coincidência a casa onde morava o menino, dono dos sapatos. Quando eles perceberam que estavam em território conhecido, saíram, muito sorrateiros, do saco da senhora mulher-a-dias e foram em bicos de pés para o quarto do menino, ainda a dormir a bom dormir.

A senhor fez as suas limpezas, aprontou os pequenos--almoços e abalou para outra casa de família, onde também trabalhava.

Quando, ao fim do dia, a senhora Deolinda regressou, muito fatigada, à sua própria casa e procurou no saco os sapatinhos que, de madrugada, tinha achado na rua, não os encontrou.

– Esquisito! Era capaz de garantir que os tinha guardado no saco. Ou terei sonhado?

Sonho da senhora Deolinda, sonho do menino, dono dos sapatos, ou sonho dos sapatos do menino, tanto faz. O que importa é que esta história acaba onde começou.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O SALPICO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um salpico. De tinta. Caíra por acaso num nariz. O nariz estava, já se vê, numa cara. A cara pertencia, como se imagina, a um corpo.

Nariz, cara, corpo, mais braços e pernas, tudo nos seus respectivos lugares, compunham um boneco de pasta ou de plástico, igual a dezenas de outros, numa oficina de brinquedos.

Vestidos com o mesmo tecido barato, todos enfileirados e prontos, os bonecos, aliás, as bonecas, estavam ali para o que desse e viesse.

Arrecadadas umas tantas para dentro de uma caixa, viajaram até uma feira. Dispostas lado a lado, no escaparate do feirante, pareciam uma varanda de meninas para casar.

Elas não diziam: "quem quer, quem quer casar com a carochinha", mas era como se dissessem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Quanto custa esta boneca? – perguntava alguém.

– Tanto – dizia o vendedor.

Algumas iam à vida, embrulhadas em papel de cor. Tinham o destino certo. Mas a maioria ficava.

– Ó mãe, olha ali aquelas bonecas. Compra-me uma... – pediu uma garotinha de olhos tristes.

A mãe fez de conta que não ouvia. A miúda insistiu:

– Compra, mãe, compra.

E a mãe:

– Não pode ser, filha. Não temos dinheiro para luxos.

Era uma pobre de pedir. Mas talvez se tenha lembrado de quando era menina, sem bonecas nem brinquedos, e perguntou ao feirante o preço das monas. Recuou, quando soube. A mão da filha muito apertada na sua... Foi então que deu com a boneca salpicada.

– E esta, que tem defeito, por que preço a faz? – perguntou.

O vendedor nem tinha reparado. Aborreceu-se com a descoberta e para despachar a mercadoria disse:

– Tanto – ... muito menos que as outras.

A mulher contou as moedas e pagou. Aninhou-se a boneca nos braços da miúda. Por causa de um salpico do acaso, vejam só o que pode acontecer!

E não é que o salpico da boneca, ao colo da menina, se desvaneceu, como por encanto?!

Há casos assim. Acontece, às vezes.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O MAR E O CARACOL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um caracol que, além da carapaça, transportava com ele uma ambição, um sonho de caracol novo: conhecer o mar. Para satisfazer o seu sonho sentia-se capaz de tudo. Lentamente, pacientemente, percorria um carreiro de que não sabia o fim. Andando sempre, perguntava:

– Senhora Formiga, sabe dizer-me se vou no bom caminho para chegar ao mar?

– Não sei, não sei do que fala. Eu só conheço o formigueiro onde vivo e chega e chega para o trabalho que me dá.

O caracol não quis reter por mais tempo a afadigada, enfrenesiada formiga...

Mais lá para diante, encontrou o Lagarto. Fez-lhe a mesma pergunta, a que o Lagarto, entre dois bocejos, respondeu:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Deixe-se de aventuras, caracol amigo. Sabe tão bem gozar o calor do sol, enquanto se dorme uma boa sesta.

E, dizendo isto, adormeceu. O caracol, embaraçado, não voltou a acordá-lo.

Seguiu em frente, sempre em frente. Deixava nas ervas por onde passava um rasto luminoso, que retomaria, quando tivesse de voltar para trás. "Estou no mar não tarda! Estou no mar não tarda!", repetia ele, muito animado, esfregando os pausinhos um no outro. Até que encontrou um grilo.

– O mar é já ali adiante, não é, Doutor Grilo?

– O mar, o mar provavelmente fica ali, mas não quer dizer que não fique noutro sítio... Quando eu digo ali, também posso dizer acolá.

O caracol deixou o grilo a contas com os seus discursos enfatuados e virou-lhe as costas, discretamente.

Andou, andou. Viu mais animais, todos virados para as suas respectivas vidas e alheios ao mar. O caracol andou, andou.

Devagarinho, porque só devagarinho sabia andar, o caracol, que iniciara ainda muito novo a sua aventura, já se sentia velho. Estava mesmo muito velho, mas não cansado. Isso era impossível. Ao pé dum canavial, encarou com um rã, bicho que nunca tinha visto até aí. Com muito bons modos, fez-lhe a pergunta do costume.

A rã respondeu, num coaxar risonho:

– O mar, o mar é já ali. Põe-se lá em dois saltos.

Infelizmente, o caracol velhinho não saltava. Além disso, a carapaça já lhe pesava muito. Por isso demorou ainda mais um ano, dois meses e oito dias até chegar ao lugar que a rã apontara. Mas, quando chegou, que

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

deslumbramento. Sempre era o mar, o seu querido mar que tanto, tanto desejara conhecer.

Ali estava ele, amplo, espelhado, a perder de vista. Ao longe via mais canaviais. "Outra terra, uma terra estranha, para além do mar...", pensou.

O mar calmo reflectia nas águas os dois pausinhos do velho caracol, debruçado na margem. Realizara finalmente o sonho de toda a sua vida. Que bom!

Devagar, muito devagarinho, o caracol buscou o caminho do regresso. Tinha muito que contar.

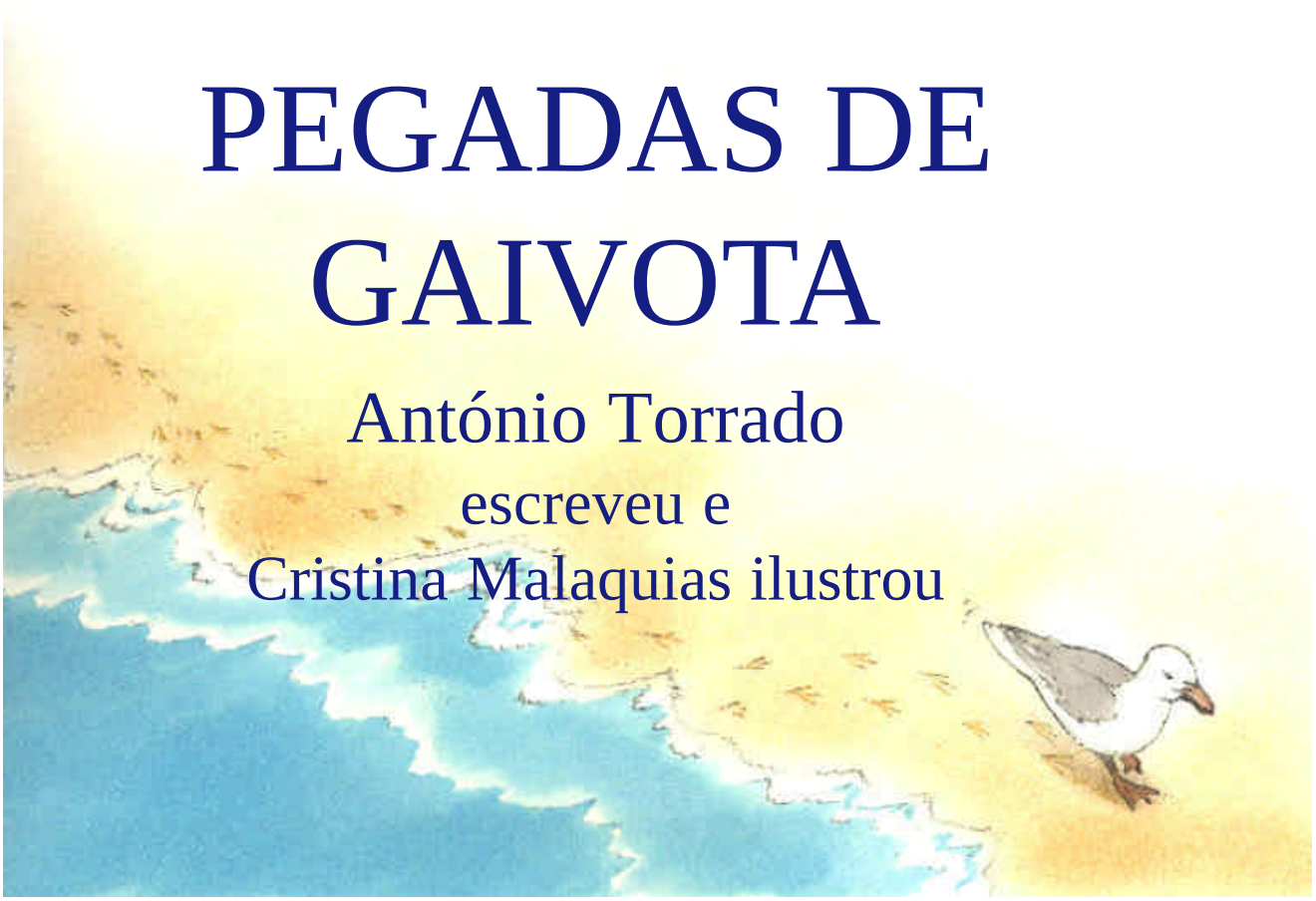
Coitado do caracol! Mal sabia ele que não chegara a conhecer o mar, o mar verdadeiro, mas apenas um pequeno lago de águas paradas, formado pelas chuvas, feio, sujo, infestado de mosquitos, enfim, um charco entre caniços. Isso que interessa? Se não era o mar, o mar de facto, sempre era o mar do caracol aventureiro...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

PEGADAS DE GAIVOTA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez uma gaivota na praia. Sozinha. Não havia banhistas, porque ainda não era o tempo deles.

Nas praias desertas, antes do Verão, a areia muito lisa até parece passada a ferro. Sem uma única ruga. Sem um único sinal de vida.

Nisto pensava a gaivota, enquanto se entretinha, saltinho sobre saltinho, a imprimir na areia as suas pegadas de gaivota nova.

Três dedos espetados para a frente e zás! Eu estive aqui. E aqui. E aqui.

Atrás da gaivota, o rasto dos seus passos.

Mais logo, as ondas do mar, na maré cheia, apagariam a passagem da gaivota por aquela praia sem ninguém. Mas, até lá, muita coisa iria suceder.

Chegada à beira de um rochedo, a gaivota virou-se para trás e contemplou o caminho que fizera pela praia toda.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Suspirou.

Pois é. As gaivotas também suspiram. Suspiram de tristeza, quando estão sós.

Virou-se para a frente, para continuar o seu passeio descuidado, quando sentiu um baque de susto. Não que tivesse visto um bicho, mas viu, na areia molhada, à sua frente, a marca de outras pegadas iguais às dela. Os mesmos três dedos espetados para a frente. Tal e qual.

Esvoaçou. Mediu de cima o terreno em volta e foi então que deu com outra gaivota, aninhada atrás de uma rocha. Era uma gaivota fêmea. E ela, a gaivota da nossa história, uma gaivota macho.

Já não estava sozinha. Já não estavam sozinhas. Entraram à fala uma com a outra. Falaram do mar, das ondas, dos peixes e da friagem da noite, quando, sem o calor de outras penas, se abrigavam numa fenda da falésia.

O resto não tem conto. Adivinha-se. Estavam feitas uma para a outra, como se costuma dizer.

Desconfio que, antes de chegar o Verão, outras patinhas novas, mais pequenas, vão povoar aquelas areias. Cada vez há mais gaivotas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O RATO E A LUA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

12 de Abril
Dia do Cosmonauta

O ratinho Larico apontou para a Lua e disse:

– Mãe, mãezinha, eu quero comer aquele queijo.

– Meu filho, aquilo não é um queijo, é a Lua.

– Então eu quero comer a Lua...

– Não digas tolices, Larico. A Lua não serve para comer. A Lua não é um queijo.

– Então eu quero comer um queijo.

– Ratinho impossível! Só pensa em comer. Vou fazer companhia aos seus irmãos, que são mais ajuizados.

O Larico ficou sozinho a olhar para a Lua, com a água a crescer-lhe na boca.

De repente, zás! Sentiu-se preso numa rede, que lhe tinham atirado. Ouviu vozes. "Muito cuidado! Não o magoem. Mandem-no para o centro de observações."

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

No Centro de Observações e Pesquisas Espaciais (C.O.P.E.), deram-lhe um banho, enfiaram-lhe um capacete na cabeça e meteram-no num foguete que ia partir, imaginem para onde? Que ia partir para a Lua.

O foguete partiu, Fuuuimmm! Chegou à Lua.

No dia seguinte, os jornais traziam em grandes letras – UM RATO ASTRONAUTA; LARICO, O HEROI; RATOS CONQUISTAM A LUA, etc, etc. Mas um sábio, muito sábio, que passava as noites a espiar a Lua, através de um grande óculo, um telescópio, descobriu este facto alarmante: a Lua tinha um bocadinho a menos.

Ficaram todos os sábios e os não sábios apavorados: "Ai, a Lua com um bocadinho a menos". É que já não era um bocadinho, mas um bocadão. A Lua diminuía a olhos vistos. Ratada aqui, ratada acolá, já não era o globo branco que estamos habituados a ver, mas uma coisa sem forma definida, ao longe tão pequena como um pedacito de queijo...

Os sábios punham as mãos na cabeça, sem achar solução. Mandar um homem para a Lua não era possível, porque os astronautas estavam todos de férias, sabe-se lá onde. Mandar uma ratoeira? E quem colocava a ratoeira em condições de apanhar o rato? Só se mandassem um gato. Era uma ideia. Mas não, não podia ser. Os gatos não tinham preparação para tais viagens. Enjoavam. Borravam-se de medo...

Debatiam-se os sábios nestas dúvidas, quase dispostos a riscar a Lua da lista dos planetas, quando a mãe do Larico, toda lampeira, decidiu, à sua conta, tomar providências.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Alçou a cabeça para o céu e, sem mais aquelas, gritou ou guinchou, numa voz que ribombou pelos ares e fez tremer ainda mais as estrelas do firmamento:

– Larico atrevido, salte imediatamente daí para baixo ou apanha uma grande sova!

O ratinho obedeceu.

Foi assim que nós nos salvámos de ficar sem Lua.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UMA HISTÓRIA DE VIRIATO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Hoje, vou contar-vos uma história, que passa por verdadeira. Uma história da nossa História... Quem ma contou foi um velho pastor da Serra da Estrela, tinha eu pouco mais ou menos a vossa idade.

Aí vai.

Há muitos e muitos séculos, ainda não havia sequer Portugal, os romanos tinham conquistado quase por completo a Península Ibérica. De entre os que mais se opuseram às invasões dos reluzentes exércitos do Império, destacaram-se os lusitanos, comandados pelo temível Viriato.

Como eram poucos e mal armados, os lusitanos não podiam enfrentar o inimigo em campo de batalha, onde seriam, pela certa, derrotados. A táctica tinha de ser outra, um misto de manha e coragem, em emboscadas de toca e foge, contra as quais os romanos nada podiam.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Certa vez, uma zona da serra foi sitiada. Vinham romanos de todos os lados, de lanças faiscantes, chapéus emplumados e grossas armaduras de couro e ferro. Era de prever a vitória final de Roma. Eis senão quando, começou a descer, lentamente, o nevoeiro sobre as montanhas. Pior para os romanos. O ataque decisivo das legiões invasoras tinha de ser adiado.

Os comandantes espalharam sentinelas pelas extremas do acampamento e foram dormir.

De súbito, no escuro da noite, ainda mais cerrado pelo nevoeiro, um tropel imenso ecoou, acordando os soldados. Que seria?

Todos saíram para o frio da noite e interrogaram o escuro. Não longe, descendo a serra, tremeluziam breves estrelas, milhares e milhares de estrelas, que eram fachos de guerreiros, a postos para incendiarem o acampamento. Tantos? Tantos lusitanos?

Sobressaltaram-se os soldados de Roma. Afinal os lusitanos eram muitos e mais do que eles contavam. Foge! E os soldados aterrorizados abandonavam por terra armaduras e armas.

Aumentava o tropel. Já gritavam vitória os lusitanos. Desfizera-se o cerco.

Desfizera-se o cerco graças a um ardil. Poucos continuavam a ser os lusitanos, mas eram numerosos os seus aliados... Milhares de carneiros, imagine-se. Em cada carneiro, um lampião preso aos chifres. Todos juntos fingiam um exército imenso. Que fantástica habilidade!

A batalha fora vencida, sem combate.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Esta foi a história que o pastor da Serra da Estrela me contou. Quem sabe se ele não seria descendente dos guerreiros-pastores, companheiros de Viriato?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

AS MAZONAS DA GATA BORRALHEIRA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Não sei se foram convidados para o casamento da Gata Borralheira com o Príncipe, o tal que andou com um sapatinho na mão, à procura de pé que lhe servisse.

Esta história já conhecem bem. Eu, que até estive no casamento, não vou, agora, contá-la, porque não adiantava nada ao que já sabem.

Em contrapartida, posso contar o que aconteceu às duas mazonas, de cabeleiras desgrenhadas, que faziam a vida negra à pobre da Gata Borralheira.

Também as vi no casamento, mais compostas, aperaltadas, embora não conseguissem disfarçar a feiura e a inveja que sentiam por não ocuparem, elas, o lugar ao lado do Príncipe. Umas safadas incorrigíveis.

No banquete, vingaram-se e comeram que nem umas desalmadas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Claro que, no dia seguinte, estavam doentes, com dores no estômago e outros problemas que não merece a pena pormenorizar. Saiba-se que, além do resto, lhes tinha aparecido uma borbulhagem nos cotovelos ossudos e pontiagudos. Quanto mais os coçavam, mais comichão tinham.

– Dor de cotovelo – diagnosticava o médico, chamado a vê-las. – É uma maleita rebelde, que custa muito a curar. Talvez com o tempo...

Pomadas e banhos nos cotovelos pouco alívio traziam. A doença delas não era da pele, mas abaixo da pele e da carga de ossos... Nascia no sítio onde o coração palpita, mais depressa ou mais devagar, conforme o peso e a velocidade dos sentimentos.

Sentimentos? Onde é que elas os tinham? Nem coração.

Quando o médico, auscultando-as, deu por que as duas manas não tinham coração, percebeu tudo.

– Elas são feitas de matéria maldosa e retorcida. Sem coração que as aqueça, a tendência é para piorarem – sentenciou o médico.

Mas onde é que se arranja um coração? E logo dois, dois corações disponíveis, tenros, ternos... Não é fácil.

O médico veio ter comigo:

– O senhor que escreve e inventa coisas e, ainda para mais, conhece bem o caso, é que podia ajudá-las.

De facto, se bem que eu não seja especialista do coração, tenho umas luzes. Não é para me gabar, mas passaram-me pelas mãos casos complicados, que, melhor ou pior, consegui resolver.

Heróis com coração demasiado outros com o coração ao pé da boca...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Do que me sobrou daqui e dali, amoldei dois pequenos corações vivazes, a transpirar meiguice. Preciosos maquinismos de relojoaria, batem certinhos, quando se lhes dá corda.

Colocá-los no peito das duas megeras foi o que menos custou.

Elas melhoraram a olhos vistos. A comichão nos cotovelos passou-lhes logo. Já sorriem, já perguntam pelos outros com verdadeiro interesse, já se enternecem, já se comovem.

A Gata Borralheira, muito boazinha, foi vê-las, um dia destes, mal regressou da viagem da lua-de-mel. Elas lacrimejaram umas desculpas sentidas e ambas se ofereceram para madrinhas do primeiro filho que nascer da Gata Borralheira. A sério.

E estão mais felizes, mais luminosas. Até conseguem estar bonitas.

Não podemos é esquecer-nos de, todos os dias, dar-lhes corda ao coração.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CAVALO E A FORMIGA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O cavalo e a formiga não se davam. Nem se conheciam.

A formiga na sua vida, sempre enfiada no carreiro para cá e para lá, à cata de provisões para abastecer a despensa, não prestava atenção ao que se passava muito acima dela, lá no mundo dos bichos grandes.

Por sua vez, o cavalo, que tinha sido treinado a saltar obstáculos, sempre ocupado nos seus exercícios desportivos, não fazia a mínima ideia de que existissem formigas.

Mas os dois iam encontrar-se por artes mágicas, as artes mágicas de que se fazem as histórias. Chama-se imaginação e garanto que não custa nada. Experimentem.

Por onde havemos de começar? Pela formiga trabalhadeira ou pelo cavalo desportista?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Tanto faz. O certo é que a vida deles vai cruzar-se, em circunstâncias assaz estranhas, desagradáveis, direi mesmo trágicas. Mas não nos precipitemos nem tão-pouco inquietemos quem nos está a acompanhar.

Um cavalo de um lado. Uma formiga de outro. Fazê-los coincidir na mesma história é como desenhar um laçarote com duas fitas, vindas de dois pontos extremos e simétricos. Espero que não me trema a mão no desenho nem me embarace na laçada.

Tudo isto são rodeios de quem lhe custa a avançar. Mas tem de ser.

O cavalo ia participar num concurso hípico, acontecimento de responsabilidade, com muito público a assistir.

A formiga corria pelo meio das ervas, de patinhas nervosas e antenas agitadas, sem que ninguém a visse.

Era a vez de o cavalo concorrer. Saltou um obstáculo, saltou dois e com tal desenvoltura e elegância que ouviu aplausos. O cavaleiro que montava o cavalo julgou que eram para ele, mas quem os merecia mais era o cavalo.

Nisto levanta-se um ventinho rente ao chão que rodopiou, depois, no ar, soprado não se sabe de onde. Quando convém, chama-se o vento e ele vem dar força às histórias que a gente não sabe como há-de continuar...

Com o ventinho soltaram-se grãos de pó e areia. Até a formiga, apanhada no remoinho voou, assarapantada, pelos ares fora.

– Ai que me vou desta – exclamou a pobrezinha.

Não foi!

A viagem nas ondas do vento durou um instante, mas para o coração da formiga foi um sufoco. Logo poisou e se

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

agarrou a uma superfície lisa, escorregadia, húmida.

Na tribuna do público soltou-se um longo: "Ahhhh!"– de desalento.

À beira do novo obstáculo o cavalo recusava-se a saltar. Bem o fustigava nos flancos o cavaleiro. O cavalo fazia que sim com a cabeça, mas fazia que não com o corpo e espumava, espumava de desespero.

Não menos desesperada estava a formiga, aquilo a que ela se agarrara movia-se, resvalava, fugia-lhe e ela não se tinha em pé...

Entretanto o cavalo esporeado pelo cavaleiro tenta no último esforço vencer o obstáculo, mas as patas traseiras não sobem o suficiente e o cavalo tropeça, cai, arrastando na queda quem o montava.

Levanta-se em peso o público na tribuna: "Ficou ferido? Magoado?" – claro que se referem ao cavaleiro.

Vá lá que não houve desgraça! Um entorse para o cavaleiro, que sai do campo coxeando enquanto puxa as rédeas do cavalo, também combalido, como se compreende.

A superfície trémula, viscosa, deslizante, a que a formiga se segurara, começou a brotar água, como se ela estivesse em cima de uma nascente, mas uma nascente de água salgada.

– Ai que me afogo – gritou a pobrezinha.

Quem a ouvia? Quem acode ao grito de uma formiga? Quem ouve o sobressaltado coração de uma formiga em perigo?

Só nas histórias conseguimos. Nesta, por exemplo. E condoemo-nos. E vamos salvá-la.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Humilhado com aquele fracasso, provocado por uma impressão que sentira num dos olhos, o cavalo regressou à cavalariça.

Que não desanime. Vai ter mais oportunidades, ganhar concursos, receber taças que o cavaleiro arrecadará para a sua colecção. O mais justo era que as dividisse com o cavalo. Mas, adiante.

Naquela ocasião o cavalo sentia-se deprimido. E chorou uma lágrima. Uma, duas, três que bem as contei. Numa delas escorregou a formiga, a nadar de bruços no meio da água salgada, até chegar a terra, isto é, ao chão da cavalariça. Sacudiu-se do molhado e lá foi à sua vida de trabalhadora incansável. Nunca ela perceberia o que lhe tinha acontecido. Nem ela nem o cavalo.

Só nós é que sabemos a história toda.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS SAPATOS NOVOS DO SENHOR TÚLIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Túlio perdeu os sapatos novos que tinha comprado, na Feira de Almeirim. Mas o que é grave é que os perdeu depois de os ter calçado. E ainda mais grave é que os perdeu sem ter substitutos à mão. Isto é, ao pé. E ainda muitíssimo mais grave é que, depois que os perdeu, teve de voltar descalço para casa.

Isto conta-se bem. Contar não custa. Passar por esta trapalhada terá custado ao senhor Túlio muito mais.

Para começar custou-lhe o preço de uns bons sapatos de carneira. Contente por tê-los comprado e farto dos sapatos velhos, há que tempos a precisar de dobradas meias solas, deitou-os para a boca de um contentor do lixo. Deste gesto, mais tarde, muito se arrependeria.

Montado nos sapatos novos, foi à vida.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Cirandou por aqui e por ali, que uma feira tem sempre muito que ver, mas o raio dos butes, que a princípio lhe pareciam tão macios, começaram a morder-lhe os pés.

À beira de um riacho, aliviou-se dos malditos, que lhe apertavam os joanetes, tirou as peúgas, arregaçou as calças, e foi refrescar os pés na aguinha corrente. Outros e outras, talvez aflitos como ele do afogo da carneira nova, tinham feito o mesmo.

Depois, cada um, velho ou novo, sentado na relva, secou-se ao sol, feliz e a acenar com os dedos dos pés desencontrados, como que a fazer gaifonas à água do riacho. Bem bom.

Na altura de calçar-se, deu por que os sapatos afinal lhe estavam folgados. Teriam engelhado os pés ou crescido os sapatos?

O senhor Túlio não sabia explicar a situação.

– Oiça lá, ó parceiro: quem lhe mandou calçar os meus sapatos? – disse-lhe um sujeito de grandes calcantes descalços, junto dele.

O senhor Túlio pediu desculpa do engano e devolveu o seu ao seu dono. Mas os dele, onde parariam? Não pararam, andaram. Calçados por pés enganados, sem ser por mal, os sapatos tinham abalado de vez.

Restava-lhe esperar que da confusão das trocas sobrasse para ele algum par, nem que muito usado. Mas não sobrou. Nem umas sandálias de plástico.

– Está visto que o tipo que os levou tinha quatro patas, o grande burro.

Ao senhor Túlio as indignações nunca duram muito. Como contei, no princípio, voltou para casa descalço. Mas a rir-se:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Dantes, nem tamancos tinha. Eu era garoto e andava no pó, nas pedras e na lama, sempre de pés nus. Ganhei casco para a vida, foi o que foi. Mas, vai daí, depois, com o bom tratamento do calçado, os pés amoleceram. Pois que reaprendam e saibam quanto custou, para que não se esqueçam.

De tudo o senhor Túlio tira proveito da lição e até os seus próprios pés ele gosta de ensinar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

CONSELHOS DE MOCHO NÃO CHEGAM AO CHÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Uma vez o coelho e o rato encontraram-se.

– Tu tens os dentes da frente um bocado saídos – observou o rato para o coelho.

– Mas tu ainda tens mais – respondeu-lhe o coelho e deu uma corrida e foi-se embora.

O rato ficou sozinho, mas por pouco tempo. Apareceu ao pé dele uma lagartixa:

– Tu tens a cauda muito comprida – observou o rato para a lagartixa.

– Mas tu ainda tens mais – respondeu-lhe a lagartixa e deu meia volta e desapareceu.

O rato ficou outra vez sozinho, mas por pouco tempo. Apareceu ao pé dele uma rã.

– Tu és muito pequena e insignificante – observou o rato para a rã.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Mas tu ainda és mais – respondeu-lhe a rã e deu um salto e fugiu.

O rato ficou, mais uma vez, sozinho. Que tempos!

Deu um suspiro e pensou:

– Ninguém se chega a mim. Não consigo fazer amigos. Porque será?

Como o rato pensava em voz alta, o mocho, que estava empoleirado numa árvore perto e a tudo tinha assistido, respondeu-lhe:

– Não fazes amigos, porque não olhas a bem para eles. Tenta proceder de outra maneira e verás os resultados.

O rato fechou os olhos e pensou:

– Quando encontrar o coelho vou dizer-lhe que gostava de ter as orelhas tão compridas como as dele.

Como pensava em voz alta, o mocho ouviu tudo e agitou-se, no seu poleiro. Estava nervoso e com vontade de intervir, mas o rato continuava:

– E quando encontrar a lagartixa vou dizer-lhe que gostava de arrastar a barriga pelo chão como ela arrasta.

Mais uma vez o mocho se enervou e ia falar, mas o rato prosseguia os seus pensamentos:

– Quando encontrar a rã vou dizer-lhe que gostava de ter a pele escorregadiça e fria como a dela.

O mocho não podia aguentar mais disparates e indignou-se:

– És tolo, duas vezes tolo, rato! Há elogios que matam. Não podes valorizar o que os teus amigos consideram defeitos. Vê se te emendas ou nunca encontrarás quem goste de andar contigo.

O rato virou-se para ele e apreciou-o em silêncio. Depois, pensou em voz alta:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– O senhor mocho dá conselhos com muito acerto, apesar de ser tão feio.

Dito isto, foi-se embora.

Ficou o mocho a pensar, também em voz alta:

– Este rato não tem emenda. Se em vez de ter estado a aturá-lo o tivesse comido, eu tinha feito melhor. E tinha prestado um grande serviço ao resto da bicharada, porque este rato por onde passar só vai causar aborrecimentos. Eu é que fui parvo em poupá-lo, em vez de papá-lo.

E se os mochos gostam de ratos! Mas desta feita o jantar já ia longe.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

MANUEL E OS PÁSSAROS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No tempo em que os meninos trabalhavam de criados, havia uma patroa muito má que tomara a seu serviço um rapazinho, o Manuel, a quem dava ordens por tudo e por nada, qual delas a mais disparatada.

No quintal, a senhora dona tinha uma figueira que, nesse ano, dera um único figo. Pois não é que a maluca da mulher exigiu ao Manuel que estivesse todo o tempo de atalaia, não se desse o caso de os pássaros cobiçarem o figuinho?

– Quero comê-lo, quando estiver maduro. Ai de ti, se deixares os melros roubarem-no.

Bem os afugentava o garoto, mas os passarocos de bico cor de laranja são teimosos. E gulosos... Às duas por três, adeus figuinho.

– Maldito miúdo. Vais pagar-mas – gritou a megera.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E meteu-o de castigo numa pipa vazia, às escuras. Sorte para o Manuel que os melros tivessem sabido. Logo convocaram os pica-paus e outros passarinhos de bico duro. Todos juntos, toc toc toc, libertaram o Manelinho.

Depois, uma águia, que também tinha sido chamada para ajudar, levantou o rapazinho nos ares.

A patroa viu-os e foi buscar uma caçadeira, mas já não chegou a tempo. Era mesmo má a criatura.

A águia sobrevoou montes, campos, pinhais, aldeias, como se andasse à procura não se sabe de quê, até que poisou o Manuel num quintal, onde havia uma figueira. Depois, bateu as asas e desapareceu.

O rapaz, ainda meio tonto, viu a figueira e nela um único figo lampo. "Que desgraça a minha. Vai voltar tudo ao princípio", pensou o Manuel.

De dentro da casa, donde era o quintal, apareceu uma velhota. O miúdo encolheu-se e pensou: "Estou mesmo com azar. Esta há-de ser ainda mais torta do que a outra".

– Como te chamas? – perguntou a velha.

– Manuel, para a servir.

– Para me servires? – riu-se a velha, num riso desdentado. – Eu nunca tive criados, mas querendo, podes ficar a cuidar-me da horta. Queres?

– Sim, minha senhora.

– Estamos acertados. E, olha, enquanto te preparo umas sopas, lambe-te com aquele figuinho único que a figueira me deu.

– A senhora não o quer para si?

A velhota fez uma careta.

– Não me dou bem com figos e tu puseste-te a olhar para

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ele como nunca vi ninguém olhar para um figo. Deve ser da fome que trazes.

O Manuel chamou a si o figo e pronto. Enquanto saboreava o figo e a velhinha, enternecida, sorria para ele, o Manuel pensou: "Valera a pena conhecer as alturas, porque a águia sabia onde me deixava."

Também estamos em crer que sim. As águias, lá de cima, vêem muito, olá se vêem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

QUEM VAI CASAR COM A PRINCESA?

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Lá para os lados da Malásia ou mais longe ainda, havia uma linda princesa, chamada Sita Devi. Como estava em idade de casar, o Rajá Masicó, seu pai, encomendou um grande banquete e convidou para a festa todos os rajás e príncipes, jovens, belos, amáveis e solteiros, das regiões vizinhas. Um de entre eles havia de ser o futuro marido da princesa.

O marajá Ravana, do reino de Langcapuri, embora fosse solteiro e reinasse numa ilha próxima, não chegou a ser convidado. Faltavam-lhe condições para pretender a mão da princesa. Não era jovem, não era belo e, principalmente, não era amável. Muito pelo contrário.

Ficou furioso o marajá Ravana de Langcapuri. Se não tinha sido convidado, fazia-se convidado. Também ia ao palácio, juntar-se aos pretendentes, ora pois.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Na fila dos candidatos estavam dois jovens príncipes, filhos de um marajá amigo do Rajá Masicó. Chamavam-se eles: Sri Bama e Lacsamana. Eram muito novos ainda, de forma que os outros pretendentes, de barba e bigode, faziam troça deles.

Estavam nesta chacota, quando um arauto anunciou a prova a que os príncipes e rajás iriam sujeitar-se, por vontade do Rajá Masicó. Os que fossem eliminados podiam ir-se embora, que nem ao banquete tinham direito. Assim mesmo.

E em que consistia a prova?

– Cada pretendente – gritava o arauto – tem de disparar uma flecha através de um renque de quarenta palmeiras, situadas nos jardins do palácio de Sua Majestade Altíssima e Digníssima o Rajá Masicó, junto de quem os dragões rastejam, obedientes.

– Que tal está a história! – protestaram alguns dos príncipes. – A prova é difícil. Vamos desistir.

E desistiam, virando costas ao arauto.

Só ficaram os dois irmãos e o marajá Ravana, muito mal-encarado.

Foi o primeiro a disparar e falhou. Os seus gritos de raiva assustaram o Sol, que se escondeu atrás das nuvens. Passado um bocadinho, estava a chover. A prova teve de ser interrompida.

Um dos irmãos, o mais velho, indiferente ao aguaceiro, percorreu o renque das quarenta palmeiras e, lá para o fim, patinhando na lama, descobriu qualquer coisa, que veio, a correr, contar ao irmão mais novo:

– Duas palmeiras da fila têm as raízes assentes num dragão enorme, que de vez em quando se agita, debaixo da

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

terra. Ora eu escavei um bocado na lama e descobri-lhe a cauda. Quando tu disparares o arco, eu prendo a cauda do dragão, para que ele se não mexa. Só assim conseguirás acertar no alvo.

Foi o que sucedeu. Glória ao príncipe Sri Bama, futuro marido da Sita Devi! O Sol espreitou atrás das nuvens e de novo surgiria em toda a sua grandeza, se o marajá Ravana não tivesse gritado e urrado rancorosos projectos de vingança. Escondeu-se, outra vez, o Sol e voltou a chover. Era um Sol muito assustadiço.

Por causa da chuva, que encharcou a mesa do banquete, a boda teve de ser adiada. Que pena!

Um dia, andavam os noivos a passear nas cercanias do palácio, quando, ambos ao mesmo tempo, tiveram sede. Como por encanto, brotaram a seus pés dois veios de água. Sim, era um encanto preparado pelo pérfido Ravana, que sabia das artes da feitiçaria.

Os dois enamorados beberam a água embruxada e ficaram transformados em macacos. Ravana, escondido no meio da folhagem, lançava grandes gargalhadas:

– Ah! Ah! Estes dois macaquinhos bravos só outro feitiço poderá desencantar. Teriam de ser atravessados por duas flechas, previamente mergulhadas em seiva de teca. Se tal sucedesse, deixavam de ser macacos e quem primeiro vos enfeitiçara é que ficava transformado em macaco, para sempre. Oh! Oh!

E ria-se muito o marajá Ravana, porque achava isso impossível.

No entanto, Lacsamana, irmão de Sri Bama, que, de longe, acompanhava os noivos, ouviu o que o odioso marajá dissera e correu em perseguição dos macaquinhos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Foi difícil a caçada, porque os macaquinhos corriam e saltavam e guinchavam, como se nunca tivessem sido outra coisa na vida. Finalmente, Lacsamana conseguiu atingi-los com duas setas do seu arco. As flechas, impregnadas de seiva de teca, quebraram o encanto.

Nesse mesmo instante, Ravana chegava ao seu palácio. Ia, nesse preciso momento, ordenar aos guardas que lhe abrissem as portas, para o deixarem passar a ele, temido senhor de Langcapuri. Não chegou a dar as ordens. Um guincho cortou-lhe a fala. Estava transformado em macaco macacão. Os guardas atiraram-lhe pedras e gritaram:

– Vai-te daqui, macaco!

Lá longe, no palácio do Rajá Masicó, realizava-se no meio de grande pompa o casamento da princesa Sita Devi com o príncipe Sri Bama. Iam os dois muito bonitos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A CADEIRA MUSICAL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma cadeira que sabia música. Uma pessoa sentava-se nela e a cadeira começava a tocar.

– É uma cadeira caixinha de música. Tem molas especiais que fazem "clique", quando uma pessoa se senta na cadeira e, então, a caixinha de música começa a tocar – explicava quem sabia destes mecanismos de cadeiras musicais.

Talvez fosse, realmente, assim. O certo é que, um dia, a cadeira se avariou. Deixou de tocar música. Passou a ser uma cadeira banal, igual a milhões de outras que não tocam.

– Deve estar com as molas gastas – disse a velha e gorda senhora, dona da cadeira. – Vou mandar arranjá-la.

Mas na oficina das cadeiras desenganaram-na:

– Já não há quem arranje dessas cadeiras.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Voltou a cadeira para casa da senhora que, às vezes, com saudades de outros tempos, nela se sentava, evocando a musiquinha que a cadeira, dantes, tocava.

A velha e gorda senhora lembrava-se de quando era nova, leve e gentil e ia, às escondidas da avó, sentar-se na cadeira com música.

– Tlim, tlim, tlim e mais tlim – tocava a cadeira, à volta da menina.

Que saudades! A senhora largou um imenso suspiro e foi atender à porta, porque a campainha repicara. Era uma amiga com o sobrinho, um miúdo tímido, escondido atrás da sombra da tia.

– Entrem para a sala – convidou a velha senhora.

Logo aconteceu que o menino se foi sentar na cadeira avariada. E não é que ela, sem mais quê nem porquê, ao leve peso do garoto, começou a tocar?

O miúdo saltou, assustado, e a cadeira calou-se. Então, a velha senhora explicou o mecanismo da cadeira e tudo voltou ao certo.

Naquela tarde, a cadeira tocou que foi um regalo ouvir.

– Eu já devia estar muito pesada para a sensibilidade da cadeira – concluiu a senhora.

E logo ali ficou combinado que o menino, sempre que quisesse, podia vir visitar a senhora. E a cadeira. As duas teriam muito prazer em recebê-lo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

PORCO É QUE NÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

—Eu não sou porco - disse o porco, em voz forte e categórica.

– Então o que é? – perguntou o jornalista, aquele jornalista de microfone na mão, que anda sempre à cata de notícias e entrevistas sensacionais.

– Antes de mais sou um mamífero – precisou o porco.

– Isso já se sabia. Não tem novidade – comentou o jornalista.

– Sou um mamífero artiodáctilo. Quer ver?

E o porco mostrou a patinha ao jornalista, um mimoso chispe de unha limpa:

– Artiodáctilo quer dizer de número par de dedos. Artros, em grego, par. Dactylos, dedo.

Era um porco sábio, estudioso das línguas mortas. E acrescentou:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– O senhor, por exemplo, não é artiodáctilo. Já viu?

O jornalista que, há muito, sabia contar pelos dedos, teve de reconhecer que entre ele e o porco havia diferenças. Mas insistiu:

– O javali também é artiodáctilo e não é porco.

– Um porcalhão esse meu primo! Nunca se lava – indignou-se o porco.

– Então como é que você quer que o chamem?

O porco respirou fundo e disse do alto da sua importância:

– Há quem me trate por cerdo. Também me chamam chico...

– Chamam-no Chico? – admirou-se o jornalista.

– Não. Chamam-me chico – emendou o porco. – Nas palavras cruzadas, dão-me o nome de tó. Estas duas letras dão sempre jeito.

O jornalista, que se tinha esquecido do gravador e do microfone, ia escrevendo, num bloco de notas, as declarações do chico tó.

– Qual prefere? – perguntou ele.

– Com todo o rigor, a minha preferência vai para suíno, embora, mais familiarmente, possam tratar-me por reco ou até cochino.

– E bácoro? – perguntou o jornalista.

O porco fez uma careta.

– E gruim? – voltou à carga o jornalista.

Outra careta do porco.

– Acho pouco digno – respondeu ele.

– Então eu vou encimar a notícia acerca da nossa entrevista com o seguinte título: "SUÍNO DIZ QUE NÃO É PORCO". Acha bem?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O porco, perdão, o suíno grunhiu, cheio de importância, a sua aprovação.

E a notícia veio nas páginas do jornal com o devido destaque. Serviram elas, dias depois, para embrulhar uns chouriços.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LANÇAS E ENXADAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

22 de Abril
Dia da Terra

Uma lenda conta que havia, dantes, dois povos vizinhos e inimigos. Uns eram romanos, outros, sabinos. Por tudo e por nada levantavam os estandartes da guerra. Por tudo e por nada desbaratavam-se uns aos outros.

Nos dois territórios próximos, o número de órfãos e de viuvas aumentava, assustadoramente. Não havia família que não estivesse de luto.

Nesse tempo, os guerreiros iam de peito feito para as batalhas. Não usavam capacetes nem couraças. A única protecção de que se serviam era um escudo redondo, como uma casca de tartaruga.

Com o escudo preso a um dos braços defendiam-se. Com a lança brandida pelo outro braço atacavam. As lutas corpo a corpo eram terríveis. Ou morrer ou matar.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

As mulheres de um e do outro campo andavam aterrorizadas.

– Quando terminar esta mortandade só estaremos nós, vestidas de negro, umas diante das outras, a chorar os nossos maridos – dizia uma delas, de nome Hersélia. – Os nossos filhos não chegarão a conhecer os pais e não sobrará nenhum homem que lhes ensine as astúcias da caça, os gestos da sementeira, as regras do cultivo, o gosto do trabalho. Vamos recuar ao tempo em que estava tudo por aprender, os campos por lavrar, os animais por sujeitar. Vamos ser muito infelizes.

Isto dizia Hersélia. As outras mulheres, sabinas ou romanas, concordavam. Elas juntavam-se à beira rio, cada qual na sua margem, para trocarem queixumes.

– Se lhes disséssemos para pararem a guerra? – lembrou uma delas, romana ou sabina, não interessa.

– Estão tão loucos que a nossa voz não consegue romper o delírio deles. Não ouvem senão o entrechocar das armas e os gritos da cólera e do ódio – disse outra mulher, talvez sabina, talvez romana.

Então Hersélia lançou para o meio da assembleia de mulheres esta proposta:

– Se não queremos perder os nossos filhos e maridos, temos de nos armar com toda a nossa coragem. Cobertas com os nossos mantos de luto, de cabelos caídos e com nossos filhos pequenos pela mão, corramos para o campo de batalha. Atiremos os nossos corpos indefesos para o centro da luta e, com uma única voz, gritemos, imploremos aos combatentes que larguem as armas.

Assim fizeram. Um enxame de mulheres de negro, com crianças ao colo, lançou-se entre os contendores. Eram

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

sabinas. Eram romanas. Eram mulheres desesperadas.

– Parai, parai de lutar – gritavam.

Gritavam e choravam e suplicavam. Eram muitas.

Caíram os braços que seguravam as lanças. Resvalavam dos braços os escudos. Os maridos procuraram as mulheres. Os pais, os filhos.

Ainda se levantou uma voz de rudeza, a protestar contra aquela intromissão, tão fora dos hábitos da guerra:

– Não queremos mulheres aqui. Os combates têm de continuar.

Ninguém ligou. A tal voz agreste também não insistiu.

E fez-se a paz.

Conta-se que os escudos redondos dos antigos guerreiros, de feitio de conchas, passaram, depois, a servir de berços para as crianças que nasceram, depois de a guerra ter terminado.

Com os paus das lanças fizeram cabos de enxadas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

QUEM VEM LA QUE VÁ

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Um velho, que tinha uma quinta, morreu. O galo, o pato, o peru, o porco, o gato e a ovelha, que viviam na quinta, ficaram sem dono. Como não queriam ver-se apartados uns dos outros, resolveram fugir todos juntos.

Puseram-se a caminho.

À boca da noite, deram com um casebre de porta aberta.

– Esta vai ser a nossa casa – disse um dos bichos.

Ainda não era certo, mas fosse como fosse, naquela altura dava jeito. Tinha o que bastava: um telhado, quatro paredes e brasas a luzir na lareira.

Os bichos instalaram-se. O gato acocorou-se junto ao borralho. O porco deitou-se ao pé da selha. O galo e o peru empoleiraram-se na trave do tecto. O pato e a ovelha puseram-se atrás da porta. Não se estava mal.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Já a noite ia adiantada, quando chegaram os lobos, que moravam naquela casa. Tinham andado à caça, mas sem que tivessem caçado nada que valesse. Vinham furiosos os lobos. E esfomeados.

Um deles, assim que entrou, chegou-se para o borralho. O gato pressentiu-o e esgatanhou-lhe o focinho.

O lobo, que não contava com aquela surpresa no meio do escuro, desatou a correr. Os outros iam para acudir, mas o porco ferrou uma dentada na perna de um e a ovelha atirou uma marrada à barriga de outro. Naquela confusão, o galo pôs-se a cantar e o pato mais o peru fizeram coro com ele.

Os lobos, atordoados, pernas para que te quero! Fugiram para muito longe. Depois de muito correrem, juntaram-se de novo e um disse:

– Foi gente que tomou conta da nossa casa. A mim um sapateiro atirou-me com cardas ao focinho.

Se ele soubesse que era só um gato...

Disse outro:

– Pois a mim, um ferreiro agarrou-me uma perna com tenazes.

Se ele soubesse que era só um porco...

Disse um terceiro:

– A mim, esse tal ferreiro deu-me com uma tranca nas canelas.

Se ele soubesse que era só uma ovelha...

Os outros lobos, que não tinham chegado a entrar na casota, também tinham que contar.

Dizia um:

– Eu cá escapei da malhada, mas ouvi um que estava a gritar: "Cacaria, cacaria! Acaba tudo em cacaria".

Já se percebe que era o que ele ouvia da voz do galo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Dizia outro:

– E eu ouvi um ameaçar: "Engolia-os! Engolia-os!"

Era o que ele entendera da voz do peru.

– E eu ouvi um que berrava: "Quem vem lá que vá! Quem vem lá que vá! Quem vem lá que vá!"

Assim ele ouvira a voz do pato.

Os lobos apanharam tal susto que nunca mais quiseram voltar ao casebre, onde passaram a viver o galo, o pato, o peru, o porco, o gato e a ovelha. E sempre muito amigos.

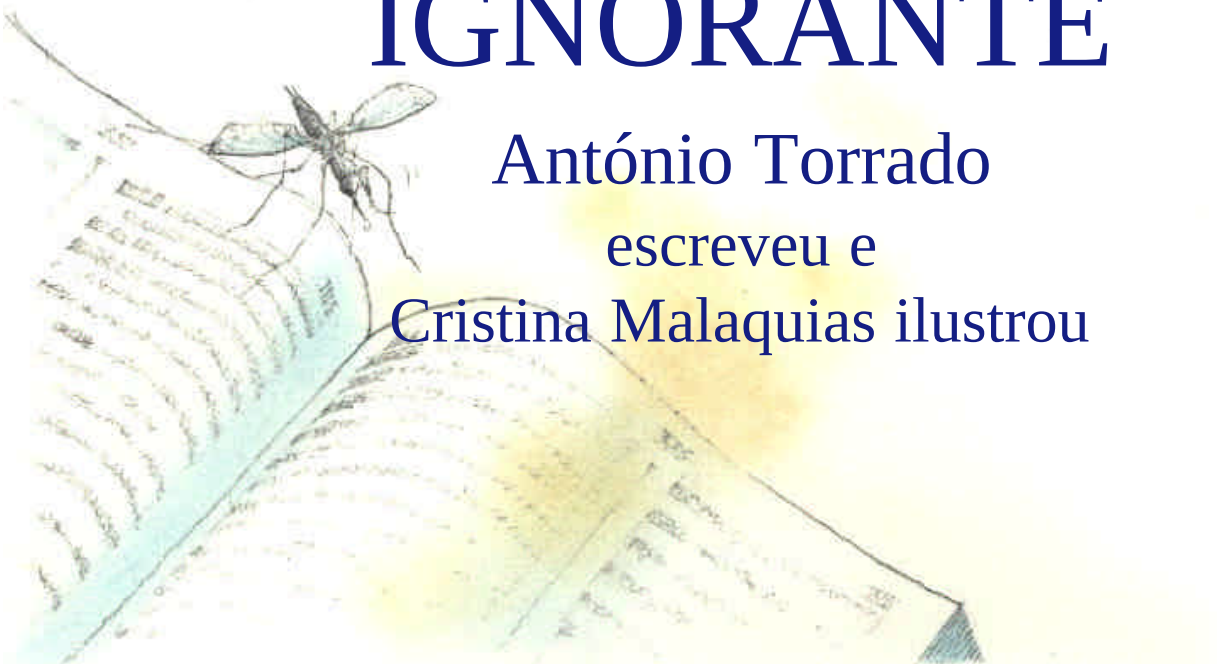
FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O MOSQUITO IGNORANTE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez um mosquito que andava à procura de insecticida. Isto é: andava à procura, no dicionário, da palavra "insecticida".

Tanto que o tinham prevenido: "Cuidado com os insecticidas! Não te chegues aos insecticidas! Não deixes que os insecticidas se cheguem a ti!" Mas não lhe tinham explicado mais.

Sim, o que seria isso de insecticida? Ali estava, em letras mais pretas: "Insecticida – substância que destrói, que mata insectos." Alto lá! A coisa era grave, devia ser grave para os insectos, pobrezinhos. E, no fim de contas, o que queria dizer "insecto"?

O mosquito era pouco versado em zoologia. A bem dizer, este mosquito era pouco versado numa quantidade de disciplinas – Zoologia, Biologia, Mecânica, Cartografia, Geometria Descritiva, Estatística, Logística, Balística... E

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

também não falava francês. Era um mosquito muito ignorante.

Como tal, não sabia o que queria dizer "insecto". Não estranhem. Se perguntarem a uma mosca, aposto que ela também não sabe. Nem as aranhas. Nem as melgas. Nem as baratas. Todas muito incultas.

O mosquito, depois de ter encontrado "insecticida", foi procurar "insecto": animal in...ver...te...bra...do, de corpo ar...ticu...lado, provido de seis patas, que respira pela tra...queia e sofre meta...morfoses. Meta... quê? Tanta palavra esquisita.

Primeiro: "invertebrado". Leu no dicionário: "que não tem vértebras". Pouco esclarecedor. E "vértebras"? O dicionário ensinava: "cada um dos ossos que constitui a coluna vertebral". Ossos? Isso não lhe dizia respeito. Ele não possuía ossos. Em contrapartida, tinha patas. Precisamente seis, como esses tais insectos. Coincidência interessante.

Dar-se-ia o caso de...? Que grande novidade, se assim fosse! Leu outra vez: ... provido de seis patas, que respira pela traqueia...

Nisto, atrás dele um som "pff!", seguido dum cheiro desmoralizador.

O mosquito procurou afanosamente a palavra "traqueia", mas já não foi a tempo...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

HÁ COISAS ASSIM

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Naquela quinta havia muitas árvores. Eram árvores de fruto.

Também havia pássaros, grandes e pequenos, uns de bico amarelo, outros de bico encarnado, outros de bico lilás... E cinzentos de penas ou pretos ou castanhos... E de outras cores.

Muitos pássaros, todos chilreantes.

Não era para admirar. Os pássaros gostam das árvores, principalmente dos frutos. E as árvores também gostam dos pássaros.

Naquela quinta só havia uma árvore sem pássaros e sem frutos. Era uma árvore triste. Sequinha de tristeza, despida de folhas, a árvore destoava, no meio daquele pomar frondoso.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Sentia-se a mais, muito desolada, muito só, muito perdida. A infelicidade ela sabia o que era.

Até que, uma noite, a árvore sonhou que se enchia de flores. Sonhou que se enchia de flores e que das flores nasciam pássaros. De que cor? De todas, até das cores que ainda não têm nome.

A árvore sonhou que os pássaros coloridos voavam à volta dela, cantando e batendo as asas.

Depois, cansados, os pássaros poisavam na árvore e transformavam-se em frutos. Frutos, já se vê, de todas as cores.

Às vezes, as árvores tristes têm sonhos assim, sem explicação nem sentido.

Mas o que depois sucedeu a esta árvore é que parece fantástico.

Calculem que, no dia seguinte, quando acordou, a árvore estava, realmente, cheia de flores - as flores que anunciam os frutos, os frutos que chamam os pássaros...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OLHOS VERDES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Esta história passou-se na Índia, há muito tempo.

Certo rajá tinha dois filhos, dois filhos já homens, mas muito diferentes entre eles. Um, o mais velho, era tão feio por dentro como por fora. Para condizer, casara-se com uma feiticeira, uma peste.

O mais novo, ainda solteiro, não era feio nem bonito, mas, conhecendo-o melhor, percebia-se que a beleza dele estava toda concentrada no coração. E tinha olhos verdes.

O rei ou rajá, encarando os dois filhos e ajuizando sobre o que deles sabia, decidiu:

– Quem vai herdar o meu reino será o meu filho mais novo, que tem qualidade para ser um bom rei.

A feiticeira, casada com o mais velho, não gostou da escolha do sogro e maquinou um feitiço para afastar o cunhado rival. Convidou-o a tomar chá na varanda dos

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

seus aposentos e misturou uma poção mágica nas folhas da chaleira.

O bom príncipe bebeu e transformou-se em peixe.

– Vai nadar para o meio dos teus irmãos – disse a bruxa, atirando-o ao rio, que corria debaixo da varanda do palácio, e largando uma daquelas gargalhadas arrepiantes, que só as bruxas sabem dar: – Ah! Ah! Ah! Não é assim, nem pouco mais ou menos, mas como não sou bruxa...

O príncipe, transformado em peixe, nadou rio abaixo. Deste rio passou para outro maior, que se comunicava com outro imenso, tão largo como um braço de mar.

Foi pescado.

A rede que o pescou, de cambulhada com outros peixes, era puxada pelos servos de outro rajá, rei de outro reino.

Muitos peixes morreram antes de chegar ao palácio. Um dos que sobreviveu e que chamou a atenção do cozinheiro foi o bom do peixe-príncipe.

– É diferente dos outros – disse o cozinheiro. – Tem olhos verdes e corpo dourado. Vou oferecê-lo à princesa.

Ficou num aquário, à cabeceira da cama da princesa, que logo se encantou por ele.

– Gostava tanto de ser peixe, para nadar ao teu lado – segredou-lhe, um dia, a princesa.

– Pois eu gostava de ser homem, para poder estar ao teu lado – segredou-lhe o peixe.

Tamanha vontade dos dois tinha de resultar. O amor é uma grande magia.

A jovem princesa começou por surpreender-se com as falas de um peixe de olhos verdes. Mais razão tinha para estranhar, quando o peixe se transformou em homem. Mas não estranhou. Os olhos verdes eram os mesmos...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Claro que daí a um tempo casaram.

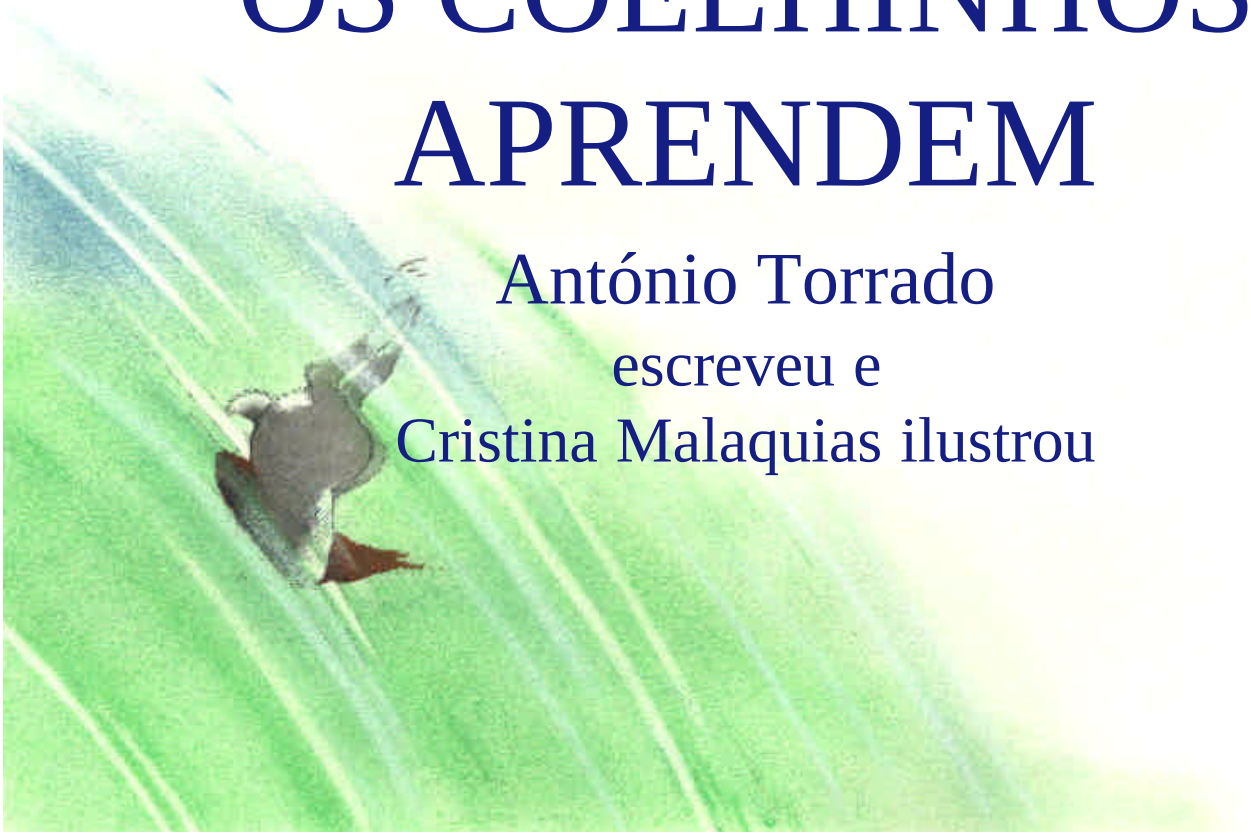
Com ajuda dos exércitos do sogro, o príncipe de olhos verdes recuperou o reino, aprisionou a cunhada e o irmão e reinou feliz em companhia da princesa, rodeados por principezinhos de olhos verdes e de olhos castanhos. Não sei se disse que a princesa tinha olhos profundamente castanhos. Belíssimos.

Nestas histórias fica sempre muita coisa por contar...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS COELHINHOS APRENDEM



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma coelha que tinha muitos filhos. Como boa mãe, passava o dia a recomendar-lhes o que era melhor para a vida deles: as ervas que deviam comer, as ervas que deviam rejeitar, as horas a que podiam sair, as horas em que não podiam nem espreitar...

– E, antes de mais – dizia ela -, muita atenção ao calendário de abertura da caça...

– Mas como é que nós sabemos, se não lemos jornais? – perguntou um dos coelhinhos.

– Assim que ouvirem tiros, nem que sejam longe, e cães a ladrar, corram logo a abrigar-se – avisou a mãe.

Um dia, um dos mais novos, chegou à toca, muito assustado.

– Ouvi tiros, mãe. Esconda-me.

A coelha tranquilizou-o:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Eu também ouvi, mas não são tiros de chumbo. São foguetes de cana. Há festa na aldeia. Não ouves a música da banda? Para que te servem as orelhas? Enquanto eles andam entretidos, podemos nós sossegar.

Dias depois, estava a família toda no pasto e uma melodia fininha e maliciosa veio pelo ar, como serpente que dança... Os coelhos pequenos, que nunca tal tinham ouvido, olharam para a mãe, interrogativos.

– É melhor irmos andando para casa – disse ela. – E tão cedo não voltamos a pôr o nariz de fora.

O coelhinho de há pouco estranhou:

– Mas ó mãe, uma música tão doce não será festa, também?

– Qual festa, qual carapuça. Despacha-te. É o Pedro Ovelheiro, que toca flauta, e anda por aí a semear desgraça. Arma por tudo o que é sítio armadilhas, que fazem miséria. Até me arrepio toda.

Tempos depois, o coelhinho veio outra vez ter com a mãe, muito aflito.

– Vi homens com espingardas. Devem ser caçadores.

– Também eu vi – disse a mãe. – Com estes podes estar descansado. São guardas florestais e andam a levantar as armadilhas que o Pedro armou, porque estão proibidas pela lei da caça. Já podemos descansar. Mas, mesmo assim, todo o cuidado é pouco.

Está visto que é muito arriscada a vida do mato. O que um coelho tem de aprender, para não ser chumbado!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CAVALO REAL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rei.

Era uma vez um cavalo.

O rei era um rei que andava a cavalo.

O cavalo era o cavalo do rei.

Não lhe chamavam cavalo do rei, mas cavalo real, porque andava sempre com o rei às costas.

Era muito vaidoso o cavalo real.

Quando se via, nos desfiles, à frente da restante cavalaria dos lanceiros, dos arqueiros, dos alabardeiros, julgava-se não só o rei de todos os cavalos, que o seguiam medindo o trote pelo trote dele, como o comandante em chefe de toda aquela tropa.

Que presunção!

O rei a cavalo passava revista à guarda real e a banda tocava o hino e os soldados apresentavam armas. Nessa

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

altura, o cavalo levantava o pescoço, muito importante, com o rei às cavalitas. Lá na sua vaidade, julgava que era a ele e só a ele que os soldados, os capitães, os majores, os coronéis, os generais, os músicos e os porta-bandeiras prestavam homenagem.

Já viram tolice assim?

No pátio do palácio, diante da corte reunida, dos condes e das condessas, dos marqueses e das marquesas, dos duques e das duquesas, dos embaixadores, dos ministros e dos conselheiros, o rei passeava-se em cima do cavalo. Também nessas alturas, o tonto do cavalo supunha que todos aqueles salamaleques, todas aquelas vénias, lhe eram destinadas, a ele e só a ele, cavalo real.

Já imaginaram cavalo mais burro?

Mas, um dia, numa caçada, o cavalo real tropeçou num tronco e deixou cair o rei, que se estatelou no chão, com a coroa à banda.

Não lhe perdoou o rei o trambolhão. Deixar cair o rei é cair em desgraça. Foi o que aconteceu.

Expulso das cavalariças reais, o cavalo percebeu finalmente que não lhe tinham respeito nenhum.

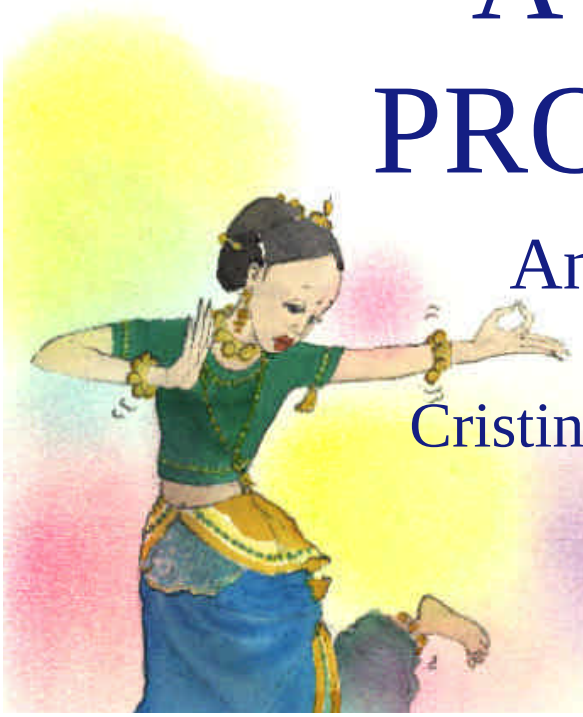
Acabaram-se as paradas, as vénias, os desfiles. É agora um cavalo de carroça.

Nem tudo se perdeu, afinal. Depois do que se passou, o cavalo ganhou juízo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A DANÇA PRODIGIOSA



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

29 de Abril
Dia Mundial da Dança

Conta-se que, na Índia, há muito tempo, quando não paravam as guerras entre reis vizinhos por frívolas disputas de terras e riquezas, os vencidos, fossem generais, nobres, senhores poderosos, passavam à condição de escravos dos vencedores.

No termo de uma dessas lutas, houve festa no palácio conquistado. Depois do banquete da vitória, o chefe dos vencedores exigiu a presença dos músicos e das bailarinas. Estava radioso de felicidade e queria que à sua volta tudo espelhasse a sua alegria de guerreiro triunfador.

Entre as bailarinas, uma se destacava mais do que as outras. Tinha guizos e sinos em colar, no pescoço, nos braços e nas pernas, que cadenciavam a música, como se cada gesto dela fosse o riso a nascer.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas o rosto da bailarina gentil era sisudo, quase zangado. Belo, muito belo, mas tão ao contrário da jovialidade do corpo, nos seus meneios de dança, que causava uma estranha impressão.

Um dos convivas reparou no desconcerto e disse-o em voz alta. Outro, a seu lado, explicou:

– Não admira. É a princesa, filha do rei deposto. O pai acorrentado na cave e ela a dançar no salão...

– Mesmo assim, para quem dança sem vontade muito bem dança – comentou outro conviva. – Embora, melhor dançaria se sorrisse...

– Ri – ordenou-lhe o senhor da festa e dos vencedores, tanto como dos vencidos.

Mas a bailarina nem sorriu. Continuava a dançar, vestida da música, com a felicidade a tinir nos pulsos e nos tornozelos, como se o corpo existisse sozinho, decepado do rosto em luto.

– A noite é minha. O palácio é meu. O reino e todos os que nele vivem pertencem-me – clamava o rei dos vencedores. – Tens de rir.

Ela, muito séria, só dançava. E que bem dançava! Maravilhavam-se, à sua roda, porque nunca tinham visto dançar assim, com tanta graça, tanta leveza de pluma, pétala, brisa, asa, perfume...

Então, o comandante, de coração rendido, proclamou:

– Libertem de vez o rei vencido. Quero-o, aqui, ao nosso lado, a ver a filha dançar.

Uma labareda de guizos e risos correu, rolou, adejou pelas arcarias do palácio. Os músicos atónitos ouviram a música, que eles não tocavam, desprender-se, intacta, dos seus instrumentos e engrinaldar de alegria redopiante a

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

princesa dançarina.

Nenhuma bailarina dançou, em gestos de riso, em olhos e lábios iluminados de riso, como, naquela noite, a princesa dançou... E por muitos mais anos se contará a história da dança prodigiosa, que fez pulsar, em triunfo, a harmonia da música nos corações dos homens, vencedores ou vencidos...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UMA VELA A APAGAR-SE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vela, uma única vela que alumiava debilmente um quarto. A longa língua rubra da vela estremecia, enquanto ela falava:

– Vou morrer, não tarda. Em vão, porque a minha chama não deu luz a nada que merecesse a pena. Nem testemunhei o nascimento de uma criança nem realcei um beijo de amor nem inspirei o poema de um poeta. Podia ter sido o minúsculo farol que ajudasse alguém a ir ter com alguém, mas nenhum vulto quis pegar no meu castiçal solitário. Sou uma inútil.

E a vela, a extinguir-se, desfazia-se em lágrimas de cera.

Mas um leve ruído, vindo do corredor, alvoraçou-lhe os últimos lampejos.

Era um ladrão, que, guiado pela luz da vela, se preparava para levantar a tampa de uma arca que guardaria, decerto, algum tesouro.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A vela viu tudo, num relance.

Nada já podia, porque o pavio, que sustenta a chama, se afundava no pequeno lago de cera da vela a desfazer-se, a apagar-se, de vez.

E eis que, de repente, escureceu. O ladrão sobressaltou-se e, sem luz para guiá-lo, tropeçou numa esteira, que deslocou uma cadeira, que tombou sobre uma prateleira, cheia de livros. Alguns caíram, fazendo imenso barulho.

– Quem está aí? – gritou uma voz forte de alguém, que o barulho acordara.

O visitante furtivo preferiu não responder e fugiu, deitando ao chão mais cadeiras e estantes, num grande atarantamento. Desceu uma escada, correu por um jardim, saltou um muro e ainda ouviu gritos e o estampido de uma caçadeira, à conta dele.

Não fosse ter-se apagado a vela, que se julgava inútil, e a história teria sido diferente.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

JOCA E O PRATO DE SOPA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

1 de Maio
Dia Mundial do Trabalhador

O Joca faz cara feia à sopa. Diz ele que se engasga.

– Não te engasgas com o bife nem com as batatas fritas... – diz-lhe o pai. – Porque será?

A verdade é que o Joca não gosta de sopa. Já os pais estão na fruta e ele ainda a remanchar, ora uma colher ora outra, muito enfadado, diante da sopa fria.

No outro dia, foi lá jantar o tio Alfredo. Sabedor do desgosto do Joca pela sopinha, disse que ia preparar uma sopa especial, uma raridade, que tinha dado que fazer a mais de mil homens.

Fechou-se na cozinha, onde se demorou que tempos, e quando terminou o preparo anunciou:

– Todos para a mesa, para provarem a sopa que custou o trabalho de mais de mil.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Veio a sopa para os pratos e nenhuma diferença fazia das sopas já conhecidas e rejeitadas pelo paladar do Joca.

Ele assim o disse, à primeira colherada:

– Se deu que fazer a mil homens ou só deu que fazer ao tio Alfredo vale o mesmo.

– Enganas-te – atalhou o tio Alfredo. – Vamos nós fazer as contas aos homens que trabalharam para a tua sopa.

Pegou num papel e numa caneta e começou a contar:

– Primeiro, os legumes da sopa. Calculas quantas pessoas foram necessárias para lavrar a terra, mondar as ervas, regar a horta? Agora acrescenta os ferreiros que fabricaram os sachos, os mecânicos que armaram o arado, os operários que construíram o tractor, os latoeiros que fizeram os regadores...

– Agora a rega é toda mecanizada – lembrou o pai do Joca.

– Mais me ajudas – disse o tio Alfredo. – Quantos engenheiros foram necessários para inventar a rega por aspersão? Quantos operários para apurar os instrumentos de rega? Quantos homens para fabricar as bombas de água, que a vão buscar aos rios? E quem fez as mangueiras? Quem concebeu a mecânica dos óleos, que accionam as bombas de água?

Tanta gente à volta de um prato de sopa! Cem? Duzentos? Trezentos homens, cansados de trabalhar? Os pais do Joca e o tio Alfredo faziam cálculos de cabeça.

– Aos legumes, acrescenta o arroz. As mais das vezes são mulheres quem cuida dos arrozais – explicou o tio Alfredo. – E quem trata do ensacamento? Quem acondiciona? Quem transporta? Quem distribui pelos armazéns? Quem o vende nas lojas e nos supermercados? Mais umas centenas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Alfredo, não te esqueças do sal – lembrou a mãe do Joca.

– Pois claro que não me esqueço dos salineiros, que levantam o sal das salinas. Sem a contribuição deles, a sopa não tinha gosto.

O tio Alfredo continuava inspirado, somando parcelas, acrescentando gente. Enquanto ele sussurrava números debruçado sobre o papel, o pai do Joca tomou-lhe o fio à meada:

– E o construtor do fogão, que cozinhou a sopa? E os fabricantes do gás, que acendeu o fogão? E os químicos que produziram o fósforo, com que se fizeram os fósforos, que acenderam o gás, que chegou aos bicos, trazido pelas condutas, escondidas no fogão, que cozinhou a sopa? – pergunta o pai do Joca, quase sem fôlego.

– E os lenhadores que cortaram as árvores, que os serradores serraram e outros mais partiram e repartiram, até chegarem a fazer os paus dos fósforos? – disse a mãe do Joca, quase a rir-se.

– Chega! Chega! – gritou o Joca. – Já comi a sopa toda. – O que é que há a seguir?

Ia ter que esperar, porque, diante dos pais do Joca e do tio Alfredo, os pratos de sopa ainda continuavam cheios...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A OBRA MAIS BELA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

2 de Maio
Dia da Mãe

Na oficina do escultor, havia grande animação. Chegara uma pedra de cantaria, que foi colocada no meio da sala por oito homens possantes. Oito homens, imagine-se! Pesado serviço aquele.

O escultor pagou-lhes e mandou-os embora. Depois olhou para o bloco, acariciou a pedra, deu uma volta por ali e saiu atrás dos carregadores.

A sala ficou vazia de gente, mas continuou cheia de estátuas. Seriam talvez umas dez estátuas dispostas junto às paredes. Algumas já acabadas, prontas para partir, outras à espera que a mão do escultor as desse por terminadas. Após a saída das pessoas, cabia-lhes agora a vez de falarem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Afinal as estátuas falam? Sim, nas histórias, têm autorização para falar. Vão ouvi-las.

A que estava mais afastada do bloco de pedra perguntou às colegas:

– Que avantesma é aquela?

Houve risinhos entre as estátuas. Então, a que representava a Vaidade declarou:

– Companheiros destes não fazem cá falta, só ocupam espaço e tiram a luz a quem, como eu, precisa de ser destacada.

Era realmente muito vaidosa a estátua da Vaidade.

– A mim é que ela tira a luz – rectificou a estátua que representava um monge sentado a ler um livro. – Estou aqui, há imenso tempo, a ler este alfarrábio e não consigo passar da mesma página.

A estátua do Arlequim também se queixou:

– Aqui abafa-se. Apetecia-me pular e correr, mas esta pedra atravanca tudo.

A estátua do Atlas, o gigante que suportava o mundo sobre os ombros, acudiu:

– Se queres fazer alguma coisa de jeito, segura por um bocadinho na minha carga, porque quase tenho os braços dormentes. De caminho, aproveito e arrasto para outro lado essa maldita pedra, que já me está a causar engulhos.

Mas o Arlequim fez-se desentendido. Não estava para trabalhos.

A estátua inacabada de um rei qualquer ainda murmurou:

– Ordeno que... – mas, como estava muito incompleta, não conseguiu acabar a frase.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Na manhã seguinte, o escultor começou a trabalhar o bloco de pedra. Desbastou-o muito. O penedo foi ganhando forma.

As estátuas em roda olhavam para aquilo em silêncio, desconfiadas. Mal ele abalou, a estátua lá do fundo inquiriu:

– Que irá dali sair?

Respondeu o Arlequim:

– Um elefante, pois. Que outra coisa esperam?

Aquilo, de facto, intrigava. O escultor trabalhou dias a fio e, do coração da pedra, muito lentamente, uma figura começou a erguer-se. Adivinhavam-se os ombros, a cabeça, os joelhos. Parecia uma figura sentada, coberta com um lençol amarrotado.

Durante a noite, as outras estátuas não se calavam.

– Tem um ombro mais alto que o outro – observava uma.

– E uma cabeça monstruosa – acrescentava outra.

Mas a cabeça monstruosa, pela arte do escultor, foi-se transformando numa delicada cabeça de mulher. Estava sentada a estátua. Tinha as mãos no colo, como se guardasse algo, que ainda não conseguia distinguir-se bem.

– Naturalmente está a ler um livro – alvitrava o monge.

Afinal não era um livro o que ela olhava. Era uma criança. O escultor passara o dia a apurar as feições do bebé. No fim, antes de sair, alargou o sorriso da mãe e foi-se embora.

As outras estátuas, muito despeitadas, continuaram na má-língua.

- Que tempo mal-empregado – dizia a estátua da Vaidade.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Não trocava a minha carga pela daquela mulher – declarava o gigante Atlas.

– Que boneco tão patareco – gargalhava o Arlequim.

Mas uma voz clara e nova naquela sala sobressaiu da restolhada venenosa das outras estátuas, para pronunciar estas palavras:

– Deixem-se de falas! O menino está a dormir.

Inspirava respeito aquela voz. As estátuas calaram-se.

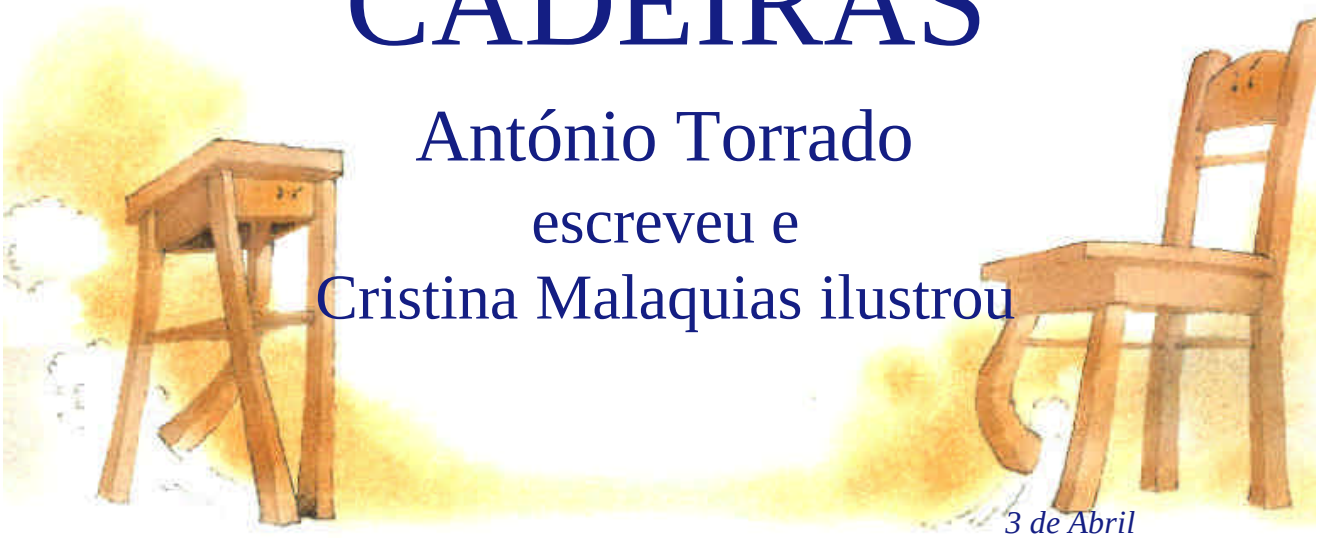
Nos dias que se seguiram, o escultor demorou-se, pela noite adiante, a completar a estátua da mãe e do menino. Era a sua mais bela obra.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

BANCOS E CADEIRAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



3 de Abril
Dia do Artesão

Era uma vez um homem que fazia bancos. Tinha aprendido em pequeno a arte ou ofício de fazer bancos e, como se ajeitava bem, era rápido e vendia a mercadoria com facilidade, nunca quis fazer outra coisa.

Ao lado da oficina do homem que fabricava bancos, instalou-se um outro artesão. Mas este só fabricava cadeiras.

Os clientes começaram a dividir-se. Havia os que continuavam a comprar bancos, que eram mais baratos, e os que preferiam comprar cadeiras, um pouco mais caras, mas mais cómodas. Experimentem e, depois, digam-me.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O homem que fazia bancos enervou-se. Até os bancos lhe saíam menos perfeitos. Para poder escoar o produto do seu trabalho, baixou para metade o preço dos bancos. Os bancos continuavam do mesmo tamanho, o preço é que diminuiu.

O concorrente ao lado fez o mesmo. Uma cadeira passou a ser tão barata que até dava vontade de rir.

Aproveitando a baixa de preços, a clientela afluía às duas lojas-oficinas. Voaram (maneira de dizer!) bancos e cadeiras.

Mas aquilo era um disparate, tanto maior quanto, descendo os preços, de dia para dia, chegou uma altura em que os bancos e as cadeiras eram dados. E quem levasse uma cadeira de graça, recebia outra de brinde. E tal e qual para os bancos.

Os dois artesãos fartavam-se de trabalhar, noite e dia, para responder aos pedidos. Arruinavam-se.

Isto mesmo lhes disse um amigo de ambos.

– Porque é que vocês não se juntam e formam uma sociedade que venda cadeiras e bancos, ao mesmo tempo e por um preço razoável?

A princípio, eles não queriam. Estavam habituados a trabalhar sozinhos e cada qual tinha as suas razões de queixa do concorrente. Mas conformaram-se, a ver no que dava.

Deu certo. A Sociedade Banco & Cadeira, formada pelos dois antigos rivais, agora amigos, vai de vento em popa. E, trabalhando a meias, vão os dois lançar um novo produto no mercado: mesas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O DRAGÃO ARNALDO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

"Quem disse que não há dragões?

Eu vi um pequenino a sair debaixo de um vaso de sardinheiras. Deitou-me a língua de fora e foi-se embora, a correr.

Ainda está verde. Quando crescer, vão ver. Vai ter o corpo todo coberto de escamas a valer e em cada escama o monograma: 'D A' entrelaçados – Dragão Arnaldo. Muito prazer em conhecer."

– Que estás para aí a inventar? – perguntou a mãe ao Joca, que isto estava a contar.

– Fui eu que vi um dragão, mãe, um dragão pequenino. Quando crescer, vai tomar conta desta varanda. Vais ver. E quando quiseres estender a roupa hás-de ter que pedir ao dragão "Com licença, com licença", para ele te deixar pendurar a roupa naqueles cornos agudos, que os dragões têm nas costas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Cortava-se a roupa toda – disse a mãe, entrando na brincadeira.

– Pois é, mãe. Não me tinha lembrado. Mas, por outro lado, não vais precisar de gastar o gás do fogão.

– Porquê? – quis saber a mãe, um pouco intrigada.

– Porque, quando quiseres assar um pargo ou fazer carne assada, basta que abras a boca do dragão, que é um forno sempre aceso, como não há outro.

– E, se ele me comer o peixe ou a carne, que jantamos nós? – quis saber a mãe.

– Pois é, mãe. Não me tinha lembrado. Mas parece que os dragões são vegetarianos...

– Tens a certeza? – perguntou a mãe.

– Absoluta. Por isso é que eles são verdes.

– E onde vamos arranjar erva para alimentar o dragão? – interrogou-se a mãe. – Se uma alface chegasse...

– Pois é, mãe. Não me tinha lembrado. Vamos ter de levá-lo a passear até à Tapada da Ajuda, para se alimentar de relva e de verduras. Para pastar.

Neste ponto, disse a mãe:

– Mas assim que o vissem, os meninos fugiam e, mais dia menos dia, ficava a Tapada vazia de pessoas e vegetação. As árvores despidas, as crianças assustadas, porque o dragão tudo comia e não deixava nada.

– Pois é, mãe. Não me tinha lembrado. Afinal o dragão era uma complicação. Vou dizer à lagartixa que fique como está. Já não precisa de crescer.

Nessa altura, a lagartixa passou a correr e esta história acaba como deve de ser.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A VASSOURA NOVA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma vassoura que andava a estudar para aspirador. Mas sem grandes resultados, deixem-me que lhes diga.

Ela bem que se esforçava, nas aulas de Electricidade e, sobretudo, nas aulas de Ginástica respiratória. Inspirava... inspirava... só inspirava, mas pouco avançava na matéria.

Da avó, uma velha vassoura fora de uso, só ouvia palavras de desânimo:

– Cada um é para o que nasce, rapariga.

Ela revoltava-se:

– Não me enfrenesie com lamúrias, senhora. Vassourar toda a vida e, depois, acabar a um canto, como a avó, não contem comigo. Eu nasci para outros voos.

Um dia, foi preciso uma vassoura para uma peça de teatro – uma história, que metia feiticeiras, daquelas de lenço e nariz de cavalete (de papelão, já se vê...). Eram

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

bruxas à antiga, que cavalgavam vassouras e voavam no palco (a fingir, já se sabe...).

Escolheram a vassoura aspirante a aspirador.

– Vê, avó, como eu tinha razão – disse a vassourinha. – Sempre vou mudar de vida.

Pois mudou. Voava pelos ares, como barra de trapézio, ao som da música e no meio das gargalhadas cacarejantes das senhoras feiticeiras da peça. Encandeada pelos projectores, fazia um figuraço.

"Se a minha avó aqui estivesse, havia de gostar", pensava, muito orgulhosa, a vassoura.

Era pena, mas não estava. Por sinal que, lá em casa, tinha-se avariado o aspirador e quem, agora, fazia toda a lida da casa era a vassoura velha.

"Se a minha neta aqui estivesse, havia de me ajudar", pensava, muito desconsolada, a avó vassoura.

Avó e neta acabaram por encontrar-se. Tinha terminado a carreira da peça e já o aspirador estava arranjado. Penduradas as duas, atrás da porta da despensa, descansavam das emoções e trabalhos.

– Afinal, voltaste à mesma – dizia a vassoura velha à nova.

– Não voltei nada – respondia-lhe a neta. – Estou à apenas à espera que me contratem outra vez.

– Estás tão desempregada como eu – rematava a velha.

– Não estou nada. Agora sou uma actriz em férias, fique sabendo.

Tem muita genica a vassourinha.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BURRO MALFADADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

1

Era uma vez um pobre homem que andava de terra em terra, a vender azeite. Quem lhe carregava as bilhas era um burro cinzento, que o homem trazia pela arreata.

Um dia, um malandrim viu o homem entrar numa venda. O burro, à porta, preso a uma argola de parede, tentou-o.

"Vou roubá-lo", pensou o finório. "Mas, para que o azeiteiro não faça escarcéu e não chame a guarda, tenho uma ideia..."

Desprendeu o burro e foi escondê-lo atrás dumas moitas. Depois enfiou ele próprio a cabeçada do burro e amarrou-se à argola. Quando o homem voltou e viu a surpresa que o esperava, esbugalhou os olhos, sem nada entender. Explicou-se o espertalhão:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Saiba o senhor que eu tinha sido fadado por uma bruxa, mas acabo de provar uma ervinha milagrosa que me desfadou. Deixei de ser burro. Voltei a ser pessoa. Desculpe o transtorno.

O azeiteiro nem sabia o que dizer:

– Se eu cuidasse que era gente, nunca lhe tinha batido com a chibata, mas queira desculpar-me. A verdade é que o senhor... o senhor burro... ou o que era, às vezes caprichava nas birras e eu perdia a cabeça... Não me leve a mal.

O outro condescendeu e o caso ficou por ali.

No dia seguinte, o azeiteiro, dizendo mal da sua vida, foi à feira comprar outro burro. E o que é que ele havia de encontrar? O burro, que o ladrão também tinha levado à feira, para vender. Assim que viu o azeiteiro, o malandrim escapuliu-se.

Então, o bom do azeiteiro, puxando o burro pela arreata, disse-lhe ao ouvido:

– Afinal, ó infeliz, tiveste uma recaída, foi? Desgraçada moléstia que a bruxa te pegou! Não te arreceies. Anda para casa, que tens palha nova. Assim como assim, vou ter mais cuidado com o que tu comes...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A JOANINHA CANSADA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma joaninha. Pintas pretas sobre fundo encarnado, conhecem o género, não conhecem?

Bem. Como ia contando: era uma vez uma joaninha... O que ela se enfastiava quando uma menina qualquer a prendia entre os dedos, para lhe soprar a lengalenga do costume: "Joaninha voa, voa, que o teu pai está em Lisboa". Largada, depois, ares fora, a nossa joaninha refilava:

- Mas qual pai? Mas qual Lisboa?

O pai dela, coitado, morrera há tempos, e a cidade de Lisboa não estava nos seus projectos de viagem. Que mania!

Por isso a joaninha resolveu mascarar-se de escaravelho.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Vestiu um pijama às riscas e pronto. Ninguém diz: "Escaravelho voa, voa, que o teu pai está em Lisboa". Não dá jeito.

Com o que ela não contava era com o Dr. Bisnaga, cientista estudioso de escaravelhos e do grande dano que eles causam à fruta e às batatas. Pois o Dr. Bisnaga viu aquele exemplar um tanto fantasista, ainda não classificado entre as suas variedades, e zás! Agarrou-o com uma pinça, meteu-o num frasquinho e ala com ele para o seu laboratório, em Lisboa.

Depois classificou-o. Deu-lhe um nome, por sinal o seu, "Escaravelho Bisnaguense", visto que se sentia o descobridor e, até certo ponto, o pai daquela preciosidade. Por fim, tirou-lhe o retrato, para um grande álbum de escaravelhos que estava a preparar, e foi à vida, à sua vida de incansável investigador de escaravelhos.

Ficaria a pobre joaninha condenada a prisão perpétua, não se tivesse desfeito, a tempo, do pijama às riscas.

- Uma vulgar joaninha no meu laboratório? - alarmou-se o sábio. - Fora daqui.

E atirou-a pela janela...

A joaninha saltou e, atarantada, esvoaçou sobre a fumarada da cidade. Depois, mais decidida, voou desta história para fora. Uf! Chega de aventuras.

Se a virem por aí, deixem-na viver sossegada o seu próprio destino de joaninha sem nome. Ela agradece.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DIDI DÁ QUE FAZER

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Quem me contou esta história foi o Rogério, um rapazinho meu amigo, que morava no 2º direito do prédio onde eu moro. Deixou de ser meu vizinho há coisa de um ano, pouco mais ou menos. O pai dele foi colocado em Estrasburgo, que fica em França, perto da Alemanha, e, como é bom de ver, a família mudou-se também.

Quando se foi embora, o Rogério passou por minha casa para se despedir. Prometeu que me escreveria muitas vezes, mas já se sabe: fora um postal com vistas da cidade e um cartão de Boas-Festas, não voltei a ter notícias dele. E senti-lhe a falta! Sim, tive, sinceramente, saudades do Rogério e da Didi.

"Quem será esta Didi que aqui aparece de surpresa?",

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

perguntam vocês. Didi é nome de gato, ou melhor, de gata, da gatinha do Rogério, uma simpática e atrevida bichana que, quase todos os dias, eu tinha de ir levar ao 2º direito. Entrava-me pela janela e saía ao colo, a princesa de olhos azuis e rabinho alçado.

Moro no último andar de uma casa amansardada com vista para o telhado e para o rio. Os telhados, como sabes, são território exclusivo dos gatos. Por contrato antigo, os bichanos tomaram conta dos telhados das cidades e ali reinam e ditam leis. Que ninguém se atreva a contestar-lhes o direito, porque senão pode haver guerra entre gatos e homens, o que seria uma verdadeira desgraça, principalmente para os homens.

Pois a Didi subia ao telhado pela escada de ferro, em caracol, a escada das traseiras, mas para descer passava sempre por minha casa. Devia ter tonturas com a escada de caracol, nas curvas da descida, ou então simpatizava muito comigo. Nunca cheguei a saber.

Fosse por que fosse, de Verão ou de Inverno, tinha sempre a janela do meu quarto aberta, não se desse o caso de sua excelência querer entrar... Que frio eu apanhei em certos dias!

Todas as vezes que, com ela ao colo, tocava à campainha do 2º direito, Dona Didi agradecia-me com um ronrom muito expressivo.

– Aqui lhe trago a sua gatinha – dizia eu para a mãe do Rogério, que era quem abria a porta.

– Para que se esteve a incomodar... Deixasse-a no patamar da escada e ela que viesse pelo seu pé.

– Não, mãezinha, que ela podia fugir para a rua – dizia, lá de dentro, o Rogério. – Com a escada de salvação não há

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

perigo, porque está trancada em baixo, mas, pela escada da frente, punha-se na rua num instante. E os carros?

Eu, pelo meu lado, aprovava as cautelas do Rogério. A mãe, embora não dissesse, também aprovava.

Ora, no outro dia, o Rogério voltou. Está de férias, em casa de uns tios, e demora-se um mês por cá, para matar saudades e rever amigos. Perguntei-lhe pela Didi e, neste ponto, é que entra a aventura, que ele me contou.

O prédio para onde foram viver, em Estrasburgo, pouco diferia do nosso: vários andares, vários inquilinos, escada principal, escada de serviço, etc. Quem, a princípio, estranhou mais foi a Didi, mas depressa achou meio de subir para o telhado, e aí estava ela onde e como queria...

Admito que tivesse sentido uma certa falta do vizinho do último andar... Lá se remediou à sua maneira. Talvez nem sequer já se lembrasse de mim, a ingrata!

Os hábitos dos gatos respeitam-se e não se discutem. No entanto, em certas ocasiões, é preciso pensar por eles, como vão ver.

Na cidade para onde o Rogério tinha ido nevava e neva sempre, durante o Inverno. Para o meu amigo, o espectáculo da neve a cair, em flocos que parecem penas brancas, era uma maravilhosa novidade. Para a Didi não seria menos. Mas havia o problema do telhado que ficava escorregadio e perigoso, sempre que nevava. Por isso a Didi foi proibida de saltar para o telhado, o que ela não conseguiu compreender.

Um dia, escapou-se. Quando o Rogério voltou da escola, deram-lhe a notícia. A Didi tinha fugido para o

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

telhado e não conseguia descer.

– Chamamos os bombeiros – decidiu o pai.

E se a Didi se assustava? À vista de estranhos, podia desequilibrar-se e...

A tarde correu depressa, sem que se achasse uma solução.

A pobrezinha, no telhado, miava. Devia estar cheia de frio. Que fazer?

O meu amigo Rogério, sem dizer nada a ninguém, o que foi uma imprudência, subiu as escadas, abriu a muito custo uma clarabóia e pôs os pés no telhado, tentando não se desequilibrar. Deu um passo, dois passos... Estava escuro, muito escuro, e não havia meio de conseguir ver a Didi, que tinha o pêlo da cor da noite. O Rogério chamou, primeiro baixinho, depois mais alto:

– Didi, sou eu. Vem cá, Didi.

Nem um ronrom, nem um miado, e o céu cada vez mais escuro. Ele a dar mais um passo resvaladiço e um peso inesperado a saltar-lhe para os ombros. Era a Didi, tiritante, que lhe dava marradinhas no pescoço e se queixava do frio, quase sem voz para um terno ronrom.

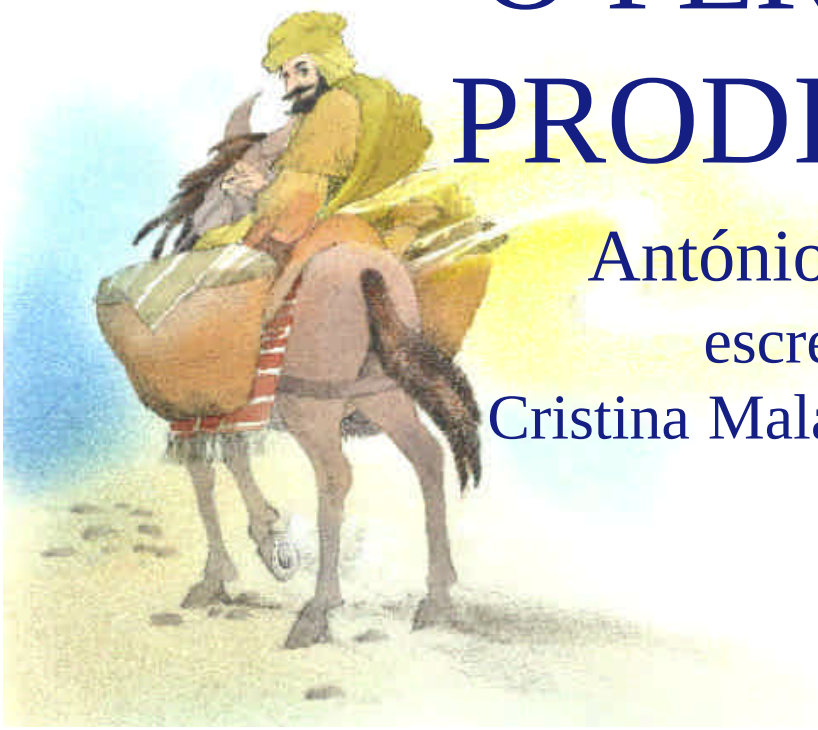
– Tivemos de aquecê-la junto da lareira e de cobri-la com cobertores, porque a Didi não parava de espirrar – contou o Rogério.

E aqui acaba a aventura verdadeira, trazida pelo meu amigo, dos confins da Europa comunitária. A Didi, cidadã europeia, um dia que regresse a Portugal, já tem muito que contar aos outros gatos do nosso telhado...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PERFUME PRODIGIOSO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

9 de Maio
Dia da Europa

Dantes, lá muito dantes, não havia estradas a cruzar os países de fora a fora. Quanto muito, caminhos.

Por isso quem tinha de viajar ou se deslocava a pé, arrimado a um bordão, ou andava a cavalo, quando tinha dinheiro para comprar um. Se não lhe chegasse senão para um burro, também convinha.

Quando nós, hoje, atravessamos a Europa de lés a lés, em comboios velozes, que já não fazem "pouca terra... pouca terra...", ou quando, de avião, em poucas horas, chegamos a Roma ou a Berlim, não fazemos a mínima ideia das canseiras e aflições por que passavam os nossos antepassados que tinham de viajar.

Eram dois homens. Vinha um de um lado, o outro do outro. Iam ficar frente a frente, no estreito caminho que calcorreavam. Um, montado numa mula de alforges carregados, devia ser mercador. O outro de capa larga e

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

botas gastas devia ser peregrino pelo modo de usar levantada a aba do chapéu e pela vieira nela pregada.

Seria, não seria? O melhor era o mercador puxar do punhal que trazia à cinta, prevenção sofrível contra os maus encontros.

– Gente de paz! – disse-lhe, de longe, o peregrino, adivinhando-lhe o gesto.

A voz parecia sincera. O mercador acreditou. Alivia mais acreditar do que alimentar desconfianças.

Ambos pararam e, à beira do caminho, confraternizaram, trocando o que traziam para a merenda.

O peregrino vinha de Santiago de Compostela, consolado e feliz com todo o esplendor sagrado que aí vira. O mercador ia para Salamanca, terra rica, segundo lhe constava, onde poderia vender por bom preço as suas mercadorias.

– E o que traz? – perguntou-lhe o peregrino.

– Cheiros – segredou-lhe o mercador, como se os perfumes do seu carregamento pudessem volatilizar-se no ar.

De facto, um perfume muito doce penetrava no nariz do peregrino, que o estranhou. Já o sentira antes, quando de longe enfrentara o mercador.

– Um frasco cheio de mais que verteu – explicou ele. – É um concentrado de folhas aromáticas colhidas na Índia. Este perfume, por mais que me lave, vai perseguir-me a vida inteira. É prodigioso.

O peregrino riu-se do exagero. Estavam de despedida. Devia ser para sempre, porque não era natural que, na Europa enorme daquele tempo, dois viajantes, que o acaso tinha cruzado, voltassem a encontrar-se.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas encontraram-se, vejam a coincidência. Muitos anos depois, em Roma, no Vaticano, na investidura de um novo Papa, aconteceu o seguinte episódio.

Era extensa a fila de convidados, príncipes, embaixadores, ministros, que iam prestar vassalagem ao Papa. Coros soavam nas abóbadas, vestes ricas de tecidos raros roçavam os mármores das colunas. Tudo deslumbrava os olhos dos presentes, por mais habituados que estivessem às galas e opulências das majestades do mundo.

Os convidados, um por um, inclinavam-se diante do trono do Papa e beijavam-lhe o anel. Calhava a vez a um governador da Flandres. Ele a ajoelhar-se e o Papa a dizer:

– Este perfume...

Como uma interrogação suspensa, vinda de muito longe, as palavras do Papa levaram o governador, que se conservava de olhos baixos, a levantá-los e, semicerrando-os, a buscar na memória quem aquele rosto de sorriso enrugado lhe recordava.

– É o mercador – disse o Papa, mais lesto na lembrança.

– É o peregrino – gritou o mercador, agora governador da Flandres, de dedo espetado para o Papa.

Sobressalto entre os guardas suíços e a marcha púrpura dos cardeais. Ao sobressalto juntou-se a surpresa, quando viram o Papa e o governador risonhamente abraçarem-se num apertado abraço de reencontro, que destoava da solenidade do momento.

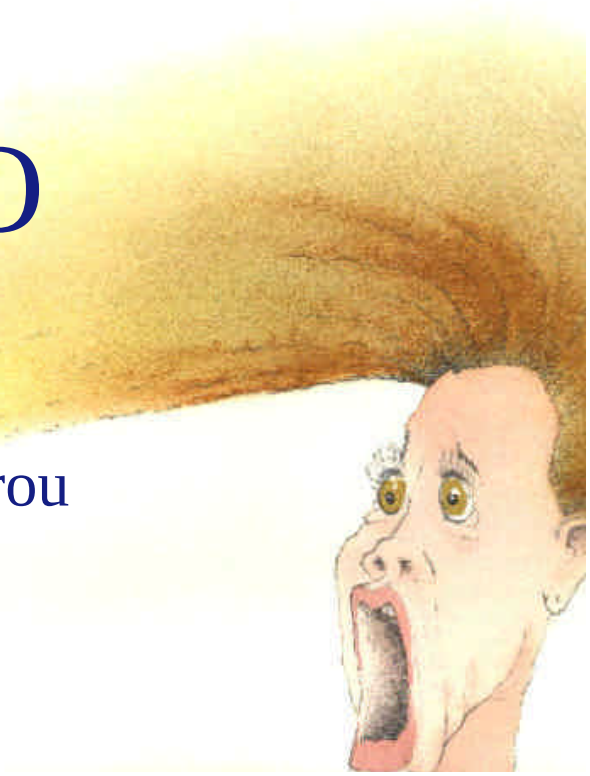
Da força do abraço, o doce perfume ficou a pairar entre os dois homens e colou-se para sempre às vestes do Papa.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

CABELO ESPETADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez uma senhora que estava no cabeleireiro, à espera de ser atendida.

– Estou pelos cabelos! – dizia a senhora, muito irritada. – Nunca mais chega a minha vez, francamente.

Uma das cabeleireiras passou por ela e reparou:

– Olhe que a senhora, assim, tão enervada que está, fica com os cabelos em pé. Depois, vai ser um sarilho para penteá-la.

E foi. Quando a senhora se sentou, finalmente, numa das cadeiras, frente ao espelho, estava uma lástima. Tinha o cabelo que nem escova de arame.

Lavaram-no, massajaram-no, puseram-lhe rolos, encharcaram-no com laca, mas não havia meio. O cabelo empinava, tão espetado e rijo como se a senhora tivesse apanhado um choque eléctrico.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Tem de acalmar-se. Vá lá, sossegue – diziam-lhe as empregadas do cabeleireiro.

Mais lhe diziam, pior era. Tantas pessoas à volta dela e as outras clientes aos risinhos punham-na fula. E, já se vê, a cabeleira ouriçava-se-lhe ainda mais. Aquilo não havia remédio.

– Só se voltar cá mais calma, noutro dia – propuseram-lhe.

– Como é que pode ser, se hoje é que eu tenho uma festa, a que não posso faltar, dê por onde der? – esganiçava-se a senhora de cabelos arrepiados, cada vez mais arrepiados.

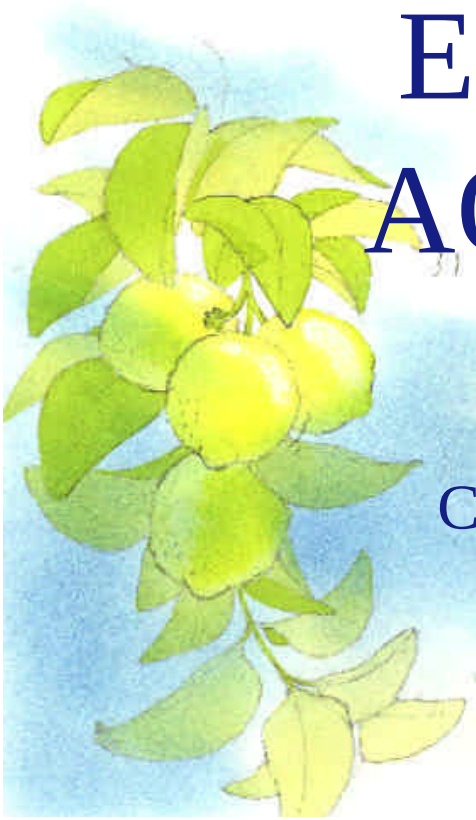
Teve de ir assim mesmo à tal festa. Nervosíssima. Arrepiadíssima. E querem saber? Foi um êxito, o alvo de todas as atenções, de todos os elogios.

– Que penteado tão original! E que bem que lhe fica! Onde é que o fez? – perguntavam-lhe a torto e a direito.

A senhora punha a mão no coração, consolada e feliz. Acalmou. Vai daí o cabelo perdeu a electricidade e caiu-lhe em pontas desgraciosas, escorrido e feio como pêlo de cão à chuva. Mas vá lá que a festa tinha chegado ao fim e já ninguém reparou.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



ENTREVISTA AO LIMOEIRO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O limoeiro está carregadinho de limões.

Veio aquele jornalista que anda por tudo o que é sítio, sempre de microfone em punho, e perguntou-lhe:

– Está satisfeito com o seu trabalho?

O limoeiro acenou que sim com os ramos, impelidos por um ventinho amável.

– A produção este ano correspondeu às suas expectativas? – insistiu o jornalista.

De novo, o limoeiro acenou que sim com os ramos, pesados de tantos limões.

– Para o próximo ano, pensa continuar a mesma linha de produção?

Aqui o limoeiro agitou os ramos em sentido negativo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O jornalista entusiasmou-se:

– Nesse caso, vai mudar de produto de fabrico?

De cima para baixo, rangendo ao sabor da brisa, os ramos do limoeiro responderam que sim. Estava a ganhar interesse a entrevista. O jornalista prosseguiu:

– Que novo produto pensa fabricar? Maçãs?

Os ramos do limoeiro agitaram-se negativamente.

– Pêras?

Estremecimento negativo do limoeiro que o vento agitava. Sucessivos frutos, presos a um ponto de interrogação, desfilaram diante do velho limoeiro. A todos ia dizendo que não, à sua maneira. Até que o jornalista perguntou:

– Pêssegos?

Aí o limoeiro agitou afirmativamente os ramos, tocados pelo vento.

Desandou o jornalista a toda a pressa em direcção ao jornal.

No dia seguinte, na primeira página, vinha o seguinte título:

LIMOEIRO VAI DAR PÊSSEGOS

O limoeiro propriamente dito não desmentiu a notícia. Também, pouco tempo depois, a folha do jornal rolava amarfanhada pelo chão ao sabor do ventinho caprichoso que faz acenar os limoeiros.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A MENINA SEREIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma menina que queria ser sereia. Mas se ela nem sequer sabia nadar...

Tinha lido histórias de sereias, esses estranhos seres, metade mulheres, da cintura para cima, e metade peixes, da cintura para baixo.

Num dos seus livros predilectos descobriu a receita para transformar meninas em sereias. Era uma fórmula muito complicada que metia escamas de salmonete em pó, algas de uma espécie rara, cristais de sal, contados um por um, e outros elementos que não sei ao certo.

A menina misturou o preparado, segundo as recomendações da receita, levou-o ao lume, deixou arrefecer e, depois, bebeu-o de um trago.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Sentiu o borbulhar de um grande fervedouro dentro dela, arrotou várias vezes, os olhos encarniçaram-se-lhe e estremeceu dos pés à cabeça. Estava a transformar-se no que queria.

Não foi bem assim. Fosse da imprecisão da fórmula, fosse da falta de rigor na contagem dos cristais de sal, o certo é que a menina estava transformada numa sereia, mas ao contrário: da cintura para cima era peixe, da cintura para baixo era pessoa.

Não convinha. Não lhe convinha mesmo nada. Uma cabeça de pescada com pernas é uma coisa pouco agradável de ver. E nada elegante.

De modo que a menina teve de consultar um médico, um especialista destas situações anormais. Entre outros êxitos, já tinha curado um homem que estava a transformar-se num grande porco e um burro, muito burro, que se dizia doutor.

- Como a transmutação é muito fresca, ainda vem a tempo de acudir-lhe - disse o médico.

Deu-lhe uns comprimidos, uma injecção, umas massagens, uns esticões e umas lavagens por dentro e por fora, até que, ao fim de vários dias, a menina se viu ao espelho de novo, como era dantes. Que alívio!

Nunca mais quis ser sereia. Aquela experiência bastara-lhe.

Anda agora a aprender a nadar. De costas ou de bruços, a cortar a água da piscina, ela é uma autêntica sereia, sem deixar de ser menina.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A OVELHINHA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma ovelha tresmalhada. Perdera-se do rebanho, quando lhe deu a sede e foi à cata de água nem ela sabia onde. Lembrava-se de ter bebido de uma poça acrescentada pelas chuvas. Mas isso fora dias atrás e, entretanto, a água naturalmente secara do tanto calor que fazia.

Desorientou-se. Eram tantas as oliveiras e azinheiras em redor, todas iguais, espalhadas pelos outeiros, que, para qualquer lado que se virasse, a paisagem não lhe dava sinal de orientação.

Apurou o ouvido, à espera de um balido ou de um soar de guizos das companheiras. Nada. Só o vento, um ventinho leve, bulindo nas folhas, agitando os ramos, levantando tufos queimados de cardos, que rolavam na secura do chão como num deserto.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Arrependeu-se da aventura. Ainda há pouco, tão em sossego com as outras do rebanho, tasquinhando uns restos de ervas, no remanso de uma sombra entre rochedos. Mas apetecera-lhe experimentar uma verdura desconhecida e saíra-se mal da prova. Era amargosa a planta, arranhava a boca, puxava à água. Pois sim, mas onde encontrá-la, naquela desolação?

Bem a tinha avisado, em tempos, a avó, ovelha ruça e experiente:

– Pasta só o que as outras pastam. Nunca te apartes do rebanho.

Bons conselhos eram, mas à ovelhinha nova dava-lhe raiva seguir na pisada das que, antes dela, deixavam a erva ceifada pela raiz. Com que sobras mataria a fome? Que pena a avó já não pertencer ao rebanho, para lhe perguntar.

Fome e sede era o que sentia, agora, naquele ermo.

Ia a atrever-se pela boca de uma gruta, na base de um cabeço, mas teve medo. Havia de estar fresco, lá dentro. Talvez gotejasse, a escorrer das paredes, humidade que bastasse à sua sede. Talvez encontrasse ração de ervas frescas e doces. À medida da sua fome.

Mas também podia enfrentar surpresas desagradáveis, acoitadas no escuro. Cobra, sardão ou bicho pior, sabe-se lá se lobo, dos muitos que a ovelhinha conhecia das histórias, contadas, à noite, no redil, pelas mais velhas do rebanho.

A ovelha tresmalhada arrepiou-se toda e com o arrepio soltou o primeiro balido, a pedir socorro.

Os cães haviam de ouvi-la, se a não ouvissem os pastores, garotos ainda, decerto entretidos a jogar às pedrinhas ou a brincar ao agarra.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O vento apagou-se, num repente. As cigarras calaram-se. Tudo mergulhou num grande silêncio. Aproveitando-o, a ovelha gritou mais alto o seu susto.

Foi quando uma grande nuvem, cerrada e imprevista, tapou o Sol. A sombra que estendeu sobre a terra fez crer que, de súbito, o dia terminara. A ovelha não sabia as horas, mas admirou-se que tão depressa descesse a noite. Mais se assustou. Mais baliu.

Não demorou muito a cerração. A cortina do céu rompeu-se e um feixe de luz desceu sobre aquele recanto recolhido do mundo.

Atraída pelo leve clarão, que caía mais adiante, numa mata de azinheiras, a ovelha correu, esquecida do medo que ainda há pouco a paralisara.

Ouviu vozes. Viu o rebanho. Enfim.

Cessavam os sobressaltos. Tudo se recompunha em boa paz. O seu coração humilde podia, de novo, bater mais tranquilo. Ela já não era uma ovelha tresmalhada.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A PRIMEIRA PÉROLA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Acreditava-se na Índia que as pérolas eram oferenda dos deuses.

Prendas raras são elas, porque entre milhares de ostras, presas às rochas do fundo do mar, só umas poucas fabricam estas esferazinhas cor de cera, mas tão luminosas como se tivesse cada uma delas, escondido no seu interior, um ponto de luz aceso.

A pérola desenvolve-se quando um minúsculo parasita se introduz dentro da concha. Para se defender do intruso, a ostra segrega uma espécie de cera que envolve e neutraliza o incómodo visitante. Este líquido gelatinoso vai solidificando, ao longo de muito tempo, ganhando novas camadas, como um casulo de bicho-da-seda, mas rijo, maciço, impenetrável.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando o pescador de pérolas, no fim de muitos mergulhos, descobre uma ostra perolífera, mete a pérola debaixo da língua e nada para terra.

Aí chegado, ajoelha-se na praia e agradece aos deuses a sua sorte.

Conta-se, no Oriente, que a primeira de todas as pérolas nasceu no dia em que pela primeira vez choveu sobre o mar.

A gota de chuva desprendeu-se das nuvens para ser engolida pelas ondas. Pequenina e triste, suspirou:

– Tão insignificante que eu sou nesta imensidão.

Respondeu-lhe o mar:

– A tua extrema modéstia enternece-me. Vou fazer de ti, gotinha de água, uma gota de luz. Tu serás a jóia mais pura entre as jóias. Reinarás no mundo e reinarás sobre a mulher, a quem acrescentarás felicidade e beleza.

É uma lenda, mas apetece acreditar que tudo se passou assim.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A LIÇÃO DO PEIXE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Num colégio de órfãos de antigamente, para onde iam os meninos que a família não podia sustentar, passava-se muita miséria. Miséria é modo de dizer... fomenica, larica, galga e outros nomes que a fome tem, mas que não disfarçam a penúria nem aconchegam o estômago.

As refeições, na enorme cantina enregelada, eram um fazer sofrer e um fazer de conta. Só o regente do colégio – o prefeito –, à cabeceira da mesa, comia a seu gosto. Dizia ele que era por ser grande, grosso e grave e que os pequenos, por serem pequenos, não precisavam de comer tanto. Mentiras. Desculpas.

Num almoço, puseram em cada prato dos pensionistas um peixinho de nada com a pouca companhia de uma concha de arroz.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Um dos órfãos, em vez de lançar o garfo faminto à refeição, encostou a boca à borda do prato e pôs-se a falar baixinho, como quem reza. Os colegas estranharam e, lá do fundo, o prefeito quis saber o porquê daquela extravagância.

– Estou a conversar com o peixe, senhor – esclareceu o mocinho. – Como o meu pai, que era pescador, morreu no mar, estou a perguntar-lhe se ele chegou a conhecê-lo.

– E que te respondeu ele? – indagou o prefeito, divertido, entre duas garfadas.

– Respondeu-me que não se lembra, porque é muito pequenino, mas que talvez o peixe grande, que está no prato do senhor prefeito, saiba dar-me alguma notícia.

Parece que a partir deste caso os meninos do orfanato passaram a ter ração melhorada. Vejam o que um peixe pequenino pode ensinar aos grandes.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LILI, LULU E MAIS AMIGAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A Lili e a Lulu eram amigas. Meninas a crescer para Lídia e para Lúcia moravam no mesmo prédio, por sinal porta com porta, no mesmo patamar.

Um dia, os vizinhos de cima mudaram-se.

Quem vem para o segundo esquerdo, quem não vem?

Veio uma família da qual fazia parte uma menina pela mesma idade da Lili e da Lulu. Era a Laura.

Entrou também nas brincadeiras das vizinhas de baixo e passou a dar pelo nome de Lalá.

Lalá, Lili e Lulu sabiam pouco do alfabeto, porque ainda não andavam na escola, mas mesmo assim sentiam que faltava alguém para o bando da boa vizinhança ficar completo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Ia ser difícil. No prédio não vagava nenhum andar. Nos prédios perto também não.

Lalá, Lili e Lulu já estavam conformadas. Eram as três muito amigas e por aí se ficariam. Mas vai que o casal do segundo direito recebeu a visita de uma neta, que vinha de Espanha e ficou a viver com os avós. Chamava-se Lénia. Passou a chamar-se Lelé.

Lalá, Lelé, Lili e Lulu, quatro vizinhas amigas, procuravam em vão uma Loló que completasse o grupo. Não havia mais.

Até que chegou a idade de as quatro meninas irem para a escola.

– Lá é que vamos conhecer uma Loló – lembrou uma delas, não sei se a Lalá, a Lelé, a Lili ou a Lulu.

Não conheceram. Havia uma Nonô, de Leonor. Uma Teté, de Teresa. Uma Mimi, de Emília. Loló é que não havia nenhuma.

Que pena!

Que pena, porque fica a história incompleta e o grupo também.

Não fica que eu não deixo, tanto mais que moro no mesmo prédio e tenho acompanhado desde o princípio esta história tão simpática.

Não julguem que passei a chamar-me de Loló. Já sou uma pessoa crescida e o nome de Loló não dá muito comigo.

Então?

Conto já.

Deu-se o caso de uma amiga minha, que tem muitos gatos, me oferecer uma gatinha reboluda, de olhos azuis, muito espertos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Como é que se chama? – perguntaram-me ou a Lalá ou a Lelé ou a Lili ou a Lulu, quando lhes apresentei a minha nova companhia de quatro patas.

– Como é doida por pão-de-ló, vai chamar-se Loló – respondi.

Foi uma festa. Tem sido uma festa cá na escada. Eu já nem sei se sou eu o dono da gatinha ou as quatro meninas minhas vizinhas.

Mas não podia acabar melhor a história que começou com uma Lili e uma Lulu e termina com a Lalá, a Lelé, a Lili, a Loló e a Lulu numa grande brincadeira.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

RECADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

17 de Maio
Dia Internacional das Telecomunicações

Veio um balão, no sopro do vento. Trazia um fio pendurado e, na ponta do fio, um papel.

O fio embaraçou-se na rama da pereira do quintal. Parou de viajar o balão. O Flávio, que estava a estudar, levantou os olhos do livro e olhou pela janela. O balão acenou-lhe, num cumprimento leve.

"Alguém que o perdeu", pensou o Flávio.

Ele, que já não era menino de andar de balão preso à mão, mesmo assim foi ver mais de perto. Talvez pensasse em deixar o balão ir outra vez pelo ar... Talvez pensasse em esvaziar o balão e guardá-lo para outra ocasião...

O Flávio desceu ao quintal e trepou à pereira, que já o conhecia de equilibrismos mais antigos. Desembaraçou o fio e ia a largar o balão quando reparou no papel pendurado. E estava escrito. Que dizia ele?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Em letra aplicada, alguém escrevera:

Olá, amigo.

Se leres este papel, não o deites fora nem o desprendas do balão.

Larga outra vez o balão e deixa-o ir pelo ar, até chegar a outras mãos.

Este balão gosta de viajar e de mostrar que temos amigos em qualquer lugar.

É este o recado que o balão tem para dar, com um abraço de

um Amigo desconhecido

O Flávio libertou o balão e ficou a vê-lo subir, ultrapassar o muro do quintal e, num golpe do vento, mudar de direcção, sabe-se lá para onde.

No dia seguinte, o Flávio comprou um balão. Para que seria?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A DAMA DO RETRATO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

18 de Maio
Dia dos Museu

No velho castelo, aquele retrato da senhora de guarda-sol, mimoso vestido de roda, coletinho de menina e largo chapéu enfeitado, na parede sombria do castelo, aquele retrato destoava.

Precisava de luz, precisava de sol o retrato, ou de outro modo não se justificava nem o chapéu de rendas da dama nem o guarda-sol, a proteger-lhe o rostinho de marfim, com uma flor de sorriso.

Mas parece que ninguém tinha dado por isso. E a menina senhora dama, de mimoso vestido de roda, ali se ficara quase às escuras. Aproveitando os enfeites de um dos cantos da moldura, uma desrespeitadora aranha pôs-se a construir a sua teia. Subia, descia, tecia e quase roçava o ombro da senhora, a importuna.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Tanto não – protestou a dama menina, no seu retrato, e com um gesto só cortou o fio à teia.

Caiu a aranha no chão. Coisa assim tão de espantar, nunca ela, ao longo da sua vida de aranha, jamais vira: um retrato a falar e a mexer-se, quem tal diria.

Foi fazer queixa à mãe das aranhas que morava num denso novelo de teias, rente ao tecto.

A velha aranha não se admirou com a notícia. Até conhecia histórias semelhantes, umas passadas com ela, outras contadas por aranhas amigas, de outros castelos e palácios ensombrados.

– A pobre senhora está farta de viver naquele quadro, é o que é! – explicou ela à aranha nova. – Talvez nós pudéssemos dar-lhe uma ajuda...

"Nós" eram elas todas, as milhares de aranhas daquele castelo. Pois as milhares de aranhas, às ordens da velha aranha, juntaram-se à volta do quadro e começaram a tecer uma teia tão cerrada, tão cerrada, que por completo toldava o quadro da vista das pessoas, que distraidamente por ali passassem. Já não se via quadro nem moldura, mas só uma parede de teia. O quadro, a senhora dama de chapéu de rendas teria ficado, coitada, aprisionada atrás daquele biombo?

Nas manhãs suaves desta Primavera soalheira, vê-se às vezes, a passear pelos campos, à roda do castelo, uma senhora de longo vestido a arrastar, guarda-sol luminoso e chapéu de rendas... Donde terá ela vindo? Donde terá ela saído? As aranhas sabem, mas não dizem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O TEMPO DAS VACAS MAGRAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

18 de Maio
Dia dos Museu

Os reis que mandavam no Egipto de antigamente eram os faraós. Um deles, uma vez, teve um sonho.

No princípio do sonho, o faraó viu-se junto à margem de um rio. Do rio saíram sete vacas bonitas e gordas, que se puseram a pastar na erva. Passado algum tempo, outras sete vacas saíram do rio, mas estas eram enfezadas e feias.

Depois – coisa estranha! – as sete vacas magras devoraram as sete vacas gordas. Só em sonhos isto pode acontecer.

Foi este o pensamento do faraó, ao acordar. Sentia-se incomodado com o sonho que tivera e todo o dia empreendeu nele, a ponto de o contar aos seu séquito, com todos os pormenores, como se ainda o estivesse a sonhar.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Há-de ser um sinal, um aviso – dizia, constantemente, o faraó. – Mas que sinal, que aviso?

Alguém se lembrou de um escravo, chamado José, que tinha fama de interpretar os sonhos mais escabrosos. Naquele tempo, acreditava-se que os sonhos eram recomendações divinas para guiar a conduta dos homens.

Chamado à corte, José ouviu do faraó o estranho sonho. Os cortesãos já quase o sabiam de cor.

José ouviu e ficou, depois, em meditações, como se estivesse a rezar. À sua volta, aumentava a impaciência.

Até que José anunciou:

– As sete vacas gordas vão ser sete anos de abundância. A seguir virão sete anos de fome, como sete vacas magras. A riqueza dos sete primeiros anos será consumida pelos sete anos seguintes, em que o Egipto, devastado, se for mal gerido, conhecerá a miséria.

O faraó concordou. Algo lhe dizia que as palavras do escravo eram portadoras da verdade.

– Que devo, então, fazer? – perguntou o faraó.

José respondeu, como se fosse um profeta:

– Deveis mandar acumular toda a alimentação excedente desses anos férteis, que se aproximam. O trigo armazenado ficará de reserva, como recurso para minorar os sete anos de fome.

– Visto que o teu Deus te revelou tudo isso, não há ninguém, no Egipto, mais sábio do que tu – proclamou o faraó. – Tu mesmo serás o chefe da minha casa. Todo o meu povo será governado por ti, como primeiro representante do meu mando.

Então, o faraó tirou da sua mão direita um anel e entregou-o a José.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Tudo aconteceu como ele previra. Quando chegaram os anos de seca, a fome tomou conta dos países vizinhos, mas no Egipto não faltou o pão. Por isso o povo glorificou o nome do antigo escravo que ensinara ao faraó as regras do bom governo e os ditames da prudência.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

TRÊS ESPIGAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

18 de Maio
Dia da Espiga

Três espigas encontram-se à beira da mesma mó. Uma de centeio, outra de trigo e a terceira, uma grande espiga de milho.

Todas muito antipáticas umas para as outras.

Dizia o trigo para o centeio:

– Chega-te para lá, centeio centeiaço
que tu não fazes
as funções que eu faço.

Ao que o centeio lhe respondia:

– Cala-te lá, trigo espadanudo

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

que tu não acodes
ao que eu acudo.

Mas o espigão de milho era o mais ralhão:

– Caluda! Tudo caluda!
Vocês não são
como eu graúdas,
vocês não são
como eu barbudas,
vocês não são
como eu folhudas,
vocês não são
como eu rabudas.

Calem-se lá, espigas miúdas
suas choninhas, suas lingrinhas,
suas fuinhas, caras bicudas,
comigo não fazem vocês farinha!

As outras iam para responder, mas a mó pôs-se a trabalhar...

E não é que a farinha delas e de outras mais, de centeio, de trigo e milho, foi parar a uma padaria – veja-se a coincidência! – especializada, precisamente, em belos pães de mistura?

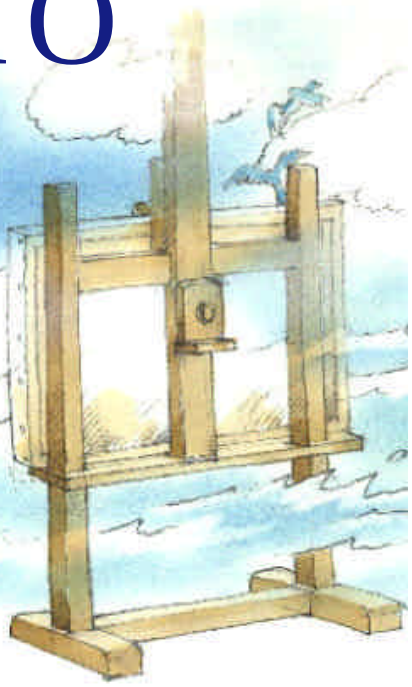
Provei um, ainda quente, barrado com manteiga. Estava óptimo!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O QUADRO FEITO POR MEDIDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Um senhor muito rico contratou um pintor muito pobre para lhe pintar um quadro.

– Eu pago-lhe tudo – anunciou o senhor rico. – Pago-lhe as tintas, a tela, os pincéis e pago-lhe o trabalho. Pago-lhe bem. Principescamente! Como nunca ninguém lhe pagou.

O pintor sorriu. Era um sorriso triste o do pintor.

– Mas se lhe pago bem, quero uma pintura ao meu jeito, como se fosse eu a pintar, se tivesse tempo para isso.

O pintor voltou a sorrir tristemente.

– Primeiro quero que ponha no quadro muitas nuvens – comandou o senhor muito rico. – Quero nuvens cinzentas, cor-de-rosa, brancas... enfim, nuvens... Há-de pintar, depois, uns pássaros a voar no céu, mas essa parte da composição fica ao seu cuidado. Por agora, à minha conta, quero as nuvens.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O pintor obedeceu.

– Agora quero, deixe-me pensar... Quero uma montanha com uma casa, ao cimo, ou melhor, um palácio, um enorme palácio, encarrapitado na montanha... Exactamente. Fica bem assim.

O senhor muito rico estava satisfeito com a sua obra. O pintor, nem por isso.

– Agora, deixe-me ver, apetecia-me um barco, ou melhor, um vapor, ou melhor, um iate, um magnífico iate...

– Mas não há mar – lembrou o pintor.

– Pinte-o, ora essa! Isso é um pormenor da sua responsabilidade.

Entretanto, tocaram ao telefone para o senhor muito rico. Era o secretário a recordar-lhe que tinha de presidir a uma reunião importantíssima, numa das várias empresas de que o senhor rico era presidente.

– Vou interromper a sessão de pintura – disse o senhor muito rico. – Mas, praticamente, o quadro está no fim. Vá pintando o mar, porque, quando eu vier, quero ver o efeito.

E o senhor muito rico virou costas ao quadro e abandonou o salão.

Ficou o pintor sozinho a pintar o mar. Esmerou-se no seu trabalho.

Passado horas, o senhor muito rico regressou. Foi logo direito ao quadro:

– Que disparate de mar é este? Quem lhe mandou pintar estes peixes?

– O mar tem peixes – esclareceu o pintor, sorrindo.

Já não era um sorriso triste o do pintor.

– Mas aqui há peixes a mais. Quase não deixam o meu iate prosseguir viagem. Atravancam tudo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– É um grande cardume. Uma multidão de peixes miúdos: sardinhas, carapaus, cachuchos... – explicou o pintor.

Mas o senhor muito rico já estava com os olhos noutro ponto do quadro:

– Estes pássaros, donde vêm?

– Foi o senhor que mandou.

– Mas não mandei pintar tantos. Estes pássaros todos tapam as minhas nuvens, ensombram o meu palácio, tiram-me o ar, caramba.

– São bandos maciços de pássaros, que decidiram voar juntos – explicou o pintor. – Andorinhas, pardais, pombos, rolas...

O senhor muito rico não o ouvia. Uma outra particularidade do quadro chamara-lhe a atenção:

– Oiça lá, seu pintor, não lhe parece que esta parede do palácio está um bocadinho estalada?

O pintor, sorrindo abertamente, elogiou o senhor muito rico:

– A sua observação é extremamente oportuna. Se a parede está assim, um tanto rachada, mais real se torna e melhor se destaca a grandiosidade do conjunto.

– E o meu iate não está um bocadinho a descair para um lado? – estranhou o senhor muito rico.

– Também foi de propósito – respondeu o pintor. – Adornei sensivelmente o barco para defender o realismo e a beleza da cena.

O senhor muito rico ainda espreitou, em bicos de pés, para um outro pormenor do quadro, mas já não tinha mais nada a dizer. Por isso pagou ao pintor e foi à sua vida. O pintor também.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O quadro, esse nunca o expôs na sala a que o tinha destinado.

Muitos anos depois, foram encontrar o quadro numa arrecadação do escritório do senhor muito rico. Estava virado para a parede, cheio de pó e tão abandonado, que parecia muito mais antigo do que era na realidade.

Quem o conhecera, acabado de pintar, achou-o diferente. O palácio, no alto da montanha, estava em ruínas. Servia de poiso e abrigo aos pássaros, que há volta dele continuavam a voar. Pelo seu lado, o iate tinha ido ao fundo. Distinguiam-se os peixes, que nadavam livremente pelo meio dos destroços do barco, coberto de lodo.

Era um quadro estranho, mas de uma grande beleza. Chamaram o pintor já muito velho e mostraram-lhe o quadro. Ele, vendo o quadro que em jovem pintara, e que tão diferente já estava, limitou-se a sorrir. Não era um sorriso triste. Não era, realmente, um sorriso nada triste o do pintor.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

QUERENDO, DÁ-SE UM JEITO...

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

22 de Maio
Dia do Autor Português

Era uma vez um cavalo de carrossel que andava a estudar para cavalo de circo. Não era fácil.

Era uma vez um galo de barro que andava a estudar para galo de capoeira.

Não era fácil.

Era uma vez uma boneca de plástico que andava a estudar para menina de carne e osso.

Não era fácil.

O cavalo de carrossel, o galo de barro e a boneca de plástico encontraram-se na mesma escola, onde se aprendem estas coisas.

– Parece que não mudamos de classe – disse o cavalo de carrossel. – Vamos reprovar. Ficar na mesma.

Estava muito desgostoso. Os outros também. Então a boneca de plástico sugeriu:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Só se fossemos ter com quem nos inventou. Talvez nos desse um jeito.

E vieram ter comigo. Fiz-lhe a vontade. Com uma varinha mágica pus o cavalo de carrossel a saltar numa pista de circo, o galo de barro a depenicar numa capoeira e a boneca de plástico a brincar num recreio. Ficaram todos contentes.

Mas, passado um tempo, voltaram à minha oficina de artes mágicas.

O cavalo de circo queixava-se do chicote do domador, sempre a estalar à sua volta. O galo de penas queixava-se do facalhão da cozinheira, sempre a ameaçá-lo por tudo e por nada. A menina de carne e osso queixava-se de dores de ouvidos, de dentes, de garganta, sempre a importuná-la, sem quê nem porquê.

– Dantes, não sabíamos de chicotes nem de facalhões nem de dores – explicavam-se.

Em resumo: queriam voltar ao que eram dantes. Como eu tenho muita paciência e boa-vontade, transformei-os outra vez no que tinham sido – cavalo de carrossel, galo de barro, boneca de plástico. Mas disse-lhes:

– Não tornem a aparecer-me. Estou farto dos vossos caprichos. Não quero mais histórias com vocês. Acabou-se.

E acabou-se mesmo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LENDA DA COVA DA MOURA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

23 de Maio
Dia de Portalegre

Tantas lendas de mouras que há e eu ainda não contei nenhuma. Esta soube-a, quando andava a passear na Serra da Penha, para as bandas de Portalegre.

Cada cidade tem muitas histórias para contar. Falam as pedras, murmuram as árvores, segredam as fontes o que as pessoas não vêem nem sabem. Esta lenda da Cova da Moura mergulha as suas raízes mais fundas nas encostas da Serra da Penha. Vamos conhecê-la.

Dantes, muito antes de haver Portugal, os mouros ocupavam aqueles lugares. Mas raramente viviam em paz. Quando as disputas entre eles gritavam mais alto do que o bom senso e a cortesia, que deve regular sempre as relações entre vizinhos, quando das ameaças passavam aos actos, rompia a guerra e faiscavam as cimitarras.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Um chefe mouro, reconhecendo que não tinha tropas que chegassem para enfrentar um aguerrido exército invasor dos seus domínios, abandonou o amuralhado da cidade e refugiou-se com a família e a corte nos brejos da serra. Carregadas por escravos iam, no meio do apressado cortejo em fuga, as arcas cheias de tesouros, para serem depostas em lugar seguro, longe da cobiça dos agressores.

Mas um escravo escapou-se do emboscado acampamento e foi avisar o comandante inimigo. A partir daí, já nada podia salvar os foragidos.

Ouvindo o grito da soldadesca que, de lanças e alfanges em punho, trepava as faldas da montanha, o chefe dos sitiados percebeu que ele e os seus não podiam esperar clemência. Chamou de parte a sua filha, linda menina moura, e disse-lhe, contendo as lágrimas:

- Tu és a jóia mais preciosa dos meus tesouros. Junto deles vou encantar-te, para que nenhumas mãos impuras aflijam a tua inocência.

E assim fez. Ele, que tinha poderes mágicos, transformou a filha e as arcas carregadas de riquezas em pedras de uma gruta. Depois, ainda tentou usar da mesma magia para ele próprio e os seus mais próximos, mas já não foi a tempo. Uma lança interceptou-lhe as palavras mágicas que ia proferir.

Contam os mais velhos que aquele sítio se chama Cova da Moura, porque, em noites de luar, ainda há quem veja a menina vestida de branco, a andar sem rumo pelo alto da serra. Ouvem-na lamentar-se em língua estranha e chorar os pais e a felicidade que perdeu. Impressão será ou o sussurro do vento pelo meio da folhagem dos castanheiros...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Seja do que for, os mais velhos acreditam que a moura encantada da Serra da Penha guarda arcas e arcas de tesouros por desencantar.

Vale a pena ir lá de propósito, em passeio, que mais não seja porque do alto da colina, onde a meio da encosta, alveja uma ermidinha, se abrange todo o casario da cidade de Portalegre, o perfil do Castelo, as torres da Sé e, longe, a Serra de S. Mamede e a imensa planura alentejana. É outra forma de encantamento.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A ESCOLA DOS GATOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Dantes, os cães e os gatos eram amigos. Tanto assim era que, uma vez, um cão pediu a um gato para ir com ele à escola.

Que escola? A escola dos gatos, já se vê.

– Gostava de saber fazer o que vocês fazem – disse o cão. – Gostava de aprender a miar, a trepar às árvores...

O gato aceitou o novo colega e levou-o para o meio da gataria que andava a aprender.

Mas o cão era muito distraído.

Não só dava pouca atenção às aulas como faltava muito. E chegava sempre atrasado.

Perdia que tempos até chegar à escola. Pelo caminho, junto de cada árvore, alçava a perna... Ora, quando se tem de chegar a horas, não se pode perder tempo com distracções destas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Uma vez, chegou à escola já depois de ela ter fechado.

– Para onde foram os meus amigos gatos? – perguntou ele à professora, que ia a sair.

– Procura – respondeu a professora e foi à sua vida.

O cão baseou-se no pouco que até aí tinha aprendido. Farejou para um lado, farejou para o outro e encontrou um rasto de gato.

Sempre de focinho no chão, chegou ao pé de uma árvore. Ia fazer o que costumava fazer junto de cada árvore, quando ouviu um risinho por cima da sua cabeça. Era o gato que o tinha inscrito na escola dos gatos.

– Do que é que estás a rir ? – perguntou-lhe o cão.

– De ti – respondeu o gato. – És um palonço.

– Não sou nada – protestou o cão.

– És um burro – continuou o gato.

– Não sou nada – irritou-se o cão.

– És um desqualificado – insistiu o gato.

– Não sou nada – zangou-se o cão.

E começou a ladrar, de patas fincadas ao tronco da árvore.

– Vês – disse-lhe o gato. – Se tivesses sido um bom aluno, já sabias trepar às árvores como eu sei.

O cão desesperou-se, mas já era tarde.

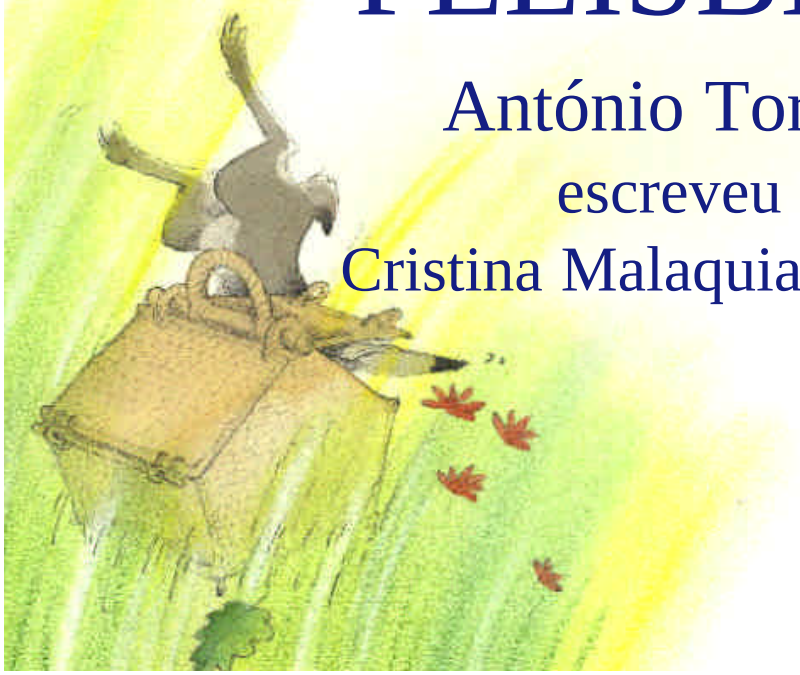
Nunca iria aprender a miar e a subir às árvores. Por culpa sua.

E o cão e o gato deixaram de ser amigos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PIQUENIQUE DA FELISBELA



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Por altura dos piqueniques na mata, a lebre Felisbela anda mais descuidada.

Onde há piqueniques não há caçadores. Em contrapartida, há comida à escolha, restos de salada, cascas de fruta e outros manjares fora do vulgar dia-a-dia de uma lebre fomenica.

Então depois dos domingos e dos feriados, a mata é uma mesa de banquete.

Andava a lebre Felisbela, numa matina de segunda-feira, na recolha regalada da comida para o resto da semana, quando viu, junto a um castanheiro, um enorme cesto de vime.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

"Alguém que o deixou esquecido", pensou a lebre, sem estranhar a prenda. E logo a seguir veio-lhe à memória uma saladinha de frutas exóticas que provara de uma saladeira partida e abandonada por piqueniqueiros desleixados.

Não pensou mais. Levantou a tampa do cesto e atirou-se lá para dentro. Grande surpresa! Garras poderosas fincaram-se-lhe as orelhas.

– Apanhei-te – disse uma voz de meter medo.

Era o lobo, que urdira aquela armadilha para provar que os lobos não são tão tolos como, nas histórias, os descrevem.

O lobo triunfante ergueu-se do cesto e com a lebre bem presa dirigiu-se à fonte da mata.

– Não gosto de comer nada sem lavar primeiro – esclareceu o lobo. – Tomo muito cuidado com a minha alimentação.

– Prudente regra, senhor lobo – aprovou a lebre Felisbela. – Foi por não ter seguido esse preceito que estou como estou.

– E como é que tu estás, posso saber?

Em resposta, o lobo ouviu um fundo suspiro de desalento. Logo a seguir, um gemido de cortar o coração.

– Não te sentes bem? – perguntou o lobo, abrandando as tenazes das garras sobre as orelhas da lebre.

– Sob a protecção do senhor lobo sinto-me muito bem – respondeu a lebre, voltando a suspirar.

– Mas eu não estou a proteger-te. Vou matar-te não tarda.

– Quanto mais depressa melhor, senhor lobo. Nem eu esperava outra coisa, quando levantei a tampa do cabaz, à sua procura.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– À minha procura? – admirou-se o lobo. – Pois tu sabias que eu estava lá dentro?

– Vi-o entrar. Por isso, fui ter consigo.

O lobo desconfiou:

– Estás a maquinar alguma, lebre. Isto já não me cheira bem.

– Se já cheiro mal, a culpa é dos cogumelos – e a lebre, de propósito, largou uma bufa daquelas de agoniar até as moscas.

– Ui, que pivete! – queixou-se o lobo. – De que cogumelos falas?

– De uns venenosos, que comi, desprevenida – explicou a lebre. – Estou com umas cólicas que, se o senhor lobo não me mata depressa, cuido que rebento antes. Por isso me atirei para dentro da seira, para abreviar o sofrimento.

– Ó maldita – exclamou o lobo, enojado. – E escolheste-me a mim para carrasco? Tu não sabias que eu não como bichos doentes, ainda para mais envenenados.

O lobo arremessou a lebre para longe, o mais longe que pôde. Ainda a Felisbela ia no ar e já se estava a rir. Que grande desfeita ela pregara ao bronco do lobo! E salvara a vida...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

FIGURA DE URSO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O urso Gingão gostava de dar nas vistas. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia chamar a atenção dos outros bichos. O que é que adiantava aos afazeres de cada qual um urso com um enorme laçarote à volta do pescoço? Nem lhe ligavam.

E o urso Gingão lá ia tirar o laçarote. No dia seguinte, aparecia a fazer o pino. Atravessava a floresta, de cabeça para baixo, ouvido atento a qualquer comentário. Nenhum! Os bichos tinham mais que fazer.

Então, o urso Gingão pegava num violino e ia tocar para uma clareira. Tocava, tocava (pouco bem, aliás!), mas espectadores nem um.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De aí a dias, montado numa bicicleta, pedalava com ganas de corredor:

– Cá vou eu! Cá vou eu!

Fugiam os lagartos, com medo de ficarem sem rabo. Fugiam as doninhas, os coelhos, os texugos, as lebres, as perdizes... Fugiam todos.

E ele que gostava tanto de dar nas vistas! Desanimado, foi procurar outras paragens. Por atalhos e desvios, chegou diante de um palácio. Porque não tentar ali mesmo a sua sorte? Sem cerimónia, como se estivesse na floresta, entrou no palacete iluminado.

Era um baile de máscaras. O urso fez sensação. Tocou violino. Muitas palmas. Fez o pino. Mais palmas. Deu cambalhotas e perdeu o tino. Mais e mais palmas. No mais animado da festa, a dona da casa anunciou:

– Meus queridos convidados, chegou o momento de tirarem as máscaras. Quero ver os vossos rostos amigos.

Os piratas desfizeram-se das palas, as bruxas dos narizes, os sultões dos bigodes. Só o urso ficou, no meio da sala, um pouco comprometido.

– Quer que eu puxe o fecho de correr? – perguntou uma senhora, muito amável.

Muitas outras mãos acorreram. E procuravam, fazendo cócegas, os botões, o fecho, os colchetes...

– Mas é um urso de verdade! – exclamou, aterrorizado, um senhor vestido de general.

As luzes quase desfaleceram de susto. Tudo fugiu, numa grande gritaria.

Só ficou na sala o urso. Afinal, tinham-no tomado por aquilo que ele não era.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Cabisbaixo, voltou à floresta, saboreando pensamentos novos.

Parece que o urso Gingão ainda toca violino, mas porque gosta. Já não quer dar nas vistas. Perdeu a presunção num baile de máscaras.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O OVO DE CODORNIZ

António Torrado escreveu e Cristina Malaquias ilustrou

27 de Maio
Dia Mundial das Comunicações Sociais

Esta é uma história antiga. Ao contá-la, torno-a nova.

Era uma vez um fidalgo de quem o rei se arredara por intrigas na corte. Diz-se que diz-se, diz-se o que não se disse e por picuinhas que tais, o rei, amuado com o fidalgo, nunca mais o chamara para o conselho do paço.

Acontecia também que este fidalgo tinha em alguma má conta um criado seu. Suspeitava que ele fosse um badalo de sino ou caixa de rufo de tudo o que se passava paredes adentro. Para avaliá-lo melhor, experimentou-o como vão já saber. Ora escutem.

Numa manhã, deixou no meio dos lençóis da cama, onde dormira, um ovo de codorniz. O criado, quando veio arrumar o quarto, deu com o ovo e foi dizer ao amo. Este, dando ares de grande mistério, segredou-lhe:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Fui eu que o pus, a noite passada, com muito custo. Mas não contes a ninguém, senão os vizinhos começam a espalhar a novidade e não tarda aí o rei, para conhecer de perto o que se passa.

O criado prometeu segredo, mas, ao chegar à rua, encontrou um criado de outro fidalgo e chamou-o de parte.

– Não dês com a língua nos dentes, mas o meu patrão a noite passada pôs um ovo, mais grado do que ovo de pata.

Segredos destes estoiram por todos os lados. Crescem como urtigas em chão lavrado.

No dia seguinte, bateram, de manhã cedo, à porta do palácio do fidalgo. Era o rei em pessoa, mais o seu séquito.

– Venho ver esse prodígio de homem que põe cem ovos por dia, maiores do que ovos de perua.

O fidalgo trazia na palma da mão o ovo de codorniz que mostrou ao rei:

– Vede, senhor, como uma pequena mentira cresce tanto, até chegar ao paço de Vossa Majestade.

E contou ao rei o princípio da história, que o fim já ele sabia. Parece que o rei entendeu a lição e chamou de novo o fidalgo para a sua roda de conselheiros.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O GUARDA-REDES MEDROSO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

28 de Maio
Dia Nacional dos Bombeiros

Era um guarda-redes muito medroso. Quanto mais medo tinha, à frente da baliza, mais bolas deixava entrar.

– Este guarda-redes não presta para nada. É um frangueiro e a baliza, que ele devia guardar, uma capoeira – disse o treinador. – Não o quero na equipa, nem para suplente do suplente do suplente. Fora com ele.

E o guarda-redes medroso foi despedido. Que havia ele de fazer? Como já estava habituado a guardar, embora mal, foi para guarda-portão ou porteiro de um grande banco. Podia ser pior, sei lá: guarda-loiça, guarda-vestidos, guarda-vento...

Mas não teve êxito, no novo emprego. Ganhou tanto medo que o banco, um dia, pudesse ser assaltado e ele responsabilizado por não ter feito frente aos assaltantes, que passava o tempo a tremer.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Está com febre ou está com medo? – perguntou-lhe o director do banco. – Em qualquer dos casos, a sua fraca presença à porta não dá segurança aos depositantes. Vá para casa.

E o guarda-portão, que tinha sido guarda-redes, foi despedido. Que havia ele de fazer? Como já estava habituado a guardar, embora mal, foi para guarda-freio, que é nome que dão aos condutores dos carros-eléctricos. Podia ser pior, sei lá: guarda-comidas, guarda-jóias, guarda-chuva...

Mas foi um fiasco. Tinha tanto medo que o carro-eléctrico, nas curvas, derrapasse e descarrilasse, que nunca conseguia sair do mesmo sítio. Os passageiros protestavam, os outros carros-eléctricos, que vinham atrás, tilintavam e todo o trânsito interrompido, empanturrado de automóveis e de autocarros, apitava, buzinava, trombeteava, num desespero.

– Saia do seu lugar, sua azémola, que é para não dizer cavalgadura – berrou-lhe aos ouvidos um polícia, tomando conta da ocorrência e dos freios do carro-eléctrico. – Saia e nunca mais volte a pôr os pés num transporte público. Só não lhe digo ponha-se na rua, porque você nunca devia ter saído de casa.

E o guarda-freio, que tinha sido guarda-portão e guarda-redes, foi despedido. Que havia ele de fazer? Como já estava habituado a guardar, com os resultados que se sabe, foi para guarda florestal. Podia ser pior, sei lá: guarda-roupa, guarda-sol, guarda-lamas...

A princípio, todo aquele isolamento, no meio da floresta, o aterrorizava. Qualquer bicada de pica-pau num tronco, qualquer esvoaçar de melro, ao cimo das árvores, e

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

o guarda florestal ficava com os cabelos tão em pé que até o boné lhe subia uns centímetros acima da testa. Sem exagero.

Um dia, sabe-se lá porquê, desencadeou-se um fogo na floresta que o guarda florestal guardava. Quando o sentiu e quando o viu crescer em labaredas altas, o guarda florestal apanhou tal susto que desatou a correr, a correr, a correr que só parou de encontro ao muro do fundo do quartel dos bombeiros, porque já não havia mais chão para correr.

– Fogo! Fogo! – tentava ele gritar, sem fôlego.

Os bombeiros acudiram e o fogo foi apagado a tempo.

– Se o guarda florestal não tivesse vindo avisar com urgência, se ele não tivesse sido tão rápido, se não fosse a sua energia e o seu destemor, tinha acontecido uma grande desgraça – comentou o chefe dos bombeiros.

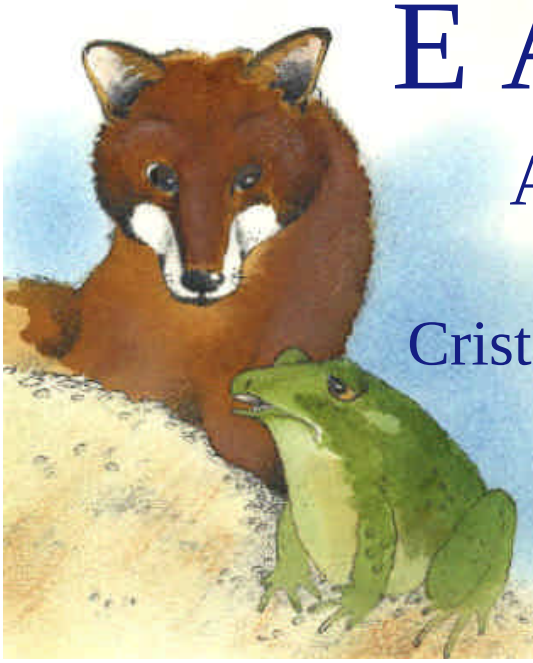
Elogiado, homenageado, condecorado, o guarda florestal sentia-se outro. Nunca mais teve medo de andar, sozinho, na floresta. Ele tinha sido um valente guarda florestal, toda a gente o dizia e ele próprio também achava.

Tanto assim que está a pensar mudar de profissão. Hesita. Ser guarda-nocturno tenta-o. Ou guarda-costas. Ou guarda republicano. Até talvez, um dia, experimente, de novo, o lugar de guarda-redes. Já nada lhe mete medo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O SAPO E A RAPOSA



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O sapo e a raposa herdaram umas terrinhas de uma velha bruxa, muito velha, que gostava de sapos e raposas. Mas isso faz parte de outra história.

Aquela que para aqui trazemos conta-nos como foi essa sociedade entre um sapo saparrão e uma raposa raposeca.

– Vamos colher a nossa fortuna nestas terras, compadre – dizia a raposa.

– Mas antes de colhermos, temos de semear... – lembrava o sapo.

– Acertado preceito, compadre! Vejo que os demorados mergulhos nos charcos não lhe embotaram juízo. E como se faz a sementeira?

O sapo tratou de tudo. Mondou, lavrou, sachou, semeou e, depois, esperou.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Assim venha a chuva – suspira a raposa, vendo o sapo trabalhar.

Veio a chuva.

– Assim venha o bom tempo – suspirou a raposa.

Veio o bom tempo e os campos ficaram lindos. Então a raposa, quando as espigas estavam maduras, ajudou o sapo nos trabalhos da ceifa. Deitada à sombra de uma oliveira, guardava-lhe o cântaro da água e amolava-lhe a foice, para que ele ceifasse melhor...

O sapo ceifou, debulhou e juntou um belo monte de trigo e outro de palha.

– Aqui está a nossa fortuna – dizia a raposa, muito risonha.

Depois de tudo arranjado, os dois sócios foram deitar-se. Na manhã seguinte, a raposa foi ter com o vizinho e compadre e disse-lhe:

– Compadre e amigo, venho fazer-lhe uma proposta vantajosa.

– Diga lá.

– Vamos ambos ao mesmo tempo até à eira, e o que lá chegar primeiro fica com o trigo todo. É assim a modos que o prémio da corrida. Que acha?

O sapo respondeu-lhe:

– Olhe, minha comadre, fiz uma jura de nunca aceitar propostas sem ouvir os conselhos de um meu colega. Eu não demoro.

O sapo foi visitar um outro sapo e expor-lhe a proposta da raposa.

– A coisa arranja-se – respondeu-lhe o colega consultado. – Somos tão semelhantes que a raposa não consegue diferençar-nos. Eu parto já para a eira e trato de

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ensacar o trigo. Tu vais ter com a raposa e, depois de longa discussão, para me dares tempo, aceitas a proposta.

Assim se fez.

– Um, dois, três... – gritou a raposa, ao dar início à corrida – Quem lá chegar primeiro fica com tudo.

A espertalhona fiava-se na sua velocidade e na pouca ligeireza do sapo. Ela, que não ajudara nada no trabalho, ia, numa corrida, arrebatar tudo só para ela...

Quando chegou à eira e viu o sapo, um sapo a ensacar o trigo, ficou banzada.

– Então eu deixei o compadre para trás. Como é que me ultrapassou?

– Por cima – explicou o sapo. – É que eu salto muito alto.

A raposa teve de se render. Afinal a esperteza e a malandrice não lhe valeram de nada. Bem feito!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SE ELE ESTIVESSE ACORDADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O pintainho Besnico só conhecia a rede cinzenta da capoeira, onde tinha nascido. Por isso, quando, uma vez, se escapuliu por um buraco da rede e deu os primeiros passos à luz do Sol, foi um espanto.

A mãe galinha bem o tinha avisado: "Nunca saias sem mim. Lá fora há muitos perigos que tu não conheces. Nunca saias sem mim!"

Mas ele saiu. Desobedeceu, o maroto! A verdade é que, pouco tempo depois, estava de volta, muito afogueado, muito exaltado com tudo o que tinha visto.

A mãe, primeiro, zangou-se, mas, depois, em voz mais macia, quis saber porque vinha tão nervoso da corrida pela eira da quinta.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Ai, a mãezinha tinha razão – respondeu-lhe o pintainho Besnico. – Há muitos perigos lá fora, muitos bichos esquisitos, grandes, que metem medo. Vi um muito grande, às malhas pretas e brancas, com dois paus na cabeça e um rabo sempre a dar a dar. Que susto!

– É a vaca! – explicou a mãe. – Daí não vem mal nenhum. As vacas não fazem mal aos pintos.

– E um, cinzento, de grandes orelhas, que batia as patas no chão com toda a força e mostrava os dentes amarelos, enquanto comia a erva do pátio, esse deve ser dos piores, não é?

– O burro? – riu-se a mãe. – Desse lado também não há que temer. Os burros não ligam aos pintos.

– E eu que pensava que eram perigosos! – suspirou, aliviado, o pintainho Besnico. – Mas também vi um muito simpático. Estava a dormir ao sol. Tinha uns enormes bigodes, focinho miúdo, orelhas pequenas e o corpo muito fofo, de pêlo amarelo às riscas, muito bonito. Estive quase tentado a dar-lhe uma bicada, de brincadeira...

– Nunca! – gritou-lhe a mãe, toda arrepiada. – Esse bicho chama-se gato e, se estivesse acordado, não sei o que seria de ti...

A mãe galinha apertou contra ela aquele filhinho inocente, que ainda tinha tanto para aprender na vida, enquanto repetia vezes sem conta: "Ai, se ele estivesse acordado o que seria de ti... Ai, se ele estivesse acordado..."

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A HISTÓRIA DO QUEIJO FLAMENGO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Se acharem esta história mais disparatada e patusca do que as outras, não é culpa minha. Ela passou-se num sítio onde as histórias patuscas parecem histórias muito certinhas. Lá, nesse sítio, as nossas histórias muito certinhas também parecem patuscas... Acontece.

Mas vamos à história, que se faz tarde.

Era uma vez um queijo flamengo, redondo e vermelhinho, ainda por encetar. Estava pendurado numa árvore, porque, nas histórias patuscas, os queijos nascem e crescem nas árvores. Era um queijo muito maduro, quase a cair, de maduro que estava. E caiu.

Caiu, mas não se espalmou, porque tinha a casca dura. Caiu e pôs-se a rebolar pela encosta abaixo. Assim foi ter a uma estrada alcatroada, com óptimo piso para queijos flamengos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Rebolando sempre, passou por uma leitaria, onde estavam alinhados, na montra, muitos queijos da serra. O dono da leitaria viu o queijo flamengo em liberdade, saltou do balcão e desatou a correr e a gritar:

– Agarra, agarra, que o queijo é meu.

Por azar, escorregou numa casca, talvez de queijo, e estatelou-se no chão. Puseram-se a rir os queijos da serra da montra e de tanto se rirem até se babaram todos. Ainda eram queijos frescos.

Lá mais adiante ia um regimento a passar. Reluziam as cornetas, as espadas e os botões. Nunca falta Sol, nestas ocasiões.

Veio o queijo flamengo, saltitando o saltarico, e a marcha foi ao chão, como se lhe desse um fanico.

– Estamos a ser atacados! Atirem sobre ele! – gritavam os oficiais.

Mas já não atiraram a tempo. O queijo flamengo tinha escorregado por uma ladeira, enfiado numa escada e, ploc, ploc, ploc, descia os degraus aos saltos, o que é sempre perigoso. Nunca desçam as escadas aos saltos, sobretudo se ainda não tiverem a casca suficientemente dura.

Os degraus, por sinal, eram os da bancada de um campo de futebol, onde o público gritou GOOLO! quando viu o queijo saltar para dentro da baliza.

O guarda-redes é que ficou danado, por ter consentido naquele "frango", que, afinal, até era um queijo. E vai daí, deu-lhe um enorme pontapé, que o atirou para as nuvens, precisamente na altura em que o público voltava a gritar GOOLO!, porque desta vez, a verdadeira bola de futebol do desafio entrara na baliza, à guarda do guarda-redes, distraído com a bola que não era...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Parece tudo um bocado confuso, mas acho que se percebe.

Quem não percebeu foi o piloto dum avião supersónico, daqueles que escrevem gatafunhos no céu, que ninguém consegue ler. Quando viu um queijo flamengo quase a roçar-lhe uma asa, o piloto desenhou uma quantidade de pontos de interrogação, no ar: Será um satélite? Terei subido demais? Ou bebido? Será mesmo um queijo? Ou uma miragem? Ou uma miragem-queijo? Sendo assim, porque é que não é uma miragem-pão com queijo?

Pelo sim pelo não, decidiu regressar à base, desconfiado de que o mal dele era fome.

Se o queijo se não tivesse, entretanto, lembrado da lei da gravidade, a estas horas os astrónomos, que apontam os seus telescópios para os astros, estavam a descobrir um novo planeta. Um planeta-queijo, por que não?

Por que não ou por que sim, o queijo flamengo caiu.

Caiu num jardim, onde um famoso ponta-de-lança, tão famoso que eu nem preciso dizer o nome (até porque não me lembro...), onde o tal futebolista jogava à bola com o filho.

O futebolista, supondo que o queijo era a bola, deu-lhe um chuto valente. À conta deste novo impulso, o queijo executou um grande arco no ar e foi ter... adivinhem onde?

Foi ter à árvore dos queijos flamengos, donde tinha partido, quando esta história começou.

É natural que se tenha desprendido de novo, mas, por hoje, já chega. Tivesse voto na matéria, e o amolgado queijo flamengo também diria o mesmo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

JOCA QUER SER

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

1 de Junho
Dia Mundial da Criança

Perguntaram ao Joca o que é que ele queria ser quando fosse grande. São, às vezes, muito impertinentes os senhores adultos.

Fez-se silêncio na sala, à espera da resposta do menino.

Nisto, ouviu-se, na rua, uma ambulância a apitar:

– Ni-nó-ni... Ni-nó-ni...

Logo o Joca respondeu:

– Bombeiro.

Passado pouco tempo, outro senhor adulto fez a mesma pergunta ao Joca:

– Quando fores crescido o que é que queres ser?

Entre a pergunta e a resposta um silêncio, cortado pelo roncar, longe, de um avião:

– Roooooooommm...

Logo o Joca respondeu:

– Aviador.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Minutos depois, mais um senhor curioso fez a pergunta do costume, precisamente na altura em que uma banda de rock pum-tá-tchim-pum se exibia na televisão. O Joca respondeu:

– Músico.

Mudaram de canal, por coincidência, quando o locutor gritava, a meio de um desafio de futebol:

– Goooooolooooo!

E o Joca também gritou:

– Futebolista.

Nova mudança de canal, para uma correnteza rápida de notícias, entre as quais um desfile militar, o que fez com que o Joca logo mudasse de opinião e dissesse:

– Soldado.

Na tribuna de honra, um respeitável senhor de cabelos brancos perfilava-se, diante das tropas em parada. O Joca não hesitou mais e disse:

– Presidente da República.

Bombeiro, aviador, músico, futebolista, soldado, Presidente da República... Em que ficamos Joca?

– Agora vou brincar – disse o Joca, cansado de ter passado por tantas profissões, em tão pouco tempo.

Neco, o primo mais novo, seguiu-o a correr.

– Ao que vamos brincar, Joca? – quis saber o Neco, que era muito bem mandado em coisas de brincadeira.

– Vamos brincar aos bombeiros – decidiu o Joca.

– Com ambulâncias, carros encarnados, mangueiras?

– Vamos – entusiasmou-se o Neco.

Mas o Joca interrompeu-lhe os planos.

– Vamos antes brincar aos aviadores – resolveu ele.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Com aviões, aeroportos, para-quedas? Vamos – entusiasmou-se o Neco.

Nova interrupção do Joca:

– Vamos antes brincar aos músicos.

E por aí fora, por aí fora, sem se decidir por uma brincadeira... Em que ficamos, Joca?

Se ele aqui estivesse e lhe apetecesse responder, talvez a resposta lhe saísse em verso, em forma de canção ou pouco mais ou menos.

Cantiga do Joca

Quero ser tudo
quero ver tudo
brincar a tudo
e mascarar-me,
fora do Entrudo,
de sobretudo,
feito graúdo
homem de estudo
muito sisudo
e carrancudo
muito barbudo
e narigudo,
mas cá por dentro
nunca deixar
de ser miúdo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NA TERRA DOS PINGUINS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Passeava o Urso Branco a sua indolente figura pelos desertos gelados do Polo Sul, quando, espremendo os olhos cansados de tanto branco, divisou ao longe uma coisa de muitas cores, planta, flor ou bicho, de estranhar naqueles sítios. Foi-se aproximando e, à medida que se aproximava, ia contando as cores: "Verde, azul, amarelo, vermelho, castanho... É um arco-íris concentrado e mexe. O que será?"

A tal coisa, quando o urso lhe chegou o focinho, apresentou-se:

– Sou um papagaio e ando em viagem. Que frio que está por aqui! Ainda não pensaram em aquecer este gelo todo?

O urso arregalou os olhos. O bicho, o passaroco, ou lá o que aquilo era, tinha ideias assustadoras. Para mudar a conversa perguntou-lhe:

– Donde veio Vossa Excelência?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Da Amazónia, no Brasil, uma maravilha de terra...

– Mas Vossa Excelência veio-se embora... – interrompeu, timidamente, o Urso.

– Por causa dos papagaios, amigo. Há lá papagaios a mais. Papagaios, araras, catatuas, periquitos... Muita concorrência, sabe! Além disso, gosto de viajar. Mas, irra, que já tenho os pés frios de estar sempre no mesmo sítio. Vamos dar uma voltinha?

Foram. O papagaio à frente, aos saltinhos, o urso atrás, pesadamente.

– Não há mais bichos nesta terra pasmada? - perguntou o papagaio.

– Há pinguins - informou o urso. – Milhares de pinguins.

– Apresente-me esses tais pinguins, que devem ser bacanas.

Muitos pinguins juntos fazem um bocado de impressão. Mas o papagaio não se impressionou. Quando eles o viram, rodearam-no, cheios de curiosidade.

– É um pinguim às cores - disse um dos pinguins.

Os outros repetiram:

– É um pinguim às cores.

O urso ia explicar que se tinham enganado, mas o papagaio abafou-lhe as palavras, com um discurso improvisado:

– Sim, amigos, sou dos vossos. Vim procurar a vossa companhia para vos explicar as cores e para vos ensinar a comportarem-se como pinguins do nosso tempo. Muito têm a aprender comigo. Para começar, vou ensinar-vos a voar.

Foi uma aclamação geral. O urso que tinha adormecido, entretanto, acordou sobressaltado e perguntou a um

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

pinguim que agitava desesperadamente as asas minúsculas:

– O que aconteceu? Foi choque de icebergues?

– Nada disso. O pinguim colorido está a ensinar-nos a voar. Vamos proclamá-lo rei, rei dos pinguins.

Aquilo já não interessava ao Urso Branco. Virou-se para o outro lado e voltou a fechar os olhos. Mas, antes de adormecer, ainda sentenciou:

– Em terra de pinguins pretos e brancos, qualquer fruta-cores é rei.

E adormeceu, definitivamente.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A BONECA DA MADRINHA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A boneca da madrinha era a mais linda de todas. Nem as das lojas de brinquedos, nem as daquele museu, onde havia bonecas de princesas ao colo de princesas bonecas.

Ai, a boneca da madrinha, poisada no toucador, multiplicada pelos espelhos em centenas de bonecas iguais! Tinha caracóis louros, de cabelos de verdade. Usava chapelinho à banda, com friso de redezinha. O vestido era de seda tão azul como os olhos dela. A saia de baixo engomada levantava-lhe o vestido. As meias de renda branca, as botas de pelica fina, botas de pôr e tirar, tudo uma maravilha.

Descalça, os pezinhos rechonchudos eram tal e qual os de um bebé.

Ai, quem dera à Mariana a boneca da madrinha! Poder brincar com ela, podia, sobre a larga cama com colcha de cetim, mas só um bocadinho, porque a madrinha ou a mãe

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

da madrinha ou a irmã da madrinha estavam sempre a dizer-lhe:

– Cuidado, Mariana, que a boneca é de loiça e parte-se.

Ela sabia. Então não havia de saber? Mais cuidadosa do que ela ninguém no mundo. A Mariana era capaz de oferecer a sua própria vida para que a boneca nunca as partisse.

Tocava-lhe ao de leve. Calçava-a e descalçava-a, vezes sem conto. Dava-lhe beijos nas bochechas e nos olhos pestanudos. Nunca sequer se atrevera a penteá-la, para não lhe desmanchar os caracóis loiros.

O que a Mariana mais gostava era de vê-la, passear-lhe os olhos do chapelinho à ponta dos botins, reter tudo, sem que escapasse um único pormenor, para se lembrar, depois, quando voltasse a casa.

As visitas à madrinha só aconteciam, de longe em longe, mas eram sempre uma festa antecipada.

– Hoje vamos a casa da madrinha, Mariana – dizia-lhe a mãe.

Que bom! Que bom, por causa da boneca. Não que a madrinha não fosse uma senhora simpática. Chamava-se Mariana, não tinha filhos, mas, em compensação, muitas afilhadas, todas Marianas como ela.

– Eu não sei se elas vêm cá para visitar a madrinha ou para brincar com a boneca da madrinha... - dizia a D. Mariana, a sorrir.

Não era um grande sorriso o de D. Mariana, mas um sorrisinho frisado, miudinho, que lhe apertava os olhos e enrugava o queixo. "Um sorriso para dentro", pensava a afilhada Mariana. Nada que se parecesse com o sorriso da boneca, quase a estalar em riso, quando via mais aquela

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

afilhada (dela? de D. Mariana?) aproximar-se do toucador, de olhos a brilhar...

– Mariana, são horas de nos irmos embora – chamava-a a mãe. - Despede-te da madrinha.

E ela, com um grande beijo de saudade, despedia-se primeiro da boneca...

Mariana vai fazer sete anos e a madrinha avisou que, desta vez, também ia à festa.

– Caso para admirar... Merece foguetes - comentou o pai da Mariana.

– É porque tem uma rica prenda para a afilhada e quer ser ela a dá-la - explicou a mãe, com ar misterioso.

"Uma rica prenda?", interrogou-se a Mariana. Seria a boneca? A boneca de chapeuzinho à banda e botas de pôr e tirar? A sua boneca? Podia lá ser outra coisa!

Enquanto a Mariana desembrulhava a grande caixa, que guardava uma qualquer coisa pesada, que balançava lá dentro, o coração bateu-lhe no peito que nem tambor em batuque. À volta, as pessoas crescidas, entre as quais a madrinha, sorriam, embevecidas.

Ela a destapar a caixa e uma morena vistosa, de saia encarnada e laçarote à cintura, a olhar para ela. Boneca e menina fitaram-se, surpreendidas. Afinal não era a boneca da madrinha.

– Gostas? - perguntou D. Mariana a Mariana.

– Gosto, sim, madrinha. Obrigada, madrinha.

E a menina abalou para o seu quartinho, com a caixa, a boneca e o papel do embrulho a arrastar. No segredo do quarto, chorou lágrimas sentidas, agarrada à boneca que não era dos seus sonhos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Entretanto, a boneca gemeu. Era das que choram, quando se lhes carrega na barriga. Um mecanismo como outro qualquer.

Mariana, só um bocadinho interessada por esta habilidade da sua nova boneca, olhou pela primeira vez para ela, com olhos de ver. Olhou e abismou-se.

A boneca chorava de verdade. Duas grossas lágrimas corriam-lhe pela face. Estava visivelmente triste, muito triste por ter desgostado a menina. Ela que apenas queria agradar e dar prazer, trouxera desilusão. Por isso chorava.

Mariana enterneceu-se e limpou as lágrimas da boneca e as suas próprias lágrimas. Ou as lágrimas da boneca também eram da menina? Pouco importa. Esta história tem mais que se lhe diga.

– Não chores, que gosto muito de ti – disse a menina, apertando a boneca nos braços.

E ficaram para sempre muito amigas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM MURO SEM HISTÓRIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Um muro em ruínas pediu-me que contasse a história dele.

Que se pode dizer de um muro coberto de musgo e hera, à beira de um caminho por onde já quase ninguém passa?

De um lado, o muro termina num meio arco de pedra, a lembrar que por ali abria e fechava porta ou portão. Do outro lado, um cunhal de esquina ergue-se, todo inteiro, mas vai-se a ver e só umas tantas pedras soltas recordam a parede que, noutros tempos, ali se cruzara com o velho muro.

Sim, o muro tinha feito parte de uma casa, um casarão, por assim dizer, um palácio.

Quem o mandara construir não se contentava com pouco.

– Quero que a minha casa seja equivalente à casa de um rei – dizia ele.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Vieram operários da cidade ajudar à construção. Carros de bois trouxeram, custosamente, pedregulhos das montanhas longínquas.

Pedreiros partiram os pedregulhos em blocos e começaram a levantar as paredes.

O homem que queria levantar ali, no meio da planície, uma casa igual à do rei aparecia muitas vezes, para visitar as obras. Gritava com os operários, zangava-se com o encarregado, exigia pressa e perfeição.

Se ele mandara estender a estrada até àquele lugar, se ele mandara cavar um poço, donde rompia a água que iria regar os futuros jardins à volta da futura casa, só faltava estar a casa pronta, para poder inaugurá-la com uma grande festa, cheia de amigos, música e foguetes.

Mas as obras arrastavam-se. Também seria culpa do homem, que umas vezes queria uma coisa, outras queria outra. Uma torre, à esquerda da entrada, devia, vendo bem, ficar melhor, à direita. Onde estava previsto o salão ia ficar a cozinha ou talvez fosse melhor desfazer as paredes dos quartos para alargar o salão... Levantava-se, deitava-se abaixo. O encarregado da obra andava atordoado.

– O homem deve estar louco - dizia ele, em voz baixa. – Está a gastar uma fortuna e nunca mais vê a casa pronta.

Foi o que aconteceu. Com os pagamentos atrasados, os operários abandonaram o trabalho.

Tempos depois, silvas e mato tomaram conta das paredes. Muitos anos correram. Chuvas, cheias, vendavais arrasaram o que restava da casa inacabada.

Resistiu o muro coberto de musgo e hera.

– Conta a minha história - suplicava-me o muro.

Mas como é que eu posso contar a história de um muro?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Os muros, as paredes, as ruínas não têm histórias nenhumas para contar. Ou têm?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

QUEM SABE É O JARDINEIRO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

5 de Junho
Dia Mundial do Ambiente

Era uma vez um rei que tinha, à roda do palácio, onde vivia, um enorme pomar muito bem tratado. Imensos jardineiros cuidavam desse pomar, que era a vaidade do rei.

Árvores de fruto de todas as espécies, algumas vindas de terras distantes, transformavam, na Primavera, o pomar num jardim magnífico, onde sobressaíam o cor-de-rosa, o azul, o branco e o amarelo das flores, sobre o verde fresco das folhas.

E, quando os frutos começavam a ganhar forma, o perfume que inundava o pomar quase entontecia.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Estava, um dia, o rei a mostrar o pomar a uns primos, príncipes de reinos vizinhos, quando viu, caídos de um pessegueiro uns tantos frutos meio apodrecidos.

Mandou logo chamar o chefe dos jardineiros e perguntou-lhe, muito irritado:

– Explique-me este desleixo. Quem é o responsável?

– Foram os pássaros, Majestade, que bicaram os frutos mais apetitosos – explicou o jardineiro.

– Pássaros? – exclamou o rei. – Como se atrevem a entrar nos meus domínios e a bicar as minhas riquezas?

– Os pássaros têm asas e não conhecem muros – respondeu o jardineiro.

– Pois vou eu ensiná-los – indignou-se o rei. – Que podem os pássaros contra mim?

E o rei foi para o palácio, onde ditou um decreto para ser espalhado pelo reino, em que mandava matar todos os pássaros, passarinhos e passarocos, sem escapar um. As ordens do rei tinham de se cumprir. Foi uma mortandade.

No ano seguinte, realmente, já não havia pássaros atrevidos a bicar nos frutos do pomar real. Mas, em contrapartida, uma praga aflitiva de lagartas e insectos destruiu as colheitas, minou os frutos, empobreceu o reino.

– Como se explica isto? – perguntou o rei ao jardineiro. – Depois de guerrearmos os pássaros, temos agora de guerrear os mosquitos e as lagartas. Como se dá batalha às lagartas?

Sorrindo, o velho jardineiro respondeu:

– Para guerrear as lagartas, temos de nos aliar aos pássaros. São eles que as comem, mais às larvas e a todos os bichinhos miúdos da natureza.

– Podias ter explicado isso mais cedo – comentou o rei,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

fazendo-se esquecido.

Logo ali mandou anular o decreto, que tinha apagado as asas dos céus do reino. Os pássaros já podiam, de novo, voar livremente. E poisar onde lhes apetecesse.

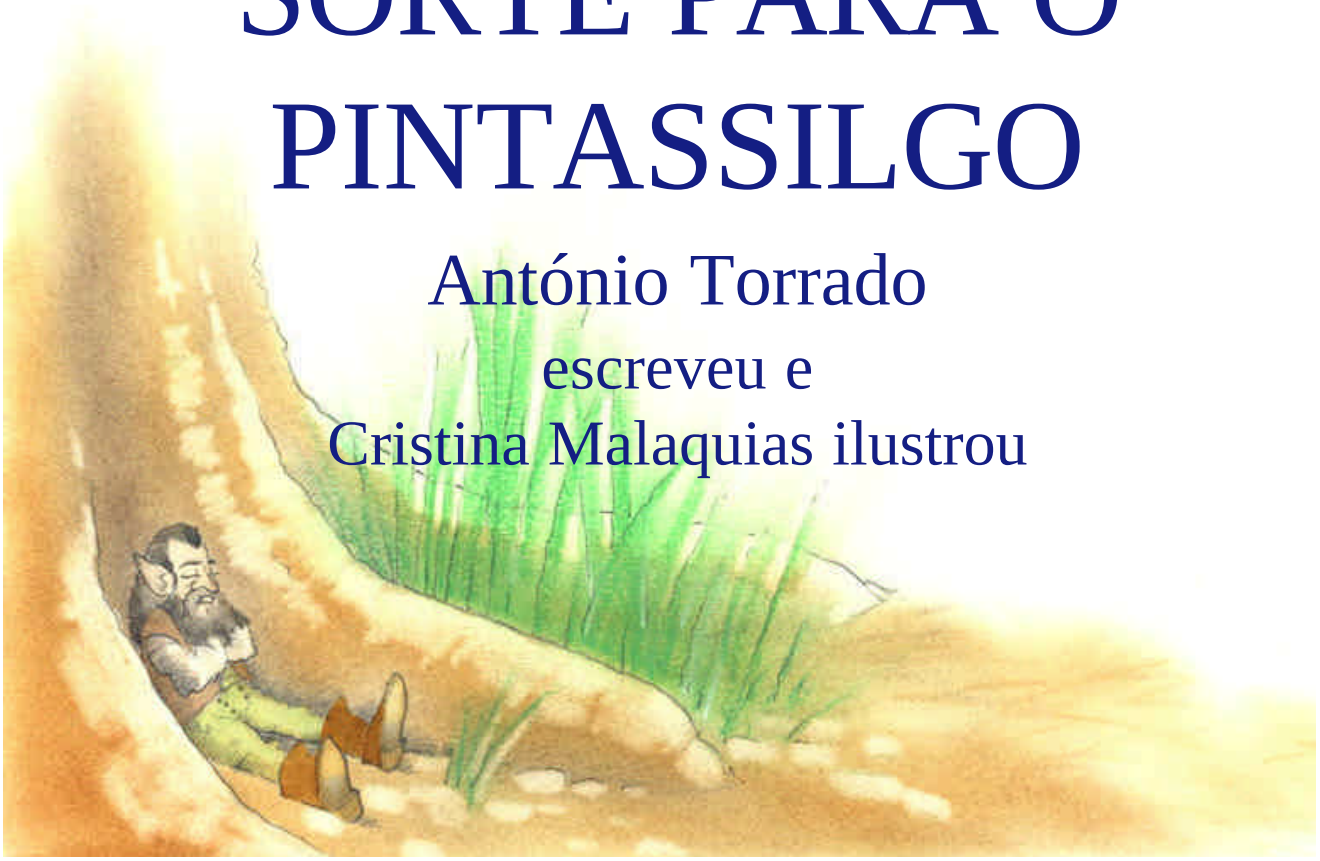
Assim é que estava certo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SORTE PARA O PINTASSILGO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez um velho lenhador. Andara a vida inteira a percorrer a floresta e, agora que as forças já lhe faltavam para empunhar o machado, passava os dias, tristemente, à porta do seu casebre.

Entre as lembranças mais antigas que lhe preenchiam a memória, recordava-se de uma história que o tinha encantado, na infância. Nela se contava que havia, na floresta, anõezinhos tão pequenos que nem um palmo mediriam. Os anões ou gnomos, tanto faz, guardavam, num esconderijo, pedras de ouro puro, acumuladas, ao longo de séculos pelo trabalho incansável de várias gerações de mineiros anõezinhos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O lenhador, que conhecia a floresta de lés a lés, nunca vira um gnomo nem, a bem dizer, acreditava que a história correspondesse à verdade.

– Invenções para entreter meninos. E velhos... – dizia ele de si para si, com um sorriso desencantado.

Mas não é que, um dia, descobriu mesmo um gnomo?

Um gnomo a dormir, de boca aberta, junto à raiz de um pinheiro da floresta, era uma descoberta fantástica.

O lenhador agarrou-o pela cintura como quem agarra um gafanhoto e gritou-lhe:

– Afinal, sempre é verdade. Agora, só falta saber o segredo do tesouro dos gnomos...

O homenzinho, preso entre o polegar e o indicador do homenzarrão, debatia-se e protestava que nunca tinha ouvido falar em tal tesouro.

– Se não me dizes, onde o esconderam, aperto-te a barriga, que nem tempo tens para dizer "Chega" – ameaçou o lenhador.

E era bem capaz... A possibilidade imprevista de vir a ficar rico, riquíssimo, quase o enlouquecia.

– Diz-me onde está o tesouro ou esborracho-te – insistiu o lenhador.

O gnomo, não tendo outra alternativa, acabou por apontar uma árvore, confessando que, debaixo da raiz da árvore, numa loca, estava, agasalhado entre musgos, o maior tesouro do mundo.

– Já vamos saber se é como contas – disse o lenhador.

Mas entardecia. Era Inverno, estação do ano em que, como se sabe, a noite cai cedo e depressa. O lenhador, contrariado por ter de guardar para o dia seguinte o que queria resolver naquele dia, fez uma cruz a canivete, no

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

tronco da árvore indicada, e disse:

– Amanhã voltamos cá e, pelo seguro, tu hoje à noite vais ficar hospedado em minha casa.

Maneira de dizer... Hospedado no casebre, isto é, prisioneiro na gaiola, donde despejou um pintassilgo. Sorte para o pintassilgo.

O lenhador, nessa noite, dormiu mal. Quanto ao gnomo, nunca saberemos se dormiu bem ou não, visto que, na manhã seguinte, o lenhador deu com a gaiola vazia.

– Mas o tesouro há-de estar onde ele apontou – animou-se o lenhador.

De enxadão ao ombro, avançou para a floresta.

– Cá está a árvore que eu marquei – exclamou.

Efectivamente, a árvore tinha uma cruz, no tronco, riscada a canivete. Mas outras árvores perto e outras longe tinham uma cruz igual. Não havia uma única árvore da imensa floresta que não exibisse uma cruz, em cheio, no dorso do tronco.

Os gnomos, pela calada da noite, tinham trabalhado bem.

O lenhador, a sentir-se ainda mais velho e ainda mais cansado, deixou o enxadão encostado a uma das árvores, e voltou para casa, de cabeça baixa. Nada ganhara e até o pintassilgo da gaiola ele tinha perdido...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O LAVRADOR TOMÉ E O SACO DAS LIBRAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Tomé era um lavrador abastado.

De uma vez que foi à feira da vila fazer uns negócios, levou consigo uma bolsa com libras, com libras bem contadas e recontadas. Como tivesse medo que lhas roubassem, nos encontrões da feira, deu-as a guardar ao estalajadeiro.

– Vá descansado que ficam em boas mãos – disse-lhe este.

Quando, mais tarde, precisou das libras, voltou à estalagem para as levar. Sabem o que o estalajadeiro lhe respondeu? Respondeu-lhe, fingindo de parvo, que não se lembrava de ter recebido nenhuma bolsa com libras. Vejam lá o descaramento!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O senhor Tomé esteve quase para ir chamar um médico que consertasse a pouca memória do estalajadeiro. Depois, pensando melhor, achou que o caso era mais da conta de um bom advogado do que da medicina. Consultado o doutor jurista, disse-lhe este assim:

– Tenha paciência, meu amigo, mas só vejo uma solução. Manhosos destes tratam-se com a pele das suas manhas. Portanto, vá ter com o estalajadeiro, fale-lhe com bons modos e peça-lhe desculpa. Diga-lhe que se esquecera de que as tais cem libras tinham ficado ao cuidado de outra pessoa de confiança...

– Mas não ficaram – atalhou o senhor Tomé. – Se ainda agora disse ao senhor doutor que foi esse malandro que se governou com elas.

– Deixe-me acabar e não perca a cabeça – aconselhou-lhe o advogado. – Vai ver que, guiando-se pelos meus planos, o dinheiro há-de voltar-lhe às mãos. Depois de lhe pedir desculpa pelo engano, volte lá com um amigo, como testemunha, e entregue outras cem libras ao estalajadeiro.

– Que é lá isso?! Assim se paga aos ladrões nesta terra? Está o mundo avariado.

O advogado não se ofendeu e mais miudamente explicou a armadilha que queria armar ao estalajadeiro desonesto. Ainda que com má vontade, o senhor Tomé resolveu-se a seguir o conselho.

Procurou na feira um amigo endinheirado, que lhe emprestasse cem libras e que se dispusesse a acompanhá-lo à estalagem. Encontrada a testemunha, levou-a consigo, pedindo-lhe segredo do que se estava a tramar.

– Desculpe, mas há bocado pensei mal de si – disse o senhor Tomé ao estalajadeiro. – Foi tudo um engano meu,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

porque o dinheiro que eu procurava tinha-o eu deixado noutra parte. Guarde-me agora estas cem libras, que, depois, lhas peço.

E os dois, o senhor Tomé e o amigo, despediram-se do estalajadeiro, que ficou de boca aberta.

– E agora? – perguntou o senhor Tomé, passado tempo, ao advogado.

– Agora volte à estalagem e peça só as cem libras.

– Levo o meu amigo?

– Não, vá sozinho. Estas não pode ele recusar-lhas, pois havia testemunha para provar a verdade.

O lavrador assim fez e o estalajadeiro prontamente lhe entregou as cem libras.

Foi o lavrador, pulando de contente, a casa do advogado:

– Estas já cá estão! Só faltam as outras cem.

– Também virão, descanse – tranquilizou-o o advogado. – Passe por lá agora com o seu amigo, que as viu depositar.

Não é preciso dizer que o estalajadeiro se viu apanhado e não teve outro remédio senão dar as outras cem libras ao lavrador.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O LEOPARDO, A GIRAFA E O ELEFANTE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Passa-se na selva a história que vou contar. Nela entram três personagens principais, o leopardo, a girafa e o elefante, mas a mim apetece-me mais começar pelos macacos.

Empoleirados nas árvores, os macacos ocupam o dia a troçar da vizinhança, isto é, dos restantes bichos da selva.

– Do elefante é que não há nada a declarar – diz uma macaca velha, fazendo um trejeito malicioso.

Começam todos os macacos numa grande algazarra:

– É trombudo.

– Patudo.

– Orelhudo.

– É pesadão.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Molengão.

– Paspalhão.

– Mas é bom, um bonzão – concluiu a macaca velha.

Nisto estão todos de acordo. O elefante pode não ser bonito, segundo as normas de beleza dos macacos, mas não molesta ninguém. Essa é que é essa.

– Vê-lo a ele muito gordalhufo, ao lado da espirra-canivetes da girafa, dá-me cá uma vontade de rir... – e o chimpanzé que isto diz ri-se, mostrando os dentes amarelos.

– Protege-a, desde pequena. Os pais da girafa foram apanhados numa cilada de caçadores e ele tomou-a à sua conta. Dizem que tem feito muito por ela – explica outro macaco.

Divertido com a conversa, um saguim intervém:

– Quem não deve gostar nada dessa amizade é o velho leopardo malhado e pelado. Se não fosse o medo que ele tem ao elefante, já a girafa, a estas horas, era um monte de ossos para os chacais roerem...

Nestas e noutras conversas gasta a macacaria o seu tempo. Depois digam que são os papagaios os palradores...

Na verdade, há muito que o leopardo espiava a girafa e o elefante.

De uma vez que viu a girafa no riacho, junto à cascata, a tomar banho, enquanto o elefante, perto da margem, cabeceava de sono, o leopardo aproximou-se dele e falou assim:

– Ah, meu amigo! O seu bom coração quase pesa tanto como o seu corpo todo. A girafa deve-lhe tudo. O meu amigo amparou-lhe os primeiros passos, abrigou-a, acarinhou-a e, graças a si, ela fez-se a linda girafa, que

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ambos contemplamos, enternecidos. Belo exemplo, meu amigo, para toda essa bicharia perversa.

Isto declamava, numa voz comovida, o leopardo. Para fazerem uma ideia, basta que vos diga que a cada vírgula corresponde um soluço. Farsante!

– Só é de lamentar que não saiba agradecer os seus sacrifícios com idêntica generosidade... – sussurrou o leopardo.

Neste passo da conversa, o elefante, que tudo ouvira sem manifestar grande interesse, levantou a tromba em ponto de interrogação:

– Que quer dizer? Fale com mais clareza, criatura.

Deu dois passos em frente o leopardo e segredou:

– Andam para aí a murmurar...

E o leopardo tentou convencer o elefante, por meias palavras, de que a girafa, nas suas costas, o tratava por "paquiderme", palavra muito ofensiva entre os elefantes.

– Não acredito.

Acreditasse ou não, o elefante nunca mais voltou a correr ao lado da girafa. Certo era que ela também deixara de correr. Sem a companhia do seu amigo de sempre, que graça tinham as correrias?

Isto constou na selva e espicaçou a curiosidade dos macacos, de tal forma que resolveram mandar um emissário convocar os dois amigos desunidos, a fim de tirar mais informações.

– Vejo-os muito tristes e cada um para seu lado – disse o macaco emissário, assim que os juntou. – Que se passa?

A girafa, coitada dela, não sabia. Muito amuado, o elefante acabou por confessar:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Calcula que, nas minhas costas, andam a chamar-me "paquiderme" – e olhou de lado para a girafa.

O macaco não ficou espantado:

– Bem sei. Do leopardo tudo se deve esperar...

– Do leopardo? – estranhou o elefante.

– Pois claro. O leopardo, de há uns tempos para cá, tem vindo a espalhar que o nosso estimável amigo elefante é um "paquiderme" da pior espécie e que, por esse motivo, a girafa já cortou relações consigo – explicou o macaco.

– Eu nem sei o que é um "paquiderme" – disse a inocente girafa.

Estava desfeito o engano e esclarecidos os escondidos intentos do leopardo intriguista.

– Vou dar-lhe uma lição – exclamou o elefante, escavando com as patas na terra e chicoteando o ar com a robusta tromba . – Faça constar entre os macacos e a restante bicharada que, realmente, eu e a girafa nos desentendemos de vez e que cada um foi para seu lado.

Estava o leopardo a afiar as garras, quando ouviu o que na selva se contava.

– Desta (retirar "vez") não escapas, girafinha! – assobiou ele, de bigodes eriçados.

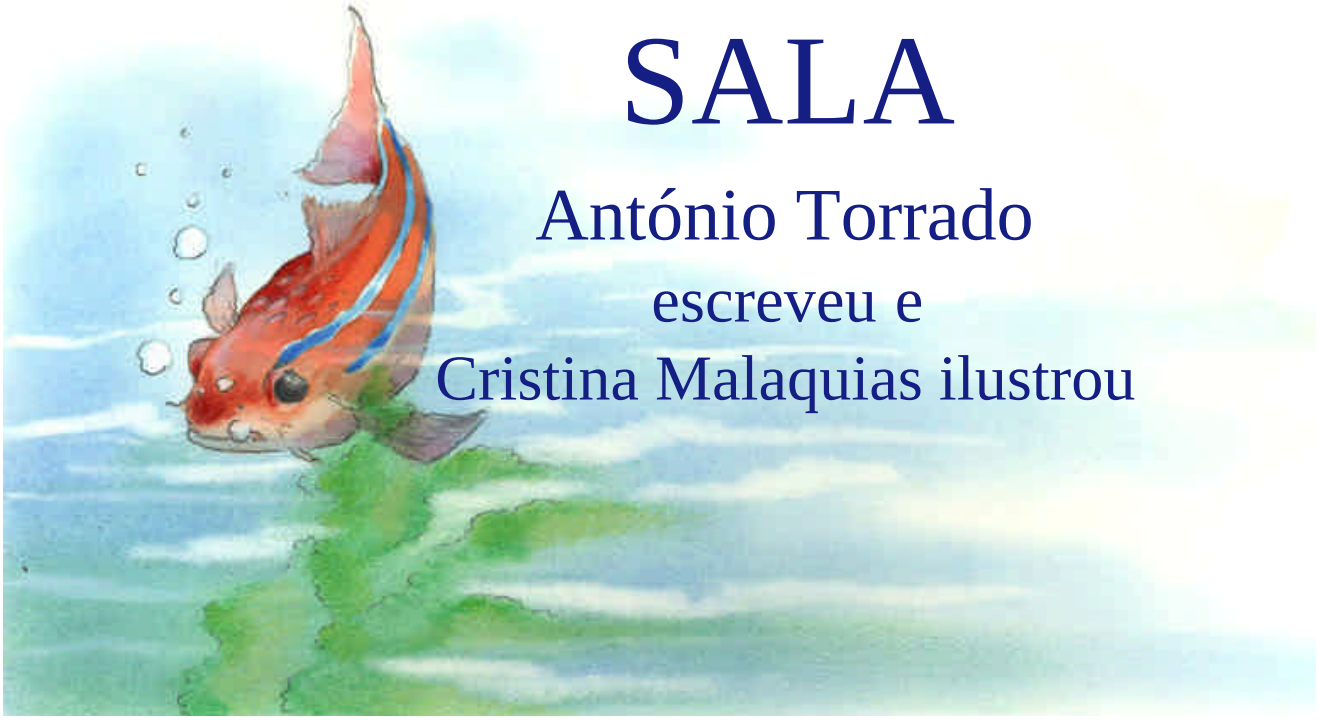
Ele é que não escapou, ai não, porque a cólera do elefante, animal paciente até onde se pode ser, não perdoa. Lançado a muitos quilómetros de distância, o leopardo não ganhou para o susto nem para os curativos.

De aí em diante passou a andar sempre sozinho e nunca sai senão de noite, quando os elefantes dormem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM PEIXE NA SALA



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

— Não gosto nada que olhem para mim – dizia o peixinho vermelho com riscas azuis, que morava no aquário.

Era um grande globo de vidro, enfeitado com algas, umas verdadeiras, outras a fingir, e estava, em lugar de destaque, na sala da tia Elisa.

Quem ia fazer uma visita à tia Elisa dava sempre uma mirada ao peixinho, que revolteava na água, muito enervado.

– Detesto que me observem – dizia o peixe. – Se as pessoas vivessem em aquários também não gostavam que andassem a espreitar para dentro das casas delas.

E o peixinho tentava esconder-se por trás de umas algas, mas sem nenhum êxito. Ou sobrava cauda ou sobrava cabeça.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A tia Elisa, que era uma simpática velhinha, cuidava dele com todo o desvelo. O peixe conhecia-a bem e agradava-se das suas atenções. Era, aliás, a única pessoa que ele tolerava.

Mas a tia Elisa adoeceu. Doença grave. Vieram os médicos, parentes e amigos, que passaram a falar em voz baixa na sala de visitas, com ar muito preocupado. A única coisa que lhes atenuava a preocupação era o peixinho vermelho com riscas azuis, revolteando, alegre e indiferente, no meio do seu globo de vidro. Alegre e indiferente, julgavam eles, porque o peixinho não parava de queixar-se:

– Embirro que olhem para mim. Esta gente toda não tem mais nada que fazer senão postar-se, de olhos arregalados, diante do meu aquário?

Uma dessas pessoas, que distraidamente observava o peixe, teve o seguinte desabafo:

– Não sei quem vai cuidar do peixe, quando a tia Elisa desaparecer.

Para o peixe, a tia Elisa há muito que tinha desaparecido. Desde que adoecera. Quem lhe polvilhava a superfície da água com a ração diária de comida era uma empregada, mas sem as gentilezas da tia Elisa. O peixe sentia a diferença.

Até que, um dia, a tia Elisa morreu. Ficou a sala que tempos sem visitas, de cortinas descidas, portadas cerradas. Mas o peixe sentiu-se mais aliviado.

Entretanto, vieram os sobrinhos para desfazer a casa.

– Quem quer ficar com o peixe do aquário? – perguntou um deles.

Nenhum queria.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Deita-se o peixe para o tanque do quintal – decidiu um e os outros concordaram.

O peixinho vermelho com riscas azuis foi parar a um tanque de águas profundas. Podia nadar à vontade, pelo meio das sombras e dos lodos, que já ninguém o via.

Foi então e só então que o peixe vermelho começou a sentir saudades do tempo em que todos olhavam para ele.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS DOZE DE INGLATERRA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

10 de Junho
Dia de Camões

A história que vou contar será bom que, de aqui a alguns anos, a leiam em livro, para confirmarem se a contei como deve ser. Tenho as minhas dúvidas...

Por enquanto talvez seja cedo, mas, em chegando o tempo certo, procurem-na n' *Os Lusíadas*, livro de muitas aventuras, que Luís de Camões escreveu em versos grandiosos e resplandecentes, onde sobressaem o orgulho de ser português e a voz "nua e pura" de um grande poeta.

Desculpem-me este começo solene, tão fora da minha maneira de contar, mas prometo que, de ora em diante, a história vai ganhar velocidade e galopar a toda a brida.

A expressão "correr ou galopar a toda a brida", que é a rédea do cavalo pegada ao freio, tem a ver com correrias à desfilada por estradas poeirentas, quando outro não era o meio de transporte de quem pretendia fazer longas viagens.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Nessas épocas remotas, em que ainda não havia aviões nem automóveis nem comboios, os viajantes por terra tinham de saber andar a cavalo ou nunca iriam longe.

E, mesmo que fossem bons cavaleiros, muitos perigos defrontavam durante o caminho, além de que corriam o risco de se atrasarem e de não chegarem a tempo. Veja-se o caso do Magriço, nome por que era conhecido Álvaro Gonçalves Coutinho, destemido cavaleiro da corte do nosso rei D. João I, não sei se estão a par.

Como tudo isto se passou há cerca de 600 anos, é natural que não se lembrem. Mas cá estou eu, à conta do Luís Vaz de Camões, para vos trazer alguns pormenores mais.

Deu-se o caso que doze damas da corte inglesa, de saias a arrastar e chapéus pontiagudos de fada, se sentiram ofendidas por uns grosseirões duns nobres, de má catadura e pior educação. Uns "holigans" do tempo, não sei se estão a imaginar.

Como eles eram de força e elas fracas, procuraram quem as substituísse e desse aos brutamontes a lição merecida. O pior é que a má reputação dos alarves cavaleiros assustava e não houve um único inglês (e já eram bastantes milhões!) capaz de defender as damas.

Inconsoláveis, as meninas de chapéus de fada foram chorar-se ao velho Duque de Lencastre, que também já não estava em idade de valer-lhes. Mas o Duque recordava-se da coragem dos portugueses por, noutros tempos, ao lado deles ter batalhado. Vai daí recomendou-lhes:

– Quem pode salvar a vossa honra ofendida e fazer frente aos marmanjos ingleses são aqueles bravos rapazes lá de baixo. Escrevam-lhes a pedir socorro.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Foi o que elas fizeram, na mais elegante das caligrafias e com as mais sedutoras e doces palavras. Candidatos portugueses não faltaram, mas só podiam ir doze a Inglaterra, senão despovoava-se o reino.

Embarcaram os jovens portugueses na foz do Douro com seus aprestos e cavalos. Todos menos um, o tal Magriço, que preferiu viajar, montado no seu cavalo e já de lança e armadura, como se Inglaterra fosse ali adiante.

– Olha que não chegas a tempo – lembraram-lhe os companheiros. – Vê no que te metes!

Mas o Magriço fez de conta que enjoava a viagem por mar e enfiou pela terra adiante. Um estirão.

Os onze cavaleiros portugueses atravessaram de barco o Mar do Norte e desembarcaram em Inglaterra, onde foram muito amimados pelas damas ofendidas. Só uma estava triste, a que, em sorte, iria ser defendida pelo pouco pontual Magriço.

Contra os doze ingleses se apresentaram os onze portugueses. Aquilo não era um desafio de futebol, mas torneio em campo aberto, com elmos, grevas e arneses e lanças e espadões. Um caso sério.

Na tribuna das damas, a menina Magriça (chamemos-lhe assim, por comodidade...) chorava a sua solidão.

Mastigam os cavalos os freios, escumando e raspando o chão, empunham os soldados as trombetas, para dar começo à liça, refulgem ao Sol as lanças de aço e as armaduras de ferro e, onze contra doze, vai começar a luta de vida ou de morte.

Repentinamente, levanta-se nas tribunas o povo, em grande alvoroço. Todos viram o rosto, à procura da causa do reboliço. É Magriço, pronto para o combate, que chega,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

envolto numa nuvem de pó.

A Magriça inglesa sustem as lágrimas e sorri como um arco-íris, depois da tempestade.

Ao som das tubas, largam rédeas, esporeiam os cavalos, baixam lanças e "fere a terra fogo".

Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece,
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não dece;
Qual, com cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual com os penachos do elmo açoute as ancas.

E os doze valentes portugueses derribaram os doze brutos ingleses. Para os nossos a palma da vitória e as damas vencedoras e com glória.

Depois, já se vê, houve festa da rija, nos paços do Duque de Lencastre.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festa e alegria;
Cozinheiros ocupa e caçadores,
Das damas a formosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Enquanto se detêm em Inglaterra,
Até tornar à doce e querida terra.

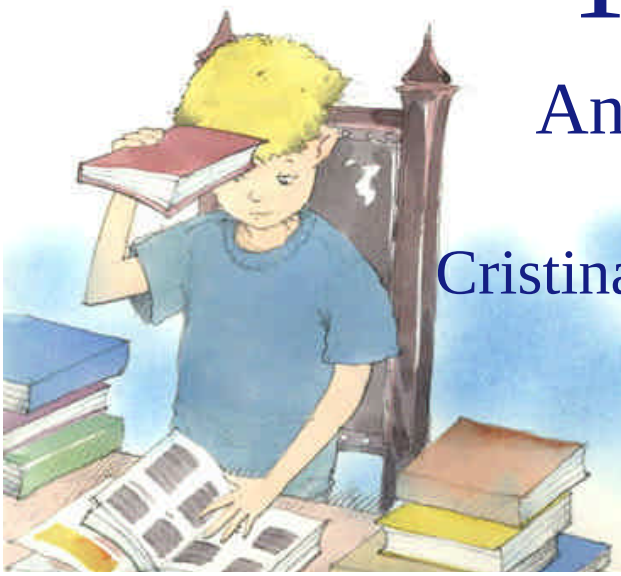
© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Parece que o Magriço se demorou mais uns tempos e não regressou com os companheiros. Já era mania...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

TINTIM POR TINTIM



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O rapazinho entrou, à pressa, na biblioteca e pediu:

– Têm livros de cozinha?

O bibliotecário levou-o a uma prateleira, onde havia uma quantidade de livros de receitas ou para fazer doces ou para preparar grandes banquetes ou para cozinhar pratos que não engordem...

O rapazinho folheou uns, folheou outros, mas não se decidia. Pacientemente, o bibliotecário esperou e, de caminho, ia informando:

– Este é de comida regional... Este é só de saladas... Este é de comida japonesa...

Tantos livros de cozinha! Uma pessoa, a lê-los, até pode apanhar uma indigestão.

O rapazinho é que não havia meio de escolher.

– É para um trabalho para a tua escola? – perguntou o bibliotecário.

– Não é, não.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Silêncio entre os dois. E o rapazinho sempre a folhear este e aquele, numa grande indecisão.

Neste ponto, o bibliotecário resolveu ir mais longe:

– Para que queres, então, um livro de cozinha?

Aqui, o rapazinho esclareceu, um pouco embaraçado:

– Queria estrelar um ovo e não sei se hei-de deitar primeiro, na frigideira, o ovo ou a margarina...

O bibliotecário fez um "Ah" de admiração e aprontou-se a responder:

– Primeiro deitas a margarina e esperas que ela derreta. E cuidado com o bico do gás. Lume brando. Só depois é que deitas o ovo.

– Ah! – foi, agora, a vez de fazer o rapazinho.

Largou os livros de cozinha e já se ia embora, quando o bibliotecário lhe perguntou:

– Não queres, então, levar outro livro? Um livro de histórias, por exemplo?

– Só se for com histórias pequenas – disse o rapazinho.

O bibliotecário emprestou-lhe um livro, onde esta e outras histórias que tais bem podiam estar e a nossa pequena história talvez acabasse aqui.

Não acaba, porque o rapazinho não conseguiu estrelar o ovo, apesar de ter seguido à risca as recomendações do bibliotecário: lume brando, margarina a derreter-se... ovo, no fim.

Mas como o rapazinho deitou o ovo inteiro, com casca e tudo, para dentro da frigideira, o cozinhado não ficou grande coisa.

Em certas ocasiões, tem de se explicar tudo, tintim por tintim.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LAURA E O PAPAGAIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O que eu vou contar, li no jornal. Era uma notícia. Passa a ser uma história.

Um senhora, chamada Laura, tinha uma sapataria. Para atrair a clientela, trouxera de casa um papagaio exótico e multicolor, uma raridade em forma de papagaio.

Uma vez, a loja foi assaltada. O ladrão, entre outros valores, levou-lhe o papagaio, a atracção da loja, por assim dizer o emblema vivo da sapataria.

A senhora Laura ficou desolada.

– Podiam ter-me roubado tudo, menos o papagaio – lamentava-se ela a toda a gente.

Na cidade onde isto se passou, o caso foi comentado. Aconteceu que uns garotos, que andavam pelos arredores, a apanhar caracóis, ouviram, vindo de um casebre isolado, uma vozinha inconfundível gritar:

– Laura! Laura! Laura!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Foram fazer queixa à esquadra. Vieram uma quantidade de polícias, que cercaram a casa, e atrás deles a dona da loja. Quando entraram no casebre e viram o papagaio, deram logo ordem de prisão ao vagabundo, que lá vivia.

Ele tentou desculpar-se, dizendo que tinha encontrado o papagaio, empoleirado numa vedação, mas as botas impecavelmente novas que o homem ostentava não deixaram margem para dúvidas.

Quando a senhora da sapataria, de olhos lacrimejantes, entrou, por sua vez, na casa do ladrão, o papagaio exclamou:

– Laura, Laura, até que enfim.

A história acaba bem, menos para o ladrão.

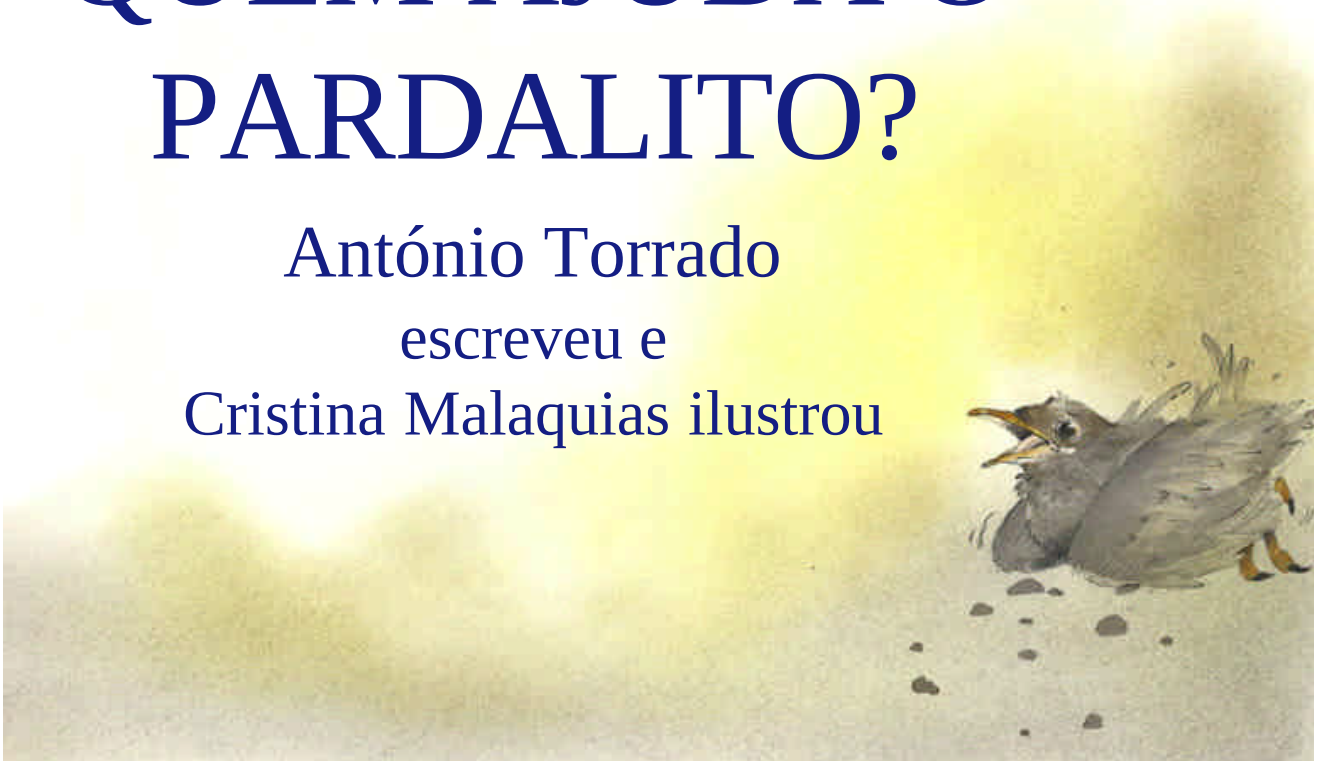
Comentário de um dos polícias que participou na captura: "Quem rouba um papagaio que fala, o melhor é ensiná-lo a calar-se..."

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

QUEM AJUDA O PARDALITO?

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era um passarinho caído do ninho. Mais precisamente um pardal, um pardalito tontelas, de asas molhadas de medo.

Os irmãos tinham-no empurrado, sem querer, e ali estava ele, a pisar pela primeira vez o chão áspero que lhe feria o macio das patas. Dava saltinhos, a ensaiar o voo, mas ainda estava longe de saber voar. Que ia ser dele?

Viu uma formiga, a correr de um lado para o outro, e pediu-lhe, num fiozinho de choro:

– Ajuda-me.

Ela nem lhe respondeu, atarefada que andava, lá na vida dela.

Viu um besouro, a voar em círculos, e pediu-lhe:

– Ajuda-me.

Mas o besouro, talvez por culpa do motor barulhento que o sustinha no ar, nem lhe ligou.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Viu uma andorinha nem que uma seta, a rasar o chão, e pediu-lhe:

– Ajuda-me.

Mas já a andorinha ia muito longe, a apagar-se no céu.

Que ia ser dele?

Havia de vir um gato e dar-lhe uma sapatada.

Havia de vir uma cobra e dar-lhe uma picada.

Havia de vir um cão e dar-lhe uma dentada.

Mas veio uma menina que andava a colher amoras para dentro do chapéu de lona, e levou-o com ela.

O pardalito nem se atrevera a pedir-lhe ajuda. Ela é que o achara e ameigara nas mãos em concha, como se fosse em ninho.

Levou-o para casa. Deu-lhe pãozinho. Deu-lhe miminhos.

Eu conheço essa menina. E também o pardalito, agora um pardal pardalão que não se cansa de voar.

Mas por onde quer que ande, no seu agitado voo de pardal aventureiro, de uma coisa se não esquece. Todos os dias, à mesma hora, bate com o bico na vidraça da janela. A menina abre-a e dá-lhe as migalhas da merenda. Depois, o atrevido salta-lhe para o ombro e pica-lhe, num desafio de ternura, a polpa da orelha. A menina encolhe-se num riso e ele foge a gorjear de alegria.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM SONHO DO JOCA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Quando eu vi, na televisão, a estátua de D. Pedro IV, a cavalo numa bicicleta, e, depois das vistas sobre o Porto, passaram ao Mosteiro da Batalha, para mostrarem a estátua de D. Nuno Álvares Pereira, também montado noutra bicicleta, embora mais antiga, eu percebi que estava a sonhar.

Nesse sonho, eu apagava o televisor e descia à rua, a caminho da Praça da Figueira, em Lisboa. Lá estava o rei D. João I, todo ancho, em cima de uma bicicleta da mesma marca da do Condestável D. Nuno.

Seguindo pela Baixa fora, com um trânsito de ciclistas que não se faz ideia, ia ter ao Terreiro do Paço. No meio da praça, o rei D. José de bronze olhava o Tejo, sobre uma bicicleta, com a roda da frente no ar. Devia estar a fazer uma pirueta, em cima do pedestal, para chamar a atenção.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Seria difícil repararem nele, com tantas bicicletas paradas e empilhadas, à roda da estátua. Em vez de um parque de estacionamento de automóveis, o Terreiro do Paço tinha-se transformado num parque de estacionamento de bicicletas. Pequena diferença, afinal.

Onde se estranhava mais a diferença era no movimento do Tejo. Dantes, os cacilheiros atravessavam-no de lado a lado. Agora, no meu sonho, grandes "gaivotas" de pedais, com dezenas de passageiros pedalantes, andavam de cá para lá, de lá para cá.

– Estou com umas dores na barriga das pernas que mal me tenho em pé – queixava-se uma senhora, ao desembarcar de um dos tais cacilheiros de pedais. – É que há uns que pedalam e outros que fazem de conta...

Os comboios partiam ao sinal de uma pistola de fulminantes, empunhada pelo chefe da estação. Cada passageiro, no seu respectivo lugar, punha-se então a pedalar com toda a força, como se estivesse numa corrida de bicicletas. Mas, neste caso, chegaram todos à meta ao mesmo tempo.

– Ainda há lugares? – perguntou um passageiro, na paragem seguinte.

– Se não vier muito carregado e se for enérgico de perna, pode entrar para o pelotão – respondia-lhe um senhor magrinho, montado num dos lugares-bicicleta.

E já com o comboio a deslizar sobre os carris, este senhor contava para os companheiros de viagem:

– Na semana passada, fui a Leiria, mas caí na asneira de entrar num comboio quase vazio. Demorei três dias a chegar.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Estes comboios estão cada vez piores – comentaram em volta.

– Eu cá não me queixo – continuou o senhor magrinho. – A paisagem ao longo da linha é muito bonita e eu emagreci quinze quilos.

Via-se.

– Fiz esta viagem por recomendação do médico. Eu estava um bocado gordo. Mas acho que exagerei.

Os restantes passageiros também acharam, enquanto, suando, pedalavam juntos, a caminho de Sintra.

O país de Norte a Sul era uma permanente volta a Portugal em bicicleta. Auto-estradas, estradas, ruas, pontes, caminhos, cheios de ciclistas pedalando...

Uma bicicleta por cada português. Ou mais. Assim que uma criança deixava de andar de gatas, passava a andar de triciclo. Algumas, só depois é que aprendiam a andar em cima dos seus próprios pés.

Nunca vi tantas bicicletas juntas como no meu sonho.

Mal acordei, fui logo contá-lo aos meus pais, que estavam a tomar o pequeno-almoço. Um sonho tão lindo tinha de ser partilhado.

O meu pai, depois de me ouvir, poisou a chávena de café e olhou para mim, muito sério.

– Queres, então, que eu te compre uma bicicleta, para as próximas férias, é? – perguntou ele sorrindo.

Como é que o meu pai tinha adivinhado este meu secreto desejo, nunca revelado a ninguém?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM A NO PEITO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma T-shirt com um A impresso no peito. Ou melhor: era uma vez um rapazinho com uma T-shirt, que tinha um A impresso no peito. Um A grande. Muito bem desenhado. Com dois traços assim, a descer, cada qual para seu lado, e outro assim, a cortá-los, na horizontal. Claro que todos sabem como é que se escreve um A. Mas deixem-me também a mim provar que sei...

Perguntavam ao menino, o tal da T-shirt com um A impresso no peito:

– Como é te chamas? António?

– Não.

– Alberto?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Não.
– Álvaro?
– Não.
– Ah! Pois claro. Chamas-te André!
– Não.
– Agostinho?
– Não.
– Almiro?
– Não.
– Alfredo?
– Não.
– Alípio?
– Não.
– Albano?
– Não.
– Não é possível! Então como é que tu te chamas?
– Timóteo.
– Timóteo? Mas não tem A. Espera: estás a usar uma T-shirt emprestada?
– Não.
– Nesse caso o A é nome de família... Chamas-te Timóteo Alves? Almeida? Amorim? Andrade? Antunes?

Não havia meio de acertar.

Só então é que a T-shirt se explicou:

– Não gosto que me tratem por T-shirt. Chamo-me Camisola de Manga Curta e de Algodão. O A de algodão é nome de família.

Foi a partir desta altura que as outras peças de roupa passaram a exigir, bem assinaladas, as respectivas letras iniciais do apelido. L de lã para as meias. S de seda para as blusas. F de feltro para as calças.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E se não fizermos a vontade, a roupa já disse que deixa de nos servir.

Que transtorno, ehm!? Principalmente no Inverno...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

MAIS UM

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma galinha pedrês que s
até três.

Logo aconteceu nascerem-lhe quatro pint
Ela contava-os assim:

– Um... dois...três... e mais um.

As galinhas que o dissessem, coitadas, de
a sangrar das bicadas do tiranete. Todo o po
o detestava. E com razão.

Mais Um, "O Terrível", cantava de alto.
convencido que se não fosse ele o primeir
campos adormecidos com os seus g
madrugador, os restantes galos do p
acanhamento, nem cantariam.

Foi o que aconteceu, ainda há pouco. Onte
voz de comando do Mais Um, não houve ga
a alvorada. Que acontecera?

Os pombos do pombal é que espalharam

– Morreu Mais Um às mãos da Conceiçã

– Mais Um sacrificado, em canja e em gu

– Lá está Mais Um no prato, duro que
sapato...

Houve um certo alívio nos galinheiros. N
lembro que hoje os galos ainda não cant
Talvez um secreto mal-estar se tenha e
criação. Imagino os galos no poleiro, cada
matutar: "Foi-se Mais Um... Quem
Pensamentos destes não dão mote para cant

ELE HÁ CAD
NOME

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Há nomes que nem inventados. Mas sã
Eu garanto, porque os colecciono e cato, u
listas telefónicas do país.

A família Barriga, por exemplo, tão
Portugal. Já no tempo do nosso primeiro r
Afonso Henriques, vivia, na província

E o caso do Dr. Pedro Branco que se ca
senhora de apelido Feijão e tiveram un
Branco?

Mais ou menos semelhante, e também ve
caso ou casamento que uniu D. Maria José
Engenheiro Manuel da Silva Guisado. O
chama-se Abel Coelho Guisado e não se im

Nem tem nada com que importar-se, po
verdadinha, há nomes muito mais esquisitos

Contou-me a minha avó que um casal
filhos foi brindado com mais uma criança
rapazinho que havia de se chamar...

– André – disse o pai.

– João – disse a mãe.

– Fernando – disse um avô.

– Camilo – disse o outro avô.

– Manuel João – disse uma avó.

– João Manuel – disse a outra avó.

Não se entenderam. Quando, na cerimónia
foi preciso assentar o nome do bebé no livr
ainda a família não tinha chegado a uma de
a mãe, para safar a encrenca, ditou ao sacris
de pena suspensa sobre o livro dos registos:

conhecido pelo que de bom fizer. Se for p
fizer, então, sim, já terá razão para enve
nome.

Grandes verdades ensinava a minha avó, c
Torrado, que, todos concordarão, não é u
muito vulgar...

FIM

NEM TAN
ASSIM

António Torrad
escreveu e
Cristina Malaquias ilu

Era uma vez um pinheiro, um vulgarí
de pinhas chochas e tronco escanifrado, igu
outros.

Pois este pinheiro quis passar a chamar-s

– Dona Madalena Nogueira é como passar
– exigiu ela.

Logo um carvalho, que nunca fora outra c
em diante, ser tratado por Manuel de So
Professor Doutor Manuel de Sousa Carvalho
letras e respeito.

– Se ele é professor, então eu não sou nad
-se um salgueiro, à beira rio.

E, dada a sua proximidade da água, fez
responderia pelo nome de Almirante Filipe d
e Salgueiro, com muita honra, ora pois!

Um vendaval de maluquice agitou o arvor
arbustos, dantes tão pacatos, tão alheio
exibiam, agora, cartões-de-visita, como se fo
gente ilustre!

Até que se passaram por lá uns lenhado
mecânicas e tractores, dos que arrancam
tudo, revolvem tudo...

O primeiro a sofrer-lhes o embate foi o
Pinheiro, tonto pinheirinho que nem chegou
mais, de seguida. Tudo a eito.

Escapou o carvalho, atendendo à idade e
copa. À sua volta, depois do assalto dos

bolas e as bolas saltam, fogem, correm, à p
buracos numerados, um, dois, três, quatro
Parece que só assim é que estas bolas apren

As senhoras e os senhores, nos interv
descansam à sombra da árvore centen
ocasiões, o carvalho ouve as conversas e fic
nomes dos ilustres jogadores.

São o Doutor João Pinheiro, o Almirante
um professor Doutor Sousa Carvalho por l
não falar do Capitão Loureiro, do Arquitect
do engenheiro Madeira de Oliveira e de out

Com tudo isto, o velho carvalho anda mu

FIM

QUEDA PARA
NEGÓCIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustro

Um rato, que andava a viajar, chegou, a
margem de um rio profundo. Nem ponte ne

Uma rã, que andava por ali, ofereceu-se p
ao outro lado. Como paga pelo serviç

A rã pôs-se a nadar, com o rato encavalit

Faltavam talvez dois terços da viagem disse:

– Afinal você pesa mais do que eu supunh fatias pelo transporte.

O rato, que não sabia nadar, olhou pa corrente assustadora, e disse que sim. Ne remédio.

Mais adiante, voltou a rã:

– Estive a pensar que quatro fatias não ch em cinco. O que é que acha?

O rato atemorizado achou bem. Se achas esperaria?

Estavam a chegar ao sítio mais fundo do

– Amigo rato, vamos concluir o negóci fatias levo-o à outra margem. Combinado?

– Combinado... – disse o rato, a tremer d

E assim continuaram, até terem a marge calmo, o rato falou assim:

– Eu não sou de regatear, mas sobre conversa de há bocado, compete-me dizer preço muito pesado.

– Mau! – sobressaltou-se a rã. – Então em

– Já me tinha constado que se não negócios com ratos – disse de si para si a r pouco honestos...

E o que diria o rato, se pudéssemos ouvi-

FIM

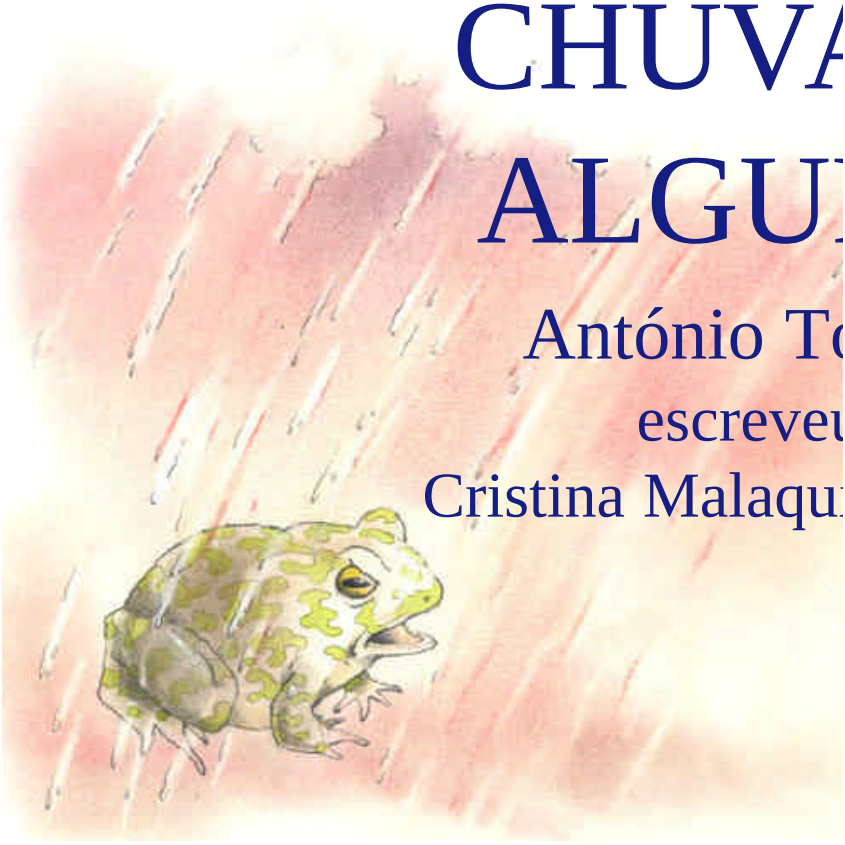
CHUVA

ALGU

António T

escreveu

Cristina Malaqu



Estava a cair uma chuvinha cor-
persistente.

Isto passa-se num planeta algures - parec
mesmo Algures - lá para os fundos do unive

Aqui (ou ali?) só vivem sapos e rãs, únic
do planeta, onde chove continuamente e se
Tanto pode a chuva ser verde-alface

Escorregou a última gota rosada de chuva esverdeada acastanhada do sapo, que elegem da nossa história, e o chuveiro emperrou.

O sapo Tubi interrogou com inquietação manteve cinzento e impassível. Nunca tal tin

Podia a época ser de aguaceiros, mas c descanso. Agora, um intervalo na chuva, p fosse, era inconcebível.

Saltando e chapinhando de poça em poç sapos reuniram-se para analisar em conju fenómeno.

- Sinto a pele cada vez mais seca - queix mais alarmista.

- Por este andar vamos nadar em seco outra rã não menos alarmista.

Tudo um exagero. O planeta Algures, so lagos e charcos, tinha água de reserva para m gerações. Mas a inesperada ausência de chu de causar inquietação.

No meio da coaxante assembleia, o sapo T

- Fui eu o culpado.

Houve um grande espanto e um grande sapo Tubi aproveitou para prosseguir a

carregam a água que desaba sobre a no
insignificante pensamento de um sapo não a
prática. Isso não entra na cabeça de ninguér

Mas o sapo Tubi não saía da sua:

– Eu disse em voz alta, muito alta
melindraram-se, ressentiram-se.

Fosse do que fosse, não havia meio de a c
planeta Algures. O caso estava complica
imaginar-se que, ao fim de muitas gerações
da seca acabasse com a vida no planeta. As p
futuro, a longo prazo, eram calamitosas.

As rãs já não saltavam com o mesmo vigo
coaxavam o seu grunhido de uma única sílab
noite fora. Andavam todos muito desalentad

Até que o Tubi, fixando tristemente o c
saiu com esta:

– Quem dera que chovesse, nem que foss

De imediato, uma gota de água transpa
focinho do sapo. Ele lançou a serpentina da
fora e provou-a. Não sabia a nada, mas era
pura.

Depois da primeira gota, muitas outras se
Voltava a chover no planeta Algures e log

O PRÉ
HARMO

António T
escreve
Cristina Malaqu

D

Tenho um vizinho que toca violino, e
toca violino o meu vizinho. Mora no 1.º esq

Tenho outro vizinho que toca violoncelo,
toca violoncelo o meu vizinho. Mora no 2.º

Tenho outro vizinho que toca piano, e qu
piano o meu vizinho. Mora no 1.º direito.

Tenho outro vizinho que toca viola cláss

Não tem mais andares o nosso prédio. É
o primeiro e o segundo. Então onde é que n
conta?

Onde é que eu moro, querem saber? M
num canto escondido, e não me canso de ou

Quando oiço os meus vizinhos tocar,
surdina, em segredo, como se eles pu
"Certinhos! Certinhos! Muito certinhos!".
muito harmonioso.

Pelo meu lado, faço o que posso. Tamb
claro. Toco harpa. Sou a aranha da escada
quando os meus vizinhos já estão a dormir.
em sonhos, eles devem ouvir-me.

Assim, o prédio harmonioso nunca conhe

FIM

O CAVAL
CABE

António T
escreve
Cristina Malaqu

Era uma vez um cavalo sem cabeça. brincar, um cavalo de balancé.

Onde tinha ido parar a cabeça, ele não velho, todo estragado e também muito es

– Guarda-se cada coisa mais inútil – disse

Eram dois homens, que estavam incumbi daquela casa de arrumos, para transformá-la noutra divisão qualquer. Iam abrir janelas, assoalhar o chão. Mas primeiro tinham de que não prestasse.

As tralhas retiradas da arrecadação amon terreno, ao sol. Mais pareciam sobras de um

Eram malas que não fechavam. Maple Cadeiras sem pernas. Guarda-chuvas sem meio podre, bolorento, cheio de pó e teias d

– Guarda-se cada coisa mais inútil – vo homem, que não devia saber dizer outra coi

No cimo do monte de tarecos, o cavalicoq Se tivesse cabeça, devia apreciar o destaque

– Deita-se-lhes fogo – propôs um dos hor

Assim fizeram. As labaredas roeram de b o que havia a roer. Caíram destroços de coisa em destroços. Fumo. Lume. Cinzas.

Anoitecia. O cardume de fogo assarapant uma fogueira majestosa.

Estilhaçadas e afundadas pelas labare deixavam de ser o que eram. Só o caval

escuro do firmamento. Tinha cabeça, crina labaredas, o corpo em brasa viva. Era ágil um grito. Desvaneceu-se no azul da noite.

Logo após a fogueira ruiu, esbarrondou-s torresmos incandescentes.

Mas o cavalo de fogo eu vi. Ia a passar po relance, como um relâmpago, o cavalo em tudo o que se desfazia em cinzas e pular p das estrelas.

Garanto que vi. Se não visse não contava

Até me recordei, de repente, se não ter criança, um cavalo de madeira, que cavalgava, sem passar do mesmo sítio. Te ideia que sim.

Só não me lembro do nome que lhe "Labareda". Seria "Labareda"? A gente esqu entretanto.

FIM

DOIS GRÃOS DE AREIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Dois grãos de areia encontraram-se, numa praia. Vinham de sítios diferentes. Um andara pelo mar, revolvido do fundo, ao sabor de ondas e marés. O outro provinha de uma pedreira, esbarrondada por chuvas e vendavais. Não tinham a mesma experiência de vida.

O grão do mar, encostado ao grão de terra, pôs-se a recordar:

– Milhares de anos até vir aqui ter... O que eu passei!

– E eu? – suspirava o outro grãozinho. – Se te contasse, nem acreditavas...

– Merecemos descanso – concluiu o grão do mar. – E, a propósito, o colega podia chegar-se um pouco mais para lá? Estamos tão apertados.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Não é culpa minha. Empurram-me outros grãos. São muitos.

– É o inconveniente destas praias. Muito povoadas de grãos de areia – lamentou-se o do mar. – Quem me dera um espaço só para mim!

O destino fez-lhe a vontade. As sandálias de um menino arrebataram-no. Nem tempo teve de se despedir do companheiro de ocasião...

– Tens as sandálias cheias de areia – disse a mãe do menino ao menino, à porta de casa. – Sacode-as bem.

Ele assim fez e o grão de areia saiu disparado para um cova de rua. Veio a roda de um carro e cuspi-o para o parapeito de uma janela. Veio o espanador e atirou-o para um quintal.

A pétala de uma flor acolheu-o. Uma tesoura cortou a flor. A flor foi para uma jarra. A pétala esmoreceu e caiu no chão. O grãozinho escorregou, rolou e foi parar a um canto de pó. Estava, finalmente, sozinho.

E do outro grão, que nascera numa pedreira, também querem saber? Então, eu conto.

Uma gaivota a espanejar-se na areia levou-o na asa. A sobrevoar um rochedo, a gaivota sacudiu-o e o grãozinho caiu para dentro de um mexilhão, que estava de casca aberta. Ondas altas partiram a casca do mexilhão. O grãozinho rolou e conheceu os fundos do mar. Veio um peixe e engoliu-o. Veio uma rede e pescou o peixe. Veio uma faca e abriu o peixe. Veio a água da torneira e lavou as areias das entranhas do peixe, que correram cano abaixo, até serem despejadas no mar.

"Outra vez?", estranhou o grãozinho. Mas, por pouco tempo. Uma ondinha atirou-o para uma enseada. Como

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

não era praia que ele conhecesse, nem procurou pelo colega, com quem há muito tempo tinha estado à conversa.

Alguém poisou o relógio sobre a superfície da areia. O peso inesperado sobressaltou milhares de grãos, que acorreram ao tic-tac. Um deles, por acaso ou curiosidade, insinuou-se por um buraquinho e entrou dentro do maquinismo. Era o nosso grão, o que quase dera a volta ao mundo.

– Este relógio não anda a trabalhar bem – disse, tempos depois, não sei quem. – Tenho de levá-lo ao relojoeiro.

E levou. O relojoeiro abriu a caixa do relógio e, de lupa assestada no olho esquerdo, debruçou-se para os rodízios, que pulsavam nervosamente.

– Tem um grão de areia na alma, a travar o mecanismo.

Isto disse o relojoeiro, como se fosse um cirurgião e o relógio um doente. Com uma pinça desalojou o grãozinho. O relógio voltou a marcar ajuizadamente o tempo.

O grão de areia rolou. Pisado por muitos pés, andou aos baldões. Era um grão de areia resistente, que já experimentara muita vida. Até, uma vez, quase parara o tempo...

Foi ter a um canto de pó.

– Olá, colega – saudou-o uma voz. – Se não me engano, já nos conhecemos, ou não?

Era o outro grão do princípio desta história. Há coisas que até custam a crer...

– Por onde é que andou?

– Por aí, um pouco ao acaso – respondeu o grãozinho recém-chegado.

– Eu também – respondeu o mais velho no lugar. – Mas já descansei. Tão sozinho que estava, já me sentia mal.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Ainda bem que veio.

Ficaram a contar um ao outro as respectivas aventuras. Como nós já as conhecemos, podemos ficar por aqui.

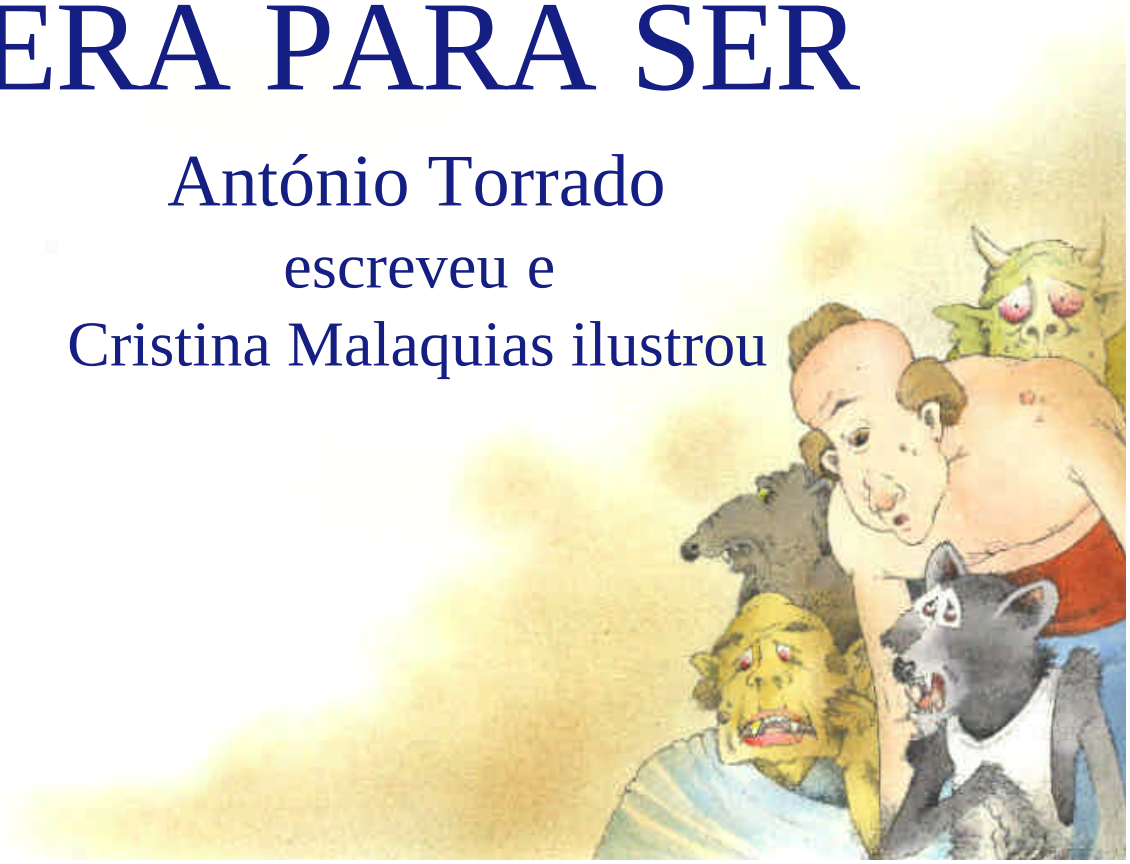
É que se não acabamos, mais dia menos dia, os dois grãos vão separar-se outra vez e voltar a correr mundo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ERA PARA SER

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Há muitos monstros nesta história. É um aviso, a tempo. Não querendo, não conto.

Estava a apetecer-me, mas desisto. Mudo para uma história sem monstros. Pronto, acabou-se. Ele há tantas histórias por contar...

Por sinal que nesta até havia monstros simpáticos. Coitados. Que culpa tinham eles, se os enfiaram a todos na mesma história, empurrados, varridos, enxotados, expulsos, desterrados das histórias onde estão proibidos os monstros.

A monte, num grande aperto, ogres, lobisomens, monstrengos e gigantones eram um espectáculo desolador.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Já não metiam medo. Quanto muito, metiam dó.

– Prestamos para nada – dizia um gigantão, com um olho só, no meio da testa. – É que ninguém, ninguém, ninguém nos liga.

E tinha razão o ciclope. Limpou uma lágrima que lhe escorria do olho único e fungou, que nem um menino amuado.

Como os monstros não se assustam uns aos outros, que préstimo tinham, ali acocorados, de cabeça baixa, a limparem as unhas, feitos monos?

– Só se fizéssemos um concurso. Elegíamos a Miss ou o Mister Monstro, que tinha de ser o mais feio de nós todos – sugeriu um lobisomem horrendo, com uma secreta esperança de ganhar. – Convocávamos a televisão e fazíamos um grande desfile.

Em resposta, um ogre, que estava perto, fez uma pavorosa careta de incredulidade.

– Concursos só se forem de beleza. A televisão não se interessa por concursos de fealdade.

Enganava-se. Este ogre estava pouco a par da programação televisiva. Não há nada mais na moda do que concursos de monstros e de monstruosidades.

Houve logo uma estação que pegou na ideia. E exigiu exclusivo.

– Preparem tudo em segredo, para que não haja fuga de informações nem copianços – recomendou o director do canal televisivo.

– Mas isso não era possível, porque estamos cá todos. Não há mais monstros por fora – disseram os monstros.

– Vocês esquecem-se de que a concorrência é terrível e bem capaz de inventar um concurso de falsos monstros –

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

lembrou o director da estação, que sabia do que falava.

Mas, afinal, não chegou a haver concurso, para grande desolação dos monstros concorrentes. Sabem porquê? Porque não se conseguiu juntar um júri à altura.

Os jurados ou se amedrontavam ou desatavam a rir, para não se amedrontarem. Vieram levas sucessivas, à experiência, de óculos escuros, sem óculos escuros, de lenço ao pescoço, sem lenço ao pescoço, e ninguém ficou para as provas finais.

Em conclusão: os monstros voltaram ao mesmo desânimo. Se os deixassem passear, nem que fosse só um bocadinho, entrada por saída, vou ali e já venho, pelas histórias donde tinham sido expulsos, talvez arribassem, ganhassem melhor parecer, mais verdes, mais escamosos, mais peludos...

Qual quê! Ninguém os pode convidar para semelhante passeio. Até eu, que, às vezes, tenho ganas de contar histórias de monstros, sou sempre obrigado a desistir. Como agora.

Em segredo, aqui para nós, talvez volte a tentar, lá mais para diante.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

AQUI NÃO VOLTO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Quando entrei no hotel, estava uma senhora muito gorda à entrada, que me olhou com curiosidade. Devolvi-lhe o olhar, enquanto tirava a mala do carro, e esbocei um sorriso de cumprimento. Talvez nos conhecêssemos de algum lugar.

A senhora devolveu-me o sorriso e ficámos quites.

Junto à recepção, estavam dois senhores muito gordos à conversa. Suspenderam as falas, quando me viram entrar. Cumprimentei-os, eles cumprimentaram-me e também ficámos quites, isto é, empatados nos cumprimentos.

A caminho do quarto que tinha reservado, passei por diversos senhores e senhoras, todos bastante nutridos, que incidiam sobre mim pesados olhares de interrogação.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Comecei a não sentir-me à vontade. Que desconforto. O que é que eu teria que chamasse tanto à atenção?

Ao passar por um espelho de um dos salões do hotel, mirei-me, para me certificar se estava compostinho. Podia por distracção estar desabotoado ou trazer uma serpentina presa a um sapato...

Isto da serpentina tem razão de ser. Uma vez, terei pisado uma pastilha elástica que se agarrou ao resto de uma serpentina, deixada no passeio (estava-se em período carnavalesco) e eu entrei numa cerimónia muito grave e distinta com um resto de serpentina atrás de mim. Quando, pelos olhares de reprovação à minha volta, dei por mim, tentei desembaraçar-me da longa e comprometedora fita de papel presa a um dos pés, mas com tanto azar que perdi o equilíbrio, logo na ocasião em que se dirigia a mim, para cumprimentar-me, o presidente da cerimónia. Caí-lhe nos braços, para grande surpresa do senhor, que não esperava tal efusão da minha parte e, quando ele se virou, vi que, sem querer, lhe tinha prendido a pastilha elástica e a serpentina às costas. Que desastre. Nem me quero lembrar, que me arrepio todo.

Desta feita não havia nenhuma serpentina que chamasse a atenção sobre mim. Então, do que seria?

A caminho do almoço, voltei a passar por senhoras e senhores, alguns gordíssimos, metidos em fatos de treino do tamanho extra, e outros apenas gordos, mas que ao lado dos mais volumosos quase pareciam elegantes.

Todos me observavam de alto a baixo, com uma indiscrição quase afrontosa. Comecei a sentir-me incomodado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

No restaurante do hotel, era o único comensal. Mesas todas vazias, cada uma com uma jarrinha florida ao meio, e quatro cadeiras de espaldar alto à volta.

Ao ocupar uma delas, sob a vigilância dos criados perfilados, perguntei ao chefe, que acorrera a empurrar-me a cadeira:

– Cheguei cedo demais para o almoço?

– Não. Nada. Perfeitamente – enquanto me estendia o menu.

– Então cheguei tarde?

– Não. Nada. Perfeitamente – repetiu, puxando de um bloco de notas, para assentar a encomenda.

Eu é que não desistia:

– E os outros hóspedes?

– Comem na piscina – esclareceu o chefe de mesa, com um sorrizinho de condescendência.

Estranhei. Quem se mete na água, seja em piscina, seja no mar, só deve fazê-lo depois de feita a digestão. É uma regra de ouro.

Como não tencionava ir nadar, comi bem e fartamente. Caldeirada, cabrito assado e bolo de bolacha. Desculpem se arrotei.

Felizmente que a comida não me pesa. Digiro bem, desgasto muito e continuo tão magro como na minha adolescência. Na escola chamavam-me o "Chico Fininho", menos por ser Francisco de nome do que seco de carnes.

Para desmoer, fui dar um passeio até à piscina do hotel. O espectáculo que se me deparou, nunca o esquecerei. A piscina até era grandinha, mas transbordava, inundando o relvado à volta. Pudera. Cheia de gordos, gordinhos e gordíssimos que tentavam nadar, sem se empurrarem uns

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

aos outros... A piscina era um festival de barrigas.

As senhoras e os senhores pararam de esbracejar, quando me viram. Senti-me nu, eu que era o único mais vestido de todos. E fugi, fugi, em direcção à recepção, para perguntar ao recepcionista, razoavelmente gordinho, o que se passava.

– Há algum congresso no hotel de pesos pesados?

Finalmente, fui esclarecido. O hotel, na época baixa, a menos frequentada por turistas, promovia uns programas de emagrecimento, para quem necessitasse de derreter uns quilos. Constava o programa de exercícios físicos, rigorosa dieta, saladinhas e sumos de fruta e repouso e concursos semanais, com prémios de bolinhos secos e bolachas dietéticas, para os que mais se tivessem esforçado e adelgaçado.

Agora, eu compreendia o olhar que me deitavam. Era de inveja, de profunda e desabrida inveja, por saberem que o "Chico Fininho" não tinha de sujeitar-se a estas torturas da fome.

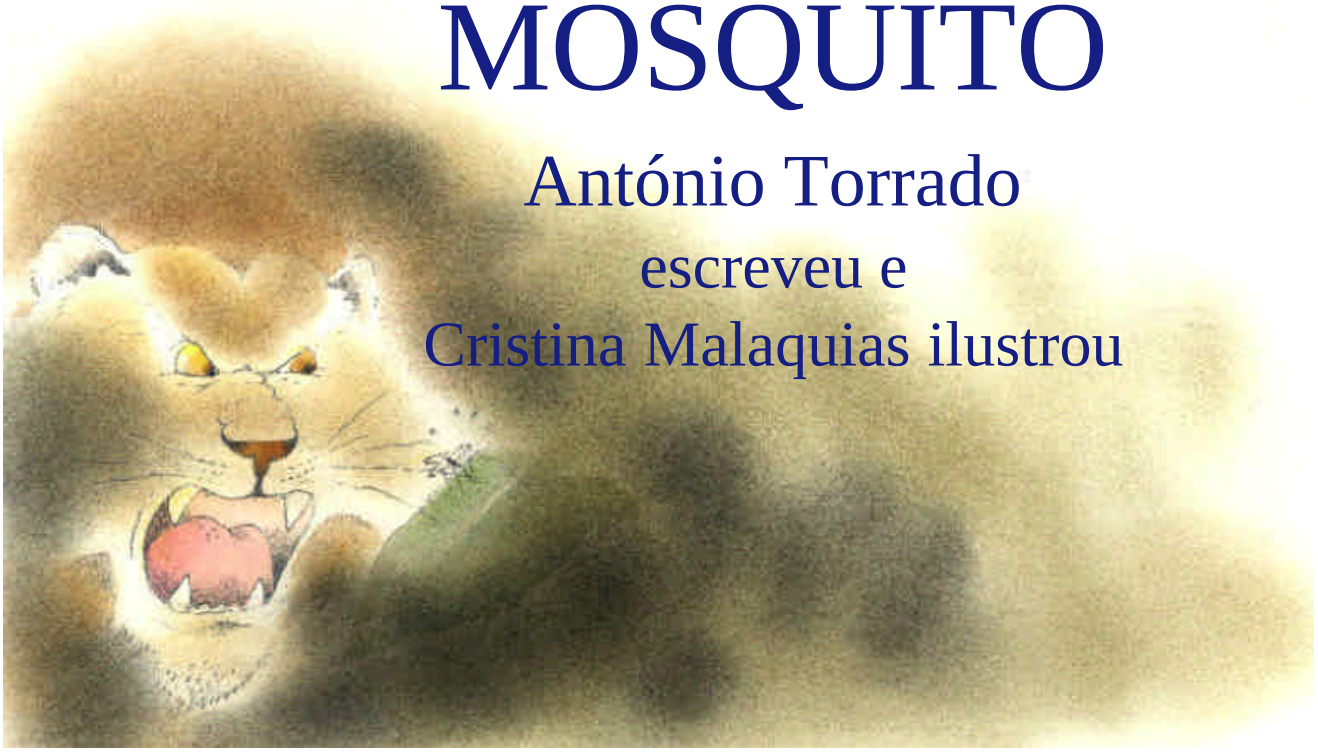
Aterrorizado, pedi a conta e saí do hotel nesse mesmo dia.

Tenho de começar a ponderar melhor o que e quanto e quando como. À cautela. É que, ontem, precisei de atrasar um furo à fivela do meu cinto. Devo estar a ganhar barriga. Ou terá sido mau olhado, lançado pelos hóspedes do hotel?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O LEÃO E O MOSQUITO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Algures, no coração de África, sobre uma folha tenra e macia da floresta, um mosquito dorme.

Assim que o sol desaparecera no horizonte, o mosquito tinha procurado um poiso tranquilo e adormecera. Com ele, tudo à sua volta adormecia também. Mas eis que rompe o silêncio um tremendo ru-ru-ru-gido.

Estremunhados, os bichos acordam e o mosquito da nossa história ergue-se e esfrega os olhos com as patas da frente:

– Que é isto? – pergunta ele, supondo-se no meio de um mau sonho.

– É o leão, o leão terrível – sussurram vozes, aqui e acolá, no escuro da floresta.

Enorme é ele, não há dúvida. Bamboleando a sua imensa majestade, chicoteando o ar com a cauda felpuda, de focinho torcido e sobrolho carregado, o leão avança.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O mosquito via mal ao longe. Não fosse ter descido, filtrado pelas nuvens, um raiozinho de luar azulado e ainda a estas horas o mosquito estaria para descobrir quem tão brutamente interrompera o seu sono tranquilo.

– Cale-se e tenha maneiras! – gritou o mosquito, muito abespinhado. – Isto são horas de andar a acordar quem precisa de dormir?

Os bigodes eriçados do leão quase tocavam a folha que servia de cama ao mosquito destemido.

– Quem és tu, insignificante criatura, e quem te deu o direito de te opores às minhas vontades? – perguntou ele, arregalando os olhos que pareciam dois faróis.

– E a si quem lhe deu o direito de me incomodar nos meus domínios?

A esta insolência, o leão fez um grande esforço para não perder a calma.

– Essa é boa! Eu sou o rei da floresta, por isso faço o que me apetece, digo o que me apetece, como o que me apetece e rujo, canto, urro, brado, quando muito bem me apetece.

– E quem lhe disse que era o rei da floresta? – interrompeu-o, tranquilamente o mosquito.

O leão rugiu:

– Que escandaloso atrevimento! Sou o rei, porque sou o rei. Todos os bichos o sabem e têm medo de mim.

– Engana-se – replicou-lhe o impertinente insecto. – Eu, por exemplo, não tenho medo de si. E posso prová-lo.

– Mas isto é inacreditável! – exclamou o leão de juba eriçada. – Um mosquito tem a ousadia de provocar o rei dos animais? Nunca em tal se ouviu falar.

E, dizendo isto, o leão soprou, com quantas forças tinha, para cima da folha, onde estava o mosquito. A folha

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

balançou-se como se o vento a impelisse, enquanto o mosquito, agarrado a ela, rindo-se, pedia:

– Mais, mais. Que belo baloiço!

O rei dos animais não podia suportar tanto descaramento. Abrindo a bocarra, fez menção de engolir o mosquito, mas o insecto, ligeiro, escapou-se a tempo e só a folha entrou, inteirinha, na garganta do leão... O rei dos animais engasgou-se e tossiu:

– Ah! Hoc! Ah! Hoc! Hoc!

Entretanto, o mosquito fora alojar-se, sabem onde? Numa das narinas da fera, nem mais nem menos. As cócegas e as picadas puseram o rei dos animais a espirrar que não tinha fim:

– Atchim! Atchim! Larga-me, deixa-me... Hoc! Ah! Eu abdico... Atchim! Faço-te rei dos animais... Hoc! Atchim! Faço-te rei, se me deixares em paz!

Ao ouvir isto, o mosquito abandonou a narina do leão, que se pôs a correr pela floresta fora, tossindo ainda, atordoado e vencido.

– Escutem todos – zumbia o impertinente insecto, alertando a noite num voo desordenado. – Agora eu é que mando. Sou eu o rei dos animais. Esta floresta e as outras florestas pertencem-me. Os bichos que as povoam devem--me obediência, porque eu sou o rei. Eu sou o rei dos animais! O REI!

E seria, de facto, o rei dos animais, se não tivesse esbarrado numa enorme teia de fios invisíveis, tecidos pela gulosa aranha das oito patas...

E lá se acabou o reinado do rei mosquito.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BOM GIGANTE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um gigante que não gostava de ser gigante.

– Chamo muito a atenção – queixava-se ele. – Para onde quer que vá, todos, de longe, apontam o dedo para mim "Lá vai o gigante!" E assustam-se. E abusam do meu nome e pessoa, metendo medo aos meninos: "Se não comes a sopa, chamo o gigante". E espalham disparates a meu respeito, dizendo que eu como gente, sou mau e outras calúnias que tais. Não aturo isto.

Pôs-se a andar de joelhos, a ver se não davam tanto por ele. Qual quê! Um gigante de joelhos, quer se queira quer não, é sempre um gigante, ainda que de joelhos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Deixou de aparecer. Fechou-se no seu palácio de gigante e nunca mais pôs um pé fora de casa. Mas um gigante escondido, que de um momento para o outro pode aparecer, aterroriza ainda mais a vizinhança do que se andasse sempre na rua.

– Vou mudar de terra – decidiu o desgostado gigante.

Andou por vários reinos, sempre precedido pela sua fama.

– Vem aí o gigante – gritavam.

E todos fugiam.

Até que foi ter a uma terra de gigantes. De gigantões. Todos muito maiores do que ele.

– Aqui é que me convém ficar a viver – disse o gigante. – Ninguém vai reparar em mim.

Por acaso reparavam. Chamavam-no, nessa terra, de gigantões matulões, chamavam ao gigante desta história de "pitorro", "badameco", "homenzinho", "pigmeu"... Mas ele, que tinha muito bom feitio, não se importava.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

VIVA O NATÉRIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Lá na aldeia todos sabiam que ele era ladrão, mas tinham-lhe medo.

Diziam que ele assaltava viajantes, noite alta. Também contavam de assaltos a casas dos povoados próximos, estivessem lá moradores ou não. E era cruel, rancoroso, arrebatado, perverso. Um tojo, um cardo de malvadez.

A gente pacífica da aldeia não descortinava maneira de ver-se livre do malfeitor. No tempo em que esta história aconteceu, não havia polícia senão nas cidades maiores. Os caminhos para lá chegar eram demorados e pouco seguros.

Por isso, sem autoridades que lhes valessem, os aldeãos viviam em perpétuo terror.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Até que, um dia, o Natério, um dez-réis de gente, mas muito vivaço e destemido, resolveu dar a volta à história. Naquele estado de pavor geral é que as coisas não podiam continuar.

Antes de o ladrão ir ter à casa onde se acoitava, costumava passar por perto de um poço da aldeia. Quando lhe adivinhavam a sombra, as mulheres que vinham buscar água fugiam e até bilhas e celhas deixavam na borda.

Desta vez, o malfeitor encontrou um rapaz, que chorava baba e ranho, à beira do poço. Era o Natério.

Não que se impressionasse com as lágrimas, mas por curiosidade, o ladrão perguntou qual a razão da choradeira.

– Trazia uma pesada taça de prata, que a minha mãe tinha areado, a mando do senhor padre...

– Era pesada a taça, disseste tu? – interessou-se o maganão, de olhos a luzir.

O rapaz fez que sim e continuou o seu relato:

– Debrucei-me para o poço, à caça de uma lagartixa, e a taça caiu-me lá dentro. Uma desgraça! O que é que eu vou dizer à minha mãe? E ao senhor prior?

Como se temesse as respostas, o rapaz voltou ao berreiro.

– Deixa estar que eles escusam de saber – disse o ladrão, escarranchado no bordo do poço. – Eu trago-te a taça, não tarda.

Enfiou pelo poço abaixo, que era fundo e estava menos de meio.

– Não encontro a taça – dizia ele.

A voz ecoava na abóbada do poço. Era assustadora.

– Procure o senhor do seu lado direito, que ela caiu mais para esse lado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O ladrão, que se segurava por uma corda presa à cintura, desceu mais um tanto, agarrado às paredes do poço. Valente era ele.

– Ainda não achei – dizia.

– Mas achámo-lo nós – gritou-lhe de cima o Natério.

Dos pinhais ao redor romperam mulheres e homens, à chamada do rapaz. Agarraram todos uma enorme pedra e puseram-na a tapar a boca do poço. O bandido gritou, mas de nada lhe valeu.

Já outros da aldeia tinham ido à cidade chamar a guarda. Dias depois, foi removida a pedra e o ladrão saiu a praguejar da armadilha que lhe tinham pregado. Chegando ao cimo, calou-se. Tinha guarda de honra à espera, uma fieira de canos de espingarda apontada para ele.

Os guardas levaram-no e nunca mais se soube do brutamontes.

O poço ganhou nome. Passou a ser conhecido pelo poço do Natério. E se, um dia, andarem por terras monfortinhas, a caminho de Castelo Branco, talvez ainda haja quem saiba dizer onde fica.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CORVO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um corvo.

Preto e luzidio como todos o são, este corvo sentia-se fadado para grandes voos.

Mas que voos?

Assim vestido, como se usasse casaca, podia ser músico. Aí estava uma profissão bonita. Atrairia os olhares das plateias e os aplausos do público, seria conhecido e gabado. Ele, o corvo violinista ou pianista ou violoncelista, com o nome destacado em todos os cartazes de concertos, pelo mundo fora, não era sensacional?

Mas, para que isso acontecesse, tinha primeiro de aprender música. Pois era. Aí é que estava o enfado. Aprender, estudar, ensaiar, em intermináveis sessões de trabalho, debruçado sobre pautas, repetindo, insistindo... Que enjoo!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Afinal, pensando bem, já não queria ser músico.

Mas podia ser ilusionista. Com todos os holofotes concentrados sobre ele, num círculo mágico de luz, o corvo brilharia. Tirava um lenço do bolso e transformava-o numa borboleta. Abria um baralho em leque e adivinhava, de olhos fechados, o valor de cada carta. Soprava um balão e desfazia-o em poalha de espuma. E palmas, muitas palmas sempre, ao fim de cada número.

Mas, para que isso acontecesse, tinha primeiro de exercitar minuciosamente cada truque, preparar-se muito bem, experimentar, adestrar-se. Que canseira!

Afinal, pensando bem, já não queria ser ilusionista.

Mas podia ser juiz. A presidir ao tribunal, com toda a autoridade de quem decide, sendo respeitado e temido, concentraria sobre ele a admiração de todos.

Mas, para que isso acontecesse, tinha primeiro de ler os códigos, tinha de passar longas noites a consultar calhamaços, a avaliar os processos, a tirar apontamentos, a escrever pareceres, a decorar leis. Que aborrecimento!

Afinal, pensando bem, já não queria ser juiz.

O corvo via-se ao espelho e imaginava para a sua bela plumagem, para o requinte dos seus gestos, para a elegância da sua pose, os mais distintos atributos profissionais.

Apetecia-lhe ser pregador, professor catedrático, diplomata, presidente da república, eu sei lá que mais, embora houvesse sempre uns preparos a cumprir, uns estudos a fazer, que antecipadamente o agoniavam.

Em qualquer dos casos, sobre o preto brilhante das penas, a fieira de condecorações em destaque provaria que ele era um corvo distinto, diferente, especial, um corvo

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

lançado em altos voos.

Pois sim, mas... Há sempre um "mas" arreliador, ao cabo destas histórias.

Alguém lhe lançou uma rede, enquanto ele se aturdia, no meio dos seus sonhos. Alguém o meteu num saco. Alguém o levou a uma feira. Alguém o expôs de pernas para o ar, presas com um atilho. Alguém o vendeu por pouco dinheiro.

– Quer que lhe corte as asas? – perguntou esse alguém ao comprador.

– É mais prudente. Assim já não pode fugir.

Umas tantas tesouradas riparam-lhe as penas mais compridas das asas. Para sempre.

O corvo trabalha agora num armazém de carvão. Faz de guarda. Usa uma corrente comprida presa à pata e grasna, a dar sinal, à presença de qualquer estranho.

Os corvos são muito bons nisso.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

POR BEM

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Uma galinha, um pato, um cão e um burro iam a fugir por uma estrada fora. Corta-lhes a correria um polícia:

– Alto lá, seus fugitivos. Para irem com essa pressa, alguma maroteira fizeram.

Eles protestaram que não, mas o polícia, desconfiado, quis saber pormenores. Então, a galinha explicou:

– Eu ia a fugir, porque ontem ouvi que iam fazer canja, lá em casa.

Ao que o pato acrescentou:

– E depois da canja, pato com arroz...

O cão explicou:

– O meu dono ia mandar-me para o canil.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– E o meu dizia que eu estava velho e ia mandar-me abater – disse o burro.

– Mas comigo ainda podes – disse o polícia, saltando-lhe para os costados.

Presa a cada mão, trazia o pato e a galinha. Salvara-se o cão, que o polícia não teve maneira de prender.

– Toca a andar para a esquadra – comandou o polícia. – Vai tudo preso.

O burro, habituado a obedecer, obedeceu. Mas o cão, que se safara, é que não se conformou. Deu uma valente mordidela numa das patas do burro, que escoiceou. O polícia caiu ao chão e largou a galinha mais o pato.

Correram os bichos. Mal refeito da queda, o polícia não teve forças para persegui-los.

– Desculpa a dentada – disse o cão ao burro, quando se viram a salvo. – Mas foi por bem.

– Não tem importância – respondeu o burro, a mostrar os grandes dentes, num riso de felicidade. – Há coisas que ardem, mas curam.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O DRAGÃO DAS NOVE E TRINTA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Leva uma rica vida o dragão da minha história. É verde, como dizem que são os dragões, tem escamas que o cobrem de cima a baixo e uma espinha eriçada em dentes de serra, do pescoço ao rabo. Como se vê, é um dragão vulgar.

Agora imaginem-no, como eu imagino, carregado de meninos. Imaginar não custa nada.

Nestes dias de Verão, por volta das nove e trinta, passa pela minha rua, deitando muito fumo pelas ventas, o dragão de que vos falo.

Pára nas paragens dos autocarros e para ele sobem os meninos em férias. Quando estão todos instalados, o dragão buzina alegremente e põe-se a andar. Não sabiam que os dragões buzinavam? Pois buzinam, mas só quando estão bem-dispostos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Com o seu carregamento de meninos, o dragão toma o caminho da praia. Corre ao lado do comboio, que também leva o mesmo sentido, e quase sempre chega primeiro.

Na praia, assim que o último menino salta para a areia, o dragão mete-se dentro de água, faz-se pequenino e transforma-se num hipocampo, isto é, num cavalo-marinho, para poder nadar sem chamar a atenção. Perder a banhoca é que nunca!

Ao fim da tarde, volta a crescer e a apresentar-se como um dragão aprumado e responsável, que nunca se esquece de que tem de trazer os meninos de volta para casa.

À noite, trabalha na Feira Popular. Como tem uma bocarra lança-chamas, ocupa-se a assar frangos ou sardinhas. E, sempre que pode, vai dar uma voltinha no carrossel. Rica vida!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS ESQUILOS DANILOS E A PONTE NOVA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Os dois esquilos Danilos – Danilo Pai e Danilo Filho – são muito viajados.

Numa das suas viagens, tiveram de atravessar um rio. Quando chegaram à ponte e viram a ponte partida, não desanimaram.

– Por aí adiante, mais coisa menos coisa, deve haver outra ponte nova – lembrou-se um dos esquilos Danilos.

E foram à procura da ponte. Só que, por azar, não tomaram o caminho certo. Foram no sentido contrário.

Quando passaram por uma rã, perguntaram-lhe:

– Sabe onde fica a ponte nova?

– Ponte? É coisa de que não preciso – e a rã saltou para a água.

Depois encontraram um sapo e perguntaram-lhe:

– Sabe onde fica a ponte nova?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Por aí... Por aí... – respondeu o sapo, quase sem fechar a boca.

O sapo estava de língua estendida, à espera de que algum mosquito nela poisasse, e não lhe convinha muita conversa.

Depois encontraram um grilo e perguntaram-lhe:

– Sabe onde fica a ponte nova?

– Ponte nova, ponte nova
quem não sabe não se assoa.
Dão-me tema e faço a trova
nem que a rima seja à toa.

Ponte nova, ponte nova
pontapé e ponto-de-cruz
quem tais versos não aprova
cai no chão e catrapus!

Do grilo poeta também não levavam nada. E como já estavam cansados de andar pela margem do rio, os dois esquilos Danilos – Danilo Pai e Danilo Filho – decidiram fazer uma jangada. Juntaram umas canas, amarraram-nas com raízes e saltaram-lhe para cima.

A princípio não houve novidade, mas como a corrente do rio era cada vez mais forte, os dois esquilos perderam o domínio da jangada.

– Socorro! – gritavam. – Atirem-nos uma corda.

Da margem, o grilo, indiferente ao pedido, fazia versos:

– Uma corda ou um cordel
um cordel ou uma cordinha
quem tem lápis, tem papel
quem não tem, é porque tinha...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Socorro! – gritavam, depois, para o sapo na margem. – Uma corda...

– Por aí... Por aí... – respondeu o sapo, sem se mexer, e quase sem fechar a boca.

– Socorro! – gritavam para a rã, pouco depois. – Lance--nos uma corda.

– Uma corda? Nunca precisei de tal coisa! – e a rã mergulhou.

Passaram a seguir, a toda a velocidade, pelo meio da velha ponte destroçada, e mais adiante deram finalmente com a ponte nova. De um salto – porque os dois esquilos Danilos eram ágeis – agarraram-se à ponte e treparam para o tabuleiro. A jangada, essa, continuou correndo, ao sabor da corrente...

– Conseguimos – exclamou o Danilo Filho para o Danilo Pai, enquanto se sacudia da água.

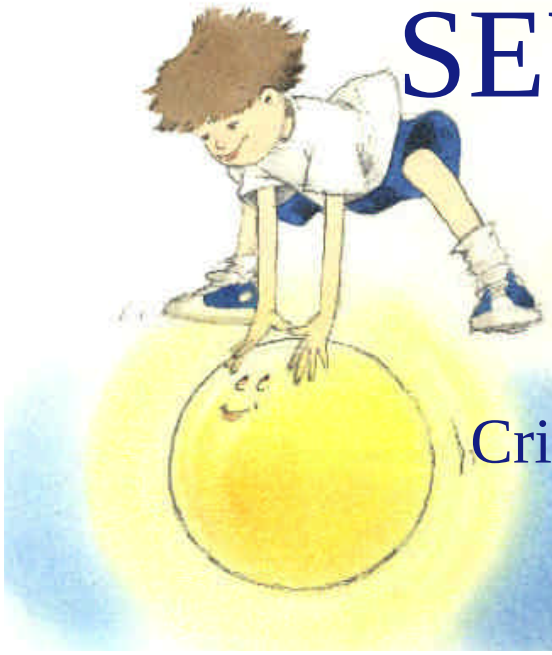
– Mais coisa menos coisa, conseguimos sempre – aprovou o Danilo Pai, alisando o pêlo.

E os dois esquilos Danilos prosseguiram viagem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A BOLA E OS SEUS AMIGOS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

3 de Julho
Dia Mundial da Cooperação

Veio uma bola pelo ar
que se pôs a saltitar
por cima deste papel.
Quem foi que lhe deu licença?

Houve um menino que a viu
e que correu a apanhá-la
ela então parou – fugir não fugiu –
e ficou à espera que o menino
com ela brincasse.
– Deixas que eu salte ao eixo?
– Pois decerto que deixo.

– E posso deitar-me sobre ti?
Não me empurras? Não me foges?
– Podes sim.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Sou bola boa. Redonda.
Não tenhas medo de mim.

Nisto, chegou-se uma menina
que perguntou:
– Esta bola é tua?
– Não sei! – respondeu o menino. – Pergunta-lhe a ela.

Falou então a bola:
– Sou vossa, de vocês dois, mas não me partam ao meio.
Era um perigo pois deixava de ser bola.
Brinquem, brinquem comigo. Não sirvo para outra coisa.
Mão de menino que em mim poisa
é mão de amigo.
Quantas mais mãos, mais amigos;
e eu, então, embora não pareça,
fico tão cheia de ar, de alegria,
que perco a cabeça.

Vieram mais meninos,
e a bola voou do chão,
andou de mão em mão
– é minha, é tua agora! –
saltou, correu, voltejou
e voou desta página para fora.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A JARRA PARTIDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Partiu-se a jarrinha, aquela jarrinha de flores pintadas à mão, tão elegante, tão graciosa que era o enlevo de todas as pessoas que passavam por nossa casa.

– Está na nossa família há séculos. Dizem que foi oferecida por uma rainha de antigamente a uma antepassada nossa – explicava a minha mãe, enternecida, a olhar para a jarrinha de flores pintadas.

Pois, mas partiu-se. Partiu-se em cacos inumeráveis que não há conserto nem cola que lhe valham. Quem foi o desastrado?

– Eu não – safou-se o Tiago. – Quando eu cheguei a casa, já a mãe estava a chorar.

O meu irmão Tiago ficou livre de qualquer suspeita.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Eu também não fui – apressou-se a dizer o meu pai. – Quando eu cheguei a casa, já a vossa mãe estava a ser consolada pelo Tiago.

– Eu é que não fui – choramingou a minha mãe. – Tinha tanta estimação na jarrinha. Quando eu cheguei a casa, não havia cá ninguém e já a jarra estava partida em mil bocados. Por pouco que não desmaiava de desgosto.

– Só se foi o Bolinhas... – lembrou o Tiago.

O nosso gato Bolinhas desenrolou-se com muita dignidade e disse:

– Eu não fui nem tenho nada a ver com o assunto.

E voltou a enrolar-se e a adormecer. Ai, quem me dera ter podido fazer o mesmo!

– Fui eu – balbuciei.

Todos se viraram para mim.

– Tu, Marcos? E estavas calado?

Suspirei fundo e comecei a contar o que acontecera. À medida que contava, ia ficando mais tranquilo, sem aquela insuportável queimadura nem sei onde – no estômago? no coração? na barriga? – que me fizera correr de casa para a escada, da escada para a rua, como se tivesse lançado fogo ao prédio. Ou a mim próprio.

Tinha sido um azar. É sempre um azar. Para meter a ficha do gravador de vídeo na tomada da parede tive de arredar um bocadinho a estante. Não contava que fosse tão pesada. Com a inclinação da estante, os livros escorregaram. Precipitei-me sobre eles, para evitar o desmoronamento. Não medindo os gestos, dei um encontrão numa mesinha que abalou o expositor onde estava a jarrinha. Estremeceram as bonecas de Saxe e saltaram as chávenas de café nos respectivos pires... A

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

jarrinha, como a casca de um ovo, partiu-se. Acho que ela estava, há muito tempo, à espera de partir-se. Qualquer estremecimento lhe daria o pretexto. Dei eu. A culpa foi minha.

Disse isto com um ar tão enfiado, tão de lamentar que o círculo acusador à minha volta se desanuviou e desfez por si. A minha mãe, suspirando, foi varrer os vidros da jarra para uma caixa, na ilusão de que talvez ainda pudesse ser restaurada, o Tiago lançou-me uma piscadela de olhos de "fixe, meu" e o meu pai, antes de mergulhar no jornal, confidenciou-me:

– Sabes: a jarra realmente já estava partida. Há tempos, na balbúrdia de uma brincadeira com o Bolinhas, que ainda era gatinho, a jarra rachou-se. Isto é, rachei-a... Como estava sozinho em casa, tive tempo de consertá-la o melhor que pude, para não dar um desgosto à tua mãe. Mas, de facto, a jarra já estava partida.

Por aquela não esperava eu.

– Tu tiveste muita coragem em confessar – continuou o meu pai. – De aqui a bocado, ao jantar, quando estivermos todos juntos, vou ser eu a precisar de coragem. E desculpa...

O meu pai abriu à sua frente as longas páginas do jornal, não sei se para lê-las, se para esconder a cara do embaraço. Também é preciso coragem para pedir desculpa.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A SOCIEDADE DOS BONS SENTIDOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram duas orelhas. Só duas orelhas.

Estavam num grande cartaz que anunciava uma marca de aparelhos de rádio: PARA OS RÁDIOS THO-KATU--DO SOU TODO OUVIDOS.

O anúncio passou à história – será esta? – e as orelhas ficaram desempregadas. Que fazer?

Deu-lhes para voar sobre a cidade, como uma borboleta gigante, à procura de poiso.

Foram ter a um ferro-velho ao ar livre, onde, no meio de muita tralha, repousavam, sem préstimo, uns óculos gigantes, com o respectivo nariz. Tinham estado pendurados na fachada de uma loja de oculista, que mudara de ramo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Associaram-se as orelhas aos óculos mais o nariz. Já não faltava tudo.

A borboleta que voava, agora, sobre os telhados da cidade estava mais completa. Ouvia, via e cheirava.

Operários andavam a desmontar do alto da porta de uma luvaria uma grande mão enluvada. O prédio ia ser deitado abaixo. A quem interessava uma luva sem luvaria?

Interessava à nova sociedade Orelhas, Óculos & Nariz, Ldª, em franco progresso.

Mesmo enluvada, a mão tinha tacto, pegava em coisas, dizia adeus. Era uma colaboradora imprescindível.

Se as orelhas ouviam, se os olhos atrás dos óculos viam, se o nariz cheirava e se a mão tacteava, o que é que faltava, para completar os cinco sentidos?

– Faltava a boca! – não disseram eles, porque não tinham boca para dizer.

Pois faltava a boca, que é a porta do paladar e, além disso, que fala, ri, assobia, beija. Ter boca dá imenso jeito.

Mas encontrar uma disponível?! Quem a tem, guarda-a para si. Não ia ser fácil.

A sociedade Orelhas, Óculos, Nariz & Mão, Ldª, resolveu pôr um anúncio no jornal:

BOCA
Precisa-se. De preferência,
com dentes. Resposta a
este jornal, ao nº tal e tal.

Responderam vários candidatos. Ofereceu-se uma dentadura, mas sem boca, o que não era conveniente.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Ofereceu-se a Boca do Inferno, um precipício sobre o mar de Cascais, o que estava fora de causa. Ofereceu-se um pudim chamado Boca Doce, também a despropósito. Ofereceu-se uma boca de favas, que ninguém percebia.

Por isto ou por aquilo, todas as bocas que apareceram foram rejeitadas. A boca do estômago, a boca de incêndio, a boca da noite e outras bocas e boquinhas não vinham para o caso.

– Parece que ficamos sem boca – não disseram eles, que não tinham boca, mas pensaram.

Até que lhes apareceu um coração, um lindo coração doirado de noiva minhota, que se apresentou nestes termos:

– Faço as vezes da boca que vos faz falta, porque tenho o coração ao pé da boca.

Onde? Não se via, mas eles acreditaram. Havia tanta franqueza naquele coração de oiro, que tudo o que ele dizia tinha de ser verdade.

E provou.

O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO, anunciava a cara cheia de um palhaço, de grandes orelhas e óculos estapafúrdios, sobre o nariz pintado, a apontar, com a mão enluvada, a entrada de um circo.

Não passava despercebida.

Aquela cara inocente de palhaço tinha a boca ao pé do coração. Ou vice-versa. E cinco ou mais sentidos de alegria, sempre generosos e prontos a apresentar o maior espectáculo do mundo que é a vida. Ou vice-versa.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DUAS LUAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Túlio foi ao Brasil de avião. Ele que nunca tinha saído lá da sua aldeia, aventurar-se a uma viagem tamanha era de espantar. Mas o senhor Túlio tinha uma filha no Rio de Janeiro, filha essa que lhe dera uma neta, neta essa que ia a baptizar, baptizado esse a que o senhor Túlio nem por nada podia faltar.

Na grande cidade do Rio de Janeiro, tudo o espantou: o tamanho dos prédios, a largueza das avenidas, a extensão das praias, a bicheza de gente.

– É tudo maior do que na minha terra – dizia ele, constantemente. – Até a Lua daqui é mais grada do que a nossa.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A filha indignava-se:

– Ó pai, não ande sempre de boca aberta que parece mal e, por favor, não diga que esta Lua é maior do que a lá da aldeia, porque a Lua é só uma.

O senhor Túlio engolia e calava-se, mas, à cautela, pôs-se a medir aos palmos, de longe, a Lua Cheia sobre o Pão de Açúcar. "Um palmo bem medido", memorizou ele.

Quando, com muita pena, teve de voltar para Portugal e regressou à aldeia, não se esqueceu do que matutara. Numa noite de Lua bem redonda, estendeu a palma da mão para o céu e mediu:

– Um palmo e nem mais um niquito.

Ficou-se a pensar e concluiu:

– Ai que tu engordaste, magana, enquanto eu andei lá por fora!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O LEÃO ÀS RISCAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Contam esta história em África, à volta da fogueira.

Façam de conta que também lá estamos a ouvir o contador desfiar a história, enquanto tange o corá, que é um especial instrumento de cordas esticadas sobre uma caixa de ressonância, feita de meia cabaça revestida de couro. Plim... Plam... Plim... Conseguem ouvir?

Dantes, muito antes de os homens se terem espalhado pela Terra, os bichos não eram como são hoje. Por exemplo: a zebra tinha a pele igual à que o leão tem e o leão, imaginem a excentricidade, tinha a pele às riscas como tem a zebra. Devia ficar-lhe bem...

A zebra que, nessa época, passava por amiga do leão, disse-lhe, um dia:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Estive a pensar que devias mudar de aspecto. Assim, com essa pele tão vistosa, chamas demasiadamente a atenção e deves ter dificuldade em esconder-te, quando queres caçar de surpresa.

O leão reconheceu que, efectivamente, já sofrera alguns desaires na caça à conta da sua bizarra pele às riscas.

– Queres trocar pela minha? – propôs a zebra.

Ela, sem riscas, parecia-se mais com um burro, o que não era nada lisonjeiro para a vaidade da zebra. No fundo, ela invejava a pele listada do leão.

Acertado o negócio, trocaram de pele. Naquele tempo, tudo era fácil.

Vendo-se vestida de riscado, como tanto ambicionara, a zebra foi ter com a restante bicharia, a avisar, a torto e a direito:

– Cuidado que, agora, o leão é que anda com a minha pele.

O leão não gostou. Aquela badalação era prejudicial aos seus intentos e aos seus pergaminhos de majestade. De modo que, desde essa altura, que ele anda a exigir à zebra a devolução da pele.

Onde quer que veja uma a jeito, salta-lhe para os lombos e tenta com as garras arrancar-lhe a pele. Até agora ainda não conseguiu recuperá-la, o que é pena. Quem é que não gostava de ver um leão às riscas?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O RATO MODESTO E O PARDAL OPTIMISTA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rato que todos os dias ia comer a um restaurante. Bom. Onde ele comia era no contentor do lixo do restaurante, o que não é bem a mesma coisa...

Quem também lá aparecia quase sempre, à cata de acepipes, era um pardal saltitante e optimista.

Às vezes, um homem, pobre e velho, também se abastecia no caixote, à procura de folhas de couve e cascas de fruta, para alimentar dois coelhos de estimação, que não eram esquisitos de boca.

Assim que o homem chegava, o pardal voava e o rato fugia, mas não voavam nem fugiam para muito longe, porque o caixote, ao fim e ao cabo, chegava para todos.

E a história podia ficar por aqui, se nós não soubéssemos que o restaurante teve de fechar, por falta de clientes. Não os do contentor, já se vê...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– A casa vai mudar de ramo – informou o pardal, que sabia sempre as últimas.

– "Mudar de ramo"? Então as lojas também voam de árvore em árvore? – perguntou o rato, que sabia muito pouco.

– Não me faça rir, senhor rato – e o pardal riu-se. – Mudar de ramo quer dizer mudar de actividade. Em vez de um restaurante, vão lá pôr uma loja de ferragens.

– Talvez também tenha um bom contentor – lembrou o rato.

– Não me faça rir – e o pardal riu-se. – Na loja de ferragens há martelos, serras, pregos, parafusos, chaves, fechaduras e... armadilhas para pardais e ratoeiras para ratos...

– Que horror! – arrepiou-se o rato. – Assim vamos morrer de fome.

– Não me faça rir – e o pardal riu-se. – Eu não conto morrer de fome.

– Então o que é que vai fazer?

– Também vou mudar de ramo, isto é, vou voar para outra árvore, que fique perto de outro restaurante. Quem nos pode dar uma ajuda é esse homem que aí vem, à procura de folhas e de cascas.

– O quê? Ele tem um restaurante? – estranhou o rato.

– Não me faça rir – e o pardal riu-se. – O que ele tem é muita prática de contentores. Se formos atrás dele, havemos de encontrar um que nos agrade.

Assim fizeram. Um pelo ar e o outro pelo chão, seguiram disfarçadamente o homem. E muito se admiraram que a cidade fosse tão grande, os contentores tão abundantes e os restaurantes em tão grande número.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– E não vão todos, de um dia para o outro, transformar-se em lojas de ferragens? – perguntava o ingénuo do rato.

– Não me faça rir – e o pardal riu-se. – Até que o meu amigo se veja obrigado a comer limalha de ferro e rolos de arame, ainda há-de saborear muita paparoca gostosa. Não pense em desgraças e aproveite o que há, enquanto há.

Este pardal era, realmente, um optimista.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A ARANHA E OS ALFAIATES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Andam sete alfaiates
para matar uma aranha.
vejam só o disparate
que nenhum dos sete a apanha.

Vêm setenta alfaiates
quais soldados em campanha.
tocam os sinos a rebate
para matar uma aranha.

Setecentos alfaiates
mas que gente tão estranha.
a correr para todo o lado
à procura duma aranha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

São sete mil alfaiates
e todos: "Farei, farei!"
para matar um aranha
gritam: "Aqui d'el-rei!"

Setenta mil alfaiates
e é ver qual corre mais
para matar uma aranha
não são muitos. São demais.

Setecentos mil alfaiates
cada um com uma tesoira.
sete milhões de alfaiates
cada qual com uma vassoira.

Setenta milhões de alfaiates
não se crê em tal façanha
que tantos valentes juntos
deixem fugir uma aranha.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O TOINO DISTRAÍDO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O Toino era muito distraído.

A mãe, quando ele saía para a escola, cobria-o de recomendações:

– Cuidado ao atravessares a rua, Toino. Olha para a esquerda e olha para a direita, vê se não vem nenhum carro e só depois é que atravessas. E sempre nas passagens zebradas.

– Sim, mãe – dizia o Toino, mas a pensar noutra coisa.

– E toma cuidado onde pões os pés. E não tropeces. E mantém sempre os atacadores apertados.

– Sim, mãe – dizia o Toino.

– E não converses com desconhecidos. E cumprimenta sempre os conhecidos. E porta-te bem.

– Sim, mãe – dizia o Toino.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Se estivéssemos com atenção, quase que podíamos ver as falas da mãe entrarem em fila por um ouvido e saírem pelo outro, na mesma enfiada certinha. Aquilo em que o Toino estava a pensar é que já não se podia ver, porque a cabeça das pessoas não é tão transparente como um aquário. Nem convinha que fosse.

O Toino atravessava a rua, ao calhas. Guinchavam automóveis, em travagens assustadoras. Automobilistas barafustavam:

– Assim não vais longe, palerma.

Ele nem reparava. A olhar para o ar, escorregava em cascas de fruta (quando não era coisa pior...), tropeçava em caixas, à porta de lojas, e os atacadores mal apertados, num instante se desapertavam. Ele, indiferente.

– Bom dia – cumprimenta o Toino.

Por sinal que era um desconhecido. Em contrapartida, uma pessoa conhecida falava-lhe:

– Olá Toino, como estás?

E ele, nada.

Não era por má-criação. Era por distracção.

Só numa coisa correspondia à risca aos preceitos da mãe. O Toino não se portava mal. Não era um gandulo travesso que porfiasse em cometer ruindades. Lá isso, não. O Toino era bom rapaz. Muito distraído, mas bom rapazinho.

Mais pena me fez quando soube que tinha sido atropelado. Atravessou sem cautelas e um automóvel tropeçou nele. O Toino foi parar ao hospital.

Estive lá, ontem, a vê-lo. Todo ligado e engessado, o Toino vai ter muito tempo para pensar.

Depois da visita, a mãe dele saiu comigo. Estava muito abalada, como se imagina. E um pouco intrigada, também.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A senhora, à porta do hospital, confidenciou-me:

– O meu filho, com o desastre, ficou meio azamboado. Calcule que, à despedida me recomendou: "A mãe tome cuidado onde tropece. Antes de atravessar a rua, cumprimente sempre para a direita e para a esquerda e veja se não vem nenhum desconhecido. Só atravesse nas passagens com atacadores apertados."

Efeito do choque. Mas há-de recompor-se. Estou mesmo convencido de que o Toino, ultrapassada esta balbúrdia de ideias em salada, vai ficar outro, capaz até de passar a ser ele a dar bons conselhos à mãe, quando ela descer à rua:

– Cuidado ao atravessares, mãe. Olha para a esquerda e para a direita, vê se não vem nenhum carro e só depois é que atravessas. Etc. Etc. E porta-te bem, mãe. Porta-te bem.

Acredito que a senhora vá cumprir às riscas as recomendações do filho.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A MÃE DA MAÍZA É QUE CONTA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

11 de Julho
Dia Mundial da População

Quando eu era menina, trouxeram-me de fora, de muito longe, uma boneca diferente das outras, uma boneca especial, que tinha dentro outras bonecas escondidas.

A gente desatarraxava o corpo da primeira boneca e, de dentro dela, aparecia outra boneca. Esta segunda boneca tinha outra lá dentro. Desatarraxávamos a terceira boneca e aparecia-nos uma quarta boneca. Desta quarta boneca... – Uf! Não vale a pena continuar, que já avaliam o que a quarta boneca trazia dentro. E por aí fora, por aí fora...

Diante dos meus olhos de menina, a minha mãe explicava-me, apontando-me a boneca maior:

– Faz de conta que esta é a tua bisavó. Lembras-te da tua bisavó Esmeralda? A tua avó velhinha, como tu lhe chamavas, mas, aqui, mais nova. Da tua bisavó Esmeralda, nasceu a tua avó Elvira...

E a minha mãe mostrava-me a segunda boneca, escondida dentro da primeira.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Da tua avó Elvira, nasci eu, que sou a tua mãe...

E a minha mãe mostrava-me a terceira boneca, escondida dentro da segunda boneca.

– Depois de mim nasceste tu, a minha filhinha querida... – continuava a minha mãe.

Eu era a quarta boneca. Olhei para mim, boneca pequena, e achei-me igual às outras, ainda que mais miudinha no tamanho. Quatro bonecas, que tinham saído umas de dentro das outras...

– E depois? – perguntei eu à minha mãe.

– Depois? – sorriu a minha mãe. – Depois... tu saberás.

Já sei agora. A minha boneca chama-se Maíza e está no berço. Dorme.

Quando ela crescer, e de bebé se fizer menina, hei-de contar-lhe esta história de bonecas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PEIXE TOLO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O peixe-espada gostava de ser espingarda, bazuca, metralhadora... Espada é que não.

– Está fora de moda, nas guerras de agora.

E perguntara aos outros peixes se peixe-metralhadora lhes soava bem. Eles, que o achavam um bacoco peixe taralhoco, diziam-lhe a tudo que sim, mas a rirem de troça. O peixe-espada é que não dava por isso, incorrigível na sua ideia de trocar a espada por arma mais actual. Que grande tolo!

– Quem poderá mudar-me o nome? – perguntava ele, a torto e a direito.

– Talvez a santola saiba – respondiam-lhe, só para despachá-lo.

A santola ganhara fama de sábia, vai-se lá saber porquê. E da fama tirava bom proveito.

Exposta a pretensão à santola, disse-lhe ela:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Foram os homens que te deram, dantes, esse nome, a condizer com o teu feitio. Não vejo quem mais possa trocar-te o nome senão eles.

Afinal, à santola não faltava sabedoria.

– Então, como é que eu faço?

– Tanto não sei – respondeu a santola. – Não te aconselho a meteres-te numa dessas redes que, de vez em quando, eles lançam, mas a decisão é tua.

Está-se mesmo a ver o que o peixe-espada decidiu. Meteu-se mesmo numa das redes, onde já se debatiam outros peixes, que, evidentemente, ali tinham ido parar de má vontade. Cardumes de carapaus, sardinhas, sardas e chicharros. O único que ali estava muito feliz era o peixe-espada.

– Eles puxam a rede e, chegando lá acima, ao primeiro homem que encontrar exijo que me dê um nome mais moderno. Peixe-foguetão é que estava a calhar-me.

Quando os pescadores puxaram as redes e os peixes e peixinhos começaram a saltar no convés, um dos homens, vendo, no meio deles, o desgraçado herói desta história, exclamou:

– Que belo peixe-espada. É um espadão!

Mas o infeliz já não ouviu o elogio. E, mesmo que ainda estivesse vivo, talvez não gostasse.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NO TEMPO EM QUE OS ANIMAIS FALAVAM...

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No tempo em que os animais falavam nem calculam a confusão que era! Os lobos imitavam a voz dos homens, os homens imitavam a voz dos lobos, os cães imitavam a voz dos donos, os gatos imitavam a voz dos cães, os ratos imitavam a voz dos gatos e a raposa, do lado de fora das redes da capoeira, imitava a voz das galinhas..

Como, no fim de contas, ninguém tirava vantagens desta situação, porque se está mesmo a ver que a fala dos bichos só servia para eles se enganarem uns aos outros, o leão, que já nessa altura era o rei dos animais, convocou uma grande assembleia para a cerca do seu palácio.

Vieram todos os bichos da Terra, do elefante às formigas, que também falavam, mas sempre em coro, e

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

todos os bichos do ar, do abutre ao noitibó, que era um passarinho de poucas falas. Bichos da água não veio nenhum, por causa da distância e da incomodidade da viagem, mas fizeram-se representar por uns tais que andam cá e lá, ora na água ora em terra – os anfíbios.

O discurso do leão, por ser muito grande, não cabe aqui. Digamos, em resumo, o que ele propunha. Propunha que cada um passasse a falar para si e, quando fosse o caso de meter conversa com outros bichos de famílias diferentes, que se entendesse por sinais. Quanto à nova voz atribuída a cada animal que se informassem junto do corvo. Ele é que sabia. Ele é que ensinava. Ele é que adestrava os patos a grasnar, os cães a ladrar, os pombos a arrulhar, os elefantes a bramir e por aí adiante.

Discursava muito bem o leão, lá isso discursava, e até é pena que, depois disto, só passasse a rugir. Perdeu-se um grande orador.

Toda a bicharada aplaudiu as palavras do rei, palavras que eram ordens.

A assembleia desfez-se e a bicharada em bicha foi saber do corvo qual a voz que lhe tinha sido atribuída.

– Tu cricilas – dizia o corvo ao grilo. – Assim: "Cri-cri--cri".

– Tu grunhes – dizia o corvo ao porco. – Assim: "Rum--rum-rum".

E por aí fora.

Depois, foi cada um para seu lado, à sua vida, a ensaiar a nova voz. Era uma chinfrineira de estremecer a Terra.

Num esvoaçar assarapantado, apareceu o papagaio, quando o ajuntamento se dispersava. Não dera conta das horas, deixara-se ficar a dormir e o resultado estava ali –

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

chegava à reunião, enquanto os outros se iam.

– O que se passou? O que ficou decidido? – perguntava ele à esquerda e à direita.

Latidos, mios, cacarejos, guinchos, grasnidos, uivos, balidos, berros, pios, chiados, zumbidos, assobios, bramidos, roncos, arrulhos, regougos foi o que o papagaio ouviu.

– Ai a minha cabeça – queixou-se ele. – Não entendo patavina!

Na clareira, defronte do palácio real, só ficara o burro, de orelhas caídas.

– Senhor burro, explique-me por favor o que se passa – pediu o papagaio. – Só cheguei agora e não consigo perceber nada.

– Nem eu. Nada! Nada! – zurrou o burro. – Iam! Iam! Uns podem falar outros não. Iam! Iam! A mim calhou-me esta voz... Iam! Iam!

E foi-se embora, num trote atarantado.

Atarantado também ficou o papagaio. Ao longo, ecoavam as vozes dos animais, que dantes falavam. Todas diferentes, algumas esquisitas... Quem as entendia?

– Ai que sina a minha! Não sei para que lado me voltar – afligia-se o papagaio. – Que voz me calhou em sorte? A do burro? A da cabra? A da galinha? A da serpente? A do homem? Não sei! Não sei! Não sei!

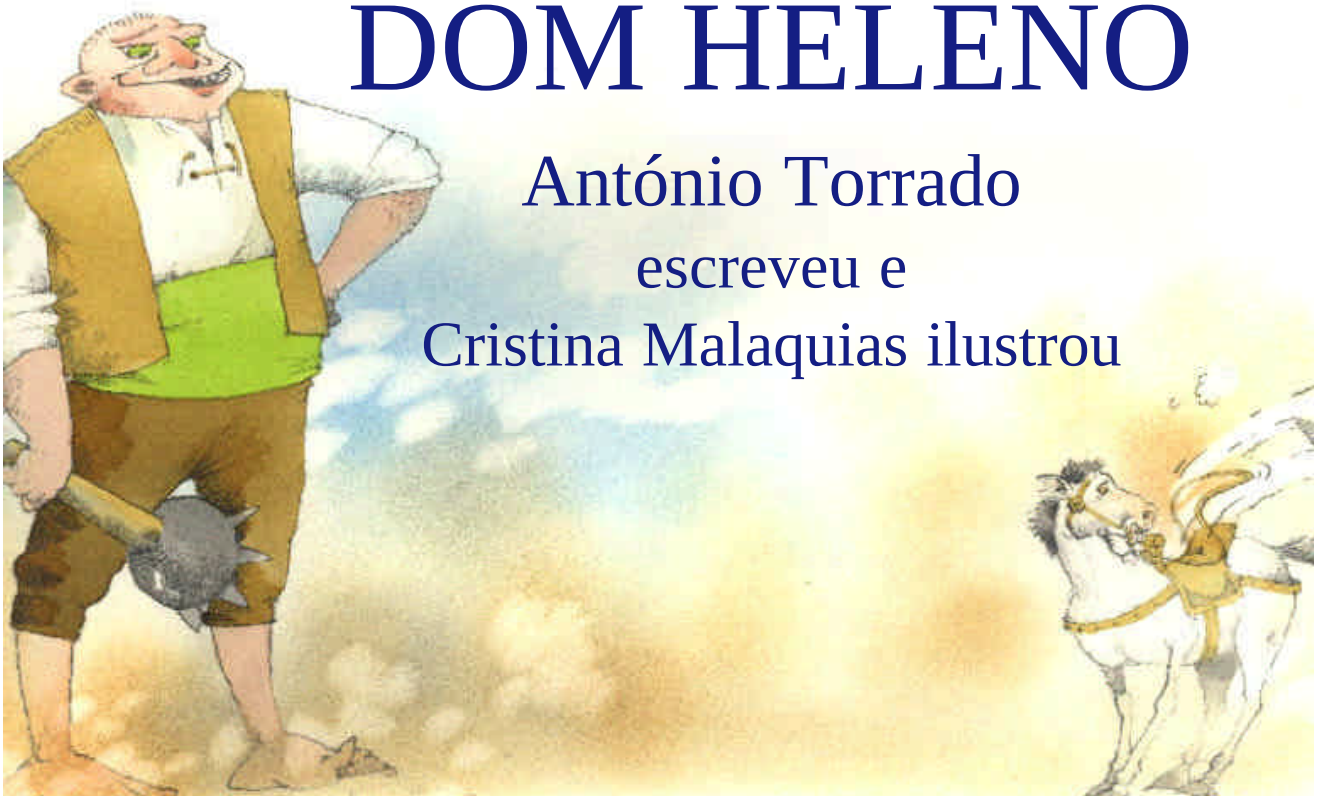
E ainda não sabe. E nunca saberá. Por isso, como não sabe a voz que lhe coube, o papagaio imita, repete, experimenta, arremeda as outras vozes. Calado é que ele não fica.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DOM HELENO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Estão a ver um cavaleiro, daqueles de armadura, espada e lança, sempre prontas para o bom combate, em defesa dos mais fracos?

Chama-se Heleno, Dom Heleno e o seu fiel cavalo é o Valdevinos.

Quando esta história começa, apronta-se Dom Heleno para mais um torneio de vida ou de morte, desta vez contra um gigante cabeçudo que amedrontava os povoados.

Temos, assim, de uma banda o cavaleiro Heleno, montado no Valdevinos, e da outra banda, a pé, empunhando um enorme cacete, o gigante, a rir-se da insignificância do adversário.

Heleno investe, de lança apontada aos joelhos do gigante, que a mais alto não consegue chegar. O gigante sarilha a moca e zás! Só com a deslocação do vento, o cavaleiro solta-se do cavalo e cai no chão.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Vitória assegurada para o gigante, que continuaria a amedrontar os pobres camponeses das aldeias ao redor.

Já está o gigante debruçado sobre a sua vítima, pronto a assentar-lhe uma última cacetada. Que desgraça!

Mas o cavalo Valdevinos, liberto do peso do cavaleiro, vem por trás e ferra uma gigantesca dentada na canela do gigante cabeçudo.

– Irra! – grita o gigante entre outras palavras adequadas à dor que sentira.

O gigante levanta o pé, para perceber o que lhe sucedera, e, nessa oportunidade, o cavaleiro Dom Heleno, recomposto da queda, atira-lhe a lança à barriga da perna, que sustinha o gigante.

– Arre! – grita o gigante entre outras palavras de mais peso.

Com as duas pernas feridas, o gigante desequilibra-se e cai. Ora um gigante caído é um gigante vencido, para mais cabeçudo e trangalhadanças.

Prontamente amarrado pelos camponeses que assistiam à luta, visivelmente o perigo que ele representava tinha passado. Claro que houve festa, onde Heleno foi aclamado o maior herói de toda a história da cavalaria.

Terminada a festa e de novo a caminho sobre a sua fiel montada, Dom Heleno comenta de si para si:

– Esta foi uma das minhas mais memoráveis vitórias.

Valdevinos ouve e cala, mas ri-se, mostrando os seus grandes dentes, os dentes com que ferrara a dentada decisiva no calcanhar do gigante.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UMA IDEIA DE PULGA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma senhora que tinha uma menina. Era uma menina que tinha um cão. Era um cão que tinha uma pulga. Era uma pulga que tinha uma ideia.

Que ideia seria?

Não sabemos. E, como não sabemos, o melhor é perguntar:

– Ó pulga, que ideia é a tua?

– Uma grande ideia, uma ideia que vai mudar tudo. Uma ideia ex-tra-or-di-ná-ri-a!

E, ao dizer isto, a pulga saltitava de entusiasmo. Saltos de pulga em pêlo de cão dão comichão. O cão, que não era de cócegas, parou e coçou-se. A menina do cão parou, à espera do cão. A senhora, que levava a menina pela mão, parou também. Como iam a atravessar uma rua de muito

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

movimento, parou o trânsito. Nas outras ruas, que iam dar à rua de muito movimento, parou tudo – automóveis, camionetas, autocarros... Buzinavam os carros. Gritavam as pessoas:

– Então esta história anda ou não anda?

E nós, para a pulga:

– Deixa-te de saltinhos e salta lá com essa ideia extraordinária, que estamos todos à espera.

– É muito simples – disse ela. – Para que as histórias com cães, meninas e senhoras possam ir à sua vida, sem serem interrompidas pelos saltos de uma pulga, eu proponho, eu exijo, que, daqui em diante, as pulgas deixem de usar saltos altos.

– Ah! – admirámo-nos nós, que não sabíamos que as pulgas usavam saltos altos.

A pulga continuou:

– Nós, de saltos altos, não conseguimos passar despercebidas, quando pisamos, quando saltamos. Por isso eu proponho, eu exijo, que as pulgas, em vez de sapatos de saltos altos, passem a calçar pan-tu-fas ou sapatinhos leves, que não chamem a atenção ao pisar.

Mas parece que a ideia não pegou. Ainda ontem vimos um cão a coçar-se, furiosamente. Ter-se-ão esgotado as pantufas, no mercado das pulgas? Nada disso. Era um colégio de pulguinhas novas, na aula de ballet. Todas de sapatilhas leves, a dançar em pontas... Estas ainda vão esperar muito tempo até usar pantufas...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O ESPANTALHO AVENTUREIRO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um espantalho. De braços abertos, no meio da seara, grande chapéu desabado e camisa ao vento, o espantalho aborrecia-se:

– Estou aqui especado, a guardar o que não é meu e nem me pagam o encargo. Até os pardais já troçam de mim. Vou mas é desempregar-me.

E desempregou-se mesmo, isto é, saltou para o chão, atravessou a seara e foi dar à estrada.

De princípio, custou-lhe a andar. Tinha as pernas trôpegas, claro. Em compensação, podia descansar os braços. Que alívio! Pelo caminho ia pensando: "Preciso de arranjar trabalho que me dê maquia. Hei-de poupar, porque não sou de grandes gastos e, um dia, com uma bolsa cheia de dinheiro dos meus ganhos, compro uma terra. Uma terra para eu guardar. Uma terra minha."

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Ele a perder-se nestes sonhos e uma caravana de saltimbancos a passar.

– Venha connosco – convidaram eles. – Um homem de palha, no nosso espectáculo, é novidade que enche um programa.

Ele foi, que o trabalho não era difícil. Dava uns saltos, fazia umas cabriolas, umas palhaçadas e recebia dinheiro. Com o primeiro ordenado comprou uma bolsa e na bolsa meteu as moedas, que ia ganhando. Nada mau! Mas, um dia, apanhou um susto. Imaginem que o homem-vulcão, que deitava fumo pelos ouvidos e labaredas pela boca, cuspiu, num dos seus ensaios, uma faúlha ainda espevitada, que deitou fogo ao homem de palha. Vá lá que lhe acudiram a tempo, senão a história acabava mesmo aqui.

– Ná! Isto de ser artista de circo tem os seus perigos – disse o chamuscado espantalho, dizendo adeus aos saltimbancos.

No largo da vila, havia um editorial que convocava voluntários para o exército. O espantalho alistou-se.

De arma ao ombro, percorreu caminhos, guerras, países. Foi considerado um herói. Recebeu medalhas e louvores. Pois pudera: as balas atravessavam-no, que o sangue não corria, porque sangue não havia. As lanças trespassavam-no, que dor nunca sentia, porque nervos não havia. Não, nunca caía o espantalho no meio da batalha. Era tal a valentia.

Mas também se desconsolou de ser soldado. Certa vez, no quartel, enquanto dormia, uma mula sem cerimónias meteu o dente ao herói. E se estava com fome.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Assustou-se o soldado com o desplante do animal, que não conhecia os superiores. Pediu a demissão.

E agora, espantalho?

Consultou a bolsa, que sempre trazia à cinta, e contou as moedas, umas grandes, outras pequenas. Dava para comprar uma horta? Dava, desde que fosse pequena – uns palmos de terra com um espantalho ao meio.

Foi o que fez. Colocou-se de braços abertos, a proteger a propriedade, e ali ficou, de grande chapéu desabado, camisa ao vento... Tinha sido espantalho, saltimbanco, mercenário. Voltava a ser espantalho – perdão! – proprietário! Estava feliz? Não sabemos.

– Também agora os pardais troçam de mim – queixava-se ele, quando pouco mais ou menos a história chega ao fim.

Para nós, que aqui o vemos, o fim voltou ao princípio, ao ofício de espantalho. Há muitas histórias assim...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O HOMEM DE BARBAS AZUIS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Estava um lenhador sentado, junto à margem de um rio, de queixo nos joelhos, muito triste, quando por ele passou um homem de barbas azuis.

Um homem de barbas azuis? Como pode ser isso? Pode, pois.

Nas histórias tudo pode acontecer. Então, era um feiticeiro?

Talvez fosse. Continuam a aparecer nas histórias. Uns de barbas encarnadas, outros de barbas verdes... Este tinha-as azuis, que mal há nisso?

O lenhador nem reparou na cor das barbas do homem. Estava tão desolado, a olhar para o rio, que tudo o mais lhe era indiferente.

– Aconteceu-lhe alguma desgraça? – perguntou o homem de barbas azuis, numa voz que parecia de pessoa bondosa.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Uma grande desgraça – respondeu o lenhador. – Estava a dormitar, cansado do trabalho, ao fresco da beira-rio, quando o machado me escorregou. Foi para o fundo e eu, que não sei nadar, não tendo machado, fico um inútil.

– Deixe que eu trato disso – tranquilizou-o o homem de barbas azuis, despindo a camisa e as calças e tirando meias e sapatos.

Mergulhou nas águas do rio, que estava limoso e redemoinhento. Um perigo. Voltou ao cimo com um machado de oiro.

– É este? – perguntou.

– Ó meu senhor, esse não é. O meu machado é ferramenta de pobre.

O homem de barbas azuis mergulhou de novo, para logo voltar à superfície, empunhando um machado de prata. Claro que também aquele não era o machado do lenhador.

Ao terceiro mergulho trouxe-lhe o machado perdido.

– E, como és honesto e sincero, levas também os outros machados – disse-lhe o homem de barbas azuis.

Pela primeira vez o lenhador reparou nas barbas do seu benfeitor. Assustou-se, atrapalhou-se e, tartamudeando uns agradecimentos em voz sumida, abalou com os três machados. Entardecia.

Antes de chegar a casa, encontrou um vizinho a quem contou a maravilha, exibindo os machados de oiro e de prata que refulgiam, à luz do sol a despedir-se.

O vizinho, que vinha da lavoura numa carrocita a desfazer-se, nem quis ouvir a história segunda vez. Puxou as rédeas e fez a mula trotar por barrancos, até à beira do rio.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Estava a noite a descer. O vizinho do lenhador, num afogadilho, desatrelou a mula e atirou a carroça com tudo dentro, ribanceira abaixo. O rio engoliu-a num trago.

Depois ainda atirou o relógio, a bolsa com moedas, o colete e a camisa para o meio do rio. E pôs-se a gritar, numa grande choradeira:

– Ai quem me acode, que perdi todos os meus pertences e não sei nadar!

Relanceava os olhos cobiçosos para as moitas que escureciam, à espera do tal bruxo de barbas azuis. De mãos nas cavas, tiritando da friagem da noite, gritou e voltou a gritar:

– Quem me devolve os meus ricos bens, a carroça de prata, com rodas de oiro e a riqueza toda que lá ia dentro, mais a camisa e o colete com botões de oiro e a bolsa cheia de libras, mais o relógio de oiro, ai quem me acode?!

A mula pastava solta, de dente arreganhado para a ervinha tenra. Ou estaria a rir-se?

Mais se ria, à socapa, a Lua, cheia e chapada, no meio da noite.

E o homem, quase nu, numa aflição, cada vez mais a sério:

– Quem me salva? Quem me acode?

Mas ninguém lhe acudiu.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A CASA DO BOTÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um alfaiate e um arquitecto que eram amigos.

Um dia, por brincadeira, o arquitecto disse ao alfaiate:

– Toma este botão. Podes fazer-me um casaco?

No dia seguinte, o alfaiate foi ter com o arquitecto e disse-lhe assim:

– Toma este tijolo. Podes fazer-me uma casa?

O mais engraçado é que os dois levaram a brincadeira a sério.

Para fazer uma casa, não basta um tijolo. Falta tudo o resto: o terreno, o projecto, todos os materiais de construção, descontando um tijolo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Para fazer um casaco, não basta um botão. Falta tudo o resto: o tecido, o modelo, todos os aviamentos, descontando um botão.

– Este tijolo é um bom começo – disse o arquitecto.

– Este botão é um bom princípio – disse o alfaiate.

O arquitecto sozinho nunca conseguiria construir a casa. Precisou da ajuda de desenhadores, pedreiros, carpinteiros, electricistas, pintores e de outros profissionais do ramo da construção civil.

O alfaiate sozinho talvez conseguisse fazer o casaco, mas preferiu a ajuda de oficiais e costureiras de alfaiate, profissionais do ramo de alfaiataria.

Enquanto a casa demorou a construir, muitos casacos saíram da oficina do alfaiate. O contrário é que seria de estranhar.

Para pagar a construção da casa e para pagar a todos os que nela trabalharam, o alfaiate teve de vender imensos casacos, calças e coletes. Era de prever.

Mas finalmente a casa ficou pronta. O casaco já estava pronto, há muito. Com o seu casaco novo pelos ombros, o arquitecto foi visitar o alfaiate na sua casa nova.

Perguntou-lhe o alfaiate:

– Ouve lá, onde puseste o tijolo que eu te dei?

– Guardei-o, para recordação – respondeu o arquitecto.

– Tem graça – comentou o alfaiate. – Eu fiz o mesmo ao botão que tu me deste. Também o guardei, para recordação.

Por aqui se vê como um botão teve uma casa construída por um arquitecto.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NÃO DÁ FRUTO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um arbusto, a crescer para árvore. Não era uma árvore de fruto.

Isso é que a desgostava, porque ela tinha um sonho: queria dar. Fossem cerejas, maçãs, laranjas, nozes, limões, fosse o que fosse. Esta arvorezinha tinha o gosto de dar prendas. Mas o quê, se não dispunha de prendas para oferecer?

Parou à beira dela uma vaca.

– Tu que dás? – perguntou a árvore.

– Dou leite – respondeu a vaca.

Depois, parou uma ovelha.

– Tu que dás? – perguntou a árvore.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Dou lã – respondeu a ovelha.

Depois, parou um porquinho.

– Tu que dás? – perguntou a árvore.

– Dou tudo – respondeu o porco.

Não julguem que dizia isto com ar resignado e triste, a pensar na salgadeira. Dizia até com bastante orgulho. Os porcos sabem que são muito úteis.

– Só eu sou uma inútil – queixava-se a árvore.

A vaca, a ovelha e o porco, sentados a descansar, junto à árvore, não eram da mesma opinião.

– Tu dás imenso e sem regatear a todos os que por ti passam – disse um deles.

A árvore não queria acreditar:

– O que é que eu dou, coitadinha?

– Dás sombra – disseram os três animais, em coro – És fundamental.

Daí para diante, a arvorezinha cresceu mais feliz.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

JOCA PROCURA AMIGO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

20 de Julho
Dia Internacional da Amizade

O Joca foi com os avós para férias. Para as termas.

Saiba quem não souber que as termas são lugares tranquilos, onde descansam dos sobressaltos da cidade os que precisam de descansar e onde se tratam das queixas e doenças da vida os que precisam de se tratar. Mas não são nenhuns hospitais.

Há hotéis, piscinas, campos de ténis e muitos sítios para passear. As pessoas que vão para as termas conversam, lêem e, sobretudo, repousam.

Ah, mas não esquecer: bebem aguinhas, aguinhas termais que fazem bem ao fígado, ao estômago, aos rins e outras vísceras que me dispenso de enumerar. Ficam as pessoas lavadas por dentro, embora também haja termas onde são receitados banhos para quem sofra da pele. Tudo muito higiénico.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O Joca, a princípio, maçou-se. Faltavam-lhe meninos da idade dele para brincar. Até que, à entrada do hotel, descobriu um rapazinho tão desamparado quanto ele.

Entrar à conversa não custou nada. E o Joca, logo às primeiras, quis saber coisas do Guilherme, assim se chamava o outro garotinho.

Na recepção do hotel, o recepcionista ouvia o relato de um jogo de futebol. Vinha mesmo a propósito.

– Também és do Benfica? – perguntou o Joca.

– Não. Sou do Sporting – respondeu o Guilherme.

Mau começo. Mas talvez as coisas se compusessem...

– Então, queres jogar à bola? – perguntou o Joca.

– Só nós os dois não tem graça – respondeu o Guilherme.

O Joca ainda esteve para replicar que não ia ser fácil encontrar, naquele pequeno hotel das termas, mais miúdos da idade deles que dessem para formar duas equipas, mas preferiu mudar de assunto.

– Trouxe os meus carrinhos. Vou buscá-los ao quarto e fazemos uma corrida no pátio do hotel.

– Não me apetece brincar com carrinhos – respondeu o Guilherme, com cara de enjoado. – Mas podemos jogar às damas. No salão, há um tabuleiro.

Agora foi a vez de o Joca recusar a ideia:

– Não gosto de jogar às damas.

A verdade é que não sabia ou ainda não sabia, mas não quis dar parte fraca e propôs:

– Mas podemos jogar às cartas...

Recusa do Guilherme. Cartas não eram com ele.

Ia a passar um vendedor de gelados, a apregoar a cantiguinha tentadora, que todos nós bem conhecemos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Gostas de gelados? – perguntou o Joca.

– Gosto – respondeu o Guilherme.

– A mim apetece-me um de morango – disse o Joca.

– A mim também – disse o Guilherme.

Acabavam-se os desencontros.

O Joca encarou o Guilherme e concluiu, feliz:

– Bem me parecia que tínhamos os mesmos gostos. Vamos ser amigos.

E cada um foi comprar um gelado de morango.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NÃO CABEM MAIS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Naquelas férias, a Estalagem Pestana do senhor Pestana não era das mais frequentadas. Por isso, quando, um dia, chegou à recepção, atrás da qual o senhor Pestana fazia as suas contas, um hóspede que perguntou:

– Tem um quarto espaçoso, com cama de casal e casa-de-banho?

O senhor Pestana, sem levantar os olhos dos seus papéis, respondeu:

– Tenho sim, senhor, e com vista para o lago. Já mando buscar as suas bagagens.

Dizendo isto, encarou com o novo hóspede. Era um hipopótamo, um hipopótamo autêntico, como o do Jardim Zoológico e o dos filmes de África. O senhor Pestana, atarantado, só conseguiu gaguejar estas palavras:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Lamentamos... lamento... mas, a piscina... a piscina ainda não está a funcionar.

– Não tem importância. Tomo banho no lago.

O senhor Pestana, que era um excelente estalajadeiro, sempre muito correcto e atencioso, perguntou a medo:

– Vossa Excelência vem acompanhado?

– Venho sozinho – esclareceu o hipopótamo. – Se pedi uma cama de casal, é porque a minha corpulência... Compreende?

– Perfeitamente. Vossa Excelência pode ficar descansado, que as nossas camas são óptimas e muito resistentes. Agradecia, no entanto, que não utilizasse o elevador.

– Não se preocupe. Eu também compreendo.

Era, de facto, um hipopótamo muito compreensivo. Tomava, discretamente, o pequeno-almoço no quarto, descia as escadas com toda a delicadeza e ia dar uma voltinha. Pelas onze da manhã, já estava a tomar banho no lago, para grande satisfação dos outros clientes da estalagem, encantados com aquela novidade em cores africanas.

A notícia divulgou-se e a estalagem encheu-se. O senhor Pestana andava contentíssimo. Calculem, portanto, a decepção que ele sofreu quando, um dia, o seu afamado cliente o informou:

– Faça-me a conta, por favor, porque parto amanhã.

Desolado, o senhor Pestana perguntou ao hipopótamo:

– Vossa Excelência tem alguma razão de queixa dos nossos serviços? Parte incomodado ou desagradado com alguma falta nossa?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– De forma alguma – tranquilizou-o o hipopótamo. – Gostei imenso destas férias. Esteja seguro de que vou recomendar a sua estalagem aos meus amigos.

Assim aconteceu. E foi devido às boas informações dadas pelo hipopótamo que, no ano seguinte, o senhor Pestana teve de recusar muitos clientes...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PARDAL JÁ SABE LER

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Quem fala sempre, do princípio ao fim, é o pardal Arisco, arisco de nome, mas atrevido como poucos:

Andava eu na minha vida, a petiscar o almoço, quando vi, aberto no meio da relva, um livro de folhas amarelas, como se lhe tivesse dado o Outono antes de tempo.

Não é fácil encontrar um livro no campo. Talvez seja por isso que eu não sei ler. Aqueles sinais gordos e finos, muito retorcidos, de que os livros estão cheios, a mim parecem-me minhocas, mas não enchem a barriga. Está visto que sou um pardal muito ignorante.

No tal livro, havia minhocas ou... letras (acho que é assim que o Mocho Sábio lhes chama) e, de espaço a espaço, havia bonecos. Disso percebo eu. Basta ver.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Que lindeza de bonecos! Vi, num deles, uma porca a ensinar os filhos a comer. Quase de certeza que lhes dizia:

– Leitõezinhos, não comam com a boca toda. Não sejam glutões. Tomem cuidado e não sujem as patas. Não sejam porcos.

Noutro desenho, via-se um dos leitões a escapar-se, talvez arreliado com as recomendações da mãe.

Estava eu nisto de inventar a história, que as tais "minhocas" melhor saberiam contar que eu, quando se levantou, de repente, um ventinho endiabrado, que me roubou as folhas do livro. Folhas de Outono, não havia dúvida... Mal presas, voaram não sei para onde.

Lá se ia a história. Que pena! Onde voltaria eu a arranjar outro livro, que me treinasse na leitura?

Já me tinha esquecido do livro de folhas amarelas quando ouvi, não de muito longe, uns grunhidos de aflição. Quem grunhe é o porco, quando está bem ou mal disposto, mas aqueles grunhidos eram pedidos de socorro. Alto lá! Aproximei-me, num voo baixo, e que vi eu?

Vi um porquinho, igual ao dos desenhos, com a cabeçorra entalada entre as duas traves da cerca, que dá a volta à quinta. Devia ter querido fugir, mas, naturalmente, não fez contas ao seu tamanho e agora via-se naquela ridícula situação. Pobre leitão entalado, metade em liberdade, metade preso...

E era tal e qual o leitão dos desenhos, que eu tinha visto no livro. Dei um pulo de satisfação. Ali estava o fim da história, que o vento me roubara. O leitão, que fugira da pocilga, transformara-se num leitão prisioneiro.

Dele já se aproximavam vários moços da quinta, com serrotes e serras. Um deles trazia um machado. Tive uma

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

suspeita tola: iriam cortar o bicho ao meio? Pobrezinho...

O leitão grunhia como se o serrassem, mas os moços afinal não tinham más intenções. Quando o libertaram da entaladela, lá foi ele a correr, mas, desta vez, a caminho da mãe.

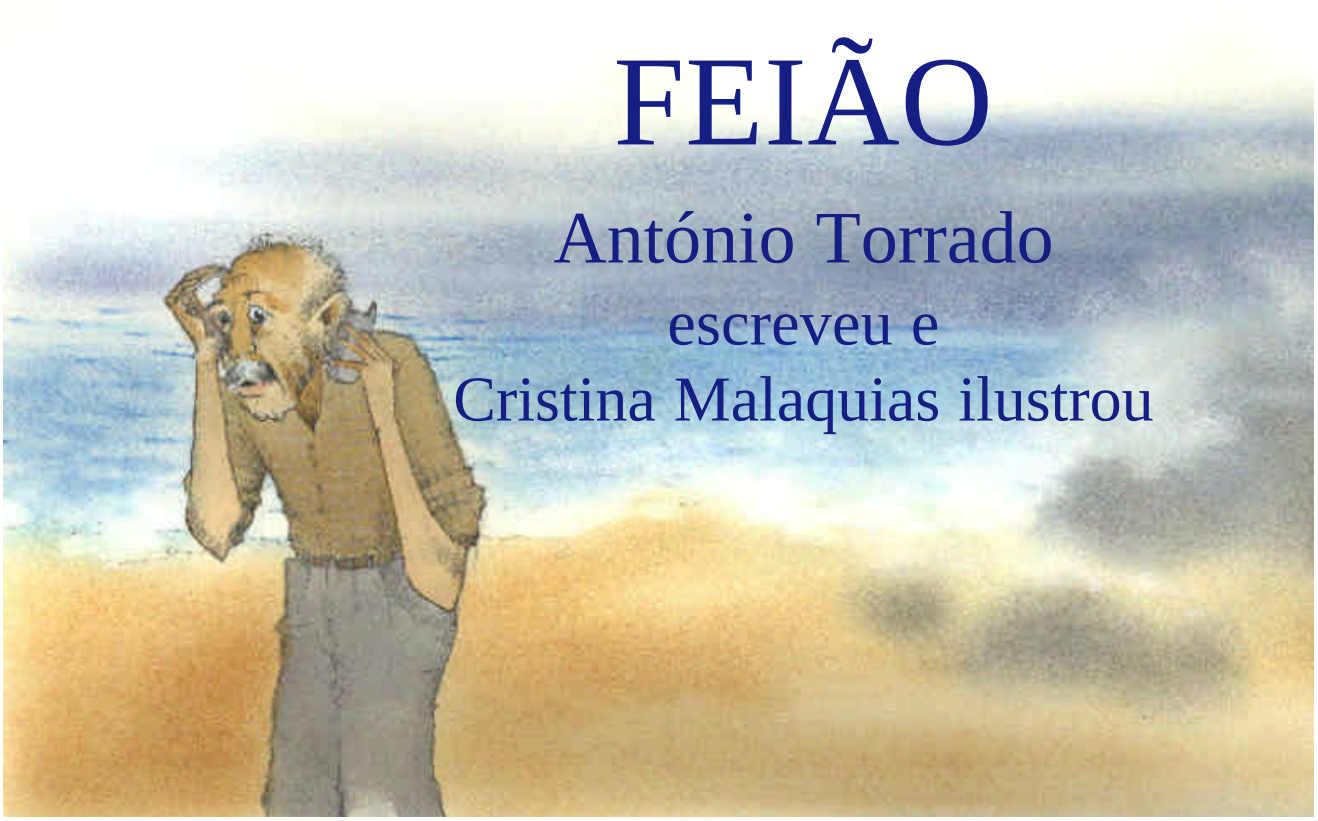
Vejam como uma história, começada num livro, termina numa quinta de verdade. Às vezes, deve ser ao contrário – começam as histórias na vida de verdade e continuam, depois, a viver nos livros...

Para um pardal pouco dado a letras não está mal a conclusão.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LINDINHO E FEIÃO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A minha tia tem telemóvel, mas só para falar para o meu primo. É um telemóvel de sentido único.

– Lindinho, estás na piscina? Não vás para a água senão com o estômago vazio.

Ou:

– Lindinho, estás na praia? Não andes ao sol senão com chapéu.

Ou:

– Lindinho, estás na esplanada? Não te empanturres em gelados senão não jantas.

Tudo recomendações sensatas, a que o meu primo Arlindo ou Lindinho presta a atenção devida. O Arlindo sempre foi um rapazinho atilado e obediente, o que só lhe fica bem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Tem um único defeito, que nem sei se defeito será. É muito esquecido.

À conta deste senão, perdeu, há dias, o telemóvel. Deixou-o na areia da praia.

Um velho pescador, desses que já não pescam, mas nunca se desapegam do mar, descobriu o telemóvel, no preciso instante em que ele se pôs a tocar. Automaticamente, atendeu e ouviu:

– Lindinho, estás na praia? Toma cuidado e não andes ao sol senão com chapéu...

O pescador, a quem nunca ninguém o tratara por lindinho, levou a mão à testa descoberta e curtida de muitos sóis e fez um ar de grande espanto.

– Lindinho, estás a ouvir-me? – prosseguia a minha tia. – Não vás para a água senão com o estômago vazio.

Com esta é que o velho pescador não contava. Tinha mesmo de responder:

– Ó minha senhora, não têm conta as vezes que eu me fiz ao mar de estômago vazio...

– Quem está aí? – estranhou a minha tia. – Não é o Lindinho?

– Lindinho, minha senhora, só se fosse para a minha mãe, que Deus lá tenha em descanso.

– Então com quem é que eu estou a falar?

– Com o Zé da Felismina, também conhecido por Feião pela minha gente do bairro dos pescadores.

Alarmou-se a minha tia:

– E o meu filho? Onde pára o meu Lindinho?

O Zé pescador tranquilizou-a e palavras depois tudo estava esclarecido. Ele próprio se encarregou de ir levar o telemóvel do meu primo à casa de férias dos meus tios.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Este desencontro de vozes deu, afinal, oportunidade a que Lindinho e Feião se encontrassem e conhecessem.

O velho pescador conta ao meu primo peripécias da sua antiga vida de homem do mar e anda, agora, a ensiná-lo a pregar o isco ao anzol e a lançar a linha. O meu primo Arlindo até já pescou um robalito.

Assim se desenvolveu uma grande amizade.

Os telemóveis são, realmente, uma grande invenção.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O HOMEM DOS IMPOSSÍVEIS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Ele era o homem dos impossíveis.

Fazia chover, se lhe pediam.

Calava as trovoadas, quando lhe apetecia.

Mudava as estações, sempre que queria.

Fantástico. Possuía dons que eram dele, muito dele, de mais ninguém. Mas não os aplicava.

Nunca mandara a chuva soltar-se das nuvens nem a trovoada serenar nem as estações trocarem de posição umas com as outras, porque ninguém lhe pedira tais feitos. Verdade se diga que ele próprio também não sentia vontade de exercer os seus dotes mágicos.

Que chovesse ou não chovesse, que trovejasse ou não trovejasse, que fosse Primavera, Verão, Outono ou Inverno tanto lhe fazia.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O homem dos impossíveis era, afinal, um homem simples e descuidado.

Outro que fosse e onde quer que estivesse pôr-se-ia a gabar as suas habilidades e talentos. Ou pendurava um cartaz à porta, a anunciar: MÁGICO QUE FAZ CHOVER. Ele, não.

Seria difícil encontrar pessoa mais modesta e discreta. Casa emprego, emprego casa, fizesse sol ou fizesse chuva e sempre de chapéu-de-chuva debaixo do braço, não fosse o tempo mudar, por exclusivo capricho do tempo.

Em casa, a mulher queixava-se:

– Tantos dotes mágicos, tantos dotes mágicos e está a torradeira escangalhada, há que tempos, e não há meio de te dispores a arranjá-la.

É preciso que se diga que o homem dos impossíveis era também um bocado desleixado.

– Um paspalho – dizia a mulher. – Se te aplicasses, podias ganhar fortunas. Comprávamos uma torradeira nova, uma casa nova, um automóvel novo...

Pois sim. Pois sim, mas o homem dos impossíveis não esteve para aí virado. Ralações não eram com ele.

Só uma vez se indignou e puxou a brios as suas escondidas faculdades mágicas. Foi quando ia a passar por uma praceta e ouviu um fulano gritar, no meio de uma quantidade de gente:

– Comigo não há impossíveis. Peçam-me o que quiserem que eu, o grande mago Hermenegildo, mais hora menos hora, mais dia menos dia, mais mês menos mês, concedo o que me pedirem. Só exijo que me paguem adiantado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Era à evidência um aldrabão. Mas há quem goste e ache graça.

Levantou-se uma voz do grupo dos basbaques que pediu:

– Faça chover, se consegue.

– Se pagarem antes, faço – respondeu, prontamente, o trapaceiro.

Vivia-se uma época de grande seca. À míngua de água as searas definhavam. Das torneiras escorria um fio, quando escorria. Aos poços via-se-lhes o fundo.

Em tempo de desespero, qualquer promessa, por mais incrível que seja, refresca a esperança. Como o orvalho pela manhã.

O aldrabilhas ia levar a sua avante. As primeiras moedas pingaram no chapéu que ele estendia.

– Contribuam todos que, em chegando a uma determinada quantia, eu garanto que faço chover – dizia o manhoso do Hermenegildo.

– Quando? – perguntavam, em volta.

– Depende da soma que juntar neste peditório – explicava o falso mago, contando as moedas. – Se for muita, mais cedo. Se for pouca, mais tarde...

Foi aqui que o homem dos impossíveis decidiu intervir:

– Esse sujeito é um vigarista. Ele nunca conseguirá fazer chover.

– Isso julga você, seu invejoso – replicou-lhe o mágico Hermenegildo. – Como é que sabe?

– Sei, porque eu é que faço chover – disse o verdadeiro homem dos impossíveis, muito direito e seguro de si.

Riram-se os do grupo. O que mais se riu foi o aldrabão.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Arredado do ajuntamento pela troça dos outros, o homem dos impossíveis foi para uma das arcadas da praça, encostar-se a uma coluna, como um menino amuado.

– Ai não acreditam em mim? Pois já vos conto como é – dizia ele, de si para si.

Aplicou-se a fundo, fez força ou lá como foi e uns primeiros borrifos caíram na praça. As pessoas olharam para o céu e viram-no carregado de nuvens cada vez mais escuras. Uma abada de água entornou-se lá de cima. Nunca mais parava de chover.

– Vêem, vêem o que as vossas moedas renderam – gritava o trapalhão, secretamente, espantado com o que se passava. – Continuem a contribuir, se não querem que deixe de chover. Eu, o mágico Hermenegildo, o que prometo faço!

Saiu dali rico. E famoso. E até um bocadinho convencido de que, realmente, era capaz de comandar a chuva.

Quanto ao homem dos impossíveis, que logo nesse dia se tinha esquecido do chapéu-de– chuva, chegou a casa todo encharcado.

– Francamente, homem! – ralhou-lhe a mulher. – O trabalho que eu vou ter a enxugar a tua roupa. E ainda te podes constipar... És mesmo impossível!

Mas ele não se ralou. Estava até muito divertido. Tão divertido que deu um espirro, parou de chover e um magnífico arco-íris desenhou-se no céu.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PINTO PRETO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma galinha que não tinha pintos. Ela chocava os ovos, mas saíam todos goros.

Um dia, alguém, por maldade ou distracção, meteu no choco um ovo de corva. Passado tempo, do ovo rompeu um passareco feinho que mal se tinha nas pernas.

A galinha chamou-o de filho e o corvinho trangalhadanças chamou-a de mãe. Assim podia acabar a história, que acabava em maravilha.

Mas a capoeira não aceitou este final.

– Não é dos nossos – cacarejavam as restantes galinhas.

– Vai dar má fama ao poleiro – proclamava o galo.

Só a galinha o defendia e com tanta força nas bicadas que se deu ao respeito.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Entretanto, as pernas espetadas do bicharoco foram ganhando outra compostura e volume e brilho. Tinha-as de um preto tão luzidio que, por elas rasando, de um certo e determinado ângulo, os raios de sol, parecia o corvo uma ave rara, toda vestida de prata e azul.

A mãe galinha, orgulhosa, não se cansava de olhá-lo. O galaró, esse, fazia vista grossa, mas começava a sentir-se ameaçado nos seus poderes e prosápias.

Sem razão, afinal. O corvo era manso, respeitador. Por vontade dele, seria toda a vida pinto.

Passava a noite acordado, enquanto a criação dormia. Não era crise de insónia, mas uma forma de se proteger do desgosto de se sentir diferente. Por sua vez, mal o sol despontava, metia a cabeça debaixo da asa e adormecia. Era da maneira que não aturava os olhares despeitados dos colegas do galinheiro.

Estava ele uma noite, no seu matutar, virado para a Lua, quando sentiu umas raspadelas suspeitas, do lado em que a rede estava mais folgada. Era um ladrão, pilha-galinhas, rapinante, desses que torcem o pescoço ao galinhame adormecido e zás, atiram o recheio de uma capoeira toda para dentro de um saco, em menos de um ai.

– Ai! – terá gritado o corvo de alerta. E continuou na gritaria.

Se não foi "ai" foi coisa parecida, grasnada em toque de cornetim. Saltaram galo e galinhas do poleiro – algumas até caíram -, o ladrão atarantou-se com a chinfrineira e pôs-se a cavar, de saco vazio.

– Salvaram-se, graças ao meu filho – não se cansava de repetir a mãe galinha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

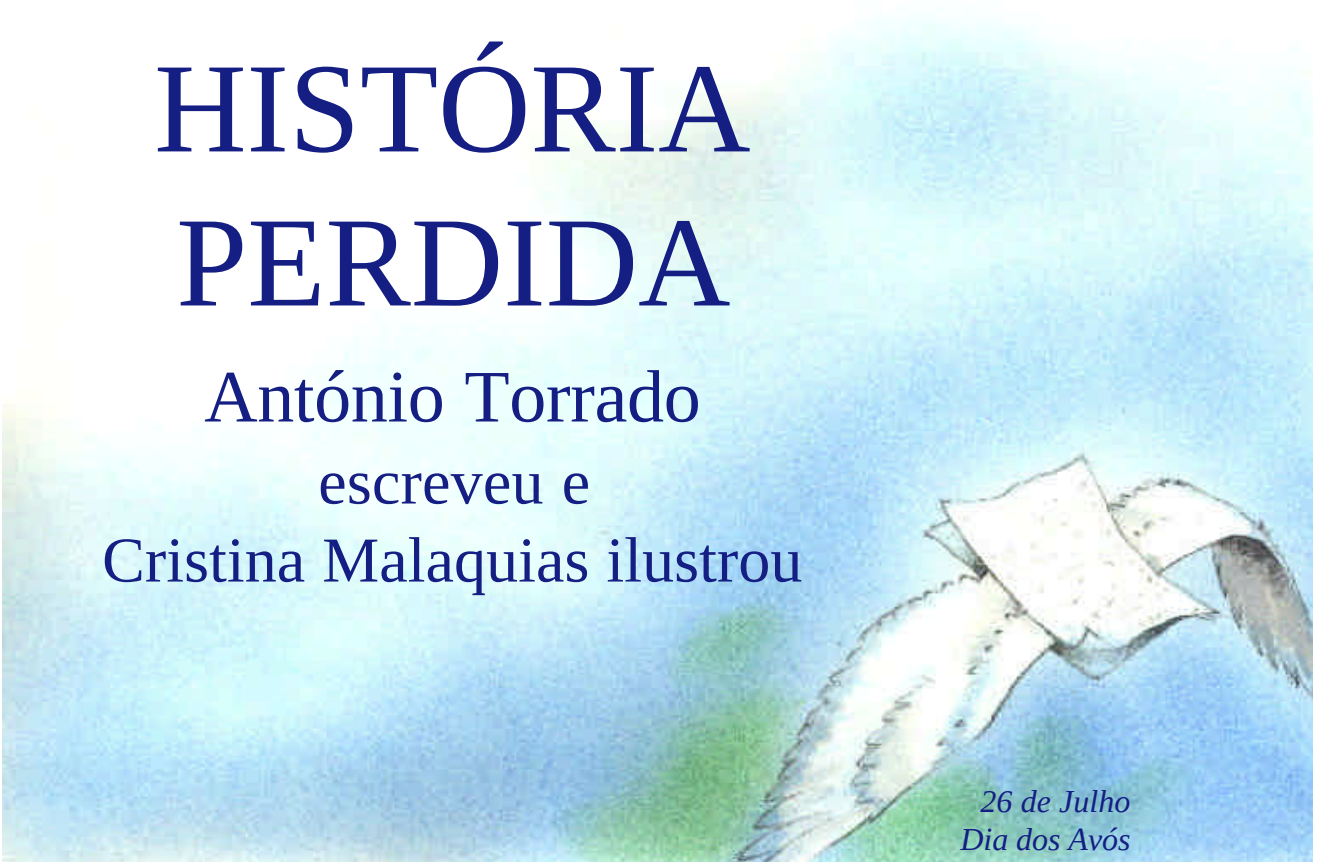
Concordância geral. Todos abriram as asas ao herói. E logo ali decidiram, com muitos bravos, que o corvo passava à categoria de segurança, guarda-nocturno, guarda-redes de toda a capoeira. As penas do corvo luziam de felicidade.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

HISTÓRIA PERDIDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



26 de Julho
Dia dos Avós

Ia para contar uma história, mas no caminho para casa ou lá onde fosse esqueci-me.

Sentado à secretária, onde escrevo as histórias que me ocorrem por aqui e por ali, chamei pela minha história e ela nicles! Não respondeu à chamada.

Onde a teria perdido? No corredor? Não, que não era história de correr. Na casa de jantar? Não, que não era história de comer. No quarto? Não, que não era história para adormecer.

Naturalmente, foi na rua, antes de eu ter entrado em casa. Ficou à porta, envergonhada, e andará agora por aí, ao deus-dará, sem ninguém que lhe dê a mão, desabrigadinha de todo, a minha pobre história perdida.

Que impressão isto me faz.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Vou amanhã a um jornal e ponho um anúncio: HISTÓRIA PERDEU-SE. RECOMPENSA-SE QUEM A ACHAR E A TROUXER À SEGUINTE MORADA...

Mas como é que as pessoas vão dar com a minha história, se andam por aí tantas histórias pela rua, ao desamparo, só à espera de alguém que as conte? Vou ficar com a minha casa cheia de histórias que não me pertencem. É embaraçante. Eu só preciso de uma. A minha. Como resolver esta aflição?

Bem... Podia imaginar... Podia, por exemplo, imaginar que a minha história, depois de ter andado ao acaso, foi ter a um jardim, onde estava uma senhora de cabelos brancos, sentada num banco, pensativa, preocupada... Ia visitar os netos e não tinha nada para lhes levar. Nem carrinho, nem bola, nem boneco... E eles, já se vê, à espera de uma lembrança. Mas a vida tão cara!

A minha história adivinhou-lhe os pensamentos. E a minha história, sempre tão tímida, tão metida consigo, teve uma ousadia. Ofereceu-se:

– Leve-me aos seus netos. Conte-me. Também sou uma prenda.

Assim aconteceu. E os netos parece que gostaram.

Afinal, sempre se aproveitou a minha história perdida.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O RATO RATOLAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rato, chamado Ratolas, que se julgava mais que os outros - os outros animais rasteiros da sua condição ou aproximados. Ratos, ratazanas, toupeiras, doninhas, ouriços, lagartixas e restante pessoal do mundo subterrâneo ou rente à terra, nunca lhe ouviram um "Olá, como vais tu?", porque o Ratolas não prestava atenção aos insignificantes bichos seus iguais. Ele só se dava com a alta, com os bicharocos grossos e pernaltas, girafas, leões, elefantes, rinocerontes, hipopótamos e outros que tais matulões.

Um dos amigos era o elefante. Que montanha ondulante, bamboleante o elefante! Que gigante!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Psst! – chamava o ratinho – Olá, amigo! Então passa e não fala?

– Não fala? – intrigava-se o elefante – Não fala a quem? Quem me fala?

– Sou eu, o Ratolas. Estou aqui, em cima desta pedra, em bicos de pés. Então não me vês?

– Agora vejo. Como tens passado, aí por baixo?

O Ratolas respondia que sim, que passava bem, muito obrigado. Soprava mais umas coisitas sem importância e, depois, calava-se. Conversas destas nunca podiam ser muito longas, porque o rato depressa ficava com a garganta seca de tanto se esganiçar. Então, o elefante dizia-lhe adeus e lá continuava nas suas graves passadas, que abalavam a floresta.

Uma vez, os elefantes deram uma festa. O Ratolas não tinha sido convidado, mas se ele era quase da família, porque não havia também de ir?

Arranjou uma noz para cada elefante, embrulhadas numa folhinha, à maneira de presente, o que era simpático, e carregou com tudo até à clareira da floresta, para onde estava marcada a reunião.

Demorou que tempos pelo caminho, porque levava carga pesada. Quando chegou, já a festa ia em meio.

– Resolvi trazer-vos uma prenda – começou o ratito, na orla da clareira.

Mas ninguém o ouvia. Os elefantes estavam a dançar. Estremeciam as árvores da raiz à copa, estremecia a floresta de ponta a ponta, estremecia o continente, estremecia a Terra. Elefantes a dançar – zumba-pumba-zumba – imaginem!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Adiantou-se um passo o Ratolas:

– Trago-vos um presente, uma pequena lembrança...

Mas a dança, que era de truz, abalava tudo. Abalava tudo e tanto que as nozes rolaram pelo chão. Foi o Ratolas apanhá-las, mas não fosse ele tão rápido nos movimentos e a história acabava mesmo aqui. Acabava mesmo aqui, o que era um pena. Por pouco que o ratinho Ratolas não ficou esmagado debaixo da pata de chumbo de um dos elefantes matulões. Escapou-se por uma unha limpa.

Escapou-se, voltou costas aos elefantes, à clareira da festa e regressou à sua toca, pensativo. Pelo caminho, encontrou uma lagartixa e cumprimentou-a:

– Como tem passado, senhora lagartixa? Que tal vai de comidinha?

Mais adiante cruzou-se com um esquilo:

– Que belo dia, amigo esquilo. Saúde e sorte é o que lhe desejo.

Estava mudado, não havia dúvida, o ratinho Ratolas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

TURISTA ESPECIAL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Há aquela história de um boneco de neve, que foi a uma agência de viagens...

– Quero que me venda uma passagem de avião para um país que valha a pena – pediu ele ao balcão da agência de viagens.

– Um país frio, naturalmente – concluiu, à sua própria conta, o empregado da agência.

– Nem por sombras! – exclamou o boneco de neve. – Num país frio vivo eu, desde que me conheço.

– Nesse caso, prefere ir para um país de clima temperado, nem muito frio nem muito quente – concluiu, à sua própria conta, o empregado da agência.

– Nem por sombras! O que quero é ir para um país quente – anunciou o boneco de neve. – Passe-me já o bilhete, que estou com pressa.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Bilhete só de ida, naturalmente – concluiu, à sua própria conta, o empregado da agência.

– Exacto! Finalmente, acertou – aplaudiu o boneco de neve. – Quero só um bilhete de ida, para nunca mais voltar.

O empregado da agência ainda observou, a medo:

– A nossa agência não pode responsabilizar-se pelos acidentes e sobressaltos que possam ocorrer aos nossos clientes. Nem as companhias de seguros cobrem todos os riscos. Bem vê: a neve, em climas quentes, tem tendência a...

– Deixe-se de conversas. Quero viajar e pronto. Arranje--me o bilhete. Despache-se!

– Tem alguma preferência? – perguntou o empregado, sem nenhuma vontade de atender aquele cliente. – Florida? Antilhas? Córsega? Norte de África? Algarve?...

– Pode ser esse, que disse agora – interrompeu o boneco de neve.

– Algarve?

– Exactamente. Não sei onde fica, mas soa bem. Quero ir viver para o Algarve.

E veio mesmo. Anda por lá agora. Quando virem uma carrinha de gelados, a passear entre Faro e Portimão, já sabem quem vai lá dentro.

– Gelado fresquinho! – apregoa o motorista do boneco de neve, tilintando a campainha do triciclo.

O boneco de neve dispensava o pregão. Ele preferia viajar incógnito, dentro da caixa frigorífica, mas nestas viagens turísticas nem tudo corre sempre à medida dos nossos desejos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS TRABALHOS DO JOCA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Chegaram as férias. Chegaram as férias para todos, menos para o Joca.

Realmente, já não tem de ir à escola. Mas, em contra-partida, nem fazem ideia do que o rapaz tem agora que fazer!

Para o Joca não há parança. Avaliem se tenho ou não tenho razão...

Às 2ª feiras, o Joca é bombeiro, ao volante da ambulância vermelha.

Às 3ª feiras, é maquinista, a contas com os manípulos da locomotiva.

Às 4ª feiras, é ciclista e farta-se de correr, isto é, de pedalar.

Às 5ª feiras, é motorista, e que bem que ele guia a camioneta.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

Às 6ª feiras, é aviador, aos comandos de uma bela avioneta.

Aos sábados, é cow-boy e monta um cavalo branco, com arreios dourados.

Aos domingos – calculem que até aos domingos! – é astronauta, dirigindo pelo espaço o foguetão de prata.

Às 2ª feiras... Às 2ª feiras, que desolação! Quando se preparava para regressar ao trabalho, o Joca dá conta de que, no largo da vila, o carrossel vai ser desmanchado.

A voz que o animava a "mais uma corrida! Mais uma viagem!" emudeceu.

Vai o carrossel para outras terras, dar que fazer a outros meninos, rodopiar ao som da mesma música, que o encantou a ele, a semana inteira.

E a ambulância dos bombeiros, a locomotiva, a bicicleta, a camioneta, o avião, o cavalo, o foguetão, rodando, uns atrás dos outros, rodando sempre, vão pôr a andar à roda as cabeças de mais meninos. De olhos fechados, eles sentem-se, de repente, bombeiros, maquinistas, ciclistas, motoristas, aviadores, cow-boys, astronautas...

O Joca vê partir o carrossel e tem pena. Mas, paciência! Há mais coisas a fazer durante as férias – por exemplo, brincar. E, a esse respeito, o Joca não se perde.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CASTELO DE AREIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma praia muito carregada de gente. Toldos e barracas de lona tapavam a vista do mar. Chapéus-de-sol, em cacho, uns sobre os outros, tapavam a vista do céu.

Para que um banhista, mesmo magrinho, conseguisse estender a toalha de banho sobre a areia, tinha de pedir "Com licença, com licença" aos vizinhos, para que se chegassem um pouco mais para o lado. Então, toda a praia se movia, à esquerda e à direita, como uma onda e as pessoas, sucessivamente, diziam "Com licença, com licença", a pedirem espaço ao vizinho do lado, até nos dois extremos da praia os últimos banhistas gritarem: "Não apertem mais!" E estes últimos banhistas acabavam por ter de ficar em pé, de encontro à muralha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Quero fazer um castelo de areia – disse o menino, que tinha trazido para a praia um balde novo e uma pá e um ancinho.

– Só quando o teu pai for tomar banho – disse a mãe.

– Para que lado é que é a água? – perguntou o pai.

– Acho que é para ali – apontou a mãe. – Foi donde veio ainda agora aquele senhor, que está a limpar-se.

O pai, para ter a certeza, foi perguntar ao tal senhor:

– O mar estava bom?

– Não sei – respondeu o senhor, que esfregava furiosamente a cabeça com uma toalha. – Não encontrei mar nenhum. Para me refrescar, tive de ir tomar duche a um balneário.

– Se fosse a ti não saía de ao pé de nós – disse a mãe do menino. – Vais e, depois nunca mais nos encontras, no meio de tanta gente.

– Então quando é que eu faço o castelo de areia? – perguntou o menino, já amuado.

– Descansa que eu vou já tomar banho – disse o pai. – Para voltar, oriento-me pela cor do nosso chapéu-de-sol.

– Há milhares de chapéus-de-sol iguais – disse a mãe, mas o marido dela e pai do menino já ia longe.

Ia, todo satisfeito, a caminho do mar, embora só muito mais tarde viesse a descobrir, quando chegou à estrada, que se tinha enganado.

O menino pôs-se a construir o castelo de areia, cheio de entusiasmo. Depois de ter erguido o torreão e a primeira cintura de ameias, lembrou-se de pedir à mãe:

– Quero um gelado.

A mãe escusou-se, explicando-lhe que se ela fosse

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

procurar a barraca dos gelados, ia ser muito difícil depois dar de novo com o sítio onde estavam.

Mas o menino insistiu tanto, que ela acedeu.

No bocado de areia deixado livre pela mãe, o menino acrescentou ao castelo uma segunda cintura de muralhas e um fosso todo à volta. Estava um trabalho perfeito e já com uma certa dimensão.

Passou que tempos.

– Estou cheio de fome – gritou o menino, sem tirar os olhos da sua construção, que já tinha preenchido todo o espaço disponível.

Um par de namorados, que estava estendido ao lado, condoeu-se daquele menino, que se perdera dos pais, e foi procurar o cabo-do-mar, para dar-lhe conta da ocorrência. Os namorados partiram de mão dada, tendo a mãe da rapariga recomendado que não se demorassem.

Pois sim. A verdade é que se demoraram, tanto que a mãe da rapariga, muito enervada, resolveu ir à cata deles, pela praia fora.

A obra crescia a olhos vistos. Era um imponente amuralhado com várias cercas e fossas, torres anexas e trincheiras defensivas, esculpidas com primor pelos dedos hábeis do menino, esquecido de tudo o mais à sua volta.

Preenchia uma importante extensão de terreno, que até parecia impossível que, no aperto de tanta gente, ainda houvesse um quadrado de areia disponível para um menino brincar tão à vontade.

Declinava o sol, quando o pai regressou, tiritando. Logo a seguir apareceu a mãe, com um gelado todo derretido. Abraçaram-se, como se já tivessem perdido a esperança de

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

voltarem a encontrar-se.

– Este dia correu muito mal – concordaram os pais.

Só o menino não era da mesma opinião.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A HORTA DO ESTEVES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Dois coelhos do mato miravam, a uma respeitável distância, a horta do senhor Esteves.

– Que lindeza de couves! E as alfaces tão apetitosas... – dizia o coelho mais novo.

– Mas não te chegues – aconselhava-o o coelho mais velho. – O Esteves, se te apanha a roer-lhe alguma couve, não te perdoa.

– Uma folha só, que mal faz? – dizia o mais novo.

E ia-se chegando para a horta.

– Eu aviso-te. O Esteves não é para brincadeiras – gritava-lhe, já de longe, o coelho mais velho. – Quando era da tua idade, também me tentei e ainda guardo, de recordação, um chumbo na perna.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas o coelho mais novo já não o ouviu.

O mais velho, a internar-se no mato e a ouvir um estampido.

– A espingarda do Esteves – exclamou e fugiu a sete pés, embora não fosse nada com ele.

Não correu muito, porque o chumbinho antigo ainda se fazia sentir. Alapado num brejo, esperou.

O amigo ter-se-ia escapulido? Ou já estaria a ser esfolado, para, daí a pouco, entrar na panela, onde a cebola e o azeite faziam fe, fe, fe, na cantoria do refogado? Vida espinhosa a dos coelhos do mato, sobretudo a dos que não seguem os conselhos dos mais sabedores.

Nisto pensava o coelho velho, quando ouviu um gemido por perto. Era o aventureiro, que até ali se arrastara, a esvair-se em sangue.

– Quando fores da minha idade, também vais ter para contar aos mais novos – dizia-lhe o velho companheiro, enquanto com ervas frescas lhe estancava as feridas.

O coelhinho dava-se ao tratamento e só respondia com um ai, de quando em vez.

– Ao menos diz-me: as alfaces eram tão tenras como parecem? – perguntou o mais velho, a fingir indiferença.

– Mal provei – suspirou o coelhinho

– O que a nós nos vale é que o Esteves continua sem pontaria, senão nem sobrava um coelho que avisasse os mais novos – concluiu o velho coelho e concluiu muito bem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ONDE VAMOS PASSAR FÉRIAS?

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O macaco, o beija-flor e o grilo eram amigos, muito amigos, mas nem sempre se entendiam. Acontece...

Uma vez, decidiram passar férias juntos.

– Vamos escolher o sítio mais lindo do mundo – concordaram os três. Mas onde?

– Tenho uma ideia – disse o macaco. – Vamos para um armazém de bananas. Os outros não eram da mesma opinião.

– A minha ideia é melhor – disse o beija-flor. – Vamos para um jardim cheio de flores, carregadinhas de néctar, para nós sorvermos.

Os outros não eram da mesma opinião. O macaco e o grilo não se imaginavam a voar, de flor em flor, nem nunca tinham aprendido tal habilidade.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– A minha ideia é a melhor de todas – disse o grilo. – Venham atrás de mim. Seguiram-no. Não foram longe.

– Têm de concordar que este sítio, onde vos trouxe, é o mais lindo do mundo. Apreciem! – e o grilo apontava para uma toca de madeira podre, no meio de um monturo.

E ainda não foi daquela vez que o macaco, o beija-flor e o grilo passaram as férias juntos. Mas continuaram amigos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS ENTUSIASMOS DO EVARISTO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O meu amigo Evaristo é um entusiasta. No outro dia, íamos nós a passar por perto de uma feira dessas de altifalantes, tirinhos e carrosséis de cavalinhos – é mais uma corrida! é mais uma viagem! – quando ele me travou por um braço e perguntou, de olhos a brilhar de entusiasmo:

– Já te contei do meu projecto do carrossel gigante?

Desse não me lembrava. O Evaristo tem sempre tantos projectos no ar...

– Estou na fase dos cálculos e dos desenhos, mas não tarda que passe à prática. Vai ser um carrossel fantástico.

– Imagino – disse-lhe eu, só para dizer qualquer coisa.

– Tu conheces aqueles carrosséis maiores, que dão uma volta em oito? – perguntou-me o Evaristo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros
www.hugoteacher.blogspot.com

Respondi-lhe que tinha uma ideia. Faz tantos anos que não ando de carrossel...

– Pois o meu carrossel vai ser qualquer do género. Oito vezes oito...

– Sessenta e quatro – respondi-lhe, como se estivesse na escola.

– Mais, muito mais! Oito vezes oito, vezes oito, vezes oito...

– Tantas contas de cabeça não consigo acompanhar – queixei-me eu.

– Quero eu dizer que vai ser um carrossel imenso, coisa nunca vista – disse o Evaristo. – Mas primeiro tenho de comprar um sobretudo.

Um sobretudo? Que relação teria o sobretudo com o carrossel gigante? O meu amigo Evaristo imagina a uma tal velocidade, que me deixa sempre pelo caminho.

– Um sobretudo forrado e um gorro de pele – acrescentou ele. – Para ir ao Pólo Norte. Ou ao Pólo Sul. Tanto faz.

Fiquei abismado. Aquele carrossel estava a dar-lhe a volta à cabeça.

– Percebeste onde quero chegar? Ao eixo da Terra. Fixo o meu carrossel ao eixo da Terra, à roda do qual gira o nosso planeta, e nem preciso de imprimir-lhe velocidade. A Terra roda, o carrossel mantém-se parado, mas esta é que é a parte mais importante da minha invenção: os passageiros do meu carrossel têm a ilusão de que são eles que estão a andar. Percebeste?

Eu estava a perceber. Lindamente.

– É, além do mais, uma ideia muito económica, porque se poupa na electricidade, que faz andar os restantes

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

carrosséis. O meu carrossel, preso ao eixo da Terra, suspenso lá em cima, vê a Terra rodar por baixo. O que é que achas?

Eu achava bem. O projecto tinha lógica. E parecia simples...

– Ponho as pessoas a dar a volta ao mundo de carrossel. Vai ser maravilhoso.

Eu não duvidava. E do que valeria a pena duvidar de uma ideia do Evaristo?

Voltei a encontrá-lo, ontem. Claro que lhe perguntei logo pelo carrossel, se já estava mais avançado o projecto, se já tinha comprado o sobretudo...

– Troquei a ideia do carrossel por outra melhor – disse-me o Evaristo, muito entusiasmado. – É uma roda gigante.

– Como aquela, com barquinhas penduradas, que há na Feira Popular? – quis eu saber.

– Essa é uma miniatura comparada com a minha roda, que estou a calcular, aqui entre nós... – e o Evaristo puxou-me pelo braço e falou-me ao ouvido, com ar de história secreta.

Tomei muita atenção ao segredo dele:

– Estou a calcular que consiga tocar a Lua com a minha roda gigante. Estás a ver: embarca-se na Terra e, meia volta depois, está-se na Lua. Sem despesa de foguetões nem nada. Uma limpeza!

Outra ideia feliz. Mas, sem querer parecer desmancha-prazeres, indaguei:

– E, desta vez, onde colocas tu o eixo da roda? Em que ponto do espaço, que fique a meio caminho entre a Terra e a Lua?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Falta só resolver esse pormenor, para avançar – tranquilizou-me o Evaristo. – Mas, no resto, acho que já adiantei muito.

E lá seguiu, muito entusiasmado com o seu projecto.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OVOS FRESCOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um açafate com ovos. Puseram-se à conversa. Eram ovos ainda frescos e tinham ambições. Um deles disse:

– Quem me dera a mim fazer-me em fios de ovos, a enfeitar um bolo...

– Não está má a pretensão – comentou um outro. – Pois eu preferia ajudar umas fatias douradas a ficar mais douradinhas.

– Fritos, não – cortou um terceiro. – Mas, numa gemada com açúcar, já eu entrava com gosto.

Outro ovo confessou:

– Gostava tanto de ser ovo estrelado. Estrelado vem de estrela... Deve ser bonito. Mas, não podendo ser, qualquer uso serve. Um ovo nunca passa despercebido.

Só faltava um.

– E tu o que queres ser? – perguntaram os outros.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– O ovo de Colombo.

Vamos fazer-lhe a vontade.

Como vocês sabem, Cristóvão Colombo descobriu a América. Quando regressou a Espanha, trazendo a notícia da sua descoberta, os fidalgos da corte, invejosos, desdenharam do feito. Isso também eles eram capazes. Bastava lá ir. Então, Colombo mostrou-lhes um ovo e disse-lhes:

– Ponham-no de pé.

Eles tentaram. Insistiram. Obstinaram-se.

– Não é possível – concluíram.

– Pois eu consigo – disse Colombo.

Muito ao de leve, bateu na mesa com a parte mais redonda e cheia do ovo, a casca amolgou-se, mas só um bocadinho, e o ovo ficou de pé.

– Que fácil – comentaram os fidalgos. – Isso também nós éramos capazes.

– Mas não o fizeram. Quem pôs o ovo de pé, quem descobriu um novo continente fui eu. Cabe-me o mérito a mim.

Aqui têm como eu fiz a vontade ao ovo que queria ser ovo de Colombo.

E agora? Agora, já satisfeito, vai juntar-se aos outros e, todos juntos, vão fazer uma omeleta.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

BOA IDEIA, MÃE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Ele era muito distraído. Um cabeça-no-ar. Péssimo para fazer recados. Mas, mesmo assim, a mãe dele insistia:

– Ó Pedro, vai ali, se fazes favor, à mercearia do senhor Cosme e traz-me dois quilos de batatas.

O Pedro ia e voltava a correr com uma batata na mão.

– Então as outras? – perguntava a mãe.

– Já vou buscar, mãe – dizia o Pedro.

Nova corrida e nova batata. Trazia-as uma a uma...

– Ó filho, que trabalheira! Metia-las todas num saco e trazias, de uma só vez.

– Boa ideia, mãe. Para a próxima já sei.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O recado seguinte tinha a ver com o porco, que tinha ficado em observação no veterinário, por causa de umas vacinas, e que a mãe não tivera ainda tempo de ir buscar. Mandou o filho.

Quando o rapaz regressou sem o bicho, a mãe admirou-se.

– Fui metê-lo num saco e ele não quis – explicou o Pedro.

– Ó filho, trazia-lo para casa com um cordelinho amarrado pelo pé e tocáva-lo para diante com uma varinha.

– Boa ideia, mãe. Para a próxima já sei.

Pouco depois, a mãe mandou-o à feira para comprar um cântaro. Quando o Pedro chegou a casa trazia só a asa do cântaro, presa a um cordel. E ele, muito contente:

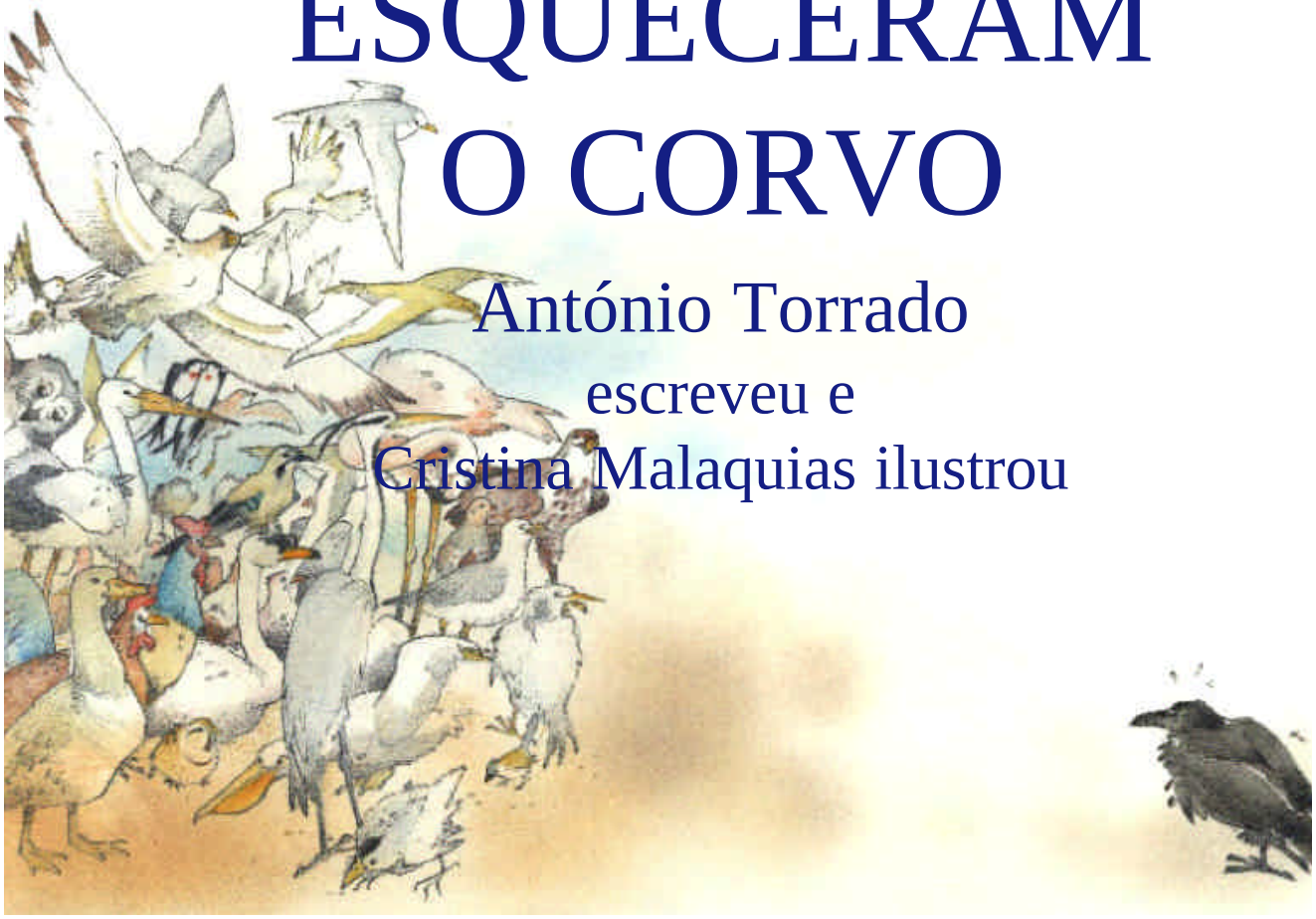
– Fiz como a mãe disse.

O que valia ao Pedro cabeça-no-ar é que a mãe tinha muita paciência. Ai dele se não tivesse!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ESQUECERAM O CORVO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Um dia, a família dos pombos resolveu dar um banquete. Convidaram para a festa todos os animais de asas e penas, mas esqueceram-se do corvo.

Imperdoável! Se estavam a águia, o falcão, a cegonha, o gaio, a coruja, o ganso, o cisne, a galinha mais o galo, o pardal, a pardoca e os respectivos pardalinhos, a codorniz, a andorinha, o melro e tantos mais, quem daria por falta do corvo?

Deu ele, que muito se susceptibilizou com o esquecimento. E, como era vingativo, agarrou numa grande pedra e sobrevoou, lá muito do alto, a mesa da festança.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando as aves estavam todas a comer, na maior das alegrias, o corvo, lá de cima, fez pontaria e largou o pedregulho. Não se queira saber! A pedra caiu no meio da mesa e espatifou tudo. Estava estragada a festa.

Empoleirado no galho de uma faia, o corvo assistiu à confusão que provocara e fartou-se de rir. Riso de malvado. Assim:

– Eh! Eh! Eh! Eh! Eh!

Houve uma garça que o viu rir e calculou o resto. Foi dizer aos pombos, que por sua vez foram dizer às outras aves.

– Ah, o culpado pelo estardalhaço que interrompeu a festa foi o corvo? Pois deixa estar que não perdes pela pancada – ameaçaram.

E as aves todas juntas acertaram numa conspiração.

Dias depois, a família dos pombos convidou o corvo para um jantar de gala. Era ele o único convidado.

Muito honrado com o convite, o corvo, vestido com o seu luzidio fato de cerimónia, todo preto, apresentou-se para o jantar de festa.

Sentaram-se à mesa os pombos todos brancos, a fazerem companhia ao corvo. Veio a terrina da sopa, que foi colocada diante do convidado.

– Faça favor de se servir primeiro – disseram os pombos, com muito bons modos.

– Do que é a sopa? – perguntou o corvo, cheio de apetite.

– Sopa de pedra – disseram os pombos, em coro.

E era mesmo. Lá estava, dentro de uma enorme terrina, o pedregulho que o corvo atirara.

– Não tenho vontade – disse o corvo, embaraçado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Pois nós também não temos mais nada para oferecer – disseram os pombos. – Este cozinhado caiu do céu e pela forma como nos chegou à mesa estamos convencidos que é muito especial. Por isso o reservámos para as visitas mais ilustres. Faça favor de provar.

O corvo, para não dar parte fraca, não teve outro remédio senão dar uma bicada na pedra.

– Está saborosa? Quer repetir? – perguntaram os pombos.

– Muito obrigada. Estou satisfeito – respondeu o corvo.

– Só mais um bocadinho, vá lá... – insistiram os pombos.

E o corvo passou o jantar às bicadas à pedra.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

GIGANTE PROCURA CASA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um gigante que andava à procura de casa. Tarefa difícil.

Os gigantes, antigamente, moravam em castelos e, segundo contam histórias desses tempos, a sombra que a sua imensa altura projectava sobre os povoados aterrorizava as gentes. Dantes.

Este não era má pessoa. À primeira vista não parecia, quem o olhasse de baixo. Mas, passada a primeira impressão, percebia-se que era um bom gigante.

Também tivera um castelo à sua medida. Dificuldades várias tinham levado o castelo à ruína. Chovia lá dentro, mesmo quando não chovia cá fora. Problemas de canalizações ou do que fosse, o facto é que a morada dos antepassados do bom gigante foi vendida por tuta-e-meia e, depois de grandes obras de restauro, transformada numa estalagem de juventude.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas, como o bom gigante já não era novo, teve de ficar à porta.

Dormir ao relento é muito desconfortável, qualquer que seja o tamanho de quem se veja obrigado a tal experiência. Por isso o gigante pôs-se a procurar casa.

Como se começou por dizer, a tarefa era difícil. Hoje, ninguém constrói casas para gigantes. Três assoalhadas, quatro assoalhadas ou pequenas moradias com um quintalinho, ainda se arranja. Mas um gigante precisa de mais espaço.

– Nem que andasse sempre de gatas conseguia viver em casas assim – lamentava-se o gigante.

Chegou a morar, um mês, numa casa, só por causa do corredor, que era muito comprido. Para dormir, estendia-se no corredor, mas não podia dobrar as pernas. Uma grande contrariedade para quem, como era o caso dele e é o meu, gosta de dormir de lado, com as pernas encolhidas.

Alugou depois uma vivenda, que tinha garagem. Dormia na garagem e dispensava a casa. Mas como a porta automática da garagem se abria, por qualquer movimento mais sacudido que fizesse durante o sono, apanhou um resfriamento e, muito constipado e desiludido, teve de desistir desta solução.

Mas porque é que ele não mandava construir uma casa à sua altura, como quem faz um fato no alfaiate, por medida? Isto qualquer um pode perguntar. Ele que responda.

– Não tenho dinheiro que chegue – explicava, muito pesaroso. – Uma casa para um gigante não é uma casa qualquer. Exige muito tijolo, muito cimento, muito azulejo. Se eu não fosse tão comprido...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Um médico, que ele consultou, disse-lhe, meio a sério, meio a brincar:

– Isso resolve-se. Corta-se um bocado. O difícil é a escolha. Ou as pernas ou a cabeça.

O gigante saiu do consultório, a correr. Nem pagou. Bem feito para o médico não se fazer de engraçado.

Ao fim de muitas voltas, alugou um armazém abandonado, à beira de um cais. Não tinha muitas comodidades, mas era avantajado como lhe convinha. A renda também era avantajada, o que já não lhe convinha tanto.

Para poder pagar o aluguer do armazém, teve de procurar trabalho. Vá que vá que conseguiu arranjar emprego, sem grandes demoras. E perto de casa.

O bom gigante trabalha, agora, nos carregamentos e descarregamentos dos barcos acostados ao cais. Faz as vezes de guindaste e dá muito boa conta do serviço. Um bocado cansativo, mas ele não se queixa.

A vida, hoje em dia, não está fácil para ninguém. Nem para os gigantes.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

MÁS COMBINAÇÕES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O macaco fez-se amigo do cágado e propôs-lhe:

– Todos os bons amigos se visitam. Um dia tu convidas-me para ir a tua casa e ofereces-me de jantar e, no dia seguinte, eu convido-te para vires a minha casa e retribuo-te o jantar. E assim por diante... Concordas?

O cágado concordou. Preparou um excelente banquete e ofereceu-o ao macaco que se empanturrou até não poder mais.

– Amanhã dou-te eu de jantar – disse o macaco macacão, arrotando um grande arroto, lá bem do fundo do estômago repleto.

Quando o cágado entrou em casa do macaco, a refeição estava pronta a servir, mas numa mesa muito alta a que só o macaco chegava.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Serve-te à tua vontade – disse-lhe ele.

O cágado pôs-se em bicos de pés. Nem conseguia ver a comida com que o macaco se alambazava. Mas como tinha muito bom feitio não disse nada. Nem comeu.

– Amanhã é a tua vez de me receberes – lembrou o macaco.

Novo banquete preparado pelo cágado. Nova barrigada do macaco.

No dia seguinte, em casa do macaco, o jantar servido na mesa muito alta voltou a deixar o cágado com a barriga a dar horas. Aquilo parecia de propósito. E era.

O bom do cágado, embora delicado e discreto, achou que ali havia abuso. E havia.

– Amanhã tenho uma surpresa para ti – disse o cágado ao macaco. – Vou servir-te o jantar ao ar livre. Tudo comidinha fresca...

O macaco, grande glutão, arregalou os olhos de contente. Aquele contrato estava a sair-lhe de feição.

Mas, no dia seguinte, quando viu os vários pratos de que se compunha o banquete cada um em cima de um pedregulho ou ilhota do lago, que servira de piscina ao cágado, o macaco desanimou.

– Como é que eu lhes chego? – perguntou, desconsolado, o macaco.

– Nada como eu. A água está óptima – respondeu-lhe o cágado, a rir-se baixinho.

Ora, como se sabe, os macacos detestam a água...

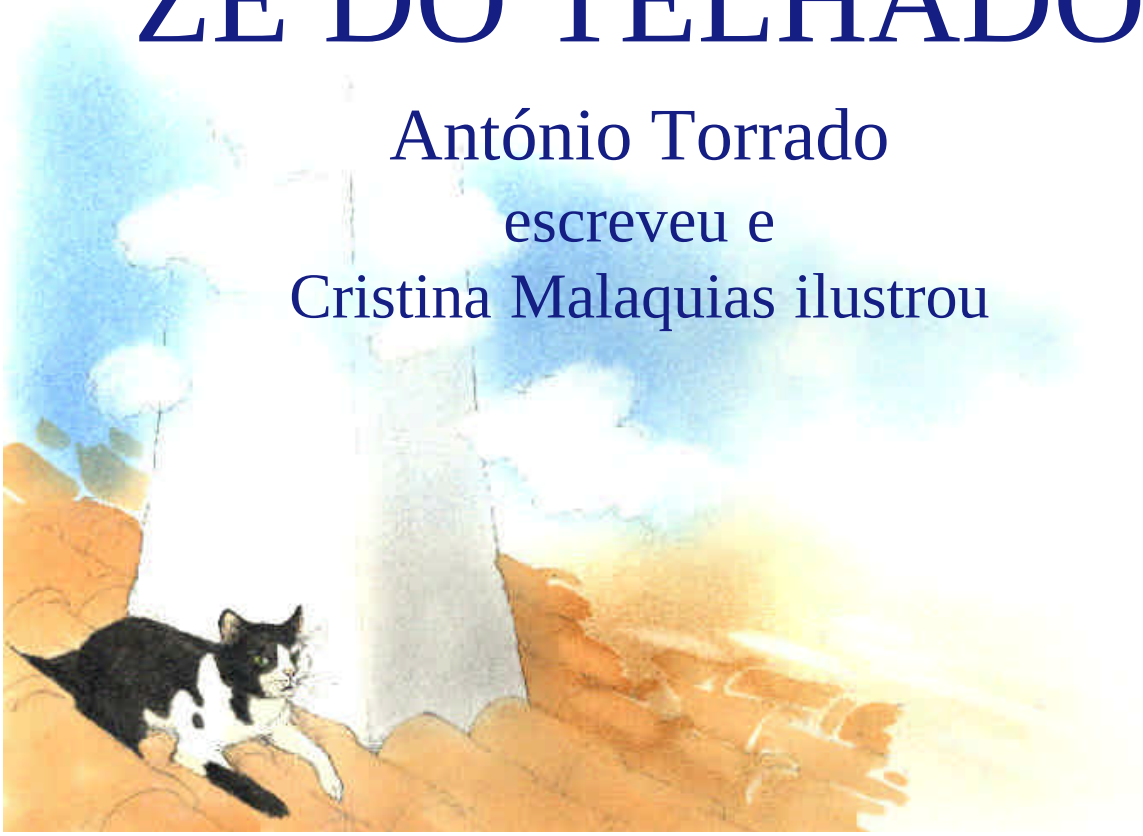
E assim se desfez a combinação entre o macaco e o cágado. Também se não perdeu grande coisa.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ZÉ DO TELHADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



O Zé do Telhado é o meu gato preferido. E suponho que, para ele, também sou a pessoa preferida. Pois é: somos dois bons amigos.

Além de amigos, somos vizinhos. Ele mora uns metros acima da minha casa, no telhado do prédio, onde ocupo o último andar. Tem lugar privativo junto à chaminé que é o sítio mais quente. Na Primavera, no Verão e no Outono, o telhado é para ele casa, jardim, passeio, miradoiro.

No Inverno, pede-me hospedagem. E, sempre que chove, vem fazer-me uma visitinha, como quem não quer a coisa. Tenho sempre um pratinho de fiambre para o receber.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Entra-me pela janela da trapeira. Quando a janela não está aberta, tem maneira de chamar a atenção, raspando as unhas nos vidros da clarabóia, o que provoca um ruído fininho de arrepiar. Vou logo abrir-lhe a janela.

Ele anda na sua vida e eu na minha, mas gosta de saber-me em casa. Nos dias em que sua excelência prefere o telhado, vai não vai passa rente à trapeira e, muito descaradamente, espreita para dentro. Se me vê, debruçado à secretária, a trabalhar, o Zé do Telhado descansa e segue telhas adiante.

Há dias, houve um grande desastre. Exactamente o que imaginam: o Zé do Telhado caiu do telhado ao pátio. Altura de três andares, sem asa-delta. Nem pára-quedas. Um baque e tanto.

Andavam a arranjar as antenas de televisão. Rolos de fio, ferramentas e confusão a mais, em território de gato pouco dado a novidades. Ainda por cima vinham pôr um prato de antena parabólica, junto à chaminé. Que afronta!

O Zé do Telhado sobressaltou-se, indignou-se, desequilibrou-se e... foi parar ao rés-do-chão.

Dizem que os gatos têm sete bofes ou sete vidas. Mas só têm quatro patas. O Zé do Telhado partiu duas.

O veterinário onde o levei cuidou dele com todo o esmero e o Zé pouco se queixou.

Queixou-se, depois, já em minha casa, quando se viu com as patas presas a duas talas com ligaduras e proibido de saltar para o telhado. Janelas todas fechadas.

Mia, desesperado, pela casa toda. Gatos e mais gatos espreitam pelos vidros da janela da trapeira, à procura dele. Hão-de estranhar-lhe a falta.

Estamos em pleno Verão e eu não posso abrir as janelas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O calor é sufocante deste terceiro andar batido pelo sol e eu suo em bica. Mais vou suar até o Zé do Telhado ficar bom.

– Lá para o meio do Outono, tiro-lhe as talas – promete-me o veterinário.

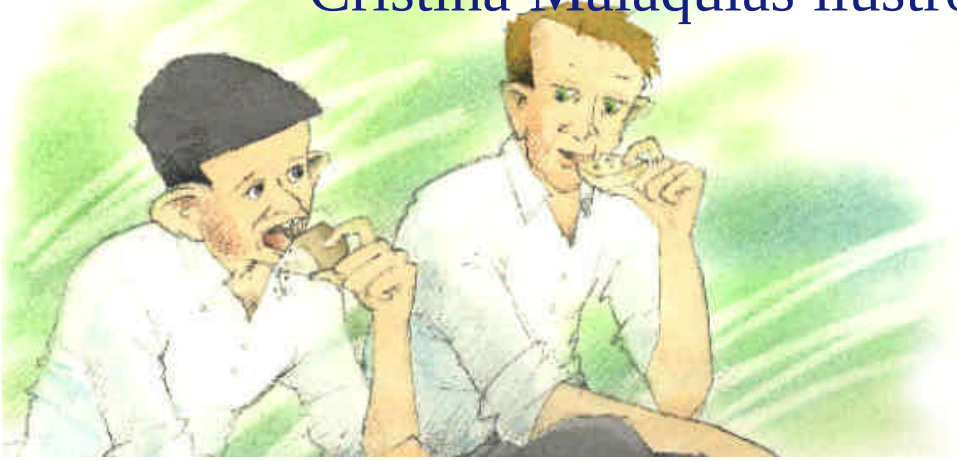
Mas se ainda estamos em Agosto...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

PAO, PAO - QUEIJO, QUEIJO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Num banco de jardim
À hora da merenda,
O João e o Joaquim
Dispensam legenda.

O João vai ao saco
E põe-se a comer
Um pão e só pão.
Não há que saber.

Agora é o Joaquim
Que no mesmo ensejo
Destapa do saco
Um naco de queijo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mastigam, mastigam
Untando o sabor,
Embora o não digam
Já soube a melhor.

Comer sempre queijo,
Comer sempre pão,
Já chega e sobeja,
Já causa aversão.

"Troquemos, Joaquim!"
"Pois sim, ó João!"
E o pão e o queijo
Mudaram de mão.

"Agora sim, ó Joaquim!"
"Agora sim, ó João!"
Mas, passado um bocejo,
Parece que não.

E eis senão quando
Os dois mastigantes
Decidem voltar
Ao que comiam dantes.

Mas pensam para a frente
Para trás e para o lado
E assim inventaram
O nunca provado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Inventam o pão com queijo
Ou o queijo com pão,
Provam tudo a meias.
Que grande invenção!

Um bocado de queijo,
Um bocado de pão.
"Para ti, ó Joaquim"
"Para ti, ó João"

Que desta simples história
Escrita sem preceito
Que mais não consigo
Tirem bom proveito.

E comam pão com queijo
Com um vosso amigo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CÃO FAROL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Quem me contou esta história foi o senhor Tomé. Passo-lhe a palavra:

"O meu cão Farol era um portento. Um faro que só ele! Não há-de haver em todo o mundo e arredores um cão caçador que se lhe compare.

Felpa de coelho que ele cheirasse, num rasgo de urzes, era, daí a nada, mais um trangalhadanças preso ao meu cinto. Sim, eu é que dava o tiro, mas o mérito todo da caçada pertencia-lhe.

Às vezes, dava comigo a pensar se o caçador não seria ele... Bem vistas as coisas, o Farol é que me levava atrás, ele é que buscava, ele é que apanhava o rasto, ele é que corria, ele é que levantava a caça. E eu sempre atrás. Dar o tiro de remate não custava nada.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando eu via o coelho a fugir aos ziguezagues, gritava-lhe, a avisar:

– Pára, senão disparo.

Como nunca nenhum coelho parou ao meu mandado, tive sempre de cumprir o prometido. Sem falhar um.

O Farol trazia-mo, depois, na boca, a babar-se de riso, como quem me dá os parabéns pela pontaria, mas isso que importância tinha, comparado com o esforço dele? Fazia-lhe uma esfregada na peitaça, sinal e festa de agradecimento, que mais parecia pedido de desculpa por tirar-lhe o coelho dos dentes.

Estou convencido que, mesmo sem festas, o Farol me devolveria a caça. Ele era um mansarrão. Um companheirão. Um cão.

Envelheceu como eu envelheci. Já nos ia faltando genica para correr montados. Mas passei sempre as culpas para mim:

– Sabes, Farol, o teu dono está um pitosga. Não acerta nem numa perdiz no choco. Tremem-lhe as mãos. Tremem-lhe as pernas e já não troca as pantufas pelas botas de caçador.

Não era tanto assim, mas eu tinha de exagerar um bocado.

– Por este andar, amigo Farol, vais ter de arranjar outro dono que te leve à caça.

À maneira de resposta, o Farol poisava a cabeça nos meus joelhos, como se quisesse dizer que já não estava em idade de mudar de dono.

Na época da caça é que se enervava mais. Ouvia os outros latirem lá fora, mais os estampidos das caçadeiras.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Talvez ainda lhe chegasse às narinas o cheiro a medo, que vinha das luras, das moitas, do esconso das matas.

Nessas ocasiões, para entretê-lo, sabe o que é que eu fazia? Sombras chinesas, no muro do quintal:

– Olha o coelho, Farol. Busca! – gritava-lhe.

Ele saltava. A sombra robusta do cão caçador cobria a cabeça do coelho, que eu desenhara, à contraluz, com a habilidade das minhas mãos. Desde criança que eu não brincava a isto. Para o que me havia de dar, chegado a velho...

– Olha, agora, Farol, esta lebre. Corre!

E a lebre desaparecia, engolida pela sombra do Farol.

Dei-lhe as satisfações que podia. Só não estava na minha mão prolongar-lhe a vida..."

O senhor Tomé, no fim do contar, enxugou uma lágrima. Depois, ainda disse, enquanto fixava, tristemente, o muro do quintal, caiado, muito branco, à luz do sol:

– De consolação fica-me a memória do belo cão que ele foi.

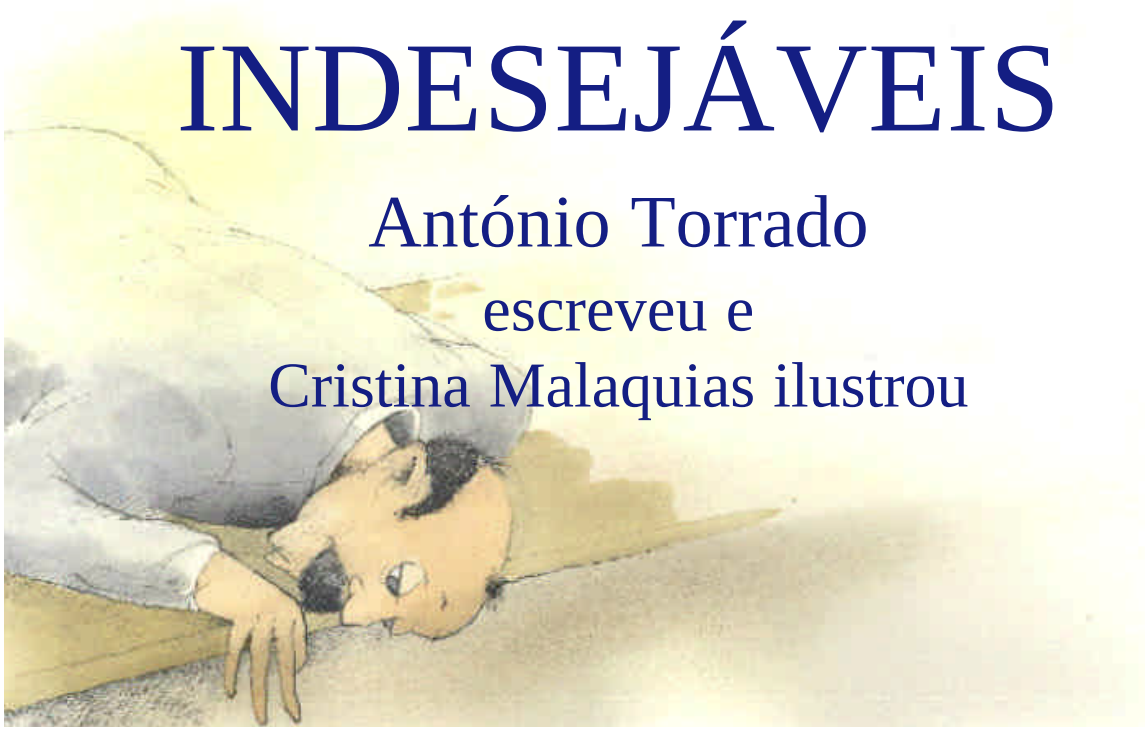
A cabeça bonita de um cão perdigueiro recortou-se, então, em sombras nítidas, na caliça do muro.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

HÓSPEDES INDESEJÁVEIS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Depois do almoço, altura de menor movimento na estalagem, o senhor Pestana, protegido pelo balcão da entrada, lia tranquilamente o seu jornal. Às vezes dormitava, o que não era de censurar. Se, nos respectivos quartos, os hóspedes faziam a sua sesta, porque não havia o hospedeiro de fazer o mesmo?

Foi numa ocasião destas que uma vozinha sobre o balcão perguntou:

– Tem quartos livres?

O senhor Pestana levantou os olhos do jornal, mas não viu ninguém. Debruçou-se do balcão e espreitou para o outro lado, não fosse o cliente de baixa estatura. Nem sombra. "Adormeci, foi o que foi, e já estava a sonhar com mais hóspedes", pensou, resignadamente, o senhor Pestana.

– Afinal, tem ou não tem quartos disponíveis? – voltou a perguntar a vozinha, já com alguma impaciência.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quem tem voz, tem corpo. Para não prolongar o mistério, vamos já esclarecer que o corpo desta voz tinha o tamanho de uma pulga. Era efectivamente uma pulga a causadora da confusão.

– Pretende um quarto com vista para o lago? – perguntou o senhor Pestana, que não se perturbava por tão pouco.

– A vista é o menos – respondeu a pulga. – Mas queremos sossego.

– Queremos? – estranhou o senhor Pestana. – Quantas são?

– Vinte e cinco, contando comigo. É um grupo de excursionistas.

O senhor Pestana estava desolado. Não tinha quartos que chegassem. Mas não quis perder a oportunidade:

– Se coubessem todas em três quartos...

A pulga aceitou a sugestão. Não tencionavam demorar-se muito. Duas noites, se tanto.

– Também precisamos de instalações para o nosso transporte – lembrou a pulga. – Uma casota chega.

– Casota para a camioneta? – admirou-se o senhor Pestana.

A pulga riu-se. Tinha um riso fininho, irritante esta pulga.

– Nos nossos passeios, deslocamo-nos sempre de cão. Temos um cão privativo e muito felpudo, que nós guiamos para onde queremos.

O senhor Pestana começava a arrepender-se de ter dado hospedagem aquelas pulgas presumidas.

Na manhã seguinte, mais se arrependeu. Vieram ter com ele hóspedes antigos e respeitáveis queixar-se de que

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

tinham dormido mal, assaltados durante a noite por cócegas e picadas esquisitas, inconvenientes. Estão a entender, não é verdade? Efectivamente, algumas excursionistas tinham-se enganado no número do quarto...

O senhor Pestana, muito incomodado, foi ter com a responsável pela excursão:

– Desculpem, mas não podem continuar cá. Está em jogo a reputação da minha estalagem.

As pulgas compreenderam a situação. Pagaram a conta e chamaram o transporte privativo, para mudarem de poiso. Quando foram fazer a contagem, eram vinte e oito.

O senhor Pestana preocupou-se:

– Como apareceram essas três a mais?

– Dizem que são inglesas – esclareceu a pulga chefe. – Parece que as viram num fox-terrier, pêlo de arame, de um "mister" qualquer. Agora querem acamaradar connosco. Nós não nos importamos.

O senhor Pestana também não se importava. Desde que deixassem a estalagem, era-lhe indiferente, mas pelo sim pelo não, andou a espalhar insecticida por baixo das camas de todos os quartos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PEIXE E O GATO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um peixe.
Era uma vez um gato,
um gato gaiato com sonhos e cócegas de gato macaco.
– Vem daí, ó peixe, brincar-me no prato.
Ó peixe de prata, de prata barata,
vem jogar comigo ao gato e ao rato.

O peixe dançava nos olhos do gato.
Por dentro do vidro, voava em recato...
"Há perigo? Que perigo?
Estou vivo e bem vivo
e bem protegido"
Bolinhas subiam em ondas de ornato...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E o gato, um safado, malhado do mato,
Dizia, baixinho, de encontro ao buraco.
– Troquemos, peixinho, e já, sem demora,
eu vou para a redoma,
tu vens cá para fora.
É que ando cansado do ar que respiro,
suspiro por água. Nadando, sou foca,
sou pato a vapor, sou gato a motor...
Salta daí! Vamos! Troca!

O peixe descia... fugia... fugia...
Não ia em batota nem troca-baldroca.

– Ah, sim?! – lhe dizia o gato do mato
– Tens boca e não falas?
Mas, diz, finalmente não vais no contrato?

O peixe de prata, de prata lavrada
nadava, nadava...

Então, mais sensato, o gato-pingado
gritou para o buraco:
– Quebrou-se o contrato. Não brinco contigo.
Fica do teu lado, que eu fico onde fico
e desde já te digo,
meu carapau calado,
que hás-de afogado
morrer, para castigo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Lá foi o gato amuado
pregar para outro postigo,
enquanto o peixe de prata
nadava de largo em largo
no lago feito baía.
E cada escama lhe ria...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS PARDAIS ENSINAM

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Contava o Joca à mãe:

– Hoje, na piscina, vi uma borboleta a voar por cima da água.

– Mas onde está a admiração? – dizia-lhe a mãe.

– É que há um cartaz, à entrada da piscina, que proíbe a entrada a animais. Nunca leste? – perguntava o Joca.

A mãe já tinha lido, mas como não tencionava levar nenhum cão nem nenhum gato para a piscina, não ligara importância.

– Então a borboleta não é animal? – quis saber o Joca. – E os pardais também não são animais? Sim, porque eu vi, há dias, três pardais ao pé do self-service da piscina. Ninguém os mandou embora...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Havia que explicar ao Joca que os pardais, não sabendo ler, tinham de ser desculpados do atrevimento. Pouco mais ou menos, foi isto o que a mãe disse ao filho.

Mas a senhora estava enganada, muito enganada. Não só os pardais sabiam do cartaz, à entrada da piscina, como sabiam muito bem que não estavam abrangidos pela proibição escrita no cartaz.

Estranham? Admiram-se? Pois venham connosco ouvir a conversa dos pardais:

Pardal – Ricas férias, amigos! Valeu a pena voar de tão longe...

Pardalinho – As pessoas gostam de nos ver. Ainda agora uns estrangeiros repartiram comigo um queque. Estava óptimo.

Pardalão – E os que trazem comida de casa? Tenho depenicado pedacinhos maravilhosos.

Pardalinho – E não há gatos. Sim, sobretudo, não há gatos. Que paz!

Pardalão – Nem cães... Os banhistas que tragam os seus queridos animaizinhos de estimação têm de ficar à porta. Bem feito.

Pardalinho – O aviso, à entrada, é bem claro. Lembram-se do que lá vem?

Pardal, Pardalinho e Pardalão (em coro) – NÃO É PERMITIDA A ENTRADA A PESSOAS ACOMPANHADAS DE ANIMAIS.

Pardalão – Ora, como ninguém nos trouxe de companhia podemos entrar. É a nossa vantagem.

E riam-se os pardais, numa grande chilreada.

Como se vê, os pardais sabem ler e tirar as suas conclusões. Se o Joca e a mãe passarem os olhos por estas

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

linhas, também hão-de chegar a uma conclusão. A de que não basta ler. É preciso ler sempre bem e aproveitar o mais possível o que se lê.

Os pardais ensinam.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS ESQUILOS DANILOS NO CASTELO DOS FANTASMAS MEDROSOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Estes dois esquilos, Danilo Pai e Danilo Filho, andam sempre em viagem.

Desta vez, foram ter a um castelo, um velho castelo abandonado. Como era quase noite, resolveram abrigar-se no meio das ruínas.

– Havia de ser engraçado, se houvesse fantasmas – disse o Danilo Filho.

– Convinha, convinha – aprovou o Danilo Pai. – Sempre era mais uma boa história para contar, quando voltássemos.

– Mas nós vamos voltar? – quis saber o Danilo Filho.

– Por agora, estamos a ir – explicou o Danilo Pai. – Mas sempre ouvi dizer que há ir e voltar. A Terra é redonda.

Estavam eles nesta conversa, quando ouviram o pio de uma coruja.

– Ouviste? É a coruja a anunciar a chegada de algum fantasma... – avisou o Danilo Filho.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Muito interessante – disse o Danilo Pai. – E achas que, daqui, a gente vê bem?

O Danilo Filho esclareceu que os fantasmas, quando aparecem, exibem-se para todo o público, esteja onde estiver, e fazem muito barulho para chamar a atenção – batem com os pés, empurram cadeiras, arrastam correntes...

Nisto, as asas silenciosas de um morcego passaram rente aos dois esquilos. O relógio de uma torre, longe, bateu as doze badaladas da meia-noite.

– Está na hora – bichanou o Danilo Filho ao ouvido do pai.

– Tens a certeza? – perguntou este, também em voz baixa. – E porque é que estamos a falar assim, como se estivéssemos a contar segredos um ao outro?

– Para não assustar os fantasmas – esclareceu o filho.

O pai Danilo impacientou-se:

– Não me convidem para festas com fantasmas medrosos. Desinteresso-me e vou dormir.

Dito e feito. Enrolou a cauda e adormeceu.

Em compensação, o filho continuou acordado, na esperança de que aparecessem os tais fantasmas das correntes a arrastar. A meio da noite, bateu nos ombros do pai, numa grande excitação.

– Olhe, pai, olhe que lá vem um.

– Um quê? – perguntou o Danilo Pai, muito ensonado.

– Um fantasma de olhos brilhantes, repare, pai.

Danilo Pai fixou as luminárias:

– Ou o teu fantasma tem os olhos tortos ou são dois pirilampos a jogar às escondidas...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Eram mesmo. Danilo Filho, desanimado, encostou a cabeça a uma pedra. Daí a nada estava a dormir e a sonhar com fantasmas.

No dia seguinte, enquanto arrumavam as bagagens, o pai disse para o filho:

– Não fiques amuado. Afinal, mais coisa menos coisa, já temos uma história de fantasmas para contar.

E os dois esquilos Danilos prosseguiram viagem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

CAVALINHO E CAVALO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O cavalinho foi ver o pai às corridas.

Tinham-lhe dito que o pai ia concorrer, na Grande Prova Internacional a Todo o Galope, e o cavalinho, que nunca tinha vencido a cerca do prado onde vivia, deu um salto e pronto. Estava do outro lado.

– Se fosse o meu pai, melhor ele saltaria – disse de si para si o cavalinho. – O meu pai é um grande saltador.

Um cavalo na estrada, sem cavaleiro nem atrelado, chama sempre a atenção. Um automóvel parou, ao pé dele.

– Ó cavalicoque, posso dar uma voltinha? – perguntou uma risonha voz de dentro do carro.

O cavalinho assustou-se e fugiu. Correu. O automóvel atrás dele.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Se não tivesse inflectido para um caminho de mau piso, o automóvel tinha-o apanhado. Assim, escapou.

– Se fosse o meu pai, melhor correria – disse de si para si o cavalinho. – O meu pai é um grande corredor.

Era o que se ia ver na tal Grande Prova a Todo o Galope. Postados, na linha de partida, cavaleiros e cavalos. Entre eles, o pai do cavalinho.

Desataram todos a correr ao mesmo tempo. Nem se percebia qual ia à frente, tanto o pó que levantavam.

– Deve ser o meu pai – dizia o cavalinho.

Fosse ou não fosse, o certo é que, numa curva, depois de terem saltado uma barreira, os cavalos tropeçaram uns nos outros e caíram. E magoaram-se. Entre eles, o pai do cavalinho.

Foi interrompida e anulada a corrida.

Agora de novo no prado com a cerca à volta, o cavalinho faz companhia ao pai, que coxeia, de perna ligada, para que se cure depressa.

– Se não tivesse havido aquela confusão, depois da barreira, tu é que tinhas ganho – disse-lhe o filho.

O cavalo de corrida faz que sim com a cabeça e relincha. O pescoço musculoso brilha como seda. As crinas ondeiam. É um lindo cavalo castanho, cor de terra molhada. O filho sai a ele.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O GATO E A RAPOSA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O gato e a raposa não privavam, em trato de amizade, mas de uma vez que o acaso os juntou deram em considerar que não eram tão desparecidos um com o outro, como se julgavam.

Ambos tinham cauda, embora a da raposa mais felpuda e mais calhada para gola de samarra, o que não era de bom tom lembrar à raposa... Ambos tinham o passo de bailarina em pontas. Ambos tinham olhos de farolim, para descortinar os recantos da noite. Ambos tinham artes de caça e vasto receituário de matreirices. Ambos sabiam, com vaidade, que valiam mais do que pesavam. Ambos tinham aos cães a mesma raiva.

Foi, aliás, a propósito de cães que a raposa e o gato, um dia, em que passeavam a par pelo campo, tiveram a seguinte conversa:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Se uma matilha de cães nos perseguisse, o que é que tu farias? – perguntou a raposa ao gato.

– Nem me fales nesses monstros, que fico com o pêlo em pé – disse o gato. – Uma matilha? Bastava-me um cão só, para lhe fugir.

– Pois sim, mas como te escapavas? – insistiu a raposa.

– Escapava-me. Fugia. Safava-me. Debandava. Raspava-me. Sumia. Onde houvesse uma árvore para eu trepar era por ela acima que eu desaparecia da vista do cão – explicou o gato, todo arrepiado.

– Vejo que és um pouco simplório e covarde – comentou a raposa. – Pois eu tenho mil manhas e recursos para os afastar de mim. Um catálogo de estratégias, podes crer. A dificuldade está na escolha, quando chega a ocasião.

Logo por azar, surgiu a ocasião. Dois cães de caça correram sobre o gato e a raposa. Sentindo-os perto, o gato saltou para uma árvore e pôs-se a salvo.

Mas já eles corriam sobre a raposa.

Então o gato viu a raposa, que há pouco se gabava de dispor de tantos e tão variados expedientes contra a fúria dos cães, fugir a bom fugir, como qualquer coelho assustadiço. E, lá mais adiante, ser filada pelo rabo...

Não tardaria muito que enfeitasse uma gola de samarra.

Do seu providencial poleiro, o gato matutava que mais vale saber do que apregoar que se sabe.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O HOMEM DE CHAPÉU NAS MÃOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Andava um pobre homem de tribunal em tribunal, de juiz em juiz, a apresentar queixa de um vizinho que lhe ficara com umas terras de pasto:

– Pôs lá as ovelhas do rebanho dele e, se eu as enxoto, ameaça-me com o arcabuz. Por este andar, qualquer dia, vou esquecer-me de que o terreno é meu. Ou então compro também um arcabuz...

– Não o aconselho a tal extremo – dizia-lhe o juiz.

– Nesse caso, o que me aconselha, Vossa Senhoria? – perguntava o homem, com muitos bons modos.

– Nada, nada que, agora, não tenho tempo. Leve a pendência a outro colega e saia-me da frente.

O homem, de chapéu nas mãos, ia a outro juiz, que, por coincidência, também não tinha tempo para ouvi-lo. Sempre muito atarefados estes senhores juízes.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De uns para outros e de outros para uns, o homem perdia tempo. E paciência.

Até que, de perda em perda, terá perdido o juízo.

Passou a ser visto, na praça principal da cidade, a falar para as árvores. A cada uma delas contava em pormenor o seu caso, como se a árvore fosse uma pessoa. Ou um juiz.

Tamanha sandice chamou a atenção do rei, que estava à janela. Como não tinha mais nada com que distrair-se, mandou vir o homem à sua presença.

– Então, as árvores falam contigo? – perguntou o rei, em ar de troça.

– Saiba Vossa Majestade que não. Eu é que falo com elas – respondeu o bom homem.

– E que lhes dizes?

– Saiba Vossa Majestade que lhes explico as razões da minha queixa de um vizinho que anda a querer roubar-me uma terra, à força de arcabuz.

O rei estava divertido com a historia.

– E tu julgas que as árvores são sensíveis ao que lhes contas?

– Tão sensíveis são as árvores como os homens. Têm, porém, sobre eles uma vantagem. As árvores não me interrompem nem se desculpam de que lhes falta tempo para atenderem as minhas queixas.

Afinal, o homem era mais ajuizado do que parecia. Assim pensou o rei, que tomou o caso ao seu cuidado e o despachou como devia ser.

E o homem pôde voltar a casa mais tranquilo.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS DOIS PRIMOS LI

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram dois primos, mas nem pareciam. Um, Li-Fong, um coração de oiro. O outro, Li-Kong, um patifório sem coração.

Trabalhavam ambos no mesmo ramo. Cada qual tinha um armazém de sementes e frutos secos, frente a frente, numa das ruas de mercadores da cidade Piong, na Península da Coreia.

Li-Kong passava o tempo a queixar-se de tudo. Eram os negócios que corriam mal. Eram as chuvas que vinham fora da época. Eram os pássaros que lhe roubavam as sementes.

Li-Fong sorria a tudo. Se tinha razões de queixa, não se dava por isso. Até os pássaros que depenicavam sementes, à porta do armazém, lhe davam motivo para sorrir.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Uma vez, uma pequena andorinha, que ainda não sabia voar, partiu uma asa, ao cair no beiral. Li-Fong cuidou dela e com muito carinho pôs-lhe uma tala, que atou com um fio à asa partida.

A andorinha recuperou e, chegado o Outono, ganhou forças para subir aos ares com as suas companheiras, em direcção a outras paragens. Mas não se esqueceu de quem a salvara...

Na Primavera seguinte, passou pelo armazém de Li-Fong e depositou nas mãos do seu protector uma semente, que trouxera no bico, sabe-se lá donde. Depois, abalou.

Li-Fong, que sabia tudo de sementes, mas não conhecia aquela, resolveu semeá-la no quintal. A semente germinou e uma planta de grandes folhas verdes trepou pela parede. Li-Fong regava-a cuidadosamente e animava-a a crescer, com palavras de mimo, como se ela o entendesse.

A planta deu flor e a flor fruto, um grande e estranho fruto dourado do tamanho de uma abóbora. Li-Fong cheirou-o, mas não o reconheceu pelo cheiro. A bem dizer, não cheirava a nada. Em contrapartida, encostando o ouvido à casca do fruto, parecia que se ouvia música e uma longínqua agitação de festa.

O primo Li-Kong troçou dele, com o seu habitual azedume:

– Esse fruto estapafúrdio vai dar-te para fazeres uma sopa de barulho.

Li-Fong resolveu-se a abri-lo e, quando o fez, diante do primo, ficaram ambos sem fala. Daquela espécie de abóbora saiu um exército de criados que armou mesas e dispôs iguarias para um grande banquete. Seguiu-se um

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

exército de artesãos que montou móveis, estendeu tapetes, armou cortinados e transformou o armazém num palácio. Depois, vieram músicos e com eles um financeiro, carregado de sacos, cheios de moedas de ouro.

No fim – ah! ah!, no fim... – saiu do fruto mágico uma jovem linda que disse que queria casar-se com Li-Fong.

E tudo, num repente, num sopro, sem que os dois primos tivessem sequer tempo para fechar a boca.

O invejoso do Li-Kong não descansou enquanto não soube a origem de toda aquela fortuna. Quando o primo lhe contou a história da andorinha que socorrera, Li-Kong rangeu os dentes e disse:

– Só por isso? Então, não custa nada.

Foi ao beiral do seu armazém, pegou numa andorinha, que ainda estava no ninho, e partiu-lhe uma asa. Em seguida, muito despachadamente, depois de ter feito o mal, tentou fazer o bem. Tal como o primo lhe ensinara, atou uma tala à asa partida da pobre andorinha e recomendou-lhe, ameaçadoramente:

– Vê lá se agora não te esqueces de mim...

De facto, na Primavera seguinte, esta andorinha quis demonstrar a Li-Kong que estava bem lembrada do que ele lhe fizera. Trouxe-lhe uma semente.

Li-Kong enterrou-a no quintal e ficou à espera. Brotou da terra uma planta de grandes folhas verdes, que demorou a crescer, parede acima.

– Então cresces ou não cresces, maldita? – impacientava-se Li-Kong. – Dá-me frutos, depressa.

A planta fez-lhe a vontade e presenteou-o com três enormes frutos dourados.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Vou ser três vezes mais rico do que o meu primo – rejubilava Li-Kong, de faca na mão.

Golpeou o primeiro fruto, que se abriu numa grande gargalhada e logo se desfez.

Segundo fruto e outra gargalhada enorme...

Furioso, Li-Kong atirou-se ao terceiro fruto, como se a faca fosse um punhal.

– Não quero que te rias mais de mim! Não quero que te rias! – gritava ele.

Pelos lanhos abertos no fruto disparou uma ventania que varreu as sementes todas do armazém. Saltaram portas e janelas, voaram as telhas e estremeceram as paredes até aos alicerces. Li-Kong, soprado para longe, perdeu os sentidos. Quando os recuperou viu-se sozinho, desamparado, no meio das ruínas.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A PRINCESA QUE PERDEU A FALA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma princesa que perdera a fala. Que tinha sido, que não tinha sido, não se sabia. Não falava, pronto.

Quanto ao resto, era igual às outras princesas. Até talvez mais bonita.

Pena que não se casasse. Pretendentes não lhe faltaram, todos nobres e distintos moços, mas a princesa fazia uma careta mal os via e estava tudo dito.

O rei, irmão da princesa, tinha muita pena dela e tudo daria para curá-la daquele estranho mal. E também gostaria que ela se casasse e fosse feliz.

Um dia, anunciaram que a comitiva de um príncipe estrangeiro, vindo de muito longe, se acercava do palácio para prestar homenagem ao rei e à princesa.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Outro pretendente – comentaram os fidalgos da corte.

– Outra careta da princesa – comentaram os fidalgos da corte.

O príncipe vinha embuçado. Nem um bocadinho da cara se lhe via. Só os olhos.

Depois de reunir-se com o rei, foi apresentado à princesa.

– Minha querida irmã, este príncipe de terras distantes manifestou-me, com muito boas razões e promessas de aliança, o seu profundo desejo de desposar-te.

Isto disse o rei para a irmã. E continuou:

– A proposta pareceu-me tão interessante para o nosso reino, que eu não vejo motivo para que tu, mais uma vez, me contraries. Tantas foram as tuas caretas aos anteriores pretendentes, que não tolero nem mais uma recusa.

A princesa, de cara fechada, apertava os lábios. Ela era muda, mas não era surda e não estava nada agradada com o que ouvia. Nunca o irmão se lhe dirigira com tanta severidade.

– Desta vez, quando o príncipe se aproximar de ti, para se declarar, tens de oferecer-lhe o teu melhor dos sorrisos – recomendava-lhe o rei.

Nada fazia prever que o tal sorriso despertasse no rosto crispado e colérico da princesa.

Veio o príncipe de cara tapada.

– Ele parece que não é dotado de grande beleza, mas será certamente um bom marido – segredou-lhe o mano.

Caiu ao príncipe a capa que o ocultava. Um frémito percorreu a sala, cheia de cortesãos. O príncipe era um monstro. Nada de mais feio alguma vez se vira.

– Apresento-te o teu noivo – anunciou o rei.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Não! – gritou a princesa. – Não, não e não! Que horror.

Depois de ter proferido estas palavras, a princesa fugiu do salão e refugiou-se no quarto.

– Mas falou – disse o príncipe-monstro, descolando da cara a máscara monstruosa.

Era, afinal, um rapaz de muito bom parecer. Entre ele e o rei havia combinação. O jovem príncipe, em anterior visita ao palácio, sofrera a humilhação de ver-se preterido por uma careta da desdenhosa princesa. Merecia ela de resposta outra careta ainda maior. Foi o que o príncipe fez, mostrando-lhe a caraça. O amor pode muito.

– A perda da fala da princesa terá tido por origem um susto – explicava o príncipe ex-monstro. – Só outro grande susto podia curá-la, como se provou.

Houve festa no palácio. A princesa, pelo sim, pelo não, saiu do quarto e veio espreitar. Não é que, pouco depois, estava a dizer sim ao tal príncipe apaixonado?

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DOIS VIGARISTAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Vivia na rua mais pobre e mais sombria de uma cidade da Ásia um homem chamado Zahil, que era muito preguiçoso. Ela e a mulher, não menos amiga de pouco fazer do que o marido, nunca se tinham disposto a aprender uma profissão ou, a bem dizer, a única profissão que sabiam era a de pregar más partidas aos camponeses e aos lavradores ricos, que passavam pela cidade. Tinham, realmente, fama de vigaristas e não menor proveito.

Sucedia, às vezes, que Zahil e Samam, assim se chamava a mulher, à falta de engenho ficavam com a barriga vazia.

Ora foi numa dessas ocasiões que nós os encontrámos, no princípio desta história. Dizia a mulher:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Não podemos continuar assim, Zahil. Ou tu inventas uma grande partida, que nos traga muito dinheiro, ou vamos começar a fazer como os outros, que chegam ao fim do dia e têm com que encher o caldo da panela.

– E que fazem os outros? – perguntou Zahil, bocejando.

– Ora que fazem?! Fartam-se de trabalhar, pois então!

– Ui! Disso estás tu bem livre – e Zahil saltou da cama e saiu sem dizer ao que ia.

Voltou, passado tempo, com uma gaiola. Dentro da gaiola, no mesmo poleiro, vinham dois periquitos verdes, iguaizinhos. A mulher zangou-se:

– Então tu andas a gastar o último dinheiro que temos com luxos.

Zahil, com um ar misterioso, respondeu:

– E não é tudo. Vai ao mercado e compra umas galinhas gordas, arroz e especiarias. Com elas faz uma boa tachada, enquanto eu passo pelo largo da cidade. Quero convidar alguns amigos e conhecidos para jantarem connosco.

Samam achou que o marido estava doido e disse-lho. Então Zahil, rindo-se da maroteira que ia pregar, deu algumas instruções em segredo à mulher e saiu para a rua, com um dos periquitos no bolso do albornoz. O outro passaroco ficou sem companhia, a protestar, no poleiro da gaiola, o seu desamparo.

Na principal praça, onde se reuniam os mercadores mais ricos da cidade, para tratarem dos seus negócios, Zahil abordou um dos comerciantes e perguntou-lhe, sem cerimónia:

– Quer vir jantar a minha casa?

O interpelado, que mal conhecia Zahil, estranhou o convite, mas o finório não lhe deu sequer tempo para

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

pensar e acrescentou:

– Se quiser, eu digo ao meu periquito para avisar a minha mulher que temos mais um conviva – e mostrou o passarinho, preso na mão.

Outros mercadores, que isto tinham ouvido, acercaram-se, curiosos e divertidos. Um deles, em tom de chalaça, quis saber se, realmente, o periquito era assim tão esperto.

– Imenso, senhor. Não fosse ele e estaria pobre. Muito me ajuda o meu periquito, principalmente a fazer recados – respondeu Zahil.

– Ah! Ah! Ah! – riram-se os que isto ouviram.

– Não acreditam? Pois convido-os a virem jantar comigo. A minha mulher já deve ter chegado a casa, de forma que eu vou dizer ao meu periquito para ir avisá-la de que levo alguns amigos para o nosso jantar. Gostam de galinha de caril com arroz?

Todos gostavam.

– Então, amigo, vai dizer à tua dona para preparar uma grande tachada de galinha com arroz. Quando chegarmos, quero tudo pronto. Vai! – e Zahil largou o periquito, que, vendo-se, tão de súbito, em liberdade, voou para onde muito bem quis.

Muito espantados ficaram os convidados, quando, ao entrarem em casa de Zahil, viram a mesa posta como para um banquete. Passava no ar um cheirinho a caril que regalava...

– Sentem-se, por favor, ilustres senhores – disse-lhes a mulher. – Se não tivesse vindo o periquito, a anunciar a vossa chegada, creio bem que o jantar ainda estaria por fazer.

De facto, na gaiola, lá estava um periquito verde...

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Depois do jantar, um dos convidados, que era um rico comerciante da província, gabou a refeição e a inteligência do periquito.

– Dou-lhe cem moedas por ele – propôs.

– Nem por sombras – replicou Zahil. – Só o trabalho que eu tive a educá-lo merece bem mil moedas.

– Aqui tem as mil moedas – atalhou o negociante.

E fez-se negócio.

Quando, no dia seguinte, o negociante chegou a casa, a sua primeira preocupação foi a de perguntar à mulher se o periquito lhe tinha dado o recado com o que ele queria para o almoço.

– Qual recado? Qual periquito? – assustou-se a mulher. – Os ares da cidade devem ter-te tirado o juízo.

– Tiraram mesmo – exclamou o pobre comerciante, dando socos na sua própria cabeça.

Tinha compreendido a maroteira.

– Seu vigarista, devolva-me já as minhas mil moedas ou mando-o prender – ameaçou o comerciante, entrando em casa de Zahil. – O seu periquito era um pássaro vulgar, como qualquer outro, e a prova está que fugiu em vez de se desempenhar do recado que eu lhe ordenara.

– E que recado era esse? – perguntou, serenamente, Zahil.

– Era o de ir à minha frente dizer à minha mulher que eu queria carne guisada para o almoço.

– Sabia ele, porventura, onde era a vossa casa? Já lá tinha estado convosco? – inquiriu Zahil, sem perder a calma.

O comerciante ficou atrapalhado. Realmente, como podia o periquito saber onde ele morava se ninguém lho

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

dissera. E, pensando no seu esquecimento e pouca sorte, o comerciante saiu da casa de Zahil, muito acabrunhado.

Esta história, que é um conto popular persa, parece aplaudir os vigaristas e preguiçosos que vivem da ingenuidade dos que não são vigaristas nem preguiçosos. Mas trata-se apenas de uma história, de um bocadinho da vida de um tal Zahil... Se chegássemos ao fim da história da vida de Zahil, veriam como ela era triste.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

MAU ALIADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Dantes, o cavalo e o veado eram amigos. Repartiam as mesmas pastagens. Bebiam lado a lado da água do mesmo ribeiro. Dormiam, trocando calor, na paz do mesmo conchego. Eram amigos, pronto.

Mas, nem eles saberiam dizer porquê, um dia, zangaram-se.

Ou porque um pisou a relva destinada ao outro.

Ou porque um turvou a água que o outro ia beber.

Ou porque um se agitou no sono e interrompeu o dormir do outro.

Por qualquer ninharia tola deixaram de ser amigos.

Zangaram-se, pronto.

Muito enfadado com o antigo parceiro, o cavalo foi ter com o homem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Quero que tu me livres do javardão do veado – disse ele ao homem, por sinal um caçador de arco e flecha.

– Isso interessa-me – respondeu o homem, aprestando os instrumentos de caça. – Mas o veado é rápido. Vai ser difícil apanhá-lo.

– Não é impedimento, se tu me montares – ofereceu-se o cavalo. – Eu sou tão ou mais rápido do que ele e depressa o alcançaremos.

Não sei se já disse que o cavalo era selvagem.

Nunca tinha suportado peso nenhum em cima nem sabia o que era puxar uma carroça. Vivera sempre em liberdade, ao lado do veado, e longe dos homens, das cilhas, das selas, dos freios, das bridas, das esporas, que os homens inventam para submeter os cavalos ao seu mando. Era livre, pronto.

Aparelhado à conveniência do caçador, lá foi o cavalo a galope, ao encontro do veado. Caçá-lo não custou nada.

– Livrei-te do teu inimigo – disse o cavaleiro ao cavalo. – Estás contente?

Aqui para nós, o cavalo o que estava era arrependido. Ver o antigo companheiro trespassado pelas setas do homem doía-lhe muito. Mas fez-se forte e disse:

– Claro que estou contente. Este veado não merecia outra coisa. Agora tira-me a sela e desaperta-me as correias. Quero gozar sozinho o que, dantes, tinha de partilhar com o paspalhão do veado.

O homem riu-se:

– Acho-te muita graça, cavalinho. Então tu julgas que, depois do trabalho que me deste, ia deixar-te partir?

– Mas foi só um serviço, um negócio, uma aliança entre nós dois – protestou o cavalo. – Arrumado o caso, volta

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

cada um para seu lado. Liberta-me do freio que me está a magoar.

– Nunca mais – sentenciou o homem. – Vais conhecer as minhas cavalariças, assim como já conheceste as minhas ordens.

De nada valeu ao cavalo escoicear e encabritar-se, na vã tentativa de escapar ao aperto do homem. Ele era um bom cavaleiro e estava habituado a domar cavalos selvagens.

Aquele oferecera-se. Agora suportava as consequências.

O cavalo acabou por aceitar, resignado, o seu novo destino. Era o castigo, pronto. Acabou-se.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A GOTA COM SEDE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma gota cheia de sede. Não faz sentido, mas acreditem que assim era.

Esta gota de água queria matar a sede a alguém que tivesse muita sede. Desejo grande, desejo único que a arredondava mais e mais, e a enchia de fé como um coração palpitante. Mas não havia meio.

Cavalgando uma nuvem, correu o deserto, à cata de um viajante sequioso. Não encontrou nenhum.

Depois, percorreu, por cima dos mares, as ondas revoltas dos oceanos. Talvez um náufrago de boca salgada precisasse dela e da sua ajuda doce. Assim que o visse, ela caía lá do alto e poisava nos lábios do náufrago como uma última bênção. Mas não encontrou nenhum.

Queria ser útil. Não conseguia.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Até que a nuvem em que vinha, de carregada que estava, não podendo mais, se desfez em chuva. Ela precipitou-se para a terra, no meio das outras.

– Vou lavar as pedras da calçada – dizia uma.

– Vou mergulhar até à raiz de uma planta e dar-lhe vida – dizia outra.

– Vou acrescentar água a um rio quase seco. Vou ajudar uma azenha a trabalhar. Vou alimentar uma barragem. Vou empurrar um barco encalhado.

Isto diziam várias gotas, todas generosas, enquanto caíam.

Se cada uma cumpriu ou não o seu destino, não sabemos, porque nesta história só nos ocupamos da gota com sede de matar a sede.

Caiu na copa de uma árvore e foi escorrendo de ramo em ramo, pling, pling, pling, como uma lágrima feliz.

Até que chegou a uma folha, mesmo por cima de um ninho. Caio? Não caio? Deixou-se ficar, a ver no que dava.

A casca de um ovo estalou e um passarinho rompeu, aflito, lá de dentro, de bico aberto, num grito mudo.

– Caio – decidiu a gota.

Soltou-se da folha para a garganta aberta do passarinho, que a engoliu e, logo em seguida, piou, agradecido.

Foi o passarinho, tempos depois, que me contou esta história.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A SOMBRA DO MARCOLINO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Marcolino já tinha uma certa idade. Outros diriam que o senhor Marcolino era um velho, mas se ele, um dia, vier a ler esta história, talvez não goste de assim ser tratado. Os velhos – perdão!, as pessoas de idade – têm destes melindres. Compreensíveis.

Pois o senhor Marcolino, idoso, reformado, sozinho, resolvera-se a pôr em prática um plano que há muito vinha congeminando.

Era assim: aos primeiros arrepios de Novembro, o senhor Marcolino metia-se na cama. Bem quentinho. Só voltava a levantar-se lá para meados de Março, quando sentia que dois cobertores já eram peso de mais.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Só se levantava em Março é uma maneira de dizer. Claro que, sempre que tinha necessidade saía da cama e não descurava os seus hábitos de higiene. Também não se esquecia de comer, mas fora de horas, quando lhe dava a fome e pouco de cada vez. Uma fruta, uma sopinha ou uns petisquitos, que armazenara para o Inverno na arca frigorífica. Não se tratava mal.

– Se há bichos que hibernam, porque não hei-de eu hibernar também, que tanto trabalhei de Verão e de Inverno, enquanto tinha de trabalhar. São uma espécie de férias por junto, já que só de raro em raro, dantes, eu as tirava.

Isto explicava ele a si próprio ou à sua própria sombra, pois não tinha mais ninguém com quem conversar. Nem se ralava.

Mas ralava-se a sombra, a quem o senhor Marcolino confidenciava sempre os seus pensamentos. Ora, uma vez, a sombra pôs-se em pé diante dele e, muito enxofrada, vá de dizer-lhe:

– És um urso, um bicho do mato. Quase meio ano aqui escondido em casa, tem algum jeito? Que não queiras pôr o nariz na rua é lá contigo, mas que me obrigues a fazer-te companhia todo este tempo é uma escravidão. Uma escravidão intolerável!

– Lá fora está frio – queixava-se o senhor Marcolino.

– A mim bem me importa – repontava a sombra. – Eu procuro sempre o lado do sol. Gosto de apanhar ar, de espairecer, até de passear à noite, à luz dos candeeiros.

– Então vai passear e deixa-me em paz – arreliou-se o senhor Marcolino, farto daquela sombra pespontona.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Nem foi preciso dizer-lhe segunda vez. A sombra descolou-se do senhor Marcolino e escapuliu-se por debaixo da porta. Um solzinho de Inverno, mesmo tentador, chamava-a, da rua...

Quando veio o mês de Março, um Março particularmente solarengo, o senhor Marcolino saiu de casa. Mas com um certo desconforto, há que dizê-lo. Sem a sombra à sua beira, sentia-se como se não estivesse completamente vestido.

Além disso, podiam reparar. Um homem sem sombra é coisa nunca vista e o senhor Marcolino não queria passar por raridade.

Viveu aquela Primevera e os meses de Verão num grande enervamento. E arrependido de ter sido brusco para com a sua sombra, a sua única sombra, que sempre o acompanhara fielmente, a vida toda.

Pôs um anúncio, no jornal:

SOMBRA VOLTA
Se me perdoares,
também estás perdoada

Mas sem grande esperança... O Verão a acabar e ele sem sombra. Pôs-se a andar ao acaso por largos e praças batidas pelo sol. Palmilhou ruas e estradas rasgadas pelo sol. Da sua sombra nem sombra.

Sentiu-se muito só. Estava ele, sentado numa duna da praia, a olhar para o mar, quando uma voz lhe interrompeu os pensamentos tristes:

– Olá, Marcolino. Afinal, velho urso, também gostas de apanhar sol.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Era ela, a sua querida sombra, alargando-se e ondulando pela areia, à luz do sol pôr. Foi uma festa o encontro.

Marcolino prometeu-lhe que, nos dias de Inverno, sempre que despontasse o sol, havia de trazê-la à rua, a passear. A sombra, por seu turno, prometeu-lhe que nunca mais o abandonaria. E, meigamente, confidenciou-lhe que, enquanto estivera afastada, sentira saudades do seu velho urso:

– Uma sombra sozinha, a roçar-se pelas paredes, a escorregar pelos tapumes, não tem jeito, não faz sentido.

Nunca mais se separaram e viveram sempre muito felizes.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UMA HISTÓRIA DO TEOTÓNIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Teotónio já correu mundo. Foi marinheiro, fragateiro, fuzileiro, montanheiro, quadrilheiro, falcoeiro, artilheiro, enfim, um grande aventureiro.

– Um grande pantomineiro! – diz o meu pai, que não acredita, nem um nadinha, nas histórias que ele conta.

Eu e os outros rapazes, cá da rua, acreditamos. Quando estamos cansados de jogar à bola, vamos bater à porta da casa dele e pedimos:

– Senhor Teotónio, conte uma história das suas.

Ele vem à janela, com cara de zangado:

– Eu não conto histórias. Tudo o que eu conto aconteceu. São episódios da minha vida.

– Então conte um episódio da sua vida – insistimos.

Danado está ele para contar. E nós para ouvi-lo. Mas finge-se desinteressado e ocupado com outros assuntos mais urgentes.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Agora, não posso. Mais logo, quando estiver disponível...

– Agora! Agora! – gritamos em coro, num grande chinfrim, à beira da janela do senhor Teotónio.

Então ele, com cara de frete, como se fosse obrigado, conta um dos tais episódios da sua vida. Mal começa a contar, os olhos dele riem, enquanto nos fita um por um, como se estivesse a divertir-se à nossa custa. Estará? A mim não me importa, que também me divirto com as histórias dele.

– Uma vez, estava eu a trabalhar no fundo de uma mina e houve um desmoronamento. Fiquei bloqueado. Não valia a pena esperar por socorros. A verdade é que ninguém desconfiava que eu tinha cavado aquela galeria, por conta própria, fora das horas de serviço. Era uma mina de ouro.

Estremecimento geral na rapaziada. O senhor Teotónio apreciou o efeito e continuou:

– E que mina! Só naquele corredor, que eu considerava de minha propriedade, havia ouro que chegava para comprar o mundo todo e ainda sobrava. Mas conseguir levá-lo dali? Ia ficar sepultado com a minha fortuna. Uma desgraça! Uma tragédia!

Como o víamos ali, diante de nós, não nos alarmámos muito com a desgraça e a tragédia, de que ele nos falava. Queríamos era saber o resto. O senhor Teotónio prosseguiu:

– Mais uma hora e a pilha da minha lanterna dava o bafo. Ficaria mergulhado na escuridão, sem ter por onde orientar-me. Foi então que reparei numa toupeira, que saía por um buraquinho. Quanto eu dava, naquela ocasião, para ser toupeira, disse de mim para mim. "Quanto?", ouvi,

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

distintamente, uma voz perguntar-me. Fiquei petrificado ou quase, quando percebi que era a toupeira quem falava e que estava a propor-me um negócio. Vocês podem supor-me louco ou mentiroso, mas foi assim tal e qual como vos conto. Se não acreditarem, não continuo.

O que nós queríamos era ouvir mais.

Por isso claro que acreditámos.

– Acabei por oferecer todo o ouro daquela galeria, em troca da liberdade, nem que fosse sob a forma de toupeira. Fez-se a troca e não me perguntem como. A toupeira transformou-se num homem, bastante feio, aliás, e eu passei a ter a corpulência e o feitio de uma gentil toupeira. Não me vi ao espelho, para não desistir, a meio da negociação. Ficou a toupeira-homem no subterrâneo, no meio do ouro, e escapou-se o homem-toupeira que, munido do sentido de orientação das toupeiras, sem grandes dificuldades alcançou a superfície.

– Mas o senhor Teotónio, agora, não é uma toupeira... – estranhou um de nós.

– Depois de muitas voltas, consegui negociar, de novo, a minha condição. Mas essa história fica para a próxima vez...

– Agora! Agora! – voltámos a gritar, numa ruidosa manifestação à janela do senhor Teotónio.

– Então eu conto, mas depressa, que tenho mais que fazer do que aturar-vos. Soube, por intermédio de uns morcegos, que um homem, injustamente preso, tinha tentado trocar de posição com um rato, mas que a transacção não chegara a realizar-se, porque o rato achara a quantidade de queijo insuficiente. Ofereci-me eu, sem pedir contrapartida. O que eu queria era recuperar o meu

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

corpinho de ser humano. Dei o da toupeira ao preso e fiquei eu na prisão.

– E como é que se libertou? – perguntámos.

– Quando os carcereiros viram que eu não era o preso, estranharam a mudança, mas não quiseram dar-me a liberdade. Tive de convencê-los com uma pedrinha de ouro, que tinha conseguido meter na boca, quando da troca, na mina...

– O senhor Teotónio sempre me saiu um troca-tintas – disse, sem maldade, o mais atrevida do grupo.

O contador, reformado de tantas aventuras, não gostou da observação e fechou-nos a janela na cara. Tão cedo não vamos ter histórias do Teotónio.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM AVENTAL CHEIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Isto passou-se num tempo em que mouros e cristãos andavam à bulha pela mesma terra, por sinal a mesma que, mais tarde, se chamou de Portugal.

Uns de um lado, outros do outro, conquistavam vilas e aldeias, que logo a seguir tinham de abandonar, para mais depois reconquistarem, numa luta desenfreada e sem fronteiras certas. Alfanges e espadas cruzavam-se com raiva, corria sangue, perdiam-se muitas vidas.

Aconteceu que, uma vez, não sei onde, uma mulher sarracena estava para dar à luz. O marido, aflito, procurou entre as mulheres mouriscas quem a socorresse, mas nenhuma tinha experiência para tal. Falaram-lhe, no entanto, de uma parteira cristã, que vivia do outro lado da guerra.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O homem arriscou-se. A coberto da noite, evitou as sentinelas e conseguiu chegar a casa da parteira. Com muito bons modos, pediu-lhe que lhe acudisse à mulher e ao filho que estava para nascer.

– Prometo encher-te o avental de riquezas – disse ele, a convencê-la.

A parteira, ou por cobiça ou por condoimento, foi com o mouro, passando, no entanto, pelos mesmos riscos por que ele tinha passado.

Concluído o parto, sossegada a mãe com o bebé nos braços, o mouro mandou-a levantar o avental e despejou-lhe para a abada dele uma cesta cheia de carvão de lenha.

– Guarda-a até chegares a casa – avisou-a o pai do menino que ela ajudara a nascer.

A mulher sentiu-se lograda, mas temeu-se de protestar, receosa de que o mouro lhe levasse a mal. No seu íntimo, resmungava: "Então este montinho de carvões, que me sujam o aventalinho de chita, é que valem a riqueza prometida? Da próxima não torno, ai não torno não, mouro velhaco".

Voltava para casa já de madrugada. Uns soldados cristãos, que estavam de atalaia, viram-na e mandaram-na parar, de lanças em riste:

– Se vens de terra inimiga, não vens por bem – disseram-lhe.

Ela benzeu-se diante deles e mostrou-lhes o seu leve carrego de carvões, desculpando-se:

– Sou uma pobre mulher que anda a colher gravetos de uma queimada, para conforto da casa e meu e de meu gato, que gosta de dormir ao borralho.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Deixaram-na ir. Quando chegou a casa e fechou a porta atrás dela, de coração ainda a bater de susto, ia para deitar os carvões para a lareira e viu que – olhai a surpresa! – tinha o avental cheio de barras de ouro. Até o pó de carvão se tinha transformado em ouro em pó. Afinal o mouro era um mágico e não lhe falhara a paga.

Parece que o único que não apreciou a transformação foi o gato que gostava de dormir ao calor do borralho.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A GALINHA DA DONA GERTRUDES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Aquele jornalista das perguntas, que já conhecem, foi entrevistar uma galinha, mas uma galinha especial. Propunha-se a cacarejante criatura entrar para o Guinness, o livro dos recordes. E a fazer o quê? A pôr um ovo de ouro? Não, que ideia, que vulgaridade. Essa é uma história muito antiga e já foi contada, há que tempos.

O fito dela era outro. Teimava a galinácea que seria capaz de chocar de uma só vez trinta ovos e de fazer assim nascer, sem tirar nem pôr, trinta pintainhos, trinta irmãozinhos pipilantes, cor de gema de ovo.

– Vai precisar de alguma preparação especial? – perguntou-lhe o jornalista, passando a cabeça por cima da rede do galinheiro.

– Cacracá, cacracá, cacracá – respondeu-lhe a galinha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Queria ela dizer na dela que, estando choca, só precisava de muita paciência, porque a natureza faria o resto.

– E tem a certeza que os ovos estão todos em condições de ser chocados? – insistiu o jornalista.

Respondeu a galinha:

– Cacracá, cacracá, cacracá.

Ao que o galo da capoeira, muito senhor de si, acrescentou:

– Cocrocó, cocrocó, cocrocó.

O que ambos queriam dizer percebe-se. Estavam seguros, seguríssimos, da impecável qualidade dos ovos, dispostos para o choco.

Quem os acondicionara no ninho, que a galinha cobria, tinha sido a Dona Gertrudes, dona da galinha, do galo e do galinheiro todo, onde também estanciavam outros bicos, patas e patos, peruas e perus, como se pertencessem à mesma família.

– Em quanto está o último recorde? – quis saber o jornalista. – Consta-me que pertence a uma galinha australiana que deu à luz vinte e nove pintos, num único choco. Confirma?

– Cacracá.

A galinha confirmava. Estava bem informado o jornalista.

Foi para o jornal e escreveu a notícia com o seguinte título: "Galinha portuguesa vai derrotar galinha australiana". Era um bocado exagero ou precipitação, mas este jornalista deixava-se levar pelo entusiasmo, que nem sempre é bom conselheiro de quem redige notícias.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Lá que a galinha se esforçava ninguém duvida. Fazia-se leve e alargava as asas o mais que podia, para dar a todos os ovos calor por igual. Quando ela ia depenicar qualquer coisinha, o galo revezava-a no choco, o que não era desprimor nenhum.

Os dias iam passando. No jornal, que era diário, o jornalista ia mantendo viva a atenção dos leitores. Já entrevistara por diversas vezes a Senhora Gertrudes, o marido da Senhora Gertrudes, vizinhos da Senhora Gertrudes e até tentara obter, em primeira mão, um depoimento do peru.

– Glu, glu, glu – dissera-lhe ele, meneando a cabeça com alguma inquietação.

Não era muito optimista o peru, o que se compreende. A aproximação do Natal trazia-o muito apreensivo.

As cascas dos ovos começaram a estalar. O jornalista, avisado, trouxe fotógrafo para o grande acontecimento.

Record mundial: "Trinta pintos para uma galinha", já via ele, em grossas letras, na primeira página. "Portugal derrota Austrália, no jogo da capoeira...", assim começaria a notícia.

Afinal, não começou. Afinal, não derrotou. Ficaram empatados. Eu explico.

Os pintainhos foram nascendo, um a um, a trocar o passo, molhados e tiritantes. Mal se desembaraçavam da casca, fugiam outra vez para o calor da mãe. O pai galo, enternecido, ia-os contando:

– Cocrocó... Cocrocó... Cocrocó... Cocrocó...

O jornalista e o fotógrafo e a Senhora Gertrudes e o marido da Senhora Gertrudes e os vizinhos e as vizinhas da Senhora Gertrudes também, em coro afinado, contavam:

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– ... Vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove...

– Só falta um! Só falta um! – gritava, exaltado, o jornalista, que mais parecia um locutor de um relato de futebol.

O residente do último ovo resistia. Ou fosse ele mais preguiçoso ou fosse a casca mais grossa, não havia meio. Finalmente... craque, craque, craque... partiu-se. E ouviu-se, à roda, um "Oh!" – de desapontamento geral.

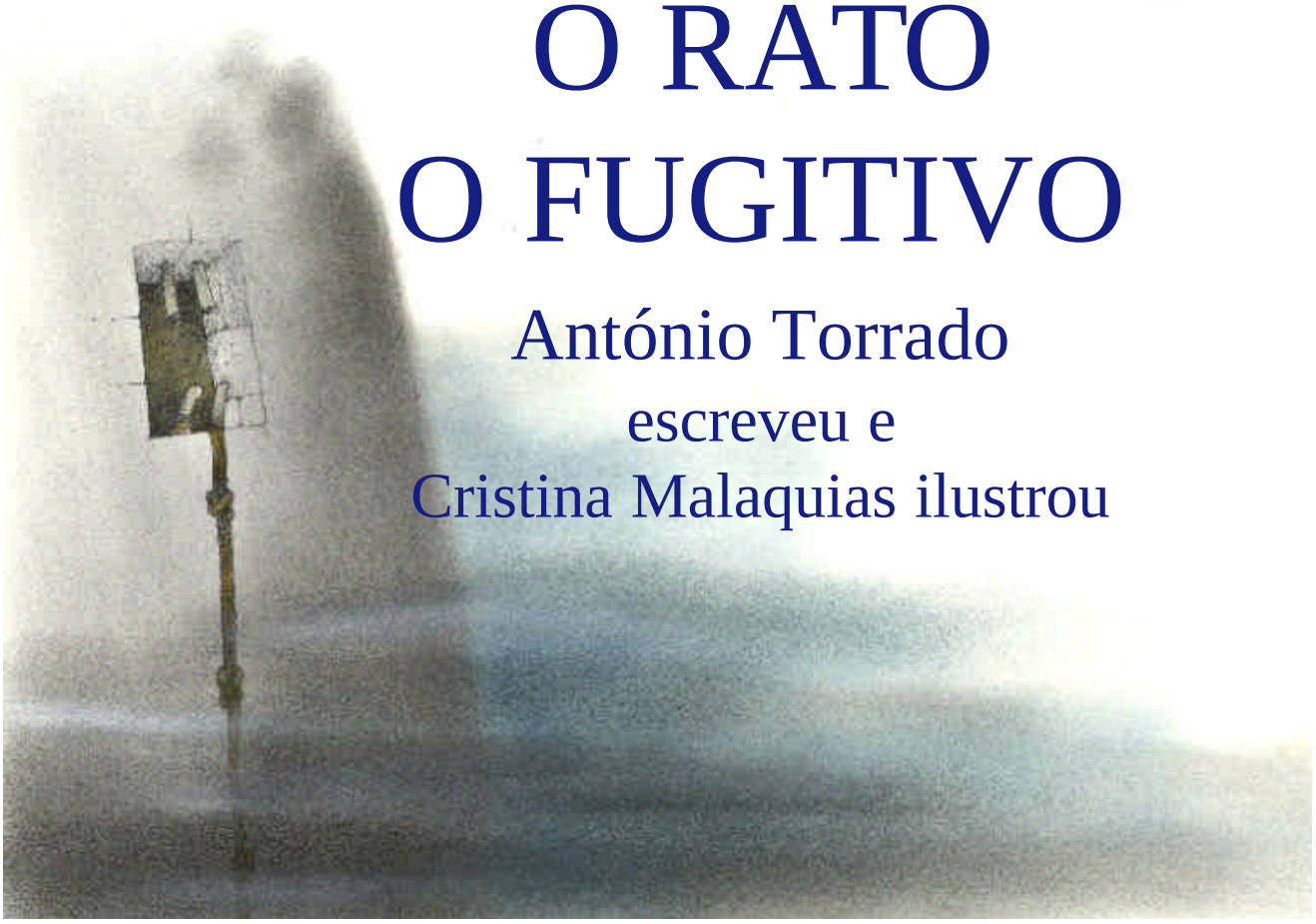
Não era um pinto, o que o último ovo escondia. Era um pato, um patinho vacilante, que logo foi esconder-se e juntar-se aos seus irmãos do choco.

– Ai que troquei este ovo. Cabeça a minha! – exclamou a Senhora Gertrudes, dando uma palmada na testa.

E foi assim que esta esforçada galinha não entrou no Guinness, o livro dos recordes. Dizem-me que está a ensaiar-se para nova tentativa! Ela e o galo, como não podia deixar de ser.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



O RATO O FUGITIVO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um fugitivo. A coberto da noite, escapara-se da prisão, uma torre alta, rodeada por um muro mais alto ainda, e correra descalço, sobre cascalho e pedras soltas que não serviam de caminho senão a cabras de cascos duros.

Descia a montanha, coroada pela tal prisão. Olhando para trás, deixara de ver a silhueta assustadora das muralhas, tão escuras como a noite, o que era bom sinal. Sinal de que se distanciava cada vez mais dos soldados, que o perseguiriam, quando na manhã seguinte dessem com a cela vazia e uma corda pendurada das grades serradas.

O pior era depois. Os soldados montariam em cavalos, que galopariam desenfreadamente até apanhá-lo. Pois era.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas aquele bocadinho de liberdade já ninguém lhe tirava. A respiração da noite, o cantar trémulo dos grilos, o faiscar dos pirilampos, o balido dos cabritos nos cortelhos e o céu imenso, coalhado de estrelas, valiam tudo, todos os riscos e até a desilusão de ser de novo feito prisioneiro e reconduzido à cela das suas angústias e revolta.

Sim, porque o homem estava preso injustamente. Invejas, intrigas tinham posto o rei do mal com ele, a ponto de lhe dar de morada, para o resto da vida, a torre, de que o muro cinzento à volta retirava toda a vista do mundo. Naquele tempo, rei que pusesse a mão sobre um dos pratos da balança da justiça valia mais do que todos os tribunais juntos.

Levantava-se a primeira claridade da madrugada. O fugitivo que descera a montanha aos tombos, de pés a sangrar, chegara à planície. E agora?

Estava na estrada de areia. Ah, tivesse ele um cavalo que, seguramente, se escaparia dos seus perseguidores. Mas onde descobri-lo? E com que dinheiro comprá-lo, se tinha os bolsos em farrapos como o resto da roupa que o cobria? Só Deus ou um anjo por ele podiam salvá-lo.

Numa curva da estrada que a luz do céu, a inundar-se de lilás, desenhava como a indecisa aguarela de uma nuvem, o homem viu uma vedação e, atrás da vedação, cavalos a pastar. Eram brancos, de longas crinas.

Para lá dos cavalos serenos, um ferrador, num telheiro, ateava o forno, de fole em punho. Apesar do fugitivo o ver de longe, percebeu-lhe, por trás das barbas tão brancas como as crinas dos cavalos, um sorriso feliz de quem vai começar o dia com gosto, até, talvez, com uma boa acção...

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Quer um cavalo para a viagem? – perguntou o velho das barbas brancas ao homem que muito penara já na prisão.

– Não tenho com que pagar-lhe – respondeu o pobre esfarrapado, numa voz de queixume.

– Paga depois – disse-lhe o ferrador, sorrindo, e fez um gesto de desimportamento, um gesto largo, tão rasgado e generoso que abrangia o espaço em redor e tudo o mais que a vista alcançava até ao horizonte ou à transparência azul do céu, para lá da finitude do tempo.

Depois acrescentou:

– Vou ferrar-lhe um destes cavalos, mas de um modo que eu cá sei...

Era um homem de mistérios. O fugitivo acolheu-se aos seus desígnios porque sentiu, no aperto do seu coração, que mais ninguém senão aquele homem de gestos suaves podia salvá-lo.

A manhã abria-se, empolgante. Lá, na prisão, já teriam dado pela fuga, já os soldados lançariam o alarme, já se aprestavam para persegui-lo.

O velho das barbas brancas ferrou um cavalo. O fugitivo montou-o. Ia para agradecer, mas o velho interrompeu-lhe as palavras e mandou-o seguir. Depois, ficou, à beira da vedação, a ver o cavalo fogoso a afastar-se, numa nuvem de pó.

Inclinou-se para o chão que o cavalo tinha pisado. Na areia, as patas ferradas do cavalo imprimiam-se como se o cavalo e o cavaleiro tivessem seguido o caminho oposto. Ele, ferrador experiente e avisado, tinha pregado as ferraduras ao contrário.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando o tropel dos perseguidores desceu à estrada e consultou as pegadas do cavalo fugitivo foi iludido pelo sentido que indicavam as ferraduras.

– Foi por ali – apontou o capitão dos guardas.

Mas ele tinha ido por acolá. Nunca mais o apanharam.

Também o ferrador desapareceu da paisagem. Nem cavalos nem vedação nem forno. Nada. Só árvores, mato e o céu ao fundo.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O GATO GATARRÃO COME TUDO À MÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um gato e era uma vez um papagaio.

Encontraram-se os dois nesta história e falaram assim:

– Queres vir jantar comigo? Sou eu que ofereço – convidou o papagaio.

– Só se o jantar valer a pena... – respondeu o gato, que era bastante malcriado.

O papagaio sabia receber. Preparou uma rica mesa de paparicos que lhe deram imenso trabalho a cozinhar. Peixe, perna de vitela, fruta, chá e bolos, quinhentos bolos redondinhos, acabados de sair do forno, muito loirinhos e saborosos. Uma delícia!

Empilhou quatrocentos e noventa e oito bolos numa bandeja, diante do lugar em que o gato ia sentar-se, e guardou dois bolos para ele, papagaio bem-educado e amigo de brindar as visitas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O gato chegou, comeu o peixe e a vitela, esvaziou o cesto da fruta, bebeu o chá e engoliu, um a um, os quatrocentos e noventa e oito bolos que lhe estavam destinados.

– Estou com fome. Não há mais nada que se coma? – perguntou o gato, limpando os bigodes.

– Estão aqui dois bolos – respondeu o papagaio, que, de tão admirado que ficara com o apetite do gato, nem se lembrara de os comer.

– Venham eles! – exclamou o gatarrão.

Engoliu-os num abrir de olhos e, depois, disse:

– Ainda fiquei com mais fome. E agora?

– Agora... agora só se me comeres a mim – respondeu o papagaio, um bocado aborrecido.

– Boa ideia – aprovou o gato.

E sem mais aquelas, glip-glip, glop-glop, tragou o papagaio.

Uma velhinha que os servira, ao ver isto, repreendeu-o:

– Que vergonha e que falta de respeito! Então foi comer o seu amigo papagaio?

– E mais comia, porque continuo com fome – respondeu-lhe o gato. – Estou mesmo a pensar comê-la a si...

E glip-glip, glop-glop, engoliu a velha.

Depois, desceu à rua para se estirar um bocado ao sol. Nesse momento, ia a passar um homem com um burro carregado de feno.

– Passa de lado, gato, porque estou com pressa e o meu burro pode pisar-te – avisou-o o homem.

– Não é um burro que me mete medo. Já comi quinhentos bolos, uma papagaio e uma velhota. Ainda cá

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

cabe um homem mais o burro...

E glip-glip, glop-glop, engoliu o homem e engoliu o burro.

Continuou o seu caminho, muito empertigado, até que encontrou pela frente um cortejo real. O rei dava o braço à rainha, atrás deles vinham os soldados e atrás dos soldados uma quantidade de elefantes, alinhados dois a dois. Era um cortejo histórico, muito colorido e florido. O rei, que tinha acordado bem-disposto, vendo o gato gatarrão disse-lhe:

– Encosta-te à parede, gato, senão os meus elefantes esmagam-te.

– Esmagar-me, a mim? Deixa-me rir. Já comi quinhentos bolos, um papagaio, uma velhota, um homem e um burro. Porque não hei-de comer também um insignificante rei e toda a sua comitiva?

E glip-glip, glop-glop, engoliu o rei e a rainha, os soldados e os elefantes. Começava a sentir um certo peso no estômago. No entanto, prosseguiu o seu caminho, sempre muito empertigado.

Dois caranguejos cinzentos trotavam em sentido contrário, naquele jeito de andar de lado que não tem emenda.

– Muda de passeio, gato – gritaram-lhe eles, de longe.

– Era o que faltava! – respondeu-lhes o gato, enfrentando-os. – Já comi quinhentos bolos, um papagaio, uma velhota, um homem e um burro, um rei, uma rainha, um exército e uma manada de elefantes. Querem ver como ainda sou capaz de comer dois caranguejos?

E não lhes deu tempo. Glip-glip, glop-glop, engoliu-os em menos de um ai.

Assim que os caranguejos chegaram ao fim da viagem,

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

olharam em volta e não viram nada. Estava às escuras a barriga do gato. Mas, a pouco e pouco, foram dando conta dos que tinham chegado antes deles. A um canto, estava o rei muito abatido, com a coroa à banda. Nos seus braços desmaiara a rainha. Os soldados andavam de um lado para o outro, sem saberem o que fazer, bastante envergonhados. Pelo seu lado, os elefantes tentavam pôr-se em ordem, em filas de dois, mas faltava o espaço. A velhota estava a conversar com o velho, dono do burro, que adormecera em pé, apesar do peso da carga. Sobre uma enorme pilha de bolos, empoleirava-se o papagaio, de penas eriçadas.

– Mano, este sítio não nos serve – comentou um dos caranguejos.

– Também me parece, mano – concordou o outro caranguejo. – Vamos ver se nos safamos.

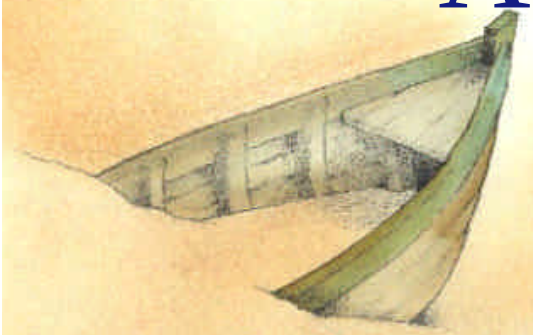
Com muita paciência e teimosia, começaram a cavar um buraquinho na barriga do gato. As pinças deles trabalhavam ligeiras, de modo que, em pouco tempo, tinham aberto um buraco por onde puderam passar, de lado. Depois deles, saíram, pé ante pé, o rei, a rainha, os soldados, os elefantes a dois e dois, o homem e o burro, a velha e, no fim de todos, os papagaio, com um bolo em cada mão, os únicos que tinha guardado para o seu jantar.

Foi assim que o gato teve de passar o resto do dia a coser o buraco que os caranguejos tinham aberto. Talvez, depois disto, aprenda a não ser glutão.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS GRÃOZINHOS ANDAM DE BARCO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um grão de areia que vivia num barco. O barco não era dele, já se vê, mas de uns pescadores, que todos os dias deitavam as redes ao mar.

– Onde é que eu estou? – perguntou um outro grão de areia, acabado de chegar.

Este tinha vindo da praia, agarrado ao pé de um dos pescadores, e estava um tanto enjoado com os balanços do barco.

O grão de areia mais antigo explicou-lhe onde se encontravam.

– Com a prática do mar alto, vais habituar-te – disse o grão de areia marinheiro.

Por sinal que não lhe deram tempo para tal, porque o barco estava muito velho, metia água e, depois de uma última pescaria, foi abandonado, como coisa sem préstimo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Já não balança – disse o grão de areia menos viajado.

– Estamos na praia – explicou o grão de areia mais viajado.

– Não vejo praia nenhuma – estranhou o grão de areia menos viajado.

Pudera! Donde estavam só se via o barco por dentro e o céu, lá muito em cima. Assim ficaram que tempos. Anos, talvez. Tanto fazia.

A madeira do barco apodreceu e, numa noite de Inverno, uns rapazes resolveram fazer uma fogueira com o que restava do velho barco.

– Vamos morrer queimados – alarmou-se o grão de areia menos experiente.

– Não há-de ser fácil – tranquilizou-o o outro. – Nós, os grãos de areia, somos muito resistentes.

Se eram! Tudo à volta em cinzas e eles a brilharem como novos.

– E agora? – perguntou o grão de areia mais assustadiço.

– Depois se verá – respondeu o grão de areia que sabia muito. – Nós, os grãos de areia, temos de estar prontos para tudo.

Veio o vento que varreu as cinzas e deu asas aos grãozinhos. Cada qual para seu lado.

– Que impressão. Tenho um grão de areia num olho – queixou-se uma namorada para o respectivo namorado.

– Eu tiro-to, meu amor – acorreu o namorado a socorrê-la.

Soprou e pronto. O grão caiu. Era um dos tais, por sinal o mais viajado.

Caiu no convés de um grande barco, daqueles que proporcionam excursões, à beira-mar.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Olá, colega – disse-lhe, à beira dele, outro grão de areia.

Era o menos viajado. Tinha vindo agarrado a um cadeirinha de transportar bebés. Poisada a cadeirinha, caíra para o chão.

– E já se não sente agoniado? – perguntou-lhe o grão de areia mais experiente.

– Este barco é muito mais cómodo – respondeu o grãozinho. – Por este andar, à velocidade a que temos progredido, ainda vamos parar a um transatlântico e atravessar os mares, até à América.

O outro concordou. Sabia por experiência própria que a um grão de areia tudo pode acontecer.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O VELHO MAGO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um velho Mago, muito famoso.

Mago equivale a feiticeiro. Feiticeiro equivale a bruxo. No entanto, este não era dos maus, daqueles que transformam príncipes em sapos ou coisas assim. Durante toda a vida, dera-lhe mais para transformar sapos em príncipes ou coisas parecidas. Era um Mago bom.

Mas andava muito esquecido. Ia para praticar uma magia, através de uma fórmula mágica e, a meio, tinha uma falha de memória:

– Galapim, topelim, balemeque... Ou será bumelaque?

O caso podia ser grave, porque qualquer pequena alteração das palavras mágicas transtornaria o resultado. Em vez de fazer aparecer um príncipe, onde estava um sapo, fazia aparecer uma galinha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Depois, a transformação da galinha em príncipe é que era um caso sério. Um processo muito mais complicado. Quase impossível.

À conta dos seus enganos, o velho Mago tinha a capoeira cheia.

– Esta minha cabeça já não funciona como dantes funcionava – queixava-se ele.

Ainda foi a um médico, que lhe receitou uns comprimidos para a desmemória, mas o Mago também se esquecia de tomar os comprimidos e tudo continuava na mesma.

E a capoeira cada vez mais cheia...

Um amigo, que foi visitá-lo, aconselhou-o:

– Larga o ofício de Mago e transforma-te em criador de aves. Tens aqui um rico aviário.

Pois tinha. Tanto que uma raposa descarada começou a rondar-lhe a capoeira.

Numa noite de luar, o mago pressentiu-a e, armado de umas palavras mágicas, que tiram o apetite às raposas, atirou-lhe ao focinho:

– Belico, sapetec, arlepic, pic, pic. Sofial! Jeropigue! Cavanica. Obstrúnfio.

A raposa fugiu, alarmada, e as galinhas agitaram-se na capoeira, numa desusada excitação. Sucedeu o que parecia quase impossível.

A capoeira ficou cheia, a abarrotar de príncipes, todos muito indignados por se encontrarem em lugar tão fora de propósito para tais Altezas.

Saíram os príncipes para os seus respectivos palácios, se é que os tinham, e o velho Mago, muito envergonhado, ficou a remoer mais este engano. Não acertava nem numa

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

única fórmula. Que enervância!

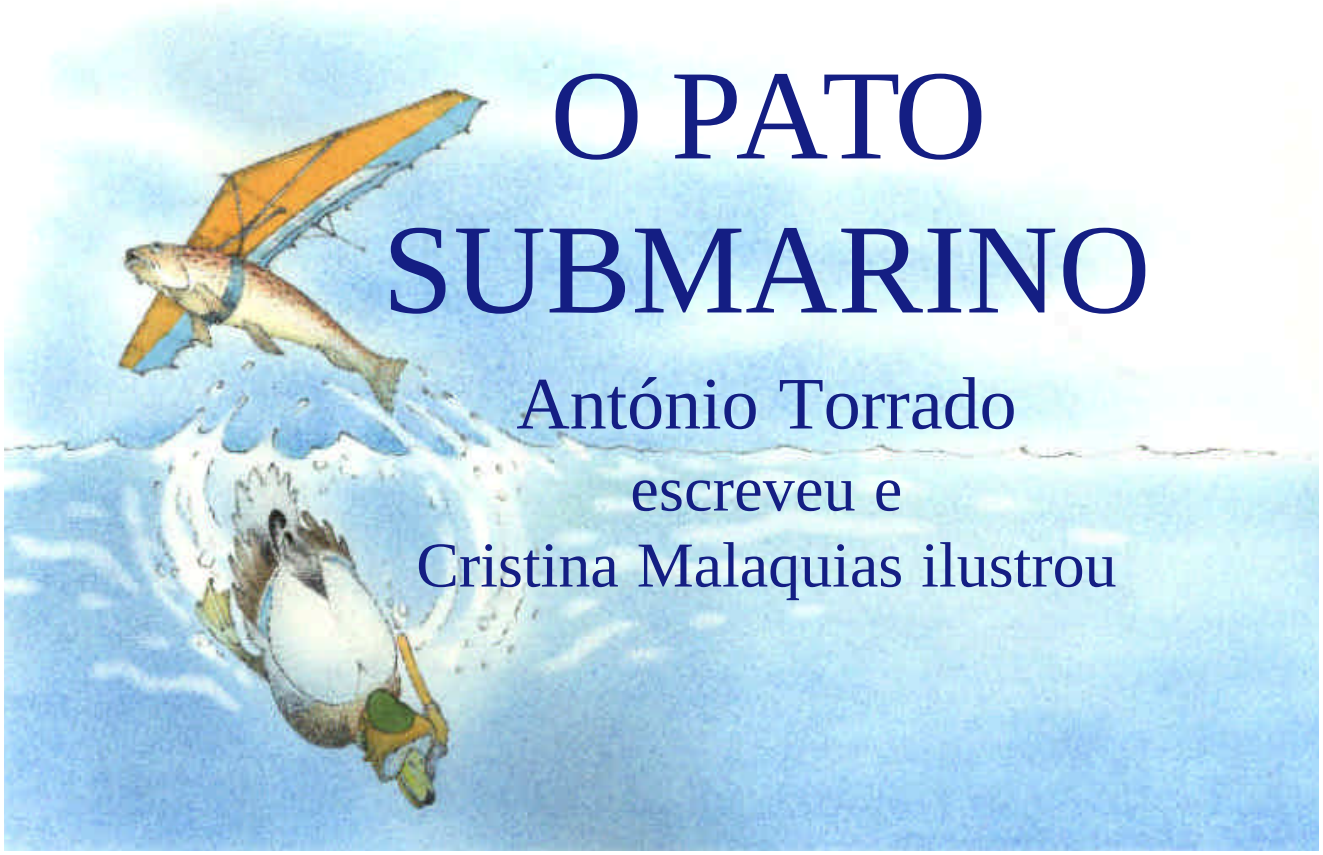
E o mais grave é que também se tinha esquecido das palavras mágicas que, infalivelmente, transformam os sapos em galinhas.

Sem gemada para o lanche nem omeleta para o jantar, o Mago decidiu seguir o conselho do amigo. Comprou várias dúzias de pintainhos, meteu-os na capoeira vazia e esperou que crescessem.

Dá-lhes de comida migas de pão duro e sêmola. Não é nenhuma fórmula mágica, mas engorda.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



O PATO SUBMARINO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Esta é a história do pato submarino, um pato que queria conhecer o mundo escondido debaixo da superfície que lhe reflectia a imagem. A história começa no dia em que o pato deu o primeiro mergulho. Cardume de peixes pequenos fugiam à sua frente e desapareceram nos fundos verdes de uma gruta.

– Para onde vão eles? – perguntou o pato, mas ninguém lhe respondeu.

Mergulhou mais vezes, muitas vezes mais. Cada vez mais fundo, cada vez mais tempo. Conseguiu assim, depois de muitas tentativas, fazer as vezes das rãs que saltam e mergulham, mergulham e saltam, como se não estivessem bem em lado nenhum. Mas o pato submarino sentia-se melhor com a cabeça dentro de água do que fora dela.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Numa ocasião em que o pato submarino ia a mergulhar, cruzou-se com uma truta que saltava da água. Não iam para o mesmo lado, mas como o rio é uma rua de bons vizinhos, ficaram os dois à conversa:

– Sempre a mesma água, sempre as mesmas algas – suspirava a truta. – Quem me desse asas...

O pato admirou-se:

– Parece impossível! Então a amiga truta não gosta de nadar?

– Qual quê? Fujo do rio o mais que posso. Ando agora a treinar-me em saltos, cada vez mais altos, cada vez mais longe. Quer ver? – e a truta saltou, toda ligeira, por cima do ramo de um salgueiro que se debruçava para a água.

– Bravo, bravo! – aplaudiu o pato.

– Pois hei-de conseguir muito mais. Ainda quero saltar por cima da ponte, vai ver!

Cada um foi à sua vida. O pato voltou aos seus mergulhos mais fundos, cada vez mais fundos... A truta continuou nos seus saltos mais altos, cada vez mais altos...

Aqui façamos uma pausa à nossa história, para mudarmos de sítios. Do rio passemos à margem. Está ali um senhor de chapéu de palha, que pacientemente desenrola uma linha e a mergulha na água. Segura com firmeza a cana de pesca e aguarda. Que sucederá?

No fundo do rio, o pato submarino vê um bocadinho de pão suspenso, magicamente suspenso. Aproxima-se, mas o bocadinho de pão ou lá o que será faz-lhe uma negaça e foge para mais longe. Atira-se a ele o pato submarino e abocanha-o.

Na margem, o pescador estremece dos pés ao chapéu.

– Isto não é peixe miúdo – exclama ele.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Pois não era, não! Era pato e grande... Depois de muita luta ficou de boca aberta o senhor do chapéu de palha, ao ver o que a linha lhe trazia. Tão espantado estava que nem ouviu um tiro que, ali perto, caçador escondido dera sobre algum pássaro mais descuidado.

– É extraordinário – dizia o pescador, desembaraçando o pato do anzol. – Quando eu contar esta história, ninguém vai acreditar...

– Acredito eu – disse uma voz, mesmo atrás dele.

Virou-se o pescador para trás e que viu? Um caçador com uma truta na mão.

– Ia a atravessar a ponte, quando um peixe me saltou à frente, quase a roçar o cano da espingarda. Disparei, mesmo sem pensar – explicou ele.

– Voam os peixes, nadam os pássaros. Anda o mundo virado do avesso – comentou o pescador.

Ficaram os dois a olhar um para o outro, sem saberem que mais dizer, até que o pescador sugeriu:

– Podíamos trocar. Sim, porque eu sou, acima de tudo, caçador.

– E eu, pescador – acudiu, muito despachado, o senhor do chapéu de palha.

Aflita, a truta sacudia-se nas mãos do caçador. As chumbadas quase não lhe tinham tocado. Também o pato se refazia da surpresa e agitava as asas.

Caçador e pescador preparavam a troca. E foi no exacto momento em que o pescador ia receber o peixe e o caçador, a ave, foi nesse preciso momento que... que... adivinham?

Voou o pato e mergulhou a truta. Cada um para seu lado, cada um mais depressa que o outro.

– Dê-lhe um tiro – gritou o pescador para o caçador.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– A qual? – perguntou ele, atarantado.

Salvaram-se os nossos heróis e salvou-se a história. O pato voou para o alto e o peixe nadou para o fundo. Já chegava de aventuras. Já tinham que contar. E nós, também...

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O MACACO UMBELINO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Vocês conhecem a história daquele macaco que do rabo fez navalha, da navalha fez sardinha, da sardinha fez farinha, da farinha fez menina, da menina fez viola, frum-frum-frum e foi para Angola? Claro que conhecem.

Pois o macaco mariola, que por sinal se chama Umbelino, escreveu-me há tempos, a dar notícias. E que notícias! As aventuras por que ele tem passado davam um filme. Para já, soube que não se tinha ficado por Angola.

Andou a conhecer o resto de África, não como turista, mas como macaco. Macacos é o que mais há em África, embora com viola às costas, pelo meio da selva, não seja muito frequente.

Talvez tenha sido por isso, para não dar nas vistas, que ele abandonou a música. E, ao fim de calcorrear muita terra, empregou-se, já não sei onde, como criado de mesa.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De casaca lustrosa, calças de risquinha, muito bem vincadas, meias de seda e sapatos de polimento, o macaco Umbelino era um criado de mesa impecável.

Não fosse ele tão bem mandado, que talvez ainda hoje estivesse a servir no mesmo hotel, como chefe de mesa, sabe-se lá...

Mas calculem que, um dia, ouviu um cliente, a quem acabara de entregar a conta do jantar, dizer, muito espantado com o preço:

– Este dinheiro todo por uma comida fria e sem graça, em que mal toquei. Parece impossível. Macacos me mordam, se percebo isto.

O Umbelino, que era macaco e obediente, ao ouvir aquilo dos macacos me mordam, mordeu. Foi o cliente tratar-se ao hospital e foi ele posto na rua. E depois?

Depois, um dia destes, conto mais histórias do macaco Umbelino. Ele, de vez em quando, escreve-me. Tem uma letra um bocado esquisita, parecem macacos à solta, mas eu entendo-o. Aliás, devo ser o único que entende as cartas do macaco Umbelino.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ZÉ PEQUENO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O rapaz era o Zé Pequeno. Um besnico. Bem proporcionado de corpo, tudo nos conformes, nenhum defeito, algumas qualidades, gentil, formoso, mas em ponto pequeno.

Claro que queria crescer. Na idade dele todos querem.

Dois aldrabões de feira, desses que andam de terra em terra a vigarizar ingénuos, souberam da vontade do moço e prometeram que o acrescentavam. Desse-lhes ele em troca o vitelo que, à conta do pai, trazia para vender.

Acertado o negócio, os aldrabilhas taparam os olhos ao Zé Pequeno e pôs-se um a puxá-lo pelos ombros e o outro pelos pés. Entretanto, iam dando estalos com a língua, a fazer de conta que eram os ossos do rapaz a dar de si.

No fim da operação, rebentaram com o chapéu de abas largas do Zé Pequeno e enfiaram-lho até ao pescoço.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Repare que, dantes, nos dava pela cintura e agora está mais alto do que nós – dizia-lhe um dos vigaristas, agachado, a fazer de conta.

– Por enquanto, não olhe para baixo que sente vertigens – dizia o outro, de joelhos.

Foram-se embora com o vitelo, a rirem-se.

O rapazinho andou pela feira com a aba do chapéu enfiada até ao pescoço, que parecia um babete ou uma gola de fazer rir. À volta dele, riam-se, mas Zé Pequeno, muito empertigado, não dava troco. Até que percebeu, afinal, que continuava da mesma altura.

Correu, desesperadamente, atrás dos aldrabófonos. Pois sim. Onde é que eles já iam....

Mas não desistiu. Meteu por uns atalhos, correu que nem um danado e foi ter a uma curva da estrada, por onde haviam passado os finórios. Quando os viu, escondeu-se e, fazendo voz grossa pelo meio de uma cabaça, como se fosse altifalante, vociferou:

– Parem, em nome da lei. Eu, sargento Viçoso, sargento da Guarda Republicana, intimo-os a largarem o vitelo, senão disparo.

Eles, que tinham a consciência pesada, aterrorizaram-se, de mãos no ar, a tremer. Então o Zé Pequeno acertou uma pedrada num, acertou uma pedrada no outro e fê-los provar o pó da estrada. Com os dois homens desmaiados, estendidos à sua mercê, o rapaz era o mais alto. Recuperou o vitelo e voltou para a feira.

Feliz com o seu sucesso, sentia-se, subitamente, mais crescido. E até talvez estivesse. Era mesmo muito natural que, depois daquela aventura, tivesse dado um grande pulo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM HÓSPEDE DE FAZER FUGIR

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Aquele senhor não tinha nada bom aspecto. Havia qualquer coisa nele que intimidava. Talvez fosse da capa que usava sempre, quer de dia quer fosse noite. Talvez fosse do cabelo preto e lustroso, muito colado ao crânio e apartado em risco ao meio. Talvez fosse da dentição alva e impecável, onde sobressaíam dois caninos que metiam impressão...

Quando, na estalagem do senhor Pestana, este senhor impressionante pedia ao jantar:

- Um bife muito mal passado. Em sangue...

E ria-se, exibindo os tais caninos pontiagudos... Os outros hóspedes arrepiavam-se todos.

– V. Exª quer com acompanhamento de batatas ou de arroz? – perguntava, a medo, o senhor Pestana.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Tanto faz – respondia o senhor de cabelo abrilhantinado. – Desde que seja em sangue... E não me trate por V. Exª. Prefiro que me trate por conde.

Nessa noite, os restantes hóspedes fecharam as portas dos quartos à chave e empurraram cómodas e maples que, encostados às portas, impedissem qualquer entrada indesejável. E não pregaram olho.

No dia seguinte, todos pediram as respectivas contas e saíram, num grande alarme.

– Podemos lá continuar numa casa onde está o conde Drácula, o terrível vampiro, chupa-sangue – diziam os hóspedes, despedindo-se apressadamente do senhor Pestana.

O dono da estalagem estava desolado. Ficava com a casa às moscas. Que prejuízo!

O senhor Pestana encheu-se de coragem e foi bater à porta do conde Drácula, que acordava tarde.

– Para o pequeno almoço quero chá, leite e torradas – disse o conde, quando o senhor Pestana entrou.

Assim, em pijama, não parecia nada assustador.

– Não prefere um bifinho em sangue? – perguntou, desconfiado, o senhor Pestana.

– Ao pequeno almoço, que horror! – exclamou o conde, repugnado.

– E para o almoço? – perguntou o senhor Pestana.

– Pode ser peixe grelhado, se houver – respondeu o conde.

– Fica o bife em sangue para o jantar... – concluiu o senhor Pestana.

– Chega de bife em sangue – riu-se o conde, sem que no riso sobressaíssem os dentes pontiagudos. – Isso foi só

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ontem, para o ensaio, a ver se surtia efeito.

O senhor Pestana não estava a perceber, mas o conde explicou. Ele era actor e, quando acabasse as férias, iria representar uma peça, onde desempenhava o papel de Drácula, o tal conde guloso do sangue das suas vítimas. Trouxera os preparos para o seu desempenho e apurara-se a ensaiar. Só isso.

O senhor Pestana não achou graça. Quem o indemnizava da súbita perda de clientela, assustada pelo falso Drácula?

– Tudo se resolverá – disse o actor. – Hoje mesmo vou encher-lhe a estalagem com os restantes colegas da companhia.

Assim aconteceu. Mas como a peça era de terror, a sala de jantar da estalagem encheu-se de uma estranha população, vestida a rigor. Uns de vampiros, outros de fantasmas, um de Frankenstein e vários de monstros, numa alegre algazarra, poriam os cabelos em pé a quem, desprevenidamente, entrasse para jantar. Muito agitado, a servi-los, o senhor Pestana não se importava. Tinha a estalagem cheia. Isso é que era importante.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DE MAL A MENOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Conta-se que havia um príncipe que era muito ruim. Irmão do rei e sempre destinado a príncipe toda a vida, terá sofrido sempre dessa comichão na alma, a que se chama inveja. Também queria reinar, mas nunca reinou. Bem feito!

Mesmo assim, mandava o que podia. E mandava mal. O povo, já se vê, não engraçava com ele. Temia-o muito, mas não o amava nem um bocadinho. Mais uma vez, bem feito!

De uma ocasião em que o príncipe foi visitar com a sua comitiva um povoado, as gentes da terra, por cortesia, quiseram oferecer-lhe uma lembrança. Mas o quê?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros
www.hugoteacher.blogspot.com

Riquezas não tinham, que a terra era pobre e para mais acabara de passar por um longo período de seca, que estragara as colheitas.

– Dá-se-lhe um saco de pinhas – alvitrou alguém. – Se o príncipe gostar de pinhões, há-de agradecer.

– E se não gostar, zanga-se – acrescentou outro. – Talvez seja mais acertado oferecer-lhe um cesto de melões, dos poucos sãos que restaram da seca.

– É um grande risco. Podem não ser doces – considerou um dos homens da terra. – Cá por mim dava-lhe uma travessa de figos. Os da minha figueira nunca me deixaram ficar mal.

Todos acabaram por concordar.

O príncipe chegou, muito emproado, e uma deputação dos camponeses da aldeia, chefiada pelo dono da figueira, veio recebê-lo no largo, singelamente enfeitado para a cerimónia.

Depois de proferidas umas palavras de boas-vindas, onde também se referia o esgotamento das águas, que empobrecera os campos, o dono da figueira entregou o presente ao príncipe, avisando-o que pouco era, mas dado com boa vontade.

O príncipe destapou a travessa, onde vinham os figos, aninhados numa cama de folhas de parra, e indignou-se:

– Figos? Um príncipe da minha estirpe não merece nada mais do que um monte de figos maduros? Isto é uma vergonha. Uma infâmia!

E o príncipe, possuído por uma grande cólera, mandou amarrar o camponês, que o presenteara, ao pelourinho do largo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Agora, guardas, atirem-lhe com os figos, sem escapar um.

Os guardas obedeceram. Cumprida a tarefa, a principesca comitiva abandonou a aldeia, sem um gesto de despedida. Aquele príncipe era de força. Mau como as cobras. E malcriado.

Os companheiros do camponês apressaram-se a desamarrá-lo, muito revoltados e condoídos. É que ele metia dó. Da cabeça aos pés, estava todo lambuzado da polpa dos figos que lhe tinham lançado. Pareciam feridas, mas não eram.

– Magoaram-te? – perguntavam-lhe os amigos.

O camponês, que era dotado de muito bom humor, só ria, enquanto chupava dos dedos uns restos de figos. Cada gargalhada...

– Então, fizeram-te esta malvadez e tu ris-te? – estranhavam, à volta.

Quando o dono da figueira conseguiu suster o riso, explicou:

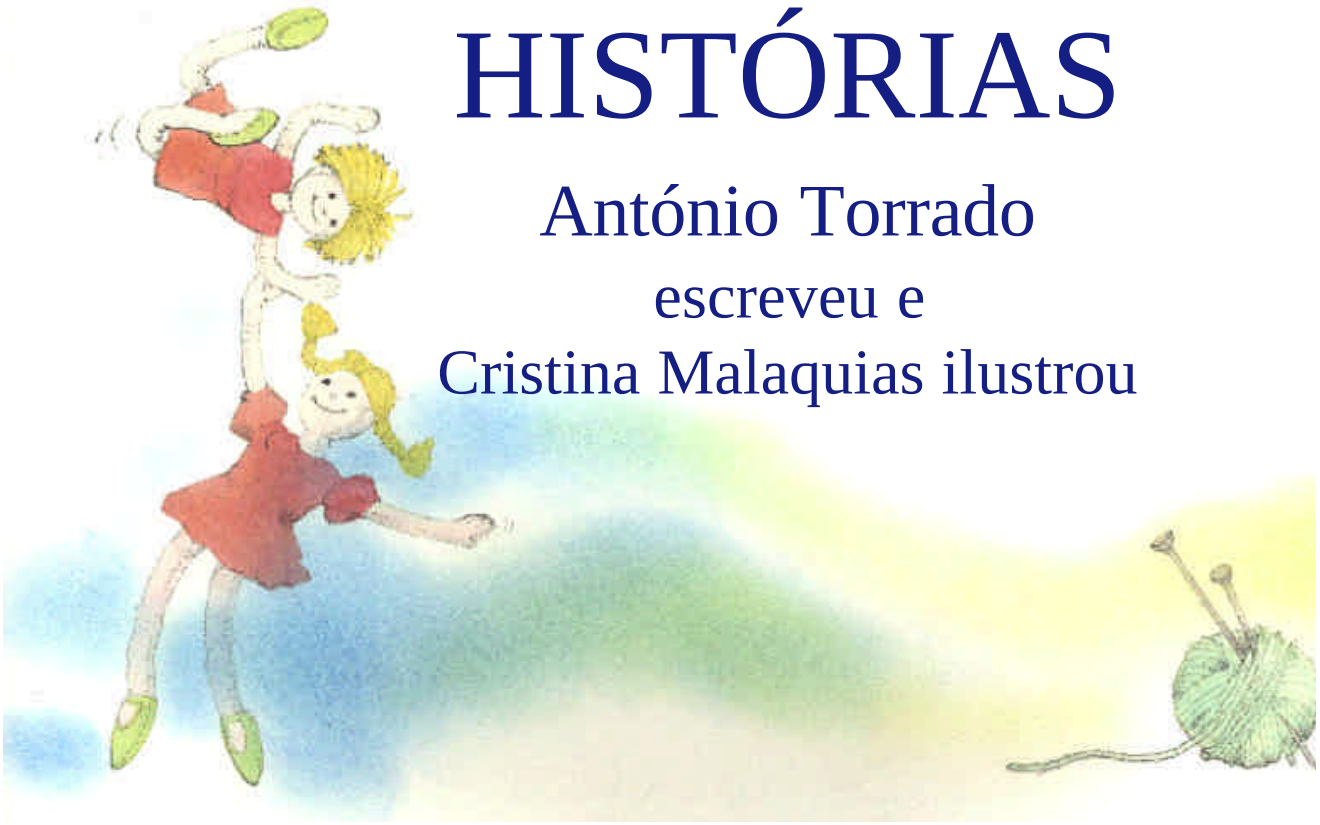
– Estou muito feliz, apesar de tudo. Calculem vocês se, em vez dos figos, lhe tínhamos oferecido as pinhas ou os melões?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DUAS HISTÓRIAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Eu estava na esplanada da praia a escrever uma história. Nada de especial. Era uma história que metia uma boneca, uma mona feita de trapos, com quem já ninguém brincava.

Esquecida a um canto de uma casa há muito desabitada, a mona devia ter saudades do tempo em que era acarinhada por uma menina, a sua dona de outrora. Há quanto tempo... A menina devia ser, agora, uma velhinha.

Nem a boneca conseguia sequer recordar-se do rosto dessa menina. Nunca mais tinham sabido uma da outra.

A verdade é que estava só. Vontade de brincar não lhe faltava, mas com quem?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Neste ponto da minha história, eu hesitei. Pedi outro café ao criado e olhei em volta. Na praia, muitos banhistas, mas na esplanada só eu e, numa mesa perto, uma jovem senhora a tricotar.

Foi então que me surgiu uma ideia para continuar a minha história. Pus-me logo a escrever.

A boneca solitária, feita de trapos, decidiu fabricar uma boneca igual a ela. Com que materiais? Com os seus próprios trapos. Ficaria mais magra, mais pequena, mas juntaria a ela uma companheira.

Por sinal que, na casa desabitada, uma máquina de costura meio ferrugenta, mas ainda prestimosa, ofereceu os seus serviços.

– Mãos à obra – exclamou a boneca de trapos, entusiasmada.

Descoseu-se, esventrou-se, cortou, coseu, encheu e uma bonequinha parecida com ela começou a ganhar forma. Era um mona trangalhadanças, mas ia ser uma óptima companheira.

A bonequinha ganhou forma, ganhou vida e eu estava quase no fim da minha história. Imaginei as duas bonecas a brincar uma com a outra, na tal casa desabitada, afinal habitada pela alegria.

Era uma história simples. Histórias destas não custam nada e sabem bem, como um café com açúcar, bebido numa esplanada da praia.

Na mesa perto da minha, a jovem senhora que tricotava também tinha completado a sua tarefa. Era um casaquinho de bebé.

A jovem senhora apreciou, ternamente, a sua obra.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Pareceu-me até que sorriu para o casaquinho. Não sei se já disse que a senhora ostentava um evidente volume de corpo de quem espera bebé, para breve...

E aqui têm como, numa só história, cabem duas histórias. Ou muitas...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OUTRA DO MACACO UMBELINO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O macaco Umbelino, que vocês já conhecem, escreveu-me outra vez. Não sei em que país é que ele agora está, que nem reparei no selo do sobrescrito, mas, onde quer que esteja, é um país com telhados e chaminés.

Foi mesmo de tanto olhar para os telhados e chaminés que o Umbelino teve uma ideia:

– Vou trabalhar por conta própria. Os telhados destes prédios não são para qualquer um. Lá no alto, os homens têm vertigens, mas os macacos não. Vou fazer-me limpa-chaminés.

Arranjou uma corda grossa e muito comprida, uma vassoura com cabo maior que mastro de navio e pôs-se a tocar às campainhas das portas.

– Quem é? – perguntavam.

– Limpa-chaminés – respondia ele, engrossando a voz.

– Não é preciso – e batiam-lhe com a porta na cara.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Certa vez, ia ele a passar, ouviu esta conversa entre duas porteiras:

– A inquilina do 3º esquerdo é uma esquisita. Desconfio que tem macaquinhos no sótão... – dizia uma delas.

O macaco Umbelino estacou, deitou contas à vida e resolveu subir ao 3º andar. Truz! Truz!

A porta abriu-se e uma senhora com tranças meio desfeitas, grandes óculos de tartaruga e um ar, realmente, muito esquisito, espreitou.

– Se é para limpar a chaminé, não preciso – disse ela.

O macaco fez um gesto, como quem diz que por tão pouco não iria incomodá-la, e começou a sua explicação:

– Saiba V. Exª que, no meu ofício, faz-me falta um aprendiz que me ajude a transportar a vassoura, que converse comigo...

– E que tenho eu com isso? – interrompeu a abespinhada senhora.

O macaco prosseguiu:

– Como ouvi ainda agora dizer que V. Exª tinha macaquinhos no sótão, pensei que...

– Atrevido, malcriado – gritou a senhora. – Olhe que eu chamo a Polícia.

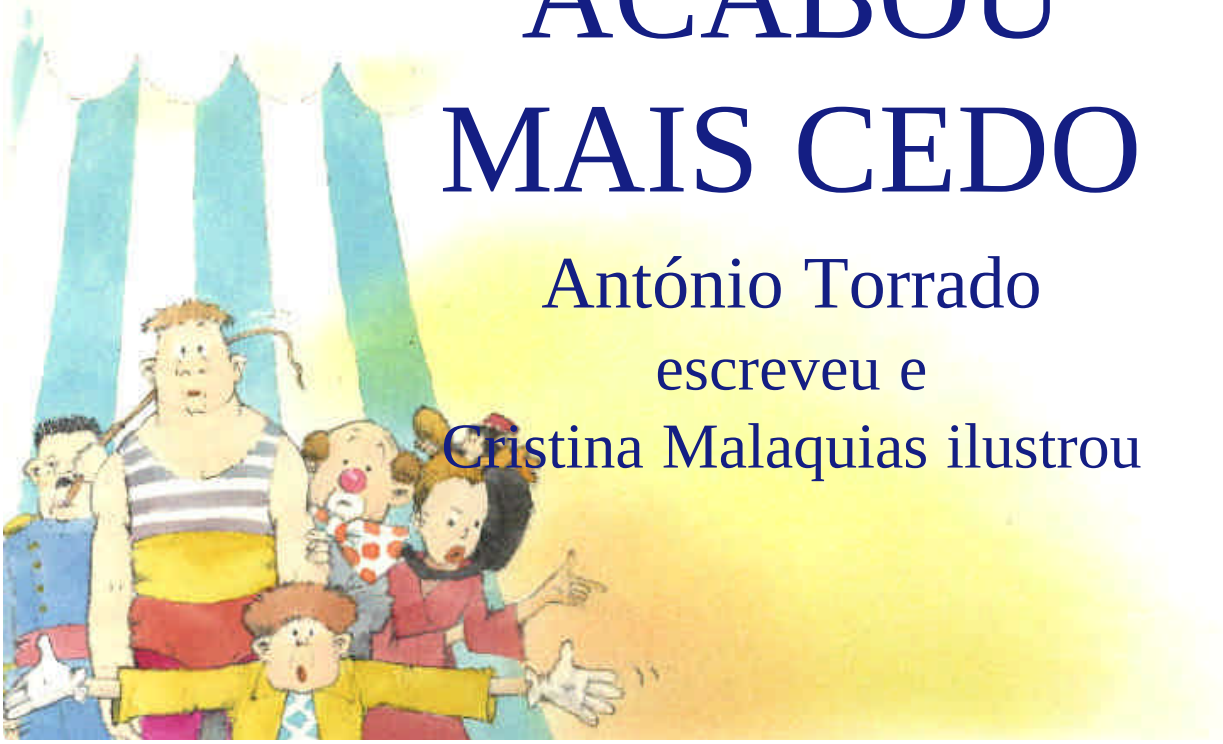
Se ela chamou ou não chamou, o macaco Umbelino não conseguiu saber, porque fugiu a tempo.

Sempre quero ver o que ele me contará na próxima carta.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CIRCO ACABOU MAIS CEDO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No circo maravilhas, uma maravilha de circo, "a maravilha das maravilhas", como anunciava, no início de cada novo espectáculo, o seu director artístico, no Circo Maravilhas, dizíamos, são, no momento em que esta história começa, sete horas da tarde.

Sabemos que são sete horas da tarde porque o director do Circo Maravilhas acordou agora mesmo da sua prolongada sesta. O senhor Estrelinhas é sempre pontual no acordar. Ele bem sabe que são sete horas, mais segundo, menos segundo. Precisamente para saber os segundos, o senhor Estrelinha puxa, com todo o vagar, do relógio de bolso, um formosíssimo relógio de ouro, orgulho e ornato, há mais de cem anos, da família Estrelinhas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Foi o meu pai, o célebre director da companhia circense Estrelinhas & Estrelinhas, quem mo deu – costuma contar o senhor Estrelinhas Filho.

Vai puxando a corrente, que também é de ouro, vai puxando devagarinho, e, de súbito, a corrente acaba, sem trazer nenhum relógio atrás.

– Desapareceu o meu relógio! O meu relógio sumiu-se! Desapareceu... – grita o senhor Estrelinhas, saindo para o terreiro defronte do Circo Maravilhas.

Aos gritos do director acorda o circo e anima-se a história. Saem das suas "roulottes" o homem das forças e a mulher Labareda, também mulher do homem das forças, os malabaristas Maldonados, a domadora Dona Arábida e o domador Cola-tudo, a bailarina Cinturinha e o lutador Cinturão, os trapezistas Baptistas, os palhaços Baratinha, Barata & senhor Tomé e muito, muito mais gente. Se fosse apresentá-los um por um, era todo o cartaz da companhia, lido de trás para diante.

Juntaram-se à roda do director e perguntaram em coro, ainda ensonados:

– O que é que foi?

– Perdi o relógio de ouro – gritava-lhes o senhor Estrelinhas, de braços abertos e olhos fechados.

– Alguém o roubou – disse um dos mais ensonados.

Fez-se um grande silêncio, como se estivesse algum trapezista à beira do salto mortal. O senhor Estrelinhas, então, abriu os olhos e disse, muito zangado:

– Alguém roubou? Isso nunca. Nesta companhia, temos equilibristas, trapezistas, malabaristas, contorcionistas, antipodistas, mas não temos larapistas, isto é, larápios, rapinantes, ratoneiros, corsários, gatunos, bargantes,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

bandoleiros... Entendido?

À volta concordaram.

– Então foi bicho – lembrou uma voz.

– Talvez os macacos – alvitrou um dos Maldonados, que não gostava de macacos.

Opôs-se à dúvida a Dona Arábica, dona dos macacos:

– Alto lá, que os meus macacos são sérios.

Toda a gente se riu.

– Talvez fosse o avestruz – sugeriu o Baptista trapezista mais novo. – Lembra-se o senhor director de que o bicho, uma vez, foi ao seu escritório e engoliu o tinteiro, a caneta de tinta permanente e o mata-borrão?

– O mata-borrão era o guardanapo – riu-se o palhaço Baratinha.

Foi ele o único a rir, porque os outros tinham ido encostar o ouvido ao estômago do avestruz. Não conseguiram ouvir nenhum "tique-taque". Falsa pista.

– Procurem na bolsa do canguru – exclamou a bailarina Cinturinha, num pressentimento.

Foram a correr procurar à bolsa do canguru, mas só lá encontraram um carimbo, os óculos de sol da bailarina Cinturinha, uma lata de conservas vazia e alguns bilhetes amachucados. Quanto ao relógio, nada.

Só se desfez o mistério a meio do número de Dom Fuas, ilusionista, de gestos de seda e monóculo faiscante. No preciso, precioso momento em que D. Fuas, de um baú há pouco vazio, desocupado, fazia sair o urso Osvaldo, a esfregar as patas uma na outra, a modos que a pedir palmas, calculem a surpresa. É que, desta vez, o urso Osvaldo trazia um formoso relógio de bolso, entalado num olho. Caiu, da surpresa, o monóculo ao Dom Fuas e o urso

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Osvaldo, vaidoso, continuou a pedir palmas.

– É o relógio do director! – gritaram vários artistas.

Nessa noite, o espectáculo acabou mais cedo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A BIBLIOTECA VIVA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

8 de Setembro
Dia Internacional da Alfabetização

Era uma vez, na Roma antiga, um homem muito rico, que gostava de exibir a sua riqueza em festas fabulosas. Mas havia um inconveniente.

Como o ricaço tivesse pouca instrução, com dificuldade acompanhava as conversas dos seus convidados, que apreciavam falar de literatura e de outros assuntos desenvolvidos em livros, que ele desconhecia.

Apercebendo-se disso, ordenou ao governante do seu palácio que escolhesse uns tantos escravos inteligentes e de boa memória. Para quê? Para obrigar cada um deles a decorar um livro. Queria assim provar que os livros eram dispensáveis, desde que se dispusesse de escravos capazes de os saber de cor e salteado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A aprendizagem dos escravos demorou, mas ao fim de algum tempo este homem muito rico podia orgulhar-se de possuir a única biblioteca viva de todo o Império romano.

Sempre que queria mostrar que não ficava atrás dos seus convidados mais cultos, o homem muito rico batia palmas e chamava, pelo nome da obra, o escravo que a tinha decorado. Tanto podia ser a "Ilíada", como a "Odisseia" ou a "Eneida". O escravo recitava-a, fosse do princípio, fosse do meio, fosse do fim para o princípio.

De uma vez, estava o homem muito rico à conversa com alguns poetas e escritores, e quis embasbacá-los.

– Conheço uma passagem da "Ilíada", que vem a propósito do que estávamos a conversar – disse ele, enquanto batia palmas – Chamem o "Ilíada".

Mas o escravo que sabia a "Ilíada" não apareceu.

– Que se passa? – perguntou o homem muito rico, estranhando a demora.

O governante do palácio, aflito, ajoelhou-se aos pés do seu exigente patrão e balbuciou:

– Perdoai-me, senhor, mas o "Ilíada" está com dores de barriga.

Parece que foi a partir deste incidente que o homem muito rico se resolveu a ganhar instrução pelos seus próprios meios.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A CAIXA DE MÚSICA DA AVÓ CLARISSE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A merenda decorreu alegremente. Houve bolos, bolinhos e bolachas, compota de cereja e de alperce e leite com chocolate para os netos e chá com leite para a avó. O aparecimento da lata com os bolinhos secos, feitos pela Dona Clarisse, foi recebido com palmas e vivas.

– Meninos, tenham compostura – mandava a Dona Clarisse, numa voz com mais açúcar que todos os bolos juntos.

O Mário, que era o mais despachado, lembrou-se de qualquer coisa que queria saber e perguntou logo:

– Ó avó, para que serve aquela caixa de madeira toda pintada com flores e enfeites que tem um rolo dentro, cheio de dentinhos?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– É uma caixa de música, meu neto. Tocava lindamente um minuete chamado... chamado... "A dama vestida de azul", exactamente! Dávamos-lhe corda e ele tocava muito ao de leve... Assim: tlim, tlim, tlim... Já não consigo recordar.

Estava quase triste a Dona Clarisse. Para afastar do rosto da avó aquele ténue véu de tristeza, o Rodrigo perguntou:

– Como é que a caixa de música deixou de trabalhar?

– Escangalhou-se – respondeu ela. – Escangalhei-a eu, quando era garota. Quis saber como é que trabalhava por dentro. Desmontei-a e nunca mais ninguém conseguiu pô-la a funcionar.

Um dos netos anunciou:

– Mas temos aqui o Mané que arranja. O Mané arranja tudo.

Era o irmão mais novo, o "engenheiro" da família. Consertava relógios de sala, fechaduras, estores, autoclismos, transístores e outras coisas sem conserto. Encadernava livros e reparava cadeiras, ditas de palhinha, mas sem palhinhas. Até parece que estou a fazer propaganda do Mané, de que ele, aliás, não precisa. É um rapaz tranquilo, de silêncios pensativos e de modos arrumados. E muito modesto.

Pois foi assim que o Mané, ajudado pelo Rodrigo e pelo Miguel, se pôs a trabalhar na caixa de música, que tinha teias de aranha mais espessas que tecido.

Demoraram à volta da caixa o resto do dia. Voltaram no dia seguinte e nem quiseram lanchar. A tarefa era absorvente. A avó não quis interrompê-los e voltou à sua renda, sentada no cadeirão do quarto. Estava a dormitar,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

quando eles apareceram, carregando a caixa de música que poisaram numa mesinha.

– Oiça, avó – disse o Mané triunfante, enquanto, dava corda.

Ela ouviu. Ela, menina na cadeira de baloiço e as mãos de fada a tilintarem um minuete breve, leve, suave, que vem, saltita, saltita, foge, volta, nuvem azul, flor de repente desprendida da haste, pétalas ao vento, e outra vez o minuete, varinhas de condão muito finas, com estrelas na ponta, mãozinhas ágeis batendo o compasso, um sopro, uma brisa, carícias e... pronto, acabou-se!

– Então, avó, gostou? O Mané é um ás, não acha? – perguntava, entusiasmado, o Miguel.

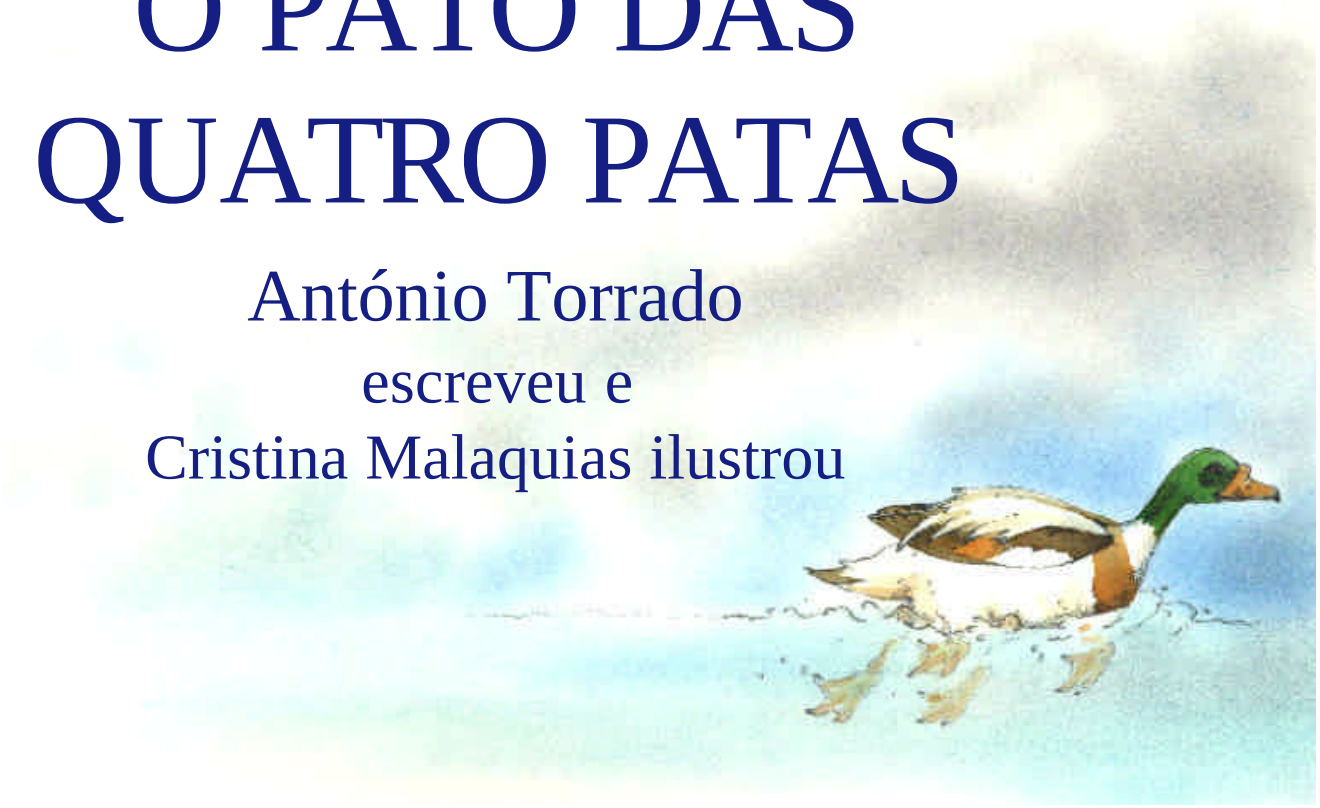
Os outros netos estavam calados e ele calou-se também. Dos olhos da avó fugiu uma lágrima, que os lábios, entreabertos num longo sorriso, a si chamaram.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PATO DAS QUATRO PATAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez um pato que tinha quatro pernas ou patas. Duas à frente e duas atrás. Nascera assim, o que se havia de fazer.

A andar, atrapalhava-se um bocado. Trocava as pernas. Eram pernas a mais para um pato só.

Mas a nadar, zap, zap, zap, a pedalar com as quatro pernas dentro de água, levava todos de vencida.

Não era um pato de capoeira, não sei se disse. Era um pato bravo, um pato de arribação.

Quando chegou o tempo dos patos mudarem de ares, em busca de terras mais quentes, é que foram elas. O pato, mais pesado do que os outros, levantava voo mas subia pouco e cansava-se depressa.

– Vão vocês andando, que eu já lá chego – disse o pato aos companheiros.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O bando alçou-se aos ares e ele ficou a vê-los. Todas aquelas asas juntas produziam um zumbido alegre, que foi decrescendo até se deixar de ouvir.

– Eles vão a voar e eu vou a nadar – decidiu o pato com quatro patas.

Desceu pelo rio que foi dar a outro rio que desembocou num grande rio que foi ter ao mar.

– Ena, que isto agora é a sério – dizia o pato, no meio das ondas salgadas. Se era! Ondas da altura de um prédio.

Ele nadar, nadava, mas avançava pouco. A bem dizer, não avançava nada, porque as ondas o empurravam para terra. Acabou por fazer-lhes a vontade.

Foi ter a uma praia nem muito quente nem muito fria. Cansadíssimo.

Ali ficou que tempos, sozinho, como um náufrago.

– Isto não é vida – disse, um dia. – Já que não consigo ir onde eles foram, o melhor será voltar para donde vim.

E voltou. Ora a nado ora a pé. A voar, só de raro em raro.

Quando chegou à pateira donde todos tinham partido, vinha o bando dos patos bravos a regressar da sua longa ausência.

– Não chegaste a ir? – perguntaram-lhe os companheiros.

– Claro que fui – respondeu o pato das quatro patas. – Quando lá cheguei já vocês tinham partido e tive de voltar a nado, a toda a pressa, para os alcançar no regresso.

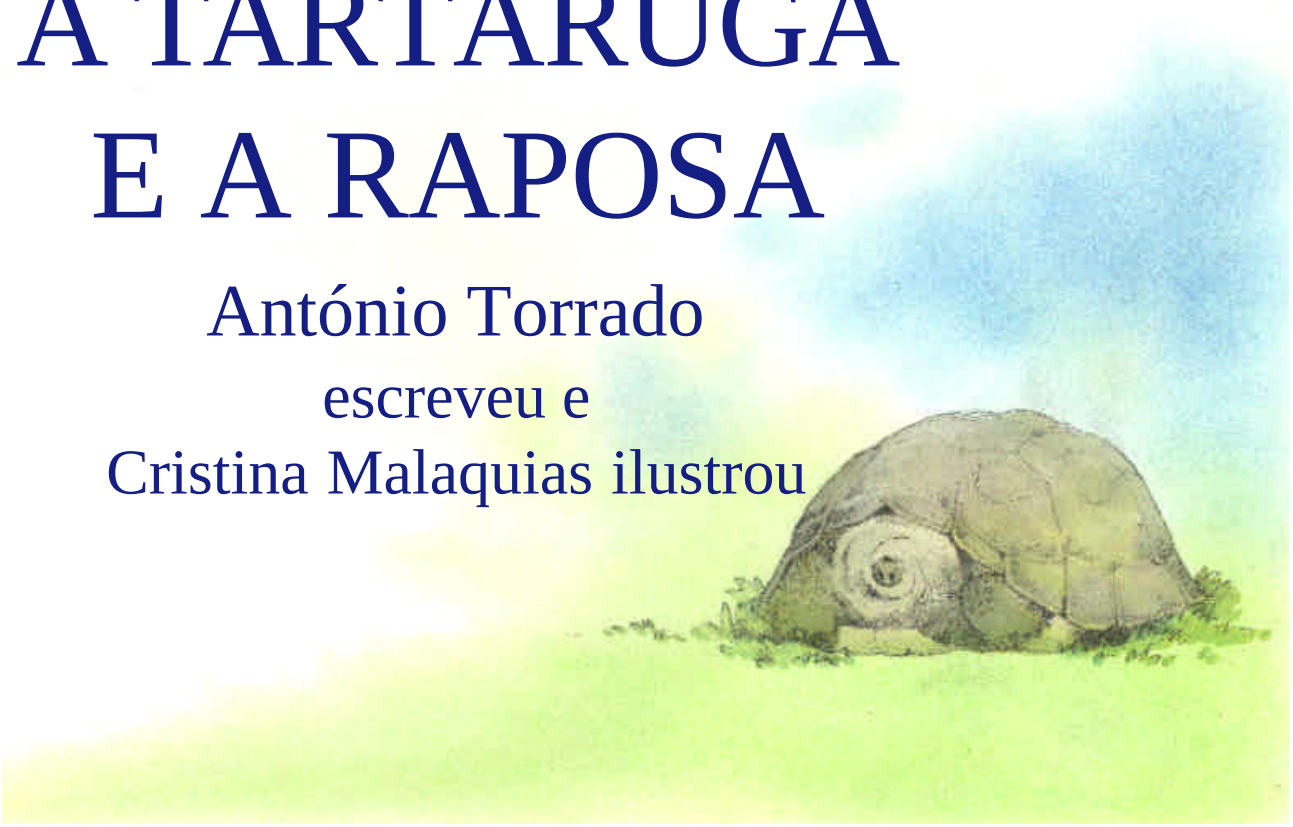
Era mentira e os outros patos sabiam-no, mas não quiseram desmenti-lo. Todos tinham em muito respeito aquele pato com quatro patas e só duas asas. E não se falou mais nisso.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A TARTARUGA E A RAPOSA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



A raposa estava sempre a troçar da tartaruga:

– És tão feia, tão ridícula, tão lenta, tão preguiçosa. Metes-me nojo.

A tartaruga aturava estas falas, sem lhes dar resposta. Andava à sua vida, vagarosa como sempre, embora lá por dentro o coração batucasse muito depressa, sentido e revoltado.

– Pareces uma pedra com pernas. Tens uma cabeça de lagarto. Ninguém seria capaz de imaginar um monstro como tu – dizia-lhe a raposa, passando por ela de raspão.

Tanta calúnia custa a suportar. A paciência também se esgota. Eu, se fosse à tartaruga, repontava.

Até parece que ela me ouviu, porque, um dia, depois de não sei quantas mais provocações da raposa, a tartaruga levantou a cabeça e do rés-do-chão falou assim para a impertinente:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Eu lutar contigo não luto, mas desafio-te para uma corrida, já que te gabas de ser tão rápida. Aquela que primeiro chegar a casa ganha e acabou-se a conversa.

O macaco, que era um intrometido e tudo isto ouvira do alto de uma árvore, saltou para o meio das duas e ofereceu-se:

– Eu quero ser o juiz da corrida.

Aceite por ambas, o macaco anunciou:

– Vou dar o sinal de partida. Um... dois... e três!

Correu a raposa, de focinho afilado, em direcção à toca. Ia cá com uma mecha.

A tartaruga, por sua vez, limitou-se a encolher-se dentro da casca. Nem as patas deixou de fora.

– Ganhou a raposa – gritou o macaco.

Protestos da tartaruga, no cavo abobadado da carapaça:

– Mas eu já estou em casa. A minha casa, como a do caracol, anda sempre comigo.

Os bichos da floresta, que se tinham acercado para assistir à corrida, apoiaram a tartaruga. Pressionado pelo tumulto do público, o árbitro macaco também teve de reconhecer que ela é que tinha razão. E foi proclamada a vencedora.

A raposa, de emplumada cauda a arrastar a sua humilhação, ela que se considerava a mais inteligente da floresta, calou-se. Até ver...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O SONHO DO POMPOM

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O gato sonha? Decerto que sim. Se muito dorme, enrolado no fofo de si próprio, muito sonhará também.

A sonhar, percorre-o um arrepio que lhe eriça o pelo e os bigodes. Funga. Despontam as unhas das almofadas das patas, que estremecem. E por trás das pálpebras descidas, os olhos rolam, intranquilos. Com que sonhará o gato preferido da Dona Micas?

Devagarinho, entremos no sonho do Pompom. Com licença, que não queremos incomodar.

Que balbúrdia! A guerra entre gatos vadios e gatos de casa posta e cestinho com cobertor e miminhos doces depois das refeições, a grande guerra dos gatos está no auge.

Ainda algum vai cair do telhado. Que não seja o nosso gato, ao sonho do qual nós acabámos de chegar.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Não é, não. Ele comanda as hostes dos gatos domésticos, que estão a ganhar terreno. Das unhas como adagas, olhos quais faróis, atira-se aos magricelas que não têm eira nem beira. "Foge!", gritam os desgraçados, de orelhas a arder e lombos a sangrar.

– Vitória! Vitória! – cantam os gordalhufos gatos de colo, vendo debandar os inimigos.

Logo ali improvisam uma dança de roda que até a Lua se debruça donde está pendurada e pede às nuvens que passem mais depressa, pois não quer perder pitada da festa dos gatos, no telhado da Dona Micas.

– Pompom – chama a Dona Micas, numa voz de ternura.

– É a tua dona – lembram-lhe os outros gatos, provavelmente com inveja.

O nosso Pompom interrompe o baile dos guerreiros e infiltra-se por uma nesga da clarabóia.

– Pompom – volta a chamar a Dona Micas, cada vez mais ternurenta.

"É petisco", imagina o gato, guloso até mais não.

E acorda. Está onde sempre está e esteve, no conforto do sofá. A sério, a sério, o Pompom nunca pisou outro chão senão o de tapetes e alcatifas. Saltar para o telhado? Só em sonhos.

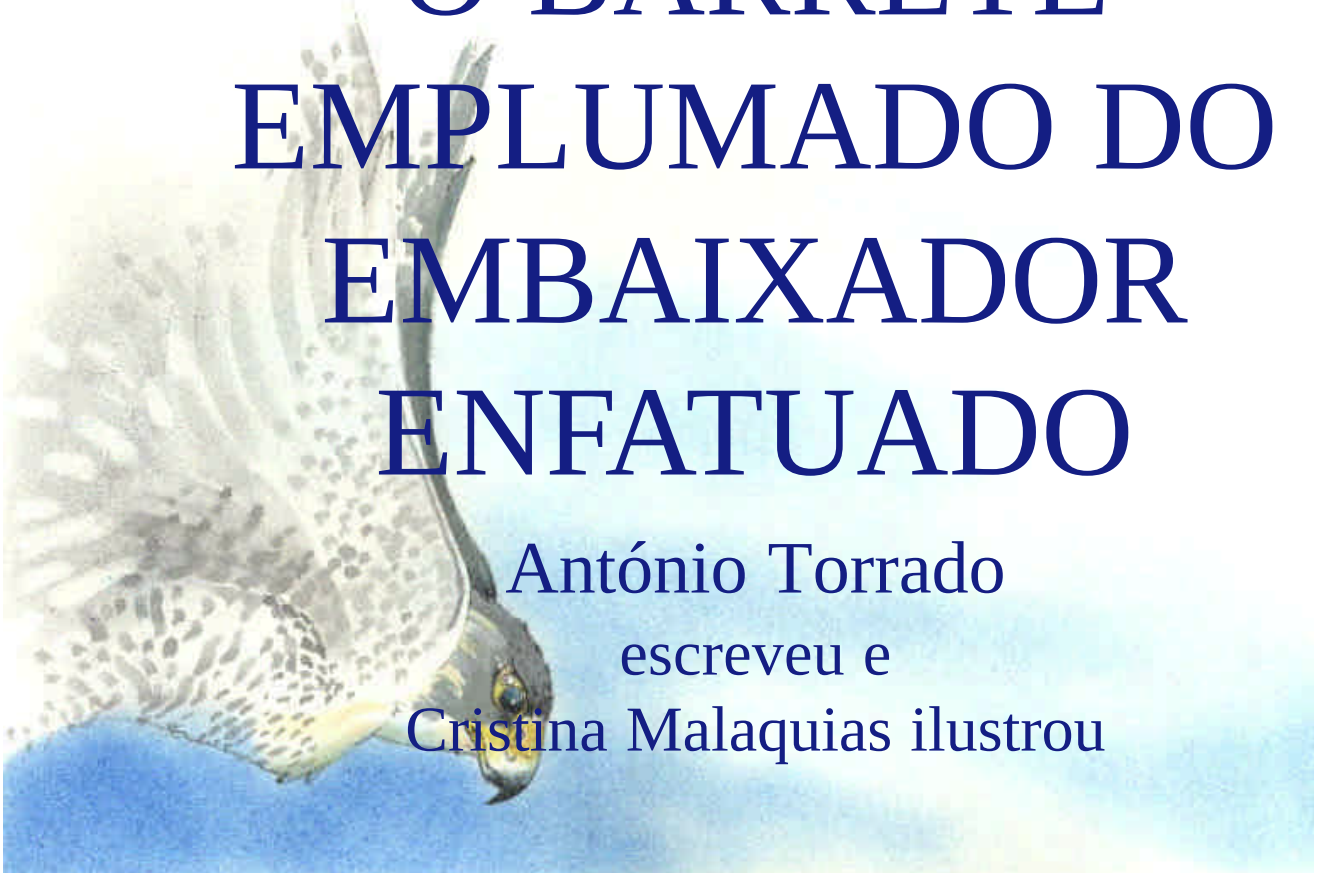
– Pompom, meu Pompomzinho – chama a Dona Micas, da cozinha.

O gato gordo espreguiça-se para trás e para a frente, deixa-se cair do sofá e lá vai, no seu andar reboludo e enfadado, acudir ao chamamento da Dona Micas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BARRETE EMPLUMADO DO EMBAIXADOR ENFATUADO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um enfatuado.

No tempo em que esta história aconteceu, havia luxuosas carruagens, fidalgos empertigados que nelas se passeavam, grandes chapéus emplumados, fatos rendados e folhudos, cabeleiras com muitos caracóis... Eram uns tempos também muito enfatuados.

Por isso os sujeitos enfatuados que viviam nesses tempos enfatuados ainda pareciam mais enfatuados do que se vivessem em tempos menos enfatuados. Estão a acompanhar-me?

O protagonista da nossa história era, portanto, um indivíduo muito enfatuado. O nome? Não sei. Já ninguém se lembra.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Embaixador de um grande país, representava os interesses do rei ou imperador desse reino grandioso noutros reinos, quase sempre mais pequenos, mais pobres, mais acanhados. Estou a fazer-me entender?

Como este embaixador era um presunçoso, estava sempre a ostentar a sua origem e a opulência fabulosa do reino, donde provinha. A ostentar e a comparar.

No capítulo das comparações é que a emproada personagem era de uma arrogância de meter raiva aos mais pacientes.

– O quê? O vosso palácio real tem só quarenta salas e salões? – espantava-se, com espalhafato, o espaventoso espanador, perdão!, embaixador. – Pois fiquem sabendo que o mais modesto dos palácios do meu real senhor tem mais de quatrocentos salões. Vejam a diferença.

Fosse verdade ou mentira, o que saltava à vista era a empáfia e a embófia (duas divertidas palavras diferentes que querem dizer o mesmo...), a enorme empáfia e a enorme embófia da personagem.

Tudo lhe servia para desdenhar. Os banquetes, no país dele, eram mais requintados, as cerimónias mais cerimoniosas, os bailes mais iluminados, as damas mais elegantes, as jóias mais preciosas... Tudo, no reino dele, tinha mais brilho e mais pompa.

Quem o ouvia tinha de aturá-lo, pois ele representava um reino poderoso e não parecia prudente entrar em hostilidades com o seu embaixador, tanto mais que ele próprio estava sempre a dizer:

– O nosso exército é invencível.

Fosse ou não fosse, ninguém queria tirar isso a limpo. Estou a ser claro?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De uma vez em que o perliquiteto embaixador estava de serviço num pequeno reino – bastante pequeno, mas muito arrumadinho – foi convidado para uma caçada real.

Enjoado, como convinha, o embaixador compareceu, vestido a rigor. Em vez de chapéu, trazia na cabeça, como de costume, um barrete, enfeitado com uma enorme pluma de falcão. Parece que era moda, lá na terra dele.

Logo, por sinal, a caçada era com falcão.

Assim que a trompa soou o sinal de caça e o falcoeiro desencarapuçou a ave de rapina, o que se viu demorou menos tempo a acontecer do que demora a contar.

A ave disparou pelo ar fora. Ia despenhar-se de bico em riste sobre a presa. Mas, desta vez, diante do séquito atónito, a caça visada pelo falcão foi outra. Qual? O barrete do embaixador fedúncio.

Teria implicado com a pena? Não se chegou a saber. O falcão arrebatou o barrete e ergueu-o nos ares, tão veloz como descera.

O embaixador barafustou, de cabeça perdida, como se o falcão lhe tivesse tirado a dita cabeça. À sua roda tudo ria a bom rir.

Passadas umas voltas pelo céu, o falcão terá reconsiderado e, aparentemente arrependido do desaforo, regressou à comitiva. De barrete no bico, voltejou à roda dos ombros do atordoado embaixador e, mais diplomata do que o cavalheiro nunca fora, restituiu o cogumelo aonde ele pertencia. Ficou o barrete um pouco à banda, mas, depois de tanta habilidade, não se pode exigir mais perícia a um falcão.

De seguida, voou de novo, colhendo no ar o eco dos

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

aplausos do séquito real. Um nunca mais acabar de vivas e risos.

O rei daquele pequeno, mas arrumadinho, reino, que era dotado de uma personalidade afável de grande senhor, acercou-se da vítima do falcão e comentou:

– Aquilo a que assistimos, meu caro embaixador, parece uma fábula. O falcão tanto podia ter arrancado a minha coroa como o seu barrete. Que nenhum sinal de dignidade e de grandeza se julgue eterno! A importância dos reinos e dos impérios é um vai-e-vem. Qualquer golpe de asa e... vão ao ar!

O embaixador alisava, exasperado, a pena do barrete. Nunca sofrera um vexame assim. Mas fazer queixa de quem? De quê? De um falcão? Era ridículo.

Tão furioso estava que nem deu por uma maliciosa piscadela de olho do rei dirigida ao falcoeiro, que retribuiu, dentes a brilhar de riso. Não viu o embaixador nem mais ninguém, mas eu estou em condições de assegurar que foi assim, tal e qual.

E ponho-me a cismar se o rei, o falcoeiro e o seu falcão amestrado não teriam conspirado os três, para dar uma lição ao impertinente... É uma hipótese. Tem pés para andar, asas para voar. Quem acha que não?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A LEBRE FELICIANA E O LOBO GLUTÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A lebre Feliciana estava a fazer um bolo, um bolo mesmo apetitoso, com erva-doce e outros preparos, que a gente não sabe, porque não conhece a receita.

Destinava-se o bolo a uma festa que a lebre Feliciana ia dar, no dia seguinte, a outras lebres e coelhos seus vizinhos.

Mas quem apareceu primeiro e sem ser convidado foi o lobo.

– Vou-te comer – disse o lobo, que ia logo direito ao assunto.

A lebre ainda tentou fugir à questão:

– Ó senhor lobo, coma antes este lindo bolo, que eu guardei para vossa mercê.

– Está bem – concordou o lobo. – Desta vez, começo pela sobremesa.

E, em duas dentadas, comeu o bolo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Agora, que já não tenho apetite, vou guardar-te para o jantar – disse o lobo, metendo a lebre num saco. – Tenho visitas lá em casa, que hão-de apreciar este pitéu.

Pôs o saco ao ombro e abalou.

Como o caminho era longo e sempre a subir, o lobo, a certa altura, resolveu descansar à sombra de uma árvore. Adormeceu.

Dentro do saco, a lebre pôs-se a vasculhar no avental que tinha posto para fazer o bolo e encontrou uma tesoura, uma agulha e um dedal. "Espera, que já te arranjo, lobo lambão, glutão e paspalhão", murmurou a lebre.

Com a tesoura abriu uma fenda no saco, depois foi buscar uma grande pedra, meteu-a no saco e com a agulha e o dedal voltou a fechar o saco. E fugiu.

Quando o lobo acordou e lançou o saco aos ombros, achou-o muito pesado.

– Está gordinha a lebre. Que rico jantar! – exclamou ele.

Foi para casa, onde já estavam dois lobos amigos, e esfomeados.

– Trago-vos uma surpresa – disse o lobo. – Ponham a água ao lume no caldeirão, que já vão saber.

Quando a água estava a ferver, os lobos despejaram o saco na panela. A pedra caiu, fez saltar a água em volta e os lobos – Ai! Ai! Ai! – queimaram-se.

Depois, os dois lobos visitantes, julgando que tinha sido uma partida armada pelo lobo dono da casa, atiraram-se a ele e desancaram-no. Ficou o lobo em muito mau estado.

– Quem me mandou a mim meter-me com essa finória da lebre Feliciana – rematou o lobo, em jeito de conclusão desta história.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A FADA BERINGELA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rei e um rainha muito pobres. Tinham um filho, que, como é óbvio, era príncipe. Viviam numa casa arruinada, a que chamavam palácio, e nas suas viagens através do reino, que já não lhes pertencia, deslocavam-se numa moto mal enjorcada. O rei pegava no guiador só com uma mão, porque a outra a levava a agarrar a coroa, sempre ameaçada de cair com a deslocação do ar. A rainha arregaçava o manto debruado a arminho e pele de coelho e encavalitava-se atrás do seu real esposo. Quanto ao príncipe, muito esguio e alto, mal cabia no "side-car", que é, como nem todos sabem, o nome que se dá à barquinha atrelada a um dos lados de uma moto. Chamavam àquele bizarro meio de transporte o "coche real" e assim viviam contentes.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De uma vez que seguiam pela estrada, a serem ultrapassados constantemente por camionetas, que não respeitavam a prioridade da família real, tiveram um furo. Assim sucedia muitas vezes e, de todas as vezes que isso sucedia, a família real apelava para as maravilhosas virtudes da fada Beringela. Gritavam os três em coro as palavras mágicas:

– Querida fada Beringela, que é tão bela, tão singela, não há fada como ela.

Vinha a fada Beringela dizendo-se muito atarefada, muito atrasada nas suas lides de fada e, protestando sempre contra esta descuidada família real que não sabia onde punha os pés, isto é, os pneus, lá lhe consertava o furo. Depois cavalgava num foguete. Fuunh! E ia-se embora sem se voltar para trás a dizer adeus.

Esta fada Beringela, por contrato com os antepassados do rei Vilandino III, assim se chamava o rei da moto, ficara com a incumbência de prestar pequenos serviços, pequenas mágicas, à dinastia real. Coisas de pouca monta: uma chave que se perdia, um velho prato em cacos, uma melga maçadora.

Vinha a fada Beringela: "Zebelim-perlim-limpim" e aparecia a chave, colavam-se os cacos, desaparecia a melga. Se lhe pedissem a chave de um tesouro, um palácio novinho em folha de prata ou a má sorte importuna afastada de vez, a fada Beringela respondia que não tinha arte nem façanha para tais alturas e encolhia os ombros:

– Conformem-se com o que há – dizia ela.

E a família real não tinha outro remédio...

Mas coisa de furos estava na sua especialidade. Só havia um problema, que era este: a fada Beringela, para não ser

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

constantemente importunada, impusera um limite aos seus serviços, um limite anual de cinquenta chamadas por ano, nem mais uma. Acima de cinquenta chamadas por ano a fada já não atendia. Grande berbicacho!

Vocês estão já a ver que a família real, embalada neste hábito de chamar pela fada dos bons serviços por qualquer insignificância, se esquecia de contar as vezes que ela vinha em seu auxílio. Quando davam que só faltava meia dúzia de chamadas para completar as cinquenta, então é que deitavam as mãos à cabeça.

Foi o que sucedeu desta vez. Estavam em Setembro e já tinham pedido a presença da fada 49 vezes. Que fazer para a poupar, tendo ali a malfadada da moto emperrada, na berma do caminho? Chama-se, não se chama, desta arranjamos nós ou vamos o resto do caminho a pé... Em semelhante discussão a família real perdia a compostura.

– Desta feita não se chama a fada, porque o príncipe arranja o furo – dizia o rei.

– Eu acho que a fada podia vir ajudar-me... – sugeriu o príncipe.

– O que tu queres é cruzar os braços e não trabalhar – concluía a rainha.

O príncipe, abespinhado, respondeu de pronto à laia de pergunta:

– Que tenho eu aprendido convosco, Reais Pais?

Um moço, que andava aos figos, empoleirado numa ramada de figueira sobre a estrada, e que tudo tinha ouvido, comentou assim, em versos de pé-coxinho:

– Que família de ralaços
que madraços mais caretas!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Rei, rainha e "reineta",
Três paspalhos dos autênticos
Valem em moedas pretas
Pouco mais de vinte cêntimos.

A família embatucou. O príncipe, mais do que todos, sentiu a afronta do termo "reineta" cair-lhe sobre a cabeça, como uma maçã do mesmo nome. Talvez por isso fosse ele o primeiro a mexer na caixa de ferramentas. Logo o rei pegou numa chave-inglesa, enquanto a mãe descalçava as luvas de seda a que faltavam dois dedos.

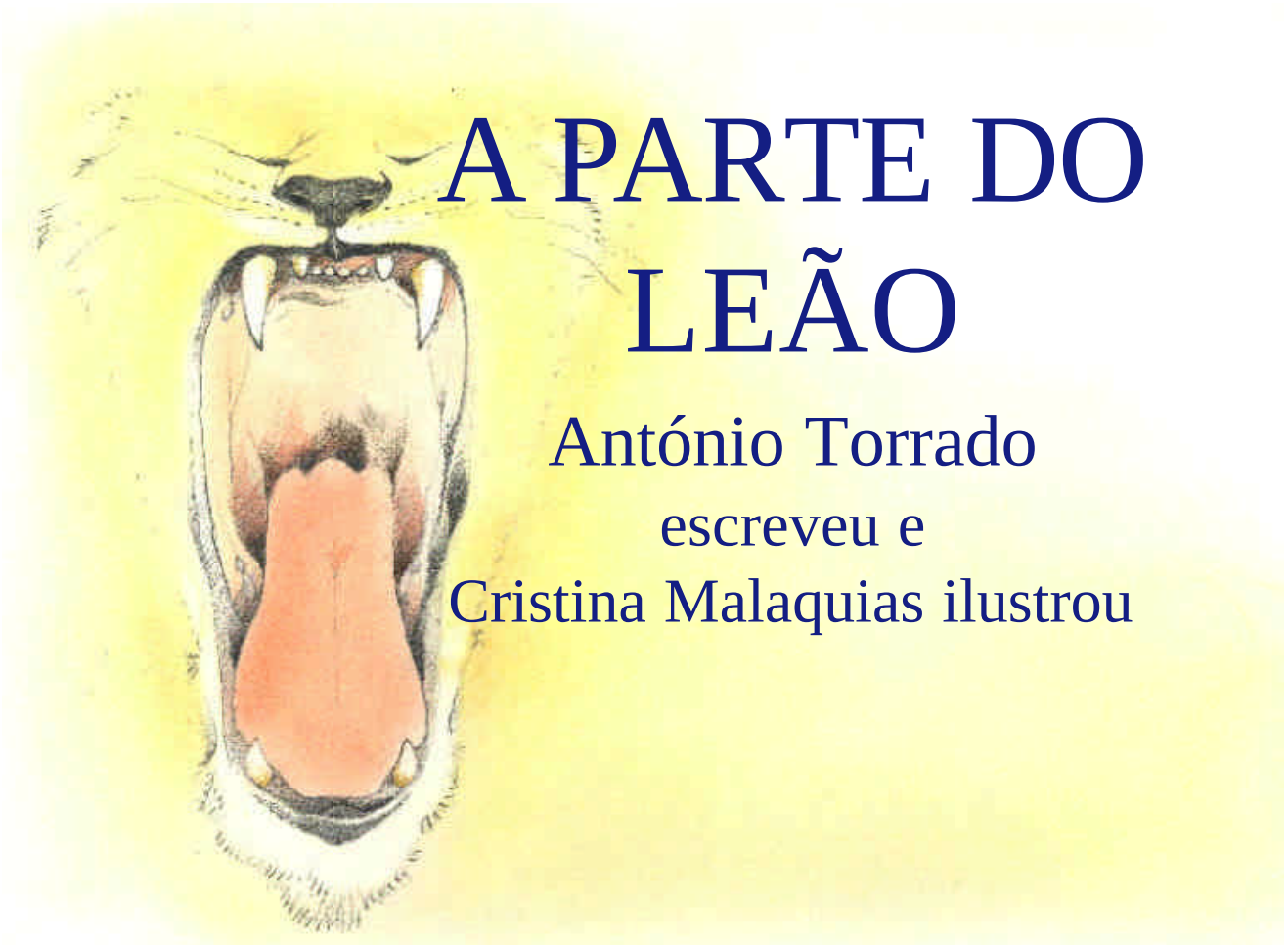
E, num instante, substituíram a roda.

Vocês querem crer que, de aí em diante, nunca mais a fada Beringela foi incomodada?

Claro que a fada, vendo que os seus préstimos já de nada valiam, emigrou, como as suas companheiras, para dentro de um livro muito antigo, mas, antes de desaparecer de vez, ofereceu à família real um unguento mágico, infalível tratamento para todas as feridas. Chama-se, se me não engano, tintura de iodo, ou coisa parecida...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



A PARTE DO LEÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Os animais carniceiros juntaram-se todos e decidiram ir à caça. Quem teve a ideia foi o leão.

Quando tal se soube, correu um ciclone de medo pela floresta.

– O que vai ser de nós? – diziam os bichos ameaçados. – Se cada um por si já é um perigo terrível, o que farão todos juntos?

– Descansem, que a aliança pouco dura – tranquilizou-os uma velha doninha que já tinha vivido muitas histórias e lido muitas fábulas. – Não tarda que volte cada um a caçar por sua própria conta.

Não as tomou uma gazela estarola que sem saber como se viu cercada pelos carnívoros...

– E vai uma! – disse o leão, pondo uma pata sobre o corpo da vítima.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Vamos partilhá-la, que estou cheio de fome – lembrou o leopardo.

– Assim se fará e em boa ordem – concordou o leão. – Esta gazela vai ser dividida em quatro partes. Cabe-me a primeira, porque fui eu quem teve a ideia desta caçada em comum.

Os outros animais aprovaram. Prosseguiu o leão.

– Também me cabe a segunda, porque fui eu quem comandou a perseguição e o cerco.

Os outros animais aprovaram, ainda que com alguma relutância. O leão continuou:

– Cabe-me a terceira parte, porque fui o mais ágil em caçá-la, o primeiro que a filou e derrubou.

Os outros já não estavam a gostar nada daquela partilha, mas que remédio tinham senão aprovar... Concluiu o leão:

– A quarta e última parte pertence-me, porque não conheço nenhum bicho com força e coragem suficientes para ma disputar.

E começou a banquetear-se.

Os outros animais, que não estavam dispostos a presenciar, a seco, o almoço do leão, foram-se afastando, um por um, e cada um para sua banda.

– Eu não vos dizia?! – comentava, pouco depois, a doninha. – Quando há um leão na sociedade ou só come ele ou acaba a sociedade.

Realmente, a doninha, apesar de pequena, era uma grande sábia adivinha. Deve ser de ter lido muitas histórias.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

HISTÓRIA BONITA DO BONECO FEIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um boneco muito feio. Tinha nascido numa folha de papel, de lápis distraído de um senhor, que estava a pensar noutras coisas.

Quando o senhor acabou de pensar no que estava a pensar, amarrotou o papel e atirou-o para um canto. Era um senhor muito desarrumado, sem nenhumas maneiras e talvez sem cesto dos papéis em casa...

Passado tempo, muito tempo, uma pá e uma vassoura pegaram no papel amachucado e atiraram-no para dentro dum caixote. Ainda mais feio e sujo ficou o boneco. Que pouca sorte a dele!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quem manejara a pá e a vassoura pôs o caixote à porta. Veio então o vento, que andava a limpar tudo. O papel, onde ia o boneco, voou, levado pelo rodopio. Voou, voou e foi ter a uma casa. Estavam as janelas da casa abertas de par em par, à espera sabe-se lá de quê. Foi fácil ao papel entrar, sem pedir licença. Entrou, rebolou, bolinha leve pelo soalho, e foi ter a um quarto.

Era uma casa desabitada, vazia de gente e de móveis. Que préstimo teria ali aquele boneco feio? O quarto escureceu. Fez-se noite no quarto e na rua. Num grande silêncio, tudo (que era bem pouco...) se deixou levar por um longo sono, de sonhos sem fim. Nem se deram aos seus estalidos do costume as tábuas do soalho.

Foi no meio do silêncio que o boneco desta história resolveu, ainda a medo, sair da folha de papel, que lhe servira de leito. Pôs um pé fora, depois outro e saltou para o chão. Uf!

Numa espreguiçadela, endireitou os bracinhos de linha e, dando uns passos incertos, habituou as pernas a andar. Que bem se sentia.

E foi andando, à maneira de quem vai visitar um museu ou um palácio muito antigo. Ou à maneira de quem se passeia por um castelo encantado...

De mãos atrás das costas, medindo os passos que dava, mirando o que havia a mirar, o boneco feio atravessou quartos, explorou salas, desceu escadas, subiu escadas e percorreu corredores. O silêncio à sua volta não lhe metia medo. E de que havia ele de ter medo, se mal ou quase nada conhecia do mundo?

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Ia ele por um corredor, nos seus passinhos leves e tranquilos, quando viu aparecer à sua frente uma fieira de bonequinhos pequeninos, talvez da mesma raça, também malfeitões e de bracinhos de linha feitos a lápis. Vinham a dançar, mãos nas mãos, e a dançar ficaram à sua frente. Depois, a dança alterou-se e eles, continuando de mãos dadas, fizeram uma grande roda à roda do bonequinho feio. Nele não houve sinal de espanto nem de susto. Estava preso no meio da roda e olhava para os bonecos que rodopiavam à sua volta, como se estivesse a medir parecenças. Sentia-se, afinal, entre amigos.

E tinha razão.

– Príncipe e senhor, há quanto tempo o esperávamos – disseram os bonequinhos, em coro, interrompendo a dança e fazendo uma vénia de todo o tamanho.

– Mas eu não sou nenhum príncipe – explicou-se o boneco feio. – Sou um boneco feio como vocês, desenhado numa folha de papel por um senhor distraído.

– Schiu! – pediram os bonequinhos. – Nós sabemos, ou melhor, calculamos. Também nós fomos feitos por um menino, num caderno de desenho. O menino cresceu, deixou esta casa e esqueceu-se de um monte de cadernos e livros numa despensa. Como vês, somos parecidos.

– Então porque me chamam príncipe?

Os bonecos desenhados por um qualquer menino aproximaram-se ainda mais do boneco feito por um senhor distraído e, todos de cabeças juntas, como um enorme cacho de oitos e de zeros misturados, segredaram-lhe o que nós, também em segredo, passamos a contar.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Naquela casa abandonada, vivia uma grande tristeza. Dava-se o caso que, entre os cadernos e livros esquecidos, havia um, cheio de lindas gravuras coloridas, que contava a história de uma princesa, a princesa Jasmínia, conhecem? Tudo estaria bem se, por qualquer acaso ou má sorte, ao livro não faltasse a última página, precisamente aquela em que iria aparecer, mesmo a propósito, o príncipe que salvaria a princesa Jasmínia do encanto da fada má. Depois? Ora, depois, era a boda do casamento, a luzida festa e muitos e muitos anos de felicidade.

Por palavras, o príncipe já entrara na história e salvara a princesa. Sucedia, porém, que na última página é que estava a gravura da princesa e do príncipe de braço dado, atravessando alas de povo, que os aclamava. Ora a última página, alguém a arrancara, talvez uma fada má, quem sabe? E a história quase a acabar, a princesa quase a casar, o velho rei quase a abraçar a filha querida, o povo quase a aclamar os noivos reais, o cortejo quase a sair do palácio, as trombetas quase a soarem, os tambores quase a rufarem... Mas nada disto sucedia, porque faltava um folha, porque faltava um príncipe em carne e osso, isto é, um desenho, para casar com a princesa. Estava, há que anos, inconsolável a princesa Jasmínia, à beira da página que lhe iria trazer o príncipe dos seus encantos.

– Porque é que um de vocês se não ofereceu para príncipe? – perguntou o boneco feio.

– A nós já ela nos conhece, de há muito. Estivemos na mesma prateleira, amarelecemos juntos... – explicaram os bonequinhos. – Anda daí! Ela é linda, desenhada com

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

muita arte, pintada com lindas cores. Está debruçada da varanda com uma rosa na mão e espera por ti. Vem connosco, anda.

E foi assim que o boneco feio casou com a princesa Jasmínia. Ai o têm, na margem da página, a sorrir para ela, enquanto ela, da varanda, sorri para ele.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS DOIS UMA DE LOBOS E RAPOSAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

—Entre a raposa e o lobo, qual é o mais forte? – já me perguntaram. Mais forte, mais forte é o lobo, mas mais esperta é a raposa.

– E o que vale mais: a esperteza ou a força? – voltaram a perguntar.

Neste ponto, respondo com a história que vão ver e ouvir.

Andava uma raposa à procura de sítio onde fazer uma casa. Achou um terreno ao seu gosto, limpou-o das ervas e foi-se embora.

O lobo, que também andava à cata de terreno onde fazer uma casa, passou por ali, viu a clareira limpa de ervas e juntou madeira para levantar moradia. Depois, foi-se embora.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A raposa, quando voltou e viu a madeira cortada, começou a erguer as paredes. Depois, cansou-se e foi à vida.

No dia seguinte, o lobo, ao ver as paredes da casa levantadas, pregou-lhe o telhado e fez-lhe a mobília.

Quando, por sua vez, veio a raposa e viu a casa pronta, meteu-se lá dentro.

– Alto lá. Essa casa é minha – disse o lobo, aparecendo.

– Qual quê? Minha é que ela é – replicou a raposa.

Mas, como não estavam para armar zaragata, resolveram lá viver os dois. No entanto, quem menos se resignava com a companhia era o lobo, que, vai não vai, se punha a dizer, em voz de ameaça:

– Se eu quisesse a casa era só minha... Sim, se eu quisesse.

A raposa, que não gostava destes modos, mas não podia competir com a força do lobo, resolveu o caso assim:

Um dia, que andava no mato, encontrou um lobo morto, talvez fugido dos caçadores. A muito custo, arrastou-o para casa.

– Que aconteceu a esse desgraçado? – quis saber o lobo.

– Matei-o eu – respondeu a raposa.

– A senhora raposa? E como?

– Dizendo umas palavras mágicas para arrumar com os lobos, umas palavras mágicas, que me ensinou a minha avó. Quer saber? Começam assim "Chiri..."

– Cale-se, cale-se! Não diga mais – atalhou o lobo.

– Não quer saber? É assim "Chiribi..."

– Cale-se que me desgraça – gritou o lobo, fugindo a sete pés.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E nunca mais apareceu lá em casa.
Afinal o que vale mais: a força ou a esperteza?

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SOL POENTE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Ia um homem a correr por uma extensa planície relvada, que nem cem campos de futebol, uns a seguir aos outros. Ia o homem a bom correr, mas não ia sozinho.

Atrás dele, resfolegande, de chifres curvados, um enorme boi. Aliás, um touro. O homem corria, corria, nem ele sabia para onde, gritando:

– Uma árvore! Socorro! Uma árvore!

Mas naquela planície não tinham plantado nenhuma, nem as árvores se deslocam donde estão, para socorrerem um pobre homem, a correr numa planície nua.

– Um buraco! Ao menos, um buraco! Socorro! – gritava o homem, quase no limite das suas forças.

Mas também não havia buracos, naquela planície lisa. Situação desesperante.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A sombra do homem e a sombra do touro deslizavam pelo chão, quase a tocarem-se. Alongavam-se uma e outra, cada vez mais estiradas pela planície, porque o Sol descia a olhos vistos e, daí a nada, iria desaparecer no horizonte.

– Se continuas a perseguir-me, roubo-te o Sol – gritou o homem, num último alento.

O touro não lhe deu ouvidos. Continuou a correr de cabeça baixa, atrás do homem. Nisto, o Sol escondeu-se, sem dizer sequer: "Até amanhã".

– Vês do que eu sou capaz? – gritou o homem, sem parar de correr.

As sombras do homem e do touro tinham sido engolidas pela penumbra. O touro estacou, atemorizado.

A uma prudente distância, o homem gritou-lhe:

– Se queres que eu te traga o Sol, outra vez, deixa-me seguir, sozinho, naquela direcção – e o homem apontava o sentido contrário ao Sol posto.

O touro, que já sentia falta do Sol, concordou. Então, o homem, num passo a fingir de seguro, caminhou, sem pressa, em direcção ao oriente. Salvara-se.

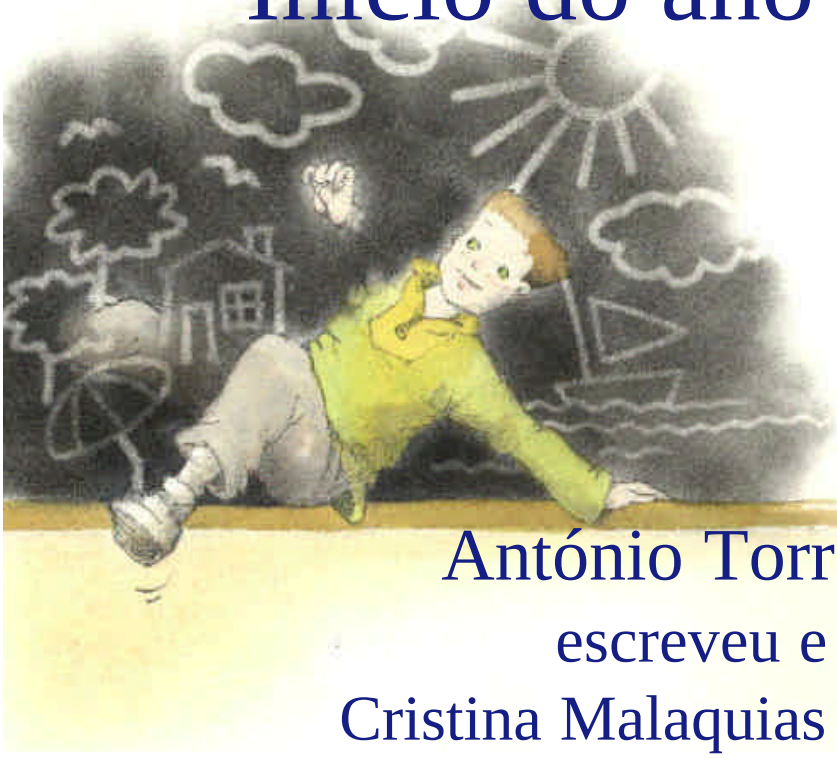
Na manhã seguinte, o Sol, tal como o homem tinha prometido, voltou a aquecer o touro e a planície, a perder de vista.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DESENHOS A GIZ

Início do ano lectivo



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Vejam lá para o que lhe deu!

No primeiro dia de aulas, antes de a professora chegar, o Joca foi para o quadro fazer desenhos.

Pegou no giz, suspirou fundo e pôs-se a desenhar o que lhe vinha à ideia. E o que lhe vinha à ideia?

Ora! A praia, o mar, os toldos, a piscina, a esplanada, os pinheiros, a bola a saltar, aquele piquenique na serra, enfim, o tempo bom das férias, tudo o que lhe lembrava as férias, que tinham acabado tão depressa.

O Joca suspirou de novo. Estava na aula, diante do quadro, diante do seu desenho das férias. Felizmente que a professora tardava a chegar...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas a olhar para o seu desenho com tanta coisa dentro, mesmo assim parecia que faltava nem ele bem sabia o quê. Que seria, que não seria?

Quando não se sabe, o melhor é indagar. Ir ver de perto. Foi o que o Joca fez. Saltou para dentro do quadro.

Cá temos o Joca no meio do seu desenho. Passou pela praia, molhou os pés nas ondas baixinhas, andou por aqui e por ali e, já cansado de estar sozinho, subiu até uma casa ao fundo, uma casa muito bonita, por sinal.

Foi subindo pelo quadro adiante... Passou pela piscina vazia. Passou pela esplanada sem ninguém. Passou pela clareira do piquenique desabrigada... Passou por todas as recordações das férias, que o ventinho do Outono começava a varrer. Até podemos confessar que o Joca sentiu um poucochinho de frio, e assim uma vontade de se abrigar, de se acolher a uma casa, onde o frio não chegasse. Ah! Mas aproximava-se da tal casa. Aquela casa... Aquela casa lembrava-lhe outra casa. Qual seria?

Vejam afinal como são as coisas. A casa era uma escola e, na escola, havia um lugar à espera do Joca.

Tocava a campainha para o começo das aulas. Que ninguém se admire. Estamos no tempo delas.

E o Joca não se admirou. Afinal as férias vão dar à escola. Está certo.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A ÚLTIMA CARTA DO UMBELINO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Já há muito tempo que não tinha carta do macaco Umbelino. E andava em cuidados.

Como vocês se lembram, o Umbelino é um macaco aventureiro, que, depois de muitas trocas e baldrocas, foi correr mundo, com a viola no saco. Sofreu uns contratempos – num sítio ouviu um senhor dizer: "Macacos me mordam" e ele mordeu mesmo... Noutro sítio ouviu contar que uma senhora tinha macaquinhos no sótão e ele foi procurá-los... Desgraças.

Pois acabo de receber mais uma carta do Umbelino, com notícias frescas. Calculem que se estabeleceu com uma loja de barbeiro, isto é de cabeleireiro. A história que ele tem para contar começou, há que tempos, numa barbearia, bem podia acabar noutra barbearia. Mas não acabou, como vão ver.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A escolha da nova profissão teve uma origem. De uma vez em que ele andava sem saber as voltas que dar à vida, alguém, por desfastio, lhe dissera:

– Vá pentear macacos.

E ele foi. "Umbelino, cabeleireiro de macacos", lia-se em grandes letras, na portada do estabelecimento. Não tinha grande clientela. Por assim dizer, não tinha nenhuma. Os macacos não gostam de passar por macacos e as pessoas muito menos.

Mas, um dia, um sujeito com ar divertido passou pela loja, leu o letreiro, viu o Umbelino à porta, de bata branca, e desatou a rir-se. O macaco Umbelino estranhou a risota e perguntou ao senhor, com muito bons modos, o que se passava. O tal sujeito, entre risadas, só conseguiu responder:

– Um macaco cabeleireiro! Mas isso é o fim da macacada.

"O fim da macacada...", ouviu distintamente o Umbelino. Muito aflito, despiu logo a bata, fechou a loja e desatou a correr. Se era o fim da macacada, o caso dizia-lhe respeito. Foge!

Nunca mais o viram na cidade. Conta-me ele, agora, que se refugiou na selva, disfarçado de Tarzan. É assim mesmo que ele assina, numa caligrafia muito macaca – Umbelino Tarzan, o rei dos macacos. Se os outros macacos da tribo consentem, quem sou eu para o contrariar? Mas aqui para nós: Umbelino Tarzan, rei dos macacos, macacos me mordam, mas é mesmo o fim da macacada...

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS QUATRO IRMÃOS

Início do Outono

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rei chamado Sol. Todos o conhecem. Todos o estimam.

Poderoso, os seus raios são espadas. Majestoso, os seus raios são de ouro e mais do que todo o ouro valem. Generoso, os seus raios são fios de vida.

Poderoso, majestoso e generoso era este rei, mas tinha um grande desgosto – os seus quatro filhos davam-se muito mal uns com os outros.

Chamavam-se os quatro irmãos, por ordem de idade, a começar pelo mais novo: Primavera, Verão, Outono e Inverno. Bulhavam constantemente, porque todos queriam, à uma, governar a Terra. Ora isto não podia ser.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Assim pensando, o rei Sol decidiu que cada um deles governasse por sua vez, durante um certo tempo. As ordens de um pai, para mais rei, e ainda por cima Sol, têm de se cumprir.

O Outono não gostava desta partilha. Queixava-se de que lhe não davam tempo... Ainda estava ele a arrumar e a alindar a casa, pintando tudo da cor púrpura, em tons e meios tons amarelos doirados, e já o Inverno lhe batia à porta. Então o Outono tinha uma birra e arrancava as folhas das árvores, algumas ainda por pintar...

Saía o Outono com lágrimas nos olhos e entrava o Inverno.

– Em que desordem isto está – exclamava ele, irritado.

E punha-se a varrer. Varria com tanta força que fazia vento. Depois lavava, em grandes bátegas, caídas do céu... As sementes e os grãozinhos, que o Outono deitara à terra, assustavam-se:

– Iremos nós também na cheia? – perguntavam uns para os outros.

O Inverno ouvia-os e dizia-lhes:

– Sosseguem! Durmam descansados. Vai tudo dormir um longo sono. Assim tem de ser.

E tão carinhoso ele era que cobria os lugares mais desprotegidos da terra com um manto branco de neve.

Lá fora, a Primavera impacientava-se. Não tinha feitio para suportar os vagares do irmão. Às vezes, não se continha que não perguntasse pela frincha da porta:

– Já posso?

Ainda era cedo, mas só de lhe ouvirem a voz, as primeiras flores rompiam a terra.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Então, quando ela chegava, era uma festa. Corria a Primavera de lés a lés e não havia ervinha, folha, haste, flor que não quisesse dançar com ela. Era uma enorme roda de alegria.

Mas a folgança não podia continuar sempre. Cansada do bailarico, a Primavera dava de bom grado o seu lugar ao Verão.

– Vamos trabalhar – dizia ele, assim que chegava.

E trabalhava-se, pois então! Os grãos e os frutos amadureciam. As flores arrecadavam tesouros. Nas tocas, nos ninhos, nos cortiços e por toda a parte, as palavras de ordem eram: trabalhar, colher, guardar.

Enquanto, nas praias, uns gozavam as férias, outros, no campo, não tinham descanso.

– O essencial fica feito. Deixo os retoques ao cuidado do meu irmão Outono – dizia o Verão, à despedida.

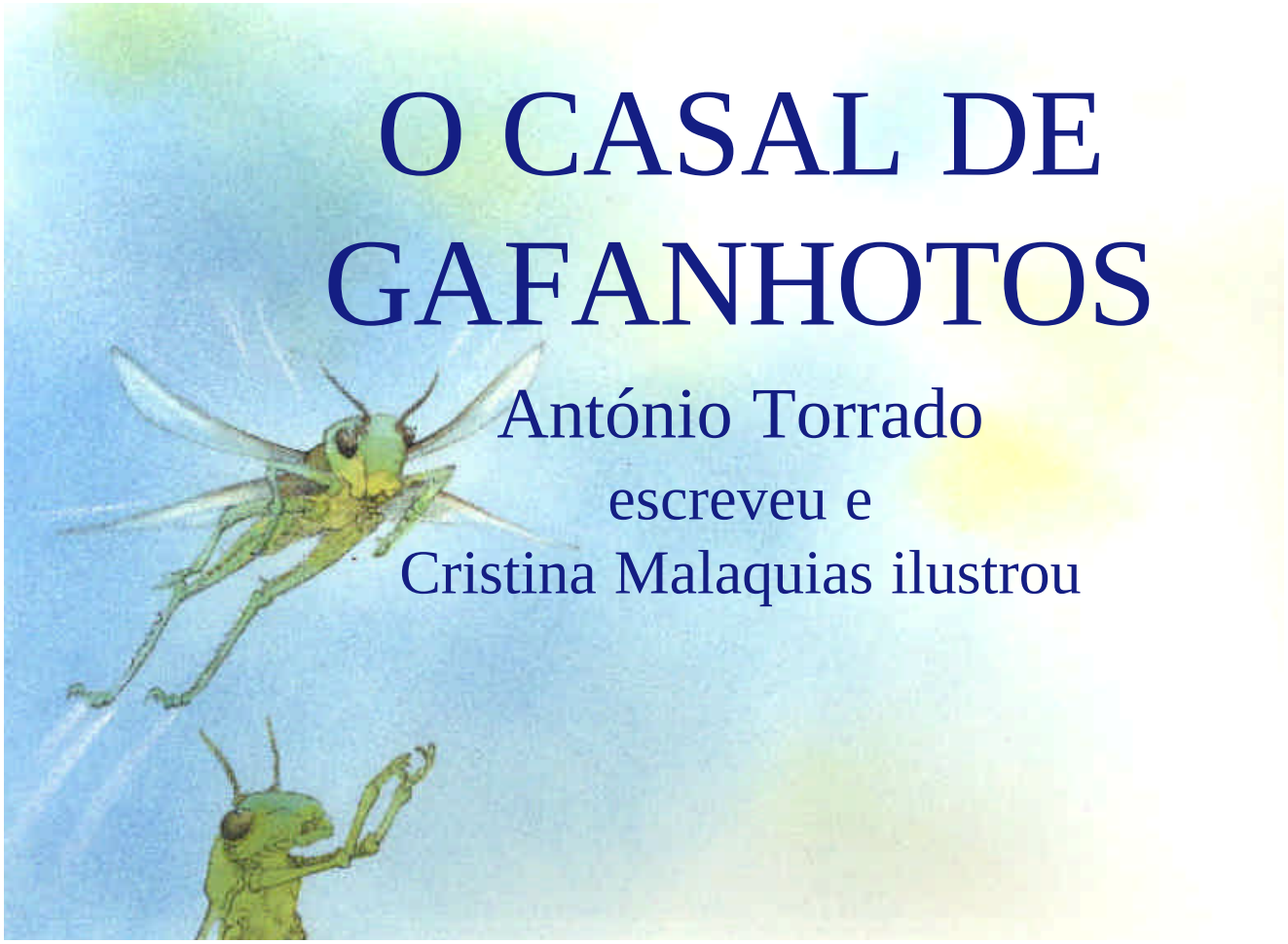
Lá vinha o Outono, com pincel e tintas apurar as cores. Achava sempre que merecia mais tempo. São tantas as tonalidades, do verde-escuro ao castanho, do laranja ao vermelho... Não se pode fazer obra asseada quando se sente os passos do Inverno a aproximarem-se. Que nervos!

Sorrindo no seu trono, o Sol acompanhava a obra dos seus quatro filhos. Descansa. Eles estão a dar muito boa conta de si.

E o Sol, risonho, ainda mais resplandece.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



O CASAL DE GAFANHOTOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um casal de gafanhotos. Ele tinha repentes de aventureiro. Ela não tanto.

– Vamos dar a volta ao mundo, mulher – dizia o gafanhoto.

– Demorará muito, homem? – perguntava a gafanhota.

– Vamos e vimos, num salto.

Mas não era bem assim. Tiveram de dar muitos saltos, uns a seguir aos outros, sem que chegassem sequer a sítio que se visse.

– Doem-me as dobradiças das pernas – queixava-se a gafanhota.

Ele animava-a:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– É só mais uns saltos e estamos lá.

Lá, aonde? O gafanhoto não sabia, mas continuava a saltar como se tivesse molas nas pernas. E tinha.

A gafanhota foi ficando para trás, cada vez mais para trás. Já nem se via, de tão longe que estava. E ele sempre aos saltos para a frente.

Perderam-se um do outro.

– Quando tornar da volta ao mundo, encontro-a – dizia o gafanhoto.

E continuou a sua sobressaltada viagem.

A gafanhota, derreadinha, pendurou-se numa haste de caniço e esperou. Esperou que tempos. Ai que tempos, ai que tempos, ai que tempos...

Estes ais todos são os suspiros da gafanhota, com saudades do seu gafanhoto.

Até que viu, ao longe, do lado donde tinham partido, um gafanhoto, saltaricando, em direcção a ela. Como a gafanhota sabia que o mundo é redondo, não estranhou. O gafanhoto aproximava-se, a olhos vistos. Até que enfim.

Mas, afinal, não era quem ela esperava. Era outro gafanhoto.

– O seu marido manda dizer que está para chegar não tarda – avisou-a o saltarico, sem deixar de saltar.

Sempre era uma esperança. Ai, ai, ai, mais uma fiada de suspiros da gafanhota, porque o tal, que prometia não tardar, tardou.

– Se eu fosse para trás, encontrava-me com ele e encurtava-lhe a viagem – matutava a gafanhota.

Foi o que fez. Mas – azar dos azares! – desencontraram-se. Ele por uma linha de salto, ela por outra. Cruzaram-se no ar, à distância de não se verem.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A gafanhota, depois do seu longo repouso, ganhara novas energias e saltava, saltava, ao ritmo do seu coração em ânsias.

– Hei-de encontrá-lo! Hei-de encontrá-lo! – era a música dela.

Quem lhe diria que se afastava, que se afastavam os dois, cada um a saltar para a sua banda?

Quando o gafanhoto passou pelas pirâmides do Egipto, disse:

– Já aqui estive uma vez.

Fez cálculos de cabeça e concluiu que estava a caminho da segunda volta ao mundo. Por isso é que ele se sentia cansado...

Parou.

Fincou as patas na cabeça da Esfinge, que, impenetrável, olha o tempo, e esperou. Assim que lhe passasse a quebreira das pernas, havia de continuar.

O gafanhoto sonolento cabeceava, quando uma voz conhecida o despertou de vez.

– Ai o meu gafanhoto querido! Quem se quer bem sempre se encontra...

Claro que era a gafanhota. Fizeram uma grande festa um ao outro, na cabeça da Esfinge, e depois puseram-se a trocar impressões. Perguntava o gafanhoto para a gafanhota:

– Tu viste uma cidade onde as ruas são canais de água? E aquela torre de ferro muito alta, no meio de uma cidade linda, viste? E aquele grande rio, na Índia, onde vêm banhar-se novos e velhos, doentes e sãos, viste?

Ela dizia que não. Não vira nada, no fito só de encontrá-lo a ele.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Nem sabes o que perdeste, mulher. Mas deixa estar que é a maneira de eu, agora, te mostrar isso tudo.

– Trouxeste postais? – perguntou a gafanhota, ingenuamente.

– Quais postais, qual nada. Vamos correr mundo, dar outra vez a volta toda – entusiasmou-se o gafanhoto.

– Fica para depois... – ainda propôs a gafanhota.

Sem sucesso. Já o gafanhoto saltava, de pernas elásticas, como se a histótia agora tivesse começado.

– Anda, mulher. Não te atrases – gritava-lhe.

E lá foi ele a saltar, à frente.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ERA UM CASTELO...

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um castelo,
era um novelo
Era um castelo
verde amarelo.

De sombras feito,
nas nuvens posto,
o sol toldava...
Mas que mau gosto!

Era um castelo,
um desmazelo.
Era um castelo
verde amarelo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

As arcas cheias
de pó e nada,
na sala, teias
esburacadas.

Era um castelo
que fora belo,
era um castelo
verde amarelo.

Lá dentro estava,
desencantada,
mas encantada,
muito amuada,
a dona Aranha,
dantes chamada
Dona Eduarda.

Por quem esperava
Dona Eduarda?

Era um castelo
todo em farelo.
Era um castelo
verde amarelo.

Nesta toada,
salta o valado
do tal castelo
verde amarelo,

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

de espada larga
branca e doirada,
um cavaleiro
muito aprumado,
Dom Eduardo
de Calatrava...
Por quem esperava
Dona Eduarda?

Ele sobe a escada,
ele abre a porta
da sala feia,
de cima abaixo
toda bordada
de pó e teia,
guerreia a aranha,
golpeia a teia,
rodeia a mesa,
e dá um espirro
com tal braveza,
de tal grandeza,
que o castelo
verde amarelo,
como um farelo,
como um novelo,
de sombras feito,
nas nuvens posto,
cai de fraqueza
e, de surpresa,
descobre o rosto,
o lindo rosto

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

emoldurado
num espelho fosco
da Eduarda
desencantada.

Pronta e acabada
esta toada
que roda, roda,
na tosca roda
o Eduardo, todo composto,
a Eduarda, muito composta,
rodam para a boda
sem Dom nem nada,
que o Dom não cabe
na mala-posta.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O MAR É QUEM MANDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

25 de Setembro
Dia Mundial do Mar

Era uma vez um casal que só tinha uma filha. O pai, pescador, dizia assim:

– A remar, dois valem mais que um. Que pena não ter um rapaz que me ajudasse!

Neptuno, o rei dos mares, ouviu-o e mandou-lhe de recado por uma sereia o seguinte aviso:

– Vão ser satisfeitos os teus desejos. A tua mulher há-de ter um filho que te ajudará na lida de remador. Mas – cuidado! – nunca o ponhas a puxar as redes...

A promessa tornou-se realidade. Como nestas histórias tudo acontece depressa, já estamos a ver o rapaz ao lado do pai, ambos a par, cada um com o seu remo.

Um dia em que as redes traziam mais peixe do que o costume, o pai chamou o filho:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Vem dar a mão às redes, que pesam demais para as minhas forças.

O filho foi, mas levantou-se logo uma onda mais alta que o arrebatou para dentro do mar. Só então o pai se lembrou do que Neptuno o avisara.

– Neptuno, rei dos mares, devolve-me o meu filho, que eu te darei tudo o que tu quiseres.

A mesma onda, que levara o rapaz, o repôs, a salvo, no barco. Tudo num instante. E ouviu-se uma voz, vinda do fundo do mar:

– Em troca do teu filho, o destino da tua filha vai ficar nas minhas mãos.

O pescador alarmou-se:

– Queres que eu dê a minha filha? A quem? Como?

– A um mensageiro que há-de cheirar a peixe, como tu – disse-lhe a voz.

Remaram a toda a pressa para a praia. Esperavam-nos a mulher, a filha e, de mão dada com ela, um rapaz...

– Quem é ele? – foi a primeira pergunta dos pescador, assim que o barco tocou a areia.

– É o Quim Sardinheiro, filho do Timóteo Sardinheiro – respondeu a mulher, a sorrir. E, depois, em voz baixa: – Parece que estão calhados um para o outro. Uma família toda a cheirar a peixe, é o que é...

Casava-se a filha do pescador com um pescador. Não havia dúvidas: o mar continuava a ter nas suas mãos o destino daquela família.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O FOGO E O LEOPARDO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Nos acampamentos, em África, à noite, há sempre uma fogueira acesa, que afasta as feras. Entre elas, o leopardo, que ganhou fama de ser de todos os animais ferozes o que mais medo tem do fogo. Porquê? Já vão saber.

No princípio do mundo ou um pouco mais para diante, o leopardo e o fogo visitavam-se muito, como bons amigos que eram.

Não. Não estou a ser rigoroso.

O leopardo visitava o fogo na sua caverna, sem que alguma vez o fogo tivesse retribuído a visita.

Um dia, o leopardo fez-lhe este reparo, um pouco amuado com a desconsideração. Respondeu-lhe o fogo:

– Eu nunca saio. Sou um desastrado e muito perigoso.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Aqui, na minha caverna, sinto-me como um vulcão contido. Se sair, posso não ter mão em mim e causar estragos, mesmo sem querer.

Mas o leopardo tanto insistiu que o fogo acedeu. Recomendou-lhe, no entanto, que limpasse de ervas e ramos e folhas secas o caminho que ia da casa de um à casa do outro.

O leopardo, que era preguiçoso, não correspondeu com o rigor devido à recomendação que o fogo lhe tinha feito e aconteceu uma grande desgraça. O fogo, à confiança, saiu do seu esconderijo e mal deu os primeiros passos, ainda tímidos, na senda da floresta, que ele supunha varrida de folhas, propagou-se, alastrou e incendiou tudo em seu redor.

– Não tenho culpa. Não tenho culpa – gritava o fogo, assustado com a devastação que causava.

Mas nada podia fazer. O fogo incontrolável galgou planícies e montanhas e tudo arrasou à sua frente. O leopardo, que se dirigia ao seu encontro, teve de fugir, aterrorizado. Mas chamuscou-se, na fuga. Ainda se lhe notam as manchas das queimaduras na pele mosqueada, recordação do dia em que o fogo cometeu a imprudência de sair de casa.

Há que dizer, porém, que o primeiro culpado foi o leopardo, que não soube desbastar a mata seca da floresta como devia. O fogo, sozinho, nunca tem culpa.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM CLIENTE FORA DE PRAZO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

27 de Setembro
Dia Mundial do Turismo

Pelos fins de Setembro, os hóspedes começam sempre a rarear na estalagem do senhor Pestana. Foi-se aquela agitação dos meses de Julho e Agosto, com meninos a correrem pelos corredores, banhistas de sandálias saltitantes, a descerem pelas escadas, senhoras encaloradas na esplanada, a baterem os leques e a pedirem por socorro "uma limonada, com muito gelo... muito gelo", os quartos todos ocupados, o telefone a tocar constantemente e o senhor Pestana, muito cortês, a ter de dizer, desolado: "Faça favor de desculpar, mas não temos vagas até meados de Setembro".

Pois. Vem a segunda quinzena de Setembro e tudo muda. A sala de jantar fica às moscas. Às moscas é maneira de dizer, porque o senhor Pestana nem um mosquito consente na sua irrepreensível estalagem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Moscas e melgas são os únicos clientes indesejáveis – costuma dizer o senhor Pestana, cheio de razão.

Pois por um destes dias, estava o senhor Pestana ao balcão da entrada a deitar contas à vida, desconsolado com a falta de clientela, quando lhe entra pela estalagem dentro um... um... até tremo, ao escrever, como podem avaliar pelas fileiras de reticências... um... um urso.

Mas o senhor Pestana, sempre imperturbável, não tremeu.

– Quero um quarto com uma grande cama – disse o urso.

– Para casal? – perguntou o senhor Pestana.

– Não. Só para mim – respondeu o urso.

– Com banho?

– Sem banho.

– Com vista para a piscina?

– Tanto faz. Pode ser um quarto escuro.

Isto dizendo, o urso ria-se, mostrando os dentes e as gengivas. Polidamente, o senhor Pestana sorria, sem perceber onde é que estava a graça.

– E quer com pensão completa? – perguntou.

– O que é isso de pensão completa? – quis saber o urso.

– É com refeições incluídas, o pequeno-almoço, o almoço e o jantar – esclareceu o senhor Pestana.

– Sem refeições, por enquanto – disse o urso.

– E por quantos dias?

– No fim, contamos.

Esta resposta do urso pareceu um pouco esquisita ao senhor Pestana, mas uma das regras da sua profissão era de saber respeitar, em todas as circunstâncias, os caprichos dos seus clientes.

O urso abria a boca, num grande bocejo.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Quero experimentar a cama – exigiu ele.

– Vossa Excelência, vai-se já deitar? – estranhou o senhor Pestana, porque ainda era de dia. – Quando quer que o acorde?

– A meio de Março – respondeu o urso, espreguiçando-se.

Foi, então, que o senhor Pestana percebeu. Aquele urso ia hibernar. E logo na sua estalagem.

– Nós fechamos a estalagem em Outubro – explicou o senhor Pestana.

– Não faz mal. Fico cá eu – respondeu o urso.

– Mas nós vamos fazer limpezas gerais...

– Não faz mal. Tenho o sono muito pesado.

Se tinha! Depois de ter dormido Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro e a primeira quinzena de Março, o urso acordou sem despertador. Vinha muito magrinho do sono, tão escanifrado que a pele parecia um robe turco muito largo.

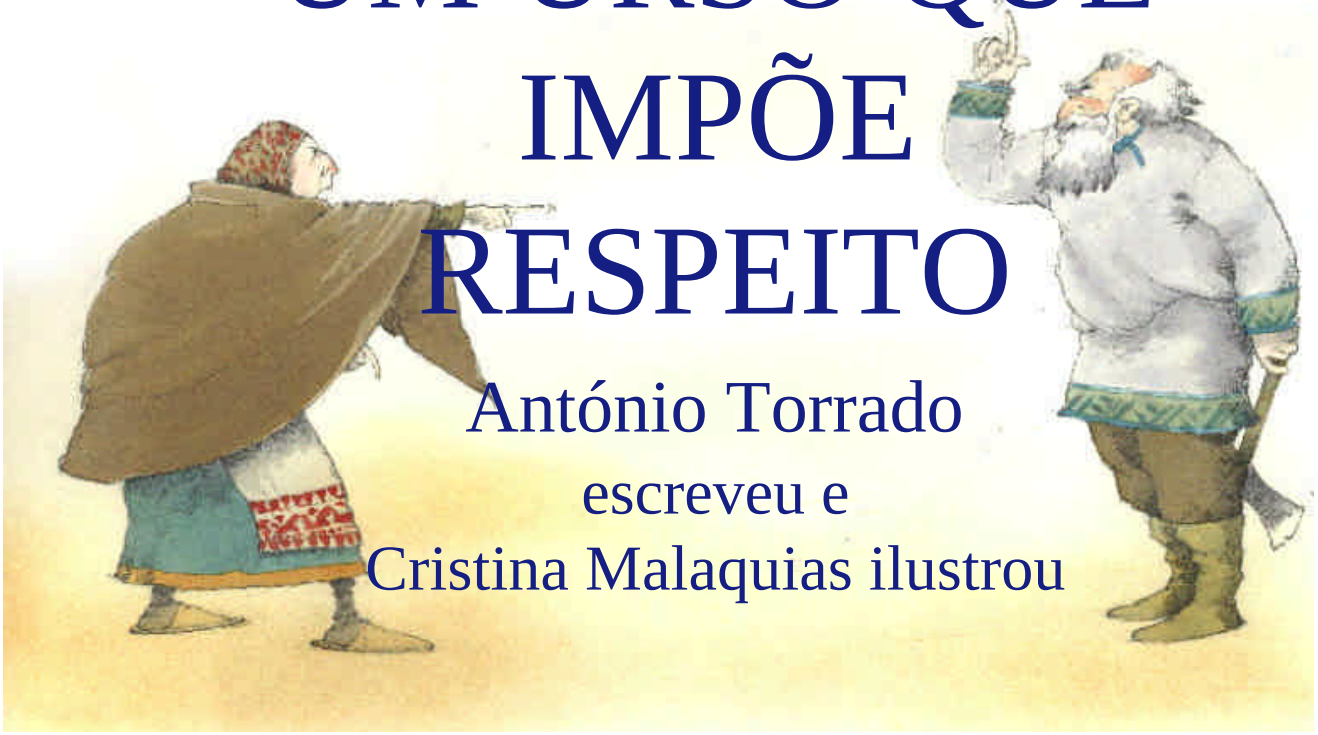
– Estou cá com uma fome! – foi a primeira coisa que disse.

E gritou pelo pequeno-almoço, aliás por cem pequenos-almoços juntos, porque, como se entende, estava atrasado na alimentação. O senhor Pestana nunca teve tanto trabalho de uma só vez, nem nos dias em cheio do meio do Verão. A profissão de estalajadeiro é muito ingrata.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UM URSO QUE IMPÕE RESPEITO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Havia na floresta uma cabana, modesta morada de lenhadores. Nessa cabana, moravam um velhinho e uma velhinha que eram irmãos, mas pouco amigos. Por aqui começa esta história.

Desconfio que não estou a dizer a verdade toda. Talvez os dois irmãos fossem amigos, lá muito no fundo dos seus corações de velhos rabugentos, mas quem os visse e ouvisse a enfrenesiarem-se constantemente por dá cá aquela palha, tal não diria. A velhinha, então, era a mais abespinhada. Mal o irmão entrava em casa e fechava a porta, começava a bulha.

– Estou farta de te recomendar, Gregório Epifanov, para não entrares sem primeiro bater à porta. Assustas o gato, assustas-me a mim e abalas a casa com essas botifarras. Porque não te descalças à porta?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Porque já sei, mana Agripina, que estás à espera que eu venha com o carrego de gravetos para te acender o lume. Se eu tivesse a certeza de vir encontrar a casa aquecida, a sopa a fumegar e o chá a ferver na chaleira, decalçava-me à porta, pois claro! Mas que encontro afinal: cinzas frias na lareira e uma velha a um canto, enrolada em cobertores, a resmungar, com voz de bruxa...

A mana Agripina saltava do seu canto e espetava o dedo agudo, diante do nariz do irmão:

-– Bruxa? Eu? E tu o que és? Um velho urso paspalhão a sonhar com palácios e criados de nariz no chão. Julgas que sou tua criada, julgas?

– Nem eu sou teu criado e trago-te este baraço de lenha para aqueceres a ceia, velha rezingona.

Ela virava-lhe as costas e voltava para o seu canto, resmungando:

– Passo bem sem ceia. Se queres comer o caldo, come-o frio ou aquece tu o lume. Não estou para me maçar com ursos velhos!

Assim viviam os dois manos. Assim passavam os serões.

De manhã, chovesse ou fizesse sol, havia sempre tempestade na cabana.

– Levanta-te, urso preguiçoso! – gritava a velha Agripina, sacudindo a cama do irmão.

– Deixa-me em paz, velha ruim. Passo dia a trabalhar. Portanto, tenho direito de dormir o que me apetece e o que o meu corpo pede – respondia-lhe o velho, com a cabeça escondida nos cobertores.

– Isso são desculpas de urso. Se te não levantas já, vou ao poço, encho a selha e despejo-ta pela cabeça abaixo – ameaçava a velha.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Gregório Epifanov levantava-se, pegava no machado e ia-se embora, sem dar os bons-dias nem comer as sopas da manhã.

Um dia, Gregório Epifanov encontrou o urso da floresta. Não era a primeira vez que urso e lenhador se encontravam. Das outras vezes, empunhando o machado, enfrentara o bicho e obrigara-o a fugir de quem era mais valente. Outros tempos...

Agora, Gregório Epifanov sentia-se velho demais para lutar. O machado caiu-lhe das mãos e os joelhos dobraram-se... Rendia-se antes do combate. O urso que decidisse o que queria fazer dele.

– Não quero nada de ti – disse-lhe o urso. – Estás muito fraco para que possas medir forças comigo. Como te deixaste envelhecer desta maneira, homem?

Gregório Epifanov murmurou:

– Os anos, uns em cima dos outros, pesam-me nos ombros. A neve de muitos invernos caiu-me na cabeça e embranqueceu-me os cabelos. De tanto mastigar pão duro, caíram-me os dentes. Os trabalhos custosos e as moléstias chuparam-me a carne e curtiram-me a pele. Assim envelheci.

Ficaram a conversar como bons amigos. A certa altura, o velho lenhador lamentou-se do mau génio da irmã que não parava de dizer que ele não valia nada e que estava sempre a tratá-lo de urso paspalhão.

– E isso ofende-te? – perguntou-lhe o urso.

Pois claro que se ofendia. Se não fosse ele, a miséria na choupana ainda seria maior. Com o que ele ganhava a vender lenha, ambos comiam. Além de que não era um urso, era um homem.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Então o urso teve uma ideia. Chegou o focinho à orelha do lenhador e segredou-lhe o seu plano. Foi uma risota!

Na manhã seguinte, repetiu-se a cena de todos os dias. Com os modos de sempre, a velha Agripina abanou a cama, onde, muito enrolado nos cobertores, o irmão dormia.

– Levanta-te, urso madraceiro – gritava ela. – Levanta-te que são horas de te pores a andar.

Voltado para a parede, o irmão não dava resposta.

– Ah, sim!? Então deixa estar que hoje é que vais saber como é fria a água do poço – disse a velha.

Dito e feito. Encheu a selha, carregou com ela e despejou-a em cima da cama do infeliz Gregório Epifanov, gralhando o que se segue:

– Prova desta água, urso paspalhão, mandrião e resmungão, a ver se te emendas!

Espalharam-se os cobertores e da cama saltou não o lenhador mas um urso, um urso autêntico que se pôs a correr atrás da velha, pela casa fora. Ela, aterrorizada, tropeçou na selha, caiu, levantou-se, fugiu, sentindo sempre as garras do urso quase a tocarem-lhe.

– Quem me acode! – gritava ela que metia pena.

Valeu-lhe o irmão que entrou, nesse instante, na cabana, empunhando um machado. Arremedou-se, ali, uma luta que mais parecia uma dança... O urso fez de conta que estava cheio de medo e, fingindo uma grande aflição, fugiu para a floresta donde viera.

A partir desse dia, a velha Agripina passou a tratar o mano com melhores modos. Fora uma ou outra rabugice, os dois irmãos começaram a dar-se muito bem e voltaram a ser bons amigos. As sementes de amizade, escondidas no fundo dos seus corações cansados, estavam a dar flores...

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Gregório Epifanov nunca mais se esqueceu do urso que lhe prestara tão bons serviços. Sempre que pode, deixa ficar, na cavidade aberta num velho tronco, um boião de mel que se destina ao seu amigo. Parece que os ursos são muito gulosos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O REI DOS COMILÕES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rei que era um grande comilão. Era o rei dos comilões. E como não havia ele de ser o rei, se o reino se chamava Comilândia ou Terra dos Comilões? Empanzinava-se o rei, do pequeno-almoço à ceia, e empanzinavam-se os seus súbditos, em menor quantidade, claro, mas também com fartura, pois então!

Era um reino de abundância aquele. Tudo nascia, crescia e dava fruto que era uma admiração. O trigo a abarrotar os celeiros, o gordo gado a pastar nos prados, a água e o vinho a jorrar das fontes, as couves tronchudas a alegrar as hortas, enfim um país de maravilha, um país nunca visto, meus amigos.

O que a terra dava chegava e sobrava. E o que sobrava era muito. Se fosse distribuído pelos países vizinhos, que não tinham a mesma sorte da Comilândia, a fartura tocaria

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

a todos, a toda a gente, a todo o Mundo. Mas neste ponto, o rei comilão e rei dos comilões não era do mesmo parecer.

– Cada um que trate de si – dizia o monarca.

Ora um dia, estranho dia, aconteceu uma coisa de espantar. Foi o caso que o rei, dirigindo-se para o salão, onde iria tomar o seu pequeno-almoço, perdeu o apetite. Perdeu o rei o apetite, antes de chegar à mesa do banquete, e não conseguiu lembrar-se de onde o teria deixado.

– O rei perdeu o apetite – murmuram os conselheiros para os ministros, os ministros para os generais, os generais para os conselheiros, os conselheiros para os ministros, os ministros para os generais, num murmúrio sem fim.

Puseram-se todos à procura do apetite real, mas sem resultado. Seria possível que o famoso e realíssimo apetite desaparecesse, sem quê nem porquê, de um momento para o outro? Onde teria Sua Majestade deixado o apetite?

O mais estranho nisto tudo é que os súbditos, por voltas e reviravoltas do destino, também foram perdendo o apetite. Vendo bem, não havia motivo para espantos. Eles, que em tudo seguiam Sua Majestade, acompanhavam-na neste passo, da mesma forma que a tinham acompanhado, como glutões, nos muitos banquetes reais.

A doença, que não tinha sinais de doença, alastrou. Andava todo o reino com fastio. Os frutos apodreciam nas árvores, as couves secavam nas hortas, o vinho e a água inundavam as terras, o gado devastava os trigais. Ninguém sentia vontade de comer, ninguém se dispunha sequer a estender um braço para colher os frutos em abundância. Estava o reino perdido.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Sentindo a ameaça dos vizinhos cobiçosos, dispostos já a atravessar as fronteiras, empunhando espadas e lanças, os conselheiros lembraram ao rei, que fora comilão, a necessidade de distribuir as colheitas e os bens armazenados pelos habitantes dessas terras pobres, que circundavam o reino.

– Nunca! – barafustou o monarca avarento. – Cada um que trate de si.

Insistiram os conselheiros, lembrando-lhe, como argumento, que esses bens e alimentos já não eram necessários ao país. Assim conseguiram convencer o rei e logo ali se combinou um encontro entre monarcas vizinhos e o rei, que fora comilão.

Enviados os convites, todos aceitaram. Cheios de curiosidade, vieram, com os seus séquitos, conhecer a hospitalidade da farta terra dos Comilões.

Houve cerimónias, negociações amigáveis e um grande projecto de distribuição dos excedentes do reino às populações mal alimentadas dos reinos vizinhos. No fim de tudo, um banquete oferecido pelo rei visitado aos reis visitantes assinalou condignamente os contratos de paz.

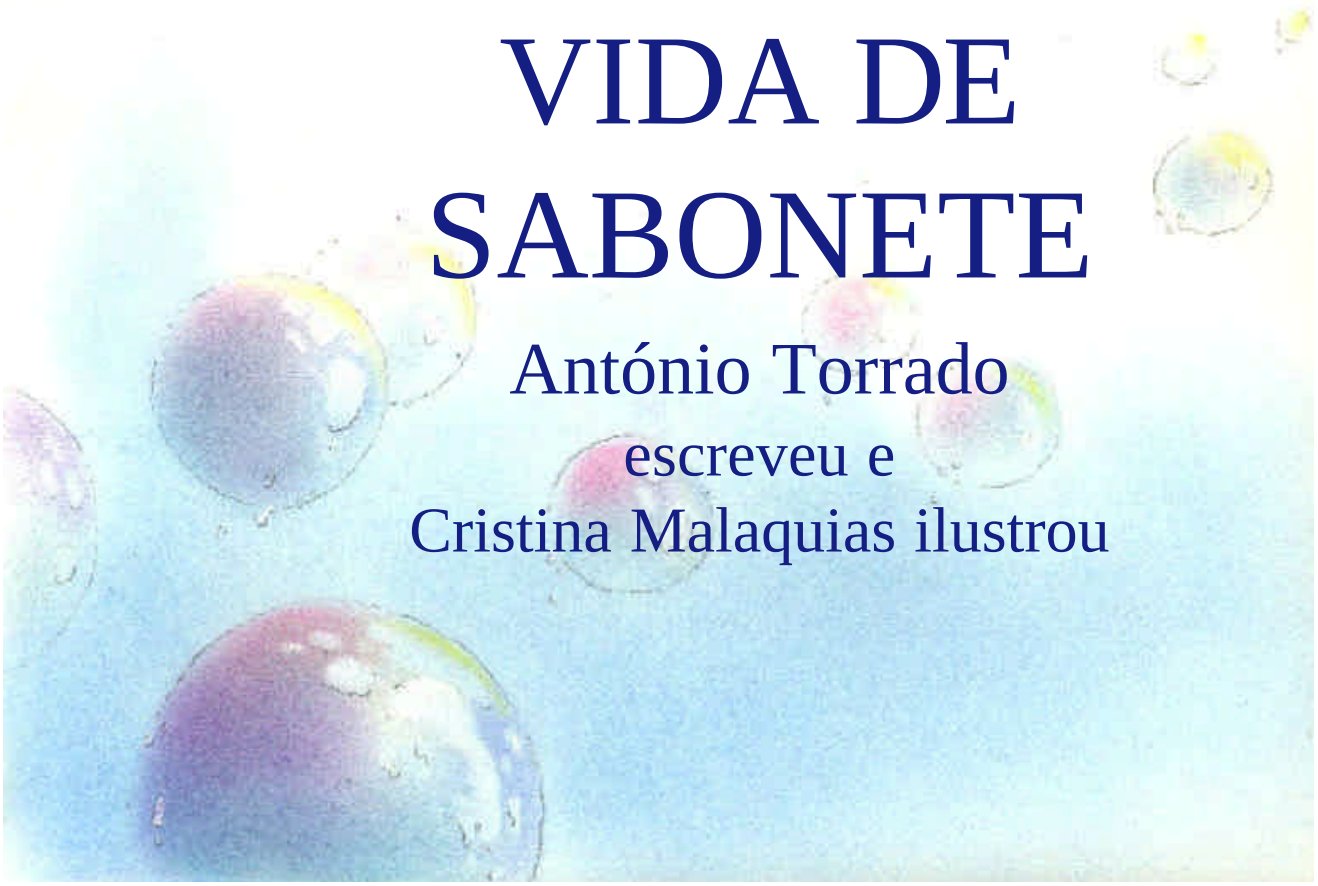
Querem então saber uma coisa? Nesse jantar, pela primeira vez há muito tempo, o rei da Comilândia sentiu crescer-lhe água na boca, ao cheiro dos manjares trazidos para a mesa.

Voltara-lhe o apetite, tal como a todos seus súbditos. Não era um apetite desalmado como dantes, mas uma boa e saudável fome, que nascia na barriga e não nos olhos...

E assim acaba a história. E acaba bem.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



VIDA DE SABONETE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um sabonete novo, fresquíssimo, por estrear. Nunca tinha tomado banho.

Naquela gaveta de drogaria, onde ele, junto com muitos outros colegas, aguardava a vez de ser vendido, já tinha perguntado, ainda que timidamente:

– Afinal, para o que é que eu servi?

– Serves para lavar e perfumar – respondeu-lhe um velho sabonete de alcatrão, muito sabedor das coisas da vida. – Vais dar banho, tomar banho... Descansa que o que te espera vai ser bom.

Um sabonete para a caspa, ou melhor, contra a caspa, acrescentou:

– Mas tudo o que é bom também acaba.

Era o rezingão do grupo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O sabonete novo teve a oportunidade de confirmar as previsões do velho sabonete. Tudo aconteceu como ele dissera. Deu banhos e tomou banhos, escorregou vezes sem conta pelo mármore polido da banheira, conviveu com esponjas, escovas macias e conheceu da anatomia do corpo mais do que um pintor de nus.

Mas, redondo que tinha sido, estava agora delgadito. Ainda foi parar à beira de um lavatório, a par de outros tão magros quanto ele.

– Somos, agora, sabonetes de lavar as mãos – avisaram-no os companheiros. Até ver... Tudo o que é bom também acaba.

Lá estava o aviso, de novo a insinuar-se, a dar que pensar.

Ele e os outros da saboneteira foram-se desfazendo em espuma. "Tudo o que é bom também acaba". O sabonetinho, que tinha sido novo, começava a perceber.

Até que veio um menino que queria fazer uma caldeirada. No dizer desse menino "caldeirada" era juntar, numa tigela, sobras de sabão e de sabonetes, acrescentar água, remexer com uma cana e, depois da calda pronta, soprar por um canudo bolas de sabão.

Subiram pelo ar, atraídas pela luz rolaram, soltas, leves, felizes, grandes e pequenas bolas de sabão, como gotas ou lágrimas do arco-íris. Voaram, perderam-se pelo azul do céu...

Tudo o que é bom também acaba. Mas, às vezes, acaba bem.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O DESTINO DA MÚSICA

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma música, uma melodia. Andou pelos ouvidos das pessoas.

Alguns cantarolavam-na. Outros assobiavam-na. Fosse em lá-lá-lá, no céu da boca, ou em tri-ti-ti, na ponta dos lábios, sabia sempre bem.

Quando era tocada no coreto da praça, as pessoas paravam de conversar e aproximavam-se pé ante pé, meneando a cabeça ao som da música. E, quando a música acabava, batiam palmas entusiasmadas, que tanto se destinavam à música como à banda que apuradamente a tocara. E pediam "Bis! Bis!".

Às vezes, o maestro fazia-lhes a vontade. Nova sessão do encantamento e, no fim, mais uma grande revoada de palmas.

Acontecia as pessoas acordarem, de manhã, com a música a rodopiar nos ouvidos. Era bom.

© APENA - APDD

Acontecia as pessoas adormecerem, à noite, com a música a rodopiar nos ouvidos. Também era bom.

E, durante o dia, os carpinteiros, a serrarem, assobiavam-na, as lavadeiras, a lavarem, cantavam-na, e toda a gente, quer estivesse a trabalhar quer fosse dar um passeio solitário pelo campo, espalhava-a pelos ares, dando mais vida à música que serpenteava, feliz, em direcção às nuvens.

Mas a banda deu a conhecer outras melodias. Era seu dever valorizar-se e renovar o repertório. Não podia estar só a tocar as mesmas músicas de antigamente.

Porque é que não voltam a tocar aquela que começa assim: Lá-lá-lá…? - perguntava alguém, com saudades da velha música.

Não havia quem soubesse responder.

A pouco e pouco, a música foi-se apagando das memórias.

Para onde vão as melodias que nunca mais são tocadas?

Eu sei, isto é, julgo saber. Os sons sobem. Seja de flauta, de harpa ou de voz, o som solta-se donde é emitido e como leve coluna de fumo busca o ar transparente, onde vogam as andorinhas. Cada vez mais alto, o som atravessa as nuvens…

Quando chove e as gotas de chuva tilintam nas águas dos rios e dos lagos, os sons que subiram regressam à Terra. Todos juntos, em grande confusão, escorrem pelas correntes de água, em caudais de música, em ondas, em cascatas, e vão ter ao mar.

Os sons mais pesados vão para o fundo. Os outros permanecem à superfície e, levados pelo balanço das ondas, navegam, de mistura com algas, penas de gaivotas,

© APENA - APDD

bocadinhos de luz e de prata, roubados ao Sol.

Estava eu na praia, a contemplar um pôr de Sol (sou coleccionador de pores de Sol, não sei se sabem), quando uma musiquinha suave me trespassou os ouvidos.

Os óculos já embaciados da poalha da maresia ficaram ainda mais embaciados, porque, de repente, me lembrei de que tinha ouvido aquela música à beira de um coreto pela mão do meu avô Domingos. Portanto, há muito e muito tempo...

Não estava a inventar. Para ter a certeza, aflorei a música aos lábios, num sussurro de um assobio, que voou em direcção às nuvens rosadas do entardecer.

Foi então que resolvi escrever esta história.

FIM

© APENA - APDD

O TÊ DOIS TRÊS

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

O astronauta, lá de cima, olhou para a Terra, cá em baixo, e exclamou:

- Ai que me esqueci de deitar alpista ao canário.

E agora? A casa fechada e sem ninguém, ele com a chave no bolso e o coitado do canário tão longe, tão inacessível... E sem alpista. Um canarinho novo, ainda nem nome tinha.

- Há algum azar? - perguntaram do controle, na Terra.

- Não. Nada - disfarçou o astronauta. - Estava só a conversar com os meus botões.

Resposta mesmo descabida, porque o fato do astronauta não tinha botões, mas apenas um fecho éclair de cima a baixo.

- Confere o motor T2.3., com problemas - disseram-lhe da Terra... - Reconfere.

O astronauta reconferiu.

- Continua com problemas - insistiram da Terra.

© APENA - APDD

Eles, na sala de controle, diante dos ecrãs, sabiam mais do motor T2.3. do que o próprio astronauta.

- Missão cancelada. Regressar à base - ordenaram da Terra.

Com esta informação de que a viagem tinha sido interrompida, o astronauta devia ficar triste, mas não ficou. E nós sabemos porquê.

Desceu. Aterrou. Saiu do aparelho, onde, no meio de tanta perfeição técnica, um motor T2.3., por qualquer berbicacho incompreensível, se tinha avariado. Grande era o desânimo de todos os que trabalhavam naquele centro de astronáutica. Todos, menos um.

Mal correu o fecho éclair do seu fato acolchoado, o astronauta nem quis ouvir as palavras de consolo dos seus colegas. Foi direito a casa, de chave na mão.

Ainda hoje os colegas do astronauta não percebem porque é que ele chama ao canário amarelo e esperto, que saltita na gaiola, o Tê Dois Três.

Com tantos nomes engraçados, dar ao canário o nome de um motor, ainda por cima um motor sujeito a avarias, é sinal de falta de sensatez. Será?

© APENA - APDD

MINORCAS E MAIORCAS

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Era o mais pequeno da escola e chamavam-lhe Polegarzinho. Ele, que era Paulo de nome, não gostava. Com razão. E, sempre que podia, repontava:

- Sou Paulo, ouviram, seus idiotas?

Isto era dito com cara de poucos amigos. Na verdade, não tinha nenhum. Os mais altos e os menos altos e birravam com ele, porque se dizia que o Paulo Polegarzinho tinha mau feitio.

Claro que se fossem eles a ser alcunhados de Polegarzinho, Minorca, Meia Leca, não haviam de gostar.

Até que apareceu na escola um outro menino do tamanho do Paulo, se não mais pequeno ainda.

A professora perguntou-lhe:

- Como te chamas?

- Mindinho, minha senhora - respondeu o moço, a rir.

Toda a aula se riu com ele. Até a professora.

© APENA - APDD

O Mindinho, que também se chamava Pedro, era um miúdo feliz. À sua volta, espalhava alegria. Só de olhar para ele, um pitorrinho remexido e sempre risonho, ficava uma pessoa bem- disposta. Nem se reparava se era ou não o mais curto da aula.

O Paulo Polegarzinho que, a princípio, o achava uma migalha insignificante, ainda mais baixo do que ele, começou a chegar-se ao recém-vindo, com uma invencível curiosidade, daquelas de carregar o sobrolho.

- Tu não te importas de ser Mindinho? - perguntou-lhe o Polegarzinho.

Estava à vista que não se importava. Até tirava partido.

- Sou o Mindinho - dizia ele -, mas estou a estudar para fura-bolos. E tu, ó Polegarzinho, não queres vir a ser o Meu Vizinho?

O Paulo Polegar queria, mas acanhou-se. Ainda esteve um tempo a observar o parceiro, a avaliar-lhe os dons que o tornavam o mais popular da aula.

Acabou por alinhar no jogo. Quando um dos altarrões lhe perguntava:

- Como é que se está aí em baixo, Polegarzinho?

- Mal, muito mal - respondia ele.

- Porquê?

- Porque, aqui em baixo, sei que cheiras mal dos pés e tu, aí em cima, não dás por isso.

Com estas e outras saídas, foi desarmando os mais matulões. E, se havia bulha, fintava-os com mais ligeireza do que muitos pesos-pesados.

Mindinho e Polegarzinho cresceram, mas o pulo que o Polegarzinho deu dele para fora, esse é que foi importante.

© APENA - APDD

Graças ao exemplo do Mindinho, descobriu que, a rir, conseguimos sempre saltar por cima de nós próprios.

FIM

© APENA - APDD

DUAS MARGENS

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Eram duas margens, com um rio a separá-las. Que tolice! Se não houvesse um rio entre elas, como poderiam ser duas margens?

A margem de lá dizia para a margem de cá:

- És mesmo feia. Quanto mais olho para ti, mais me admiro que possa haver terra tão sem graça.

- Vira-me as costas - respondia-lhe a margem de cá. - Até me fazias um favor, porque escusava de ver a tua cara horrível.

Passavam o tempo nisto. Insultavam-se constantemente, enquanto o rio, sem lhes ligar, corria a seus pés. Barcos e barquinhos atravessavam-no de uma para a outra margem, indiferentes ao despique interminável. Para os barcos e para as pessoas que neles viajavam, as margens não eram bonitas nem feias, mas pontos de chegada ou de partida. Só uma vez por outra, um turista as retratava na sua máquina fotográfica, comentando:

© APENA - APDD

- Bela paisagem ribeirinha...

Qualquer uma das margens que ouvisse diria que, certamente, era dela que o turista falava. Duas presunçosas, afinal.

Até que foi projectada uma ponte para ligar as duas margens. Os trabalhos começaram e já iam bastante adiantados quando uma das margens disse para a outra:

- Andam a levantar esta ponte para chegarem mais perto de mim.

A outra enxofrou-se:

- Qual quê?! A ponte é para dar acesso ao meu lado.

- Não é!

- É!

- Não é!

Farto das discussões, o rio interpôs-se e disse, na sua voz pausada de rio de águas mansas:

- Esta ponte destina-se, como todas as outras pontes, a juntar as duas margens. Vocês vão ficar mais perto uma da outra, vejam se se entendem.

Elas calaram-se. A ponte crescia a olhos vistos. Era uma grande e bela ponte.

No dia em que foi inaugurada, houve foguetes, música, discursos. As duas margens estavam enfeitadas com bandeiras e cheias de gente a acenar de margem para margem.

- É um dia inesquecível para nós - disse o rio para ambas as margens. - Um dia maravilhoso.

E elas, sentindo-se espelho uma da outra, concordaram.

FIM

© APENA - APDD

O SULTÃO BONACHEIRÃO

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Era um sultão bonacheirão.

Sentado em almofadas, bem instalado, de pernas cruzadas, o sultão bonacheirão ouvia, sorria e calava.

Vinham ministros falar-lhe das arcas dos tesouros do reino quase vazias, e o sultão bonacheirão ouvia, sorria e calava.

Vinham generais falar-lhe da iminência de guerras desastrosas, de inimigos do reino que rondavam as fronteiras, e o sultão bonacheirão ouvia, sorria e calava.

Vinham mensageiros falar-lhe de desastres sem fim: secas nas províncias ocidentais, avalanches nas províncias orientais, bandos de salteadores desenfreados nas províncias da montanha, inundações, naufrágios, miséria na província litoral, e o sultão bonacheirão ouvia, sorria e calava.

© APENA - APDD

Tanto sorria e tanto calava que os ministros, os generais e os mensageiros desistiram de lhe falar.

Um por um, foram abandonando o palácio do sultão, e com eles saíram os cortesãos, os guardas e os criados.

Ficou o sultão sozinho, sentado em almofadas, de pernas cruzadas, sorrindo, sorrindo sempre.

Mas a certa altura, o sultão bonacheirão sentiu uma comichão na mão. Eram duas formigas.

Dizia uma para a outra:

- Estou desconfiada que somos as últimas.

- As aranhas já fecharam com as suas teias as portas do palácio. As portas e as janelas - dizia a outra.

- Despachemo-nos, despachemo-nos - diziam as duas, enquanto atravessavam a mão do sultão, desciam pelas almofadas e corriam pelo chão…

O sultão deixou de sorrir.

- Esperem por mim - balbuciou, levantando-se a custo.

Foi atrás das formigas e enfiou por um subterrâneo do palácio, onde se enfarruscou todo, a ponto de, uma vez cá fora, ninguém o reconhecer como sultão.

Havia grande agitação na praça, diante do palácio.

- O príncipe Aldi tomou sobre si o governo do reino. É um príncipe bom e corajoso. Vai dar um bom sultão - informou um homem, passando pelo sultão bonacheirão, que não sorria.

- O antigo sultão era um paspalhão. Não prestava para nada, não sabia governar - disse outro homem, passando pelo sultão, que não sorria. - A estas horas ainda deve estar no palácio, de pernas cruzadas sobre uma montanha de almofadas. Sultão paspalhão! Vamos lá nós e cai tudo ao chão.

© APENA - APDD

- Vamos! Vamos! - gritaram várias vozes.

Desta vez o sultão bonacheirão, vendo-os ir em direcção ao palácio, ouvi-os, sorriu e calou-se.

Escapou-se.

FIM

© APENA - APDD

QUE GRANDE PAR DE BOTAS

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rato que morava num sapato. Um sapato velho, um sapato sem préstimo... Não estava mal de todo. Conheço ratos que nem em chinelo moram. Nem em sandálias.

Mas este rato que morava num sapato tinha ambições. Queria uma casa mais desafogada, mais espaçosa. Queria mudar de um sapato para uma bota.

Bem podia procurar. Onde é que se arranja, nos tempos de hoje, uma bota livre, de preferência calafetada contra o frio e a chuva, isto é, sem buracos na sola? Uma bota é um palácio. Um sonho...

Pôs um anúncio: "BOTA POUCO USADA PRECISA-SE PARA HABITAÇÃO".

E não é que conseguiu?! Um velho coronel de cavalaria vendeu-lhe as botas. Muito em conta.

© APENA - APDD

O rato só precisava de uma, mas, já que se proporcionava ficar com as duas, não quis perder a ocasião.

"Talvez lá mais para diante, leve uma para a praia. Fico com uma casa de férias e a outra na cidade", pensou ele.

Não era mal pensado, não senhor. Mas, como estava no Inverno, adiou o projecto. Por enquanto, havia que tratar da mudança.

Foi à casa velha buscar os cacaréus e voltou aonde tinha deixado as botas. Pois sim, as botas... Onde é que elas já iam...

Um mendigo mal calçado, assim que as vira, ali ao desamparo, cobiçara-se delas e levara-as. Que desolação para o pobre rato.

Correu para o sapato, mas encontrou-o já ocupado por uma ratazana antipática. Não havia discussão possível.

Desanimado com a sua pouca sorte, o rato enfiou-se por um cano e, segundo parece, emigrou. Dizem que andou lá por fora, a trabalhar, a economizar, a roer o pão que o diabo amassou.

Voltei a encontrá-lo, há dias, numa sapataria. Nuns saldos. Estava muito entusiasmado a comprar umas galochas luzidias, daquelas com enfeites de metal, e enormes. Número 47, vejam bem!

Este rato sempre teve a mania das grandezas.

FIM

© APENA - APDD

CARACÓIS PORTUGUESES

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Li, há tempos, num jornal, que ia disputar-se, em Inglaterra, a primeira corrida internacional de caracóis. Fiquei todo entusiasmado e fui logo à minha horta contar a notícia aos caracóis que lá tenho.

Eles, uns pasmados, não sabiam de nada nem queriam saber. Fiquei muito chocado:

- Então vocês não sentem vontade de ir a Inglaterra, para ganhar a corrida e mostrar ao mundo o que valem os caracóis portugueses?

- A Inglaterra? A pé? - quis saber um caracol caracolinho, empoleirado numa vagem de ervilha.

Expliquei que iríamos, concorrentes e eu (o treinador, claro!), de avião. Mas eles não me ligaram. Debaixo de um rebento de alface, uma vozinha de caracol sugeriu:

- Isso da corrida fica para o ano...

Virei-lhe as costas, desolado. Já não queria ser treinador daquela equipa de paspalhões.

© APENA - APDD

Passados dias, voltei à horta por causa de uma salada de alface. Ia na intenção de não dar conversa aos hóspedes da hortaliça. Mas onde é que eles estavam? Tinham desaparecido. Um grilo contou-me:

- Partiram ontem para Inglaterra. Iam que nem setas.

- Que nem setas talvez seja exagero - comentei, tentando sorrir.

- Sim, como setas ou até como o vento - insistiu o grilo Grilarim. - Os caracóis desta horta são uns empatas, quando se trata de tomar uma decisão, mas assim que se resolvem, parece que têm asas. Ia com eles a galinha pedrês, aquela que diz "Eu sou a galinha pedrês, que vos salta em cima e vos faz em três". Eles, assim que a ouvem, até voam.

E não é que ganharam a corrida?! Os dez primeiros lugares preenchidos por caracóis portugueses. Um êxito que não se imagina.

Mas, afinal, o júri lá de Inglaterra eliminou-os e deu o trofeu da vitória a um caracol inglês, o 11º da corrida, com a desculpa de que os caracóis portugueses não tinham sido inscritos com antecedência e que levavam uma galinha atrás deles... Invejas!

De qualquer forma, reconhecidos internacionalmente ou não, foram os dez caracóis da minha horta os verdadeiros, os únicos vencedores.

Bendita couve portuguesa que têm comido!

FIM

© APENA - APDD

© APENA - APDD

VANTAGENS DA LEITURA

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

8 de Outubro
Dia da Caça

- Mãos no ar - gritou o caçador para a lebre.
- Qual quê! Toca mas é a correr...
- Pára ou eu disparo - voltou a avisar o caçador.

Pois sim! Pernas para que vos quero...

Vai daí, o caçador disparou. Disparou, mas não acertou. Foi a sorte da lebre.

De moita em moita, rasteirinha, a lebre chegou, quase sem fôlego, à toca da família.

Pânico geral entre os parentes.

- Não posso acreditar - dizia a bisavó. - Aqui nunca houve caçadores.

- Nem o velho Hipólito os consentia, nos arredores da herdade - acrescentava a avó.

© APENA - APDD

Assim em paz tinham vivido há gerações, mas o que não sabiam era que o dono da herdade já morrera. Também não sabiam que os filhos do senhor Hipólito, pouco dados à vida do campo, tinham vendido toda aquela imensidão de terra a um clube de caçadores.

- Ninguém nos avisou - protestaram as lebres.

Por sinal que tinham sido avisadas. Se as lebres soubessem ler, teriam lido no jornal da terra o anúncio da venda. Também um edital, pregado no tronco de um sobreiro, à entrada da herdade, noticiava a mudança de proprietário.

Finalmente, vários letreiros, onde estava escrito TERRENO DE CAÇA, espalhados um pouco por toda a parte, informavam que aquele território deixara de ser seguro para lebres e coelhos.

Foi a partir deste incidente que as lebres decidiram todas aprender a ler. E, já agora, mudar para um sítio mais sossegado.

FIM

© APENA - APDD

AS DUAS POMBAS

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

9 de Outubro
Dia Mundial dos Correios

Duas pombas encontraram-se em cima do mesmo telhado. Vinha cada uma da sua banda e não se conheciam.

As duas pombas não eram exactamente iguais. Uma usava penteado na cauda, em feitio de leque, ao passo que a outra não usava nenhum enfeite.

Dizia a pomba de leque:

– Nunca a vi por estes sítios.

– Não sou daqui. Venho de muito longe – respondeu a outra pomba.

– Do outro lado do rio, naturalmente? – perguntou a pomba do leque, que era curiosa.

– De mais longe ainda, de muito mais… Do cabo do mundo! Voei tanto…

– Eu calculo! – comentou a pomba do leque.

Calcular, não calculava, mas não queria fazer má figura.

© APENA - APDD

Que sabia ela do mundo? Pouco. Nunca passara daquele largo, com uma estátua no meio. Era o que a pomba sabia e muito por alto.

Entretida com os seus pensamentos, a pomba quase se esqueceu da companheira. Foi preciso que esta agitasse as asas, a modos que a preparar-se para a viagem.

– Não me diga que quer ir-se embora? E para onde, se está tanto frio, lá no alto, e as nuvens tão carregadas? – perguntava a pomba citadina.

– Tenho de ir. Talvez gostasse de ficar, mas…

– Ora pois! Fique mesmo. O homem do cesto está aí não tarda e a minha nova amiga vai provar também – anunciava a pomba de leque.

De cabecinha à banda, num sobressalto, a pombinha viageira perguntou:

– Que homem do cesto?

Tranquilizou-a a companheira:

– Nós todas, que vivemos no largo, chamamos assim a um senhor que vem todos os dias fazer-nos uma visita e trazer-nos prendas: milho, migalhinhas de bolos, sêmeas, grãozinhos de trigo, um regalo… A minha amiga vai provar e, depois, me dirá.

– Não posso. Tenho de ir - assegurava, muito firme, a pombinha.

– Uma misteriosa me saiu a minha amiga. Qual é a pressa? – perguntou a pomba de leque, também de cabeça ao lado.

Em resposta, a pomba viajante levantou uma patinha e mostrou uma anilha larga, de alumínio. Espantou-se a pomba de leque:

– Como? Será que a minha amiga leva aí uma

© APENA - APDD

mensagem? Então é um pombo-correio, aliás, uma pomba--correio. Que engraçado.

A pomba de pombal confirmou. Levava, preso à pata, um recado, uma mensagem ou uma carta de alguém para alguém. E como a pomba da cidade se mostrasse muito interessada em saber mais pormenores, ela contou-lhe os tratos todos da vida de um pombo-correio:

– Vão buscar-nos ao pombal e metem-nos numa caixa com buraquinhos. Ali dentro, passamos dias e dias a viajar. Vamos de comboio? De avião? De automóvel? Não sabemos. Deixam-nos noutro pombal e, quando precisam de nós, enrolam uma mensagem, que metem dentro desta cápsula, presa à anilha, e largam-nos. Voamos entontecidas, procuramos a direcção de volta a casa e orientamo-nos, o que nem sempre é fácil.

– Que trabalho fatigante! – comentou a pomba de leque. – Deixe-se dessa vida. A minha amiga dá muita importância a um papelinho, onde devem estar escritos uns gatafunhos sem interesse. Fique na nossa companhia e, daqui a dias, nem se lembra do caminho para o seu pombal.

Asas apressadas voaram por cima das duas pombas.

– Olhe: o homem do cesto já chegou ao largo – exclamou a pomba de leque, muito agitada. – Venha atrás de mim, que os petiscos estão à nossa espera. Venha. Não seja tola.

– Não posso - respondeu-lhe a pomba sem leque. – Tenho de continuar a minha viagem. Não posso.

As duas pombas abriram as asas ao mesmo tempo e voaram, mas foi cada uma para o seu lado.

FIM

© APENA - APDD

A PAREDE COM OUVIDOS

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma parede que tinha ouvidos.

Nada de estranhar. Ele há gente que se pela por contar segredos, próprios ou alheios, sem ligar ao aviso dos mais prudentes: "Cuidado que as paredes têm ouvidos". Alguma vez acabaria por ser verdade.

Esta tinha ouvidos e até olhos, calculem. Só lhe faltava a boca e, já agora, o nariz.

Espessa e toda fechada, sem portas nem janelas, acumulava o que via e ouvia no cerrado dela mesma, no mais dentro das pedras e do cimento de que era feita.

– É uma parede fixe – diziam as pessoas, espalmando as mãos na parede que, já se vê, não dava de si.

Até que um dia, houve uma festa na aldeia, festa a valer, com foguetório, música na praça, artistas vindos de fora e bailarico até altas horas.

Um dos altifalantes da instalação sonora foi aplicado à parede que tinha ouvidos.

© APENA - APDD

A meio da musicata, ouviu-se uma voz dizer em segredo, mas de modo que todos ouvissem:

– A Tia Hermínia só toma banho na Páscoa.

O pessoal riu-se. Aquilo seria brincadeira de garotos…

Logo a seguir, outra revelação:

– O Armindo e a Arminda andam a namorar às escondidas.

Embora a maioria da aldeia já soubesse, alguns estranharam o despropósito da notícia, a interromper a música.

– O Porfírio faz de pobretana, mas tem quilos de notas a forrar o colchão.

Aqui a surpresa foi maior, sobretudo para o Porfírio, mendigo de mão estendida à porta da igreja.

Mas donde viriam as falas? Da cabine de som não era. Do cantor, que no palco esbracejava a sua irritação, também não era.

– A Dona Camila já não paga aos criados há três meses, mas não quer que se saiba.

Aquilo já soava a escândalo. Foi a própria Dona Camila que apontou para o altifalante, pendurado na parede, a tal que tinha ouvidos:

– A voz vem dali.

Pois vinha. Arrancaram os fios ao altifalante e a voz calou-se. Acabaram-se as novidades, as inconfidências.

E, à cautela, quando voltou a haver festa na terra, nenhum altifalante coube à parede que sabia demais.

FIM

© APENA - APDD

O BOI MANSO

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

O boi regressava do trabalho, ao entardecer. Vinha muito cansado. Por caminhos torcidos e pedregosos puxara, o dia todo, um carro de bois, que, bem vistas as coisas, devia antes chamar-se carro de boi, porque ele, sozinho, fazia as vezes de uma junta de bois, dos mais possantes.

Estava mesmo exausto. A caminho do estábulo, já apaladava, na imaginação, a saborosa ceia de feno, que o aguardava na manjedoira. Merecida.

Entrou no estábulo e o que viu? O cão da quinta, deitado no fofo do feno.

– Tenha muito boas noites – disse o boi, que era muito manso e bem-educado. – Podia fazer o favor de sair de cima da minha manjedoira?

– Não. Não - ladrou o cão.

O boi, cheio de paciência, insistiu:

© APENA - APDD

– Estou com muita fome, mas prometo-lhe que, depois de comer, ainda lhe deixo feno suficiente para a sua cama. Agora, agradeço-lhe que me desampare a manjedoira.

– Não. Não - ladrou o cão.

– Admito que esteja a incomodá-lo, mas será por pouco tempo. Com a fome que trago, garanto-lhe que como o feno num instante. Podia afastar-se por um bocadinho?

– Não. Não - ladrou o cão.

– Eu entenderia a sua má disposição se o soubesse apreciador de feno. Mas se para si não serve, senão como cama, porque me proíbe de comer? Ou quer provar também do meu jantar?

– Não. Não – ladrou o cão.

Era malhar em ferro frio. O cão não saía da sua, não se convencia com boas palavras. Que outros argumentos podia o boi utilizar?

Vamos lá ver. Só há duas saídas para esta história.

Numa, o boi manso desiste da ceia e passa a noite roído de fome. No dia seguinte, voltará a trabalhar, em estado de fraqueza e tão debilitado que não conseguirá puxar o carro, como o dono lhe exige. Um boi sem préstimo é um boi condenado ao matadouro. Um triste fim, portanto.

Noutra hipótese, o boi manso lembra-se de que tem em comum com os bois bravos os chifres pontiagudos, que servem de defesa e de ataque. Uma marrada de boi é um caso sério.

Qual dos dois fins vamos escolher?

Tu é que decides. Tu é que mandas.

Já decidiste?

Pois foi assim mesmo, tal como determinaste. Uma resolução muito acertada.

© APENA - APDD

Contar mais, para quê? O que se passou dentro do estábulo nem se descreve. Tudo muito rápido.

Está, agora, um cão a ganir às estrelas:

– Caim! Caim! Boi ruim! Caim! Caim!

Porque será?

FIM

© APENA - APDD

A MENINA E O BURRO

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma menina que conhecia o campo, mas de longe. Vira-o, uma vez, de passagem, da janela de um automóvel. Vira-o, mais vezes, de corrida, nos ecrãs da televisão. E vira-o, outras vezes, disfarçado de paisagem, nas folhas das revistas e nas tampas das caixas de chocolate. Esta menina, afinal, não conhecia o campo a sério.

Por isso, da primeira vez que foi ao campo, da primeira vez que pisou o chão rugoso do campo e respirou o ar vivo do campo e os cheiros todos do campo, a menina ficou, há que confessar, a menina ficou um tanto atordoada.

Tropeçou numa pedra, comichou-lhe o nariz e picou-se nas urtigas. Mas, apesar destes contratempos, a menina, verdade se diga, não desgostou da experiência.

© APENA - APDD

É que havia muita coisa para ver. Havia folhas que estalavam, quando ela as pisava. Havia carreiros de formigas, flores sem nome, canaviais bulindo, árvores ramalhando e, não muito além do caminho por onde a menina seguia, um burrito de orelhas espantadas. Tinha o pêlo cinzento e não era de peluche.

A menina, que já ouvira histórias de príncipes encantados por fadas más, pensou: "E se é um príncipe transformado em burro?"

Podia ser. Tinha os olhos pestanudos e olhava para a menina cheio de curiosidade.

"Eu dou-lhe um beijinho, desfaz-se o encanto e ele transforma-se em príncipe", pensou a menina. "Até pode ser que, mais tarde, queira casar-se comigo."

A menina, que já se via princesa, aproximou-se do burro, para concretizar o que tinha pensado. Mas o burro é que não estava pelos ajustes. Quando viu a menina mais perto, fugiu a galope.

A menina correu atrás dele:

- Não te faço mal. É só um beijinho - prometia ela.

Mas o burro não queria saber. Era um burro novo, sem nenhuma prática social, e aquela criaturinha enervava-o.

Naturalmente, não era um príncipe encantado. Devia ser só um burro.

Também nos parece que sim.

FIM

© APENA - APDD

QUEM CAÇA QUER CAÇA

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Eram três caçadores. Um vinha à frente, outro no meio e o terceiro atrás. Percorriam terras e terras à procura de caça. Que caçavam eles? Tudo o que lhes passasse diante do cano das espingardas. Tudo o que cheirasse a bicho. Javalis, búfalos, panteras, tigres, elefantes, hipopótamos, crocodilos, hienas, lobos, lebres, coelhos, galinholas, perdizes, rolas, patos, pardais.

Mas pela região por onde se tinham metido, nada encontravam que se caçasse. Nem pulgas.

Dizia o primeiro caçador:

– Isto parece um deserto, colegas.

– Uma tristeza… Melhor seria desistirmos – dizia o segundo.

– Persistência, colegas! Onde está o vosso brio de caçadores? – perguntava o terceiro.

© APENA - APDD

Eles não sabiam. Só sabiam que andavam naquela teima, há muitas e muitas horas, com a sacola às costas, os cartuchos pendurados e a espingarda aos ombros.

– E se nós déssemos uns tiros para o ar? – propôs o primeiro caçador.

O segundo apoiou:

– Boa ideia, colega. Sempre era uma forma de nos distrairmos.

O terceiro caçador cortou-lhes o entusiasmo:

– Não façam isso, que gastam cartuchos…

Os outros dois caçadores calaram-se. Tinham em muito respeito o terceiro caçador, o que vinha atrás de todos.

Andaram, andaram, até encontrarem à beira da estrada, muito sossegado, a ver quem passava, um coelhinho pequenino e inocente.

– Mata-se! – disseram os três ao mesmo tempo.

– Mas qual de nós? - perguntou um deles a medo.

– Eu.

– Eu.

– Eu.

Discutiram. Perderam o respeito uns pelos outros.

– Eu vi-o primeiro.

– Eu sou o chefe.

– Eu sou o mais velho.

Entretanto, o coelhinho pequenino e inocente desapareceu.

Onde está? Onde se meteu?

Olharam-se, desesperados, e como estavam furiosos, começaram a dar tiros para o ar, tiros ao desbarato. Pum! Pum! E mais Pum! Pum!

© APENA - APDD

Quando tinham consumido o último cartucho, o coelhinho pequenino e inocente apareceu de novo, muito interessado em saber qual a razão de toda aquela barulheira.

FIM

© APENA - APDD

A GALINHA PERDIDA

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

Esta galinha tinha-se distraído e avançara para longe do pátio do quintal. Bica aqui, bica acolá, à cata do escaravelho cascudo ou da minhoca tenra, perdera-se das companheiras e ai que desceu a noite.

Por prudência, não se aventurou por descaminhos, ao calhar, apesar de a Lua prometer boa companhia.

– Mais depressa chegarei amanhã, à primeira luz do alvorecer – disse de si para si a galinha. – Ainda se tivesse pintos à minha espera, arriscava, mas como os últimos que tive já cantam de galo, não me ralo.

Procurou poleiro num ramo alto de uma árvore e, lá chegada, aninhou-se, nem que estivesse em casa.

Ela a fechar os olhos de sono, quando sentiu uma restolhada, na base do tronco. Por prudência, saltou para um ramo mais acima e esperou, de olhinho alerta.

© APENA - APDD

Era a raposa, que farejava presa de apetite.

– Senhora galinha, onde está que não a enxergo?

– Estou onde estou e bem muito obrigada – respondeu a galinha, que não estava para conversas.

– O seu estado põe-me em cuidado – persistia a velhaca. – Com esta aragem da noite, ainda apanha um resfriamento.

– Não se preocupe e vá à sua vida, senhora raposa.

– Preocupo-me e muito. Anda tanta humidade no ar, que não há melhor abrigo do que a capoeira. Quer que lhe indique o caminho?

A galinha nem respondeu. Teimava a raposa:

– Além do mais há o perigo das cobras… Se fosse a si descia donde está.

A galinha nem tugiu.

– O que mais me aflige é a sua saúde. Aí em cima, parada ao frio, constipa-se, engripa-se, ganha febre… Não terá já?

– Sou capaz de ter – disse a galinha, só para dizer qualquer coisa.

– Então desça que eu lhe tiro a temperatura e ausculto e examino a garganta. Tenho estudos de medicina veterinária, não sabia?

– Desculpe, senhora raposa, mas eu só me consulto com o meu médico – disse a galinha, rindo-se por dentro.

– E quem é que a assiste, pode-se saber?

– É o Fiel, o cão da quinta, que eu mandei chamar e está aí não tarda.

A raposa alarmou-se:

– E ele virá?

© APENA - APDD

– Já o oiço - disse a galinha.

– Sendo assim, vou-me embora eu, que não gosto de fazer concorrência a colegas de profissão.

E a raposa fugiu, de rabo entre as pernas.

Mais sossegada, a galinha escondeu a cabeça na asa e adormeceu. Nem sempre a raposa é a mais matreira…

FIM

© APENA - APDD

CRIADO DE CONFIANÇA

O António Torrado
escreveu e a
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Conde Qualquer Coisa e Tal admitiu ao seu serviço um novo criado. O rapaz não seria muito vivo de espírito, mas o senhor Conde tinha esta máxima:

– Os criados pouco espertos são de maior confiança.

Seriam ou não, é o que se vai saber.

Estava o novo criado a limpar o escritório do senhor Conde, quando encontrou no tapete uma moeda.

Assim que o senhor Conde chegou, o criado apresentou-lhe a moeda que tinha achado.

– Gesto bonito, sim senhor – agradou-se o Conde. – Fica tu com ela, como prémio da tua honradez.

Tempos depois, o senhor Conde deu por falta de uma libra de ouro, que tinha, juntamente com outras moedas antigas, numa prateleira do escritório. Estranhou e perguntou ao criado:

© APENA - APDD

– Tu, quando estiveste a limpar o escritório, por acaso não encontraste uma libra?

– Encontrei, sim, senhor Conde.

– Onde a puseste?

Respondeu o rapaz, com o ar mais inocente deste mundo:

– Fiquei com ela, como prémio da minha honradez.

FIM

© APENA - APDD

A RAINHA DAS PERAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

16 de Outubro
Dia Mundial da Alimentação

As pereiras dão peras. Não é novidade. Estranho seria se as pereiras dessem maçãs. Mas esta não é uma história vulgar.

Efectivamente, na pereira para onde nós apontámos a história não nasceram maçãs nem uvas nem romãs. Nasceu apenas, entre outras peras que não mereciam especial atenção, uma pêra e peras. Enorme. Gigantesca. Uma senhora dona pêra.

– Parece uma abóbora – disse o dono do pomar para a mulher. – Se não a amparamos, parte o tronco.

A pereira gemia ao peso da pêra fenomenal. Toda inchada para um lado, também era um fenómeno que ainda se não tivesse partido.

Para reequilibrar a árvore, o dono do pomar trouxe um banco que pôs debaixo da pêra. Assim apoiada, a pêra cresceu e engordou que metia impressão.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– É uma pêra sentada num banco – diziam as outras peras, umas invejosas.

A notícia da pêra gigante chegou aos ouvidos do rei. Até lhe contaram que a pêra era tão grande, tão majestosa, que para ela tinha armado um trono, à beira da árvore donde provinha. Uns exagerados.

– Se ela é a rainha das peras tem de vir para a mesa do rei – ordenou o monarca, que era um glutão, talvez até o rei dos glutões.

Trouxeram-na numa padiola, suportada por dois homens.

O rei, que estava no desfecho de um banquete – só faltava a fruta –, o rei espantou-se.

– Descasquem-na – ordenou.

Três criados, armados de grandes facas, demoraram uma hora na operação. A pêra sumarenta e suculenta foi posta numa imensa travessa, diante do rei.

– Ainda cá estou – disse o rei, espreitando por trás da pêra.

Já não era o rei, mas a pêra que presidia o banquete. Todos os cortesãos olharam para a cabeceira da mesa, aguardando a continuação da história.

O rei pegou numa colher e espetou-a na polpa da pêra. Depois, provou. Provou e fez uma careta.

– Está verde – disse.

Um Ah! de desolação prolongou-se, em coro, pela mesa fora.

– Está verde – disseram todos os cortesãos, fazendo um ar muito desconsolado.

A pêra tinha sido colhida antes do tempo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Por culpa da precipitação do rei, que exigira a pêra à sua mesa, ninguém se preocupara em saber se a pêra já estava na conta. E, agora, era tarde. Não podiam voltar a pendurá-la na árvore. Era uma pêra desperdiçada. Era um enorme desperdício.

Enterraram-na no jardim, depois de os jardineiros terem cavado um fundo buraco.

Anos depois, floresceu uma pereira naquele sítio. Como? Porquê? A memória do rei e dos cortesãos era muito curta.

Mas o príncipe, filho do rei, passou por ali e colheu uma perinha madurinha. Provou. Gostou. E não se esqueceu.

Passou a pedir para a sobremesa as peras daquela pereira do jardim.

O príncipe cresceu. Ganhou corpo. Fez-se um belo rapaz, um mocetão desempenado e atlético. Generoso, risonho, afável. E são como um pêro. Ou uma pêra…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

TROCAS E BALDROCAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O Joca perdeu o apara-lápis. Perder não perdeu. Trocou.

Depois de ter trocado o apara-lápis por uma borracha novinha, por estrear, é que achou que tinha perdido com a troca.

Quis desfazer o negócio junto do Rodrigo, que lhe tinha ficado com o apara-lápis jeitoso, em forma de bota de esquiador.

– Dá-me outra vez o meu apara e fica com a tua borracha – disse ele ao Rodrigo.

– Já não o tenho – respondeu o Rodrigo. – Troquei-o por este caderninho com bandeiras na capa. Quem tem agora o teu apara-lápis é a Lurdes.

O Joca foi ter com a Lurdes, que estava a saltar à corda:

– Queres esta borracha nova pelo apara-lápis que era do Rodrigo?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Sete…oito…nove…dez… – respondeu-lhe a Lurdes, sem deixar de saltar à corda.

– O apara-lápis já foi meu e queria que voltasse a ser…

– Onze…doze…treze…catorze…quinze – respondeu-lhe a Lurdes, sem deixar de saltar.

– Trocas ou não trocas?

– Dezasseis…dezassete…dezoito…dezanove…vinte.

E parou. Quase sem fôlego, a Lurdes respondeu ao Joca:

– Troquei o apara-lápis por esta corda. Quem o tem agora é a Fátima.

O Joca foi ter com a Fátima.

– Já não tenho. Troquei-o por um lugar, na aula, ao lado da minha amiga Filomena.

Mas quem estava sentado ao lado da Filomena era o Rodrigo, lembrou-se o Joca. Foi outra vez ter com o Rodrigo.

– Ainda tens o apara-lápis? – perguntou-lhe.

– Ia trocá-lo com o Zeca por um carrinho.

– Mas eu dava-te outra vez a borracha – apressou-se a dizer o Joca.

Então o Joca, com o coração muito apertado, foi buscar ao fundo da algibeira das calças um carro novo, que trouxera de casa pela primeira vez.

– Queres este? – perguntou o Joca ao Rodrigo.

Ele examinou-o cuidadosamente, experimentou-o no lajedo do recreio e concordou. Voltara o apara-lápis às mãos do Joca. Que alívio!

Mas virando as costas ao Rodrigo, o Joca começou a ter saudades do seu carrinho, que corria tão bem pelo corredor fora. E se voltasse atrás com o negócio? Volto não volto…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Volta ele, não voltamos nós a contar, que estas histórias de trocas e baldrocas são muito cansativas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS ALIADOS DESAVINDOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias
ilustrou

O leopardo e o leão combinaram ir à caça juntos.

Que susto para o resto da bicharia! Se cada um deles por si só já fazia muito estrago, o que seria com os dois, em aliança?

– Aliança de pouca dura – garantiu o urso, que tinha fama de urso sábio.

Mas, até ver, os bichos mais indefesos tomaram as suas precauções. Esconderam-se nas suas tocas os que as tinham, abrigaram-se onde puderam os que não tinham casa sua. Todos muito quietinhos.

Mas um zebu imprudente perdeu-se do resto da manada e, sem saber como, viu-se cercado pelo leopardo e pelo leão. Patada de um, patada de outro, e o zebu ficou pronto para o almoço dos dois carniceiros.

– Esta primeira caça pertence-me – sentenciou o leão.

Claro que o leopardo não estava de acordo:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– E com que direito, se os dois caçámos o zebu? Tanto é seu como meu. Podemos comê-lo a meias.

– Alto lá! – disse o leão. – Nós combinámos caçar juntos. Não combinámos comer juntos.

– Ora essa! – protestou o leopardo. – Para mim é a mesma coisa, mas se faz diferença, porque é que há-de ser o leão o primeiro a comer?

– Porque eu estou habituado a uma primeira refeição de mais substância e só um zebu inteiro me matará a fome – rugiu o leão.

– E eu fico a vê-lo refastelar-se com o que nós dois caçámos? – opôs-se o leopardo. – Isso é que era bom!

– Bem bom – anuiu o leão, já de boca cheia.

O leopardo arrancou-lhe a febra da boca.

– Largue o que me pertence. Isto não fica assim.

Bulharam. Lutaram. Rebolaram no chão, qual de cima qual de baixo, ferozes como mais nenhuns.

Aproveitando a confusão da luta, um bando de chacais, a rirem-se da velhacaria, roubaram-lhes a presa.

Quando o leopardo e o leão deram pela ladroeira já era tarde.

Resultado: nunca mais quiseram caçar juntos.

– Tal como eu calculava - disse o urso sábio, que gostava sempre de tirar uma lição destas histórias de bichos. – Dois aliados de tamanha força, mais tarde ou mais cedo zangam-se. Nestas ocasiões, os mais fracos é que aproveitam.

A restante bicharada concordou, com um longo suspiro de alívio.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A TEIA DE ARANHA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eu tive de ir ao sótão procurar uns jornais antigos.

Como toda a gente sabe, o sótão é o lugar da casa que menos é limpo. Nunca se convida as visitas para ir ao sótão. Nunca se utiliza o sótão, cheio de baús, malas e caixotes, para dar festas de aniversário. Até talvez não fosse má ideia…

Eu a entrar no sótão, e a esbarrar com uma teia de aranha.

– Que falta de consideração – barafustou a aranha. – Uma teia que me deu tanto trabalho a fabricar!

– Foi sem querer. Desculpe – disse-lhe eu, um tanto encavacado.

– Quem estraga, arranja – gritou-me ela.

– Mas eu não sei tecer teias de aranha…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Então, não tivesse rasgado. Quem estraga, arranja – insistiu ela.

Não tenho feito outra coisa. Pedi instruções a um tecelão, a uma bordadeira e a uma senhora que trabalha em malhas. Cada uma ensinou-me o que sabia e eu, mal ou bem, com uma agulha muito fininha e um fio de nylon ainda mais fino tenho passado os dias no sótão a cosipar a teia da dona aranha.

Com tantas responsabilidades na minha vida, tantas histórias para contar, e sucede-me a mim uma destas. Ainda se a aranha se calasse, mas não se cala:

– Quem estraga, arranja.

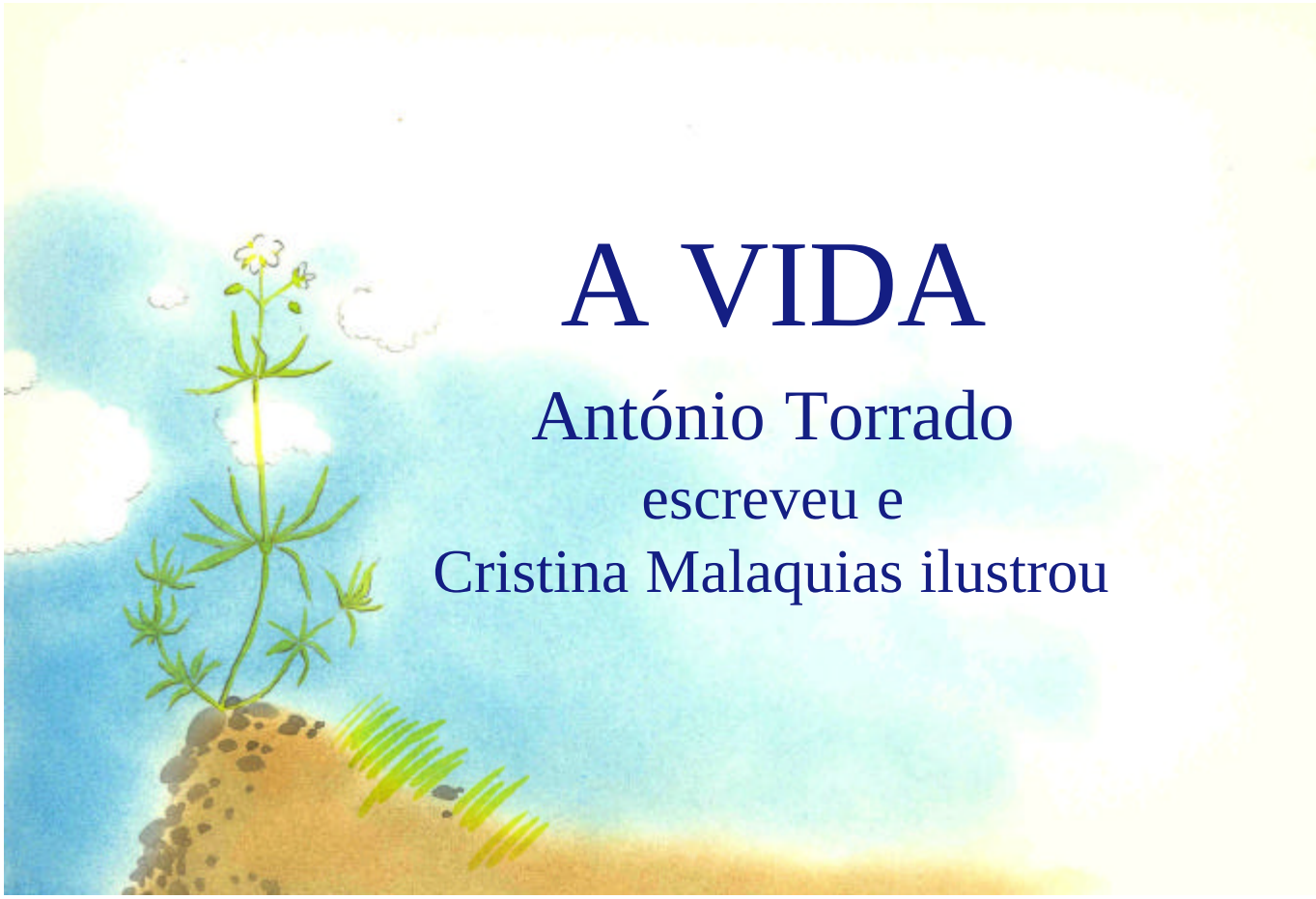
E sempre a desfazer do meu trabalho:

– Que falta de jeito. Que horror.

Mais dia, menos dia, também eu me enervo e mando a aranha contar histórias, em vez de mim. Sempre queria ver como é que dava conta do recado.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



A VIDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um belo cabelo levado pelo vento. Loiro. Vinha uma corrente de ar e soprava-o para um lado. Vinha outra corrente de ar e soprava-o para o outro. E o cabelo rodopiava, solto à luz do Sol, que com qualquer coisa se maravilha. Até um singelo grão de pó, tocado pelo Sol, fica como se fosse de prata…

Cabelo de anjo seria? Cabelo de fada? Cabelo de menina que pela primeira vez se penteia?

– Esta história tem um cabelo – disse alguém, fazendo uma careta, como se dissesse "Esta sopa tem um cabelo" e a pusesse de lado.

Pois tem. E depois? Um cabelo não merece história?

Então, continuemos.

O cabelo encontrou-se no ar com uma pena, uma pequeníssima pena, tão leve como ele. De pavão? De pintassilgo? De canário? Tanto faz. Há muito tempo que sabia voar sozinha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Cabelo e pena são agora dois. Junta-se-lhes um fiapo de algodão, tão sem destino como eles. Já são três. E a história complica-se.

Para complicá-la mais, veio ter com eles um fio de seda, sabe-se lá donde… Talvez de uma bordadeira que sacudiu a saia. Ou de uma fita a enfeitar cartas, que o tempo esqueceu…

São coisas sem nada, sem peso, sem destino, mas com muita história por contar.

Uma semente, depois, agarra-se à pena, ao cabelo, ao fiapo, ao fio de seda, e todos juntos dançam a moda que o vento quer.

Ah, mas a semente é pesada e a dança termina cedo. Cai, arrastando consigo na queda as asas a que se juntara.

Logo a seguir veio a chuva. A semente afunda-se, um niquinho só, mais o rolo de coisas sem futuro, que caíram com ela.

E pronto.

Para a próxima Primavera, daquela semente vai nascer uma erva, com uma flor ao cimo. Uma flor branca, como o fiapo de algodão, de pétalas frágeis como penas. Há-de vir o vento arrebatá-la da haste e levá-la com ele, como um fio de seda, um cabelo, eu sei lá que mais…

É a vida.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

AS ÁRVORES QUEREM MANDAR

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No reino das árvores, as pessoas mandam muito. Dizem até algumas árvores que as pessoas mandam demais. Pois se, para que as árvores cresçam, há que escorá-las, para que elas se desenvolvam, há que podá-las, para que elas ganhem força, há que regá-las, o que é que resta às árvores, o que é que lhes cabe fazerem sozinhas?

– Fazemos os frutos – dizem as árvores mais experientes. – As pessoas ainda não conseguem fazer peras, maçãs, laranjas, romãs, cerejas, ginjas, ameixas, sem nós.

– Mas, depois, as pessoas tiram-nos o que fizemos – dizia um limoeiro novo.

– E para que é que tu precisas dos limões, meu tolo? – replicava uma macieira com muitos anos de vida.

– Para enfeitar – respondia o limoeiro.

Aconteceu que, naquele ano, por altura da apanha, o reino das árvores não foi visitado por ninguém.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O dono do pomar estaria doente ou teria ido para fora, talvez desinteressado das árvores a que, noutros anos, dera toda a atenção.

Os frutos por colher pendiam dos ramos. Uns secaram. Outros caíram no chão, apodrecidos. Uma lástima.

Ainda se aquele pomar ficasse perto da estrada que leva à escola, talvez houvesse quem se tentasse e fizesse a colheita por sua conta… Mas, como ficava num sítio isolado e pouco acessível, ninguém deu pelo pomar ao abandono.

Vieram os pássaros. Vieram as lagartas. Vieram os insectos. Foi uma razia.

Depois, o terreno do pomar não teve quem o lavrasse. Cresceram as silvas e as ervas daninhas. Muitas árvores ganharam moléstia. Deram, quando deram, uns frutos murchos e raquíticos. Sem préstimo.

Quando, tempos depois, o pomar abandonado foi visitado por pessoas, metia dó.

O pequeno limoeiro, que, entretanto, crescera, olhava em volta e só via árvores secas.

– Uma ruína – diziam as pessoas. – Salvou-se o limoeiro, porque é árvore resistente, mas mesmo esse precisa de tratamento.

Acompanhado e tratado arribou. É, agora, um belo e perfumado limoeiro, que não se importa nada, mesmo nada, de dar os seus limões às pessoas que lhos pedem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SÓ UM DIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O dia nasceu enfarruscado. A pesada manta de nuvens cobria o céu todo, sem deixar de fora sequer uma nesga de azul. Devia ser do frio.

As pessoas iam à sua vida, encafuadas nos seus pensamentos, sem a sombra a acompanhá-las. Faltava a luz do Sol.

– Que dia tão feio – disse alguém.

O dia, que poucas horas tinha de vida, amuou e fez beicinho. Choramingou. Choveu.

– Já cá falta a chuva… – disse mais alguém, chapinhando na lama. – Que dia horrível.

O dia sentiu-se e, ofendido, mais carrancudo se pôs. E protestou, em forma de trovoada.

Trovejou e choveu que tempos. Depois de muito ter barafustado, o dia cansou-se. Pararam chuva e trovões. Foi um alívio. Ficou o ar lavado e a terra encharcada e contente.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Há dias piores – disse alguém.

Não era um elogio, mas para aquele dia, que ainda não ouvira uma palavra amável, soou a elogio. Com um suspiro reconfortado, deixou que uma brisa desvanecesse as nuvens. Começaram a desenhar-se as sombras atrás das pessoas.

– Ainda vamos ter um lindo dia… – disse alguém.

O dia abriu-se num sorriso que rasgou o céu de par em par, muito azul, muito luminoso.

Brilharam as ervas e as folhas ainda molhadas.

– Que dia maravilhoso – diziam as pessoas umas para as outras.

O dia também era da mesma opinião. Mas de si para si comentou: "Como as pessoas são inconstantes. Ora dizem uma coisa ora dizem outra. Não as entendo".

Pois era. Para entender as pessoas um dia não bastava…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O TAMBOR É QUE MANDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

23 de Outubro
Dia das Nações Unidas

Este tambor, mal nasceu, foi logo para o serviço militar.

Acabar de ser feito, de pele nova e madeira pintada de fresco, e, logo de seguida, assentar praça, à frente dos recrutas, não é destino que se inveje.

À frente dos recrutas e a comandá-los:

– Esquerdo, direito, um, dois… Esquerdo, direito, um, dois… Toca a marchar, seus bimbos, sempre à voz do tambor - gritava o sargento para os atarantados taratas.

Também eles tinham acabado de chegar ao quartel. Vinham do campo, vinham das oficinas, vinham das praias de pescadores, e desde que se sabiam gente que se equilibravam nas duas pernas, uma à frente da outra, a andar ou a correr. Mas marchar, às ordens de um tambor, custava mais.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Acertem o passo pelo tambor, seus azelhas – gritava o sargento. – Esquerdo, direito, um, dois… Esquerdo, direito, um, dois…

O tambor comandava o melhor que podia. Sempre certinho, que uma só desafinação e ai que se desmanchava um batalhão inteiro.

– Com mais genica, seu tambor – gritava o sargento.

E o tambor-mor dava-lhe com força:

– Rataplã-plã-plã! Rataplã-plã-plã!

O sargento ameaçava:

– Quando chegarmos à guerra, sempre quero ver como é que se portam!

Aquilo não era a brincar. Estavam a preparar soldados para coisa mais séria. Uma guerra de verdade.

O tambor também foi chamado. Era um tempo em que os exercícios avançavam para o campo de batalha ao som dos tambores. Na mais infernal mistura de ruídos, toques de cornetim, troar de canhões, silvar de balas, gritos e gemidos, o bater compassado dos tambores nunca abandonava os combatentes.

Os soldados marchavam em linha, de armas apontadas. À frente deles, o tambor, marcando o passo do avanço.

Podiam os generais ficar lá atrás, a ver a batalha por um binóculo. Quem comandava as tropas era o tambor.

O que ele sentia, as desgraças que via, não conseguia descrevê-las. Pois se a única coisa que ele tinha aprendido a dizer era:

– Rataplã-plã-plã! Rataplã-plã-plã!

Até que, um dia, calou-se. Houve tréguas. Combinou-se a paz.

Calou-se ele e calaram-se os canhões. Até que enfim.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Até que enfim ia descansar. Soldado toda a vida, com tanta responsabilidade em cima, também cansa. Merecia sossegar. Merecia o silêncio. Merecia a sua paz.

Mas não o deixaram.

Os que tinham sobrevivido aos horrores da guerra juntaram-se em marcha de alegria pelas ruas, cheias de gente, que os aclamavam e lhe lançavam flores.

Voltaram a troar os canhões, mas agora só com pólvora seca. Os sinos badalaram em todas as terras.

À frente da marcha, o tambor descobria uma maneira nova de dizer que aquele era o dia mais feliz da sua vida:

– Rataplã-rataplã-rataplã! Plã-rataplã! Plã-rataplã!... Rataplã-rataplã-rataplã! Plã-rataplã! Plã-rataplã!... Rataplã- rataplã-rataplã!

E nunca mais quis tocar outra música.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A FERRADURA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma velha ferradura.

Um senhor encontrou-a, levantou-a do chão e meteu-a no bolso do sobretudo.

– É para dar sorte – disse o senhor de si para si, muito convencido do que dizia.

Quando chegou a casa e a mulher foi pendurar o sobretudo no cabide é que foram elas.

– Tens o sobretudo tão pesado, homem - intrigou-se ela.

O senhor explicou o porquê:

– É para dar sorte.

– Se dá sorte, não sei – repontou a ela. – O que sei é que o peso da ferradura rompeu o bolso do sobretudo. Tirá-la de dentro do forro vai ser o cabo dos trabalhos.

O senhor, pacientemente, recuperou a ferradura do sobretudo, que foi para coser, e pendurou-a num prego atrás da porta.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– É para dar sorte.

No dia seguinte, ia ele a entrar em casa com a mulher, e a porta não se abriu. Porque seria, porque não seria… Tiveram de entrar em casa, a muito custo, por uma janela.

A ferradura tinha caído e entalara-se em cunha na porta, impedindo-a de abrir-se.

– Estou a ver que a ferradura só dá trabalhos – comentou a mulher.

O senhor não ligou e foi meter a ferradura numa gaveta:

– É para dar sorte.

Passado tempo, a mulher veio mostrar-lhe umas camisas todas manchadas:

– Puseste a maldita da ferradura na gaveta, encheu-se de ferrugem e deu cabo destas camisas. As melhores que tinhas…

Então o senhor aborreceu-se. Estava desiludido com a ferradura que só o metera em trabalhos.

– Vou desfazer-me do raio da ferradura. Para dar sorte… – e atirou-a pela janela.

Por pouca sorte, a ferradura foi bater no capot de um automóvel que ia a passar. Pior seria se tivesse acertado em alguma cabeça. Mesmo assim amolgou o automóvel.

Veio o automobilista pedir explicações:

– Quem é a besta que anda a atirar os sapatos para o meio da rua?

O senhor, que achara a ferradura, teve de pedir muitas desculpas e pagar uma indemnização, para que o caso ficasse por ali. E para que a história acabasse aqui.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

LÁGRIMAS DE CROCODILO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias
ilustrou

O crocodilo estava com uma grande dor de dentes. Quem lhe acudia?

Dentista, na selva não há. Podia procurá-lo na cidade mais próxima, mas quem lhe garantia que, depois, o deixavam voltar ao rio do seu pachorrento viver?

Os gemidos do crocodilo metiam dó.

Um passarito saltitante aproximou-se, mas não muito, e perguntou-lhe:

– O dente que dói é incisivo, canino ou molar?

O crocodilo não sabia.

– É cá para trás, na queixada – respondeu ele.

– Então é molar e deve estar furado - concluiu o esperto passarinho.

Muito se admirou o crocodilo com a ciência do passarinho. E, numa voz de sofrimento, perguntou-lhe se ele não se importava de tratá-lo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O passarinho saltitou, hesitante. Outros passarinhos da família, que andavam por perto, avisaram-no:

– Vê lá no que te metes. O crocodilo pode não ser de confiança…

Mas o passarinho, que tinha bom coração, decidiu arriscar.

– Abre bem a boca – disse ele ao crocodilo.

Saltitando entre os dentes do crocodilo, como sobre um teclado de piano, o passarinho deu com o dente furado. Era, realmente, um dos últimos, já no escuro da boca enorme do crocodilo.

Com muita eficiência, o passarinho brocou, limpou e tapou o buraco do dente magoado. Só lhe faltava diploma para dentista a sério.

– Abre mais a boca, para eu sair a voar.

Mais o crocodilo a fechava…

Cá fora, os outros passarinhos piaram de susto.

– Tratei-te. Quero sair – exigiu o passarinho e a vozinha dele ecoou na boca cavernosa do crocodilo.

– Palita-me e limpa-me o resto da dentadura – pediu o crocodilo, entre dentes.

Caiu-lhe uma lágrima do olho esquerdo e outra, a seguir, do direito.

– Lágrimas de crocodilo – piaram os passarinhos em bando. - Velhaco. Patife. Hipócrita.

Mas, afinal, estas eram as lágrimas sinceras. O crocodilo sentia-se aliviado e agradecido.

Quando o passarinho, depois de ter feito uma limpeza geral aos dentes do crocodilo, voou para o meio dos outros, foi recebido como um herói.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E, daí em diante, todos os passarinhos saltitantes da beira-rio passaram a frequentar as queixadas dos crocodilos, à cata de restos de comida.

Ganham os crocodilos e ganham os passarinhos. Ao contrário do que consta, na selva também há harmonia.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OS ZEPENINOS E NÓS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias
ilustrou

O planeta Zepeni, escondido, algures, numa curva do Universo imenso, à esquerda de quem sobe, é muito pequenino.

Nenhum astrónomo da Terra ainda deu com ele, mas existe. Não é invenção minha.

Os habitantes de Zepeni estão muito desenvolvidos. Deslocam-se pelo espaço a velocidades incalculáveis, numa espécie de discos voadores do tamanho de rolhas de cortiça, porque os zepeninos, a condizer com o planeta onde vivem, não são de grande estatura. Talvez do tamanho de joaninhas ou pouco mais ou menos.

Todos usam uns fatos luminosos, que lhes permitem explorar os sítios mais obscuros. Os zepeninos são muito empreendedores e viajados.

Uma vez, nas suas viagens de exploração pelo Universo, tocaram a Terra. Foi numa destas noites de Verão.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O disco voador em que eles vinham aterrou à beira de um laguinho de jardim.

Com alguma prudência, três zepeninos desembarcaram.

– Este planeta não deve ser habitado – calculou um deles, perante o silêncio da noite.

Outro dos zepeninos acrescentou:

– Estamos no litoral de um enorme mar, que passará a chamar-se Mar da Tranquilidade.

Era o laguinho do jardim, já se vê.

Uma rã perto deu-lhe para coaxar.

– Cuidado! Afinal este planeta tem monstros.

Os três zepeninos puseram-se na defensiva e avisaram a nave para estar alerta.

Atraídos pelo brilho dos fatos dos zepeninos, aproximaram-se mosquitos.

– Estamos a ser atacados por aves terríveis.

Uns pirilampos, intrigados com aqueles bichinhos alarmados, sobrevoaram-nos, num voo lento.

– Além de ter monstros, o planeta sempre é habitado. São parecidos connosco, mas não comunicam na mesma onda de pensamento.

Fosse como fosse, os zepeninos tentaram explicar aos pirilampos donde vinham, quem eram e o interesse exclusivamente científico das suas viagens pelo Universo.

Depois, porque ao coaxar da primeira rã outras rãs responderam, a barulheira tornou-se insuportável. Muito sensatamente, os três zepeninos resolveram regressar à nave.

– Descolar! – ordenou o comandante do disco voador.

E o disco voador do tamanho de uma rolha de cortiça subiu ao céu.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Lá dentro, os três zepeninos exploradores completavam o relatório de viagem:

"Visitámos um planeta muito primitivo. Os seus habitantes principais possuem algumas semelhanças connosco, deslocam-se pelo ar, mas estão cientificamente muito atrasados. Ainda têm de sofrer muitas mutações antes de nos chegarem aos calcanhares."

Até talvez, no fundo, os zepeninos tenham alguma razão.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O AUTOMÓVEL CANSADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias
ilustrou

Era um automóvel que trabalhava todos os dias.

Acordava ou acordavam-no de manhã cedo e lá ia ele com o dono para o trabalho.

Ainda se o dono trabalhasse o tempo todo num escritório, vá que vá. O automóvel, nesse caso, até podia descansar uns bons bocados, encostado ao passeio.

Mas o dono era dos irrequietos. Passava o dia de um lado para o outro, pára, logo arranca, depressa que se faz tarde, num corrupio que fazia aflição. Há empregos assim, muito fatigantes, tanto para as pessoas como para os carros.

E aos fins-de-semana? Aos fins-de-semana, o dono do automóvel levava a família a passear.

Em resumo, o carro nunca descansava.

Um dia, cansado de tanto correr, protestou.

– Este motor não anda bom – disse o dono.

Protestou mais.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Este motor está a pedir uma grande revisão – disse o dono.

De protesto em protesto, o automóvel resolveu fazer finca-pé. Parou, de vez.

- Temos de chamar um reboque e mandá-lo para a oficina - disse o dono.

Disse mais coisas, mas nós não contamos… Pudera. A meio do passeio de domingo, acontecer uma destas, quem é que não perde a paciência?

Tão exasperado ficou o dono que resolveu trocar de carro. Apetecia-lhe um automóvel mais novo, mais potente, de um modelo mais moderno.

O automóvel desta história foi arrecadado num armazém de automóveis velhos.

– Daqui só para a sucata – disse-lhe uma carrinha muito desgastada pelos anos de serviço a um colégio.

Agora tinha tempo para descansar. Descansou.

Mas as prolongadas férias acabaram por pesar-lhe.

Às vezes, aparecia alguém com vontade de comprar um carro barato, ainda em bom estado… Os automóveis alinhados aguardavam a decisão, com ansiedade.

– Qual é o preço deste? – perguntou uma senhora ao vendedor.

– Tanto – respondeu o vendedor.

– Só dou tanto – disse a senhora.

O comprador encolheu os ombros, em sinal de concordância. O automóvel desta história ganhava um novo dono, aliás dona, aliás Dona Henriqueta.

– É só para dar de vez em quando uns passeios, visitar os filhos, os netos – explicou a senhora. – Nada de velocidades nem de grandes viagens. Este carrinho dá-me jeito.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A Dona Henriqueta já está reformada. O automóvel ainda não. Teve sorte ou melhor, ambos tiveram sorte, porque o automóvel ainda dá muito boa conta do recado.

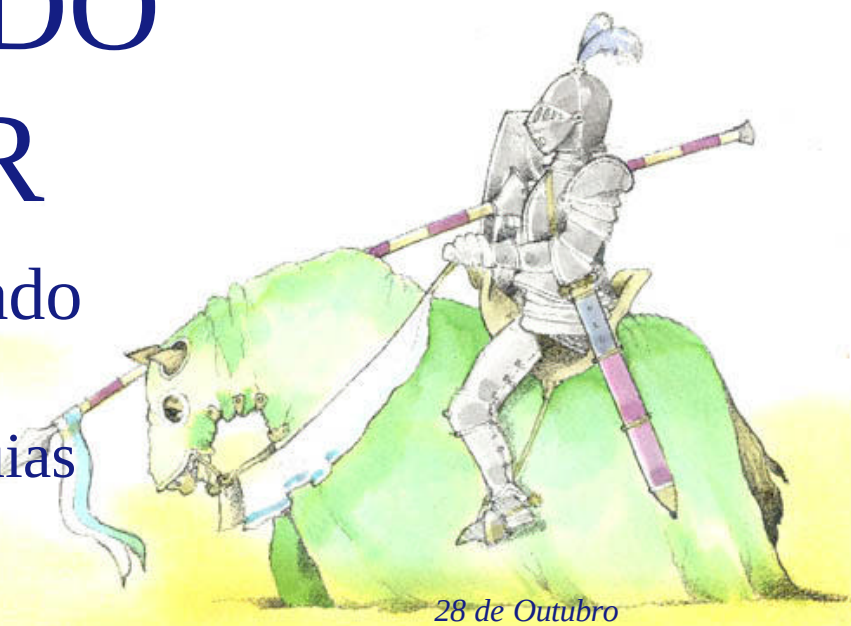
Está ali para as curvas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PESO DO DEVER

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias
ilustrou



28 de Outubro
Dia Mundial do Idoso

Era uma vez um cavaleiro, desses que havia dantes, de lata por fora, fechados por dentro, e de comprida lança levantada, com uma bandeira na ponta, a flutuar ao vento… Estão a ver, não estão?

O cavalo que suportava este cavaleiro não tinha grande vocação para cavalarias altas.

"Se o meu dono dispensasse a armadura, até o caminho passava a ser mais macio."

Conversa de cavalo cansado…

Talvez o tivesse percebido o cavaleiro, porque à beira de um regato susteve a marcha do cavalicoque e apeou-se. Apetecia-lhe tomar um banho. Desfez-se da pesada armadura, enquanto o cavalo pastava, e foi procurar um sítio mais fundo, onde pudesse banhar-se a seu gosto.

"Quem me dera que a história se ficasse por aqui", suspirava o cavalo, aliviado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Uns meliantes, salteadores de estrada, que por ali estavam escondidos, viram o cavaleiro afastar-se e acharam que era boa altura para agir. Cobiçaram a armadura e cobiçaram o cavalo. Este, adivinhando-lhes as intenções, fugiu-lhes a tempo. Que levassem a armadura! Era da maneira que o resto da jornada menos custaria. Carregar um cavaleiro, sem a casca-carapaça de ferro e lata, valia por um passeio.

De longe, o cavalo viu os ladrões alcançarem as peças da armadura para cima de um macho desgraçado. Teve um rebate. O dono tão desprevenido e ninguém que o avisasse. Só se ele, cavalo, tomado a brios… Mas para quê, se o assunto não era da sua conta? Ou seria? Afinal, talvez fosse…

O cavalo relinchou um alarme. Logo o cavaleiro, que deixara a espada na margem, se apercebeu do perigo. Agarrou no espadão e, mesmo nu e a pingar, saltou para o cavalo e fez frente aos salteadores, que fugiram, mais o macho, largando tudo, numa grande balbúrdia de lata amolgada.

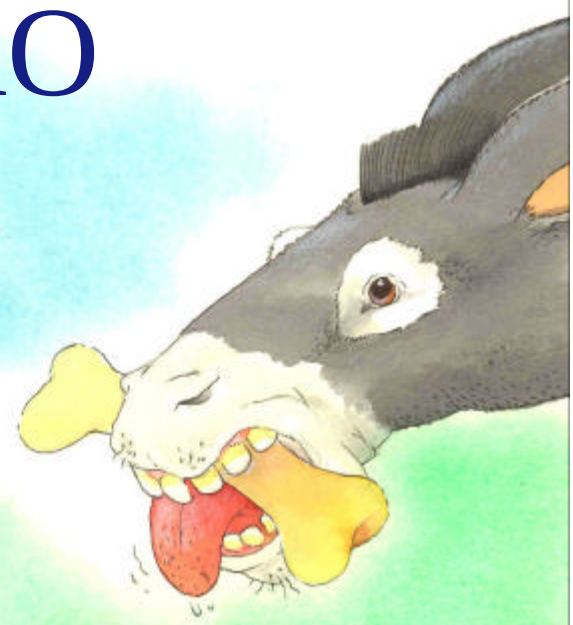
Revestido de novo da sua vaidosa armadura, o cavaleiro, fincando os joelhos de ferro nos lados da montada, incitou-a a prosseguir caminho. Carregado ao peso do dever, o cavalo obedeceu.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

BURRO CÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias
ilustrou



Era uma vez um burro de trabalho, daqueles que carregam o dobro do seu peso, de casa para o mercado e do mercado para casa. Mais esforçado burro não havia.

O dono pouco lhe ligava. Alimentava-o, dava-lhe cama na estrebaria e uma chibatada ao descair, uma vez por outra, sobretudo quando o burro se atrasava pelos caminhos tortuosos da serra.

Nem uma festa nas orelhas, que lhe sacudisse as moscas, nem uma palavra de reconhecimento, ao fim de um dia de canseiras. Nada.

O burro sentia-se. Achava-se, como se compreende, digno de maior apreço.

E mais se sentia quando reparava que o dono era só mimos e afagos para os cachorrinhos que a cadela da quinta dera à luz.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Os cachorros mordiscavam a bainha das calças do homem e ele ria. Lambiam-lhe as mãos e a cara e ele ria. Saltavam-lhe à frente, a ponto de o fazerem tropeçar, e ele ria.

– Não é justo – pensava o burro. – Os canitos não alombam com o meu carrego, não puxam a carroça, não aguentam com o meu dono às costas e ele faz-lhes festinhas, brinca com eles e enternece-se com os disparates e traquinices dos bichos, como nunca o vi tão manso assim.

E era verdade.

– Se quero receber alguma festa ou prova de simpatia do meu dono, estou a ver que tenho de proceder da mesma maneira - continuou a penar o pobre do burro.

E assim fez.

Na manhã seguinte, quando o dono o acordou, para atrelá-lo à carroça, o burro começou aos saltos e aos zurros, que, segundo ele, imitavam os latidos dos cachorrinhos.

O dono ficou parvo:

– Que mosca te mordeu, malandro?

E foi buscar o chicote.

O burro corria atrás dele. Dava-lhe dentadas nas calças, lambia-lhe a cara e até tentou pôr-lhe as patas nos ombros. O homem caiu ao chão.

O burro zurrava, abanando a cauda e dando saltinhos, à roda do dono.

– Este burro endoideceu – gritou o homem, levantando-se. – Espera lá que já te ensino a ganhares juízo.

Deu-lhe tal desanda que, não tivesse a mulher do dono, a certa altura, tirado o cabo do chicote das mãos do marido, esta história tinha tido ainda um fim mais triste do que, de facto, teve.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

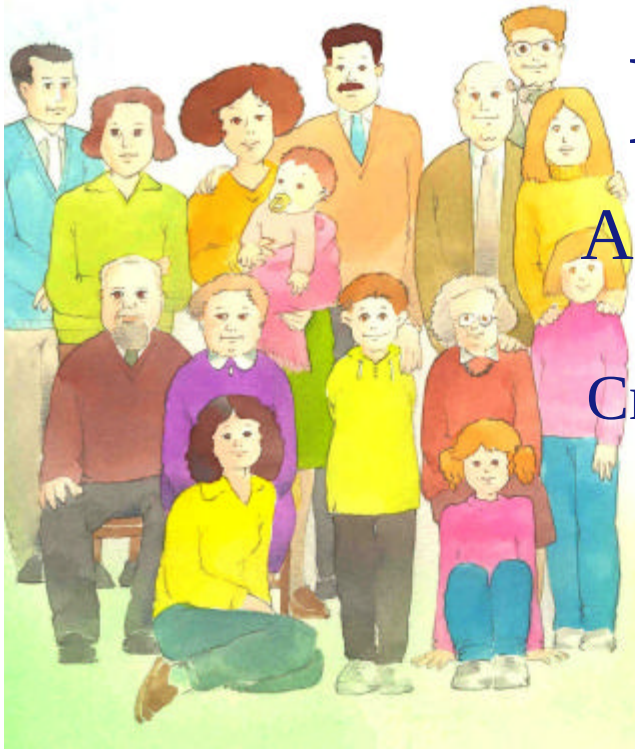
Nem todas as histórias podem acabar bem. Esta acaba com o burro preso à manjedoira, derreadinho da sova, e a mulher do dono a cuidar-lhe das feridas, com emplastros e unguentos.

Vá lá, que podia ser pior.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A FAMÍLIA DOS IS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias
ilustrou

—Ilda é o nome da minha tia. Ildefonso é o nome do meu tio, irmão do meu pai que se chama Inácio. Tenho um avô Isidro e uma avó Isaura. A minha mãe chama-se Irene e os pais da minha mãe, Ilídio e Isolina. Mas há mais: há a minha prima Inês, a tia Idalina, casada com o Doutor Isidoro, as minhas primas Isilda e Isabel e a minha irmã Ivone, que ainda é muito pequenina para saber o nome.

Quem assim fala dos seus parentes, todos da ilustre família dos Is grandes, é o I ainda pequeno.

– Chamo-me Ivo – diz ele. – Era para ser Hilário, calculem! Mas o meu avô Isidro, quando isto ouviu, segredou ao meu tio Isidoro e o meu tio Isidoro segredou à minha prima Isilda e a minha prima Isilda segredou ao meu tio Ildefonso e o meu tio Ildefonso deu um encontrão ao meu pai, que se preparava para escrever Hilário no livro do registo, e disse-lhe em voz alta: "Hilário é com H,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

homem!" O meu pai ficou muito corado e então escreveu por cima: "Ivo". E Ivo fiquei.

Sou de Ílhavo, mas também podia ter nascido numa ilha qualquer ou em Itália, quem sabe… Ainda lá gostava de ir, um dia, de iate, claro.

Hão-de estranhar que tenha nascido em Portugal, que não começa por I, mas não se esqueçam que está situado na Península Ibérica, pois então?

Nunca me perco. E não julguem que sou ignorante. Antes pelo contrário, tenho muitas ideias e algumas fixas. Por exemplo: gostava, quando for grande, de ser ilusionista. Ivo, O Ilusionista imbatível, inimitável, incrível! Isto num grande cartaz iluminado. Claro que é tudo imaginação, faculdade de que não sou desprovido, podem crer.

Devem talvez achar a minha conversa uma tontice da infância, uma ingenuidade, uma manifestação de inocência. Acham que falo caro, que falo importante? Talvez.

Conheço como os meus dedos todas as palavras do dicionário começadas por I. De indicador espetado aprendi a ler todas elas. Perguntem-me o que é intempérie. Eu sei. O que é intelectual. Eu sei. O que é invólucro. Eu sei. Sou o sábio dos Is. Tanto assim que, quando em pequeno me perguntavam quais eram as vogais, eu recitava assim: I, A, E, O, U. Porque é que o A há-de ser o primeiro?

Inteligente e instruído começam por I, tal como eu.

E, por favor, não me chamem idiota!

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ERVILHAS E ESMERALDAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias
ilustrou

Andava um galo a depenicar num monte de nada, quando, escarva aqui, escarva ali, com as patas de ancinho, encontrou uma pedra preciosa. Era uma esmeralda.

– Antes fosse uma ervilha – comentou o galo. – De que me serve uma esmeralda, se não me enche o papo?

Andava um mineiro a explorar uma mina abandonada quando escarva aqui, escarva ali, com a pica, de mansinho, encontrou uma semente grelada. Era uma ervilha.

– Antes fosse uma esmeralda – comentou o mineiro. – De que me serve uma ervilha, se não me enche o saco?

E agora? Vamos trocar as voltas e dar a ervilha ao galo e a esmeralda ao mineiro? Mas como? Como é que eu me saio desta?

O caso está imbricado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mais imbricado ainda porque o galo, que costumava engolir pedrinhas para ajudar a trituração da comedoria (quando havia!), decidiu:

- Para mim esta esmeralda é uma pedra como as outras. Que marche para o papo - e engoliu a pedra preciosa.

Por sua vez, o mineiro, desanimado com a sua pouca sorte, restituiu a semente à terra, ao sair da mina. Enfiou-a por um buraquinho e tapou-a. Parece que, depois, a regou. Estava à rasquinha, não sei se me entendem…

Desculpem estes pormenores, mas, se não contar tudo tal e qual como aconteceu, a história não avança.

Avançou a germinação da ervilha, à entrada da mina. Choveu. Fez sol. O costume. A plantinha, passado tempo, transformou-se numa formosa ervilheira.

O galo, que não desistira de depenicar por montes e vales, deu com ela e ficou extasiado.

- Que rico almoço! - exclamou.

E começou a debicar as vagens da formosa ervilheira. Estava a meio da colheita, quando apareceu o mineiro, que tinha decidido voltar àquela mina, por descargo de consciência. Continuava em maré de azar.

Viu o galo e disse:

– Que rico almoço!

E agarrou-o pelo pescoço.

Depois, descobrindo a ervilheira, acrescentou:

– E vou guisá-lo com ervilhas.

Apavorado com a sentença, o pobre galo borrou-se todo.

– Sujaste-me as únicas calças que tenho, patife – indignou-se o mineiro, limpando-as. - Mas que é isto?

No meio dos dejectos, uma esmeralda.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Emocionado com a descoberta, o mineiro largou o galo, que aproveitou a deixa para se pôr a salvo.

Tudo voltara ao certo. O galo com ervilhas no papo. O mineiro com uma esmeralda no saco. Que alívio!

Assim fosse tudo, sempre.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O ANJO PERDIDO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

1 de Novembro
Dia de Todos-os-Santos

Perdeu-se um anjo na minha rua.

É uma rua pequena, sem nada de especial. Vai dar a uma rua mais larga, a que as pessoas da vila chamam Rua da República, só porque em todas as vilas que se prezam tem de haver uma Rua da República.

Quando eu digo onde moro, tenho de explicar que é uma ruazinha transversal à Rua da República, senão ninguém sabe.

Pois foi logo a esta ruazinha insignificante que veio ter um anjo. É evidente que está perdido. Olha para um lado e olha para o outro, sem saber para que lado seguir ou voar. Faz beicinho o anjo. Chora.

Eu, que estou à janela, desço logo à rua, em socorro do pequeno anjo. Devia ser ao contrário. Os anjos é que costumam ajudar as pessoas. Não faz muito sentido que seja uma pessoa a ajudar um anjo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Aproximo-me dele e percebo porque chora. Além de estar perdido, não consegue voar. Tem uma das asas descaídas, coitadinho. Chama pela mamã, em lágrimas. Fico confuso. Quem serão as mães dos anjos?

Mas tudo se esclarece. Na Rua da República, depois da esquina da minha rua, vai a passar a banda dos bombeiros, vestida de gala, a tocar uma marcha solene. É tarde de procissão na vila.

Este anjinho ia atrás do andor de S. Sebastião, crivado de setas, mas sentiu uma imperiosa necessidade de fazer chichi e foi levantar a túnica, junto a um tapume da minha rua. Indiferente ao caso particular deste anjo, a procissão prosseguiu, rua adiante.

Peguei no anjinho ao colo e lá o pus no bom caminho, junto com os outros, atrás do andor de S. Sebastião. Ele, que vinha a fungar, limpou as lágrimas e o nariz com as costas da mão, e nem me agradeceu. Pouco me importa. Saio desta história consolado. Salvei um anjo de se perder.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

CIÚMES REAIS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um rei muito ciumento. A rainha era mulher de grande beleza, que o rei queria ser o único homem a contemplar. Por isso mantinha-a fechada a sete chaves no palácio.

Mas a rainha, que não aturava esta prisão, terá descoberto as tais sete chaves e, muito secretamente, muito pezinhos de lã, veio até cá fora passear. Só para espairecer. Só por um bocadinho.

Respirou o ar livre do parque real e foi para a margem de um riozinho pentear os cabelos. Um leve novelo soltou-se do pente, as águas do rio cobiçaram-no e levaram o novelinho loiro, rio abaixo.

Logo aconteceu que, mais adiante, estavam umas lavadeiras, na margem do rio, a lavar as camisas do rei. O perfume dos cabelos da rainha comunicou-se às águas do rio e impregnou a roupa.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Depois de secas e engomadas, as camisas voltaram para o palácio. O rei vestiu uma e disse:

– Esta camisa cheira ao perfume dos cabelos da rainha. Como é possível?

Tinha, realmente, um nariz muito sensível este rei ciumento.

Como é possível? Como não é possível? A rainha não sabia explicar.

– Tu saíste, na minha ausência? – perguntou o rei, quase a zangar-se.

Que havia a rainha de responder? Contou a verdade, que bem simples era.

O rei barafustou muito e arranjou sete vezes sete chaves para fechar a rainha. Estava desesperado.

Mas a rainha lá descobriu as quarenta e nove chaves, se as minhas contas não erram, e foi, uma noite, dar um passeio pelo parque. Só para espairecer. Só um bocadinho.

Estava tão aliviada e contente que cantou, baixinho, uma canção a seu gosto. No dia seguinte, todos os passarinhos dos jardins reais assobiavam a mesma canção. O rei, ao abrir, de manhã, as janelas do quarto, ouviu a cantiguinha e assomou-se:

– Tu saíste, na minha ausência? – perguntou, zangadíssimo.

A rainha respondeu que sim e com um ar tão doce e tão inocente que o rei nem achou palavras com que zangar-se. Ele amava-a muito e, lá no íntimo, achava que aqueles seus ciúmes eram uma doença. Ora as doenças tratam-se. Mas, nesse ponto, o rei ainda não estava preparado para tratar-se.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Pelo sim, pelo não, fechou a rainha com tantas chaves que perdi a conta. Assim já não podia sair do palácio. Estava mesmo e definitivamente prisioneira dos ciúmes do marido.

Não saía a rainha, mas saiu, sem ela nem ninguém dar por isso, a sombra da rainha.

Quando o rei viu que tinha fugido a sombra à rainha ficou muito aflito. Sentiu-se responsável pela perda. Sentiu-se um abominável carcereiro. Sentiu-se muito mal.

Foi ele à procura da sombra da fugitiva pelo meio do parque. Para ajudá-lo nas buscas, levou a seu lado a própria rainha.

Acabou por ser a sombra do rei a encontrar a sombra da rainha. As duas sombras entrelaçaram-se, diante dos olhos espantados do par real.

A própria sombra do rei, contrariando o silêncio das sombras, falou pela própria voz e pediu desculpa à sombra da rainha pelo cerco ciumento em que a apertara.

Perante tão estranhos factos, os reais esposos também se abraçaram e o rei logo ali pediu perdão à rainha e prometeu que nunca mais seria ciumento.

Se cumpriu ou não, não se sabe, mas costuma dizer-se que a palavra de rei é lei e nunca volta atrás…

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A VELHA MAIS VELHA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo. Todas as velhas do mundo podiam concorrer.

A velha desta história encolheu os ombros e disse:

– Para quê tanta complicação? Já se sabe que a velha mais velha de todas sou eu.

Mas não se deu ao trabalho de concorrer.

Dias depois, começaram a desfilar, na televisão, velhas e mais velhas, algumas apoiadas a bengalas, outras ajudadas pelos bisnetos.

A nossa velha muito velha ria-se:

– Olha para aquela, que podia ser minha filha… E aquela, quando nasceu, já eu usava dentadura… E aquela, que ridícula, tão nova, a fingir que é velha…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Até que o aparelho de televisão se avariou. A velha deu-lhe uns safanões, mas o televisor não se convenceu. Continuou sem dar nem som nem imagem. Só ruídos. Estava velho.

A velha foi bater à porta de um vizinho, para continuar a ver o concurso de velhas, mas o vizinho estava a ver um concurso de misses, e não quis mudar de canal.

Então a velha, muito enervada, resolveu ir à estação de televisão, onde se realizava o concurso para apuramento da velha mais velha do mundo. Estava com curiosidade em saber quem é que escolhiam como vencedora. O azar foi que o táxi em que se meteu se enfiou por uma rua com muito trânsito e, quando a velha chegou, já o concurso tinha acabado.

Ia precisamente a sair, empurrada numa cadeira de rodas, a velhota que tinha sido proclamada a mais velha do mundo. Vinha com ramos e coroas de flores e muita gente à volta, a sorrir para as máquinas dos fotógrafos.

A velha da nossa história reconheceu-a.

– Mirita – gritou-lhe ela.

A velhota virou-se, na cadeira de rodas.

– Mirita, tu sabes que não és a mais velha. Tu mentiste ou deixaste que mentissem por ti – disse a velha.

A velhota da cadeira de rodas baixou os olhos, comprometida. À volta dela, tudo se calou.

– Eu, que fui tua professora, nunca te ensinei a mentir, pois não? – ralhou-lhe a velha.

– Não, senhora – disse a velhota, a medo, como que a pedir desculpa.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas de nada lhe valeu o ar de menina que cometeu uma maldade, porque a velha muito velha, ali, sem mais nem menos, diante de toda aquela gente, passou-lhe um raspanete e deu-lhe um valente puxão de orelhas.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

FENÓMENOS DE CAPOEIRA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma galinha que cantava de galo.

– Que é lá isso? Já não há respeito? – indignou-se o único galo da capoeira. – Então, daqui para a frente, passas a ser tu a anunciar a alvorada.

A galinha escusou-se à responsabilidade. Que não tinha vocação para corneteiro, que não era dada a madrugar, que até tinha o sono pesado e mais que torna e mais que deixa, tudo desculpas esfarrapadas.

– Nesse caso, deixas de imitar-me – impôs o galo.

A galinha fez que sim. Depois, esqueceu-se e, na primeira ocasião, voltou a cantar de galo.

– O que combinámos, ainda há pouco, já não conta? – perguntou o galo, muito arreliado.

A galinha desculpou-se, tinha-lhe passado da ideia e, para mais, andava com a voz rouca da humidade. Mas não voltaria.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Voltou.

Tantas vezes cantou de galo que até parecia desafio. Não era. A galinha gostava de brincar, de fazer imitações. Se lhe desse para isso até era capaz de zurrar como os burros…

– Burro serei eu se suportar mais esta afronta. Tu continuas a cantar de galo e eu vou passar a pôr ovos – ameaçou o velho galo.

Correu a notícia. O galo ia pôr ovos. Vieram de todos os extremos da quinta os bichos que nela viviam. Patos, perus, ovelhas, vacas, porcos, burro e os dois cães de guarda puseram-se à volta do galo, à espera do fenómeno…

– Com tantos ao pé de mim, não consigo – disse o galo, embaraçado.

Quis mantê-los à distância, mas em vão. A curiosidade era muita e não se podia perder pitada do grande acontecimento.

Ovo é que não houve meio.

– Desisto – concluiu o galo. – Isto de pôr ovos e, ainda por cima, diante desta plateia de basbaques, não é para as minhas forças.

Conclusão sensata.

– Põe tu um ovo por mim – disse o galo para a galinha que, às vezes, cantava de galo.

Ela pôs, sem nenhuma dificuldade, e, depois, não cantou de galo. Cacarejou como cacarejam as galinhas quando acabam de pôr um ovo.

– Bonita cantiga – elogiou o galo.

Toda a bicharia era da mesma opinião. Um encanto de cantiguinha. Um mimo de voz. Um gargarejo mesmo melodioso.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A galinha, envaidecida, corou até à crista. E não voltou a cantar de galo.

Isto é: uma vez por outra arremedava-lhe a voz, mas só para fazer rir as franganitas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

CARLOTO, O ADIVINHO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O meu amigo Carloto, antes de sair de casa para dar uma voltinha de bicicleta, avisou a mãe:

– Hoje vou cair da bicicleta e esfolar um joelho.

A mãe foi logo buscar a caixa dos primeiros socorros, para estar tudo à mão, quando o Carloto regressasse da queda. Não seria acidente grave. Nem, muito menos, o primeiro.

É que, de facto, o Carloto adivinha as coisas, mas só coisas que o tivessem como protagonista, isto é, como centro da referida coisa, não sei se me estou a fazer entender… Que coisa!

Às vezes, dizia a mãe:

– Hoje, vou chegar todo encharcado a casa.

A mãe ainda acudia:

– Então, leva um chapéu-de-chuva, filho.

Ele explicava:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Se levo chapéu-de-chuva, já não chove e a chuva também faz falta…

Coisa complicada.

Só adivinha o pior, dentro do relativo, que não era assim tão mau como isso.

– Hoje vou perder o boné, na escola.

– Hoje vou rasgar as calças, numas moitas.

– Hoje vou partir os óculos, no futebol.

Não valia a pena prevenir. Estava previsto e acontecia, i-ne-vi-ta-vel-men-te. O Carloto, conformado com o seu pequeno poder da adivinhação, resignava-se a que seria assim pela vida fora. A mãe dele também encolhia os ombros, sem se inquietar muito, e suspirava:

– O que eu quero é que o meu filho nunca adivinhe grandes desastres.

Mas, desta vez, alarmou-se. Uma vizinha veio dizer-lhe:

– O seu Carloto caiu da bicicleta, bateu com a cabeça no passeio e foi de ambulância para o hospital.

A mãe do Carloto atirou-se para dentro de um táxi com a vizinha e, numa ansiedade, que lhe cortava a respiração, foi ao hospital saber do seu mais-que-tudo na vida.

O médico tranquilizou-a:

– O seu filho, felizmente, não chegou a sofrer traumatismo craniano. Quando ele andar de bicicleta, recomende-lhe que use capacete.

– E não está ferido, senhor doutor?

– Nada de grave. Só esfolou um joelho – respondeu o médico, com um sorriso simpático.

A mãe foi ver o Carloto, deitado numa cama e ainda um tanto abalado. Não se lembrava de nada, nem sequer de que tinha adivinhado o acidente. Ou parte: o joelho esfolado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Aliás, desde esse dia, fosse do que fosse, talvez da pancada, o Carloto já não conseguia prever nem sequer uma unha partida. Perdera os seus poderes especiais.

Uma coisa destas é que o Carloto nunca podia adivinhar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

COELHO DO MATO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Lá no meio do mato africano, o coelho goza de muita fama. É considerado o mais esperto bicho de quatro patas e um dos mais velozes não só a correr como a pensar. Um portento.

Pois aconteceu que um velho leão começou a rondar a toca do coelho, guloso pelos laparotos tenros que, lá dentro, se preparavam para deitar as orelhas de fora. E que ávidos que eles estavam por sair da toca!

– Por enquanto, ainda é cedo – dizia a mãe coelha para os impacientes coelhinhos.

Eles não paravam quietos. Queriam vir para a rua, queriam respirar o fresco da manhã, tasquinhar as ervinhas novas, cabriolar, correr, saltar…

– Por enquanto, ainda é cedo – repetia a coelha, já com o pêlo em pé de tanto os aturar. – E se vocês continuam a portar-se mal, eu chamo o leão.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O velho leão, que isto ouviu, acreditou que era a sério e ficou à espera que o chamassem. Já não tinha forças para grandes caçadas e preferia que o servissem, como nos restaurantes. A sonhar que estava à mesa, adormeceu e continuou a sonhar com coelho guisado.

O pai coelho, que vinha a entrar na toca, estranhou a sentinela à porta e, assim que se viu no meio da sua querida família, segredou para a mulher:

– Temos visitas indesejáveis, mas vamos pô-las a andar. Tu põe as crianças a chorar, num grande berreiro.

Tabefe para a esquerda, tabefe para a direita e os laparotos desataram a chorar.

Tudo para bem deles.

O leão, cá fora, acordou com a berraria. "Devem estar a chamar-me, não tarda", pensou. E pôs-se à escuta.

Mas o que ouviu arrepiou-lhe a juba. Ouviu isto:

Pai Coelho: Porque é que os miúdos estão a chorar?

Mãe Coelha: Naturalmente, têm fome.

Pai Coelho: E tu não lhes deste o resto do fígado de leão que eu trouxe?

Mãe Coelha: Eles dizem que já estão fartos de comer fígado de leão e miolos de leão e bifes de leão. Por isso choram.

Claro que esta conversa em altos gritos era toda combinada entre o coelho e a coelha, mas o velho leão não sabia e assustou-se. Assustou-se e fugiu, com rabo entre as pernas.

"Aquela coisa de me chamarem devia ser uma cilada, uma armadilha", pensava o leão. "Tão cedo não me apanham a escutar às portas".

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SALTA A PULGA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Vocês conhecem aquela cantilena: "Salta a pulga da balança e vai ter até à França… Os cavalos a correr, as meninas a aprender… Qual será a mais bonita que se vai esconder?"

Claro que conhecem.

Pois quando eu era assim mais ou menos da vossa idade gostava muito de ir até ao gabinete de trabalho do meu pai, sobretudo quando ele lá não estava.

Era uma divisão espaçosa, com muitos livros nas estantes. Nela reinava o silêncio e uma certa solenidade. Eu não desgostava.

Sobre a secretária do escritório, toda de tampo de vidro, havia, entre outros objectos atraentes, uma pequena balança de pesar cartas e volumes, antes de irem para o correio.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Debaixo do vidro transparente da secretária, um belo mapa da Europa, por onde eu me punha a passear os olhos, imaginando viagens… França, por exemplo. "Salta a pulga da balança e vai ter até à França…"

Apeteceu-me fazer uma experiência. Pedi emprestada uma pulga à minha cadela Balalaica, meti a pulga num frasquinho e, secretamente, fui ao escritório. Pus o frasco em cima do prato da tal balança. Sempre queria ver se, ao destapá-lo, e assim que dissesse as tais palavras mágicas, "Salta a pulga da balança…", a pulguinha daria com o caminho da França, o do mapa, já se vê.

Nisto, entrou o pai:

– Que estás aí a fazer, garoto? – perguntou-me ele.

– Estava a pesar este frasco – respondi eu, destapando-o.

O meu pai era muito curioso, muito metediço…

– E o que tem dentro? – quis ele saber, quase a meter o nariz no frasco.

– Nada – respondi.

Não mentia. Realmente, o frasco já não tinha… O meu pai fez-me uma festa e disse, coçando a orelha:

– Agora o menino vai-se embora, porque estou cheio de pressa. Calcula que, por causa de uns negócios urgentes, tenho, hoje à tarde, de tomar o avião para Paris. Não estava nada a contar com esta viagem.

Nem a pulga… E foi assim que se concretizou o que a cantilena anunciava: saltou a pulga da balança e foi ter até à França…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O ALFAIATE DE BAGDAD

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Lá para as terras de Bagdad, que um poderoso sultão governava, havia um alfaiate que tinha um filho tão ou mais hábil do que o pai nas artes de alfaiataria.

A bem dizer, o rapaz não era filho de alfaiate. Encontrara-o ele, bebé ainda, dentro de um cestinho, à sua porta, abandonado sabe-se lá por quem. Mas tanto fazia.

Recolhido e amimado, o menino crescera na casa acolhedora do velho alfaiate, sem nunca saber a sua verdadeira origem.

Quando o pai adoptivo morreu, o jovem prosseguiu o ofício que aprendera do seu protector. Ganhou fama profissional, tanta que de longes terras vinham encomendar-lhe fatos e túnicas dos mais finos tecidos.

Um dia, um escravo de sabre em punho veio buscá-lo para que fosse com ele a determinado sítio, para receber uma encomenda.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Leva a tua melhor tesoura, porque a freguesia é exigente – recomendou-lhe o escravo.

Mas, para que o alfaiate não ficasse a saber o caminho nem localizasse o cliente, vendou-lhe os olhos com um lenço.

Levou-o assim ao harém privado do sultão, onde, depois de tirar-lhe a venda, o apresentou às favoritas do sultão. O rapaz ficou de olhos esbugalhados, com tanta beleza à sua volta. Não sabia onde estava, mas desconfiou.

As favoritas, de rosto velado, encomendaram-lhe um nunca mais acabar de vestidos. Estava ele a tirar as medidas, um bocado atordoado com a aventura, quando se abriu a porta. Era sultão.

– Que está aqui a fazer este desgraçado? – perguntou o sultão, furioso.

Não houve explicações que o satisfizessem. Nenhum homem senão ele podia frequentar aquelas salas do palácio. Quem perdesse a cabeça e arriscasse, perdia mesmo a cabeça, de verdade.

– Mas antes de cortarem a cabeça ao intruso, chicoteiem-no com cem vergastadas – ordenou o sultão.

Assim se dispunham a fazer quando o rapaz, tentando salvar a vida, arrancou o sabre das mãos do escravo que o trouxera e fez frente aos guardas. Tão hábil era ele a manejar a tesoura como o sabre. Um a um, derrubou os opositores. Chegando à beira do sultão, que estava desarmado, dispunha-se a trespassá-lo. Outra solução não tinha. Ou matava ou era morto.

Nisto, uma das favoritas reparou, por um dos rasgões da camisa, estraçalhada na luta, que o rapaz tinha nas costas um singular sinal em forma de ananás.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– É o sinal da realeza – gritou ela. – Não mates o sultão que ele é teu pai.

Mas já o jovem alfaiate tinha acertado um profundo golpe no peito do sultão.

Suspendeu-se à beira de vibrar o segundo.

Foi-se ver e era verdade. Um adivinho predissera, no nascimento do príncipe, que aquele menino iria pôr em perigo a vida do pai. Por isso é que se tinham desembaraçado dele, em criança.

O velho sultão, a esvair-se em sangue, foi socorrido pelos médicos da corte. Salvaram-no. Safou-se, mas ficou muito fracalhote, daí em diante.

O alfaiate, agora príncipe, ocupou o seu lugar à frente do reino. Passou a governar com mais senso e justiça do que o pai. Nos intervalos da governação, talhava vestidos. No harém, as favoritas cosiam à linha. Aquilo já não parecia um palácio, mas uma fábrica de confecções. Chegaram a trabalhar para fora.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A RÃ SOLITÁRIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma rã que vivia num charco. Vivia sozinha. O charco também era pequeno.

Sentia a falta de outras rãs, para lhe fazerem companhia e coaxarem ao despique nas noites de Lua cheia. Sentia que, se outras rãs vivessem com ela, podia nadar de bruços com mais folgança, velocidade, estilo… Sentia que os saltos que dava para dentro de água, à falta de espectadores, nem jeito nem graça tinham.

Enfim, a rã deste pequeno charco sentia-se muito só. Desamparada. Infeliz.

Perguntem, se fazem favor, porque é que a rã se não mudava para charco mais amplo e povoado?

Porque temia que tão perto não houvesse outro. Ora, como devem saber, as rãs detestam perder tempo a saltar em seco. A água faz-lhes falta. Sem ela, perdem o luzidio da pele e a força de vida. Não sabiam?

www.hugoteacher.blogspot.com

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Um dia, começou a chover que nunca mais parava. Dia e noite. Noite e dia.

Os campos ficaram alagados. Os rios sobraram do leito. Pequenos charcos, afastados uns dos outros, juntaram-se num enorme lago.

Foi uma inundação terrível. Veio nos jornais e a televisão deu notícia. Casas de que só o telhado se via. Animais afogados. Gente a ser salva em barcaças por bombeiros. Uma desgraça.

Mas como esta história pertence à rã, esta história tem um fim feliz. A rã, passada a tempestade, encontrou companhia. Dezenas de rãs coaxam agora, em coro, glorificando a chuva, a abundância das águas, o abraço do lago imenso que as juntou.

Aqui entre nós e em segredo vos peço que nunca contem esta história a pessoas que tenham sofrido os efeitos trágicos de uma inundação. Não iam gostar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

NÃO SE CHAMA MARCÍLIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Marcílio não era o nome dele. Marcílio era um nome falso, um nome escondido, porque o jovem herói da nossa história não podia revelar a ninguém a sua verdadeira identidade.

– Hás-de recuperar o teu reino com este arco que aqui te dou – dissera-lhe o mago Olef.

– Agora há-de ser – respondera Marcílio.

E, impaciente, repuxou a corda do arco que estava solta. Parecia fácil. Não era.

– Falta-te a força – dissera-lhe o mago. – Tens de amaciar a corda à chuva do deserto.

– Mas no deserto chove tão pouco e tão de longe em longe – protestara Marcílio.

– Não tens outra alternativa – dissera-lhe o Olef.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O mago tinha sido o seu salvador. Recolheu-o, menino, quando o castelo e o reino do pequeno príncipe se submeteram aos conquistadores estrangeiros. Por prudência, dera ao órfão o nome de Marcílio e protegera-o e educara-o, em segredo.

Via-o, agora, jovem a espigar e a arder na vontade de reconquistar o que lhe pertencera. Mas, para que tudo resultasse, não podia haver precipitação.

– Se queres que chova no deserto, tens que chamar as nuvens – disse-lhe o mago.

– E como se faz para chamar as nuvens?

– Tens de cantar.

– Agora há-de ser. Cantarei.

O mago sorriu e abanou a cabeça, negativamente:

– A tua voz tem de engrossar. E para a tua voz engrossar, tens beber o sangue do dragão que guarda a montanha.

– Agora há-de ser. Matarei o dragão.

– Só o matarás com esse arco que eu te dei…

Marcílio desesperou-se. Assim nunca conseguiria. Mas, como era um moço decidido, não desistiu. Encaminhou-se para o deserto. Talvez chovesse, sem ter de forçar as nuvens…

Esperou um ano, dois anos, três anos. Três anos de seca. Ele bem repuxava a corda do arco, mas não havia meio… Ele bem ensaiava a voz num canto guerreiro, mas na voz cruzavam-se agudos e graves, à compita.

Até que choveu. Um aguaceiro de nuvens breves. Mas bastou para amolecer a corda. Marcílio convocou todo o seu ânimo e retesou a corda do arco. Depois, foi à procura do dragão.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Era um monstro terrível. Marcílio não o temeu. Quando se vence o medo, vence-se qualquer dragão. Foi o que aconteceu.

Depois de beber do sangue do dragão, Marcílio cantou, numa voz forte e grave.

A notícia da vitória do jovem espalhou-se e vieram nuvens e nuvens de gente aclamá-lo.

À frente do clamor do povo, Marcílio marchou para o palácio que lhe pertencera.

Lutou e venceu.

Na cerimónia da coroação do novo rei, que era um homem na força da vida, o mago Olaf chamou-o pela primeira vez pelo seu nome verdadeiro: Ivan.

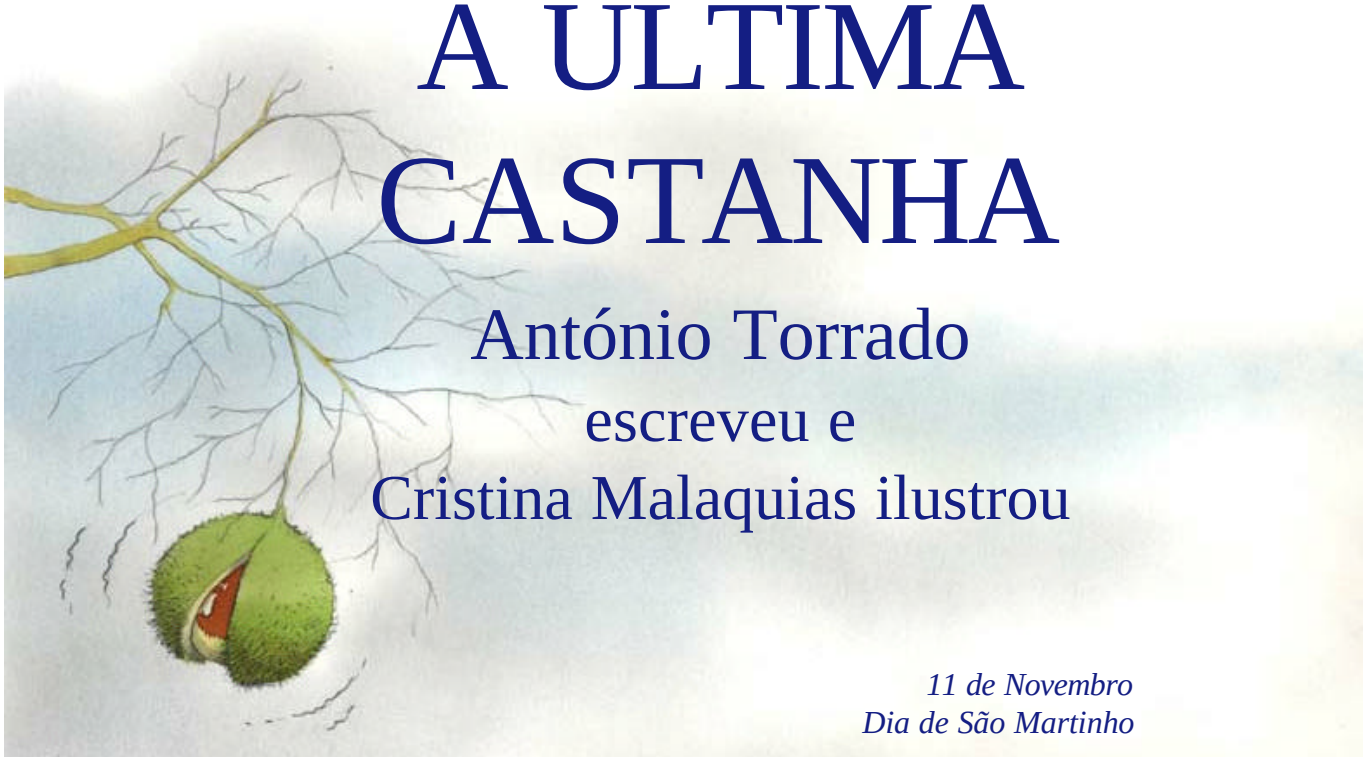
No reino de Ivan, os mais velhos contam sempre esta história, convictos de que assim conseguem moderar a pressa e a impaciência dos mais novos.

– Há que confiar nos leves, vagarosos impulsos do tempo – aconselham os mais velhos, no remate da história.

Será que os novos, realmente, lhes dão ouvidos?

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



A ÚLTIMA CASTANHA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

11 de Novembro
Dia de São Martinho

Era uma castanha que estava como as outras, pendurada de um castanheiro.

Chegando o tempo, as castanhas amadurecem e caem por si. Só que esta não caiu.

– Estou bem onde estou e não quero aventuras – dizia.

Uma a uma, as outras dos ramos iam caindo e rebolando pelo chão, protegidas pelo cobertor ouriçado que as cobria até ao nariz. Nariz é modo de dizer…

Vinham os garotos, estalavam-lhe os ouriços e metiam-nos nos bolsos. A tímida e teimosa castanha desta história a tudo assistia do seu mirante e não gostava.

– A mim não me levam eles – dizia.

Era a única que sobrava em todo o castanheiro. As folhas a fugirem da árvore, sopradas pelo vento, e ela a afincar-se ao ramo, com unhas e dentes. Unhas e dentes é um modo de dizer…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Sozinha, desabrigada, não estava feliz. Nem infeliz. Sentia até uma ponta de orgulho por ter conseguido resistir tanto tempo. Um sabor de vitória que a ouriçou toda.

– Ai que vou cair – gritou.

Mas, no último instante, conseguiu agarrar-se. Ainda não era daquela.

Entardecia. Um grupo de gente acendera uma fogueira, junto ao castanheiro. Os garotos, que tinham andado às castanhas, e os pais dos garotos e os amigos dos garotos riam e cantavam. Estavam a preparar o magusto da noite de São Martinho.

A castanha solitária, no alto do castanheiro nu, estranhou a vizinhança. E intrigou-se. Que estaria a passar-se.

Debruçou-se do ramo mais e mais. A madeira a arder estalava, mesmo por baixo da castanha, a última. O fumo entontecia-a. E se fosse ver de perto o que se passava?

Foi. Caiu. E a história acaba aqui. Paciência. É o destino das castanhas. Destino é um modo de dizer…

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BARCO DE PAPEL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um barco de papel, que se fez ao mar.

Barco de papel, no meio do mar, estão a ver o que lhe aconteceu… Escangalhou-se à primeira onda.

E regressou à praia. Estatelado na areia, era uma lástima vê-lo.

Andava por ali um jornalista, coleccionador de desastres e desgraças, que lhe perguntou:

– Senhor barco de papel, como se sente, depois da aventura?

O barco, todo amarrotado pelo desespero e a humilhação da derrota, esboçou um sorriso. Um sorriso de papel:

– O que sinto vê-se. Não lhe posso dizer mais nada.

Mas o jornalista insistiu:

– Atribui, porventura, o seu naufrágio a alguma causa em especial?

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– À minha pouca prática, apenas – respondeu o barco de papel. – E pode escrever que também à minha falta de vocação.

O jornalista ainda:

– Falta de vocação? Interessante. Nesse caso, se pudesse ter voltado atrás, o que teria feito?

O barco de papel ou o que dele sobrara fugiu da pergunta, aproveitando o escorrega de uma onda, que descia da praia. Estava muito cansado o barco de papel. Mas o jornalista, molhando os sapatos, correu atrás dele:

– Não chegou a dizer-me, senhor barco de papel… Por favor, o que teria sido se pudesse voltar atrás?

De longe, quase desfeito, o barco respondeu:

– Avião de papel. É evidente. E hei-de conseguir.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CÃO E O GATO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O cão e o gato não eram amigos, mas faziam de conta. Viviam ambos abrigados no casebre de uma pobre velha, que com eles repartia o pouco que tinha.

– Sejam amiguinhos. Sejam amiguinhos – estava sempre ela a dizer-lhes.

Pela comida e dormida os dois incorrigíveis inimigos aturavam-se. Que remédio.

Um dia, a velhota morreu. Vieram os filhos, vieram os netos e enxotaram-nos do casebre.

Cão e gato, tristes por terem perdido a sua protectora e o mínimo de conforto que ela lhes proporcionava, ficaram a rondar a casa, mas cada um para seu lado. "Sejam amiguinhos. Sejam amiguinhos", ainda lhes soava nos ouvidos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Choveu. Fazia frio. Tiritantes e cheios de fome, acolheram-se a uma gruta. Era uma gruta muito comprida, tão comprida que eles se internaram por ela adentro, à procura nem sabiam de quê.

Cada vez mais fundo, cada vez mais longe do mundo que conheciam, foram ter a uma clareira iluminada. No meio, sentado nas pernas cruzadas, estava o Génio das Cavernas.

– Que querem de mim? – perguntou-lhes o Génio.

A bem dizer, eles não queriam nada a não ser um dono, comida, calor, carinho. Foi o que pediram.

– Concedido – disse-lhes o Génio. – Com uma única condição: cada um transforma-se no outro.

Eles, a princípio, nem entendiam a proposta, mas quando perceberam que o gato tinha de passar a cão e o cão, a gato, protestaram com toda a gana.

– Eu não quero ser cão – bufou o gato.

– Eu não quero ser gato – rosnou o cão.

Nada feito. Ou aceitavam a troca ou acabariam por morrer, à fome e ao frio.

Lá se resignaram à mudança, já que a alternativa também não era nada apetecível.

O Génio executou a magia e o gato passou para a pele de cão e o cão para a pele de gato. Esquisito.

Correram ambos na direcção da entrada da gruta, ainda assarapantados.

– Que cãozinho e que gatinho tão bonitos. Posso levá-los para casa? – perguntou uma menina ao pai.

– Os cães e os gatos não se dão bem uns com os outros – apressou-se a explicar o pai.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Mas estes dão-se. Tão juntinhos. Tão amigos – disse a menina.

Era verdade. Cada um olhava para o outro como se fosse ele próprio. Ora, como é que uma pessoa ou um bicho pode dar-se mal com ele mesmo?

E assim o gato-cão e o cão-gato arranjaram uma nova dona. À noite, enroscados um no outro, não se sabe onde começa o cão e acaba o gato. Fizeram-se, realmente amigos.

Até pode acontecer que, um dia, o Génio das Cavernas lhes devolva as respectivas identidades e o cão volte a ser cão e o gato volte a ser gato. Mas valerá a pena?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PAU DE FÓSFORO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um fósforo, um pau de fósforo - vejam bem que com tão pouco se começa uma história.

O pau de fósforo perdera a cabeça num fogaréu – história antiga, dolorosa, que nem convém lembrar – e estava ali, que nem para palito servia.

– Não presto para nada – suspirava, muito desconsoladamente, o pau de fósforo.

– Quem tal disse! – exclamou um senhor muito optimista, muito optimista, muito optimista. – Você pode ser aproveitado, como obra de engenharia, para ajudar um carreiro de formigas a vencer um riacho… de formigas, já se vê.

– Que disparate! – contrapôs outro senhor, mas muito pessimista, muito pessimista, muito pessimista. – Passa um pé por perto e salta a ponte de pau e afogam-se as formigas… Uma desgraça!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O pau de fósforo, de cabeça perdida, não sabia por qual se guiar. Pelo optimista? Pelo pessimista? Valia a pena oferecer-se à aventura? Ai, quanto custa decidir!

Neste entretanto, passou a rasar por ele uma andorinha. Zás, em voo de reconhecimento… Passou outra vez, em sentido contrário e levou-o no bico. Estava a construir o ninho num beiral de telhado e aquele pauzinho vinha mesmo a calhar, entrelaçado com outros paus e ramos.

Tudo se aproveita, até um pau de fósforo. Que ninguém diga que não serve para nada.

FIM

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O SENHOR FRUTUOSO INVENTOR

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Frutuoso é um grande inventor. Entre máquinas e maquinetas da sua particular invenção tem em casa para cima de uma centena.

Juntem-lhe as máquinas e maquinetas que outros inventores, de diversos pontos do mundo, lhe enviam e imaginem como será a casa do senhor Frutuoso, com tantos maquinismos a trabalhar.

Uma barulheira que só ouvindo. Tlim, tcham, pung… Poc, poc, poc… Bié, bié, bié… Bong! Tuque, taque, tique, tuque… Tuque, taque, tique, tuque… A história podia ser toda assim, embora talvez fosse um pouco cansativa.

– Tudo preciosidades – costuma dizer-me o senhor Frutuoso, quando vou visitá-lo e ele me encaminha pelos salões e corredores da sua casa, cheios de vitrines e de prateleiras, carregadas de inventos.

– Repare-me neste prodígio que me mandaram pelo correio – diz-me o senhor Frutuoso, acabando de desembrulhar diante de mim uma enorme encomenda.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– É um bonito relógio de parede – digo eu.

O senhor Frutuoso indigna-se:

– Isto não é num relógio de parede. É um invento fantástico de um ilustre correspondente meu do Brasil, o doutor Janísio Bisnaga Filho, não sei se conhece?

Por sinal, não conheço, mas isso pouco importa.

– Explicou-me o meu amigo Janísio por carta que este relógio tem um mostrador e três ponteiros. Um para as horas, outro para os minutos e o terceiro sabe para quê?

– Naturalmente para os segundos.

– Nada disso. O terceiro é para anunciar o tempo – proclama, entusiasmado, o senhor Frutuoso.

Não se percebe onde está o espanto, porque, tanto quanto sei, todos os relógios anunciam o tempo.

– Não é esse tempo, mas o tempo que vai fazer – impacienta-se o sábio.

– Ah! Anuncia as horas com antecedência… – estranho eu.

– Refiro-me ao tempo atmosférico, o tempo meteorológico, entendeu? Este relógio, além de dar horas, informa-nos, com vinte e quatro horas de antecedência, sobre o tempo que vamos ter, no dia seguinte.

Finalmente, o senhor Frutuoso conseguia fazer-me entender. De facto, o relógio, tal como os barómetros, tinha à roda do mostrador várias indicações: chuva, aguaceiros, tempo variável, bom tempo, etc. Não tinha "etc.", já se vê, mas percebe-se…

O senhor Frutuoso deu-lhe corda e o relógio começou a trabalhar num tic-tac certinho e cumpridor. Reparei que o terceiro ponteiro apontou para as palavras "Tempo quente". Ainda bem.

© APENA – APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

No dia seguinte, fiado no invento do Doutor Jasmínio Bisnaga Filho, saí de casa à fresca. Pois apanhei uma chuvada e uma friagem que não queiram saber. "Afinal o relógio também se engana", pensei e nunca mais quis saber do caso.

Só há dias, quando tive de telefonar ao senhor Frutuoso por outros assuntos, é que voltei a lembrar-me do caprichoso relógio de parede. Do lado de lá, o senhor Frutuoso atendeu-me, com a voz fanhosa das grandes constipações.

– Estou assim por causa do relógio – explicou. – Tenho-me guiado pelo conselhos dele e não calcula as chuvadas e resfriamentos que suportei, nestes últimos dias. Passa-se qualquer coisa no funcionamento do aparelho, que não entendo. Atchim!

O sábio a espirrar e uma ideia a trespassar-me a cabeça de lado a lado. Botei-a logo cá para fora:

– Se o relógio veio do Brasil, não estará ele regulado para outro clima diferente do nosso? – perguntei.

Fez-se silêncio do outro lado do fio. Depois, o senhor Frutuoso voltou à fala:

– Tem razão, tem toda a razão. O relógio diz que está bom tempo e tempo quente, mas é no Brasil, onde foi montado. Seja como for é um grande invento. Atchim!

E o senhor Frutuoso desligou apressadamente o telefone, para poder assoar-se mais à vontade.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

CUIDADO COM O POÇO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Uma raposa, que vinha a fugir dos caçadores, enfiou para dentro de um poço, à falta de melhor esconderijo.

Lá no fundo, lamentou-se:

– Safei-me de morrer de uma chumbada, mas daqui de dentro é que eu não me salvo.

Era um poço seco, um poço abandonado. Recordando o antigo uso, tinha na borda um balde, preso a uma corda de rodízio. A outra ponta da corda estava caída no fundo, aos pés da raposa.

– Se eu conseguisse trepar pela corda acima, estava garantida – pensou a raposa.

Tentou, mas só conseguiu soltar o balde que balançou, na outra extremidade, como um sino sem badalo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Uma ovelha, despegada de um rebanho que pastava num monte perto, estranhou o barulho e o balde a baloiçar, na boca do poço, e foi espreitar. A raposa viu-lhe a cabeça felpuda e gritou-lhe:

– Senhora ovelha, ainda bem que a encontro. Quero partilhar consigo esta novidade. Encontrei aqui em baixo uma mina de água, que é a uma maravilha. Um milagre! Mal a bebemos, ficamos com asas. Tão leves, tão leves que nem passarinhos…

A parva da ovelha entusiasmou-se:

– Com asas? Quem me dera! Como posso provar dessa água milagrosa?

– Meta-se no balde, que está aí em cima, e venha ter comigo, antes que a água acabe.

A ovelha não pensou duas vezes. Atirou-se para dentro do balde, que desceu com o peso, puxando para cima a outra ponta da corda, onde vinha agarrada a raposa.

– Eu bem dizia que este poço dava asas – dizia a espertalhona, ao pôr os pés em chão seguro.

E fugiu daquela armadilha do destino, a rir-se da malvadez.

A ovelha baliu desesperada e humilhada com a sua tontice. Dar ouvidos a uma raposa, acreditar em água ou o que fosse que oferece asas a quem quer beber, que disparate, que estupidez!

Por tanta imbecilidade junta, mais merecia ela lá ficar no fundo do poço do que a raposa. A ovelha chorou, mas já não lhe valia de nada.

Vá que vá que ainda lhe valeu…

O pastor, quando foi a contar as ovelhas e deu pela falta de uma, foi procurá-la.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

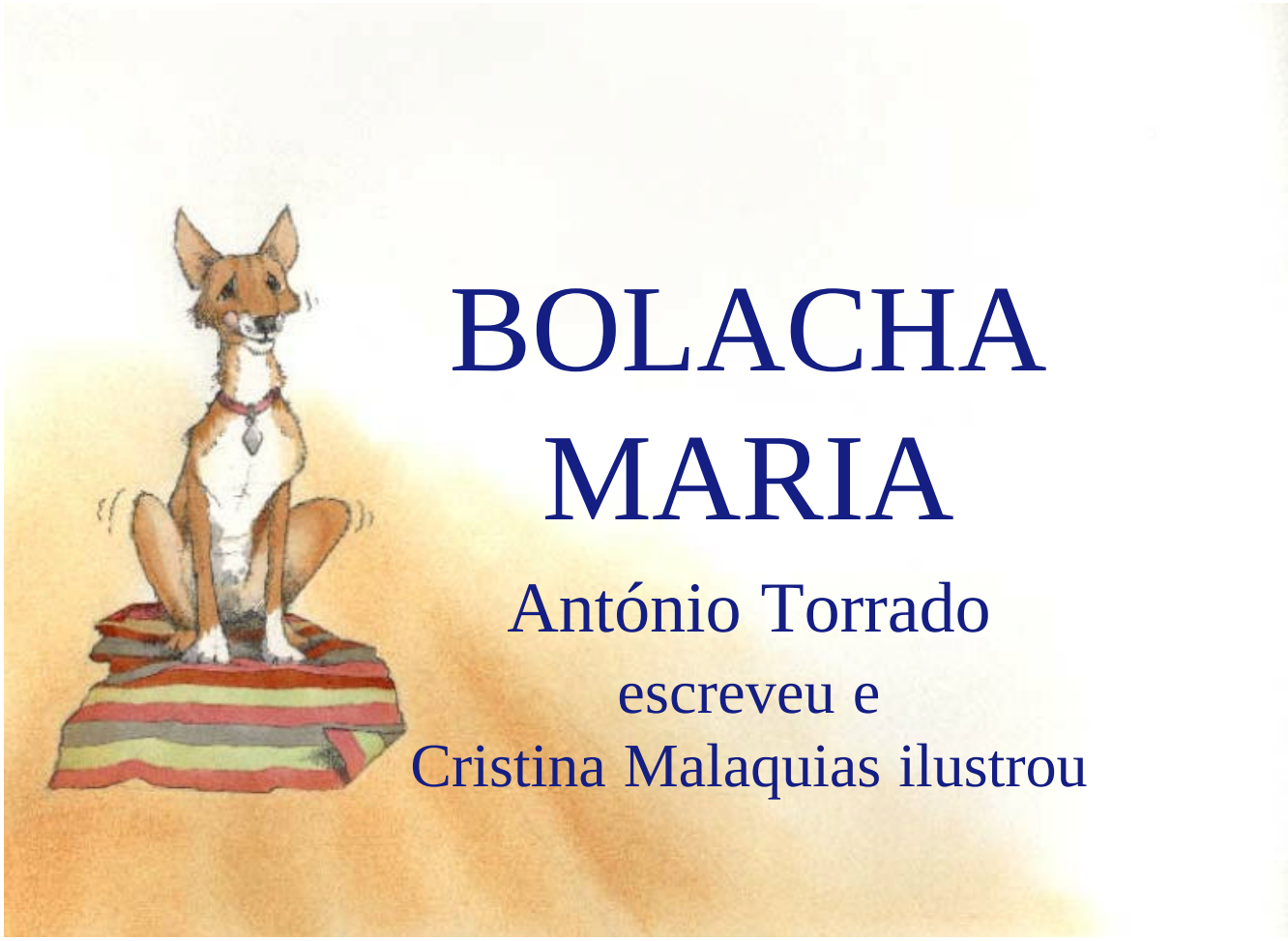
Chamado pelas lamúrias da ovelha, chegou-se à beira do poço e salvou-a a tempo.

Vá que vá que a história acabou em bem…

Mas nem sempre acabam assim…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



BOLACHA MARIA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma bolacha Maria que disse que Maria, só Maria, não chegava.

Queria ser, ao menos, Maria Emília. Bolacha Dona Maria Emília, com todo o respeito.

As outras companheiras do pacote fizeram-lhe a vontade. Mas, quando uma bolacha Maria começa com exigências, oh! oh! Nunca mais pára…

– Pensando melhor, não dispenso os apelidos. Quero passar a ser tratada por Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo de Reboredo Farinha.

Um nome tão comprido e retorcido não é fácil de decorar. Algumas das simplesmente Maria chamavam-na de Maria de Trigo Melo e Sousa não sei quê Farinha. Outras, de Maria Reboredo Farinha de Melo Trigo de Sousa Emília. E as mais esquecidas, apenas de Maria Farinha de Trigo, o que a punha fula.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Distingam-me. Separem-me. Marquem a diferença. Eu sou uma bolacha especial. Uma bolacha Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo de Reboredo Farinha.

– Tá bem – diziam as outras, que não eram de despiques.

Alguém abriu o pacote e começou a provar daquelas bolachas torradinhas e saborosas. Elas não se importavam. Sabiam para o que estavam destinadas e davam-se por contentes. Proporcionar um pouco de prazer ao paladar era a vocação delas.

A Maria que não ia com a outras, por sinal a última do pacote, não seguiu o caminho das demais. Ficou a aguardar novo acesso de apetite de quem, daquela vez, já estava de barriga cheia. Ficou sozinha. Ficou esquecida.

Amoleceu.

Quando, passado dias, deram por ela disseram:

– Esta bolacha já está mole. Não presta.

E chamaram:

– Bobi, anda cá. Toma.

O Bobi, de rabinho a abanar, muito saracoteante e salivante, veio, tomou e foi assim que a excelentíssima bolacha Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo de Reboredo Farinha acabou na boca do cão.

Esta história é pequenina e sabe a pouco? Pois é. O Bobi também achou o mesmo.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

AS MOSCAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Uma mosca. Duas moscas. Três moscas. Três moscas paradas a conversar. De que falavam? Falavam do problema da alimentação.

Dizia uma:

– Tem sido uma crise, colegas. Toda a comida guardada em frigoríficos e armários, trancada a sete chaves. Ninguém lhe chega.

Dizia a outra:

– E os venenos que nos lançam, colegas. Os insecticidas… Que horror!

A terceira mosca permanecia calada. As outras viraram-se para ela. Miraram-na.

– Agora é que reparo. Como a colega está gorda!

– … e bonita – completou a segunda. – Por onde é que se tem governado a colega?

– Por aí… Por aí… – respondeu a mosquinha bem alimentada.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

E voou, dizendo adeus.

As duas moscas esfomeadas comentaram:

– Ela esconde-nos alguma coisa. Vamos atrás dela.

Voaram também, dançaram no ar, disfarçando os seus intentos, enquanto a outra se distanciava. Quando a viram dobrar uma esquina, voaram em sua perseguição, sem que a mosca gorda e bem parecida se apercebesse. Repare, colega, repare como ela se refastela com aquele pires de leite.

– Leite? Não me fale nisso. Vamos a ele. Estou com a fome de um enxame de moscas. Vamos ao leite!

Aterraram perigosamente na borda do pires. A mosca gorda e bem parecida ficou muito mal-disposta, ao ver as outras duas:

– Como vieram aqui parar?

– O acaso… – responderam as duas manhosas.

Beberam daquele leite até se fartarem. Depois foi o ajuste de contas.

– Então a colega tinha aqui esta mina escondida e não dizia nada às suas amigas?

– Este leite não é meu. Põe-o aqui, todos os dias, o dono do Tareco, para ele beber.

– E a colega tem-se banqueteado. Pois agora somos três, isto é, quatro contando com o Tareco, pois também chega e sobeja para ele… Conte connosco.

E desapareceram.

A outra, a mosca gorda e bem parecida, má camarada, pouco amiga de partilhas, ficou sozinha a remorder vingança. "Esperem pela pancada, esperem!"

No dia seguinte foi ela a primeira a chegar ao pátio, onde a D. Zulmira deixava, como habitualmente, o pires de

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

sopas de leite para o seu Tareco. Mas desta vez, no lugar do pires de leite estava um enorme balde.

– Oh! Oh! Um balde cheio de leite – exclamou a mosca gorda e bem parecida. – Toca a bebê-lo todo, antes que venham aquelas fedúncias, aquelas invejosas… E sem pensar duas vezes lançou-se sobre o balde, em voo picado.

Mosca tola. Mosca sôfrega. O balde continha não leite, mas cal, cal de caiar as paredes. A mosca gorda e bem parecida engoliu cal em vez de leite. Na cal caiu, na cal morreu.

As outras duas moscas, as moscas laricas, ao aproximarem-se, ainda ouviram uns vagos pedidos de socorro, que se perderam no ar. Quando chegaram, a mosca gorda e bem parecida estava morta.

– É bem feito! – comentou uma das moscas. – Não queria partilhar connosco, morreu do seu mau carácter. Bem, vamos ao nosso pires de leite.

Voaram para o pires, que estava a pequena distância do balde. Ao chegarem, a outra mosca, mais bondosa, não soube calar este comentário:

– Tenho pena dela. Sim, porque onde comem duas moscas, também comem três…

– Isso, isso, colega! Se ela assim pensasse, não teria morrido e se todos assim pensassem, o mundo seria muito melhor, olá se seria!

A mosca triste e pensativa concluiu:

– Bem, bem, vamos beber depressa o nosso leite, antes que venha o gato, ou alguma mosca esfomeada e invejosa da felicidade das outras…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

GRANDE PINTORA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

–A minha sobrinha pinta papagaios…

– De papel? – perguntei eu.

– Não. Pinta papagaios de penas. Maravilhosamente – respondeu o meu amigo. – Se quiseres, hoje mesmo, passamos pelo atelier dela.

Fomos. O atelier da sobrinha do meu amigo parecia uma enorme gaiola. Esvoaçantes ou empoleirados em tudo o que lhes apetecia, araras, periquitos e, já se vê, papagaios davam-nos as boas-vindas, piando e palrando.

A pintora não estava, mas o meu amigo, que tinha a chave do atelier, movia-se naquele recorte de selva tropical com o à-vontade de um índio amazónico.

– E os quadros dela sobre esta passarada toda, onde é que estão? – perguntei.

O meu amigo não sabia ou fazia de conta que não sabia. O melhor era esperar pela pintora.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Entrementes, um papagaio com as cores da bandeira nacional simpatizou comigo, poisou-me no ombro e pôs-se-me a coçar ternamente a cabeça.

Despedi-me do meu amigo e combinei, para uma próxima, nova visita ao atelier da sobrinha. Mas aconteceu um percalço. O papagaio não me largava o ombro.

– Não o contraries e leva-o – disse o meu amigo. – Depois se verá…

Uma pessoa com um papagaio ao ombro chama sempre a atenção. Muito envergonhadamente, percorri o caminho até casa, perseguido pelo olhar de estranheza de quem se cruzava comigo.

E, como se não bastasse, o papagaio cantarolava, incansavelmente: "Ó Rosa arredonda a saia". Não passava disto, o que seria sinal de uma certa saudade da dona, a pintora Rosa, imaginava eu. Quanto a ele, fica combinado que passamos a tratá-lo por Arco-Íris.

Assim que cheguei a casa, abri as janelas. Talvez lhe desse vontade de voar, ao encontro da sua querida Rosa…

O Arco-Íris voar, voava, mas saindo por uma janela e entrando por outra e poisando no meu ombro e soltando-se do meu ombro e saindo pela janela e entrando, sempre a cantarolar: "Ó Rosa arredonda a saia".

Fui sentar-me junto à mesinha do telefone. Tão concentrado eu estava, à espera do prometido telefonema, que nem dei por que tinha começado a chover. E logo as janelas todas abertas…

Passados uns minutos, um bicharoco encharcado e cinzento, cor de rato, fincou-me as patas nos ombros. Dei um salto de susto.

O bicharoco abriu as asas e gritou:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Ó Rosa arredonda a saia.

Não era possível. Outro papagaio, este cinzento, a cantar a mesma cantiga?

Já calculam o que se passou. O Arco-Íris, com a molha, perdera as cores radiosas da bandeira nacional.

Perdera-as porque, simplesmente, não lhe pertenciam. Pintado, pena a pena, pela sobrinha do meu amigo, o Arco-Íris revelava-se, afinal, um vulgar papagaio descorado.

Quando contei a história ao meu amigo, ele riu-se:

– Bem te avisei que a minha sobrinha era pintora de papagaios. Uma grande pintora!

Em conclusão: fiquei dono de um papagaio cinzento, que ninguém percebe por que bizarria ou tolice é que eu o trato por Arco-Íris.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

APRENDER A VOAR

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um avô e um neto. Ou um neto e um avô. Tanto faz, desde que os dois estejam juntos, no jardim onde fomos encontrá-los.

Dizia o neto, apontando uma teia de aranha:

– Ó avô, porque é que nós não somos capazes de fazer teias?

Respondia o avô:

– Claro que somos capazes. Repara nas redes de pesca dos pescadores, nas rendas da tua avó, nos tecidos das nossas roupas…

Mais adiante, dizia o neto, apontando uma libélula:

– Ó avô, porque é que nós não somos capazes de voar?

Respondia o avô:

– Mas claro que somos capazes. Repara nos helicópteros, nos aviões, nas naves espaciais…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Pouco depois, dizia o neto, apontando uns peixinhos no lago:

– Ó avô, porque é que nós não somos capazes de nadar debaixo de água?

Respondia o avô:

– Mas claro que somos capazes. Repara nos mergulhadores, nos escafandristas, nos submarinos…

Concluiu o neto:

– Afinal, nós somos capazes de tudo, avô.

– Nem tanto assim – atalhou o avô. – Quase conseguimos fabricar teias como as aranhas. Quase conseguimos voar como as libélulas. Quase conseguimos andar debaixo de água como os peixes. Mas ainda não estamos satisfeitos nem nunca estaremos.

– E os peixes estão.

– Os peixes não querem outra vida. Conheces algum peixe com vontade de fazer teias ou de voar? São o que são e contentam-se. Com os homens não acontece assim…

– Quer dizer que os bichos nunca mudam de vida. Deve ser chato – concluiu o neto.

– E, que eu saiba, ninguém lhes conta histórias – concluiu o avô.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CAPUCHINHO E O LOBO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um frade de capuz descido, a caminho do mosteiro, no cimo da serra.

A friagem do princípio da noite era de respeito. Vinha tocada pelo vento, que assobiava pelas frinchas dos rochedos e despenteava as copas dos pinheiros. O frade tremia.

Tremia de frio ou tremia de medo? Vai-se lá saber, mas o mais certo é que se juntassem nos mesmos sítios do corpo as duas tremuras. As pernas vacilavam-lhe. Os dentes tiniam-lhe uns de encontro aos outros, enquanto balbuciava uma prece incerta:

– Que Santa-ta-ta Bár-ba-ba-ra me-me livre dos lo-bos--bos-bos…

Nem de propósito. Salta-lhe um lobo ao caminho, com os olhos em fogo e uma dentadura de escárnio e malvadez, que metia impressão.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Vais para casa da avozinha? – perguntou-lhe o lobo, que sabia da história antiga o suficiente.

Tinham-lhe contado em pequeno, com muitos pormenores que ele já esquecera.

Do essencial ainda se lembrava. Como estava escuro, o lobo não distinguia a cor do capuz nem isso lhe importava muito.

– Levas merenda para a viagem? – insistiu o lobo, perante o silêncio do frade encapuçado.

O caminho era ruim, com lombas e pedras soltas, mas o frade não se queixou e seguiu por ele adiante, em passo cada vez mais estugado, como se a conversa não fosse com ele. O lobo à cola.

– Ó capuchinho, então tu não falas? – soprava-lhe o lobo às canelas. – O que é que tu levas de comer para a avozinha? Um frango assado? Presunto? Compota? Biscoitos?

O lobo, a dizer estas coisas, babava-se que era uma vergonha. E o frade, moita!

– A avozinha, à tua espera, já deve estar em cuidado. Queres que eu vá, à frente, avisá-la de que não tardas? Depois esperamos por ti… Onde é que ela mora?

Nesta oportunidade, o frade podia safar-se. Dizendo onde morava a avozinha, mandava o lobo descer até um posto da guarda, nos baixos da serra. Os guardas florestais, de espingarda pronta, dariam conta do resto da história…

Mas o frade não queria nem sabia mentir.

E continuou calado, as forças todas concentradas na corrida e no fio do caminho, que nunca mais chegava ao fim.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Ó capuchinho, que pressa a tua! Quando tu chegares a casa da avó, ainda ela se zanga contigo, se te vê toda suada, nesse desalinho de menina tontelas…

Neste ponto, o frade, não aguentando mais o bafo do lobo, gritou, num desespero:

– Não tenho avó e para onde eu vou é para o convento, se Deus quiser.

A voz do frade era forte e grossa, apesar da fraqueza das pernas e dos saltos do coração. Pasmou o lobo:

– Vossa senhoria desculpe, mas eu não sabia que o capuchinho tinha professado. Ou então enganei-me eu na história…

E o lobo meteu o rabo entre as pernas e deixou o frade em paz. Já no meio do mato, apagado o fogo dos olhos, meneando a cabeça, o lobo matutava:

– Quando a gente é pequena acredita em tudo o que nos contam… Nunca supus que o capuchinho tivesse voz de trovão. Até se me puseram os pelos em pé do susto que apanhei.

E o lobo pôs-se a alisar os pelos do dorso com a língua salivosa. Se a noite desse para vê-lo, dir-se-ia um cachorrinho desapontado. Metia pena.

Por sua vez, o frade, que, derreado, já se aproximava dos muros do convento, ainda teve fôlego para lançar às estrelas a sua possante voz, num cântico de louvor a Santa Bárbara, madrinha dos caminhantes, amansadora da braveza das feras.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

UMA HISTÓRIA DO TEOTÓNIO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O maior aventureiro da nossa rua é o senhor Teotónio. Correu mundo e gosta que saibam.

– Não ficou nenhum cantinho por conhecer – costuma ele gabar-se, quando fazemos roda à sua volta.

– Esteve na Índia? – pergunta um de nós.

– Sete vezes – responde ele.

– E na China?

– Outras tantas – responde o Teotónio.

– Conhece o Japão?

– Como os meus dedos.

– Então conte-nos uma aventura sua no Japão – pedimos.

– Hoje não, que não tenho paciência – responde-nos o senhor Teotónio, a fingir que se levanta e que se vai embora.

Nós insistimos. Ele faz de conta que não quer contar e passamos assim que tempos, neste jogo. Até que levamos a nossa a melhor. Levamos sempre.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Estou a recordar-me de um naufrágio por que passei, de uma vez que vinha do Japão – começa ele.

É uma história do Teotónio. Verdade ou mentira ele que responda.

Segundo o seu contar, vinha do Japão, como marujo, num navio mercante, quando se lembrou de que tinha prometido à madrinha um quimono. A senhora que fazia tanto gosto no roupão de seda bordada e ele que se esquecera da encomenda. Não podia voltar atrás o navio, mas podia ele.

Às escondidas, baixou um escaler e abandonou o barco.

Depois, remou, noite e dia, dia e noite, tudo por causa do quimono da madrinha.

Que dedicação de afilhado!

Mas levantou-se uma tempestade e o barquinho a remos, que ia a passar pelo meio de uns ilhéus, sacudido de um lado para o outro, foi embater nuns escolhos e desfez-se. Por pouco que não se desfez com ele o senhor Teotónio.

Muito abalado, conseguiu nadar até à praia de um dos ilhéus, onde, exausto, se deixou adormecer.

Acordou, tempos depois, com uma esquisita sensação de aperto. Uns enormes olhos fitavam-no e ele estava nas mãos de um gigante. O senhor Teotónio viera ter à ilha dos temíveis Carantões, uma ilha lendária que todos os marinheiros japoneses temem.

A carantonha que o segurava nos dedos era uma gigante ainda pequenina, uma menina gigante. Para ela, o senhor Teotónio equivalia a um boneco achado na praia.

Ele não podia dar parte fraca. Fez-se de borracha e exibiu um risinho rígido de boneco japonês. Nessa

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

qualidade, passou a confraternizar com os outros brinquedos da menina carantonha.

Mas aquilo não era vida. Ser despido e vestido pela carantonha, embalado e lavado, pendurado de pernas para o ar e atirado ao chão, sem cerimónia, não se tolerava.

Eram humilhações demais para um aventureiro.

Decidiu fugir. Num barco de brinquedo, quase do tamanho do escaler em que naufragara, fez-se ao mar, à hora da sesta da sua tutora e carcereira. De bagagem, levava um quimono, surripiado à menina.

– Ó Teotónio, mas este quimono está-me enorme! – disse-lhe, tempo depois, a madrinha, que até era bastante avantajada de corpo. – Tu julgas que eu sou alguma gigante ou quê?

Não valia a pena explicar à madrinha os perigos e sacrifícios por que passara para lhe trazer aquele roupão de mangas larguíssimas. Talvez até ela o tomasse por mentiroso.

Nessa não caímos nós.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

DUAS MULAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Iam duas mulas por uma estrada. Lado a lado trotavam.

Uma, que trazia nos alforges batatas e legumes para o mercado, talvez por ser mais nova, adiantou-se à outra mula.

Logo a mais velha a chamou à pedra:

– Então que é lá isso, sua serigaita. Já não há respeito pela nobreza? Com que direito me ultrapassa a mim, que valho um milhão de vezes mais do que você?

A mula nova, que não estava para despiques, susteve o passo e deixou-a passar à frente. Mas, por curiosidade, perguntou-lhe:

– Porque é que vossemecê vale assim tanto mais do que eu?

– Porque trago uma fortuna que não faz ideia. Pratas lavradas, castiçais doirados, loiças da Índia e um saco de libras em ouro. Sou uma mula rica, ao passo que você, sua

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

pindérica, é apenas uma mula com dois sacos de batatas e umas hortaliças.

E lá seguiu à frente, majestosa.

A mula nova deixou-a ir. Companheiras de viagem daquele estilo dispensava.

Apartadas pela diferença de riquezas, também, na estrada, a distância entre uma e outra era cada vez maior.

Perderam-se de vista.

Voltaram a encontrar-se no mercado. A mula velha, descarregada do seu tesouro, metia dó. Andavam as moscas à volta dela. Estava à venda, mas ninguém a queria.

– Que lhe sucedeu para vir parar a esta miséria? – perguntou a mula nova, aliviada do peso das batatas.

– Uma grande desgraça – contou a mula velha. – Depois de nos separarmos, fui assaltada por uns bandidos, que me levaram tudo o que trazia comigo e ainda me moeram de pancada. Andei aos tombos, por aí, até vir ter a esta feira de animais para abate.

Vá lá que o dono da mula nova se tentou pela pechincha que pediam pela mula velha, e comprou-a.

– Vamos ser colegas – disse a mula nova. – Agora o que temos é de levar para a quinta o que o nosso dono trocou pelas batatas.

– E qual é a qualidade do carregamento? – perguntou a mula velha, que já conhecera pesos de muito preço e importância.

– Não é carga pesada. Isso é que me interessa – respondeu a nova.

– Mas de que qualidade? – insistiu a mais velha.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Estrume – respondeu a nova, muito mula, a mostrar as favolas, cheia de riso.

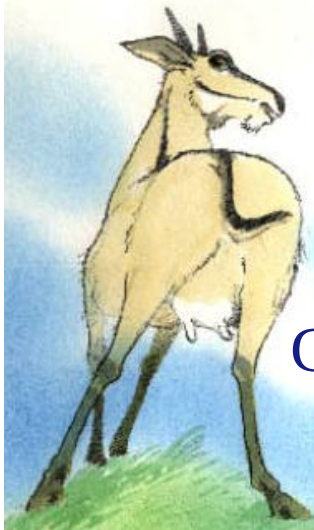
– Ah, estrume… – repetiu, desolada, a mais velha. – Nunca imaginei. Mas calhou assim. É a vida.

Isto dito a meio de um fundo suspiro. Pois. É a vida…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O TESOURO DA VILA



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Andava o senhor Firmino a vender lotaria nas ruas de Vila Nova, ao começo deste estranho caso.

Era cauteleiro o senhor Firmino.

– Quem quer a sorte? O Firmino dá sorte! Quem quer os últimos para amanhã? – apregoava ele.

De boné à banda, com um cacho de cautelas penduradas do braço, o senhor Firmino percorria a vila. Tinha a cara queimada do sol e do vento, que lhe baralhava os bilhetes inteiros e as listas dos prémios.

– Anda amanhã a roda para os números do Firmino – prometia. – Ainda tenho um bilhete quase inteiro com o meu palpite…

Era muito popular na vila o senhor Firmino. Houve, por isso, um grande sobressalto quando se soube o que tinha sucedido ao senhor Firmino. Calculem que… O melhor será dar-lhe a palavra, porque ele sabe contar melhor do que eu:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Já há tempos que não ia para os lados do Outeiro, lá no fim da vila. O sítio é mau para vender jogo. Tem pouco movimento, mas, junto à bomba da gasolina, às vezes, consigo arranjar freguês. Ia com o sentido nisso, porque queria despachar jogo. Na bomba, já uma vez me ficaram com um bilhete…

– E desta arranjou fregueses novos… – interrompeu alguém.

O senhor Firmino zangou-se:

– Não brinque com a minha pouca sorte, homem! Podia eu lá calcular que me ia suceder uma daquelas?! Eu ia para lá, e cruzei-me com um rebanho de cabras, tocadas por um garoto, que é afilhado do Bolota. Estava uma ventania dos diabos. Para proteger os bilhetes, ajeitei-os debaixo do casaco e segui caminho. Passei pelo meio do rebanho e, de facto, reparei que uma das cabras engraçara comigo e se pusera a seguir-me, com o focinho a roçar-me as pernas. Achei simpático o bicho e até me virei para lhe fazer uma festa, calculem! Nessa altura, a cabra fugiu e foi quando eu vi que ela levava nos dentes um bocado de papel cor-de--rosa. Tive um pressentimento, fui ver o jogo e faltava-me um bilhete, um dos que tinha ficado fora do casaco. A cabra papara um bilhete, parte do qual levava ainda na boca. Corri atrás dela, corremos os dois, eu e o pastor ou os três, eu, o garoto e a cabra, que corria mais do que nós dois juntos. Claro que, quando a apanhámos, já tinha engolido o resto. Disse-me o rapaz que ela, no outro dia, comeu uma toalha e um lençol. Que esperam dum bicho destes?

– E agora? – perguntaram.

– Agora é esperar. Fui ter com o Anselmo Bolota, que é o dono das cabras, e ele, depois de grande questão,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

resolveu pagar parte dos prejuízos, ou seja, ficou com três décimos do bilhete que a cabra comeu.

– Então o resto?

– Quem vai arriscar-se a comprar cautelas que estão na barriga de uma cabra? Com o resto fico eu ou a cabra, a única, afinal, que já ganhou. O número é o 17029. Depois de amanhã anda a roda!

Foram dois dias ansiosamente vividos por todos os de Vila Nova e arredores. Não se falava de outra coisa. E se o 17029 ganhava a Sorte Grande? Era uma pipa de massa, pois então! A dividir por quem? Pelo Firmino e pelo senhor Bolota, que só comprara três décimos, mas era o dono do animal! Por ninguém, visto que não havia bilhete que comprovasse, depois, aos balcões da Santa Casa, o direito ao prémio? Mas que grande complicação!

No Café Central, na Leitaria Sevilhana, no Jardim da Guia, no largo da Igreja, no pátio da escola, nas lojas da Rua dos Alecrins, o único tema era o tesouro, o possível mas obscuro tesouro, guardado e bem guardado na barriga de uma cabra de seu nome Rabisca.

E essa, sim, a Rabisca, como se comportava ela? Ora! Continuava a mastigar o que lhe vinha ao dente, sem ligar a mínima importância à balbúrdia que tinha provocado.

"Ai, se saísse a sorte grande no 17029!...", pensava o senhor Firmino, o senhor Bolota e toda a vila, em peso.

Andou a roda, saltitaram as bolinhas dos números, mas o 17029 ficou-se no meio dos outros, dos que não saíram pela porta mágica da fortuna.

Quando a vila soube que o 17029 não tinha sido premiado, respirou finalmente, aliviada.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O senhor Firmino queixou-se da sua sorte e prometeu nunca mais comer queijo de cabra, mas com o tempo, o bom cauteleiro acabou por levar o caso para a brincadeira.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ZÉ DESGRAÇADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um homem muito pobre. Não tinha nada de seu e vagabundeava, todo esfarrapado e de longas barbas cinzentas, de terra em terra, vivendo de esmolas.

Chamavam-lhe Zé Desgraçado e, com o tempo, esse passou a ser o seu verdadeiro nome. Há também que dizer, à partida, que a história se passa em África.

Zé Desgraçado ia pelo meio do mato quando encontrou um antílope morto, trespassado por uma azagaia. Pensou: "Escapou-se, escondeu-se e morreu. E o caçador passo a ser eu".

Todo contente, começou a juntar lenha para fazer uma fogueira onde assar o antílope. Nisto, um passarinho poisou-lhe no ombro e disse:

– Zé Desgraçado, não comas essa carne. Continua em frente, que o melhor está para vir.

Zé Desgraçado, embora contra-vontade, correspondeu ao conselho do passarinho.

Seguiu viagem, apertadinho de fome, mas seguiu.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mais adiante, encontrou uma gazela, morta, também trespassada por uma azagaia.

O vagabundo pensou: "Escapou-se, escondeu-se e morreu. E o caçador passo a ser eu".

Mas, de novo, o passarinho lhe disse:

– Zé Desgraçado, não comas essa carne. Continua em frente, que o melhor está para vir.

Muito contrariado, o mendigo avançou pelo meio do mato. Assim, chegou ao deserto. O passarinho, que não o largava, animou-o a continuar a viagem.

Sob o fogo do sol, cheio de sede e de fome, o Zé Desgraçado arrastou-se pela areia. Dunas sobre dunas e mais dunas e dunas…

Até que chegou a um oásis. Como se estivesse à espera dele, um rancho de criados despojou-o dos farrapos, mergulhou-o numa tina de água perfumada e cobriu-o, depois, de ricas vestes. O vagabundo já não parecia o mesmo, embora continuasse com fome.

Os mesmos criados conduziram-no a uma grande tenda, onde estava uma bela senhora vestida de penas. Ela falou, a desejar-lhes as boas-vindas, e o Zé Desgraçado reconheceu a voz do pássaro que o conduzira.

Era viúva e única dona do oásis e da mina de ouro que nele havia. Parece que estava tudo predestinado para que ali se realizasse um casamento, seguido de sumptuosa boda… Ao Zé Desgraçado convinha-lhe, tanto mais que continuava cheio de fome.

– Vais casar-te comigo – disse-lhe a senhora. – Mas imponho-te uma condição: nunca podes olhar para trás.

O vagabundo estava por tudo. Desde que comesse qualquer coisinha…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Depois da cerimónia do casamento, estenderam as iguarias, sob a cúpula da tenda. Manjares deliciosos. Entre eles, um antílope e uma gazela.

Zé Desgraçado que ia a provar, de água na boca, um bocadinho de carne tostada, lembrou-se:

– No caminho para cá, encontrei um antílope e uma gazela, iguais a estes.

E apontou para trás. E olhou para trás.

Logo tudo se desvaneceu. Nem que fosse um sonho.

Zé Desgraçado voltou a encontrar-se no meio do mato, sozinho e cheio de fome.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A FONTE DOS PARDAIS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma fonte à beira da estrada. Os pardais das árvores vizinhas tinham ali o seu ponto de encontro.

Matavam a sede, tomavam banho, chilreavam uns com os outros.

De semana a semana, vinha um homem, sempre de automóvel, buscar água à fonte. Enchia uma quantidade de garrafões de plástico e, depois, abalava.

Nessas alturas, a pardalada fugia para o poiso das árvores e ficava a observar.

– O que é que ele vai fazer com tanta água? – intrigava-se um pardalito novo.

– Deve ir regar as couves – sugeria um pardal.

– Para regar as couves é pouca – replicava uma velha pardoca, muito conhecedora da vida.

– Então é para ele beber – propunha outro pardal.

– Para ele beber é muita – replicava a velha pardoca.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Para o que será? – perguntava o pardalito, sem que ninguém soubesse responder-lhe.

Decidiu investigar. Voou atrás do automóvel, mas como ainda tinha as asas com pouca força e a estrada era às curvas e contra-curvas, perdeu-lhe o rasto. E perdeu-se.

Esvoaçou ao calhas, até descer sobre um telheiro, junto à estrada. No telheiro havia melões à venda e cebolas e batatas e garrafões de vinho. Alto lá! E também havia garrafões de água, tal e qual os que o homem do automóvel enchia, na fonte dos pardais.

Se o pardal soubesse ler, leria no rótulo dos garrafões: "ÁGUA DA FONTE DA SAÚDE – Graças a ela, os novos crescem e os velhos não encolhem".

Aos saltinhos, diante dos garrafões, o pardalito admirava a fotografia do rótulo. Lá estava a fonte, centro da sua vida, e uns passarinhos a beber água no rebordo do tanque. Vendo bem, aquele mais pequeno, à direita, podia ser ele, o pardalito aventureiro.

Muito orgulhoso da sua descoberta, o pardal voou muito alto, tão alto que, lá de cima, viu o telheiro dos garrafões, a estrada às curvas e a fonte da Saúde ou dos pardais, donde ele viera.

Disparou em direcção ao ponto de partida e muito excitado piou para os companheiros:

– Já sei o segredo dos garrafões. O homem anda a vender o nosso retrato mais o retrato da nossa fonte.

– E a água para que serve? – perguntou um companheiro.

– Para segurar o nosso retrato – respondeu, prontamente, o pardalito.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O SENHOR GORDO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um senhor muito gordo.

Foi ao médico dos gordos, que querem passar a magros ou a menos gordos. Um médico muito famoso.

– O que o senhor precisa é de fazer exercício – disse-lhe o médico.

– Que género de exercício? – perguntou o senhor muito gordo.

– Desporto – explicou-lhe o médico. – Ginástica, natação, corrida…

O senhor gordo, que também era muito preguiçoso, preferiu a corrida, mas a cavalo. Sempre era mais confortável.

No mês seguinte, voltou ao médico.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– O senhor está na mesma – disse-lhe o médico, depois de medir-lhe a cintura. – Não emagreceu nada.

– Mas emagreceu o cavalo – esclareceu o senhor gordo. – Depois deste mês de exercício, a carregar comigo, está só pele e osso.

E o senhor continuou gordo, para o resto da vida. O cavalo, esse, teve de ir consultar um veterinário, a ver se engordava.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A CEGUEIRA DO PRÍNCIPE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Veio esta história de longe, da Índia, que é terra fértil em histórias de encantar.

Aí se conta de um príncipe filho do poderoso marajá (que era um rei da Índia, de antigamente), aí se fala de um príncipe cego.

Inexplicável doença roubara-lhe a luz dos olhos e nenhum sábio ou médico dos mais eminentes conseguia atinar com a cura do seu mal.

O rei (o marajá) só vivia para o seu desgosto e toda a corte mergulhara também em grande tristeza.

Mas, um dia, apresentou-se no palácio um peregrino que disse:

– Sei do remédio que cura o príncipe.

O marajá chamou-o logo à sua presença:

– Diz-me o que precisas para livrar o meu filho da cegueira, que tudo se fará como tu ordenares.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Preciso apenas de uma taça de cristal – respondeu o peregrino – e que Vossa Majestade me acompanhe numa viagem, através do reino.

Rei e peregrino desceram às ruas e aos campos miseráveis do reino. Por onde passavam, onde houvesse lágrimas vertidas pelo povo, lágrimas de sofrimentos, de misérias, de injustiças sofridas e caladas, o peregrino colhia-as na sua taça de cristal.

Quando tiveram a taça quase cheia de lágrimas – o que não foi difícil, porque o povo daquele reino era pobre e vivia abandonado, no meio da sua pobreza -, quando deram por finda a viagem e regressaram ao palácio, o peregrino banhou os olhos do príncipe com o conteúdo da taça. Que ninguém se admire com o que sucedeu…

Imaginem que logo, naquele instante, o príncipe voltou a ver.

A história não conta se o rei, depois desta viagem, passou a cuidar melhor dos assuntos do reino nem se o príncipe, uma vez rei, foi bom e justo para o seu povo. A história não conta, mas nós acreditamos que sim, que foi tal e qual como nós desejamos que tudo passou a acontecer.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PAPAGAIO DO RESTAURANTE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um papagaio muito esperto. Tudo o que ouvia imitava. E até o que não ouvia…

Tinha poiso no restaurante do senhor Albano, um modesto restaurante do bairro, sem nada de especial, salvo o papagaio. À sua conta, o palrador atraía a clientela, que vinha de longe só para ouvir-lhe as habilidades.

– Como te chamas?

Tratava todos por tu. Não era um papagaio de cerimónias. O visado respondia, por exemplo:

– Manuel.

E logo o papagaio rimava:

– Pastel.

Ou caso fosse:

– Manuela.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O papagaio rimava:

– Rodela de morcela.

Ou:

– Agostinho.

– Copo de vinho.

Sempre que fosse rima de comer ou de beber, o senhor Albano servia.

– Somos sócios – explicava o senhor Albano, muito contente com o negócio dos comes e dos bebes.

Mas não eram. E porque não eram, o papagaio gostava de pregar-lhe partidas.

Uma vez, um cliente, que precisou de ir à casa-de-banho e ia abrir a porta respectiva, ouviu uma voz dizer:

– Está gente.

O senhor recuou e esperou. Esperou o mais que pôde e mais não podendo foi dar conta da sua necessidade noutro sítio.

Outra pessoa com vontade de ir à casa-de-banho e a mesmo voz a avisar:

– Está gente.

O caso repetiu-se, a ponto de o senhor Albano se intrigar. Ele próprio foi ter à porta da casa-de-banho.

– Está gente – respondeu a voz.

O senhor Albano não se conformou e abriu a porta. Como se calcula, o papagaio era o responsável. Agarrado pelo pescoço, teve de ouvir das boas do dono:

– Eu te dou a gente, papagaio de uma figa torta.

– Mão morta, mão morta, vai bater àquela porta – respondia o papagaio, muito esganiçado.

Passados dias, a mesma coisa. Alguém com precisão inadiável e a porta da casa-de-banho fechada.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Está gente – diziam, de dentro.

Minutos depois, novo truz-truz e a mesma voz a anunciar:

– Está gente.

O senhor Albano desconfiou e também ele bateu:

– Está gente – foi a resposta.

– Isso é que não está – disse o senhor Albano, atirando um ombro à porta que, por sinal, estava fechada à chave.

– Está gente – gritou um indignado protesto, do outro lado.

Novo encontrão, a porta cedeu e o senhor Albano entrou, de repelão. Afinal, desta vez, estava mesmo gente, logo, para mais, uma senhora…

– Ah, desculpe que foi engano! – exclamou, atrapalhado, o dono do restaurante.

O papagaio, que a tudo assistira, escondido atrás de umas pipas, riu que se fartou.

Ou não se fartou, porque daí em diante, por tudo e por nada, gritava:

– Albano foi engano – e largava uma risada daquelas amalandradas, de rebentar com os nervos a um santo, quanto mais a um Albano, dono de um tasco de comes e bebes. O que ele barafustava:

– Palavra que, um dia, perco a cabeça e meto-te na panela.

– Perdias clientela – gritava o papagaio.

– Deixo-te a cozer!

– Ficavas a perder…

– Com batata às rodelas!

– Depois é que eram elas…

– Sal, azeite ou margarina…

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Ficavas na ruína! Ficavas na ruína!
– Servido com presunto…
– Albano sem bestunto!
– E salsa bem picada…
– Sem mim não eras nada!
– Sabias a galinha.

Neste ponto, o papagaio eriçava-se todo e gritava:

– Galinha, qual galinha?! A minha carne é minha! A minha carne é minha!

E voava assarapantado, deitando ao chão tudo o que estivesse nas prateleiras do restaurante. Nessas ocasiões, o senhor Albano, avaliados os estragos, também não se ficava a rir.

Fora estes arrufos, davam-se os dois muito bem.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

AS TRAÇAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram duas traças. Tinham ido parar ao meu sobretudo, guardado no Verão, para voltar a servir no Inverno.

As duas traças não me conheciam de parte alguma. Por isso não podiam pedir-me autorização para se servirem, à maneira delas, do meu sobretudo. Naquele guarda-vestidos havia mais roupa pendurada, mas o sobretudo azul-escuro, de lã macia, era o que mais lhes convinha.

Quando, chegado o Inverno, dei com dois buracos na lapela do meu sobretudo, barafustei:

– Malditas traças! Não há naftalina que as detenha.

Talvez estas traças estivessem constipadas ou a naftalina que eu tinha espalhado pelos bolsos do sobretudo fosse de má qualidade… Talvez estas traças não respeitassem nada

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

nem ninguém, nem sequer senhores de sobretudo ou sobretudos sem senhores…

– Logo na lapela, tão à vista de toda a gente. Podiam antes ter traçado o forro ou as abas, atrás. Assim, inutilizaram-me o sobretudo. Não tem remédio.

Devia haver uma maneira de avisar as traças a não roerem lapelas, golas e peitilhos de casacos e sobretudos. Talvez mudassem de hábitos.

Eu, neste Inverno, particularmente frio, tenho andado de sobretudo, o azul-escuro de lã macia, o traçado… Mas com uma particularidade: sempre com uma flor na lapela.

É para tapar os buracos feitos pelas traças. Os meus amigos não sabem e dizem-me que ando com um ar festivo.

– Andas tão alegre, neste Inverno – comentam.

Se eles soubessem…

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BOLO-REI

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O bolo-rei tomava-se muito sério. Não havia discussão: ele era o rei dos bolos.

Como tal, quando lhe caiu uma passa da coroa, ordenou ao bolo-inglês:

– Traz-me essa passa de volta.

O bolo-inglês fez-se desentendido e respondeu:

– Sorry! I don't understand...

O que queria dizer na dele que pedia desculpa, mas não tinha entendido.

Então, o bolo-rei virou-se para um bolo de natas e deu a mesma ordem. Queria, outra vez, a passa a ornamentar-lhe a coroa.

O bolo de natas tinha uma fala atrapalhada, por causa do excesso de natas.

– Flá, plefe, pflu, pfló...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Não se percebia nada.

O bolo-rei, muito irritado, ordenou ao bolo de amêndoa, que lhe respondeu:

– Também a mim me caiu uma amêndoa torrada e não me queixo.

O bolo-rei, cada vez mais exasperado, deu a mesma ordem a um pudim de gelatina, mas o pudim de gelatina era muito frágil, muito nervoso e só tremeu, tremeu, incapaz de dizer ou fazer o que quer que fosse.

– São uns rebeldes estes meus súbditos – concluiu, numa grande exaltação, o bolo-rei. – Condeno-os a que sejam todos cortados às fatias.

E assim aconteceu. Mas nem o bolo-rei escapou.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

GRANDES BIGODES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era um senhor com uns grandes bigodes. Tinha muita vaidade nos seus imensos bigodes, muito espetados, metade para cada lado e um risco ao meio para se assoar à vontade.

À noite, dormia de barriga para o ar, porque não queria amachucar os bigodes.

De manhã, demorava mais tempo a pentear e alisar os bigodes do que a lavar-se. Mas lavava-se, podem crer!

No autocarro para o emprego, sempre muito cheio de gente, acotovelava à esquerda e à direita, para que não fossem de encontro aos seus belos bigodes.

Ao almoço, não comia sopa, para não sujar os bigodes. Nem ao jantar.

– Parece que está com uma guia do bigode mais comprida do que a outra – disseram-lhe, uma vez.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O senhor dos grandes bigodes não descansou enquanto não chegou a casa. Mirou-se e remirou-se ao espelho e, de tesoura na mão, cortou uma pontinha de um dos lados do bigode.

– Assim já está certo – disse.

Mas talvez não estivesse...

Então, cortou uma pontinha do outro lado.

– Agora é que está – disse.

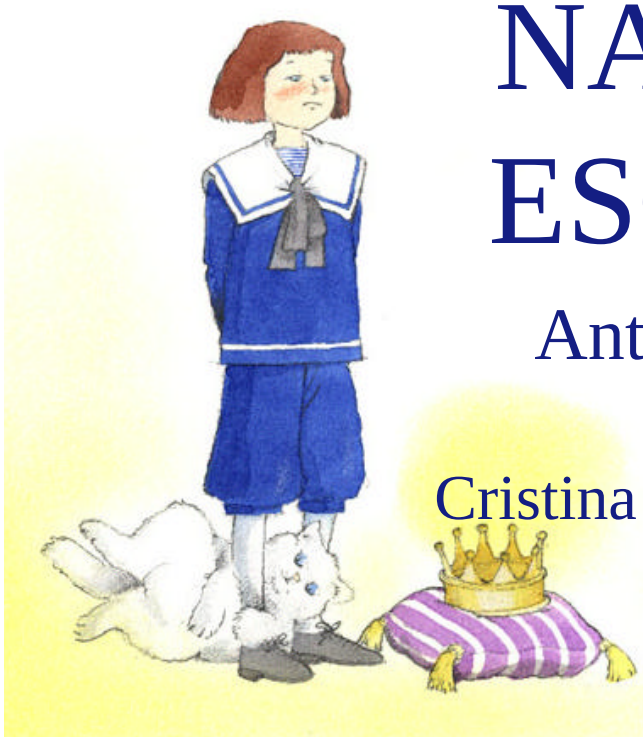
Mas parecia que ainda não estava...

Passou a noite a cortar, ora dum lado ora do outro, sempre descontente, sempre impaciente.

E, quando chegou a manhã, o senhor dos grande bigodes já não tinha bigode.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



NÃO TEM ESCOLHA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A ele não valia a pena perguntarem-lhe o que queria ser quando fosse grande. A resposta, quisesse ele ou não quisesse, só podia ser uma:

– Rei.

Tinha de ser. Pois se ele era príncipe, filho único de um senhor rei, que outra coisa, profissão ou destino podia caber nos seus projectos de futuro?

Pensando nisto, o príncipe, que não tinha vontade nenhuma de ocupar o trono dos seus antepassados, entristecia.

Uma vez, ouvira o jardineiro dos jardins reais queixar-se:

– O meu filho, que eu gostava tanto que fosse jardineiro como eu, diz que não tem vocação para a jardinagem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Se ele dissesse o mesmo (isto é, o equivalente!), o que é que aconteceria?

Encheu-se de coragem e disse.

O rei, que era um homem compreensivo, respondeu-lhe:

– Meu filho, eu, quando tinha a tua idade, queria ser arquitecto, mas o teu avô deixou-me esta obrigação, que havia eu de fazer?

Por sinal que era um rei muito dado a construções. Se o queriam ver feliz, mostrassem-lhe projectos de obras públicas, hospitais, escolas, novas cidades. O rei ficava encantado, dava opiniões, discutia com os arquitectos e os engenheiros como se fosse um deles.

– Se não tivesses de ser rei, o que é que gostarias de ser, quando fosses crescido? – perguntou o rei ao príncipe.

– Gostava de ser veterinário – respondeu o príncipe.

– Não vai ser fácil. Um rei veterinário não é muito comum. Há casos de reis-soldados, de reis-marinheiros, de reis-músicos, mas de reis-veterinários não tenho ideia. No entanto, vou pensar no assunto.

Era um bom pai e um bom rei. Em segredo, começou a projectar um grande jardim zoológico. Desenhou tudo muito bem desenhado, como se fosse um arquitecto.

Quando tinha a obra toda projectada, estendeu os rolos dos projectos diante dos olhos do filho e disse-lhe:

– Ficam ao teu cuidado, para que tu construas o jardim, quando fores rei.

– Mas o pai podia mandar construir agora – disse o príncipe.

– Quero que fique à tua responsabilidade. Quando eu morrer, deixo-te o reino e estes projectos, para que te ocupes deles.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Assim sucedeu. O príncipe tornou-se rei. Não tinha alternativa. Uma vez coroado, dedicou-se com entusiasmo aos trabalhos de governação. Mas com mais entusiasmo se dedicou a levantar o jardim zoológico, que, uma vez pronto, maravilhou o mundo.

Ao jardim deu o nome do senhor rei seu pai, que tinha querido ser arquitecto.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

TÁXI

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Deram ao cachorrinho o nome de "Táxi". Com tantos nomes disponíveis, logo foram escolher este! Mas ele não se importava.

– Táxi – chamavam.

E ele vinha, a dar ao rabo, sempre contente.

Mas eram os donos de má qualidade. Gostavam de brincar com o cachorrinho, pois gostavam, mas quando o viram crescer e transformar-se num grande cão disseram:

– O Táxi só está a estorvar. Não podemos mantê-lo cá em casa.

Abandonaram-no. Há gente assim, sem coração.

O Táxi viu-se no meio de uma rua, com grande movimento, e desorientou-se.

Cheirou o ar e não deu com o caminho de casa. Nem valia a pena.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Supomos que o Táxi suspeitava que já o não queriam. Tinha de conformar-se. Ia ser um cão vadio, um cão de rua, um Táxi sem dono nem passageiro.

– Táxi – chamaram, perto.

Ele acorreu ao chamamento.

– Sai daqui, cão – enxotou-o uma senhora, que ia a apanhar um táxi.

– Táxi – chamaram, mais adiante.

O cão não se fez esperar, mas um senhor cheio de embrulhos, que ia a entrar num táxi, deu-lhe um pontapé.

Ele não percebia. Chamavam-no e logo o rejeitavam. Gente esquisita.

De desilusão em desilusão, foi ter a uma praça de táxis. Mero acaso. Um motorista, que estava à espera de freguês, partilhou com ele uma bucha com queijo.

– Como te chamas? – perguntou-lhe o motorista por perguntar.

Se ele pudesse responder… Fosse como fosse, talvez por afinidade, foi-se deixando ficar. Os motoristas acharam graça à alegre pressa com que ele se levantava dos quartos traseiros quando alguém pedia um táxi.

– É cá dos nossos – diziam.

E adoptaram-no. Continuava a ser um táxi livre, sem dono, mas protegido por uma quantidade de amigos.

Afinal o nome Táxi sempre lhe valera para alguma coisa.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

MANUEL E MANUELA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eles saíram desalvorados para a escola.

– Escusam de ir a correr – disse-lhes a mãe. – Têm tempo.

Manuel e Manuela refrearam a marcha. Se a mãe lhes dissera que tinham tempo é porque tinham.

Logo ali, quase à mão de apanhar, umas tangerinas, penduradas de um ramo, que lhes dizia adeus.

O Manuel trepou ao muro e raptou duas tangerinas da tangerineira, uma para ele outra para a irmã. Fresquinhas. Deliciosas.

– De quem é o quintal? – perguntou a Manuela ao Manuel.

– É do cabo Octávio, da Guarda Republicana disse o Manuel.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– E se ele sabe? – assustou-se a Manuela, que gostava de assustar-se.

Mas já tinham comido as doces tangerinas.

Continuaram o caminho e logo por azar, à entrada da escola, deram com o cabo Octávio, postado de sentinela.

Os dois irmãos, ao verem-no, esconderam-se atrás de uma árvore.

– E se ele descobre? – assustou-se a Manuela. – Cheira-nos as mãos, que ainda cheiram à casca das tangerinas, e prende-nos.

Claro que era um exagero, uma tolice, mas quando se tem a consciência pesada só se pensa no pior.

– Vamos lavar as mãos ao rio – lembrou o Manuel.

Foram. O perfume da tangerina é que não saía nem por mais uma.

– Temos de arranjar sabão para lavar as mãos como deve ser – disse o Manuel.

Lavadeiras tinham deixado lençóis a secar, estendidos nas pedras lisas da beira-rio. E um bocadinho de sabão.

– Há-de ser a senhora Angelina, lavadeira – disse a Manuela.

Lavaram conscienciosamente as mãos, muito bem ensaboadas, mas o sabão escorregou-lhes e foi ao fundo. Não era grande a perda.

Eles a retomarem o caminho para a escola e a verem, ao longe, a senhora Angelina, com mais uma carga de roupa para lavar. Vinha em direcção a eles.

Claro que a Manuela e o Manuel, por causa da história do sabão, fugiram, sem que a lavadeira percebesse porquê.

Fugiram e perderam-se.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando retomaram o caminho e chegaram à escola, onde já não pairava a sombra do cabo Octávio, a aula tinha começado há que tempos.

A professora ralhou-lhes pelo atraso.

– Hão-de dizer à vossa mãe para passar a acordar-vos mais cedo.

Os dois irmãos disseram que sim. Que mais podiam eles dizer?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

POR CAUSA DE UNS CABRITOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um homem. Era uma vez uma mulher. Encontraram-se, agradaram-se um do outro e vai daí casaram-se.

Esta história começa onde as outras acabam. Mas há mais para contar.

A mulher levou para a casa nova uma cabrinha de que nunca se apartara. O homem levou um bode, que sempre lhe fizera companhia.

Já se vê que a cabra e o bode apreciaram a ideia. Meses depois nasceram cabritos.

– Vou vendê-los no mercado e com o dinheiro que ganhar quero comprar umas coisa para mim – disse o homem.

– E para mim? – perguntou a mulher, fazendo cara feia.

www.hugoteacher.blogspot.com

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Para ti? – admirou-se o homem. – Os cabritos pertenciam-me. A tua cabra, quando veio cá para casa, não tinha cabritos. O meu bode é que lhos fez. Portanto, os cabritos pertencem-me. Posso fazer deles o que eu quiser.

Não era este o ponto de vista da mulher. Quando há pontos de vista opostos, há discussão. Às vezes, a discussão escorrega para zanga. Foi o que aconteceu.

Fizeram mais barulho do que deviam e os vizinhos foram queixar-se ao juiz. Ele, que sabia julgar, que decidisse daquele caso.

O juiz, um rapaz novo e bem disposto, ouviu a história, pensou um bocadinho e disse:

– Eu hoje não posso tratar desse caso, porque tenho de ir avisar a minha mãe de que o meu pai deu à luz um bebé.

Ficaram todos muito espantados. Depois, desataram a rir.

Quando o dono do bode ouviu a resposta do juiz também se riu. E a mulher com ele. Aliás, ela ainda se riu mais. Estava tudo esclarecido.

Tempos depois, na casa do homem e da mulher que por pouco não fora abaixo por causa de uma discussão de cabritos, nasceu um menino. Dos dois, já se vê.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SAPE, CÃO!

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um cão com dono...

Era uma vez um gato sem dono...

– Quem vem lá? – pergunta o cão, de focinho no ar, a farejar, a farejar...

Claro que esta pergunta a fez ele muito antes de tudo isto começar – aí a uns duzentos metros desta história.

O gato não tem o faro tão apurado, mas os olhos dele atravessam a distância e pressentem sombras e ameaças, que só ele conhece. Por acaso, desta vez, o gato não ia a olhar para onde devia. Era um gato distraído. Ou míope.

Quando se lhe eriçaram os bigodes, já era tarde. À sua frente, de supetão, um cão cãozarrão, voz de trovão... Que aflição!

Foge!

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Antes que lhe dissessem, já ele tinha fugido. As patas iam à frente, e ele com elas. Tal como nos filmes de desenhos animados.

Este filme é curto. Acaba numa árvore sem frutos, sem folhas, uma árvore mesmo a propósito para salvar gatos.

Correu por ela acima e não deu por que subia. Nem que fosse um pinheiro gigante, um mastro, um muro de castelo. Nem que fosse a Torre Eiffel... De unhas--canivetes-picaretas, com a pressa atarantada em que ia, o gato até era capaz de trepar à Lua, se houvesse escadas para lá chegar.

Ficou-se pelo cimo da árvore. Deu por isso quando lhe faltou o apoio. Sobravam-lhe forças para muito mais lances.

– E agora? – perguntou, lá de acima, o gato, engolindo ar.

Ele era preto, como o corvo da fábula, enquanto o cão, mal acomparado, fazia as vezes da raposa. Faltava apenas o queijo. E a manha.

– E agora? – perguntou de novo o gato, mais seguro do seu poiso.

– Agora fico à espera que a árvore dê frutos e os frutos caiam de maduros... – rosnou o cão.

Se nos ficássemos por aqui, esta história não chegava ao fim, o que era pena. Temos nós, portanto, de acrescentar o mais importante da fábula.

Sim, porque isto é uma fábula, a do cão, animal doméstico, e do gato, animal vadio... As conclusões, vocês que as tirem.

– Piloto! – chamou uma voz, longe.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O cão Piloto fingiu que não era com ele.

– Estão a chamar-te, Piloto. Tens de ir – aconselhava-lhe, do seu poleiro, o gato. – Sempre ouvi dizer que os cães são muito obedientes.

– Piloto! – repetiu a voz, mais perto e mais impaciente.

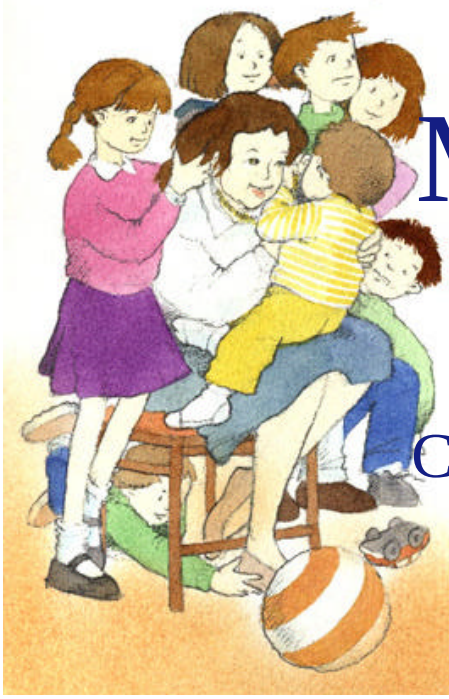
O cão rosnou, levantou os traseiros e voltou a sentar-se.

– Piloto, venha já ao dono! – gritou a voz ameaçadoramente perto.

E o Piloto, de cabeça baixa, lá foi, suspirando...

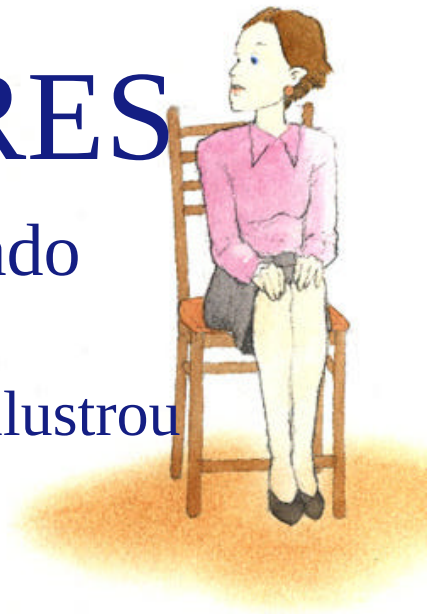
FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros



DUAS MULHERES

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez duas mulheres. Uma tinha muitos filhos. A outra não tinha nenhum.

Um dia, a que não tinha filhos convidou a outra para ir lá a casa.

Mas que viesse só. Sim, sobretudo que viesse só, sem a ranchada de filhos atrás, porque ela, sim, tomasse nota, porque ela não gostava de crianças.

– Ui, são insuportáveis! – dizia. – Desarrumam tudo, sujam tudo, estragam tudo. Eu nunca quis ser mãe porque me falta paciência para aturar gaiatos.

A casa dela estava recheada de coisas e coisinhas, todas muito bem colocadas em prateleiras e prateleirinhas. Era uma casa cheia e muito asseada, por onde se andava com muita cautela, quase em bicos de pés, para que as prateleiras não estremecessem e as coisa e coisinhas não se sobressaltassem.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A mulher que tinha muitos filhos mirou tudo o que a dona da casa sem crianças lhe quis mostrar. Não só o que estava à vista, mas também as gavetas e arcas atulhadas de rendas, lençóis, toalhas, e os armários carregados de vestidos, blusas, casacos, que a mulher sem filhos gostava de exibir às visitas.

– Tivesse eu filharada e não podia ser tão rica – dizia ou parecia dizer a mulher sem filhos.

Tempos depois, foi a vez de a mulher com muitos filhos convidar a outra para ir lá a casa. Que algazarra! Miudagem por todo o lado.

Muito atordoada, no meio das crianças, a mulher sem filhos olhava para o desalinho da casa, a pobreza dos móveis, a fraqueza da despensa. Pois sim. Ela é que estava na razão, ela é que tinha juízo, por nunca ter querido ter filhos.

Chegou a altura de tomarem chá.

– Mariana, faz-me um favor e põe a água ao lume para o chá – pediu a mãe à filha mais velha.

– Não temos chá – disse a filha Mariana.

– Então, ó Carlos, vai ali à loja do Senhor Augusto e compra uma lata de chá, das pequenas – pediu a mãe a um dos irmãos da Mariana.

Quando, já de chávenas na mão, deram pela falta do açúcar, a mãe pediu:

– Rosa, pega no açucareiro e vai a casa da vizinha Adriana pôr uns torrõezinhos – pediu a mãe. – Mas, depois, não os comas pelo caminho...

Toda a miudagem se riu. Era uma casa muito alegre.

Depois do chá, a filha Noémia pôs-se a pentear a mãe, que era uma maneira de fazer-lhe festas. Com o Toninho ao

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

colo, o mais novo do rancho, a mulher que tinha muitos filhos conversava despreocupadamente com a mulher que não tinha filhos.

– Eles são a minha riqueza – contava ela, sorrindo e fazendo um grande gesto em roda.

A mulher sem filhos compreendeu e até talvez sentisse, lá no íntimo (que é o sítio onde se guarda o coração...) e reconsiderasse, finalmente, que a mulher com filhos era muito mais rica do que ela.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

MÁ BOCA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Dantes, lá para os lados da Rússia ou mais longe ainda, havia uma rainha caprichosa e esquisita de boca, que, por maldade ou desfastio, se especializara em provocar dores de cabeça aos cozinheiros do palácio.

– Amanhã quero para o almoço um puré de pétalas de açucena, colhidas ao alvorecer e sem mais tempero senão dois dedais de manteiga, fabricada com o leite de vacas brancas, sem malha nenhuma no dorso. Isto que venha a acompanhar finas fatias de fiambre de salmão da Geórgia, pescado à mão por mergulhadores bizantinos. Não esquecer o pormenor dos mergulhadores bizantinos, indispensável para a boa qualidade do salmão.

Os cozinheiros registavam a encomenda e suspiraram para dentro, porque se suspirassem para fora, ai deles! Por muito menos já alguns tinham sido chicoteados... Tempos maus esses para os cozinheiros.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Cada dia, uma extravagância nova.

Quando, uma vez, a rainha exigiu, para um jantar de festa, bifes de dragão, os cozinheiros entreolharam-se, em silêncio, cheios de pavor. Onde é que eles iam encontrar um dragão? E como é que haviam de caçá-lo, eles, humildes cozinheiros, que não conheciam outras armas senão as facas de cozinha, os trinchantes e as escumadeiras? Que aflição.

Foram ter com o rei, para pô-lo a par do que a sua real esposa pretendia. E explicaram-se:

– Um dragão, tão nobre bicho, não se deixa caçar por cozinheiros. Só um caçador real conseguirá tal proeza.

O rei percebeu logo onde eles queriam chegar. Mandou-os em paz.

Depois, foi ter com a rainha e disse-lhe:

– Minha senhora esposa, venho despedir-me. Parto para a caça ao dragão, que vos apeteceu. Se não regressar dentro de dois dias é porque o dragão decidiu incluir-me no jantar dele, em vez de ser ele incluído no vosso.

A rainha, que se achava ainda muito nova para experimentar a viuvez, protestou, dizendo que afinal a ideia dos bifes de dragão talvez não tivesse sido muito feliz, tanto mais que, segundo constava, a carne de dragão era um bocado indigesta.

– Talvez para o dragão a minha seja menos – comentou o rei, com ar decidido.

E partiu.

Demorou-se.

Passaram dias, semanas, meses e o rei sem voltar.

Constava que, para lá das montanhas, encontrara um dragão no seu cevil e com ele batalhara, na vã tentativa de

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

arrancar-lhe uns bifes, ao que o dragão se opusera.

Ao fim da luta, ganhara quem tinha de ganhar... Pobre rei!

A rainha nunca mais se lembrou do jantar de festa nem de qualquer outro jantar ou almoço ou pequeno-almoço. Recusava-se a comer, carregada de desgosto e luto. E carregada de remorsos.

Um dia, apareceu à porta do palácio um mercador, que apregoava dentes de dragão. Tinha um ar estranho, usava um manto até aos pés e pesadas barbas que lhe fechavam o rosto. Pediu para ser recebido pela rainha.

Quando ela viu, enfiado num dos dentes de dragão, um anel a luzir, a senhora rainha desmaiou. Tinha reconhecido o anel, usado pelo rei.

– Ai o meu pobre Carlos! – gemeu ela, ao desfalecer.

– Carlos Terceiro, Imperador da Transcaucásia, Caucásia, Subcaucásia e Recaucásia, Califados vários e Emiratos anexos. Sim, eu, o rei vosso marido – disse o mercador, arrancando as barbas, que eram postiças claro, já se percebeu.

A rainha, desmaiada, desfalecidinha de todo, apanhou, para restabelecer a circulação, uns tabefes meiguinhos e, quando acordou e se viu nos braços do marido, mais não conto...

Conto só que se curou dos apetites maníacos e que agora come de tudo, carne, peixe, fruta e doces do menu corrente e sempre com temperança real, como convém a tão distinta majestade.

Nunca se chegou a saber se os dentes de dragão seriam verdadeiros. Eu desconfio...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

TRÊS BASTONADAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

10 de Dezembro
Dia Universal dos Direitos do Homem

Esta história aconteceu num tempo que até custa a recordar. Dói. Dói muito. Mas há dores e ardores que fazem bem, que curam. Por exemplo, um pacho de água oxigenada em cima de um arranhão (ou mesmo uma gota de álcool) desinfecta. Claro que dói, mas sopra-se, alivia e passa.

É o que vai acontecer com esta história, prometo.

Nesse tempo, os filhos de servos eram servos também. Os pais trabalhavam, nos campos ou nos castelos dos senhores fidalgos, e os filhos, mal podiam carregar com um balde de água ou manejar uma enxada, eram também obrigados a trabalhar. Escolas? Não havia. Leis que protegessem a infância? Estava-se ainda muito longe de pensar nisso.

Vamos chamar José ao rapaz da nossa história. É órfão e servo. Vai ser castigado. Injustamente. Uns figos que

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

estavam a secar na eira desapareceram, roubados por algum guloso, e as culpas foram cair no José. Porquê? Porque sim. Era o mais novo dos trabalhadores. Só podia ser ele.

De nada lhe serviu gritar a sua inocência. Quem acredita num garoto, ainda por cima servo, um desclassificado, um ranhoso?

A mando do senhor, o capataz ferrou-lhe três bastonadas nos ossos, à vista de todos, para que servisse de exemplo. José chorou toda a noite, de dor, de humilhação, de revolta.

Voltou a chorar, dias depois, quando soube que o autor do roubo dos figos tinha sido o filho mais novo do senhor. Até houve quem se risse. Entre eles, o filho mais novo do senhor. As bastonadas, essas, não podiam ser apagadas das costas do servo José como quem apaga, numa folha, um risco errado.

José jurou que havia de vingar-se, demorasse o que demorasse a vingança. Eles, capataz, senhor e filho, iam pagar as três bastonadas e a vergonha.

O mundo deu muita volta. José cresceu. Puseram-lhe uma lança na mão e disseram que ele era soldado. Como soldado andou por batalhas confusas, dando e levando, sem saber ao certo à conta de quem combatia. Os mandantes da guerra ora se aliavam ora se zangavam e os respectivos exércitos eram ajustados ou retalhados, ao sabor dos caprichos dos senhores.

Um dia, José, no meio de uma refrega, viu-se diante do filho do senhor, tão homem feito como ele. Vinha a cavalo, pronto a enfrentar outro cavaleiro da sua estirpe. José, com o cabo da lança, deu-lhe uma bastonada que quase o

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

derribou do cavalo. Depois, soldado apeado, continuou a correria atrás do pendão, indiferente ao destino do adversário.

Só lhe faltavam duas bastonadas.

Aconteceu que no fim dessa batalha, o cirurgião do exército em que o José estava alistado precisou de ajudantes. José ofereceu-se e tão bem se houve a cuidar dos feridos que o mestre cirurgião o pôs ao seu serviço.

Quando, finalmente, voltou a paz àquelas terras, o cirurgião não quis desfazer-se do aprendiz. José aprendeu com o mestre tudo o que ele tinha para ensinar. Foi assim que o antigo servo órfão acabou por tomar, por sua conta e risco, o título de cirurgião.

Naquele tempo, como já disse, não havia escolas. Davam-no como um grande doutor.

Vieram, uma vez, ter com ele, a pedido do castelão, aflito com um osso de galinhola atravessado nos gorgomilos.

José foi visitá-lo e deparou com o senhor que ordenara as bastonadas. O homem estava quase sufocado.

– Tragam-me um pau – pediu José, diante do doente. – Para se livrar dessa aflição, tem de levar uma bastonada.

O senhor ofereceu as costas de bom grado e zás, apanhou uma paulada e tanto. Parece que cuspiu o osso, mas José já não quis saber. Também não tinha levado nada pela consulta.

Só faltava uma bastonada.

Ele a sair do castelo e um moleiro a vir ter com ele aos gritos.

– O meu pai estava a ajudar-me a desmanchar o engenho do moinho e cai-lhe a mó em cima de uma perna.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Que desgraça!

José acudiu e foi dar com o antigo capataz a torcer-se de dores, com uma perna esmagada pela mó do moinho.

– Traga-me um pau bem grande – pediu o cirurgião José, que antes tinha sido José, menino órfão, servo castigado inocentemente.

O filho do capataz trouxe um pau.

– Maior – exigiu o cirurgião José.

O filho do capataz foi buscar. Quando veio com uma viga de todo o tamanho, José disse-lhe:

– Agora ajude-me que eu sozinho não consigo.

Entalou o madeiro entre o chão e a mó, os dois em peso fizeram de alavanca e assim conseguiram arredar a perna do capataz do aperto em que estava.

– Salva-se? – perguntou o filho do capataz.

O cirurgião José olhou para a perna ensanguentada e para o desfalecido capataz e respondeu:

– Salva-se.

E tratou-o. E salvou-o.

Esta bastonada foi a que lhe deu mais gosto pagar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O GOSTO DAS BRUXAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma menina que estava presa, na torre mais alta de um castelo.

Ela era um princesa, mas não lhe valia de nada, porque perdera os seus pais e o reino, numa guerra que o dono do castelo, já se vê, é que ganhara.

Ainda era o tempo das fadas. Por isso a menina disse, para que as paredes ouvissem:

– Se uma fada me salvasse, fosse boa, má ou assim-assim e eu repartia a meias com ela o tesouro do meu perdido reino, que só eu sei onde está enterrado.

As paredes toda a gente diz que têm ouvidos. Estas ouviram, passaram palavra e daí a nada uma velha fada apareceu na sala.

– Vou dar volta à tua vida – disse a fada.

– És uma fada boa? – perguntou a menina.

– Nem por isso – respondeu a fada.

www.hugoteacher.blogspot.com

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Era uma fada assim-assim e para provar que não era das melhores, mas também não era das piores, impôs, à partida, uma condição. Salvava a menina, mas, antes, ela tinha de adivinhar-lhe o nome. E avisou logo que não tinha um nome muito mimoso.

– Serafina – disse a menina.

Nem pensar. Não era Serafina nem Leopoldina nem Marcolina. Nem Eufrásia nem Tomásia. Nem Quitéria nem Pulquéria. Nem Aniceta nem Eustáquia nem Teodósia nem Venância nem Bonifácia nem Gregória. Nem sequer Capitolina.

A princesa esgotou os nomes mais esquisitos que conhecia. E a fada sempre com a cabeça a dizer que não. Até que propôs o seguinte negócio:

– Salvo-te, mesmo que não descubras o meu nome, mas fico com o tesouro só para mim. Todinho!

A menina concordou. Não tinha outro remédio. Vai daí a fada pronunciou umas palavras mágicas e ela e a princesa atravessaram as paredes da prisão.

Uma vez em liberdade, a princesa ensinou o local onde estava escondido o tesouro e pronto, a história acaba aqui.

E o nome da fada-bruxa?

Também a menina quis saber.

– Chamo-me Joaninha – respondeu a fada-bruxa, baixando os olhos, envergonhada.

– Mas Joaninha é um nome bonito – estranhou a princesa.

– Eu não acho – disse ela. – Gostava mais de ser Virgolina Zebedeia.

Vá lá a gente entender o gosto das bruxas.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

FELICIANA, A LEBRE ILUSIONISTA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A lebre Feliciana era ilusionista. Admiram-se? Então porquê?

Se há pombos que são correios, cães que são pastores, vacas que são leiteiras (diz-se ou não se diz "uma vaca leiteira"?), bichos que são carpinteiros (diz-se ou não se diz "bichos carpinteiros"?), porque não há-de haver lebres que sejam ilusionistas?

Pois. Mas esta lebre não era de circos. Preferia trabalhar sozinha, numa clareira da floresta, transformada pela numerosa assistência bicharal em pista de espectáculos circenses.

Vinham todos e até a toupeira, tão fraca de vista, se estarrecia, na primeira fila, com as artes mágicas da lebre Feliciana.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Destas artes e manhas não sei eu... – confessava a raposa, que nunca perdia uma matiné.

– E ainda bem que não sabes – comentava, ao lado dela, a galinhola. – Porque se soubesses não havias de tirar bom partido da arte...

– Schiu! – irritavam-se os espectadores da frente. – Deixem actuar o artista.

E valia a pena ver. Da cartola da Feliciana, colocada em cima da mesinha tem-te-não-caias, saíam fieiras de lenços, presos uns aos outros, quando há bocadinho para lá tinham entrado um por um e todos deslaçados.

– Desconfio que ela mete um rato dentro do chapéu, o rato Fosquinhas, que ata os lenços uns aos outros num abrir e fechar de olhos – observava de senho carregado o javali.

– O rato Fosquinhas sou eu – respondia-lhe uma voz do meio do público. – Sou eu e garanto-lhe que nunca me meti no chapéu de ninguém.

– São artes mágicas que só ela sabe – concluiu a coruja, que para estas coisas nunca fechava os olhos.

Sim, só a lebre sabia e por isso das suas artes tirava bom proveito. Onde aprendera? Como aprendera? Isso era mistério que a Feliciana não desvendava. A um artista ilusionista não convém fazer grandes revelações acerca das suas habilidades.

Mas, quando começava a época da caça, a lebre, por razões óbvias, não conseguia vender muitos bilhetes. Os bichos refugiavam-se nas suas tocas, e por mais que a Feliciana anunciasse que o espectáculo não sofria interrupções nem havia que temer muitos imprevistos, a bicharada preferia ficar em casa. É que andavam os ares

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

muito turvos, muito pesados, e cheirava a pólvora a milhas de distância.

Ela não desistia. E mesmo que o único espectador visível fosse o rato Fosquinhas, a lebre Feliciana, na sua clareira, com a cartola em cima da mesa treme-treme, não desistia do espectáculo.

Havia, no entanto, quem gostasse de apreciar as habilidades da lebre de borla, escondido nos matagais à roda da clareira. Era o caçador forunfunfor, triunfunfor...

Nessas alturas, ao aproximar do perigo, o rato Fosquinhas dava o sinal, fugindo a sete pés, e a lebre Feliciana, num salto cheio de elegância, mergulhava para dentro da cartola.

Perdiam-se no ar os tiros e, quando o caçador, ainda atarantado da presteza da lebre, metia a mão na cartola, julgando trazer a lebre presa pelas orelhas, vejam só o que lhe saía em sorte... Uma fieira de lenços e bandeirinhas, como se fosse um arraial...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A PASTA DE CABEDAL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Iam dois vagabundos por uma estrada, quando encontraram, do lado de fora de um portão de quinta rica, uma pasta de cabedal, daquelas que se está mesmo a ver que pertencem ou a banqueiros ou a financeiros ou a gente assim, com muito cabedal.

Os dois vagabundos olharam para a pasta, olharam um para o outro e, enquanto o diabo esfrega um olho, raparam da pasta e rasparam-se, antes que aparecessem outros atrás, que fizessem o mesmo.

Numa curva mais adiante, cansados da corrida, abrandaram de velocidade e abriram um dos fechos da pasta. O que viram deixou-os de olhos deslumbrados e redondos que nem os do goraz.

A pasta estava cheia de notas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Até parecia que a descoberta lhes trouxera novas forças, porque voltaram a correr desalmadamente, esquecidos do cansaço, da fraqueza, de tudo.

Mas tanta correria acaba por esfalfar o coração e as pernas até dos mais premiados corredores olímpicos. Quando pararam, ensopados de suor, o que levava a pasta debaixo do braço, depois de engolir várias vezes em seco, disse:

– Com este tesouro que achei vou saber como é ser rico.

O outro protestou:

– Mas fomos nós dois que achámos. O recheio da pasta pertence a ambos.

– Isso querias tu – disse o primeiro vagabundo, apertando ainda mais a pasta de encontro ao corpo. – A pasta é minha.

– É nossa...

– É minha...

– É nossa...

Nisto ouviram uma voz gritar-lhes:

– Eh, pessoal! Para onde levam vocês essa pasta do senhor doutor?

Era um latagão, fardado de motorista. Não se lhe via o carro, mas, em tamanho e cilindrada, havia de condizer com ele. O homenzarrão tinha aparecido de surpresa, vindo de uma cancela do mesmo lado do portão da tal quinta.

O vagabundo que segurava a pasta ficou em pânico:

– Agora é que estamos tramados. Lá se vai a nossa pasta.

– Ai agora já é nossa? – riu o outro. – Presta tu contas dela, que eu não tenho nada a ver com isso.

E desamparou-o às mãos do motorista.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

De pouco lhe valeu, porque o gigante justiceiro tratou da saúde ao que chamara a pasta a si e ainda lhe sobrou tempo para dar outra sova ao que se desligara da questão.

Depois afastou-se gloriosamente, com a pasta recuperada debaixo do braço, enquanto os dois vagabundos saboreavam o pó da estrada.

– Que grande coça que nós levámos – dizia um deles, não interessa qual.

O outro, qualquer que ele fosse, concordou...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O JORNALISTA DAS PERGUNTAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Aquele jornalista que, por tudo e por nada, anda sempre a perguntar coisas teve a ideia de fazer um inquérito. Ia por aí, de mãos atrás das costas, e ao primeiro que lhe aparecesse perguntava:

– O que é que quis ser, quando era pequeno?

Depois somava, comparava e tirava percentagens. Tantos queriam ser arquitectos, tantos queriam ser médicos, tantos queriam ser aviadores… Chama-se a isto uma estatística.

Para começar a tal estatística, perguntou primeiro a um rio:

– O que é que quis ser, quando era pequeno?

Era uma ribeiro pouco profundo, mas que sabia o que queria. Respondeu:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Quando era pequeno, só um fiozinho de água a escorrer da nascente, eu queria ser um grande rio, desses que são cruzados por vapores, visitados por paquetes, atravessados por pontes enormes. E ainda não desisti.

O jornalista registou e foi perguntar a mesma coisa a uma arvorezeca, que lhe dava pelo ombro. Respondeu-lhe ela:

– Quando era pequena, só uma haste a romper da terra, eu queria ser uma grande árvore, dessas que dão sombra a um rancho inteiro de camponeses ou a um dilatado piquenique de excursionistas. E ainda não desisti.

O jornalista registou e foi perguntar a mesma coisa a uma casa, duas janelas e uma porta ou pouco mais. Responde ela:

– Quando eu era pequena, só um tijolo em cima de outro, eu queria ser um bairro com muitas ruas, onde coubessem muitas famílias, e que tivesse lojas, escola, correio, igreja. E ainda não desisti.

O jornalista, farto do inquérito, ficou-se por aqui. Entretanto, concluiu que muitas coisas (e talvez até pessoas!) quiseram ser, em pequenas, o que acabaram por não conseguir ser quando cresceram. Ficaram-se a meio caminho das suas aspirações, dos seus sonhos, dos seus desejos. Coitadas delas, pensou o jornalista, encolhendo os ombros. E partiu, a toda a pressa, para outro inquérito.

Afinal, o jornalista estava a tirar conclusões precipitadas. Se tivesse prosseguido na investigação, se tivesse tido mais paciência, saberia que o rio, ao fim de muita água, muito caminho, se transformou no grande rio da sua ambição.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Saberia que a arvorezeca, ao fim de muitos Invernos e muitas Primaveras, se transformou na impotente árvore da sua vontade.

Saberia que a casinha, ao fim de muitos anos, muitos trabalhos, junta com outras casas, formou o bairro do seu muito querer, das suas mais profundas esperanças.

Mas onde é que já ia o apressado jornalista quando isto tudo, finalmente, aconteceu?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ASSIM NÃO JOGO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Hoje vou falar de futebol.

Era uma vez um jogador que se chamava Medo. Um grande jogador!

– Vamos jogar contra o Medo – diziam, antes do desafio, os adversários, cheios de medo.

Mas, um dia, lesionou-se.

– Estamos muito desfalcados – lamentavam-se os companheiros de equipa. – Sem o Medo não é a mesma coisa.

Foram buscar o suplente. Por acaso, o rapaz até se chamava Nervos. Era o Zé Nervos, não muito jeitoso a dominar a bola, mas com uma potência no remate de virar os guarda-redes do avesso.

Já o primo dele, o Chico Nervos, que também jogava, mas a meio-campo, não havia quem o suplantasse como armador de jogo.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Rapazes, hoje a táctica é toda por conta dos Nervos – anunciava o treinador, nos balneários. – Com os Nervos ao ataque, temos a vitória garantida.

E tiveram.

Naquele jogo e no outro e nos outros que se seguiram o êxito foi estrondoso. Os adversários levavam abadas de chocar.

– Vocês não têm mais irmãos ou primos com queda para o futebol? – perguntava aos dois Nervos o treinador. – Se tiverem, eu contrato-os. Com os Nervos todos do nosso lado, bem controlados por mim, seremos imbatíveis.

Por sinal que eles não tinham mais parentes virados para o desporto. Eram os únicos Nervos futebolistas da família. Mas chegavam.

– Nervos! Nervos! Nervos! – gritavam os espectadores, nas bancadas.

Até parecia que a força dos Nervos se comunicava aos restantes jogadores.

Tanto se destacavam os primos que os jornais quase se esqueceram do nome dos outros futebolistas, do treinador e do próprio clube, para apenas designarem a equipa com títulos deste género: avalanche de Nervos, Nervos a mais, ataque de Nervos, com um entusiasmo e um exagero que – brr! – até enervavam.

Entretanto, o Medo, aquele jogador que se tinha lesionado no princípio da história, restabeleceu-se. Estava, de novo, pronto para jogar.

O treinador fez umas substituições, uns acertos e, sem dispensar os primos Nervos, mandou vir o Medo.

– Por este andar, com uma equipa deste nível, vamos ganhar a Taça das Taças das Taças das Taças – dizia o

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

treinador, a esfregar as mãos e a rir-se.

Riso de pouca dura. O primeiro jogo com a nova formação foi um desastre. O segundo jogo, uma calamidade. Do terceiro jogo já não posso falar, porque não assisti. Sem, ao menos, um jantar de despedida, os dirigentes do clube puseram-se na rua.

Sim, era eu o treinador da equipa, esqueci-me de avisar no princípio.

Depois deste desaire, nunca mais voltei a um estádio. Mudei de vida. Empreguei-me a escrever histórias...

Mas uma coisa aprendi da minha passagem pelo desporto: com Nervos e Medo juntos, nunca se consegue ganhar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A CEREJEIRA DO NATAL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Tadeu tinha, lá na horta, uma cerejeira de que gostava muito. Quando chegava o tempo das cerejas, era uma fartura, uma doçura que não havia igual.

Pois é, mas os pardais também diziam o mesmo. Tinham uma predilecção por aquela cerejeira nem que as cerejas fossem de mel. Eram quase.

O senhor Tadeu enxotava-os, pendurava fitas nos ramos para assustá-los e chegou a armar um espantalho de vassoura na mão, que prendeu no alto da cerejeira. Fazia vista, mas não metia medo.

Mal chegava o tempo das cerejas amadurarem, a pardalada vinha em excursão festiva para o meio da cerejeira. Depenicavam com tal arte que chegavam a deixar só o caroço das cerejas, preso ao pezinho suspenso da árvore. Um desespero para o senhor Tadeu.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Há dias, encontrei-o, na loja de artigos de Natal, a carregar um enorme embrulho.

– Ena! – exclamei eu. – O seu pinheiro vai ficar bem enfeitado.

– Não é para o pinheiro – emendou o senhor Tadeu. – É para a cerejeira.

Então, explicou-me o seu plano. Quando, da Primavera para o Verão, os frutos da cerejeira começassem a engordar, ele ia enfeitar a árvore com sininhos e bolas de Natal.

– Para os pardais julgarem que é um pinheiro – concluí eu, pouco convencido da eficácia do projecto. – Eles são mais espertos do que isso.

Seriam, de facto, reconheceu o senhor Tadeu, mas também são uns passarinhos alarmados. Detestam ruídos imprevistos. Ouvindo os sininhos, agitados pelo vento, fogem. E as bolas de Natal, brilhando ao sol, também lhes hão-de meter respeito.

O senhor Tadeu lá se foi, muito contente com o seu plano. Resulte ou não resulte, a cerejeira há-de gostar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

MARÍLIA NÃO CHORA

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez uma boneca que não chorava.

Estava a boneca Marília no meio de outras bonecas, todas choronas, e junto de outros brinquedos e bonecos.

Os bonecos, alguns bem patuscos, como o ensonado urso Ronrom ou o espertíssimo burrinho Trolaró, e as bonecas, entre as quais a Marília, estavam à janela a ver quem passa. Pelo menos, era o que diziam, ainda que, quem os visse de fora, dissesse que eles estavam na montra de uma casa de brinquedos, a mais bela e iluminada montra de casa de brinquedos que olhos arregalados de meninos alguma vez miraram.

E os bonecos entretinham-se imenso com os meninos que, do outro lado do vidro, os apreciavam.

– Olhem para aquela garota loirinha, que engraçada. Mal chega ao vidro e já aponta para nós – observava uma boneca vestida de grande dama.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Está a apontar para mim – exclamava outra boneca, que era muito vaidosa.

– Para mim é que ela está a apontar – dizia a outra boneca, que não era menos vaidosa.

– Para mim... Reparem bem que é para mim.

– Não é nada! Está a olhar e a apontar para mim. Vê-se logo.

– Não está nada.

– Está.

– Não está.

Por coisas assim se zangavam as bonecas. E punham-se todas a chorar. Tinha de intervir o urso Ronrom, do alto da escada de veludo, que ocupava metade da montra:

– Caluda, meninas! Não há sossego, não há respeito, não há disciplina nesta casa? Nem se pode dormir como deve ser. Meninas tolas, meninas sirigaitas, quem vos tirou o juízo?

Elas embatucavam. Ouvia-se então, lá do fundo, uma zurradela do burro Troloró, que franzia o focinho e mostrava os dentes como se estivesse a rir-se. E logo a seguir ouvia-se uma límpida gargalhada, que se prolongava em música nos ouvidos das pessoas, se as pessoas também pudessem estar naquela montra, onde os brinquedos têm voz. Quem assim ria? Era a Marília, a tal boneca que não chorava, mas muito ria. Pois era.

Calculem que a menina loirinha, apesar do vidro da montra, ouviu o riso da Marília. Ouviu e gostou. Gostou do riso e gostou da boneca. Queria aquela.

São agora grandes amigas a Marília e a Joana. Riem-se muito e se, às vezes, a Joana, por qualquer motivo, amua e

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

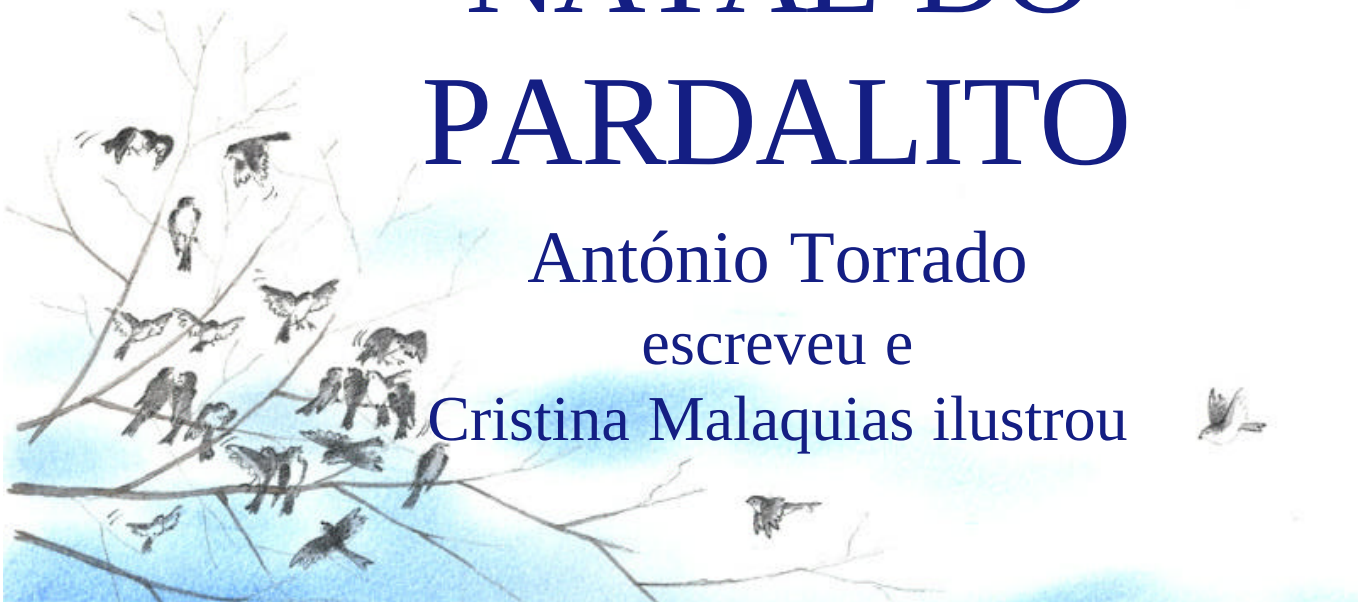
começa a fazer beicinho, a Marília ri-se para ela e a tristeza passa.

Para rirem connosco e para nos soprarem as lágrimas é que há amigos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O PRIMEIRO NATAL DO PARDALITO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Aqui há coisa de três semanas, um pardal do Rossio, daqueles que escolheram para poiso e morada os ramos das árvores que circundam a dita praça, começou assim a história que vamos contar:

– Companheiros pardais, pardalitos e pardalões, escutem todos, a notícia é importante.

Juntou-se a pardalada. Quem ali passe todas as tardes, à hora da saída dos empregos, não deve estranhar o arruído que vem das árvores despidas de folha, mas cheias, cheiinhas de passarinhos tagarelas. As pessoas andam na sua vida muito apressadas, e nem sequer dão conta da chilreada doida dos pardais:

"Chega-te para lá! Aí sou eu"

"Olha o pardalão a querer tomar-me o lugar...".

"Ai que ainda te dou uma bicada...".

"Não me provoques!".

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

"Toma que é para saberes".

"Deixa-me em paz".

Mas voltemos à nossa história.

Oiçamos o que o pardal tem para dizer:

– Peço silêncio, se não calo-me – piava ele, tentando impor a ordem à assembleia.

Demorou o seu tempo.

Os pardais são uns espalhafatosos e uns gralhadores incorrigíveis.

– A notícia que vos trago importa a todos. Há bocadinho, estava eu poisado num ramo baixo, e ouvi uma conversa entre um cauteleiro e um engraxador. Sabem do que estavam a falar?

– De futebol – arriscou um.

– Nada disso. Estavam a falar da Lotaria do Natal, imaginem! Portanto, o Natal está à porta, meus amigos. Espero que saibam o que isto significa...

Os pardais mais jovens não sabiam, mas calcularam que devia ser coisa grave, porque os pardais velhos, mesmo os mais gaiteiros e risonhos, ficaram, subitamente, de bico caído. As expressões eram de alarme e desalento:

– Temos de mudar de vida.

– Que desconforto!

– Deviam ter-nos avisado.

– O tempo não está para grandes voos.

E cada qual debandou para o seu ramo.

Neste ponto da história, parece-nos indispensável ouvir a fala de um avô pardal para o seu neto que, tal como vocês, amigos leitores, não percebera patavina do sucedido.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Na quadra do Natal, que é uma grande festa dos homens – contava ele –, multiplicam-se e crescem as luminárias por toda a parte. Nesta praça, então nem queiras saber! Fica tudo cheio de luzes e luzinhas de muitas cores, amarelas, azuis, vermelhas, verdes, que nos põem tontos. Onde os homens encontram um sítio para pendurar uma daquelas pêras de vidro que deita luz, penduram.

– Deve ser bonito – observou o neto.

– Bonito talvez seja, mas não para nós. Aparecem fios por toda a parte e, nos ramos das nossas árvores, estendem tantos, com as tais pêras penduradas, que ninguém se entende. Há dois anos, aproximei-me de uma dessas pêras, que se tinha partido, e apanhei um arrepio pelo corpo todo que julguei que me ficava de vez!

– Então para onde vão os pardais passar o Natal? – perguntou o pardalito, atarantado.

– Saltinho aqui, saltinho acolá, alguns escondem-se numas palmeiras, lá para cima, num sítio que os da cidade chamam Avenida. Outros conseguem chegar a um jardim, que me dizem ser muito tranquilo e saudável, um tal Jardim Botânico ou coisa parecida.

– E nós, avô?

– Nós ficamos. Podíamos ir para um telhado próximo, se não andassem por lá os gatos que têm olhos mais perigosos do que todas as iluminárias juntas. Olha, naturalmente, vamos para um sítio sossegado que eu conheço, num buraco daquele edifício, ali, no cimo da praça. É um bocado desabrigado e pouco cómodo, mas vais poder dizer, daqui em diante, que dormiste no Teatro Nacional...

Assim que chegaram os electricistas com as escadas, os cabos e os fios, a pardalada sumiu-se...

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Numa destas noites, o pardalito deixou o avô a dormir com a cabeça debaixo da asa, e foi dar uma voltinha pelos arredores do seu novo poiso. O Rossio silencioso e exuberantemente iluminado pareceu-lhe um jardim de sonho.

– Tanta luz de tanta cor! – exclamou.

Nesse momento, um avião sobrevoava a cidade , em direcção ao aeroporto. No escuro do céu só se distinguia as luzes vermelhas da cauda.

– Olha, lá vão duas luzes a fugir...

E dispunha-se a voar atrás delas, se o avô não tivesse acordado, entretanto.

– Para onde ias? – perguntou-lhe ele.

O pardalito explicou. Comentário do velho pardal:

– Que patetice! Ainda tens muito que aprender, pequeno, até te transformares num pardalão sabido!

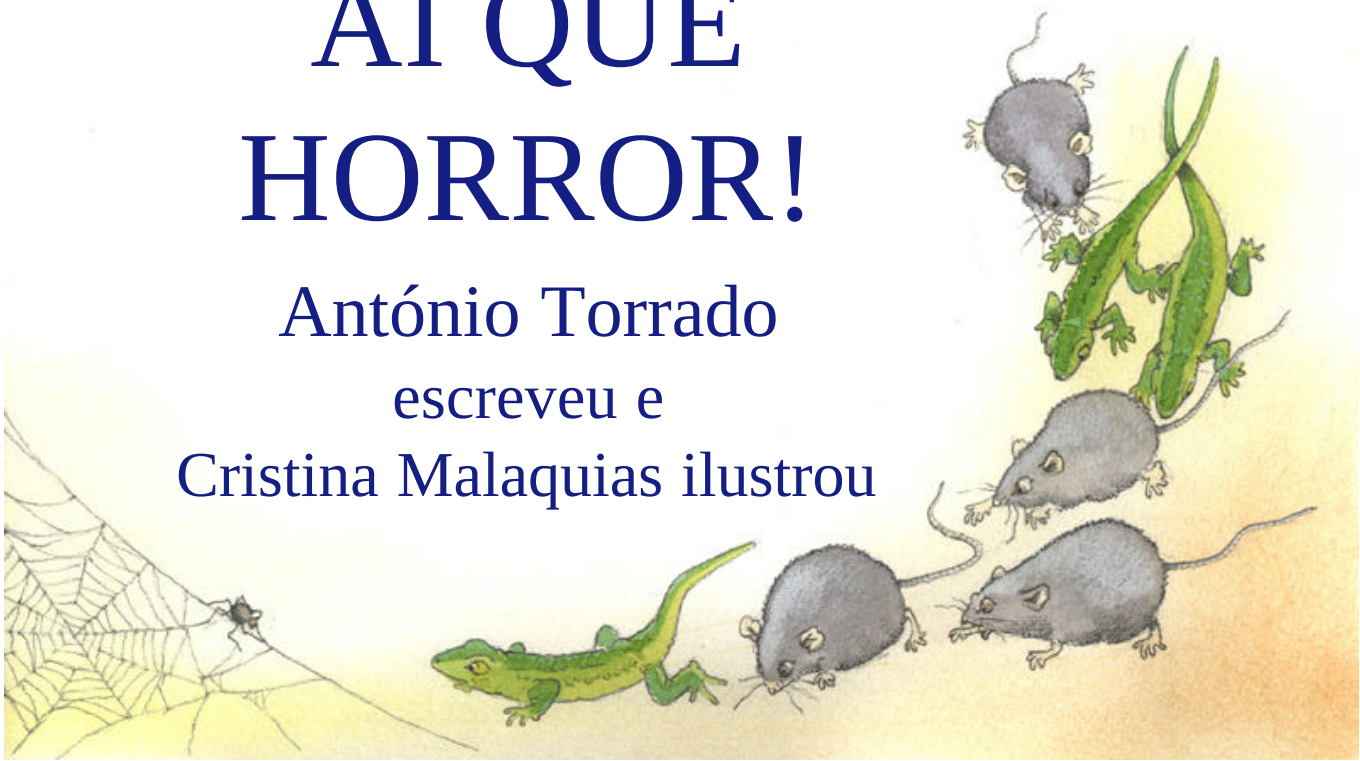
É o que nós também achamos, ao cabo desta história.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

AI QUE HORROR!

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Há pessoas que têm medo de ratos, pessoas que têm medo de lagartixas, pessoas que têm medo de aranhas.

De facto, há pessoas muito medrosas.

A senhora desta história tinha medo de tudo, sobretudo de ratos, de lagartixas e de aranhas. Juntos ou separados, tanto lhe fazia, que dava sempre um grito:

– Ai, que horror!

O grito arrepiado dela tinha sempre o condão de assustar os ratos que fugiam para um lado, as lagartixas que fugiam para o outro e as aranhas que não sabiam para que lado fugir. Uma grande aflição para os pobres dos bichinhos, que quase morriam de susto, quando a senhora gritava:

– Ai, que horror!

Tanto assim era que os ratos, as lagartixas e as aranhas resolveram reunir-se numa assembleia, para discutirem as medidas a tomar neste complicado caso da senhora que

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

tinha medo deles como eles tinham medo dela. Entende-se?

Os ratinhos eram os mais assustadiços.

– Quando ela grita "Ai, que horror!", fico gelado de medo – queixava-se um.

– É um disparate, porque nós não fazemos mal a ninguém – acrescentava outro. – Se ela se deixasse daquele grito estridente, nós vivíamos mais tranquilos. Nem quero imaginar que bom seria.

Depois das lamentações, as discussões. Depois das discussões, as decisões. Com votações.

A proposta mais votada, depois da renhida discussão, continha alguns riscos e exigia o sacrifício e a coragem de alguns voluntários. Além disso, para levá-la a cabo, era preciso esperar até às proximidades do Natal.

A senhora medrosa enfeitava sempre um pinheirinho com bolas e fios de prata, durante a época natalícia. Estava mesmo a calhar para o desenvolvimento do projecto.

Numa das tardes da véspera de Natal, em que a senhora tinha ido às compras, os ratos mais habilidosos pintaram-se uns aos outros com baton muito vermelho. Da caixa das pinturas da senhora tiraram outras tintas, com que besuntaram as lagartixas. Depois foram pendurar-se na arvorezinha, a fazer concorrência aos frágeis globos de vidro, que já enfeitavam o pinheiro.

Por sua vez, as aranhas esmeraram-se na arte de tecer uma entrançada teia que rodeou o pinheirinho, como pinceladas de neve.

Quando a senhora voltou a casa, ela que, na rua, não usava óculos, e acendeu a luz da sala e viu com os olhos míopes a árvore de Natal, ficou estarrecida.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Não se lembrava de ter engrinaldado o pinheiro com tantos ornamentos. A árvore estava uma maravilha, repleta de globos, como frutos vermelhos, que baloiçavam suavemente. E toda coberta de prata.

Na base e subindo pelo tronco, um tufo de musgo, singularmente azul, cor de rímel, parecia ondular. O que seria?

A senhora aproximou-se, extasiada. Tocou num dos tais frutos vermelhos, pegou-o com os dedos e foi buscar os óculos. Quando os pôs gritou:

– Ai que...

Agitou-se a arvorezinha da base aos mais altos ramos. E a senhora, de novo:

– Ai que...

Era um momento culminante. A árvore iria ficar, repentinamente, sem enfeites?

– Ai que... Ai que... engraçado – disse, enfim, senhora. – Parece um Pai Natal pequenino. Parece um ratito Pai Natal. Não me recordo nada de ter posto este brinquedo na árvore. Parece um ratito vermelho. Tão engraçadinho!

E a senhora apertou o ratinho, que gemeu de dor.

– É um boneco de borracha – concluiu a senhora, apertando com mais força.

– Ui! – chiou o ratinho.

Então a senhora gritou, apavorada:

– É um rato encarnado. Ai que horror!

Debandada geral, na árvore. A tempo de a senhora gritar, com aquela voz de corneta constipada:

– Ratos encarnados! Lagartixas azuis! Aranhas de prata! Ai, ai, ai, que horror horrível!

Tanto trabalho para nada. Os bichinhos desta história, ao

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

fim de um certo tempo, lá se recompuseram do susto, mas do desânimo não. Voltava tudo ao mesmo.

Vá que vá, que não voltou... Daí em diante, a senhora passou a só ter medo das lagartixas azuis, de aranhas de prata e de ratos encarnados. Aos ratos cinzentos, às aranhas pretas e às lagartixas verdes deixou de ligar.

E, sem mais sustos mútuos, todos viveram em boa paz.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O CABEÇA DE ALHO CHOCHO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma cabeça de alho chocho.

Não fixava nada.

A mãe dizia-lhe:

– Vai à farmácia e traz-me um frasco de álcool. Vai à padaria e traz-me meia dúzia de pãezinhos.

Ela ia à farmácia e pedia:

– Meia dúzia de pãezinhos se faz favor.

– Não temos – diziam-lhe, na farmácia.

Ia à padaria e pedia:

– Um frasco de álcool, se faz favor.

– Não temos – diziam-lhe, na padaria.

Então ele voltava para casa e despachava-se assim:

– Está tudo esgotado, mãe. Posso ir brincar?

Outras vezes, a mãe dizia-lhe:

– Vai à mercearia e compras-me três quilos de bacalhau e cento e vinte cinco gramas de azeitonas pretas.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Passado um bocado, ele, o cabeça de alho chocho, voltava ao pé-coxinho pelo passeio e despachava-se assim:

– Mãe, eles na mercearia dizem que cento e vinte e cinco de bacalhau nem que fossem só espinhas e três quilos de azeitonas pretas não têm que chegue. Posso ir brincar?

Mas a mãe não desistia. No Natal, recomendou-lhe:

– Levas este embrulhinho para o vizinho Almiro e este bolo de amêndoas para a tia Clotilde, com as nossas boas festas.

Recado feito, voltava ele, o cabeça de alho chocho:

– Ó mãe, o vizinho Almiro agradece, mas diz que não pode comer bolos, porque é diabético e a tia Clotilde, depois de abrir o embrulho, perguntou-me se andamos a brincar com ela ou quê... A propósito, posso ir brincar?

Sabem o que continha o embrulho?

Continha uma loção para depois da barba, que, sendo para o senhor Almiro, estaria bem, mas para a tia Clotilde, um pouco forte de buço, já parecia mal...

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SILVA E PINHEIRO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O senhor Pinheiro é um emproado. Quando chega ao trabalho, não cumprimenta ninguém e vai logo enfiar-se no seu gabinete, como se fosse a única pessoa daquele escritório.

Em contrapartida, o senhor Silva é um homem gentil, sempre de sorriso afável e muito amigo de ajudar. Lá no escritório, todos gostam dele.

Estava eu a meditar nas diferenças do mundo e comportamento oposto dos meus dois colegas, quando me ocorreu esta história ou fábula entre um pinheiro e uma silva.

Era a árvore mais imponente do lugar. De pescoço altivo, o pinheiro bravo não prestava atenção aos seus vizinhos de baixo, pinheiritos jovens e alguns arbustos, como a silva, a ensarilhar uma moita.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Mas a silva, enervada com tanta prosápia, interpelou-o, como quem pede explicações:

– Fale à gente. Somos todos cidadãos do reino vegetal, uns mais altos do que os outros, mas todos com raízes no mesmo chão.

– Julgas tu – respondeu-lhe o pinheiro. – Eu pertenço mais ao céu do que à terra. Os meus ramos e a minha copa quase tocam as nuvens. Não tenho nada a ver com vocês, insignificantes e rasteiras plantas, a cobrirem-se de pó.

No meio do seu emaranhado de picos, a silva mais se retorceu de indignação, mas não quis sustentar a disputa. Àquele pinheiro nada o convencia.

Convenceu-o um lenhador, que por ali passou. Bateu no tronco possante e disse:

– Está na conta.

E começou à machadada ao pinheiro. A desmoronar-se sobre a terra, num grande gemido, o pinheiro formulou um último desejo: "Quem me dera ser silva...". Mas não lhe serviu de nada.

Um dia destes, hei-de dar a ler esta história ao senhor Pinheiro. Talvez dela tire algum proveito, quem sabe?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

SOBREMESA COM AÇÚCAR

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

—Eu gosto muito de arroz doce – disse um menino.

– Eu gosto mais de leite creme – disse outro menino.

Os dois resolveram fazer um inquérito, entre os colegas da aula. Descobriram, então, que dez eram adeptos do arroz doce e outros dez puxavam mais pelo leite creme. Havia ainda três (a classe tinha vinte e cinco) que tanto se lhes dava arroz doce como o leite creme. Do que eles gostavam era de bolo de bolacha.

Onze para um lado. Onze para outro. Está-se mesmo a ver a consequência: um jogo de futebol. Os três apreciadores do bolo de bolacha formavam a equipa de arbitragem. O jogo começou muito favoravelmente para o grupo dos Leite Creme, porque, logo ao primeiro minuto, um defesa dos Arroz Doce, num passe azarado, meteu um golo na própria baliza.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Um a zero a favor dos Leite Creme. Chegar ao empate custou algum esforço aos Arroz Doce, mas lá conseguiram.

Um a um, igualdade entre Leite Creme e Arroz Doce.

Nisto, o árbitro, sempre imparcial, marcou uma grande penalidade contra os Leite Creme, porque um Arroz Doce, dentro da grande área, tinha sido agarrado pela camisola.

Goooolo! Dois a um, a favor dos Arroz Doce.

E ainda houve mais um goooolo, antes do intervalo. Três a um, a favor do Arroz Doce.

Na segunda parte, os Leite Creme recuperaram bem e o jogo terminou numa igualdade: três a três.

Mas, depois, o desafio teve que ser anulado. Porquê?

Porque se soube que um elemento, que alinhava pelos Leite Creme, dava, secretamente, a sua preferência ao Mousse de Chocolate e, lá na rua dele, jogava pelos Pudim Flan. Tinha mais olhos que barriga.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

ENTREVISTA COM O PAI NATAL

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Fomos encontrá-lo a fazer embrulhos e a arrumar sacos e malas no porta-bagagens do trenó. Para meter conversa, visto que o Pai Natal, sujeito muito modesto, não gosta de ser entrevistado, perguntámos-lhe:

– Então, muito trabalho, este ano?

– Nem calcula! É que as meninas e os meninos estão cada vez mais exigentes. Só querem brinquedos caros e volumosos. Ora, eu, francamente, já não tenho forças para carregar com tanta coisa! Tome o peso a esta caixa, faça favor.

Nós pegámos na caixa e concordámos que era pesada.

– É um comboio eléctrico inteirinho, com os comandos, carruagens, baterias, central, estações e apeadeiros. Pois multiplique este peso por centenas e centenas. Veja o meu trabalho! E não tenho ninguém que me ajude.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Tivemos pena do Pai natal.

– Claro que os meninos, depois, queixam-se de que eu não trouxe tudo o que eles pedem... Pois como havia de ser de outra forma? Para chegar a todos – e nem faz ideia quanto me custa nem sempre chegar a todos – tenho de reduzir a encomenda de cada um. O porta-bagagens do trenó não é de elástico e as minhas forças também têm limites.

– Só a sua paciência, Pai Natal, é infinita – dissemos-lhe nós, a ver o que ele respondia.

– Nem sempre, meu amigo, nem sempre! Quando recebo cartas como esta, perco a paciência. Ora leia.

Desdobrou uma folha de papel e deu-nos a ler. A carta era assim:

"Querido Pai Natal:

Queria pedir-lhe uma boneca daquelas grandes, que eu vi, no outro dia, numa montra, quando fui sair com a minha mãe. Queria o enxoval completo da boneca, uma banheira para lhe dar banho, um pente, uma escova e um secador para cabelos de bonecas. Queria também um serviço de chá para bonecas, um triciclo, um jogo e uma lapiseira azul. Para a minha irmã não mande nada, porque ela só sabe estragar-me os brinquedos.

Beijinhos da sua amiga

Luísa"

– Leu tudo? Que tal aquele bocadinho em que ela diz para eu não dar nada à irmã? Veja se não é de um pessoa perder a cabeça!

– Mas não a perca, Pai Natal – dissemos. – A sua cabeça, onde cabem milhões de nomes, moradas e pedidos, é preciosa.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Nem me fale disso! Já não tenho memória para tanta coisa. Os pedidos são muitos, as listas aumentam de ano para ano...

– Não diga que já trocou encomendas? – perguntámos.

O Pai Natal, com a sua longa experiência, deve ter imensas histórias para contar.

– Se tenho! – e as bochechas rosadas do Pai Natal alargavam-se num grande riso. – Calcule que, uma vez, num bosque, o Lobo Feroz confundiu-me com o Capuchinho Vermelho. Dei-lhe uma cacetada como prenda, mas deixei-lhe um livro com a "História do Capuchinho Vermelho", para que ele lesse até ao fim.

– Que faz o Pai Natal quando o Natal acaba? – perguntámos.

– Descanso umas semaninhas e, depois, ponho-me a trabalhar para o Natal seguinte. Viajo muito, corro todas as exposições e fábricas de brinquedos, tiro apontamentos, faço as minhas encomendas... Quando calha, disfarço-me de velho mendigo e vou ter com os meninos, que tantos trabalhos me deram.

– E que sucede? Os meninos acarinham-no, falam consigo, dão-lhe alguma prenda? – quisemos nós saber.

– Isso sim! Sofro cada desilusão, meu amigo, que é preferível ficarmos por aqui. Talvez para o ano que vem lhe conte mais coisas.

Couberam ao Pai Natal as últimas palavras da entrevista. Aguardemos um ano e, até lá, vejam se não desiludem o Pai Natal.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

OFICINA DOS BRINQUEDOS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Começa num sótão de uma velha casa a história que vamos contar. De uma mala entreaberta sai uma vozinha queixosa:

– Está frio, hoje! A quantos estamos?

"Talvez em Dezembro", "Parece-me que em Novembro...", "Não sei se em Janeiro...", respondem várias vozes estremunhadas.

– O cuco do relógio sabe. Dêem-lhe corda que ele diz – lembra outra voz mais esperta.

Da mala entreaberta sai um ursinho cor de canela, mas um pouco descorado. Espreguiça-se, volta a espreguiçar-se e trepa custosamente a em escadote. Pendurado na parede e parado está o relógio de cuco, que já se não usa. O que se não usa está usado ou estragado, no sótão fica guardado.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Não trabalho, mas faço contas de cabeça – diz de lá o cuco. – Se perco a conta ao tempo, nunca mais me acerto.

– Anda lá, despacha-te, e diz-nos a quantos estamos! – impacienta-se o ursinho de peluche.

– Neste momento são precisamente nove horas, treze minutos e vinte e cinco segundos... Cucu... cucu... cucu...

– O dia, o dia! – exigem várias vozes do rés-do-chão.

– ... do dia 24 de Dezembro de... Cucu... cucu... cucu...

– Véspera de Natal, imaginem – e uma boneca de cabelo emaranhado e saia traçada salta de uma gaveta a correr.

– Para onde vais tu com tanta pressa? – pergunta-lhe, do cimo do escadote, o ursinho cor de canela.

– Vou arranjar-me para a ceia. Estou atrasadíssima.

Um palhaço amolgado aparece, a piscar os olhos, detrás de uma velha cómoda.

– Vai ver-te ao espelho, boneca tola! – diz-lhe ele.

– Detesto espelhos... – e a boneca põe-se a chorar.

De caixas, gavetas e arcas saem mais bonecos e brinquedos. Soldadinhos de espingarda partida, cavalos sem orelhas, macacos de algodão com o algodão à mostra, burros de pasta ratada e até um carro de bombeiros, equilibrado em três rodas, acorrem ao choro da boneca.

– Há novidade? Há fogo, inundação, desastre? É preciso ajuda? – perguntam os bombeiros uns aos outros.

O palhaço amolgado tranquiliza-os:

– Nada disso. É ela que não se conforma e não acredita que já ninguém a quer. Quem precisa de uma boneca velha?

– Pois é. Já não prestamos para nada – comentam os outros bonecos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Lentamente, esgaçados uns, esbarrigados outros, rachados uns quantos, regressam às gavetas, arcas, sacos e caixas... Estas conversas não adiantam. Mais vale dormir.

Mas o urso de peluche, que continua empoleirado no cimo do escadote, fala para a boneca, de forma a que os outros oiçam:

– Estou, daqui, a ver a máquina de costura antiga. No armário há vestidos pendurados, tão velhos como nós, mas alguns de bom tecido. Lembrei-me de que tu podias...

A boneca limpa as lágrimas e levanta os olhos para o ursinho:

– Que linda ideia! Achas que posso?

Mais brinquedos oferecem os seus serviços.

– De caminho, podias consertar-me a barriga – pede o macaco de algodão. – Estou todo descosido.

– Também me dava jeito que me pregasses as orelhas... – lembra o cavalo de feltro.

De novo a voz do ursinho de peluche, do cimo do escadote:

– Do meu mirante também vejo latas de tinta, que os pintores, que andaram a arranjar a casa, aqui deixaram.

– Era óptimo para nós – exclamam os soldadinhos de chumbo. – Estamos mesmo precisados de fardas novas.

– E nós! E nós! – ecoam os bombeiros.

– Pregos, martelos e outras ferramentas não faltam, por aí espalhados – grita, cada vez mais alegre, o ursinho de peluche. – Mãos à obra, meus amigos!

Digamos já, para encurtar a história, que aquele sótão, há pouco triste e sonolento, se transformou numa animada oficina de brinquedos.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– E agora? – perguntam os bonecos, com caras novas e vestidos floridos.

– Agora vamos descer pela chaminé – comanda o urso. – Já deve faltar pouco para a meia-noite. Que grande surpresa vai ser!

O pêlo do ursinho de peluche está eriçado de entusiasmo.

Na manhã seguinte:

– Alfredo, vem ver o que está na chaminé!

– Que é, Noémia? Caiu algum tijolo?

– Qual quê, homem! Anda ver. Caíram bonecos e brinquedos do telhado. Foi, com certeza, o Pai Natal.

– O Pai Natal? Na nossa idade?

O senhor Alfredo ficou embasbacado. Imaginem dois amáveis velhinhos, o senhor Alfredo e a dona Noémia, únicos habitantes daquela casa, a olharem, sem acreditar, para as surpresas reluzentes que o Pai Natal lhes deixou na chaminé...

– Repara, mulher: aquela boneca não é parecida com a que demos à nossa filha? E aquele macaco? Naturalmente, caíram do sótão. O soalho deve ter dado de si... Vou lá acima ver.

– Deixa lá isso, agora! Repara que estes brinquedos estão como novos. Parece que o tempo não passou por eles.

– Até é mal empregado que estejam lá em cima a estragar-se. E se fôssemos...? – sugere o senhor Alfredo.

– Vamos – responde a dona Noémia.

O senhor Alfredo e a dona Noémia entendem-se por meias palavras, mas nós, nas linhas desta história, temos de contar as palavras todas. Saibam, pois, que graças aos dois

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

simpáticos velhinhos, transformados, para o efeito, em ajudantes de Pai Natal, os brinquedos do sótão voltaram a conhecer as mãos macias dos meninos.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A ESTRELA DE PRATA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

25 de Dezembro
Dia de Natal

Numa árvore que eu cá sei – que nós sabemos – estão uma estrela de prata e uma bola de cristal.

– Que fazemos aqui? – perguntou a estrela.

– Estamos a enfeitar – respondeu a bola.

– O que é enfeitar? – perguntou a estrela.

– É fazer vista, ornamentar, alindar... – respondeu a bola de cristal.

Passou-se um tempo e a estrela perguntou de novo:

– Porque estamos a enfeitar?

– Porque esta árvore não é como as outras. Os frutos dela são raros.

Aparecem um dia, luzem o seu quê, conforme sabem ou podem, e depois são colhidos e guardados, até para o ano.

A bola de cristal tinha muita experiência de outros Natais, ao passo que a estrela era nova, de prata fresca, e não sabia quase nada. Mas tinha ouvido falar que havia

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

www.hugoteacher.blogspot.com

estrelas cadentes, estrelas que caem do céu e no céu desaparecem, num sopro de luz.

– Não serei uma dessas? – perguntou à bola.

– Talvez sejas, talvez não sejas... Mas não experimentes.

Passou-se um tempo mais, e a estrela guardou para si aquela ideia, uma ideia pequenina. "Não experimentes", dissera-lhe a bola. E se experimentasse? Foi o que fez.

Caiu, num susto, mas como era leve, inocente e frágil, uma corrente de ar, vinda de uma porta aberta, algures, levou-a consigo.

Levou-a consigo e fê-la poisar, sem estrago, no fofo musgo.

– Olha, é a estrela da gruta – disse alguém que estava a armar o presépio.

E estrela do presépio ficou.

Donde estava, onde a puseram, via o presépio, os pastores, os reis magos, as lavadeiras com a trouxa à cabeça, as leiteiras com a bilha à cinta, os vagabundos, o moleiro, o azeiteiro e todo o povo do presépio e mais as pessoas de carne e osso, que vinham admirar aquela lindeza, sorrir para o Menino Jesus e olhar para a estrela, suspensa do alto da gruta.

Estrela de oito pontas que era, a apontar em todas as direcções, nem ela sabia para onde, brilhou imenso. Brilhou o mais que pôde.

Para o ano, a estrela de prata já tem muito que contar à bola de cristal.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros
www.hugoteacher.blogspot.com

O PINHEIRO DESCONTENTE

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No meio da floresta, vivia um pinheirinho muito envergonhado. Queixava-se ele de que tinha umas folhas insignificantes, tão magras e aguçadas, que as outras árvores, por troça, diziam:

– Tu não tens folhas. Tens agulhas, em vez de folhas.

Isso custava-lhe muito. Magoava-o. Entristecia-o.

A fada Flora, para alegrar o pinheirinho, vestiu-o, uma vez, de oiro e de prata.

Estava lindo. Sentiu-se outro. Perdeu as mágoas.

Mas um ladrão, que se tinha escondido na floresta, ao ver tal fortuna em ouro e prata, roubou-lhe as folhas todas.

Ficou o pinheirinho num grande desespero. O tronco e os ramos tiritavam, despidos de folhas.

Então, a fada Flora voltou a condoer-se do pinheiro triste e nu. Fez uma nova mágica e o pinheirinho, no dia seguinte, acordou coberto de agulhas de vidro tilintante.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Assim, sim! Nada podia acontecer-lhe de mal, porque o vidro não atrai cobiça.

Só não contava com o vento, que veio a correr, para admirar de perto tal maravilha. Desastrado como ele é sempre, abanou a pequenina árvore tanto que as folhas de vidro bateram umas nas outras. Caíram no chão e partiram-se.

Lamentou-se o pinheirinho:

– Afinal, mais me valiam as minhas antigas folhas verdes e agudas.

A fada Flora, cheia de paciência, tornou a dar-lhe o fato antigo de árvore verdadeira. Talvez ela já tivesse calculado que assim voltaria a acontecer. Talvez ela tivesse feito tudo de propósito...

Fosse como fosse, o pinheirinho estava, finalmente, feliz.

De longe em longe, muito de longe em longe, não disfarça um curto suspiro de saudade:

– Que bem que eu ficava, vestido de ouro e prata. E que bonito, todo coberto de vidro.

Mas é um pensamento de raspão e passa-lhe depressa.

No entanto, a lenda conta que alguém, adivinhando os pensamentos do pinheirinho, resolveu enfeitá-lo com lindas bolas de vidro de todas as cores e fios de prata e de ouro a fingir.

Assim nasceu o pinheiro de Natal.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A FILHÓ DOURADA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A história que vou contar chama-se "A Filhó Dourada". Douradas, muito douradinhas são elas todas, empilhadas na travessa, como um castelo por conquistar.

As últimas são as melhores. Têm mais açúcar, desfazem-se mal lhes tocamos… A gente pega delicadamente numa das que sobraram, dá-lhe um impulso que a ponha a deslizar na travessa, para ensopar bem, e num gesto rápido, sem pingar a toalha, mete-a na boca. O estalar dela, de encontro aos nossos dentes, é música com açúcar.

Naquela ceia de Natal, todos tinham comido filhós.

– Estão uma delícia – comentavam.

E, porque estavam uma delícia, não tinha sobrado senão uma, no fundo da travessa. Era uma ilha minúscula e redondinha, rodeada por um mar de açúcar. Todos os olhos fitavam a filhó, que estalava em reflexos de oiro. Uma tentação.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

À roda da mesa, diziam para o avô:

– Só ficou uma filhó. Porque é que a não come?

O avô, então, virava-se para a avó e segredava-lhe:

– Come tu, anda lá.

A avó não queria.

– Comam vocês – dizia ela, apontando para a filhó e para os filhos.

– Eu já comi muitas – desculpava-se um.

– Também tenho a minha conta – dizia outro.

– Nem mais um bocadinho – declarava um terceiro.

Parecia que nenhum queria tomar a responsabilidade de comer a filhó. No entanto, ela lá estava muito dourada, a recortar-se no meio da calda de açúcar. Apetecia mesmo ver e… comer.

Mas, à volta da mesa, não se decidiam. E a filhó, a última filhó, andava de boca em boca, sem se fixar na boca de ninguém. De oferta em oferta, chegou a vez da tia Luísa propor:

– Os pequenos que comam. Sempre quero ver qual dos meus sobrinhos chega primeiro à filhó.

Os meninos não se precipitaram sobre a filhó apetitosa, como seria de esperar. Cada um ficou à espera do primo ao lado, e o primo ao lado do outro primo ao lado… Fosse por acanhamento ou fosse por que fosse…

– Afinal ninguém a come – observaram do outro extremo da mesa. – Esta filhó deve ser mágica.

Olharam uns para os outros e sorriram.

A ceia estava no fim. Os meninos tinham sono. O avô cabeceava. Começou a ouvir-se o arrastar das cadeiras. Era a debandada.

– Amanhã se arruma a casa – disse a tia Luísa, e apagou a luz da sala de jantar.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Quando todos já se tinham ido embora, a filhó, no lusco-fusco, ao meio da mesa, começou a brilhar. Intensamente. Acreditem ou não, como se tivesse luz dentro. Como um pequeno sol ou um bocadinho de oiro, a desfazer-se em açúcar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A VIOLA DO FIRMINO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O pai do Joca tem um amigo de quem o Joca muito particularmente gosta. Chama-se Firmino e toca viola.

Da viola do Firmino, dos dedos do Firmino a beliscar as cordas da viola saem as músicas que ele quer. Ou que nós queremos. Que nós pedimos.

– Toca lá esta, ó Firmino – pedem-lhe.

E ele toca.

– Toca lá agora está, ó Firmino – pedem-lhe de seguida.

E ele toca.

O Firmino é muito amigo de fazer vontades e a viola parece-se com o dono em tudo.

Um dia, o Firmino, que tinha de ir dar umas voltas em que a viola era um peso, pediu ao pai do Joca se lha guardava, lá em casa, até ao dia seguinte. Ele depois viria buscá-la.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– Está descansado, Firmino – disse o pai do Joca. – Cá em casa fica bem guardada.

Foi o que o Joca quis ouvir. Há tanto tempo que ele queria experimentar aquela viola! Quando o pai virou costas, pôs-se a mexer nas cordas da viola como via o Firmino fazer.

Mas a viola, em vez de cantar, como era seu costume, em vez de tocar música catita, queixou-se.

Quanto mais o Joca lhe mexia, mais ela se lamentava. Eram guinchos, gemidos, chorinhos e rangidos de arrepiar.

O pai do Joca veio lá de dentro e zangou-se.

– Quem te autorizou a pegar na viola do Firmino? Não vês que podes estragá-la…

– Estragada já ela está – respondeu o Joca. – Não toca nada que preste.

O pai, mais compreensivo, disse, então:

– Para que ela toque precisa de boa companhia. Ou julgavas tu que as violas tocavam sozinhas?

Resumindo e concluindo: o Joca anda agora a aprender a tocar viola. Com muito empenho. E o professor já sabem quem é. Não adivinham?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

A PENA DA GALINHOLA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Esta história passou-se há muito tempo. Há muito e muito tempo, tanto que eu já não sei se me lembro dela toda.

Começa com um lavrador que ia para a sua lavoura, pelo meio do mato. Nisto viu uma cobra a lutar com uma galinhola. O lavrador, já se vê, tomou partido da galinhola e deu uma grande sacholada na cobra que se partiu em duas, cabeça para um lado, rabo para o outro.

Então a galinhola falou assim:

– Eu sou o génio do bem e tu acabas de salvar-me do génio do mal. Podes pedir-me o que quiseres.

O lavrador não se fez rogado. Disse que lhe tinha acabado de nascer uma filha e que, como bom pai, queria para a menina tudo o que de melhor houvesse.

Disse a galinhola:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– A tua filha há-de ser formosa, bem prendada…

– E muito curiosa – acrescentou a cabeça da cobra, que ainda rabiava.

Tanto se cumpriria a sentença do génio do bem como a do génio do mal. A galinhola deu uma pedra do chão ao pai da menina e recomendou-lhe:

– Guarda esta pedra contigo, que é um talismã para proteger a tua filha. Mas que ela nunca lhe pegue.

O pai assim fez. Guardou a pedra numa gaveta e fechou-a à chave. Só ele e a mulher sabiam o que a pedra valia.

A menina cresceu. Um dia, os pais esqueceram-se da chave em casa. A menina, que era muito curiosa, foi abrir a gaveta. De lá tirou a pedrinha. Atirou-a pela janela fora.

Logo ali se armou uma grande tempestade que arrebatou a menina pelo ar. Ia morrer pela certa.

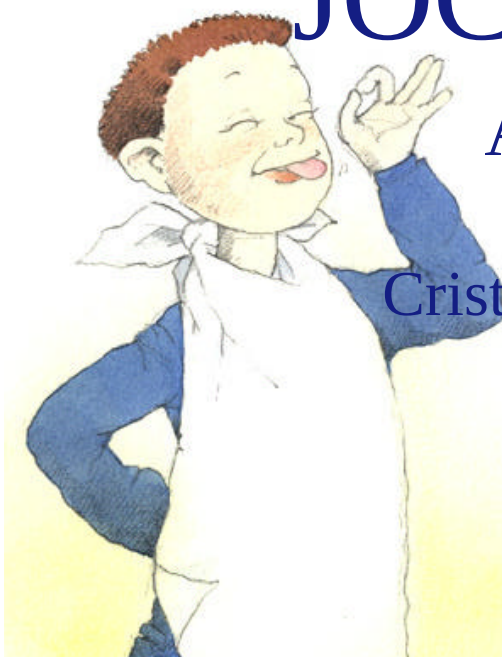
Mas uma pena de galinhola rodopiou à volta da menina, que a ela se agarrou como um náufrago se agarra à última salvação de um madeiro. A pena sustentou-se no ar e, depois, poisou-a, sã e salva, no chão.

O resto da história muito antiga já não me lembro bem, mas parece que a menina foi ter aos jardins de um palácio, onde estava um príncipe que tinha perdido a pena do chapéu… Está-se mesmo a ver como a história vai acabar.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

JOCA E BOLOS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O Joca, quando vai visitar a avó, vem de lá sempre de barriga cheia. É que a avó do Joca é doceira e tem uma casa de chá. A bem dizer, a casa é de bolos, com chá para ensopar os bolos.

– Já provaste este bolinho de amêndoas? – pergunta a avó do Joca ao Joca.

Mesmo que já tenha provado, o Joca volta a provar.

– Queres umas bolachinhas de manteiga? – pergunta a avó do Joca ao Joca.

Não havia ele de querer…

Mas a avó doce e terna não se esquece da filha, mãe do Joca, muito gulosa também. É de família.

– Vais levar para casa esta meia dúzia de nozes douradas, que acabei de fazer – diz a avó ao neto.

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

Ele não se incomoda com o peso, tanto mais que, a meio caminho, a meia dúzia está reduzida a metade… Quem já comeu três nozes entre uma casa e outra não poderá ainda, à porta de casa, comer mais uma? Pois pode.

– Trago-te uma noz dourada que mandou a avó – diz à mãe o Joca, um descarado.

– Só uma? – estranhou a mãe. – Não me digas que comeste as outras? Como fizeste isso?

– Fiz assim – e o Joca mete à boca a última noz do embrulho.

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

O BICHO DE SETE CABEÇAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Hoje vou falar do bicho de sete cabeças.

Desde menino que este bicho me persegue. Desde menino, eu e não ele, que deve ser mais velho do que a Sé de Braga. Suspeito até que será mais velho do que os dinossauros. Quase de certeza.

– Estás há que tempos às voltas com os atacadores e não atas nem desatas – dizia-me a minha mãe. – Não tens vergonha de fazeres um bicho de sete cabeças de uma coisa tão simples?

Mais tarde, era a professora:

– Quando é que resolves esse problema que não tem dificuldade nenhuma? Um bicho de sete cabeças por uma coisa de nada… Parece impossível!

Ou então um enfermeiro, de uma vez que fui ao hospital com a cabeça partida:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– A chorar por um golpezinho sem importância? Nem que fosse um bicho de sete cabeças!

Isto tudo, na infância. Podia supor que, em crescendo, o bicho de sete cabeças me largasse. É o largas!

– Nunca mais te decides com a gravata, francamente – dizia-me a minha mulher. – Estamos quase a sair para o jantar e tu, diante do espelho, a pôr e a tirar gravatas, numa hesitação que até faz nervos. Calcule-se: um bicho de sete cabeças por causa de uma gravata!

No emprego:

– Pronto. Desapareceu o relatório. A tua secretária não sabe dele. Ninguém o encontra. Paciência. Manda imprimir outra cópia. Não é nenhuma tragédia nem vale a pena estares a fazer um bicho de sete cabeças por causa de um relatório, que desapareceu.

Quem me dera a mim encontrar o bicho de sete cabeças. Para quê? Não julguem que era para, qual São Jorge frente ao dragão, puxar de uma espada e corta-lhe as cabeças, uma a uma. Que horror! Eu nem sei manejar a espada. Eu, que desde que parti a minha estimável cabeça, ao cair da bicicleta, que tenho horror a sangue.

Eu queria encontrá-lo, para conhecê-lo, para tirar um retrato, ao lado dele, com a minha máquina automática. As oito cabeças (sete mais uma) a rirem-se, para a objectiva, e eu, daí em diante, a poder provar, a quem quer que seja, que mantenho as melhores relações com o meu bicho das sete cabeças.

Andei a matutar no caso, que tempos. Quando um pensamento anda connosco, dias a fio, acaba por sobrar para a noite e para os nossos sonhos. Foi o que aconteceu.

Sonhei, ontem à noite, com o bicho das sete cabeças. Nada de assustador, podem crer. Uma espécie de lagartixa

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

mas com sete cabeças, tão banal como se tivesse três, cinco, cartoze ou mesmo vinte e oito cabeças.

Por acaso que era até um bicho muito conveniente. Quando uma das cabeças falava, as outras aprovavam, com ar de grande sensatez colectiva.

A que primeiro se me dirigiu explicou-me assim:

– Somos o teu bicho das sete cabeças. Embora possas estranhar, tu é que nos fizeste. Cada uma de nós tem um nome, que vamos apresentar-te.

E, apontando com o focinho, começou as apresentações:

– Esta é a Cólera despropositada e inútil. Quando te encolerizas sem razão, quando perdes a cabeça por uma coisa de nada, é esta cabeça que se levanta.

– Muito prazer em conhecê-la – disse eu, um pouco embaraçado.

– Esta, agora, é a Atrapalhação sem motivo. Quando te afliges por um acaso insignificante, levanta-se esta cabeça. A outra, ao lado, é a Falta de Confiança em ti. Quando, diante de um problema, julgas, logo à partida, que não és capaz de resolvê-lo, levanta-se esta cabeça.

Eu estava com medo de não conseguir decorar os nomes delas todas. Por isso peguei num lápis e num bloco-de--notas, que trago sempre no bolso, mesmo nos sonhos, e pus-me a assentar o que ela anunciava:

– A cabeça dos Medos Ridículos, a cabeça do Acanhamento Paralisante, a cabeça do Desnorte, quando te metes por atalhos mais compridos e meandrosos do que se fosses, a direito, pela estrada…

– E vão seis – contei eu. – Falta uma.

– Falto eu – disse a cabeça que me falava. – Eu sou a associação das outras, a porta-voz das restantes, uma espécie de soma dos desperdícios de energia, que tu gastas,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

com o que não merece a pena.

– Como te chamas? – perguntei.

– Sou o Tempo Perdido e nunca recuperado com o que não vale um rabo de lagartixa, sem lagartixa.

À última fala, acordei. Pus-me a rememomerar o sonho, a tirar conclusões, a magicar… Não voltei a adormecer.

Uma noite de insónia azeda-me o dia. Fico com olheiras mais cavadas que varandas de sacada. Que inferno!

Será que de uma noite mal dormida estou a fazer um bicho de sete cabeças?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros